

30



REVISTA DA ASBRAP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES
DE HISTÓRIA E GENEALOGIA

2023

A
ASBRAP
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES
DE HISTÓRIA E GENEALOGIA tem por finalidade:

- Promover o intercâmbio entre pesquisadores de História, Genealogia e demais ciências afins, de todo o território nacional, bem como integrá-los com os arquivos de fonte primária existentes no país.
- Promover, em âmbito nacional, cadastramento de arquivos civis, militares, eclesiásticos, diplomáticos, universitários, particulares e outros, bem como o estudo e a divulgação de sua documentação.
- Coordenar e divulgar projetos de pesquisa em todo o território nacional, podendo firmar convênios e promover publicações de pesquisas.
- Promover cursos e palestras de História, Genealogia e ciências correlatas.
- Despertar o interesse das autoridades e do público em geral, para a importância dos arquivos.
- Apresentar propostas de melhorias no atendimento aos pesquisadores e na preservação de documentos.
- Colaborar com entidades e com órgãos públicos em todas as iniciativas que a ASBRAP julgar por bem.
- Credenciar pesquisadores junto às entidades e aos arquivos públicos e privados, nacionais e estrangeiros.
- Envidar esforços junto às autoridades competentes com vistas ao reconhecimento e regulamentação da profissão de pesquisador em História e Genealogia.

Participam desta revista:

Aline Bischoff
Antônio Seixas
Arthur Nogueira Campos
Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho
Cristiano Ricardo Hrala Araújo
Decio Ferraz da Silva Junior
Gilberto de Abreu Sodr e Carvalho
Guilherme Maia de Loureiro
Marcelo Meira Amaral Bogaciovass
Márcio Oliveira Macedo
Matheus Miranda de S  Campelo
Paulo Roberto Paranhos da Silva
Renato de Lucca

REVISTA DA ASBRAP

30

REVISTA DA ASBRAP N.º 30

REVISTA DA ASBRAP N° 30



2023

RESPONSABILIDADE

Os conceitos e informações contidos nos artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais sobre os artigos ora publicados foram cedidos, por seus autores, gratuitamente, para a presente edição e disponibilização na internet (*site* da ASBRAP).

PROPRIEDADE

ASBRAP

Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

Caixa postal 6921

30190-970 – Belo Horizonte, MG - BRASIL

Visitem o nosso *site* na Internet: **www.asbrap.org.br**

E-mail de Contato: **contato@asbrap.org.br**

.....

SUMÁRIO DA REVISTA DA ASBRAP Nº 30

APRESENTAÇÃO DA REVISTA	12
SONETO DA GENEALOGIA	13
<i>Aline Bischoff</i>	
30 ANOS DA ASBRAP: HISTÓRIA QUE MUITOS FIZERAM	14
<i>Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho</i>	
VOCABULÁRIO TÉCNICO GENEALÓGICO	41
<i>Arthur Nogueira Campos</i>	
IMPEDIMENTOS CONSANGUÍNEOS NO DIREITO CANÔNICO	64
<i>Marcelo Meira Amaral Bogaciovias</i>	
SOBRENOMES OU APELIDOS NA HISTÓRIA E NA TRADIÇÃO LUSO-BRASILEIRA	69
<i>Gilberto de Abreu Sodré Carvalho</i>	
A LIMPEZA DE SANGUE DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA	94
<i>Guilherme Maia de Loureiro</i>	
ÁRVORE DE COSTADO DE LOURENÇO GARCIA FONTOURA	105
<i>Márcio Oliveira Macedo</i>	
GENEALOGIA DE UMA FAMÍLIA MACEDO ORIGINÁRIA DE GUIMARÃES	123
<i>Márcio Oliveira Macedo</i>	
ESTRATÉGIAS DA NOBREZA: O CASO DO SARGENTO-MOR GREGÓRIO FRANCISCO DE MIRANDA – EXERCITAR, AVOCAR, MANIPULAR E RECONQUISTAR	239
<i>Matheus Miranda de Sá Campelo</i>	
JOSÉ MONTEIRO FERRAZ DE SOUZA (DESCENDÊNCIA DE JOÃO MONTEIRO FERRAZ E ANA GOMES DE SOUZA). A ORIGEM DA FAMÍLIA MONTEIRO DE TOLEDO – CUNHA E REGIÃO	269
<i>Décio Ferraz da Silva Júnior</i>	
FAMÍLIA COZZOLINO: PARENTESCO, INSTITUIÇÕES E PODER NO MUNICÍPIO DE MAGÉ (RJ)	377
<i>Antônio Seixas</i>	
MUDANÇAS DE SOBRENOME EM FAMÍLIAS TCHECAS. A ALTERAÇÃO DO SOBRENOME DE UM GRUPO DA FAMÍLIA BARTOSKA PARA CERVENY	416
<i>Cristiano Ricardo Hrala Araújo</i>	
A ESTRADA DO PICÚ E O NASCIMENTO DO ARRAIAL DO RIO VERDE	433
<i>Paulo Paranhos</i>	
A CIDADE DE CUNHA NO MAPA DA REVOLTA DE 1924. A CONFIRMAÇÃO DE UM CONTO POPULAR	444
<i>Décio Ferraz da Silva Júnior</i>	

PRIMÓRDIOS DA RUA TEIXEIRA DA SILVA NA AVENIDA PAULISTA	454
<i>Renato de Lucca</i>	
RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA ASBRAP 2022-2023	466
<i>A Diretoria</i>	

MEDIDAS E PARÂMETROS A SEREM UTILIZADOS PARA EDITORAÇÃO DE ARTIGOS PARA A REVISTA DA ASBRAP

(acessar a página: <https://www.asbrap.org.br/index.php?mpg=09.01.00>)

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

(ver a relação completa em: https://www.asbrap.org.br/index.php?apg=biblio_acer-vo)

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES 2023

Membros Titulares:

Luiz Gustavo de Sillos

Priscilla Scott Bueno

Rafael de Castro Baker Botelho

Renato De Lucca

Sílvia Rita do Prado Mendes Buttros

Membro Suplente:

Gustavo Almeida Magalhães de Lemos

APRESENTAÇÃO DA REVISTA Nº. 30

É com muita alegria que chegamos ao 30º volume da Revista da ASBRAP. Ao longo desse período, a revista da ASBRAP, *vitrine* de nossa instituição, sempre serviu para divulgar os trabalhos de seus associados, muitas vezes contendo informações inéditas, decorrentes de pesquisas em fontes primárias, notadamente no campo da genealogia.

O presente volume vem à lume no contexto das comemorações dos 30 anos de fundação da ASBRAP, iniciando-se com o belo *Soneto da Genealogia*, de Aline Bischoff, seguido de uma explanação sobre a história de nossa entidade, pelo atual presidente, Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho.

Além disso, temos mais treze artigos, sendo três com temas históricos e dez genealógicos, dos quais dois são textos republicados de Arthur Nogueira Campos e Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, ex-presidentes da ASBRAP, já falecidos.

Boa leitura a todos!

A Diretoria

SONETO DA GENEALOGIA

*Aline Bischoff*¹

A família é berço da identidade,
Nela, encontramos raízes do ser.
Os nomes, rostos e histórias de viver,
Dos que nos precederam, na eternidade.

Resgatar antepassados é nobre fado.
Na genealogia — história, faz legado.
E nos revela origem e destino da missão,
Inspirando-nos a seguir, com devoção.

Vários matizes, o coração percebe,
Que nos laços antepassados prova,
E cada geração, respeita e celebra.
A memória dos que partiram honramos,
E aos que virão, os valores nós transmitimos,
Pois somos elos de uma corrente sagrada.

¹ Aline Bischoff é uma artista independente paulistana com ascendência croata. Atua em múltiplas linguagens artísticas, tais como: literatura, música, teatro, artes plásticas e artes visuais. No meio literário, participa ativamente de concursos, festivais, eventos e saraus, tanto nacionais como internacionais, sendo reconhecida por meio de premiações e distinções diversas.

30 ANOS DA ASBRAP: HISTÓRIA QUE MUITOS FIZERAM

Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho

Resumo: *Resumo da história da ASBRAP, no contexto das comemorações dos seus 30 anos de fundação.*

Abstract: *ASBRAP history's summary in the context of its 30th Anniversary celebration.*

FUNDAÇÃO

A ASBRAP – Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia – surgiu da ideia de um grupo de amigos, capitaneados por Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, com objetivo de fundar uma associação que congregasse pesquisadores nas áreas de história e genealogia, notadamente usuários de arquivos brasileiros. A preocupação do grupo era a péssima situação em que se encontravam os arquivos brasileiros, em decorrência do total descompromisso das autoridades com a preservação documental. A primeira reunião para tratar do assunto se deu aos 26-MAR-1993 e outras quatro se seguiram¹.

Claro que já existiam no Brasil institutos históricos e algumas associações genealógicas, mas a ASBRAP surgiu com o objetivo de integrar pesquisadores de todo o país, unindo-os em torno da causa comum, que era a luta pela preservação documental.

Inicialmente pensou-se na utilização da sigla ABRASPE, mas depois foi alterada para ASBRAP, evitando-se confusão com outra entidade. Formou-se uma comissão para elaboração do estatuto, composta por Arina Lopes Vieira, Arthur Nogueira Campos, Eduardo Raggio Vicentini, Geraldo Bonadio, Helvécio de Vasconcelos Castro Coelho, Joaquim Roberto Fagundes, José Fernando Cedeño de Barros, Luiz Carlos Sampaio de Mendonça, Manoel Valente Barbas, Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, Paul Donovan Kigar, Roberto Machado Carvalho, Sérgio Weber e Wanderley dos Santos. O estatuto foi aprovado em assembleia

¹ *A ASBRAP, in Revista da ASBRAP n.º. 1, p. 3-7.*

geral no dia 5-JUL-1993². Aos 28-JUL-1993, foram feitas eleições para a primeira diretoria e conselho fiscal, assim compostos:

Presidente Marcelo Meira Amaral Bogaciovas,
1º Vice-presidente Roberto Machado Carvalho,
2º Vice-presidente José Sebastião Witter,
1º Secretário Arthur Nogueira Campos,
2º Secretário José Fernando Cedeño de Barros,
1 Tesoureiro Manoel Valente Barbas,
2º Tesoureiro Sérgio Weber.

Conselho Fiscal: Renato Baez, Wanderley dos Santos, Eduardo Raggio Vicentini (efetivos), Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci, Reginaldo Moreira de Miranda e Delio Freire dos Santos (suplentes).

A solenidade de fundação da ASBRAP ocorreu em 2-AGO-1993, na sede do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo³. Foi uma bela e prestigiada cerimônia, cujos trabalhos foram abertos pelo Padre Hélio Abranches Viotti, representando o Sr. Hernani Donato (então presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo); sendo a mesa presidida por Marcelo Meira Amaral Bogaciovas; secretariada por Arthur Nogueira Campos; com a presença do Sr. Nilton Chaves Miranda, representando o Prefeito de São Paulo; a Sra. Vilma Lúcia Gagliardi, representando o Sr. Manoel Lello Bellotto, diretor do Departamento do Patrimônio Histórico do Município de São Paulo, e representando o Dr. Itoby Alves Correa Júnior, secretário em exercício da Secretaria Municipal de Cultura; e o 1º Tenente PM Carlos Tenório de Almeida, representando o Cel. Luiz Carlos dos Santos, comandante da Academia de Polícia Militar de São Paulo.

Em seguida, o historiador Wanderley dos Santos, um dos idealizadores da ASBRAP, fez uma explanação sobre sua experiência como pesquisador e a respeito de seu livro, “Antecedentes Históricos do ABC Paulista – 1550 – 1882”, lançado na ocasião, com sessão de autógrafos.

Assinaram a lista de presença da sessão solene de fundação da ASBRAP: Anne Kathrine Eian, Antonio Carlos do Amaral Mello, Antonio Reginaldo Geiss (Indaiatuba), Arina Lopes Vieira, Armando Alexandre dos Santos, Arthur Nogueira Campos, Carlos Alberto da Silveira Isoldi, 1º Tenente PM Carlos Tenório de Almeida, Clara Hidemi do Amaral Bogaciovas, Claudio José Bannwart

² *A ASBRAP*, in Revista da ASBRAP n.º. 1, p. 3-7.

³ *A ASBRAP*, in Revista da ASBRAP n.º. 1, p. 5-7.

(Indaiatuba), Eduardo Dias Roxo Nobre, Eduardo Raggio Vicentini, Elisabete Luiza da Silva dos Santos, Eloi José Macedo dos Santos, Fabio De Gennaro Castro, Gabriel Dannunzio Baraldi, Guiomar Amaral Mello Bogaciovas, Haroldo Jezler, Padre Hélio Abranches Viotti, Ionan Ferreira Santos, Ivone de L. Savioli (Sorocaba), Jair Toledo Veiga (por procuração de. Arthur Nogueira Campos), Joanna Gladys Fide Moraes, João Paulo de Oliveira, João Werther do Amaral Mello, José Fernando Cedenõ de Barros, Luiz Carlos Sampaio de Mendonça, Manoel Valente Barbas, Marcelo Macedo dos Santos, Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, Maria Aparecida Lacerda Duarte Weber, Maria Celina Exner Godoy Isoldi, Maria Geralda do Amaral Mello, Maria Lúcia Pinheiro, Maria Olivia Roxo Nobre, Marta Maria Amato, Nair Cicivizzo, Nilton Chaves Miranda, Paul Donovan Kigar, Petras Bogaciovas, Roberto dos Santos, Roberto Vasconcellos Martins, Rodnei Brunete da Cruz, Rosimar Zoelli Santos (Franca), Rubens de Campos Penteado (Indaiatuba), Sérgio Weber, Thereza Cicivizzo, Vilma Lúcia Gagliardi, Vilson Roberto Alves e Wanderley dos Santos. As crianças que aparecem no vídeo são Renata Meira do Amaral Mello Bogaciovas, Denise Meira do Amaral Mello Bogaciovas e Rodrigo Meira do Amaral Mello Bogaciovas.

Após o ato solene de fundação da ASBRAP, por um período, foi realizada uma lista de apoiadores da fundação da ASBRAP, da qual constam os seguintes nomes: Ana Livia Bonfim Vieira, André Luiz Correia Lourenço, Ary Alfredo Pereira Fortes, Attila Augusto Cruz Machado, Benedicto Pereira Cortez, Beraldo Arruda de Paula (por procuração de Arthur Nogueira Campos), Betty Antunes de Oliveira, Cândida Maria Campello Corbett, Carlos Alberto Barroso Fernandes, Carlos Eduardo Barata, Claudio Marinho Falcão, Daniela Costa Saraiva, Edileuza Santana Lobo, Fernanda Mattos da Silva, Francisco José Calazans Falcón, Gilson Nazareth, Gracilda Alves, Helvecio de Vasconcelos Castro Coelho, Joaquim de Amarante Cosendey, Joaquim Roberto Fagundes, José Luiz Bicudo do Valle, José Milton Negrão Silva, José Ubaldino Motta do Amaral, Karla Montenegro Masset, Lael Vital Brasil, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, Marcello Otávio Neri de Campos Basile, Maria Luiza Marcilio, Maria do Carmo Mendes de Andrade Souza, Nireu Oliveira Cavalcanti, Oswaldo de Souza Pereira, Paulo Carneiro da Cunha, Raul Pompeia de Magalhães Filho, Reginaldo Moreira de Miranda, Roberto Machado Carvalho, Roberto Menezes de Moraes, Silvia Coelho Hernandez, Ubá Archanjo Vieira, Vera Lúcia Bottrel Tostes, Victorino Coutinho Chermont de Miranda e Waldyr da Fontoura Cordovil Pires.

LOGOMARCA

A primeira logomarca da ASBRAP foi desenvolvida em 1993, ano de sua fundação, pelo Engenheiro Manoel Valente Barbas, fundador e várias vezes diretor da nossa entidade, falecido em 2015, aos 85 anos de idade. Com linhas modernas, a logomarca associava a imagem do sertanista com a árvore genealógica, unindo, dessa forma, história com genealogia⁴.

Inicialmente a logomarca era colorida, depois passou a ser usada apenas em preto e branco. Em 2011, a logomarca da ASBRAP foi modernizada, mantendo-se a ideia das imagens do sertanista e da árvore.



BIBLIOTECA

Desde a fundação da ASBRAP, em 1993, a sua biblioteca permaneceu na residência de Marcelo Meira Amaral Bogaciovas. A partir de 2011, a Biblioteca da ASBRAP passou a ser abrigada no Mosteiro de São Bento, centro histórico da capital paulista, com a preciosa colaboração de Dom Carlos Eduardo Uchoa Fagundes, então responsável pela biblioteca do mosteiro.

Assim, foi criada a *Biblioteca Genealógica da ASBRAP*, com mais de 1000 obras, entre livros e revistas referentes ao Brasil e alguns países estrangeiros, para usufruto de associados e pesquisadores em geral, respeitadas as normas e horários do Mosteiro de São Bento.

⁴ A ASBRAP, in Revista da ASBRAP n.º 1, p. 4.



Biblioteca Genealógica da ASBRAP, abrigada no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, desde 2011 (fotos de Rodnei Brunete da Cruz)

DESAFIOS INSTITUCIONAIS

O risco da destruição física de antigos processos judiciais na década de 1990.

O primeiro grande desafio institucional da ASBRAP foi em 1997, quando os Tribunais de Justiça dos Estados de São Paulo e de Minas Gerais editaram, respectivamente, o Provimento n.º 556/97, do Conselho Superior de Magistratura paulista, e o Provimento n.º 9/97, da Corregedoria Geral de Justiça mineira, permitindo que os fóruns das comarcas promovessem a destruição física de processos judiciais findos há mais de cinco anos, ressalvadas algumas condições.

É certo que, à época, a manutenção dos processos judiciais e administrativos era extremamente onerosa para os Tribunais de Justiça dos Estados. A falta de espaço e de pessoal especializado para tratar e classificar as montanhas de papéis, que se acumulavam em locais quase sempre impróprios para a sua guarda, geravam um verdadeiro caos⁵.

Na ocasião, não foram criados critérios mínimos para esse descarte, nem havia uma tabela de temporariedade, elaborada e discutida de forma interdisciplinar. Algumas comarcas começaram a fazer esse descarte de forma indiscriminada, sem qualquer metodologia. A situação era muito preocupante e poderia se expandir para Tribunais de Justiça de outras unidades da federação.

Em São Paulo, formou-se a *Comissão de Acompanhamento da Execução do Provimento n.º 556/CSM*, da qual tomaram parte as seguintes entidades, além da ASBRAP: Academia Campinense de Letras, Academia Paulista de História, Academia Paulista de Letras, Arquivo do Estado de São Paulo, Associação dos Arquivistas Brasileiros - Núcleo Regional de São Paulo, Associação Nacional de História- Núcleo de São Paulo (ANPUH/SP), Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho” da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEDIC PUC/SP), Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, Centro de Documentação e História- Universidade Estadual de São Paulo (CEDEM-UNESP), Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina - Universidade de São Paulo (CEDHAL-USP), Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Curso de Pós-Graduação em História - Faculdades de História, Direito e Serviço Social de Franca - Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), Departamento de História- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Universidade de São Paulo (FFLCH- USP), Fundação Arquivo e Memória de Santos,

⁵ *A questão do arquivo do judiciário no Brasil. Destruição física de processos judiciais*, in Revista da ASBRAP n.º. 3, p. 281-283.

Instituto Cultural e Humanístico “José Martins Fontes”, Instituto de Estudos Valeparaibanos, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - 9ª Coordenadoria Regional, Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Programa de Pós-Graduação em História Econômica- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Programa de Pós-Graduação em História Social- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Programa de Pós-Graduação em História e Sociedade- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)⁶.

Depois de várias reuniões, inclusive com os autores do provimento, encaminhou-se ao Tribunal de Justiça de São Paulo um ofício, datado de 30-JUN-1997, indicando a Profa. Dra. Heloísa Liberalli Bellotto, da Universidade de São Paulo, bem como recomendando a elaboração de um plano de destinação de algumas das séries (processos) mais volumosas do conjunto documental que se pretendia eliminar, após um breve diagnóstico de cada série, tanto do ponto de vista de sua extensão física e de sua abrangência temporal, quanto de sua caracterização tipológica⁷.

A ASBRAP também convidou seus associados e outros interessados para uma reunião no dia 24-JUN-1997 para discutir a situação presente e sugerir medidas a serem tomadas, a saber⁸:

- propor, como solução emergencial, a retirada urgente dos processos mais antigos dos fóruns e alojá-los em arquivos já existentes ou não.
- propor a criação de arquivos do Judiciário em cada estado.
- despertar o interesse das autoridades para a questão, de tal sorte que se pressionem os governadores de Estado, presidentes de Tribunais de Justiça e secretários estaduais e municipais de Cultura.
- estabelecer contato direto com a Imprensa, para uma participação maior da sociedade.

⁶ *A questão do arquivo do judiciário no Brasil. Destruição física de processos judiciais, in Revista da ASBRAP nº. 3, p. 281-283.*

⁷ *A questão do arquivo do judiciário no Brasil. Destruição física de processos judiciais, in Revista da ASBRAP nº. 3, p. 281-283.*

⁸ *A questão do arquivo do judiciário no Brasil. Destruição física de processos judiciais, in Revista da ASBRAP nº. 3, p. 283.*

- fiscalizar a ação dos responsáveis pela guarda dos processos nos fóruns das comarcas e dos Tribunais de Justiça, para impedir destruição injustificada, com a comunicação dos fatos para a ASBRAP e para os Tribunais de Justiça.
- procurar obter a cooperação da iniciativa privada e municipal.
- no caso de São Paulo, a *Comissão de Acompanhamento da Execução do Provimento n.º 556/CSM* continuaria oferecendo ao Tribunal os seus préstimos de assessoria.
- para a execução da tabela de temporalidade proposta foi solicitada a participação da CONARQ – Comissão Nacional de Arquivos, que prontamente aceitou o convite.

Na ocasião, a AASP – Associação dos Advogados de São Paulo – impetrou mandado de segurança coletivo no Superior Tribunal de Justiça, questionando a legalidade do Provimento n.º 556/97, do Conselho Superior de Magistratura de São Paulo, sendo declarada, por unanimidade de votos, a nulidade do ato, pela sua flagrante inconstitucionalidade e ilegalidade⁹.

Paralelamente, a questão também foi objeto de uma ação direta de inconstitucionalidade, ajuizada pela Procuradoria-Geral da República perante o Supremo Tribunal - STF Federal. Diante dos fatos, a Corte Superior do Tribunal de Justiça de Minas Gerais baixou a Resolução n.º 344/1998, suspendendo a medida que permitia a destruição de documentos, até que o STF se pronunciasse a respeito da matéria. O STF também decidiu pela ilegalidade do Provimento n.º 556/97 do Conselho Superior da Magistratura paulista, em decisão que teve repercussão para todos os tribunais de justiça estaduais¹⁰.

Enfim, toda esta situação, *a priori* negativa, acabou contribuindo para maior conscientização e participação da sociedade civil na procura da solução do problema.

De lá para cá, muita coisa melhorou em relação à organização e preservação dos arquivos, não apenas do Poder Judiciário, mas do Poder Executivo, em âmbito federal e estadual, inclusive com a disponibilização de material em *sites* oficiais, tais como o do Arquivo Nacional, da Biblioteca Nacional, do Arquivo Público

⁹ VAL, Andréa Vanessa da Costa; SOARES, Rosane Vianna; COSTA, Hélio (supervisor). *Da incineração à preservação das relíquias das Minas Gerais*, in *Jurisprudência Mineira*, Belo Horizonte, a. 60, n.º. 190, jul./set. 2009, p. 13-19, disponível em <https://bd.tjmg.jus.br/jspui/bitstream/tjmg/505/1/NHv1902009.pdf> (acesso em 24-SET-023).

¹⁰ VAL, Andréa Vanessa da Costa; SOARES, Rosane Vianna; COSTA, Hélio (supervisor). *Da incineração à preservação das relíquias das Minas Gerais*, in *Jurisprudência Mineira*, Belo Horizonte, a. 60, n.º. 190, jul./set. 2009, p. 13-19, disponível em <https://bd.tjmg.jus.br/jspui/bitstream/tjmg/505/1/NHv1902009.pdf> (acesso em 24-SET-2023).

Mineiro, do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, do Arquivo Público do Paraná, do Arquivo Público do Estado de São Paulo, Museu da Imigração em São Paulo e tantos outros. Também temos, atualmente, a iniciativa de instituições privadas, a exemplo do *FamilySearch*, que, com a digitalização de fontes primárias, preservam e disponibilizam na *internet*, gratuitamente, documentação civil e eclesiástica, de interesse histórico e genealógico.

Atualmente, infelizmente, temos um novo desafio, que é a indevida restrição de acesso e de publicidade de documentos de interesse histórico e genealógico, decorrente da má interpretação da Lei Geral de Proteção de Dados por vários administradores de arquivos públicos e eclesiásticos.

A questão da Lei Geral de Proteção de Dados

Com a entrada em vigor da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD (Lei nº. 13.709/18, com alterações pela Lei nº. 13.853/19) instalou-se um cenário de relativa incerteza quanto ao acesso a dados e informações documentais, com notícia de algumas situações em que gestores de arquivos estatais e eclesiásticos têm negado o acesso de pesquisadores a documentos, com intrínseco valor cultural, histórico e genealógico.

Considerando que tais situações decorrem de uma má interpretação de alguns dispositivos da LGPD, em prejuízo do princípio da liberdade de acesso às fontes de pesquisa e do interesse público na divulgação dos relatórios de pesquisa de valor histórico, inclusive genealógico, a ASBRAP, de imediato, firmou posição em favor dos pesquisadores, com a publicação, em sua revista, de um texto de caráter jurídico sobre o tema no ano de 2021¹¹.

No período de 14 a 28-FEV-2022, o Conselho Nacional de Justiça - CNJ abriu consulta pública, para adequação da regulamentação dos serviços notariais e de registros à LGPD. Tendo em vista que a regulamentação da matéria poderia restringir o acesso a informações existentes em Cartórios de Registros de Pessoas Naturais, afetando, assim, a atuação de genealogistas, historiadores e pesquisadores em geral, a ASBRAP e o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais apresentaram algumas sugestões para alteração da minuta publicada no *site* do CNJ, algumas delas acolhidas com a edição do Provimento CNJ 134/22.

¹¹ ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais e a acessibilidade aos registros históricos e genealógicos*, in Revista da ASBRAP nº. 28 (eletrônica), p. 14-20.

Diante da LGPD, em 6-JUL-2022, a Corregedoria Nacional de Justiça proferiu decisão liminar no pedido de providências nº 0004052-34.2021.2.00.000, do Conselho Nacional de Justiça, formulado pelo Tribunal de Justiça de Santa Catarina, determinando a imediata suspensão de quaisquer tratativas dos tribunais estaduais com entidades privadas para transferência de dados dos cartórios de registro civil de pessoas naturais.

Em resumo, essa decisão inviabilizou futuras parcerias e convênios que permitam a disponibilização das imagens de registros civis de pessoas naturais na *internet*, a exemplo de *sites* como o do *Family Search* e de outras instituições privadas, pelo menos até segunda ordem.

Tal situação, por óbvio, prejudica a atuação de pesquisadores de genealogia, história e outras ciências, que lançam mão dessas informações *online* para seus estudos. Com isso, a ASBRAP teve a iniciativa de contatar diversas associações congêneres, a exemplo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica, Instituto de Genealogia de Santa Catarina e Colégio Brasileiro de Genealogia para, juntos, ingressarem como *amicus curiae* no referido procedimento do Conselho Nacional de Justiça, visando levar subsídios técnicos e jurídicos para uma futura decisão que não prejudique os pesquisadores de história, genealogia e outras ciências.

Então, o escritório *Nery Advogados*, dos Professores Nelson Nery Júnior e Rosa Maria Barreto Borriello de Andrade Nery, conhecidos doutrinadores e associados da ASBRAP, se prontificou a elaborar, *pro bono*, manifestação fundamentada em nome das referidas associações, para que elas sejam aceitas como *amicus curiae* no citado pedido de providências que tramita no Conselho Nacional de Justiça. A peça foi protocolada no dia 2/9/2022 e aguardamos decisão a respeito, com a esperança de que o deslinde dessa questão seja favorável aos pesquisadores.

REVISTA DA ASBRAP

Ao longo desses 30 anos, a Revista da ASBRAP sempre foi a “joia da coroa” da nossa entidade, sucesso entre especialistas de história e genealogia, tanto do Brasil quanto do exterior, não apenas em função da qualidade de seus artigos como também pela regularidade¹². Muitos foram os trabalhos de cunho histórico e genealógico publicados, anualmente, na Revista da ASBRAP, inúmeros deles com dados inéditos, resultado de pesquisas de nossos associados.

Diante dos vários sistemas de descrição de descendência e ascendência que eram utilizados no Brasil, alguns muito confusos, desde o início, a ASBRAP teve a preocupação de estabelecer metodologia para descrição de ascendentes e descendentes, além de estabelecer uma convenção de abreviaturas e expressões usuais, de fontes arquivísticas e fontes bibliográficas. Para a descrição de descendentes, por sugestão de Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, foi adotada a sistemática utilizada modernamente em Portugal. Para os ascendentes, adotou-se o sistema Sosa-Stradonitz, método também conhecido como Ahnentafel. Já em 1995, a Comissão de Publicações da Revista da ASBRAP trouxe essa metodologia e outras convenções¹³, que até hoje são observadas em nossa revista. Essa foi uma grande contribuição da ASBRAP para facilitar a compreensão de trabalhos genealógicos.

Outra grande preocupação da ASBRAP foi a de estimular as pesquisas históricas e genealógicas em fontes primárias para que fossem publicadas em nossa revista. Para tanto, foi instituído o *Prêmio ASBRAP*, que contemplava a publicação gratuita de transcrições de documentos brasileiros inéditos, de interesse geral. Com isso, vieram a lume *Inventário e Testamento de José da Costa Carvalho* e *Inventário e Testamento de D. Maria Pedroso*, transcritos por Maria Zélia Galvão de Almeida e Ady Siqueira de Noronha (Revista n. 4, em 1997) e *Doação de uma sesmaria quinhentista inédita*, por Caio Cesar Tourinho Marques (Revista n.º 5, em 1998). A partir daí, o *Prêmio ASBRAP* passou a ser contemplado não apenas a trabalhos de transcrições documentais, mas também de resumos de transcrições de documentos, inclusive de forma indexada, além de trabalhos póstumos, sempre inéditos e de interesse geral. Foram contemplados com o prêmio os seguintes trabalhos: *Antigas propriedades rurais de Lages*, por Marcelo Meira Amaral Bogaciovas (Revista da ASBRAP n.º 6, em 1999); *Senhores de terras da Vila de Itu*, por Leandro Antonio de Almeida (Revista da ASBRAP n.º 7, em 2000); *A descendência do Coronel José Ferraz de Camargo*, trabalho póstumo de Frederico de Barros Brotero (Revista n.º 8, em 2001); *O*

¹² *Apresentação da Revista*, in Revista da ASBRAP n.º 18, p. 7.

¹³ Metodologia e Convenção de Abreviaturas utilizadas na Revista da ASBRAP, in Revista da ASBRAP n.º 2, p. 348-351.

fundador de Baependi (Revista n.º. 9, em 2002), *Paróquias Paulistas no Sul de Minas* (Revista n.º. 10, em 2004), ambos textos póstumos de José Guimarães; e *Casamentos da Matriz da Vila de Cunha: 1778-1803*, de Joaquim Roberto Fagundes (Revista n.º. 10, em 2004).

De grande destaque foi a iniciativa da ASBRAP em publicar, na Revista n. 3, artigo sobre a *Qualificação e Depoimentos das Testemunhas nos Processos Anchiitanos Antigos*, de autoria do Padre Hélio Abranches Viotti, com importantes informações sobre moradores do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Olinda no século XVII.

Em comemoração ao *Ano da França no Brasil*, em 2009, a ASBRAP publicou, em sua Revista n.º 15, dois artigos relacionados ao tema: *Hercule Florence, um francês no Brasil*, por Marcelo Florence Lustosa, e *Franceses em São Paulo: séculos XVI-XVIII*, por Marcelo Meira Amaral Bogaciovas.

Em 2013 foi publicada a Revista n.º. 20, a última a ser impressa em papel. De lá para cá, as revistas da ASBRAP passaram a ser apenas em formato digital, sendo que o conteúdo das antigas revistas foi todo disponibilizado no nosso *site*, de forma gratuita, com o objetivo de dar mais publicidade aos trabalhos de cunho histórico e genealógico dos associados.



Os 20 primeiros volumes da Revista da ASBRAP foram publicados de forma impressa em papel. A partir do número seguinte passaram a ser apresentados apenas *online* (foto do autor).

A Revista nº. 29, lançada em 2022, foi alusiva ao *Bicentenário da Independência do Brasil*, sendo que, dos oito trabalhos apresentados, cinco são relacionados ao tema, com destaque para o texto feito por um grupo de associados da ASBRAP sobre a *Genealogia das testemunhas da Independência do Brasil*, com apresentação do Deputado Luiz Philippe de Orleans e Bragança.

Por fim, em 2023, foi apresentada a Revista nº. 30, em comemoração aos 30 anos de fundação da ASBRAP, reforçando a sua importância como veículo de divulgação das pesquisas de nossos associados e *vitrine* de nossa entidade.

TERTÚLIAS, PALESTRAS, SIMPÓSIOS E CONGRESSOS

Desde quando a ASBRAP foi fundada, havia uma inspiração em modelos de associações americanas, que não possuíam uma sede própria, para evitar gastos de manutenção de imóveis e de pessoal. Desse modo, ao longo desses 30 anos, a ASBRAP promoveu tertúlias, palestras, simpósios e congressos em diversos locais da capital paulista.

Nos primeiros anos, as palestras e eventos da ASBRAP eram realizados no Centro Cultural Maria Antônia, em São Paulo. A partir de outubro de 1996 até 1998, passaram a ser feitos no Hotel Jaraguá, no centro da capital paulista. Em 1999, foi a vez do Club Homs, na Avenida Paulista, sediar nossos eventos. No ano de 2001, os eventos da ASBRAP foram realizados na sede da Associação Paulista de Medicina, inclusive apresentando uma aula de paleografia. A partir de 2003, as inúmeras tertúlias da ASBRAP passaram a ser no restaurante Bovinu's, inicialmente na Avenida Paulista, depois na Alameda Santos, em São Paulo.

Em 2008 foi criado o Departamento Cultural da ASBRAP, composto pelos associados Aguinaldo Ribeiro da Cunha Filho, Joaquim Roberto Fagundes e Leandro Antônio de Almeida, que se mostrou muito atuante à época¹⁴. No referido ano, o Departamento Cultural organizou dois ciclos de palestras e um congresso.

O primeiro ciclo, intitulado *História e Genealogia: Pesquisa e Historiografia*, explorou a integração e o diálogo entre essas matérias, tanto do ponto de vista teórico historiográfico quanto da prática de pesquisa. As palestras desse primeiro ciclo foram realizadas na Universidade Anhembi Morumbi – Campus Anhangabaú, no centro histórico da capital paulista, seguidas de jantares de confraternização no Hotel Othon, que existia na Praça do Patriarca.

¹⁴ *Atividades do Departamento Cultural da ASBRAP*, in Revista da ASBRAP nº. 14, p. 253-254.

A primeira palestra foi em 18-MAR-2008, sobre o *Balanço Historiográfico da Genealogia Brasileira*, proferida por Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, então presidente da ASBRAP, que traçou um panorama histórico e crítico da genealogia brasileira, aproveitando sua experiência em Portugal, tecendo comparações e apontando as dificuldades existentes em nosso meio.

Em 16-ABR-2008, Regina Moraes Junqueira, associada da ASBRAP, falou sobre o *Projeto Compartilhar*, criado em 2004, importantíssima iniciativa que disponibilizou documentos, índices e farto material genealógico na *internet*.

No dia 14-MAIO-2008, Thiago Lima Nicodemo, então associado da ASBRAP, tratou de *Sérgio Buarque de Holanda*, apontando o movimento de renovação empreendido nos estudos históricos por esse que é um dos maiores historiadores brasileiros.

Também tivemos, em 11-JUN-2008, a palestra sobre *Fontes Primárias para o Estudo do Vale do Paraíba Paulista – séculos XVII-XX*, proferida por Joaquim Roberto Fagundes, que deu um panorama a respeito da documentação disponível dessa região.

No dia 2-AGO-2008, na Universidade Anhembi Morumbi – Campus Anhangabaú, no Centro, em São Paulo, foi realizado o 1º Congresso da ASBRAP, grandioso evento em comemoração aos 15 anos de nossa agremiação, que tinha como mote *Diálogos entre História e Genealogia*, com objetivo de congregar pesquisadores e estudiosos de ambas as ciências. O belo evento foi organizado por comissão composta por Aguinaldo Ribeiro da Cunha, Joaquim Roberto Fagundes e Leandro Antônio de Almeida (membros do Departamento Cultural da ASBRAP), além de Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, Sérgio Weber, Maria Aparecida Weber e Rodnei Brunete da Cruz.

A conferência de abertura foi com Nuno Canas Mendes, professor do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas de Lisboa, que falou sobre *Diálogos entre a Genealogia e a História em Portugal*. Depois foram feitas comunicações seguidas de debates.

A primeira delas foi sobre as *Novas Fontes para a História e Genealogia*, com a participação de María Inés Olanar Múgica, mestre em edição, da Espanha, que tratou do tema *El Consejo de Portugal en el Archivo General de Simancas: Fuente para La Historia del Brasil Colonial*; Guilherme Falgueinboim e Paulo Valadares falaram sobre *Os primeiros judeus de São Paulo – cemitério israelita de Vila Mariana como fonte histórica*; e Carlos Eduardo de Almeida Barata fez considerações sobre *O Archivo do Colégio Brasileiro de Genealogia (CBG) – fichários*.

A comunicação seguinte foi a respeito das *Relações Familiares entre História e Genealogia*. Maria Isabel P. de Castro, da Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba, tratou dos *Laços de família, costumes e fé: as relações*

de poder e identidade no Cariri paraibano (Cabaceiras, 1735-85); George G. de Araújo, da mesma universidade, explanou sobre *Os Oliveiras Ledos e o Memoria de Sancta Roza*; e Marcos Antônio Lopes Veiga, da Universidade de São Paulo, fez *Apontamentos para uma história comum: a magia e a genealogia em questão*.

Outra comunicação foi sobre *A história e genealogia no século XIX brasileiro*. Paulo Paranhos, mestre em história, falou sobre *A casa de Suplicação do Brasil, a modernidade na justiça brasileira*; Caio César Tourinho Marques, da Associação da Nobreza Histórica do Brasil, tratou da *Ascendência varonil do Barão de Maragogipe, herói da independência da Bahia*; e Dóli de Castro Ferreira, mestre em história, abordou *As origens da cidade de Piquete*.

A última comunicação foi *São Paulo colonial*, com Joaquim Roberto Fagundes, que falou sobre *Sedução, rapto e poder no Vale do Paraíba Colonial*; Fernando V. Aguiar Ribeiro explanou a respeito das *Contribuições das fontes genealógicas para a compreensão da estrutura política de São Paulo colonial*; e Marcelo Meira Amaral Bogaciovas abordou o tema *Cristãos novos em São Paulo – Discussão sobre a origem judaica de alguns de seus primeiros povoadores a partir de documentos inéditos em arquivos brasileiros e portugueses*.

A conferência de encerramento foi de Mary del Priore, que falou sobre *A importância da genealogia nas novas narrativas históricas*.

O segundo ciclo de palestras de 2008 deu-se no restaurante Bovinu's, na Alameda Santos, 2393, em São Paulo, e tratou dos *Arquivos Religiosos*. A primeira palestra dessa temática realizou-se aos 17-SET-2008, tendo Jair Mongelli Júnior como palestrante, que versou sobre o *Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo*, do qual é diretor. Em 15-OUT-2008 foi a vez de Dom Carlos Eduardo Uchôa Fagundes, que abordou o tema *A Ordem Beneditina no Brasil e em São Paulo*. Em 12-NOV-2008, nosso associado Sérgio Weber falou sobre a *Documentação Luterana em São Paulo*. Por fim, em 10-DEZ-2008, o Professor Enio José da Costa Brito, da PUC-SP, abordou o tema *Arquivos e Esboço Histórico das Irmandades Religiosas do Brasil*.

Em 20-MAIO-2009, a ASBRAP promoveu palestra do associado Leandro Antonio Almeida sobre o tema *Descortinando mundos possíveis: pesquisa Histórica com narrativas de ficção*, tema de sua pesquisa sobre Literatura e História.

Em 12-SET-2009, o Mosteiro de São Bento, situado no Largo de São Bento, no Centro de São Paulo, SP, sediou o 2º Congresso da ASBRAP, com diversas palestras de nossos associados. Os temas tratados foram:

- *Antônio Cândido de Mello e Souza em São João da Boa Vista*, por Rodrigo Rossi Falconi;

- *História e Genealogia: Uma Experiência no Ensino Superior: Possibilidades e Caminhos – Vale do Paraíba Paulista*, por Joaquim Roberto Fagundes;
- *Proposta de reflexão: a implantação de um modelo industrial– a fábrica Presidente Vargas*, por Dóli de Castro Ferreira;
- *O Presidente do Conselho de Ministros e a Trindade do Ser Português; “Deus, Pátria e Família” : Análise da genealogia de António de Oliveira Salazar*, por Joaquim Xavier Junior;
- *El acceso a la documentación histórica española por internet*, por María Inés Olanan Múgica;
- *As edições da Nobiliarquia Paulistana de Pedro Taques: um estudo sobre as três edições*, por Fernando V. Aguiar Ribeiro; e
- *Novos Paradigmas em Pesquisa Genealógica*, por Gustavo Almeida Magalhães de Lemos.

Em 14-AGO-2010, foi realizado o 3º Congresso da ASBRAP, também no Mosteiro de São Bento, centro da capital paulista. Na programação desse evento tivemos, ao longo do dia, diversas explicações de especialistas brasileiros e, ao final, uma palestra de nossa associada correspondente Professora Maria Inés Olanan Múgica, residente na Espanha:

- *Fontes paroquiais para pesquisas genealógicas*, por Jair Mongelli Júnior, historiador e diretor técnico do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo;
- *Genealogia para principiantes*, por Rodnei Brunete da Cruz, diretor da ASBRAP;
- *Fontes Históricas do Acervo Arquivo Público do Estado de São Paulo para uso da Genealogia: Maços de População, Inventários e Testamentos, Negócios Eleitorais, Autos Cíveis e documentação Cartorial*, por Aparecido Oliveira da Silva, historiador, paleógrafo e diretor do Núcleo de Assistência ao Pesquisador;
- *Casais luteranos no Bairro de Campo Belo, cidade de São Paulo*, por Sérgio Weber, professor e presidente da ASBRAP;
- *Registros eclesiásticos na Itália a partir do Concílio de Trento: histórico, características, novas perspectivas de pesquisa*, por

Virginio Mantesso Neto, bacharel em História;

- *Documentação e arquivos portugueses de interesse para a Genealogia*, por Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, mestre em História Social e diretor da ASBRAP; e
- *Los Brasileños en las Órdenes Militares Españolas: Caballeros de Rio de Janeiro*, por Maria Inés Olanar Múgica, Mestra em Direito Nobiliário, Heráldica e Genealogia (UNED-Espanha).

Em 20-OUT-2012, foi realizado o 4º Congresso da ASBRAP, também no Mosteiro de São Bento, mais um belo evento destinado a congregar e compartilhar informações entre interessados por história e genealogia, com abordagem dos temas:

- *Curso de genealogia (organização e métodos)*, por Marcelo Meira Amaral Bogaciovas;
- *Como e onde fazer pesquisas*, por Marcelo Florence Lustosa, Rodnei Brunete da Cruz e Marcelo Meira Amaral Bogaciovas;
- *Um porto e um engenho junto à Vila de São Vicente*, por Sérgio Weber;
- *Família Imperial do Brasil: resumo genealógico da descendência de D. João VI*, por José Fernando Cedeño de Barros;
- *O resgate da informação em fontes primárias: práticas de pesquisa e preservação documental no ensino superior*, por Joaquim Roberto Fagundes;
- *A propaganda da integração de São Paulo ao Estado Novo de Vargas: o noticiário oficial da interventoria Fernando Costa (1941-1945)*, por Maria Isabel da Silva Ramos;
- *O Instituto Martius-Staden*, por Ekhard F. Kupfer; e
- Mesa Redonda para *Discussão sobre novos rumos das associações genealógicas brasileiras*, por Marco Polo Teixeira Dutra Pheene Silva e outros convidados, tendo como debatedor Gustavo Almeida Magalhães de Lemos.

No dia 7-NOV-2015, foi realizado o *Simpósio sobre a documentação do Tribunal do Santo Ofício. Suporte para a pesquisa genealógica e atribuição de cidadania portuguesa aos descendentes de cristãos-novos*, iniciativa pioneira

sobre o tema no Brasil, promovida pela ASBRAP e pelo Laboratório de Estudos Judaicos – LEJ, de Portugal, realizado no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, com abertura feita por Dom Carlos Eduardo Uchoa Fagundes e Marcelo Meira Amaral Bogaciovas. O marcante evento teve a participação de palestrantes brasileiros e portugueses:

- *Panorama da inquisição em Portugal e no Brasil*, por Suzana Maria de Sousa Santos Severs, da Universidade do Estado da Bahia;
- *Conversos na Península Ibérica Visigótica – século VII D.C.*, por Renata Rozental Sancovsky, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro;
- *Cristãos-novos e documentos inquisitoriais na Espanha*, por Marcos Antonio Lopes Veiga;
- *Como identificar ascendentes cristãos novos*, por Marcelo Meira Amaral Bogaciovas;
- *Diáspora, integração ou exclusão: casos genealógicos de famílias cristãs-novas*, por Guilherme Maia Loureiro;
- *Legislação sobre a atribuição da cidadania portuguesa aos descendentes de cristãos-novos em Portugal*, por António Assis; e
- *A minha nacionalidade portuguesa*, por Tereza Santos, da Comunidade Israelita de Lisboa.

Esse simpósio foi um importante marco sobre essa temática no Brasil e muito ajudou os brasileiros que, posteriormente, buscaram nacionalidade portuguesa e espanhola em razão da ascendência sefardita. Foi mais uma grande contribuição da ASBRAP sobre a genealogia e a história da formação do povo brasileiro.

Outro ponto alto da história da ASBRAP foi a palestra *A genealogia na Itália: pesquisa, turismo genealógico e cidadania*, com o genealogista italiano Michele Cartusciello, ocorrida em 5-NOV-2016, na sede do *Circolo Italiano*, no Terraço Itália, em São Paulo. O prestigiado evento teve tradução simultânea e foi aberto pelo então presidente da ASBRAP, Aguinaldo Cristofani Ribeiro da Cunha.

Aos 11 e 25-NOV-2017, tivemos um *Seminário de Genealogia da ASBRAP*, realizado no Mosteiro de São Bento, tratando de alguns dos temas mais atuais sobre genealogia à época. No primeiro dia tivemos: *Novas utilidades*

da Pesquisa Genealógica, por Armando Alexandre dos Santos; *Metodologia, Instrumentos e Fontes de Pesquisa – Como iniciar. Planejamento, opções e desenvolvimento da pesquisa. Classificação e crítica de fontes. Construção de uma história da família*, por Gustavo Almeida Magalhães de Lemos; e *Programas de Genealogia (softwares)*, por Leles P. dos Santos Junior, seguida de mesa-redonda para discussão de programas de genealogia. No segundo dia foram: *Como descrever ascendentes e descendentes. Bibliografia básica brasileira*, por Marcelo Meira Amaral Bogaciovas; *Conceitos de Genética aplicada à Genealogia e Uso da Genética na Genealogia. Empresas que realizam testes*, ambas por Ricardo Spinardi Bueno.

Em 30-MAR-2019, a ASBRAP promoveu palestra em parceria com a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, no Centro de Visitantes do Templo São Paulo, situado na Av. Professor Francisco Morato, 2430, Caxingui, em São Paulo. Na ocasião, foi abordado o tema: *Desvendando resultados de exames de DNA*, por Vânia Lúcia Oliveira, bacharelada em História da Família na Brigham Young University,

De março de 2020 até final de 2022, a ASBRAP suspendeu suas atividades presenciais em razão da pandemia de COVID-19, período em que foram reforçadas as atividades *online*, inclusive com a realização de *lives* periódicas, as quais continuam se realizando, mesmo após o fim das restrições sanitárias.

No dia 5-AGO-2023, foi realizado o *Simpósio em Comemoração aos 30 Anos da ASBRAP*, no Museu da Imigração, em São Paulo (SP). Com público de cerca de 80 pessoas, muitas vindas de outros estados (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Santa Catarina) e até de Portugal, a abertura do evento foi feita por Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho, presidente da ASBRAP, e pela historiadora Gabriela Araújo, representante do Museu da Imigração, que deu as boas-vindas ao público e aos palestrantes.

Houve uma breve explanação sobre a história da ASBRAP, pelo presidente Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho. Em seguida, ouvimos o belo *Soneto da Genealogia*, de Aline Bischoff, feito especialmente para as comemorações dos 30 anos da ASBRAP.

A primeira palestra foi com Mário Luiz de Souza da Silva, representante do *Family Search*, que tratou dos *Novos recursos e desafios da pesquisa Genealógica*. Na sequência, tivemos a palestra do associado da ASBRAP, Marco Polo Teixeira Dutra Pheneé Silva, que abordou o tema *Genealogia - mineração de dados: o que e onde procurar*.

Após o intervalo para *brunch*, com confraternização entre os participantes do simpósio, foi feita homenagem aos fundadores da ASBRAP ainda vivos, os quais

receberam medalha alusiva aos 30 anos de fundação de nossa agremiação. Em seguida, houve referência ao trabalho dos presidentes da ASBRAP já falecidos, Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, Arthur Nogueira Campos e Roberto Machado Carvalho.

Seguiram-se as homenagens aos ex-presidentes Aguinaldo Cristofani Ribeiro da Cunha e Sérgio Weber, e ao diretor da ASBRAP mais longevo, Rodnei Brunete da Cruz, que receberam placas comemorativas em agradecimento pelo trabalho desenvolvido em prol da ASBRAP e dos estudos históricos e genealógicos, sem qualquer interesse que não o de incentivar as pesquisas e estudos genealógicos:

A última explanação do *Simpósio em Comemoração aos 30 Anos da ASBRAP* foi a esperada palestra sobre *Honras e mercês na colonização do Brasil*, com o historiador e genealogista português Guilherme Maia de Loureiro, associado correspondente da ASBRAP.



Medalha concedida aos fundadores da ASBRAP por ocasião do Simpósio em comemoração aos 30 anos de sua fundação (foto do autor)

DIGITALIZAÇÃO DO MANUSCRITO *FAMÍLIAS DE PORTUGAL*, DE MANSO DE LIMA

Outra grande empreitada da ASBRAP foi a participação no *pool* de instituições para digitalização do manuscrito *Famílias de Portugal tiradas dos nobiliários mais apurados do mesmo reino acrescentadas e ordenadas de instrumentos autênticos e jurídicos*, de *Jacinto Leitão Manso de Lima*, cujo original encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa.

Esse projeto foi idealizado em 2018, quando o então presidente da ASBRAP, historiador Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, iniciou tratativas com a *Associação Portuguesa de Genealogia* e com a *Biblioteca Nacional de Portugal* para digitalização dessa grandiosa obra genealógica, cujo custo total foi de € 6.199.

No início de 2019, a ASBRAP fez uma campanha para arrecadar fundos para a digitalização do manuscrito, contando com a generosidade de treze associados e quatro não associados, cujos nomes seguem em ordem alfabética: Caio Cesar Tourinho-Marques (ASBRAP), Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho (ASBRAP), Décio Ferraz da Silva Júnior (ASBRAP), Diogo de Paiva e Pona (Portugal), Edgardo Pires Ferreira (ASBRAP), Marcelo Meira Amaral Bogaciovas (ASBRAP), Maria Aparecida Almeida Dias de Souza (ASBRAP), Maria Geralda do Amaral Mello (Brasil), Maria Inês da Bessa Lins (ASBRAP), Mary Stella Costa (ASBRAP), Nelson Nery Junior (ASBRAP), Rafael de Castro Baker Botelho (ASBRAP), Roberto de Andrade Pinto (ASBRAP), Roberto Menezes de Moraes (Brasil), Rodnei Brunete da Cruz (ASBRAP), Rosa Maria Barreto Borrielo de Andrade Nery (ASBRAP) e um anônimo.

A digitalização foi executada pela *Biblioteca Nacional de Portugal*, que também arcou com a quantia de € 1.859,00; a *Associação Portuguesa de Genealogia*, que, desde o início, apoiou o projeto e já mantinha negociações sobre o tema, encarregou-se de arcar com € 2.876,20; e a ASBRAP participou com a soma de € 1.463,80.

Em 10-MAIO-2021, a ASBRAP recebeu da *Biblioteca Nacional de Portugal* o HD contendo arquivo digital completo do precioso manuscrito *Famílias de Portugal*, de *Jacinto Leitão Manso de Lima*, disponibilizado, a partir de agosto de 2021, na área restrita do *site* da ASBRAP, acessível apenas a seus associados.

Em outubro de 2023, o manuscrito *Famílias de Portugal* deixou de constar da área restrita do *site* da ASBRAP, pois passou a ser disponibilizado publicamente no *site* da *Biblioteca Nacional de Portugal*.

SITE

Acompanhando a evolução tecnológica, em meados de 2001, a ASBRAP colocou no ar o seu *site*. Nele eram divulgados congressos, palestras e atividades sociais da ASBRAP, além de alguns *links* de livros *online*, revistas eletrônicas de história, *sites* de auxílio à pesquisa, de arquivos no Brasil e no exterior, bem como uma relação de instituições brasileiras dedicadas à genealogia. No *site* havia também a ideia de se desenvolver um *Manual de Genealogia Brasileira*, tratando de temas como:

A Genética como ciência auxiliar da Genealogia.

Metodologia da pesquisa genealógica.

Direito Nobiliário.

História Oral como subsídio para a pesquisa.

A Genealogia e o ensino de História

Histórico dos Institutos de Genealogia do Brasil e suas publicações

Impedimentos Consanguíneos

Metodologia para descrição de ascendentes; para descrição de descendentes.

Representação esquemática para ascendentes e descendentes.

Transcrição paleográfica de documentos.

Bibliografia Genealógica brasileira básica.

Relação parcial de Arquivos Públicos do Brasil (em âmbito federal, estadual e municipal).

Relação parcial de Institutos Históricos e Genealógicos do Brasil.

Convenção de abreviaturas: de expressões usuais; de fontes arquivísticas e de fontes bibliográficas.

Vocabulário utilizado em Genealogia

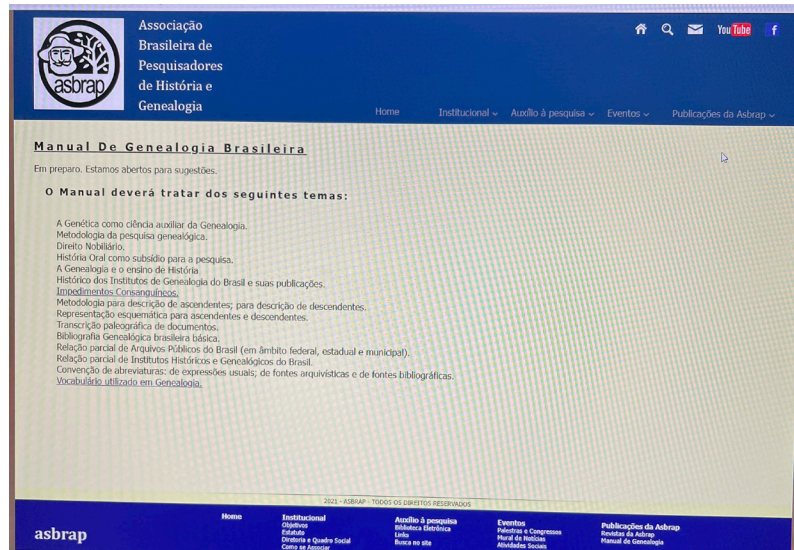
Nem todos esses tópicos acabaram sendo efetivamente tratados no *site*. Em 2007, foi criada uma *Biblioteca Eletrônica* no site da ASBRAP, destinada a divulgar artigos já publicados ou esgotados, que fossem de domínio público, além de reedições de artigos de autoria do próprio interessado, preferencialmente com

acréscimos ou correções; bem como índices de batizados, casamentos, óbitos, inventários, testamentos, cartas patentes, sesmarias, etc., mesmo inéditos, além de resenhas de livros.

A partir de 2014, as revistas da ASBRAP passaram a ser apresentadas apenas em formato digital, sendo que o conteúdo das antigas revistas foi todo disponibilizado no *site*.

Com o passar dos anos, o *site* foi se tornando defasado, de modo que, no dia 5-AGO-2022, foi lançado o novo *site* da ASBRAP, o qual, embora tenha a mesma proposta da página antiga, foi totalmente reformulado, sob o aspecto visual, além de ser incrementado com *links* úteis às pesquisas, no Brasil e no exterior, além de conter algumas informações de interesse genealógico disponíveis apenas na área restrita aos associados, notadamente índices em geral.

O novo *site* da ASBRAP tornou-se um verdadeiro portal para quem se dedica a pesquisas históricas e genealógicas.



Print de tela do antigo *site* da ASBRAP, descontinuado em 5-AGO-2022

FACEBOOK

A página no *Facebook* da ASBRAP foi criada em 2016, por iniciativa do associado Marco Polo Teixeira Dutra Phenee Silva e, desde então, serviu para divulgação de comunicados e eventos. A partir de janeiro de 2020, Gustavo Almeida Magalhães de Lemos também passou a auxiliar nas postagens do *Facebook*. Em março de 2020, iniciou-se o *lockdown* em virtude da pandemia de COVID-19, de modo que surgiu a necessidade de ampliação de nossas atividades *online*.

Assim, as postagens no *Facebook* da ASBRAP foram intensificadas, ampliando-se os temas postados, com o objetivo divulgar a atividade de pesquisa genealógica para os associados e público em geral. Atualmente contamos com cerca de 8.600 seguidores.

LIVES

Nosso canal do *YouTube* foi criado em 2015, com a finalidade de divulgar o *Simpósio sobre a Documentação do Tribunal do Santo Ofício* e, desde então, não houve novas postagens. Com a decretação do estado de emergência em razão da pandemia de COVID-19 no Brasil, foram impingidas restrições de aglomerações em locais públicos, a partir de março de 2020, situação que perdurou, com maior ou menor rigor, até maio de 2022. Diante disso, as tradicionais tertúlias da ASBRAP foram suspensas, surgindo a necessidade de reinvenção do modo de comunicação com nossos associados e demais interessados por pesquisas históricas e genealógicas.

Nesse contexto, passamos a realizar *lives* periódicas, situação que perdura até os dias atuais, mesmo após o fim das restrições sanitárias, todas disponíveis no *YouTube* da ASBRAP:

- 1) em 1º-AGO-2020 - *FamilySearch: conectando famílias e gerações*, proferida por Mario Luiz de Souza da Silva;
- 2) em 22-AGO-2020 - *Homo genealogicus: expansão do objeto da Genealogia*, com Gilberto de Abreu Sodré Carvalho, associado da ASBRAP;
- 3) em 12-SET-2020 - *Aspectos teóricos e práticos da Genealogia Genética*, com Damaris Andrade Bortolotto (Dan Andrade);
- 4) em 9-OUT-2020 - *Vida e morte de um justiceiro. Aspectos*

genealógicos e biográficos de Januário Garcia Leal, o Sete Orelhas, com Marcos Paulo de Souza Miranda, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais;

- 5) em 26-OUT-2020 - *Turismo Genealógico*, com Rubens Rodrigues Câmara, Silvia Rita do Prado Mendes Buttrós e Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho, os dois últimos associados da ASBRAP;
- 6) em 27-NOV-2020 - *Psicogenealogia, um novo olhar na transmissão da memória familiar*, com Mônica da Silva Justino, do INGESC – Instituto Genealógico de Santa Catarina;
- 7) em 5-FEV-2021 - *Genealogia para principiantes*, com Rodnei Brunete da Cruz, associado da ASBRAP;
- 8) em 26-FEV-2021 - *Dicas práticas de como pesquisar na Espanha*, com Luiz Gustavo de Sillos, associado da ASBRAP;
- 9) em 26-MAR-2021 - *Como desenvolver pesquisas na Itália*, com Stanley Savoretti de Souza, associado da ASBRAP;
- 10) em 30-ABR-2021 - *Arquivos do Vale do Paraíba Paulista*, com Joaquim Roberto Fagundes, do Museu Francisco Veloso, em Cunha – SP;
- 11) em 28-MAIO-2021 - *Pesquisa e genealogia na Croácia*, com Renato de Lucca, associado da ASBRAP;
- 12) em 27-AGO-2021 - *Entendendo registros libaneses*, com Juliana Schuery, diretora do Colégio Brasileiro de Genealogia;
- 13) em 24-SET-2021 - *Familysearch: árvore e pesquisas sem mistérios. Dicas de quem navega nessa ferramenta genealógica desde a sua criação*, com Denise Vespoli;
- 14) em 29-OUT-2021 - *Os arquivos históricos da Biblioteca Nacional: ferramentas e acervo genealógico – como navegar e buscar dados sobre nossos antepassados*, com Flauber Barros Leira, do HGGP – História, Genealogia e Genética da Paraíba Online;
- 15) em 19-NOV-2021 - *Instituto Martius-Staden - dicas genealógicas de como pesquisar na Alemanha*, com Daniela Rothfuss, do Instituto Martius-Staden;
- 16) em 25-FEV-2022 - *As habilitações matrimoniais e os impedimentos*, com Silvia Rita do Prado Mendes Buttrós, associada da ASBRAP;

- 17) em 18-MAR-2022 - *Preservação dos acervos pessoais: cuidados práticos*, com Ina Hergert e Flávia Urzua, ambas conservadoras e restauradoras de papeis do Museu Paulista (Museu do Ipiranga);
- 18) em 27-MAIO-2022 - *O desafio de decifrar manuscritos: algumas noções de paleografia*, com Maria Lucia Machens, então presidente do Colégio Brasileiro de Genealogia.
- 19) em 24-JUN-2022 - *Regras, práticas e fontes no uso de nomes no Brasil*, com Rafael de Castro Baker Botelho, 2º Secretário da ASBRAP e presidente do Colégio Brasileiro de Genealogia;
- 20) em 26-AGO-2022 - *Algumas considerações sobre o estudo do período colonial feitas a partir de fontes coevas*, com Marcos Levy Pina Gouvêa Crespo, associado da ASBRAP e do Colégio Brasileiro de Genealogia;
- 21) em 28-OUT-2022- *O tropeirismo e o avanço ao sul*, com Diego de Leão Pufal, associado correspondente do IHGRGS - Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, associado do INGESC – Instituto de Genealogia de Santa Catarina – e associado do Colégio Brasileiro de Genealogia;
- 22) em 26-NOV-2022 - *Heráldica de Família: suporte incompreendido da genealogia*, com Carlos Eduardo de Almeida Barata, associado titular e ex-presidente do Colégio Brasileiro de Genealogia;
- 23) em 3-MAR-2023 - *Correntes migratórias francesas dos Pirineus a Montevideú*, com Vivian Bertrand e Lea Rache Gaspar, esta última, associada da ASBRAP;
- 24) em 28-ABR-2023 - *Imigração judaica e pesquisa genealógica*, com Charles Goldenzon, diretor do Colégio Brasileiro de Genealogia;
- 25) em 29-SET-2023 - *Os aspectos editorial e exegetico da produção genealógica*, com Daniel Taddone Neves, associado da ASBRAP e membro do CGIE – Conselho Geral dos Italianos no Exterior;
- 26) em 27-OUT-2023 - *DNA mitocondrial das matronas da Genealogia Paulistana*, com Luiz Gustavo de Sillos, associado da ASBRAP; e
- 27) em 24-NOV-2023 – *Pesquisa genealógica na Galícia polonesa e ucraniana*, com Gustavo Henrique de Almeida Pedroso, associado da ASBRAP.

No dia 18-NOV-2023, em prestigiado evento na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, o referido sodalício outorgou à ASBRAP a *Medalha do Mérito Genealógico Cônego Raymundo Octávio da Trindade*, destinada a “*galardoar pessoas físicas ou jurídicas que se destacam por reconhecidos méritos no desenvolvimento de pesquisas genealógicas e na preservação de acervos documentais de grande importância para a genealogia das famílias de Minas Gerais*”.

Para os próximos anos, a ASBRAP tem projetos inovadores, cujas implementações dependerão de ampla participação dos associados, dando seqüência a essa bela história que muitos fizeram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A ASBRAP. In: Revista da ASBRAP n.º. 1, 1994.

Apresentação da Revista. In: Revista da ASBRAP n.º. 18, 2012.

A questão do arquivo do judiciário no Brasil. Destruição física de processos judiciais. In: Revista da ASBRAP n.º. 3, 1996.

Atividades do Departamento Cultural da ASBRAP. In: Revista da ASBRAP n.º. 14, 2008.

ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. *Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais e a acessibilidade aos registros históricos e genealógicos*. In: Revista da ASBRAP n.º. 28 (eletrônica), 2021. Disponível em: https://www.asbrap.org.br/artigos/rev28_3_lei_geral_de_protecao_aos_dados_pessoais_e_a_acessibilidade_aos_registros_historicos_e_genealogicos.pdf (acesso em 19-OUT-2023).

Metodologia e Convenção de Abreviaturas utilizadas na Revista da ASBRAP. In: Revista da ASBRAP n.º. 2, 1995.

VAL, Andréa Vanessa da Costa; SOARES, Rosane Vianna; COSTA, Hélio (supervisor). “*Da incineração à preservação das relíquias das Minas Gerais*”, in *Jurisprudência Mineira*, Belo Horizonte, a. 60, n.º. 190, jul./set. 2009, p. 13-19. Disponível em: <https://bd.tjmg.jus.br/jspui/bitstream/tjmg/505/1/NHv1902009.pdf> (acesso em 24-SET-2023).

VOCABULÁRIO TÉCNICO GENEALÓGICO

*Arthur Nogueira Campos*¹

Resumo: *Republicação do Vocabulário Técnico Genealógico, que se encontrava disponível no site da ASBRAP desde 2006, de autoria de Arthur Nogueira Campos, do fundador e ex-presidente da ASBRAP (1997-1999), falecido em 2014.*

Abstract: *Republishing of the Genealogical Technical Vocabulary, which had been available on the ASBRAP website since 2006, authored by Arthur Nogueira Campos, ASBRAP founder and former president (1997-1999) who passed away in 2014.*

CONVENÇÃO

Fontes

a- Contribuição do autor

1- Dicionário Aurélio

2- Dicionário Caldas Aulete

3- Salvador Moya. **In:** *Revista Genealógica Latina* (Instituto Genealógico Brasileiro), vol. XVIII-XIX.

ABREVIACÕES

adj – adjetivo.

adj2 – adjetivo 2 gêneros.

¹ NOTA DA DIRETORIA DA ASBRAP: O presente trabalho esteve disponível no site da ASBRAP desde 16-DEZ-2006. Contudo, em razão da reformulação do site em 2022, republicamos o texto, post mortem do autor, sob forma de artigo, na Revista da ASBRAP n°. 30.

adv – advérbio.
ant – antônimo.
f - feminino.
fem – forma feminina.
m - masculino.
masc – forma masculina.
p – pronominal.
pl – plural.
pred – predicativo.
sf – substantivo feminino.
sm – substantivo masculino.
s2 – substantivo 2 gêneros.
sin – sinônimo.
v - verbo.
vi – verbo intransitivo.
ver, veja – em itálico.
vt – verbo transitivo.
vr – verbo relativo.

VERBETES

Adoção - 1 - sf - Ação ou efeito de adotar.

Adotar - 1 - vt - Receber como filho; perfilhar.

Agnação - 1 - sm - Parentesco de consanguinidade por linha masculina.

Agnado - 1 - sm - Parente por agnação. Variante: agnato.

Agnatia - 1 - sf - Agnação.

Afilhado - 1 - sm- O homem em relação aos seus padrinhos.

Agnático - 1 - adj - Que pertence aos agnados.

Agnático - 1 - adj - Relativo aos agnados.

Agnato - 1 - sm – Agnado.

Agnome -1 - sm - Apelido que entre os romanos se acrescentava ao cognome.

Alcunha - 1- sf - Apelido que se põe a qualquer pessoa e pelo qual fica sendo conhecida. Epíteto depreciativo derivado de qualquer particularidade física ou moral.

Alcunhar – 1 - vt pred. - Pôr alcunha a.

Amancebado - 1 - adj - Que vive em mancebia; amigado; **s.m.** - amásio.

Amancebar-se - 1 – v p - Ligar-se com alguém em mancebia.

Amásia - 1 - sf - Concubina.

Amasiar-se - 1 – v p - Amancebar-se.

Amasio - 1 - sm - Mancebia.

Amásio - 1 – sm - Indivíduo amancebado; **sin.** amancebado, amante.

Antecessor - 1 – sm - Antepassado.

Antepassado - 1 - sm - Ascendente; antecessor.

Antonomásia - 1 - sf - Substituição de um nome próprio por um comum ou uma perífrase, e vice versa; alcunha; sobrenome.

Antroponímia - 1 - s.f.- Estudo dos antropônimos.

Antroponímico -1 - adj - Relativo à antroponímia.

Antropônimo - 1 - sm - Nome próprio de pessoa.

Apelidar - 1 - vt pred - Designar por apelido; cognominar; **vt** – por alcunha ou apelido em; ter por sobrenome, apelido ou alcunha.

Apelido - 1 - sm - Sobrenome de família; alcunha.

Apodar - 1 - vt pred - Alcinhar.

Apodo - 1 - sm - (^) - Cognome; alcunha.

Arauto - 1 - sm - Pregoeiro; núncio; (**fig.**) mensageiro.

Armaria - 1 - sf - Arte heráldica.

Armas - 1 - sf - pl- Insígnias de brasão. **2** – Insígnias ou sinais simbólicos representados nos escudos das famílias nobres, das cidades, das nações ou das corporações.

Armista - 1 - s2 - Pessoa versada em arte heráldica.

Armorejjar – 2 – vt – o mesmo que armoriar.

Armoriado - 2 - adj - Que tem armas ou brasão pintados, esculpidos ou aplicados.

Armorial - 2 - sm - Livro onde se encontram registrados os brasões.

Armoriar - 2 - vt - Pôr armas ou brasões em; empregar os símbolos da nobreza em.

Arquiavô - 2 - sm - Avô muito remoto (**f.** arquiavó, **pl.** arquiavós ou arquiavôs).

Árvore de ascendência – a - sf – árvore genealógica que aponta os antepassados ou ascendentes de uma pessoa.

Árvore de costados – a - sf – descrição, com ou sem desenhos ou gráficos, das relações de parentesco dos quatro avós de uma pessoa. – **2** – Grande linha no meio da tábua genealógica ou tronco que se divide em outras linhas pequenas que se denotam os ascendentes de uma pessoa. O mesmo que árvore de ascendência.

Árvore de descendência – a - sf – árvore genealógica que aponta os descendentes de uma pessoa. O mesmo que árvore de geração.

Árvore genealógica – a - s.f. - descrição, com ou sem desenhos ou gráficos, das relações de parentesco de uma família, abrangendo ascendentes ou descendentes.

Árvore de geração – a - s.f. - O mesmo que árvore genealógica de descendência.

Ascendência - 1 - s.f. - Série de gerações anteriores a um indivíduo; progênie.

Ascendente - 1 - s2 - Antepassado; de quem se descende. **2** – O pai, o avô, o antepassado; qualquer dos parentes em linha reta ascendente (mais usado no plural).

Avito - 1 - adj - Que procede dos avós ou antepassados.

Avô - 1 - sm - Pai do pai ou da mãe; (plural avós, ou avôs, este pouco usado); **s.f.** - avó; avós, **sm pl.** ascendentes.

Avoengo - 1 - adj - Procedente de avós, herdado de avós, relativo a avós; **sm.pl** - antepassados. Não é **sin** de avô.

Avoengueiro - 1 - sm - Que vem de avós; que tem direito avito.

Avô torto - 1 - sm - Padrasto do pai ou da mãe. **2 – sm** – Pai do padrasto ou da madrasta.

Avuncular - 1 - adj - Relativo ao tio ou à tia. Não é relativo ao avô.

Banho - 1 - sm - Proclama de casamento. Mais usado no plural.

Bastardia - 1 - sf - Qualidade de bastardo; ramo bastardo de uma família.

Bastardo - 1 - sm - Que nasceu fora do matrimônio; filho ilegítimo.

Batismo - 1 - sm - Sacramento das igrejas cristãs; **antig.** bautismo.

Batizado - a - sm - Cerimônia do sacramento do batismo. Na tradição de algumas igrejas cristãs, no ato do batismo é dado e registrado o nome do indivíduo, o nome de batismo; - **1 – antigo:** bautizado.

Batizar - 1 - vt - Administrar o batismo a; por nome, alcunha ou epíteto em; **vt**

pred - apelidar, alcunhar; **antigo**: bautizar.

Bisavô - 1 - sm - Pai do avô ou da avó; **sf** bisavó; **pl** bisavôs ou bisavós.

Bisneto - a - sm - Filho do neto.

Brasão - 1 - sm - Escudo de armas; insígnia de nobreza.

Brasonar - 1 - vt - Ornar com brasão.

Capela - a - sf - Obrigações de ordem religiosa que o testador incumbiu o testamenteiro de cumprir ou fazer cumprir; exemplo, capela de missas.

Casado - 1 - adj - Que se casou; que está ligado por casamento. **sm pl** os cônjuges.

Casadoiro - 1 - adj - Que está em idade de casar; **sin** núbil. Variante: casadoiro. **Sin** casadeiro.

Casal - 1 - sm - Marido e mulher.

Casaleiro - 1 - adj - Relativo a casal.

Casamento - 1 - sm - União legítima entre um homem e uma mulher².

Casamento nuncupativo - 1 - sm - O que é celebrado oralmente, sem mais formalidades que a presença de seis testemunhas, por haver motivo que justifique a imediata realização do ato, ou quando um dos contraentes estiver em imediato risco de vida.

Casamento putativo - 1 - sm - O que é nulo, mas foi contratado de boa-fé por ambos os cônjuges ou um só deles.

² NOTA DA DIRETORIA DA ASBRAP: Para não alterar o texto de Arthur Nogueira Campos, que esteve publicado no site da ASBRAP desde 16-DEZ-2006, mantivemos a redação original do verbete “casamento” na presente republicação *post mortem*. Entretanto, observamos que, diante de decisões do Supremo Tribunal Federal e do Superior Tribunal de Justiça, bem como o teor da Resolução CNJ nº. 175, de 14-MAIO-2013, o verbete deve ser lido como: “**Casamento - 1 - sm** - União legítima entre duas pessoas”.

Casta - 1 - sf - Raça, geração.

Cavaleiro fidalgo (da Casa Real) - 2 - sm - Grau de nobreza que podia ser concedido pelo rei a pessoas não nobres.

Celibatário - 1 - sm - Indivíduo que ainda não se casou.

Certidão de batismo - 1 - sf - Documento passado por autoridade eclesiástica para certificar um batizado.

Certidão de casamento - 1 - sf - Documento passado por autoridade eclesiástica para certificar um casamento; o mesmo, passado por oficial portador de fé pública para certificar um casamento.

Certidão de nascimento - 1 - sf - Documento passado por oficial portador de fé pública para certificar um nascimento.

Certidão de óbito - a - sf - Documento passado por oficial portador de fé pública para certificar um falecimento; documento passado por autoridade eclesiástica para certificar um falecimento.

Cognação - a - sf - Parentesco por consanguinidade; parentesco pelo sangue, de todos os membros de uma família natural ou civil, que tem um antepassado comum (Soibelman, Leib *Enciclopédia do Advogado*, 5ª edição, Thex Editora, 1996, p. 75). O que se afirma pelo lado feminino (Gonçalves, Carlos Roberto, *Direito de Família*, Sinopses Jurídicas, vol 2º, 2ª edição, Ed. Saraiva, 1998, p. 97).

Cognação espiritual - a - sf - Parentesco originário de batismo, entre padrinho e madrinha, padrinho ou madrinha e afilhado ou afilhada.

Cognome - 1 - sm - Epíteto nominal; apelido, alcunha.

Colateral - 1 - adj2 - Parente, mas não em linha reta.

Comborça - 1 - sf - Concubina de homem casado.

Comborçaria - 1 sf - mancebia, concubinato.

Comborço – 1 – sm – Indivíduo amasiado, em relação ao outro amante ou marido da mulher com quem se amasiou.

Comadre - 1 - s.f. - Madrinha, em relação aos pais do neófito; mãe do neófito, em relação aos padrinhos deste.

Comissário do Santo Ofício- 1- sm- Oficial da Inquisição, religioso.

Compadre - 1 - sm - Padrinho de um neófito em relação aos pais deste; pai do neófito em relação aos padrinhos deste.

Compadresco - 1 - sm - Relativo às relações de compadres.

Compadrice - 1 - sf. - Relações entre compadres. **Sin.** compadrio.

Compadrio - 1 - sm - Relações entre compadres. **Sin** compadrice.

Concubina - 1 - sf - Mulher que vive em mancebia com um homem.

Concubinação - 1 - sf - Concubinato.

Concubinário - 1 - sm e adj- Que, ou aquele, que tem concubina.

Concubinar-se - 1 – v pred - Amancebar-se.

Concubinato - 1 - sm - Estado de quem tem ou é concubina. **Sin.** concubinação, comborçaria, mancebia.

Concúbito - 1 - sm - Ajuntamento carnal; coito; coabitação.

Concunhado – 1 – sm - Diz-se de um homem em relação a outro quando as respectivas esposas são irmãs.

Cônjuge - 1 - sm - Cada um dos casados em relação ao outro.

Consanguinidade – a – sf – Vínculo entre pessoas unidas pelo mesmo sangue proveniente de um tronco próximo.

Costado - 1 - sm - Cada um dos quatro avós de cada indivíduo.

Cunhado - 1 - sm - Irmão de um dos cônjuges em relação ao outro e vice-versa.

Cunhadia - 1 - sf - Veja cunhadio.

Cunhadio - 1 - sm - Parentesco entre cunhados. **Sin** cunhadia.

Decavô - a - sm - Décimo avô.

Descendência - 1 - sf - Série de pessoas que descendem de um mesmo tronco.

Descendente - 1 - adj2 - e s2 - Pessoa que descende de uma outra ou de uma raça; **s2 pl** os indivíduos que constituem uma descendência.

Descender - 1 - v rel - Provir por geração.

Desquitação - 1 - sf - Veja desquite.

Desquitado - 1 - sm - Estado da pessoa que se separou do cônjuge por desquite.

Desquitando - 1 - adj e sm - Que ou aquele que está promovendo ação de desquite.

Desquitar - 1 - vt - Separar (os cônjuges) por desquite. **v p** - separar-se (os cônjuges) por desquite.

Desquite - 1 - sm - Dissolução da sociedade conjugal, pela qual se separam os cônjuges e seus bens, sem quebra do vínculo matrimonial. **Sin** desquitação.

Dispensa matrimonial - a - sf - Licença canônica para casamento entre parentes consanguíneos e espirituais.

Divorciado - 1 - adj - Relativo ao que se separou por divórcio - **sm** aquele que se separou por divórcio.

Divorciar - 1 - vt - Provocar ou decretar divórcio de; separar judicialmente (cônjuges).

Divórcio - 1 - sm - Dissolução do vínculo matrimonial ficando os divorciados livres para contrair novas núpcias.

Dodecavô – a – sm - Décimo segundo avô. O mesmo que duodécimo avô.

Duodécimo avô – a – sm - Décimo segundo avô, o mesmo que dodecavô.

Eneavô – a – sm - Nono avô.

Enteado - 1 - sm - Nome dado ao indivíduo em relação ao seu padrasto ou madrasta.

Epítetar - 1 – vt - por epíteto a; cognominar.

Epitético - 1 - adj - Que tem caráter de epíteto.

Epíteto - 1 – sm - Palavra ou frase que qualifica uma pessoa; cognome.

Escudo - 1 - sm - Peça em que se representam os brasões de nobreza.

Estípite – a – sm – O mesmo que tronco, veja.

Estirpe - 1 - sf - Tronco, linhagem, ascendência.

Exposto – a – sm e adj m - Pessoa que, ao nascer, foi abandonada pelos pais e acolhida em casa de outras pessoas.

Família - 1 – sf - O pai, a mãe e os filhos; pessoas do mesmo sangue; linhagem; descendência; comunidade formada por um homem e uma mulher unidos pelo laço matrimonial e pelos filhos nascidos desse casamento; unidade espiritual, constituída das gerações descendentes de um mesmo tronco, e, portanto, fundamentada na consanguinidade; comunidade de indivíduos que são ou se consideram consanguíneos uns dos outros, ou por descendentes de um tronco ancestral comum (filiação natural) e estranhos admitidos por adoção.

Familiar - 1 - adj2 - Que diz respeito à família.

Familiar - 1 - adj2 - Respeitante à família.

Familiar do Santo Ofício –a - sm - Oficial laico da Inquisição.

Faraute – 2 – sm – o mesmo que arauto.

Fidalgaria - 1 - sf - Classe dos fidalgos; chusma de fidalgos; modos de fidalgo.

Fidalgo - 1 - adj - Relativo à fidalguia ou fidalgaria; nobre; **sm** - indivíduo que tem título de nobreza. – **2** – indivíduo. que tem foros de nobreza.

Fidalgo assentado nos livros do rei - 3 - sm – O título divide-se em três graduações: a de moços fidalgos, a de fidalgos escudeiros e a de fidalgos cavaleiros.

Fidalgo de cota de armas – 2 – sm – Aquele a quem o rei concedia brasão de armas.

Fidalgo de grande estado – 2 – sm – O donatário de grandes senhorios e jurisdições.

Fidalgo de linhagem – 3- sm - Aquele cuja fidalguia provém de seus avós.

Fidalgo de quatro costados – 3– sm – Aquele cujos quatro avós são fidalgos.

Fidalgo do solar - 3 – sm – Sucessor de casa onde se iniciou família nobre; que foi tronco ou cabeça de linhagem nobre.

Fidalgo por especial mercê do rei – 2 – sm – aquele a quem se passava carta para gozar dos privilégios da fidalguia e ser para todos os efeitos considerado fidalgo.

Fidalguesco - 1 - adj - Que diz respeito a fidalgos ou a fidalguia.

Fidalguia - 1 - sf - Qualidade de fidalgo; classe dos fidalgos; ação de fidalgo; nobreza.

Filho - 1 - sm - Indivíduo do sexo masculino em relação aos pais; descendente.

Filho adotivo – 1 - sm - Filho de outrem, que se toma como próprio, através da adoção.

Filho adúltero - 1 - sm - Filho havido por uma pessoa, casada no tempo da concepção, de outra que não seja o seu consorte.

Filho bastardo - 1 - sm - Veja bastardo e filho natural.

Filho d'algo - 1 - sm - Fidalgo.

Filho das ervas - 1 - sm - Filho de pais desconhecidos.

Filho de coito danado - 1 - sm - Filho sacrílego.

Filho de leite - 1 - sm - A criança, com relação à ama que a amamentou.

Filho de pais incógnitos - 1 - sm - Pessoa cujos pais não eram conhecidos na data do batizado.

Filho espúrio - 1 - sm - Filho nascido de pessoas que, entre si, não podem se casar em virtude de proibição legal; adúltero; incestuoso.

Filho ilegítimo - 1 - sm - O que não provém de justas núpcias, incluindo-se na expressão o natural ou bastardo, o adúltero e o incestuoso.

Filho incestuoso - 1 - sm - O que é nascido de pai e mãe com parentesco que os impede de casar.

Filho legítimo - 1 - sm - Procedente de matrimônio.

Filho natural - 1 - sm - O havido de pais solteiros, entre os quais não haja, ao tempo da concepção ou do parto, impedimento matrimonial.

Filho putativo - 1 - sm - O que se supõe ser filho de alguém.

Filho sacrílego - 1 - sm - Filho de padre ou de outrém que tenha feito voto de castidade. **Sin** filho de coito danado.

Genealogia - 1 - sf - Série de antepassados; estudo da origem das famílias; estirpe; linhagem; procedência.

Genealógico - 1 - adj - Que diz respeito à genealogia.

Genealogista - 1 - s2 - Pessoa que se dedica a estudos genealógicos ou é versada em genealogia. **Sin** linhagista.

Genearca - 2 – sm – O primeiro progenitor de uma família ou o fundador de uma espécie ou linhagem.

Genere et moribus – a - sm – Processo eclesiástico para comprovação de pureza de sangue, exigida para aceitação em certos cargos ou honrarias. Na expressão em latim «*de genere et moribus*».

Genro - 1 - sm - Marido da filha em relação aos pais dela.

Geração - 1 - sf - Descendência; filiação; linhagem; genealogia; conjunto de pessoas nascidas mais ou menos na mesma época.

Grau de parentesco – a – sm – Número de gerações entre a pessoa em causa e o tronco a que se liga. No direito civil não se conta o tronco, conta-se no canônico.

Hendecavô – a – sm – Undécimo avô, décimo primeiro avô.

Heptavô – a – sm – Sétimo avô.

Heráldica - 1 - sf - Arte dos brasões; conjunto de emblemas de brasão. **Sin** parassematografia.

Heráldico - 1 - adj -. Respeitante a brasões; **sin** parassematográfico; **sm** aquele que é versado em heráldica. **Sin** parassematógrafo.

Heraldo - 1 – sm (antigo) - Arauto.

Hexavô – a – sm – Sexto avô.

Hipocorístico - 1 - adj e sm - Diz-se de ou nome familiar carinhoso; a. geralmente derivado do próprio nome.

Homonímia - 1 - sf - Qualidade daquilo que é homônimo.

Homônimo - 1 - adj e sm - Que ou aquele que tem o mesmo nome.

Impedimento dirimente – a – **sm** – Impedimento que, se infringido, acarreta nulidade do casamento.

Impedimento impediante – a – **sm** – Impedimento que, se infringido, não acarreta a nulidade do casamento.

Impedimento matrimonial – a – **sm** – Relação de parentesco entre duas pessoas que impede o seu casamento; geralmente esse impedimento é a consanguinidade. Só se estende até o terceiro grau de parentesco.

Impedimento por afinidade – a – **sn** – Parentesco entre um dos cônjuges e os consanguíneos do outro.

Infante – 1 - **sm** – Filho dos reis de Portugal e Espanha, mas não herdeiro da coroa. **Fem.** Infanta; **adj2** – Que está na infância.

Inventariação - 1 - sf – Ato de inventariar; descrição do inventário.

Inventariado - 1 - adj - Que é objeto de inventário; **sm** aquele cujos bens são dados a inventário.

Inventariança - 1 - sf - O cargo e a função de inventariante.

Inventariante - 1 - adj2 e s2 - Que ou pessoa que inventaria ou que deu a relação dos bens inventariados; **s2** - pessoa nomeada pelo juiz para relacionar, administrar e partilhar a herança representando-a ativa e passivamente enquanto indivisa.

Inventário - 1 - sm - Relação dos bens deixados por alguém que morreu.

Irmãos - I - sm - Filhos do mesmo pai e da mesma mãe, ou só do mesmo pai, ou só da mesma mãe; membros de confraria.

Irmãos colaços - 1 - sm - Pessoas que foram amamentadas pela mesma mulher, embora filhas de mães diferentes. **Sin** irmãos de leite.

Irmãos consanguíneos – a – sm pl – Irmãos só parte de pai.

Irmãos gêmeos - 1 - sm - Que nasceram do mesmo parto.

Irmãos germanos - 1 - sm - Que procedem do mesmo pai e da mesma mãe. **Antônimo** - meios irmãos.

Irmãos inteiros - 1 - sm - Veja irmãos germanos. **Antônimo** - meios irmãos.

Irmãos de leite - 1 - sm - Veja irmãos colaços.

Irmãos uterinos - 1 – sm - Filhos da mesma mãe, porém não do mesmo pai.

Linha - 1 - sf - Série de graus de parentesco em uma família.

Linha ascendente – a – sf – Sequência de ascendentes do pai para o avô, bisavô, etc. O mesmo que linha reta ascendente.

Linha colateral - 1 - sf - Parentesco entre pessoas de um só tronco, mas que não descendem umas das outras. Exemplos: irmãos, primos, tios, sobrinhos.

Linha de consanguinidade reta – a – sf – O mesmo que linha reta. É a que ocorre quando uma pessoa procede mediata ou imediatamente de outra; como entre pai e avô e entre pai e filho.

Linha de consanguinidade lateral – a – sf – É a que ocorre quando duas pessoas procedem mediata ou imediatamente de outra, mas não uma da outra; como entre irmãos. O mesmo que consanguinidade colateral.

Linha descendente a – sf – Sequência de descendentes do pai para o neto, bisneto, etc. O mesmo que linha reta descendente.

Linha feminil - a - sf - O mesmo que linha feminina; descendência pelo lado materno.

Linha feminina - a - sf - O mesmo que linha feminil.

Linha feminina sem interrupção – a – sf – O mesmo que linha do umbigo.

Linhagem - 1 - sf - Genealogia; geração; estirpe; família.

Linhagista - s2 - Pessoa que se dedica a investigações genealógicas. **Sin.** genealogista.

Linha masculina - a - sm - Descendência pelo lado paterno. O mesmo que linha varonil.

Linha masculina sem interrupção - a - sf - Ascendência ou descendência por linha masculina sem interrupção O mesmo que linha sem interrupção.

Linha materna - a - sf - Linha ascendente a partir da mãe da pessoa em causa. O mesmo lado materno.

Linha paterna - a - sf - Linha ascendente a partir do pai da pessoa em causa. O mesmo que linha varonil, varonia.

Linha de representação familiar - 2 - sf - Ascendência ou descendência onde se segue a linha dos primogênitos, de preferência os masculinos e, na falta deles, os femininos. Mostra quem seriam os atuais representantes de títulos de nobreza no caso das monarquias não existirem nos países em questão.

Linha reta - 1 - sf - Parentesco entre o genitor e os procriados. Linha sem interrupção.

Linha do umbigo - a - sf - Linha feminina sem interrupção.

Linha varonil - a - sm - Descendência pelo lado paterno. O mesmo que linha masculina e varonia.

Madrasta - 1 - sf - Mulher casada, em relação aos filhos que o marido teve de casamento anterior; **masculino** - padrasto.

Madrinha - 1 - sf - Mulher que serve de testemunha em batizados, crismas e casamentos, em relação ao neófito ou ao que se crisma ou se casa; **masc.:** padrinho.

Mancebia - 1 - sf - Estado de vida de amancebado.

Matriarca - a - sf - Feminino de patriarca.

Meio-irmão - sm – Irmão só por parte do pai, ou só por parte da mãe. **Antônimo** - Irmão germano.

Morgadio - 1 - adj - Relativo ao morgado; **sm** - bens de morgado; qualidade de morgado.

Morgado - 1 - sm - Filho primogênito ou herdeiro de bens vinculados; filho mais velho ou filho único; propriedade vinculada ou conjunto de bens que não podiam alienar-se ou dividir-se e que, por morte do possuidor, passavam para o filho mais velho; o possuidor desses bens.

Morganático - 1 - adj - Diz-se de casamento contraído por um príncipe com mulher de condição inferior; **fem.** diz-se da esposa em tal espécie de casamento.

Nobiliário - 1 - adj - Relativo à nobreza; **sm** - nobiliarquia.

Nobiliarista - 1 - s2 - Pessoa versada em nobiliários.

Nobiliarquia - 1 - sf - Arte ou livro que trata dos apelidos, armas, brasões, etc., da nobreza.

Nobiliárquico - 1 - adj - Relativo à nobiliarquia.

Nobilitarão - 1 - sf - Ato ou efeito de nobilitar.

Nobilitar - 1 - vt - Tornar nobre; dar foros ou títulos de nobreza; **vt pr** - tornar-se nobre.

Nobre - 1 - adj2 - Que é de descendência ilustre; que tem títulos nobiliárquicos **sm** indivíduo nobre.

Nobreza - 1 - sf - Qualidade de nobre; fidalguia; a classe dos nobres.

Nome - 1 - sm - Palavra que designa a pessoa; designação patronímica da pessoa (sobrenome).

Nome completo - a - sm – Nome contendo, no mínimo, prenome e apelido.

Nome composto – a – sm – Nome formado por dois ou mais nomes. Nome duplo ou múltiplo.

Nome familiar - a – sm – Nome com que são apelidados os descendentes através das gerações.

Nome de guerra – a - sm- Pseudônimo sob o qual alguém se torna mais conhecido em qualquer esfera de atividade.

Nome pessoal – a – sm – Nome próprio privativo de uma determinada pessoa.

Nome próprio – a - sm - Aquele com que se nomeiam individualmente os seres, e se aplica especialmente a pessoas, ações, povoações, acidentes geográficos, etc.

Nome simples – a – sm - Nome com uma só palavra, por oposição a nome composto, duplo, triplo, etc.

Nominata - 1 - sf - lista de nomes. Lista onomástica.

Nora - 1 - sf - Mulher do filho, em relação aos pais dele. **Masc.** genro.

Núbil – 1 – adj2 – Que está em idade de casar; casadouro.

Nubilidade – 1 – sf – Qualidade do que é núbil.

Octavô – a – sm – Oitavo avô.

Onomástica - 1 – sf - Lista de nomes próprios; explicação dos nomes próprios; **sin** onomástico.

Onomástico - 1 - adj - Relativo aos nomes, especialmente os próprios.

Orador – a – sm – Pessoa que pede dispensa matrimonial.

Padrasto - 1 - sm - Indivíduo em relação aos filhos que sua mulher houve de outro matrimônio; **fem.** madrinha.

Padrinho - 1 - sm - Testemunha de batismo ou casamento **fem.** madrinha.

Pai - 1 - sm - Homem em relação àqueles que procriou; genitor, gerador.

Pai civil - 1 - sm - O que resulta da adoção.

Parasematografia - 1 - sf - Heráldica.

Parasematográfico - 1 - adj - Relativo à parasematografia; **sin** heráldico.

Parasematógrafo - 1 - sm - Aquele que é perito em parasematografia; **sin** heraldista.

Parente - 1 - sm - Indivíduo que, em relação a outro ou a outros, pertence à mesma família. **adj** Que tem parentesco, que pertence à mesma família.

Parentes afins - 1 - sm - Parentes por afinidade.

Parentesco - 1 - sm - Qualidade de parente; laços de sangue.

Parentesco por afinidade - 1 - sm - Parentesco contraído com a família do marido ou da mulher em virtude de casamento.

Partilha - 1 - sf - Repartição dos bens de uma herança.

Partilhar - 1 - vt - Fazer a partilha.

Paternal - 1 - adj - Próprio de pai; como de pai.

Paternidade - 1 - sf - Qualidade de pai; relação de parentesco que vincula o pai a seu filho.

Paterno - 1 - adj - Do pai, relativo ao pai; procedente do pai.

Patriarca - 1 - sm - Chefe de família dos povos antigos; chefe de uma grande família de filhos, netos, bisnetos. **fem.** matriarca.

Patriarcal - 1 - adj - Relativo a patriarca.

Patronímico - 1 – adj – Relativo ao pai, especialmente a respeito de nomes de família; **sm** sobrenome, apelido, derivado do nome do pai.

Pedatura –3- sf – Tratado das filiações, ou genealogia.

Pentavô –a - sm – Quinto avô.

Perfilhação - 1 - sf - Ato ou efeito de perfilhar. Perfilhamento.

Perfilhamento - 1 - sm - Perfilhação.

Perfilhar - 1 - vt - Receber legalmente como filho; reconhecer voluntariamente um filho ilegítimo, no próprio termo do nascimento, mediante escritura pública ou por testamento.

Prenome - 1 - sm - Nome que precede o nome de família.

Primo - 1 - sm – Simplificação de primo coirmão. Indivíduo em relação aos filhos de tios e tias; parente sem outra designação especial.

Primo em segundo grau - sm – Primo tio ou primo sobrinho.

Primogênito - 1 - adj e sm - Que ou aquele que foi gerado antes dos outros; filho mais velho.

Primogenitura -1 - sf - Qualidade de primogênito.

Primos coirmãos - 1 - sm - Primos filhos de irmãos **sin** primos germanos.

Primos cruzados - 1 - sm - Designação da relação de parentesco entre primo e prima, filhos de irmão e irmã.

Primos direitos - 1 - sm - Designação de parentesco entre primo e prima, filhos de dois irmãos e duas irmãs.

Primos germanos - 1 - sm - Primos coirmãos.

Primos irmãos a – sm pl – Os primos filhos de dois irmãos. O mesmo que primos coirmãos ou primos germanos.

Primos segundos - 1 - sm – Primos tios ou primos sobrinhos.

Progênie - 1 - sf - Origem; procedência; ascendência; prole; geração **sin** progenitura.

Progenitura - 1 - sf - Progênie.

Prole - 1 - sf - Geração; progênie; filho ou filhos; descendência.

Pseudonímia - 1 - sf - Qualidade de pseudônimo.

Pseudonímico - 1 - adj - Relativo à pseudonímia.

Pseudônimo - 1 - sm - Nome falso ou suposto; **adj** - que assina suas obras com um nome que não lhe pertence. Diz-se da obra escrita ou publicada sob um nome suposto.

Raça – 1 – sf – Conjunto dos ascendentes e descendentes de um mesmo povo ou de uma mesma família; gente; casta; linhagem.

Ramo - 1 - sm - Cada família descendente do mesmo tronco; descendência.

Rei de Armas -3 - sm– Oficial da Corte responsável pelo cartório de registro e construção das armas de nobreza.

Sálica -3- adj f – Refere-se à lei sálica, sob cuja vigência as mulheres não herdam o trono.

Sobrenome - 1 - sm - Nome que segue ao primeiro de batismo; apelido.

Sobrinho - 1 - sm - Indivíduo em relação aos irmãos e irmãs de seu pai.

Sobrinho neto - 1 - sm - Indivíduo em relação aos irmãos e irmãs de seus avós.

Sogra - 1 - sm - (^) Pai do marido, em relação à mulher; pai da mulher, em relação ao marido. **Fem.** sogra. **pl.** sogros (^).

Solteiro - 1 – adj - Que ainda não se casou; **sm** - homem que ainda não se casou.

Tábua genealógica – 2 – sf – O mesmo que tronco.

Tataraneto - 1 - sm – Quarto neto. Variante de tetraneto. Evitar porque se confunde com trineto.

Tataravô - 1 - sm - Variante de tetravô.

Tetraneto – a – sm – Quarto neto.

Tetravô - 1 - sm - Pai do trisavô ou da trisavó. Variante, tataravô.

Tio - 1 - sm - Irmão dos pais em relação aos filhos destes; marido da tia em relação aos sobrinhos desta.

Tio-avô - 1 - sm - Irmão dos avós em relação aos netos destes. **Fem.** tia-avó; **pl** tios-avós ou tios-avôs.

Titular - 1 - adj2 - Que tem título honorífico; **s2** - pessoa nobre.

Título - 1 - sm - Denominação honorífica.

Toponímia - 1 - sf - Estudo linguístico ou histórico da origem dos topônimos.

Toponímico - 1 - adj -Relativo à toponímia; **a - sm** - Nome próprio derivado de um topônimo.

Topônimo - 1 - sm - Nome próprio de lugar.

Tredécimo avô – a – sm – Décimo terceiro avô.

Trineto – a – sm – Terceiro neto, filho do bisneto.

Trisavô - 1 - sm - Pai do bisavô ou da bisavó.

Tronco - 1 - sm - Origem de família, tábua genealógica. **a** – O mesmo que estípite. Pessoa que procede de outras, em relação a estas outras.

Undécimo avô – a – sm – Décimo primeiro avô. Hendecavô.

Uxório -1 - adj - Relativo à mulher casada.

Varonia - 1 - sf - Descendência em linha masculina.

Varonil - 1 - adj2 - Relativo a varão ou próprio dele.

Viúvo 1 - sm - Homem a quem morreu a mulher e não tornou a casar. **adj** que é viúvo.

IMPEDIMENTOS CONSANGUÍNEOS NO DIREITO CANÔNICO

Marcelo Meira Amaral Bogaciovas ¹

Resumo: Seguindo uma antiga orientação da Igreja Católica, o Concílio de Trento, no século XVI, procurou regulamentar o casamento entre parentes, estabelecendo mecanismos para verificação de parentesco e eventual dispensa de impedimentos. A partir de documentos guardados no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo é possível examinar tal prática e suas consequências sociais.

Abstract: In the 16th century, following a Catholic Church ancient orientation, the Council of Trent sought to regulate marriage between relatives establishing mechanisms for verifying kinship and eventual exemption from impediments. Documents from the Metropolitan Curia of São Paulo Archive support an analysis of such practices and their social consequences.

O Concílio de Trento (1545-1563) fez reiterar uma antiga determinação da Igreja Católica (a Bíblia se ocupa do assunto, inclusive) que procurava impedir o casamento entre parentes dentro do 4º grau de consanguinidade, com o intuito de diminuir o nascimento de crianças com problemas hoje denominados genéticos. Era o chamado impedimento consanguíneo no Direito Canônico e, para se obter licença para o matrimônio, fazia-se necessária uma dispensa do Papa. Este regularmente delegava poderes aos bispos para dispensarem os casos de parentescos não muito próximos. Ao Papa reservavam-se os parentescos muito apertados e múltiplos, onde poderia haver inclusive o envolvimento de razões de Estado.

¹ NOTA DA DIRETORIA DA ASBRAP: O presente trabalho esteve disponível no site da ASBRAP desde 16-DEZ-2006. Contudo, em razão da reformulação do site em 2022, republicamos o texto, *post mortem* do autor, sob forma de artigo, na Revista da ASBRAP nº. 30.

A matéria depois foi largamente tratada pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia², livro 1º, título LXVII, “Dos impedimentos do matrimônio; da prova que para eles basta, e dos que são obrigados a descobri-los”, mais exatamente na parte que trata de “Os impedimentos dirimentes são os seguintes”: “4. Cognação: é esta de três maneiras, natural, espiritual, e legal. Natural, se os contraentes são parentes por consanguinidade dentro do quarto grau. Espiritual, que se contrai nos sacramentos do batismo, e da confirmação, entre os que batizam e o batizado, e seu pai e mãe; e entre os padrinhos, e o batizado e seu pai e mãe; e da mesma maneira no sacramento da confirmação. Legal, que provém da perfeita adoção, e se contrai este parentesco entre o perfilhante e o perfilhado e os filhos do mesmo que perfilha, enquanto estão debaixo do mesmo poder ou dura a perfilhação. E bem assim entre a mulher do adotado e adotante e entre a mulher do adotante e adotado.” A Igreja mandava fazer pregões nas portas das igrejas antes da celebração do matrimônio para que os paroquianos se manifestassem em tempo se haveria algum impedimento entre os noivos. Estes, aqui chamados de oradores, realizavam os banhos (proclamas do casamento), processo no qual deveriam mostrar que eram livres (solteiros ou viúvos e não terem prometido casamento a outra pessoa) e que eram batizados. Havendo parentesco dentro do ‘grau proibido’ deveriam proceder a dispensa. Os banhos ficariam depositados nos arquivos paroquiais e as dispensas matrimoniais nos arquivos das câmaras eclesiásticas dos bispados.

O Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo (ACMSP) mantém a guarda de processos³ de banhos e de dispensas matrimoniais a partir do século XVII, antes mesmo da criação do bispado, o que mostra que muitos desses papéis foram remetidos de volta às paróquias de origem. São documentos de extrema importância para estudos genealógicos, históricos e sociais. No caso de São Paulo houve algumas bulas papais, concedidas à Companhia de Jesus, que dispensavam do parentesco os descendentes de neófitos (índios). Um simples depoimento dos oradores, corroborado pelo de testemunhas, era o suficiente para se conceder a dispensa em tais casos; curiosamente sem haver provas nem ao menos mencionar o grau de parentesco entre o orador e o elemento indígena. O processo mais antigo existente no ACMSP, entre Mateus Corrêa Leme e Cecília

² *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, feitas, e ordenadas pelo Ilustríssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Sebastião Monteiro Davide, bispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Magestade: propostas, e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707.* S. Paulo, 1853, Typographia 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes.

³ No ACMSP os banhos e as dispensas matrimoniais são arquivados como dispensas matrimoniais, o que na verdade se constitui em um equívoco. Deveriam ter sido catalogados distintamente.

Ribeiro, em 1667, na vila de Itu, já faz uso desse expediente⁴. Em outra dispensa matrimonial, promovida entre os oradores Baltazar do Rego Calheiros e Luzia Rodrigues de Almeida, a 2 de outubro de 1693, da cidade do Rio de Janeiro, o Chantre João Pimenta de Carvalho, concedeu dispensa aos noivos, apesar do impedimento de consanguinidade no 4º grau simples, explicando que fora

“concedida por delegação que em nos fes Sua Illustrissima em virtude do breve nelle concedido para dispensar e delegar o mesmo poder pelo Santissimo Papa Inocensio undessimo no ano de i688 o qual foi aceito neste Bispado no de i689 per tempo de dez ano”⁵.

Iguais pretextos vêm transcritos nas dispensas entre Bartolomeu da Rocha Pimentel com Úrsula Franco no ano de 1689⁶, e entre Matias de Mendonça e Luzia Leme⁷. A partir de 1667 (data do mais antigo processo), os oradores, com impedimento por parentesco, utilizaram à larga esse artifício nos processos, o que faz supor que seria uma simples estratégia para se obter a necessária dispensa, a tal ponto de se por em dúvida a veracidade da ascendência indígena dos oradores.

O impedimento consanguíneo no Direito Canônico produzia sérios problemas sociais na comunidade. Em parte, porque em um núcleo pequeno o parentesco facilitaria e tornaria muito habitual o relacionamento entre parentes próximos, o que era visto como incesto pela Igreja Católica. Maior problema ainda era o elevado custo para as despesas que correriam na dispensa matrimonial. Os lucros auferidos pelos bispos e vigários gerais eram grandes e eles não queriam abrir mão dessa fonte de renda. Como consequência, viam-se famílias, obviamente as menos dotadas, não constituídas pela bênção da Igreja e, inevitavelmente, uma certa libertinagem forçada pela situação. Esses reclamos eram costumeiramente dirigidos aos reis de Portugal que, na qualidade de Mestres da Ordem de Cristo, detinham importante parcela de poder na Igreja. Desta forma, a Rainha de Portugal, d. Maria I, percebendo essa grave situação que se instalara no Brasil, impetrou junto ao Papa, Pio VI, a bula, expedida em Roma a 6 de janeiro de 1790, que principia *Magnam profecto Curam*, onde se dava poder aos bispos do Brasil para dispensarem de graça “em todos os graus de parentesco (à exceção do primeiro de

⁴ ACMSP, processo nº 4-1-1, fls. 1 a 4-v.

⁵ ACMSP, processo nº 4-1-2, fls. 42-v e 43.

⁶ ACMSP, processo nº 4-1-2, fls. 17.

⁷ ACMSP, processo nº 4-1-1-, fls. 51.

consanguinidade assim em linha reta, como em linha transversal, e do primeiro de afinidade em linha reta somente), cuja faculdade podem e devem subdelegar em qualquer presbítero capa e idôneo na conformidade da mesma bula.”

A discussão acima veio exposta na Memória econômico-política da Capitania de São Paulo⁸. Como bem observou a Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara⁹, a citada bula papal tinha por intuito o de abreviar os processos de dispensa matrimonial, evitando a demora e diminuindo gastos. É difícil saber se ela foi adotada imediatamente ou se foi engavetada. Afinal, não servia aos interesses dos seus executores...

Nas dispensas matrimoniais, via de regra geral, os oradores faziam um discurso quase que igual nos vários processos ali pesquisados: as oradoras eram geralmente qualificadas como pobres (mesmo que não o fossem) e necessitadas do amparo de um marido; os oradores como capazes de as sustentar. Alegavam ainda que, em função do parentesco, os oradores frequentavam a casa das oradoras e, não se consumando o matrimônio, elas ficariam mal vistas e faladas, dificultando a possibilidade de contraírem outro casamento. Para ilustrar, é interessante descrever parte da alegação dos depoentes, os oradores Manoel Joaquim Bueno de Azevedo e Ana Xavier Leite¹⁰, parentes no 4º grau de consanguinidade, em 1812:

“Que os oradores sam das principais familias da vila de Itu, onde sam moradores, e por estarem naquela vila todas as boas familias ligadas em parentesco, nam pode a oradora axar consorte de sua qualidade, que nam seja parente, e nem tem dote suficiente para procurar consorcio fora da terra.”

A Igreja quase sempre se rendia aos argumentos, inclusive como forma de apaziguar os ânimos que se levantavam quando a dispensa parecia se tornar difícil e as partes envolvidas pegavam em armas para lavar a honra da noiva. O rígido controle das dispensas matrimoniais, através dos bispos nas suas dioceses perdurou até, pelo menos, a Independência do Brasil. Dependendo da autoridade do bispo ou do conservadorismo da região, avançou por muitos anos mais. Essa transferência da autoridade do Rei de Portugal para a do Imperador do Brasil,

⁸ MENDONÇA, Antônio Manoel de Mello Castro e. In Anais do Museu Paulista, vol. XV, São Paulo, 1961, pp. 98 e 99. O autor foi governador da capitania de São Paulo de 28 de junho de 1797 a 10 de novembro de 1802.

⁹ As mulheres, o poder e a família, Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, s/d, pág. 91.

¹⁰ ACMSP, processo nº 8-56-4156, fls. 20 em diante.

acrescida da liberalidade que dominava a Igreja no Brasil, promoveu um contínuo relaxamento na questão, observando-se casamentos entre parentes dentro do grau proibido sem a mínima menção de impedimento. Pelo atual Código de Direito Canônico¹¹, além dos parentescos por linhas diretas (pais, avós, etc.) só ficam proibidos os casamentos entre o que denominamos de primos irmãos (quando pelo menos um dos avós é comum) e entre tio (a)- avô (ó) e sobrinha (o)- neta (o).

As Ordenações do Reino de Portugal acompanhavam a contagem de parentesco do Direito Canônico que consistia em contar o número de gerações (grau) do tronco comum aos dois dos seus descendentes. Havendo igual distância do tronco dava-se o nome de parentesco igual; caso contrário, dava-se o nome de parentesco desigual. Assim, dois bisnetos são parentes no 3º grau igual, dois trinetos são parentes no 4º grau igual; enquanto que a relação de um bisneto com um trineto é a de 3º para o 4º grau. Havendo mais de um parentesco (ainda dentro do grau proibido) recebia o nome de parentesco misto. Deve-se salientar que era indiferente se a ligação se dava por via legítima (através do matrimônio) ou não.

Fontes

ACMSP – Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo

Referências

Código de Direito Canônico, promulgado por João Paulo II, Papa. 7ª ed., Edições Loyola: São Paulo, 1983.

Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, feitas, e ordenadas pelo Ilustríssimo, e Reverendíssimo Senhor Dom Sebastião Monteiro Davide, bispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Magestade: propostas, e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707. S. Paulo, 1853, Typographia 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes.

MENDONÇA, Antônio Manoel de Mello Castro e. *Memória econômico-política da Capitania de São Paulo*. In: Anais do Museu Paulista, vol. XV, São Paulo, 1961.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, s/d.

¹¹ promulgado por João Paulo II, Papa, 7ª ed., Edições Loyola, São Paulo, 1983, cânones 1091 e 1092.

SOBRENOMES OU APELIDOS NA HISTÓRIA E NA TRADIÇÃO LUSO-BRASILEIRA

Gilberto de Abreu Sodré Carvalho

Resumo: *Existe muita confusão, entre os curiosos por genealogia, quanto a dinâmica da adoção de um sobrenome por um indivíduo, seja pela própria pessoa, no passado, ou por seus pais, como seus representantes, a contar do início do século 20. Este artigo é uma cronologia e um inventário das múltiplas possibilidades de assunção de uma sobrenomeação, dentro da cultura luso-brasileira, por séculos.*

Abstract: *There is much confusion among genealogy enthusiasts regarding the adoption of surnames in the early 20th century, whether it had been done either by the individuals themselves or by their parents as legal representatives. This article is a timeline and inventory of the various possibilities for choosing a surname within the Luso-Brazilian culture.*

Este artigo é a reprodução parcial de um capítulo de meu livro “Homo Genealogicus – gênese e evolução do ser humano socialmente importante”, de 2017.

TRÊS FASES NA HISTÓRIA DA ADOÇÃO DE SOBRENOMES OU APELIDOS: DO CONDADO PORTUCALENSE AO BRASIL DO SÉCULO 21

Fase da integral portugalidade, do ano 1096 a 1850

Começa quando ainda não havia Portugal, ou seja, quando o território e o povo que seriam o berço do novo reino ainda eram o sul da Galícia do século 11, sob o nome de Condado Portucalense, atribuído a Dom Henrique de Borgonha.

Naquele tempo, não havia o que chamamos de sobrenome, ou apelido. Havia somente os patronímicos (fulano, filho de), as alcunhas; e as referências

à origem geográfica para a identificação social de alguém, quando necessário, inclusive como o nome de terra senhorial ou do bando medieval.

Apenas no século 13 o uso de patronímicos gera os apelidos, que eram repassados intergeracionalmente para além dos filhos, indo para netos e netas, e bisnetos e bisnetas. As alcunhas pessoais e topônimos aplicados seguem o mesmo caminho, o de aplicarem-se aos descendentes, ainda que sem qualquer obrigatoriedade dessa prática. De regra, neste longo tempo histórico, de cerca de oito séculos:

- as mulheres não alteram sua sobrenomeação ao se casarem;
- podem ocorrer mudanças de sobrenomeação, e mesmo do nome (João, Antônio, para outro), durante o curso de uma vida, por força do interesse da pessoa em um quadro de mudança de status social ou de deslocamento para um novo enraizamento em outra região do território português metropolitano, insular ou nos domínios coloniais;
- respeitam-se tanto as tradições maternas como paternas para a adoção de sobrenomes, o que se chama de “bilinearidade das tradições”, como um homem assumir o apelido usado por sua mãe; e
- as pessoas, quando usam em conjunto sobrenomes do pai e da mãe nos seus nomes completos, fazem constar primeiro o apelido do pai e depois o da mãe, nos moldes ibéricos tradicionais.

Durante esse longo tempo, tanto para Portugal quanto para a América Portuguesa e o Brasil, a questão dos sobrenomes existe no âmbito da estrita *portugalidade*. Ou seja, dentro das possibilidades endógenas portuguesas, sem contributos culturais estrangeiros.

Fase aos moldes franceses: de 1850 a 1988

Começa em meados do século 19, cerca de 1850. Vai, no caso do Brasil, até o final do século 20, com a Constituição Federal de 1988. Nesta fase, se impõe a influência francesa pós-revolução e pós-napoleônica: o sobrenome do marido passa a ser adotado pela mulher. Os filhos e filhas passam a tomar os

apelidos da mãe e do pai, nesta ordem, ou só assumir o sobrenome do pai.

A influência cultural francesa tomou toda a Europa, detidamente no século 18, com uma inflexão para cima decorrente da Revolução. Mesmo os britânicos tinham os franceses como referência. A língua comum às elites e governos europeus era o francês.¹

Esta fase tem importância na reflexão histórica, na medida em que se perde a memória social da anterior fase da estrita portugalidade. As pessoas, brasileiros em especial, têm em conta apenas o passado contido neste período, a fase à francesa, de não mais que um século e meio. A fase anterior, de muitos séculos, é em boa parte ignorada.

A fase à francesa vai durar até que novas influências sociais globais se tornem inexoravelmente atuantes na cultura portuguesa e na brasileira, como a igualdade entre homens e mulheres, mais o poder familiar conjunto de mãe e pai sobre os filhos e as filhas.

¹ Desde meados do século 19, tanto em Portugal como no Brasil, as mulheres, ao se casarem, passavam a portar, por seu gosto, o sobrenome do marido, ainda que isso não tenha sido, então, objeto de regra legal. Foi um “costume novo”, se assim se pode dizer. O fato é que, durante o século 19, a influência francesa sobre a nossa cultura foi notável. O que vinha da França nos parecia já verificado, comprovado como o melhor. De outro lado, tudo o que fosse genuinamente português era de baixo prestígio, visto como tacanho e arcaico, fora dos tempos modernos. Toda essa transformação cultural aconteceu por efeito de se ter formado na Europa, a contar da França, um novo tipo de hierarquia social. À semelhança do praticado no Reino Unido, que, sem sangue como se deu na França, resolveu suas tensões em favor da sua burguesia. A hierarquia social moldada pelos burgueses, confirmada pela Revolução Francesa e pela marca de Napoleão Bonaparte, é dominada pela burguesia em sua manifestação industrial e comercial. As antigas formas aristocráticas de geração de riqueza, pela propriedade de terras e de direitos sobre o comércio e a indústria, perdem seu protagonismo. Agora, os burgueses, vitoriosos, se mesclam com os aristocratas. No Brasil, por ocasião da transmigração da Família Real e sua corte, no início do século 19, ocorre no Rio de Janeiro uma última exibição dos costumes, valores e hábitos do Antigo Regime português. Dom João VI volta a Portugal, em 1821. Com Dom Pedro I, passa-se a ter, ao menos no Rio de Janeiro, a influência direta da cultura burguesa afidalgada da França pós-Revolução e pós-napoleônica. Essa influência aumentará aos poucos até a coroação de Dom Pedro II, em 1840. Em seguida, se tornará avassaladora, marcadamente quando da instauração do Segundo Império Francês, em 1852, com Napoleão III (Del Priore e Venancio, 2011, p. 183-184).

Fase da alta modernidade: de 1988 ao presente

Chega ao fim a modernidade da Revolução Francesa e da emergência da burguesia, que tomou a Europa e o Ocidente, desde o Iluminismo. Agora, há um mundo multilateralizado em termos de valores e tradições, que comporta a possibilidade de tudo poder ser aceito ou tolerado; não há mais condutas certas absolutas ou condutas erradas absolutas.

A Alta Modernidade pode ter, como marco inicial, no Brasil, as discussões da Assembleia Constituinte, seguidas da promulgação da Constituição Federal de 1988. Neste tempo, afirmam-se os valores igualitários entendidos como normativos para toda a humanidade.

Nos nossos dias, sem que se tenha retornado à “bilinearidade das tradições” contida na estrita portugalidade, mas sim como fenômeno generalizado no Ocidente, há igualdade entre homens e mulheres, no referente a sobrenomes, com desdobramentos que incluem os núcleos familiares homoafetivos.

Por meio da lei e do cumprimento dos processos judiciais próprios, os nomes e os sobrenomes podem ser objeto de mudança, desde que se protejam os interesses públicos e a segurança jurídica. Os profissionais de advocacia transgêneros, no Brasil de 2017, por decisão da Ordem dos Advogados do Brasil (o órgão supervisor da prática advocatícia), foram autorizados ao uso do nome profissional escolhido autoidentitariamente, a constar formalmente das suas carteiras de identificação. Ocorrem também nomes e sobrenomes adotados informalmente por artistas e políticos, bem como por pessoas comuns, em suas apresentações em blogues ou páginas nas redes sociais.

MARCOS TEMPORAIS BRASILEIROS NA ADOÇÃO DE SOBRENOMES OU APELIDOS

- **Desde o ano de 1540** (com o início da ocupação portuguesa) **até 1850**

Já se pode falar de sobrenomes na América Portuguesa.

Antes, no que seria o território da América Portuguesa, os indígenas se dividiam em centenas de grupamentos linguísticos e etnias, em que cada

qual devia ter, ou não ter, seu sistema de sobrenomeação. Com a chegada dos portugueses e a instalação de paróquias católicas, passou-se a fazer os registros de nascimentos, casamentos e óbitos. As alternativas de escolha de sobrenome na idade adulta, dentre os da tradição portuguesa, eram usadas.

O indivíduo indígena não cristianizado mantinha suas regras, bem como os eventuais estrangeiros europeus. Os ameríndios aculturados e convertidos seguiam as normas católicas.

• **Desde o ano de 1850** (aproximadamente)

Parte substancial da população brasileira passa a seguir o costume francês de colocar o sobrenome decorrente do pai por último, com o da mãe logo junto ao nome, em contrariedade ao padrão da cultura portuguesa, que estabelecia o contrário: pai, primeiro; mãe por último. A tomada de apelido continua a ser feita na idade adulta, pelo interessado, homem ou mulher, uma vez que só o seu primeiro nome era dado à criança ao nascer. As mulheres, ao casarem, passam a assumir o sobrenome do marido, também por imitação dos franceses e ingleses.

Surge e cresce numericamente uma população de imigrantes que já praticava, em suas etnias, o mesmo costume francês. Os sobrenomes estrangeiros são ou não aportuguesados. Os indígenas que não tivessem sido aculturados como católicos mantinham suas tradições.

• **Desde o ano de 1863**

Pelo decreto 3.069, de 17 de abril de 1863, a governação imperial reconhece os efeitos civis (jurídicos) dos casamentos acatólicos. Estes não são registrados nos livros principais das paróquias, mas nos seus livros secundários ou nos assentamentos municipais.

Só eram admitidos tais efeitos civis para os registros acatólicos de casamentos de fiéis de religiões cristãs reconhecidas pelo Papado, como o caso do luteranismo.²

• **Desde o ano de 1874**

Passam a existir, desde o decreto 5.604, de 25 de abril de 1874, os cartórios de Registro Civil, para os assentamentos de nascimentos, de

² Esse assunto é de relevância histórica e genealógica. Não tive como escrever mais por falta de fontes. A religião oficial do Império do Brasil era o catolicismo. Não sei como foi a recepção prática dessa lei, ou quando começou a ser usada. Trata-se de tema para um trabalho monográfico alentado.

casamentos e de óbitos. Tais registros oficiais do Império do Brasil existem em paralelo ao sistema da Igreja Católica, feito pelas paróquias.

• **Desde o ano de 1889**

Em vista de legislação específica, os registros civis (nascimentos, casamentos e óbitos) devem ser necessariamente feitos em cartório do Registro Civil. A Igreja Católica e qualquer outra igreja ou organização religiosa deixam de ter competência suficiente para os registros relativos às pessoas naturais.

• **Desde o ano de 1890**

O decreto 181, de 24 de janeiro de 1890, baixado pelo presidente Deodoro da Fonseca, estabelece o casamento civil. As pessoas não mais precisam da Igreja Católica, ou de outra igreja, para se consorciarem.

• **Desde o ano de 1916**

Torna-se obrigatória, em vista do Código Civil, de 1916, a assunção pela mulher do apelido do marido, no ato do casamento. O que era costume importado dos franceses e ingleses passa a ser obrigatório por lei.

• **Desde o ano de 1940 (com a Lei dos Registros Públicos)**

O sobrenome deixa de ser tomado pelo interessado, por sua vontade na idade adulta. Cada criança passa a ter o nome completo imposto por ocasião do seu nascimento. Não há, no entanto, qualquer regra legal que obrigue a adoção do mesmo sobrenome por todos os irmãos e irmãs de mesmos pai e mãe. Por regra havida dos costumes, o sobrenome do nascido podia ser o de um dos pais, ou dos dois, ou de avós, conforme fosse requerido ao oficial do Registro Civil. Caso o declarante não se manifestasse quanto ao sobrenome do recém-nascido, este seria determinado pelo oficial do Registro Civil, pela aposição do sobrenome do pai ou o da mãe, se a paternidade não fosse reconhecida.

Ao atingir a maioridade, a pessoa podia, pelo prazo de um ano, requerer a alteração de seu sobrenome, sendo o seu primeiro nome imutável. Poderia a qualquer tempo o requerer em caso de motivos relevantes.

• **Desde o ano de 1973**

A nova Lei dos Registros Públicos trouxe mudanças ao dizer que

a alteração de nomes, possível durante o ano que se seguir à maioridade. Assim, o primeiro nome deixou de ser imutável, como queria a antiga Lei dos Registros Públicos. O resto se manteve.

• **Desde o ano de 1977**

Com as alterações legais simultâneas à Lei do Divórcio, a obrigatoriedade de a mulher tomar o sobrenome do marido, ao se casar, deixa de existir: ela pode ou não dotar-se do sobrenome do marido. A regra de tomada obrigatória durou apenas sessenta anos; desde 1916, com o Código Civil. As demais regras legais vigentes desde 1940, com a pequena mudança de 1973, permanecem em vigor.

• **Desde o ano de 1988**

A nova Constituição Federal determinou a igualdade entre homens e mulheres. Por tal, a preferência pelo homem foi afastada da vigência de qualquer texto legal e da prática em qualquer situação na vida social.

• **Desde o ano de 2002 até o presente**

Reafirmando o já contido na Constituição Federal, o novo Código Civil, de 2002, determina que qualquer dos cônjuges, marido ou mulher, poderá acrescer ao seu o sobrenome do outro, ou manter o seu sem alterações. Todas as demais regras legais continuam.

Nos tempos correntes é possível ainda a tomada do sobrenome de padrastos ou madrastas.

A evolução dos costumes e a abertura da lei levam a aceitar-se, por procedimento judicial, a tomada de sobrenomes, de um ou de outro parceiro ou parceira, também no âmbito dos casais homoafetivos.

Os tempos da Alta Modernidade fazem possível o uso de composições criativas para o nome e sobrenomes dos artistas, políticos, profissionais e pessoas comuns, essas últimas em seus blogs ou nas redes sociais. Não importa que tais designações pessoais sejam ou não registradas como novos nomes completos no registro civil. Com ou sem registros legais, tais nomes e sobrenomes têm curso social.

SESSENTA POSSIBILIDADES DE ADOÇÃO DE SOBRENOME OU APELIDO

O sobrenome, ou apelido como se diz mais em Portugal, portado por uma pessoa hoje, no âmbito da cultura luso-brasileira, é decorrência da tomada dessa mesma sobrenomeação (usamos esse termo para qualquer *aposto* aditado ao nome da pessoa) por alguém. Seja essa assunção feita agora ou por alguém no passado a quem se avoca a escolha e que passa a ter uma sobrevivência intergeracional por conta de um bem-sucedido avocador contemporâneo.

A discussão desse tema é de grande importância na pesquisa genealógica, em especial para pesquisadores de dados primários.

Por quê? Porque qualquer mapa intergeracional de uma pessoa demonstra que os sobrenomes são intergeracionalmente descontínuos na linha patrilinear, em contrariedade ao que ocorre no Reino Unido, por exemplo. A descontinuidade intergeracional também se dá com os sobrenomes adotáveis imediatamente da mãe. Isso tudo se explica, como já dito, pelo fato de apenas na primeira metade do século 20, tanto em Portugal como no Brasil, o nome inteiro passa a ser obrigatório, por lei, no registro de nascimento, pelos pais ou responsáveis. Antes, cabia só o registro do primeiro nome ou prenome do nascido (como José, Custódio, Luiz, Maria, Catarina de Jesus), que no curso da vida interpessoal escolhia como sobrenomear-se, sem limitações ou orientações de ordem legal.

Isto posto, abaixo, é feito um levantamento de sessenta modos básicos de sobrenomeação que se fizeram, no tempo intergeracional, sobrenomes ou apelidos. Não é seguida uma linha cronológica da ocorrência do tipo de adoção.

1º modo – PRIMEIRO NOME DO PAI COM SUFIXO

O primeiro modo é o do patronímico típico, ou seja, a tomada do nome do pai. Se o pai se chama Rodrigo, o filho se diz José do Rodrigo ou, no curso evolutivo, Rodrigues. Este modo de formação de apelido é iniciado na Idade Média. Com o tempo, os patronímicos passaram a ser usados pelos netos e bisnetos, homens ou mulheres, tornando-se assim um sobrenome sem novas mudanças com o suceder das gerações.

2º modo – PRIMEIRO NOME DO PAI

Trata-se de uma variação do precedente. É a situação em que um nome de batismo passa a ser usado como sobrenomeação. Este procedimento ocorre como variação da tomada do nome de batismo do pai, no genitivo (“filho de”). Desta vez, no entanto, não se faz o tratamento linguístico, como em Álvares, que vem

de Álvaro; ou Rodrigues, que vem de Rodrigo. Simplesmente se assume o nome do pai no nominativo. Exemplos: Dinis, Duarte, Godinho, Gil, Manuel, Filipe (Felipe), Garcia, Afonso, André, Luiz (Luís), Lourenço, Baltazar, Osório, Egas, Cosme e Miguel. Pode ainda ocorrer de tomar-se o nome do pai no diminutivo, tal qual o pai era conhecido, como: Antoninho, Afonsinho.

3º modo - NOME DA MÃE

Para complicar o nosso assunto, também havia em Portugal e na América Portuguesa, até o século 17 pelo menos, a prática do matronímico. Isto é, as mulheres aditavam o nome de suas mães como sobrenomeação, por exemplo: Maria da Ana. Esse costume se via nas áreas rurais e no meio popular. Por vezes, os homens assumiam o nome de sua mãe, quando não conheciam seu pai ou pela importância da mãe em relação à desimportância do pai, como: “Pedro da Maria”, “Antônio da Teresa”. Era possível até mesmo que os companheiros homens fossem conhecidos mediante a referência a suas mulheres. No interior do Brasil, ainda hoje se vê isso. Todos esses casos podiam levar à formação de sobrenomeações, repassáveis à descendência como típicos apelidos.

4º modo - MUDANÇA DE GÊNERO DA SOBRENOMEAÇÃO DO PAI OU DA MÃE

Até por volta do século 18, algumas mulheres passavam a sobrenomeação do pai para a forma feminina. Ocorreram casos contrários: o filho mudar o gênero da sobrenomeação da mãe. Assim, eram até comuns os nomes completos como Catarina Brandoa (Brandão), Maria Carvalha (Carvalho), Francisca Coutinha (Coutinho). Ou Bento Brandão (Brandoa).

5º modo - FIGURAS E EVENTOS CRISTÃOS DE DEVOÇÃO

Trata-se da sobrenomeação baseada em eventos e elementos do catolicismo, costume tanto de cristãos-velhos como cooptado por cristãos-novos. São sobrenomes como Jesus, Rosário, Batista, Paixão, Conceição, Ascensão, Apresentação, Nossa Senhora, Crucificado, Salvador, Ramos, Quaresma, Cristo, Chagas, Aleluia, Crucificado, Cruz, Espírito Santo, Sacramento, Nascimento, Trindade. Estas sobrenomeações nasceram do uso de nomes de batismo compostos, como “Maria das Dores”, “João Evangelista”, “João Batista”. Eram postos na gente simples ou mesmo em gente da camada superior. Podiam também ser acrescentados, posteriormente, como sobrenomeações. Assim, uma Maria podia tornar-se Maria da Conceição, ou um João passar a João de Nossa Senhora das Dores, seguindo-se, ou não, uma sobrenomeação secular qualquer, como Moreira, Araújo, de

Almeida. As mulheres do povo não costumavam adotar sobrenomes comuns, mas sim um complemento de devoção (das Dores, de Jesus etc.) a título de sobrenome, quando isso já não tivesse sido feito por ocasião do batismo. Ocorria também de homens e mulheres, ao se internarem em mosteiros e conventos, complementarem seus nomes de batismo com sobrenomeações como Antônio ‘da Apresentação’, Manuel “do Rosário”. Ou: Maria “de Todos os Santos”, Teresa “da Anunciação”.

6º modo - NOME DE SANTOS E SANTAS CATÓLICAS

É o caso de sobrenomeações como “de São João”, de “Santa Clara” etc. Estes sobrenomes podem ser tanto de origem toponímica, como o patrono de uma freguesia, como indicar uma devoção autônoma ao santo ou à santa.

7º modo - NOME DE BANDO MEDIEVAL GALEGO DO SÉCULO 12

Nos séculos 10, 11 e 12, houve estirpes nobres que se apoderaram das terras, senhorios de castelos e estabeleceram seu padroado a mosteiros e igrejas na atual região norte de Portugal, tudo sob o consentimento do rei de Leão e em seguida pelo conde Dom Henrique e o rei Dom Afonso Henriques. Os mais conhecidos e documentados grandes grupos familiares extensos são os da Maia; os de Bragança, ou Braganções; os de Sousa, ou Sousões; os de Baião; os de Riba-Douro; e mais os da Silva, Fafes, Lanhosos, de Penegate, da Várzea, Velhos, de Barbosa, da Palmeira e Soverosas. Tais designações não eram sobrenomes ou apelidos, mas sim menções identificadoras usadas irregularmente no tempo, que foram adotadas pelos historiadores modernos e contemporâneos. Decorriam da terra principal que dava assento de poder a estirpe dominante de cada concerto patrimonial e se aplicava a todos os dependentes e agregados de cada chefe de bando, este reconhecido como da mais alta nobreza, a dos ricos-homens. Pela expressão “bando”, de cunho historiográfico, se refere o conjunto de homens de guerra suportados por uma base econômica de agricultores e artesãos. Tais designações foram adotadas como sobrenomeações e, em seguida, como sobrenomes, nos séculos posteriores à perda de poder dessa gente, seja por descendentes diretos ou por descendentes de agregados e criados, e mais gente por gosto próprio.

8º modo - DESIGNAÇÃO DE CASA NOBRE

São os sobrenomes que remetem a uma casa nobre da Grande Nobreza ou a uma de gente simplesmente afidalgada que busca repetir os costumes dos poderosos. São os apelidos que nasceram dos apelidos de estirpe. Nesta lógica, o apelido de estirpe se diferencia dos sobrenomes ou apelidos tomados sem a

intenção de mostrar pertencimento. Com o tempo, esses ditos apelidos de estirpe tornam-se compartilhados por gente que nada tinha com a casa nobre e a família de origem. Sobrenomeações “da Silva” e “de Sousa”, que são hoje sobrenomes tão comuns, têm berço em casas muito antigas, posteriores à fase dos bandos.

9º modo - CASA DE QUE SE É AGREGADO OU CRIADO

Este é o modo de tomada de sobrenomeação de homens e mulheres que sejam residentes no âmbito domiciliar de uma casa nobre portuguesa e que, de algum modo, dependam do chefe da casa. Essas pessoas têm pouco ou nenhum parentesco com a dinastia senhorial ocupante da casa. Por vezes, pessoas menos ligadas a uma casa se fazem conhecer ou são referidas como sendo membros dela. Por exemplo, um parente distante, homem ou mulher, de um ramo principal de uma família ou casa, se diz ser dela. Pode ocorrer que ninguém da família nuclear o reconheça como um dos seus, mas a sobrenomeação, mesmo assim, é assumida e pode fixar-se nos seus descendentes. Outro exemplo é o de alguém ligado por relação de dependência ou clientela a uma casa nobre, que se faz chamar ou é chamado pela sobrenomeação que remete à mesma casa. E assim, com ou sem o ‘de’, surgem os Almeidas e os Abrantes, sem qualquer relação com os principais dessas sobrenomeações no plano da nobreza.

10º - ORIGEM GEOGRÁFICA

É uma forma distinta da anterior. Só no exame superficial parece ser a mesma coisa. Trata-se aqui da assunção de apelido pela referência a uma freguesia, concelho, vila, aldeia ou cidade, por alguma ligação que o indivíduo (ou aqueles que o chamam e o identificam) entenda como relevante, sem que ele seja nascido lá. Como exemplos, sem ou com o «de», tem-se: Almeida, Vimioso, Elvas, Castelo Branco, Pena, Oliveira, Covilhã, Linhares, Cantanhede. Por estranho que seja, muitos nomes de árvores ou de objetos outros são, em rigor, designações de povoações fixadas no contexto físico português. Na experiência brasileira, esse modo também ocorreu; por exemplo, com os sobrenomes Ubatuba e Sorocaba. As sobrenomeações deste modo ocorrem quando alguém migra de um canto a outro no espaço cultural português, dentro da metrópole, para as ilhas, ou para as colônias. É uma forma de o indivíduo ser identificado pela origem geográfica. Surge assim um “de Almeida”, por ser uma pessoa egressa da cidade daquele nome que está em outra região. Observo que não faria sentido alguém ser melhor identificado com este sobrenome caso se mantivesse residente e ativo na cidade de Almeida.

11º modo - DESIGNAÇÃO POR EVIDÊNCIA GEOGRÁFICA OU RURAL

Trata-se de sobrenome que, de origem, identificou alguém por sua relação como uma referência que seria genérica para os estranhos, mas muito conhecida por quem estivesse na mesma comunidade da pessoa sobrenomeada. São apelidos como: Roça (também Rossa), Oliveiras, Ribeiro, Costa (no sentido de litoral), Rêgo, Rio, Vale, Monte, Ilha, Couto, Rego, Coutinho, Gândara (ou Gandra), Lago.

12º modo - SOBRENOMEAÇÃO MATRONÍMICA

Esta modalidade foi comum desde o começo do reino de Portugal até o século 19. Trata-se de as mulheres reproduzirem, como sua sobrenomeação, a usada pela mãe. De regra, esse procedimento era uma tradição de família, podendo ter começado com a tetravó, que primeiro assumia a sobrenomeação de sua mãe e não do seu pai. Isto é uma afirmação da sucessão pelo lado da mãe, mas não é um desrespeito ao pai; é um costume, apenas. É o caso da matrilinearidade das mulheres, em uma repetição da patrilinearidade dos homens.

13º modo - ALCUNHA POR CARACTERÍSTICA FÍSICA

É o modo de sobrenomeação pela aposição de uma característica da pessoa, seja ela favorável ou negativa, mas que identifique o seu detentor. Estas alcunhas, de modo geral, são definidas por terceiros e não pelo próprio sobrenomeado. Este a aceita e, com o tempo, transmite-a para sua descendência. São exemplos de sobrenomeações por alcunha: Branco, Preto, Moreno, Gordo.

14º modo - ALCUNHA POR PROFISSÃO E OFÍCIOS

É interessante como as alcunhas relacionadas a profissões e ofícios não foram adotadas, em quantidade, em Portugal, na América Portuguesa e no Brasil. O fato de serem raras entre nós indica a busca cultural portuguesa por qualidade social superior. O trabalho manual era desprezado na medida em que indicava o plebeu e o subordinado, denotando o pertencimento a uma qualidade social inferior. Exemplos de sobrenomeações com origem em ofícios são: Pedreiro, Serralheiro, Monteiro, Sapateiro.

15º modo - ALCUNHA POR EFEITO DE AXIÔNIMO

É o modo de sobrenomeação pelo exercício de um cargo ou condição social

favorável, como Bispo, Vassalo, Escudeiro, Cavaleiro, Conde, Camarista, Duque.

16º modo - ALCUNHA POR DESIGNAÇÃO DE ÁRVORE

É o modo de sobrenomeação pelo fato de alguma ligação da pessoa com um tipo de árvore que faça com que o indivíduo seja melhor identificado, como: Carvalho, Pinheiro, Oliveira, Carnáuba, Figueira. O detentor a quer ou a aceita, e os descendentes a repetem. Algumas vezes, como no caso de Carvalho, Oliveira e Pinheiro, pode ocorrer de não serem alcunhas, mas sim designações toponímicas (geográficas), ou de casa (nome de morgado) ou situação de agregado a uma casa.

17º modo - ALCUNHA POR DESIGNAÇÃO DE ANIMAL

Usa-se a designação de um animal como alcunha. É uma variação possível da alcunha por característica física ou de alcunha por profissão, atividade ou condição. Exemplos: Lobo, Carneiro, Leitão, Corvo.

18º modo - ALCUNHA PELA INDICAÇÃO DE PARENTESCO

É o modo de sobrenomeação pela referência a uma relação de parentesco com alguém mais conhecido e de algum prestígio na comunidade. Normalmente, surge como um adendo ao sobrenome compartilhado com a pessoa importante. Com o tempo, os descendentes fazem deste apêndice um elemento permanente, tornando-se assim um sobrenome que poderá ou não ser adotado sozinho. São exemplos: Júnior, Filho, Neto, Parente, Primo.

19º modo - ALCUNHA POR DESIGNAÇÃO DA ORIGEM ÉTNICA OU REGIONAL

Difere da sobrenomeação por origem geográfica porque remete principalmente à condição de pessoa como parte de uma tradição histórica. São sobrenomes com Beirão (pessoa da Beira, Portugal), Pernambucano, Galego, Alemão, Bahiense.

20º modo - DIMINUTIVO DE ALCUNHA

Por alguma razão, o próprio iniciante do sobrenome ou um seu adotante posterior passa o apelido para a forma diminutiva, como: “Cabecinha”, “Formosinho”. Pode ser que isso se dê, entre outras hipóteses, por se desejar um contraste com a alcunha originária.

21º modo - DIMINUTIVO DE SOBRENOME EM GERAL

Por efeito de diferenciação, o próprio iniciante do sobrenome ou um seu adotante posterior passa o apelido para a forma diminutiva de um apelido por alcunha, como “Ferreirinha”, “Almeidinha”, “Pinheirinho”.

22º modo - DESIGNAÇÃO DE ORDEM INTERGERACIONAL

Difere do anterior por não nascer de uma alcunha. Trata-se do uso como apelido composto do que antes era simples indicação de posicionamento quanto a homônimos na mesma linhagem, como; “Siqueira Filho”, “Siqueira Júnior”, “Siqueira Neto” ou “Siqueira Sobrinho”.

23º modo - SOBRENOME DO PADRINHO OU MADRINHA, OU DE OUTROS

É aquele no qual se adota o apelido do padrinho ou da madrinha, ou ainda dos avós, tios ou tias, em especial se esses tinham maior expressão e prestígio social. Observo que corriam muitos anos entre o nascimento e a idade que o indivíduo escolhia ou aceitava um sobrenome. Isto fazia com que se pudessem fazer escolhas mais sábias no sentido prático ou mesmo de gratidão genuína. Hoje em dia, esta modalidade tem dificuldades para sua afirmação. Ocorre que muito se depende das regras das corregedorias dos tribunais de justiça dos estados brasileiros e do Distrito Federal. Cada qual poderá ser mais ou menos tolerante. Por certo, pode-se tomar o sobrenome do padrinho, da madrinha ou de qualquer um como parte do nome (a designação primeira, que antecede a sobrenomeação), o que não é discutível. No entanto, é difícil ser aceita a sobrenomeação adotada de terceiro como o único sobrenome apostado ao nome, embora não seja impossível.

24º modo - SOBRENOMES EXÓGENOS À CULTURA GALAICO-PORTUGUESA

São os sobrenomes vindos de outras etnias e trazidos a Portugal e Brasil com os imigrantes.

25º modo - CONVERSÃO AO CATOLICISMO

É o caso da aquisição de apelidos cristãos por conversos (inclusive os de confissão islamita) e os cristãos-novos do final do século 15, com o rei dom Manuel I. Os conversos de todos os tempos, em todos os reinos hispânicos, desde a Baixa Idade Média e do domínio dos visigodos, bem como os cristãos-novos, do tempo do rei dom Manuel, tomaram sobrenomes cristãos comuns. Pelo sobrenome,

não há como distinguir um descendente de cristão-velho de um descendente de israelita. As sobrenomeações da Grande Nobreza eram disponíveis aos cristãos-novos, isto não representando violação dos direitos da nobreza a assunção de um destes apelidos.

26º modo - SOBRENOMES ASSUMIDOS POR EX-ESCRAVOS EM PORTUGAL

Não conheço especificamente o processo de adoção de sobrenomes pelos ex-escravos em Portugal. Lá o escravismo durou até meados do século 18. É provável que a tomada de sobrenome tenha-se dado livremente, como era do costume geral, sem regramento legal, e sem oposição dos antigos sobrenomeados.

27º modo - SOBRENOMES ASSUMIDOS POR EX-ESCRAVOS NO BRASIL

Esta modalidade se assemelha à tomada de sobrenomeação da madrinha ou do padrinho de batismo, ou até mesmo de crisma. Assemelha-se também à tomada de sobrenome relacionado a uma casa, sem que o interessado seja um agregado ou criado. Na América Portuguesa e no Brasil, os escravos libertos costumeiramente assumiam os sobrenomes de seus antigos amos, muitas vezes também seus padrinhos e suas madrinhas. É curioso como, tanto aqui quanto em Portugal, a tomada de um apelido de prestígio por um ex-escravo não significava demérito para os seus antigos senhores, mas marca de poder simbólico.

28º modo - GENTÍLICOS E TOPÔNIMOS INDÍGENAS POR GENTE NÃO NATIVA

Este modo, ocorrente no Brasil, consistia no uso de sobrenomeação de gosto nativista ou indígena brasileiro; seja por escolha livre ou por indução de um título nobiliárquico do Império do Brasil. A pessoa podia não ter relação com um passado genealógico ameríndio, mas importava a ideia de ser brasileiro “de corpo e alma”. Quando tinham origem em título de nobreza, usava-se a partícula “de”. Assim se têm; Tamoyo, Tapajós, Tupinambá, de Paranaguá, Jaguaribe, de Paraná, de Guamá. De início, o apelido era posto em seguida à sobrenome que já se tinha. Posteriormente, podia ganhar exclusividade como sobrenome único dos filhos e dos netos.

29º modo - GENTÍLICO INDÍGENA POR GENTE DESSA ORIGEM

Trata-se da tomada da própria origem étnica ameríndia como apelido. Não deve ser confundida com o modo logo acima. Por certo, não há sobrenomeação

nativista quando a pessoa de etnia indígena evidente assume a designação de seu clã tribal como sobrenome, à semelhança das sobrenomeações decorrentes dos bandos medievais portugueses. Passa a ser comum, a contar da segunda parte do século 20, quando há uma emergência do orgulho de ser indígena. Antes disto, os índios preferiam ter apelidos portugueses.

30º modo - VARIAÇÕES DE GRAFIA DO SOBRENOME

Muitas vezes, um mesmo sobrenome é alterado em sua grafia por efeito da vontade do adotante ou de quem faz o assentamento nos registros paroquiais ou civis. Ocorre de se ter ao mesmo tempo pessoas sobrenomeadas com Castello Branco, Castelo Branco, Castelo-Branco e mesmo Castel' Branco. Há Moreyra e Moreira, Mello e Melo, Britto e Brito, Souza e Sousa, Avellada e Aveleda, Sequeira e Siqueira, Moraes e Morais, Paes e Pais, Pessanha e Peçanha. Estas diferenças pouco importam quanto a indicarem uma verdadeira novidade, ou seja, pode haver parentes de mesmo tronco que usem grafias diferentes do seu sobrenome em comum e não parentes que usam a mesma grafia do sobrenome que compartilham.

31º modo - MUDANÇA POR ALTERAÇÃO FONÉTICA E DE SENTIDO

Por vezes, por simples e pequena mudança da grafia surge uma mudança da palavra, a palavra se torna outra. Um sobrenome como "Mouro", que denota a origem árabe, se torna "Moura", que não tem esse significado.

32º modo - APELIDO ESTRANGEIRO ALTERADO NA IMIGRAÇÃO

É a manutenção com modificações de um apelido estrangeiro, não português, especialmente em decorrência das imigrações para o Brasil, no século 19 e em seguida. Esses sobrenomes, ainda que escritos no alfabeto latino, podem por vezes ter sido mudados na grafia pelos funcionários públicos, quando da chegada do imigrante. O mesmo abasileiramento podia ocorrer para o nome da pessoa e dos filhos. Giuseppe, primeiro nome, se torna José e o apelido Camagno vira Camanho.

33º modo - APELIDO EM NOTAÇÕES NÃO LATINAS

As sobrenomeações originariamente escritas com caracteres diferentes daqueles do alfabeto latino são transliterados. É o caso dos apelidos de origem russa, árabe, japonesa, chinesa e coreana. A transliteração malfeita é, nas gerações seguintes, por vezes consertada.

34º modo - SOBRENOME ESTRANGEIRO SEM MUDANÇAS

Neste caso se mantém o apelido estrangeiro, não português, em decorrência das imigrações para o Brasil, no século 20, segunda metade. Estes sobrenomes, quando grafados originariamente em sistema não latino, são reproduzidos o mais parecido possível. Este fato é resultado da aceitação crescente de um Brasil multiétnico.

35º modo - SOBRENOMES NÃO COMPARTILHADOS POR IRMÃOS E IRMÃS

Por longo tempo na história da nossa antroponímia genealógica tem sido comum a prática de irmãos e irmãs adotarem sobrenomes diferentes. Esse costume foi substituído, em meados do século 19, pela busca de uniformização: todos com o mesmo apelido. No entanto, mesmo hoje, no século 21, pela lei brasileira, não é proibido os pais atribuírem sobrenomeações diferentes para os seus filhos e filhas, por ocasião do registro civil dos seus nascimentos. Isto posto, ainda ocorrem casos de filhos, de mesmos pai e mãe, com sobrenomes diversos. Outra possibilidade de sobrenomes diferentes é o decorrente de variações no curso da vida de cada um, como por efeito de casamento, adoção e mudança por procedimento judicial.

36º modo - SOBRENOMES COMPARTILHADOS POR IRMÃOS E IRMÃS

O costume de adoção, por irmãos e irmãs, do mesmo sobrenome surgiu em meados do século 19. Curiosamente, não houve legislação que tornasse obrigatória a adoção do mesmo apelido por todos os irmãos e irmãs inteiras. Nos séculos 20 e 21, essa prática cultural se tem firmado, sob a aparência de maior civilização, a trazer a ideia de que exista um apelido que decorra da família e não seja uma questão do indivíduo.

37º modo - SOBRENOME DO MARIDO

Trata-se do apelido adquirido por efeito do casamento. A mulher, antes solteira, viúva ou divorciada, assume, em adição ao seu sobrenome, o do seu marido. No Brasil, a adoção do apelido do marido tornou-se obrigatória pelo Código Civil de 1916, artigo 240, como já tratado acima. Isto durou até a Lei do Divórcio, em 1977, que alterou o artigo 240, criando-lhe um parágrafo único. Em seguida, a tomada do sobrenome do marido passa a ser facultativa.

38º modo - SOBRENOME DA MULHER

E o inverso do caso anterior. Trata-se da assunção pelo homem, solteiro, viúvo ou divorciado, do apelido da esposa, por efeito do casamento. Desde o Código Civil de 2002, isso se tornou possível. Curiosamente, esta possibilidade já existia em Portugal, na América Portuguesa e no Império do Brasil, quando um esposo sem bens próprios se casava com uma mulher nobre, herdeira dos direitos sucessórios de sua casa. Também havia esta possibilidade nas camadas populares.

39º modo - TROCA DE SOBRENOME ENTRE MULHER E MARIDO

Neste caso, o marido toma o sobrenome da sua mulher e esta adota o dele, por adição aos seus anteriores. É novidade do século 21 e mostra que os dois, mulher e homem, são iguais por inteiro ainda que se passem a ter uma autoidentidade retocada que inclui a do outro ou a da outra.

40º modo - PELO FATO DA FILIAÇÃO ADOTIVA

Neste caso, o adotado pode ter seu nome alterado ao gosto dos pais adotivos. A sua sobrenomeação será a que os novos pais quiserem, e seus avós maternos e paternos passarão a ser os pais e as mães dos seus pais adotivos.

41º modo - PELA INSERÇÃO DO SOBRENOME DE PADRASTO OU MADRASTA

Existe, essa possibilidade, desde que acionada pela iniciativa do interessado, frente ao juiz competente. Normalmente, trata-se de inclusão do apelido sem perda dos sobrenomes anteriores.

42º modo - PELA INSERÇÃO DO SOBRENOME DE PAI OU MÃE BIOLÓGICO

Esta possibilidade é decorrente do direito, hoje jurisprudencialmente reconhecido no Brasil, no Supremo Tribunal Federal, de um filho ou filha obter alimentos de seu pai ou mãe biológica. Ou seja, o elo com o pai ou a mãe biológica, se conhecido, pode levar à busca de ajuda de um ou de ambos. A possibilidade de inserção do sobrenome dos ascendentes biológicos é uma consequência.

43º modo - SOBRENOME DUPLO, NA ORDEM: O DO PAI E O DA MÃE

Trata-se do uso de apelidos duplos, que vão sendo assumidos por

iniciativa de alguém que deseja ser conhecido pela combinação dos sobrenomes do seu pai e de sua mãe. Os filhos e netos, no todo ou em parte, seguem o seu exemplo, criando-se assim um apelido duplo. Os mais antigos apelidos duplos foram concebidos no tempo em que a ordem dos sobrenomes era de se escrever primeiro o do pai e em seguida o da mãe. Na experiência da América Portuguesa, se têm, como exemplos, os apelidos duplos Costa Doria, Abreu Sodré e Pires Ferreira. O sobrenome duplo Costa Doria é o mais antigo. Surge da união, na segunda metade do século 16, de Fernão Vaz da Costa com Clemência Doria, portuguesa de origem genovesa.

44º modo - SOBRENOME DUPLO, NA ORDEM: O DA MÃE E O PAI

É a mesma prática vista logo anterior, desta vez em período mais recente. Desta vez, primeiro se apresenta o apelido da mãe e em seguida o do pai. Os filhos e netos, no todo ou em parte, seguem o seu exemplo, criando-se assim um apelido duplo. Como exemplo cita-se o apelido duplo Macedo Soares. Essa prática tem se tornado muito comum, uma vez que o nosso estoque português de apelidos é restrito. É de se registrar um apelido duplo deste modo em um tempo improvável, ainda no século 18. Trata-se de Mello Franco. O fundador desse sobrenome duplo foi João de Mello Franco, que residiu em Paracatu, Minas Gerais. Filho de José da Costa Franco e Paula Maria de Mello, João nasceu em Bucelas, perto de Lisboa, em 1721, e morreu em Paracatu, em 1796.

45º modo - SOBRENOME DUPLO LIGADO POR HÍFEN

Os apelidos duplos são juntados por hífen para garantir que sejam lidos sempre em conjunto, como um único sobrenome, em especial no Exterior, a fim de indicar, especialmente para estrangeiros, que o titular quer que assim seja dito o seu sobrenome. Nas citações de autoria em uma obra, se teria “Macedo-Freire, Ronaldo de” e não “Freire, Ronaldo de Macedo”. Certas acadêmicas, para se manterem reconhecíveis depois de casadas, apenas juntaram por hífen o apelido de seus maridos; como o caso real da festejada acadêmica portuguesa “Oliveira-Formosinho, Júlia”.

46º modo - SOBRENOME DUPLO COM HÍFEN PARA SUPERAR RESTRIÇÃO LEGAL

Pode ainda ocorrer de o hífen que junta dois apelidos, servir para se superar em Portugal a limitação legal de um máximo de quatro sobrenomes assumíveis.

47º modo - SOBRENOMES DUPLOS COM HÍFEN ATÉ QUATRO

É o uso pleno de quatro sobrenomes duplos. Trata-se de algo estranho, mas possível, ainda que a lei portuguesa justamente tenha visado a coibir a tolice dos nomes completos longuíssimos. Hoje, a junção de vários apelidos passou a ser de mal gosto.

48º modo - SOBRENOME DUPLO DE TRADIÇÕES ÉTNICAS DIFERENTES

Os apelidos de origem étnica diferente, um português e outro não, têm sido tomados como sobrenomes duplos. Como exemplos brasileiros, se têm: Daudt d'Oliveira e Schmidt de Vasconcellos. Certas vezes são hifenizados, como em Bresser-Pereira. Pode também ocorrer de se unirem apelidos de duas origens não portuguesas.

49º modo - SOBRENOME DUPLO FORMADO POR ACIDENTE

É a hipótese curiosa de, por coincidência, a sobrenomeação de uma pessoa com dois apelidos (da mãe e do pai) reproduzir uma combinação já conhecida de sobrenome duplo. O indivíduo, ao perceber que seus sobrenomes reproduzem uma combinação que remete a gente importante, a sugere ou a faz o sobrenome de seus descendentes. Como exemplo: Rodrigues Alves, Siqueira Campos, Gonçalves Dias. É um modo ocorrente desde o tempo em que a atribuição do nome completo aos recém-nascidos se instaurou por força de lei.

50º modo - PELA JUNÇÃO, EM UM SOBRENOME SIMPLES, DE DOIS OUTROS

Neste caso se faz com que um apelido composto, como “Castro Neves”, se torne um simples, como “Castroneves”. Este expediente anula, por inteiro, a possibilidade de se tornar a separar o sobrenome duplo.

51º modo - PELA REDUÇÃO DE UM SOBRENOME LONGO

É o caso da adoção de um dos elementos dos sobrenomes compostos de pai ou de mãe, ou ainda de um nome do pai ou da mãe, como sobrenome. Trata-se de uma reviravolta na prática de sobrenomes longos a indicar alguma “nobreza”, muitas vezes fantasiosa. A busca de simplicidade pode recair em um simples patronímico. Por exemplo, uma filha Isabel, de um pai que se chame, como meu primo Carlos Bernardo Carneiro da Cunha Moreira de Carvalho, vai ser chamada, no registro civil, de “Isabel Bernardo”. Parece um retorno ao início

da história da adoção de sobrenomes.

52º modo - PELA SUPREÇÃO DE ELEMENTO DE SOBRENOME COMPOSTO

Trata-se de, em uma passagem intergeracional, descartar-se um sobrenome que já vinha sendo pouco usado, por razões de ter algum sentido negativo ou por ser muito comum, como, por exemplo, da “Cunha Sousa Moreira”, que se faz “da Cunha Moreira”; “Almeida da Silva”, que se faz “... Almeida”. Um caso curioso de supressão é o dos descendentes de José Bonifácio de Andrada e Silva, que afastaram o “Silva”, de origem matrilinear.

53º modo - USO DO ADITIVO “E” PARA JUNTAR DOIS SOBRENOMES

Esta prática foi muito comum entre a gente que se queria indicar como nobre e mostrar uma origem duplamente aristocrática. A fidalguia poderia ser verdadeira ou não. Os exemplos são: “Orléans e Bragança”, em que o Orléans é o apelido de origem paterna; “Andrada e Silva”, em que Andrada, no caso de José Bonifácio, é o paterno. Há ainda para citar o caso do político José Dirceu de Oliveira e Silva, em que “Oliveira” parece ser o sobrenome de origem materna.

54º modo - PELA COMBINAÇÃO DO APELIDO COM UM PRIMEIRO NOME DIFERENCIADO

Alguém que se chame “Luís de França Rodrigues” (sendo “Luís França” um primeiro nome) passa a sua prole o apelido duplo “França Rodrigues”. Ou “Francisco de Assis Nogueira” passa para frente, nas pessoas dos descendentes, o sobrenome duplo “Assis Nogueira”. Ou ainda (“Antônio de Pádua Furtado”, que faz surgir “Pádua Furtado” como apelido seus filhos. Ou “Paulo de Tarso Fonseca”, “Tarso Fonseca”.

55º modo - USO DE UM NOME COMPLETO FAMOSO COMO SOBRENOME

Ocorre, por vezes, a formação de novos sobrenomes com base nos nomes completos de gente famosa. Os descendentes de Ruy Barbosa, o grande jurista, podem se sobrenomear “Ruy Barbosa”. Os descendentes do grande sanitarista Oswaldo Cruz podem adotar como sobrenome “Oswaldo Cruz”.

56º modo - SOBRENOMES TRIPLOS

Ocorre quando um sobrenome duplo já tem alguma tradição, nesta

condição de duplo, e a esse se quer juntar um apelido simples. É o caso de “Macedo Soares Silva”. A tendência é de o sobrenome menos importante ser posto em desuso e ser perdido. Se os dois (o duplo e o simples) forem sugestivos de tradição, haverá a permanência da forma tripla.

57º modo - ADIÇÃO DE ELEMENTO DE SOBRENOME COMPOSTO ANTIGO

Trata-se da hipótese de inserir-se um elemento de um sobrenome duplo antigo que se tinha perdido intergeracionalmente. Como voltar-se o elemento “Abreu” para recompor-se o sobrenome duplo “Abreu Sodré” ou o “Duque” para recuperar-se “Duque Estrada”.

58º modo - INVENÇÃO PURA E SIMPLES

Não é comum, mas os pais podem, com suporte legal, escolher um apelido totalmente independente de sua prévia existência nas famílias de um ou de outro. Observa-se que, desde 1940, no Brasil, é da escolha do pai, da mãe ou do declarante dar um nome completo ao nascido. As desavenças sobre os limites das escolhas de um nome completo são comuns entre os oficiais do registro civil, que assumem a autoridade sobre esses limites. No entanto, o juiz de direito será quem resolverá essas disputas. Tal sobrenomeação inventada, ou parte do nome com “vocação” para sobrenomeação, poderá ser “Roosevelt”, “Kennedy”, “Bragança”, “Kubitschek”, acompanhando ou não um sobrenome do pai, da mãe ou vindo de um ou mais dos quatro avós. Quando o apelido se firma no gosto dos que o portam, transforma-se no sobrenome dos seus filhos e filhas. A sobrenomeação inventada é possível para crianças de quem não se sabe quem sejam os genitores.

59º modo - POR DECISÃO JUDICIAL

Neste caso, mediante uma alegação que se mostre legítima aos olhos do juiz, a pessoa requerente pode ter um apelido eliminado ou adicionar outro, alterando-se, em consequência, os assentamentos do registro civil. É o caso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que adicionou o “Lula” como sobrenome. Pode também ocorrer a tomada de um apelido vindo dos avós, ou ainda a inclusão do apelido do padrasto ou da madrasta. Há, por fim, a hipótese de mudança judicial de primeiro nome ridículo ou ofensivo ao seu portador.

60º modo - SOBRENOMES INVENTADOS DE USO INDIVIDUAL E ALCUNHAS

Trata-se da tomada de sobrenomeações ocasionais como se fossem apelidos, e mesmo de primeiros nomes, no espaço público. No Brasil, tal procedimento é comum aos artistas e políticos, e ainda às pessoas comuns em seus blogues ou páginas nas redes sociais. São ocorrências como “Joãozinho do Táxi” ou “Margô de Ipanema”. Neste quadro, pode-se observar um movimento para a perda do valor intergeracional dos sobrenomes. Assim, os sobrenomes podem tornar-se um bloco único com o primeiro nome, individualizado por cada indivíduo para si mesmo. Não haveria qualquer perda na qualidade da identificação jurídica das pessoas por conta dessa prática. O estágio atual da tecnologia da informação, como ocorre em Israel, possibilita as trocas sem qualquer risco de não identificação do indivíduo em caso de necessidade.

CONCLUSÃO

Na história social luso-brasileira, não existe, em geral, uma continuidade intergeracional patrilinear de um sobrenome ou apelido. É falsa a ideia de uma continuidade matrilinear de um sobrenome seja para um filho ou uma filha. Os sobrenomes ou apelidos por vezes eram descontinuados por um ou duas gerações, sendo apenas retomados por um descendente. As mudanças de domicílio dentro de Portugal continental, e de lá para as ilhas atlânticas e para o Brasil correspondiam, por vezes, a uma nova tomada de sobrenome.

As regras legais apenas ocorreram no Brasil e em Portugal, na primeira metade do século 20. Antes, a assunção de um sobrenome ou apelido era feita durante a idade adulta da pessoa, e podia ser trocado por vontade do interessado, fora do âmbito dos registos públicos. Não era objeto de interesse público.

A prática em favor de patrilinearidade, por influência cultural francesa e inglesa, ocorre como opção do interessado já adulto, a contar de meados do século 19.

No Brasil e em Portugal, a teorização sobre o tema “sobrenomeação”, no sentido de tomada de sobrenome ou apelido, é complexa quando se buscam padrões. É pouco versada na literatura genealógica; ela aparece na historiografia, em dispersos artigos de autores portugueses, estudos de caso e notícias em palestras.

Referências bibliográficas

Seguem-se os livros e trabalhos que foram leitura importante para o embasamento do que escrevi. Além disso, pesquisei o processo de tomada de sobrenomes nas dezenas de genealogia que consultei para efeito de inventariar os sessenta modos de tomada de sobrenome.

- CARVALHO, Gilberto de Abreu Sodré. *Os Carvalho de Almeida do Piauí*. Brasília: Mult-Art, 2001.
- _____. *A Inquisição no Rio de Janeiro no começo do século XVIII*. Rio de Janeiro: Imago, 2008e.
- _____. Dos nomes completos e sobrenomes na cultura luso-brasileira. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores em História e Genealogia – ASBRAP*, n. 20, p. 9-26, 2013b.
- _____. Sobrenomes na cultura luso-brasileira. In: PIRES FERREIRA, Edgardo. *Os Castello Branco e seus entrelaçamentos familiares no Piauí e no Maranhão*. 2ª ed. São Paulo: Árvore, 2013c, p. 525-532.
- CASTRO, Valdemir Miranda de. *Enlaces de família: uma genealogia em construção*. Esperantina: Ed. do Autor, 2014.
- _____. A origem dos Carvalho de Almeida do Piauí: ascendência do Padre Miguel de Carvalho. Portal *Entretextos*, 2016. Disponível em: <http://www.portalentextos.com.br/noticias/a-origem-dos-carvalho-de-almeida-do-piaui,2172.html>. Acesso em 22 jul. 2017.
- CLARK, Gregory. *The son also rises: surnames and the history of social mobility*. Princeton: Princeton University Press, 2014. (The Princeton Economic History of the Western World)
- CUNHA BUENO, Antônio Henrique Bittencourt; BARATA, Carlos Eduardo de Almeida. *Dicionário das famílias brasileiras*. 2 v. São Paulo: Ed. do Autor, 1999.
- DAUMARD, Adeline. *Hierarquia e riqueza na sociedade burguesa*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- _____. L'essence de l'aristocratie en France au XIXe siècle: entre le luxe et simplicité. *Revista da Faculdade de Letras – História*. III Série, v. 4, Porto, 2003, p. 243-263.
- DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato Pinto. *Uma breve História do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.
- FRAGOSO, João Luís Ribeiro. A formação da economia colonial do Rio de Janeiro e de sua primeira elite senhorial – séculos XVI e XVII. In: FRAGOSO, João;

- BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima. *O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa: séculos XVI–XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GONÇALVES, Iria. Nome. In: MATTOSO, José (org.). *História da vida privada em Portugal*, v. 1: *Idade Média*. Lisboa: Temas e Debates, 2011.
- LOUREIRO, Guilherme Maia de. *Estratificação e mobilidade social no Antigo Regime em Portugal (1640-1820)*. Lisboa: Guarda-Mor, 2015.
- MACEDO SOARES, Julião Rangel de. *Nobiliarquia fluminense ou genealogia das principais e mais antigas famílias da corte e da provincia do Rio de Janeiro: conforme as notas de Antônio Joaquim de Macedo Soares*. Niterói: Imprensa Estadual, 1947.
- MATTOSO, José. *Ricos-homens, infanções e cavaleiros*. 2ª ed. Lisboa: Guimarães, 1985.
- MATTOSO, José; SOUSA, Armindo de. A sociedade: estruturas, grupos e motivações. In: MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*, v. 2. Lisboa: Estampa, 1997, p. 368-400.
- MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *O nome e o sangue: uma parábola genealógica no Pernambuco colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MÓNICA, Maria Filomena (ed.) e outros. *Dicionário biográfico parlamentar 1834-1910*. 3 v. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002-2006.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo. Os nomes de família em Portugal: uma breve perspectiva histórica. *Etnográfica Revista do Centro em Rede de Investigações em Antropologia*, v. 12, p. 45-58, 2008.
- _____. Nomes e apelidos em Portugal. In: MATTOSO, José (dir.) e MONTEIRO, N.G. (coord.). *História da vida privada em Portugal: a Idade Moderna*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 2011.
- _____. Casa, casamento e nome: fragmentos sobre relações familiares e indivíduos. In: MATTOSO, José (dir.) e MONTEIRO, N.G. (coord.). *História da vida privada em Portugal: a Idade Moderna*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 2011.
- PIRES FERREIRA, Edgardo. *Os Castello Branco e seus entrelaçamentos familiares no Piauí e no Maranhão*. 2ª ed. São Paulo: Árvore, 2013. (Série A mística do parentesco, 5)
- RHEINGANTZ, Carlos G. *Primeiras famílias do Rio de Janeiro – século XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1965. 2 v.
- SOVERAL, Manuel Abranches de. *Famílias de Ribeira de Pena: subsídios para a sua genealogia (séculos XV a XVIII)*. Disponível em: www.soveral.info. 2002.
- _____. *Um caso setecentista de fraude e falsificação genealógica*. Disponível em: www.soveral.info. 2016.

A LIMPEZA DE SANGUE DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA

Guilherme Maia de Loureiro¹

Resumo: *Através do recurso a uma habilitação para o Santo Ofício de um primo do Padre António Vieira, que se acredita ser inédita, surgem novas considerações sobre a sua ascendência e limpeza de sangue, que sugerem fortemente que teria, de facto, antepassados cristãos-novos.*

Abstract: *The analyses of what is believed to be a yet unknown document, Father António Vieira's cousin's qualification file for the Holy Office, have taken to new considerations on the Father's ancestry and blood purity that suggest that he had, indeed, New-Christian ancestors.*

O processo inquisitorial do Padre António Vieira decorreu entre 1663 e 1667 e implicou as acusações de proposições *heréticas, temerárias, malsonantes e escandalosas*. Os processos por proposições heréticas são geralmente interessantes porque é comum conterem discussões de ordem teológica entre os réus e os qualificadores do Santo Ofício, mas, de entre estes, merece especial destaque o do Padre António Vieira, pela particularidade das suas heterodoxias e pela forma inteligente e arguta como o réu respondeu aos inquisidores. O processo está disponível em linha no sítio do Arquivo Nacional da Torre do Tombo², foi já integralmente transcrito e publicado³ e tem possibilitado inúmeros estudos que tratam os mais diferentes assuntos que são abordados ao longo das muitas centenas de fólios que o compõem⁴.

¹ Doutorado em Ciências Sociais (História dos Factos Sociais), Investigador do Laboratório de Estudos Judaicos, Investigador do Instituto do Oriente (ISCS – Universidade de Lisboa) e genealogista profissional.

² Encontra-se dividido em dois volumes: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2301562> e <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4373467>.

³ MUBANA, Adma (Coord.), Autos do processo de Vieira na Inquisição, in FRANCO, José Eduardo, e CALAFATE, Pedro (Dir.), *Obra Completa Padre António Vieira*, Tomo III, Volume IV, s/l: Círculo de Leitores, 2014.

⁴ Um muito bom enquadramento geral do processo encontra-se em PAIVA, José Pedro, *Revisitar o processo inquisitorial do padre António Vieira*, in Clero, Doutrinação e Disciplinamento, *Revista Lusitania Sacra*, n.º 23, Lisboa: Universidade Católica

Entre estes assuntos está o das suas origens familiares, que pode ser abordado sob duas perspectivas: a do estatuto socioeconómico dos ascendentes mais próximos do sacerdote, no sentido de se perceber qual seria a sua posição relativa na complexa hierarquia social da época; e o da possibilidade de o Padre António Vieira descender de uma ou mais das então chamadas *raças infectas* (judeus, negros e mouros), ou seja, a questão da sua *limpeza de sangue*. É apenas a esta segunda parte da questão que nos pretendemos ater.

Os mais destacados biógrafos do Padre António Vieira dos séculos XX e XXI abordaram a questão da sua *limpeza de sangue*, sendo de destacar a atenção que lhe dedica António Baião no seu artigo *O sangue infecto do P.e António Vieira*, publicado em 1929 na revista da academia conimbricense *O Instituto*⁵; e o que sobre o mesmo tema escreveu João Lúcio de Azevedo que, na segunda edição da sua *História de António Vieira*⁶, acrescenta os contributos de Baião ao seu extenso capítulo sobre as origens e parentela do sacerdote. Mais recentemente, Ronaldo Vainfas, ao traçar o perfil do Padre António Vieira⁷, analisou criteriosamente e reinterpretou parcialmente as contribuições dos seus antecessores a este respeito e chamou a atenção para alguns pormenores relevantes (a que faremos alusão adiante), mas nada de realmente definitivo acrescentou ao que já se sabia sobre a possibilidade de o Padre António Vieira ter *sangue infecto*.

Aquilo em que todos estes autores coincidem é no facto de concordarem que se pode afirmar com alguma segurança que a avó paterna do Padre António Vieira era *índia ou mulata*, porque assim o declararam duas testemunhas que foram interrogadas pelo Santo Ofício a este propósito, D. Francisca de Castro, condessa de Unhão, e Soror Margarida do Espírito Santo (D. Margarida de Vilhena, antes de professor); e também porque foi esse o motivo invocado pela Mesa da Consciência e Ordens para travar a profissão na Ordem de Cristo do irmão e do sobrinho do Padre António Vieira.

No processo de habilitação do irmão, Bernardo Vieira Ravasco, apurou-se que a *sua avó materna foi nesta cidade [de Lisboa], padeira dos Religiosos de São Francisco e o avó oficial de fazer armas, e da avó paterna (que foi da*

Editora, 2011. pp. 151-168.

⁵ BAIÃO, António, *O sangue infecto do P.e António Vieira – Consequência dos inquisidores terem razão ao dizer que, procedendo contra ele, procediam contra pessoa de cuja qualidade de sangue não constava ao certo*, in *O Instituto – Revista Científica e Literária*, Vol. 77, 4ª Série, Volume 6, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929. pp. 1-31.

⁶ AZEVEDO, João Lúcio de, *História de António Vieira*, 2ª ed., Lisboa: Livraria Clássica, 1931.

⁷ VAINFAS, Ronaldo, *António Vieira*, Coleção Perfis Brasileiros, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

*obrigação da Casa de Unhão) jurara a Condessa que era de cor parda*⁸. Já no processo do sobrinho, Gonçalo Ravasco Cavalcanti e Albuquerque, apurou-se que nas várias tentativas para identificar a sua ascendência *uma testemunha depôs ouvira dizer a seu pai que o P.e António Vieira, irmão de Bernardo Vieira, era filho ou neto de uma escrava mourisca*⁹. Dados estes testemunhos e a interpretação que deles fizeram os oficiais da Mesa da Consciência e Ordens, não seria razoável afirmar outra coisa que não fosse que o Padre António Vieira tinha, de facto, *sangue infecto* por via da sua avó paterna que seria, de acordo com diferentes versões mulata, indiana¹⁰ ou mourisca.

Mas resta uma dúvida especialmente relevante se tivermos em atenção a obra do Padre António Vieira e a sua benevolência para com os cristãos-novos, que passa por saber se, por qualquer outra via, o famoso sacerdote teria ascendência judaica. António Baião e João Lúcio de Azevedo não se pronunciam definitivamente a este respeito, mas Ronaldo Vainfas afirma que o Padre António Vieira:

*“Talvez fosse também neto de cristãos-novos, por via materna, embora o Santo Ofício não tenha apurado nada a esse respeito. Isto porque António Vieira aprendeu a ler com sua mãe, Maria de Azevedo, padeira dos franciscanos de Lisboa. Apesar de ser padeira, a mãe de Vieira sabia ler e escrever, qualidade rara entre mulheres e homens da época, com exceção dos cristãos-novos. Uma padeira que sabia ler e escrever a ponto de educar o filho, como ele mesmo admitiu, deve ter nascido em família apegada às letras, como eram as famílias de cristãos-novos (...) o facto de a mãe de Vieira ser uma padeira letrada sustenta a conjectura de que tinha parte de cristã-nova. Nos dois costados avoengos de Vieira havia bastardia e “nódoa de sangue”, por isso ele sempre evitou falar das avós. A avó mulata, mãe de seu pai, fora amante de um criado da casa de Unhão, Baltazar Ravasco. A avó materna provinha de família cristã-nova.”*¹¹

Embora concordemos com a relevância que tem para a questão o facto de a mãe do Padre António Vieira saber ler e estranhemos o descaso de outros ilustres autores relativamente a esta informação, parece-nos exagerado usá-la como prova definitiva de que Maria de Azevedo era de origem cristã-nova. Note-se, aliás, que o autor começa por afirmar que *talvez* o Padre António Vieira

⁸ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.) Habilitações da Ordem de Cristo, Bernardo Vieira Ravasco, Letra B, Maço 12, n.º 149.

⁹ A.N.T.T., Habilitações da Ordem de Cristo, Gonçalo Ravasco Cavalcanti e Albuquerque, Letra G, Maço 6, n.º 159.

¹⁰ No sentido genérico de naturais das Índias e não necessariamente das possessões portuguesas no subcontinente indiano.

¹¹ VAINFAS, Ronaldo, *op. cit.*, pp. 24-25.

tivesse sangue cristão-novo por via da sua avó materna, para dois parágrafos a seguir afirmar cabalmente que *esta provinha de família cristã-nova* sem que, entretanto, tenha acrescentado qualquer prova ou documento adicional que sustente melhor essa afirmação¹².

A questão que se coloca é, pois, saber se é possível esclarecer algo mais sobre a ascendência materna do Padre António Vieira e acrescentar novas provas ou indícios fortes de que tivesse alguma origem cristã-nova. Para isso, teremos de visitar o processo inquisitorial do Padre António Vieira para dele extrair apenas o que for especialmente relevante, evitando referências feitas por outros autores e que, como tal, seriam redundantes.

Devemos salientar, em primeiro lugar, que a década de 60 do século XVII foi uma de especial intensidade na perseguição a cristãos-novos judaizantes e que os inquisidores eram mestres na arte de identificar as redes familiares em que estes se moviam. Por isso, e dadas as posições doutrinárias do Padre António Vieira, que eram bastante benevolentes para com os cristãos-novos, seria de esperar que a inquirição sobre a sua genealogia fosse feita com todo o rigor previsto no Regimento do Santo Ofício, mas percebemos hoje que a mesma maestria com que Vieira conseguiu arrastar o seu processo sem nunca se comprometer com qualquer heresia, foi usada deliberadamente para dificultar esta inquirição genealógica e, assim, ocultar a sua ascendência.

Sobre este assunto, no início do seu processo, em 1663, foi o próprio Padre António Vieira que afirmou ser:

*“(...) cristão-velho, sacerdote religioso professo da Companhia de Jesus de idade de cinquenta e cinco anos natural da Cidade de Lisboa da rua dos Cónegos, freguesia da Sé, e morador no Colégio da Companhia desta Cidade. E que seus pais chamam Cristóvão Vieira Ravasco, fidalgo da casa de Sua Majestade natural da Vila de Santarém e Dona Maria de Azevedo {cristãos-velhos, ela}, natural da Cidade de Lisboa não sabe de que freguesia, moradores na Cidade da Baía de Todos os Santos Estado do Brasil. E que a seu avô paterno chamaram **Baltazar Vieira Ravasco**, cristão-velho que não tinha ofício natural e morador da Vila de Moura segundo seu parecer, ora defunto, e que a seu avô materno chamavam **Brás Fernandes de Azevedo**, cristão-velho, homem nobre, natural e morador da Cidade de Lisboa não sabe em que freguesia, nem como chamavam a sua avó materna, nem donde era natural, e moradora, por serem*

¹² O mesmo tipo de dedução precipitada foi usado ao longo de décadas por alguns outros autores de destaque que se dedicaram à questão dos cristãos-novos no Brasil, como José Gonçalves Salvador, Anita Novinsky e Charles Boxer. O nosso saudoso amigo e confrade Marcelo Bogaciovas cedo compreendeu o quão nefasto isto fora em termos historiográficos e dedicou décadas do seu percurso de investigador a tentar apurar, através das fontes primárias apropriadas, quais das deduções tinham sido certas. Há que continuar este caminho correcto, porque há ainda muito por fazer neste domínio.

defuntos há muito anos.”¹³

Ou seja, o Padre António Vieira ocultou os nomes e ocupações das suas duas avós e optou por realçar a fidalguia do avô paterno e a nobreza do avô materno. Em 1666, o Padre António Vieira foi novamente interrogado relativamente à sua genealogia e, desta feita, acrescentou que:

*“(...) o dito seu pai, que ainda é vivo terá hoje de idade noventa e oito anos, e a mãe se fora viva, tivera agora oitenta e dois, do que bem se deixa ver, como não será possível, que possam achar-se pessoas, que conhecessem de vista os ditos seus avós paternos, e maternos, nem ele declarante sabe, ou tem notícia de quem deles a possa dar, exceto dos paternos, Dona Margarida de Vilhena, freira dominicana do Convento d’Anunciada de Lisboa (...) e dos maternos {e da mesma sua mãe, a dará} Manuel Mendes de Araújo, que lhe parece é escrivão do Cirurgião-mor (...) o qual havia sido casado com uma **tia materna** dele declarante chamada **Vicência Manuel**, e depois casou com outra mulher (...).”*¹⁴

Foi-lhe ainda perguntado se tinha primos ou parentes por via paterna e materna que pudessem acrescentar algo sobre os seus antepassados, ao que respondeu que:

*“Não sabe, nem tem notícia alguma de que tenha {tios, primos, ou} parentes pela via paterna, e só {se lembra} ouviu por muitas vezes dizer a seu pai, que os parentes, que tinha eram em Moura da família dos Ravascos. E também ouviu ele declarante dizer na vila de Torres Vedras haverá vinte e três anos, ao Prior da mesma vila, cujo nome, digo ao Prior de São Pedro da mesma vila cujo nome não sabe, e só lhe parece o chamavam Fuão Teles, que era parente dele declarante pela via dos ditos Ravascos de Moura, sem lhe declarar em que grau, nem que razão tinha de o saber. E que por parte da mãe, não sabe que tenha neste Reino, nem fora dele outro algum parente mais, que Gonçalo Serrão de Azevedo, que vivia de sua fazenda, e era Capitão da Infantaria, morador na Vila do Fundão, ora defunto, do qual ficaram alguns filhos, não sabe quantos, nem como os chama, moradores na mesma vila, e o dito **Gonçalo Serrão de Azevedo era sobrinho da mãe dele declarante, filho de uma meia**¹⁵ **irmã da mesma**, cujo nome {e do marido} não sabe, nem donde ela foi natural, e moradora, por ser falecida há muitos anos. Perguntado se ouviu dizer à dita sua mãe, ou a outrem alguém, em que rua de Lisboa, ela nascera, e se criara, em que*

¹³ MUBANA, Adma (Coord.), *op. cit.*, pp. 120-121 (fls. 16-16v.º; negrito nosso).

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 375 (fls. 812v.º-813; negrito nosso).

¹⁵ Na sua transcrição do processo do Padre António Vieira, João Lúcio de Azevedo omitiu a palavra *meia* que, efectivamente, lá está. – Cf. AZEVEDO, João Lúcio, *op. cit.*, p. 370; A.N.T.T., Inquirição de Lisboa, Processo do Padre António Vieira, n.º 1664, fl. 814.

*igreja fora batizada, e recebida com o dito seu pai, e que pessoas intervieram, ou assistiram no casamento, ou disso poderão dar notícia. Disse que não sabe coisa alguma, nem ouviu dizer, de todas as que se contêm na pergunta, nem de cada uma delas em particular”.*¹⁶

As informações prestadas pelo Padre António Vieira são escassas, dispersas e genéricas. Essa escassez de informações surpreende, porque é sabido que a sociedade portuguesa do século XVII vivia obcecada com genealogia, uma vez que a ascendência e a parentela eram um activo social com verdadeiro impacto nas oportunidades de vida de cada um. Nesse sentido, a leitura de quaisquer processos de inquirição *de genere* da época não deixam de surpreender mesmo os mais experientes investigadores da nossa época, pelo conhecimento que o mais simples dos plebeus tinha não só sobre a sua própria ascendência, mas também sobre as famílias e parentelas dos seus amigos e vizinhos. De facto, a sociedade do Antigo Regime era o que Enrique Soria acertadamente identificou como uma *sociedade genealógica*:

*“Añadamos a todo que nos hallamos en una sociedad, la de los siglos modernos, que ante todo se estructura de forma genealógica. Sus fundamentos son absolutamente genealógicos, entiéndase esto de la manera más amplia y completa. Por la ascendencia, uno es noble o no, goza del privilegio y la exención fiscal o no. Hombres y mujeres necesitan obtener costosas dispensas eclesiásticas si se casan de forma endogámica, es decir con parientes dentro del cuarto grado. Y esta forma de enlaces endogámicos es mucho más usual de lo que se podría creer a primera vista. Obviamente, para saber quién es tu primo tercero por cualquier línea, hay que conocer bien el árbol familiar, no digamos ya si los contrayentes están unidos entre sí por doble cuarto grado de consanguinidad por un lado, tercero con cuarto por otro, y cuarto de afinidad a su vez, por poner un caso extremo pero real. Los derechos, por otro lado, a recibir dotes al casarse las mujeres de la mesocracia y la nobleza, o al ingresar en un convento, dependen de poder establecer grados fiables de parentesco sanguíneo con los fundadores de conventos, patronatos y obras pías. Habiéndose de remontar a veces los abolorios siete, ocho o más generaciones. Los primos cuartos o quintos de estos grupos superiores se definen entre sí como deudos cercanos, por extraño que nos pueda parecer hoy en día.”*¹⁷

É, por isso, perfeitamente compreensível e justificável o reparo que os inquisidores fizeram às declarações vagas do Padre António Vieira, nomeadamente, quando afirmaram que:

¹⁶ MUBANA, Adma (Coord.), *op. cit.*, p. 376 (fls. 813v.º-814v.º; negrito nosso).

¹⁷ MESA, Enrique Soria, *El patrimonio histórico-artístico de las élites judeoconversas españolas: propuestas de análisis desde la Historia Social*, in *Mediterranea - recherche storiche*, Anno XVI, n.º 46, Agosto de 2019. pp. 251-276.

“(…) não é crível, que ainda depois dele declarante ser de maior idade, e viver na cidade da Baía com os dito seus pais, deixasse de lhes perguntar, ou de lhes ouvir dizer, como chamavam às avós dele declarante, e donde eram naturais, e moradoras, nem ainda o avô materno, nem que parentes, e amigos deixaram os ditos seus pais cá no Reino, por serem estas as coisas, que mais ordinariamente costumam os pais contar a seus filhos, e este procuram saber dos mesmos. Pelo que dele declarante não dar nesta Mesa as ditas notícias, tendo aliás outras muitas de coisas, que lhe não tocam tanto, se pode coligir, que encobre as ditas notícias de sua ascendência, a fim de se não poder averiguar com certeza, a qualidade de seu sangue, por ter algum defeito que trata de ocultar no Santo Ofício, onde não faltam algumas razões para se poder entender que com efeito, digo que tem ele declarante o dito defeito.”¹⁸

É perfeitamente claro que os inquisidores acreditavam que o Padre António Vieira estava a esconder algum *defeito* da sua ascendência, pelo que mandaram fazer mais algumas inquirições pontuais em Lisboa e na vila do Fundão, que foram efectivamente realizadas entre Dezembro de 1666 e Janeiro de 1667. No Fundão, por exemplo, foram ouvidos os filhos do acima referido Gonçalo Serrão de Azevedo, então já falecido, e que seria primo direito de Vieira por via materna, mas ambos afirmaram não ter conhecimento da família do famoso pregador nem de qualquer parentesco que com ele pudessem ter. O insucesso na obtenção de novos dados mais concretos e a vontade de dar por concluídas as inquirições que se arrastavam há anos, acabaram por ser decisivos para que não se fizessem novas tentativas e para que o Santo Ofício decidisse que *contra o Réu se deve proceder em sua causa como contra pessoa de cuja qualidade de sangue não consta ao certo*¹⁹.

E, no entanto, apesar da escassez de dados genealógicos que o Padre António Vieira fornecera aos inquisidores, ele já tinha deixado as indicações necessárias sobre a sua parentela para que os seus julgadores pudessem ter chegado a uma conclusão mais sólida sobre a sua limpeza de sangue, como passaremos a explicar.

Nas declarações acima transcritas, o Padre António Vieira afirmou que conhecera o seu primo Gonçalo Serrão de Azevedo quando este o visitou no Colégio de Santo Antão, esclarecendo que este era filho de uma meia-irmã da sua mãe. Estas declarações foram feitas em 1666 e Vieira indicou então que o encontro com o primo se tinha dado há dez anos atrás²⁰, ou seja, em 1656. Ora, é-nos hoje possível dizer o que é que Gonçalo Serrão de Azevedo estava então a fazer em Lisboa e ainda especular, mas com algum grau de certeza, que

¹⁸ MUBANA, Adma (Coord.), *op. cit.*, pp. 378-379 (fl. 816v.º).

¹⁹ A.N.T.T., Inquirição de Lisboa, Processo do Padre António Vieira, n.º 1664, fl. 84.

²⁰ MUBANA, Adma (Coord.), *op. cit.*, p. 378 (fl. 816).

o motivo da visita ao primo fossem precisamente as questões genealógicas do parentesco entre ambos.

Com efeito, em 1656, Gonçalo Serrão de Azevedo estaria a dar início ao seu processo de habilitação para servir o Santo Ofício da Inquisição no cargo de familiar, já que data precisamente de 12 de Junho desse ano o documento mais antigo incluso no respectivo processo de habilitação. Deste processo podemos extrair dados fiáveis sobre a ascendência do próprio e, conseqüentemente, também da ascendência do seu primo António Vieira²¹.

Vejam, pois, o que consta neste processo de *informações de Gonçalo Serrão de Azevedo e de Juliana da Costa Pinto sua mulher moradores no lugar do Fundão, termo da vila da Covilhã*²²:

*“Diz Gonçalo Serrão de Azevedo cavaleiro fidalgo da Casa de Sua Majestade morador no lugar do Fundão termo da Vila de Covilhã que no dito lugar não há de presente familiar algum do Santo Ofício e é povoação de mais de 600 vizinhos, e porque ele suplicante tem as partes que se requerem para o ser Pede a Vossas Senhorias se sirvam de se mandarem informar de sua limpeza, e achando ser a que convém lhe façam a mercê que pede (...). É ele suplicante filho de Manuel Serrão natural da Vila de Moura e de **Branca Rodrigues de Azevedo** natural desta Cidade de Lisboa e seu pai filho de Francisco Serrão, e de Joana Lopes da Rocha, da dita Vila de Moura, e sua mãe filha de **Brás Fernandes de Azevedo**, e de **Isabel Manuel**, moradores que foram na Rua da Barroca detrás das casas do Conde de Vila Franca (...).”²³*

Trata-se, sem qualquer dúvida, do processo daquele que o Padre António Vieira indicou como sendo seu primo direito. De facto, partilhava com ele, pelo menos, o avô materno, mas, possivelmente, também a avó materna. Não ignoramos o facto de Vieira ter afirmado que a sua mãe, D. Maria de Azevedo, era apenas meia-irmã da mãe de Gonçalo Serrão de Azevedo, que agora sabemos que se chamava Branca Rodrigues de Azevedo; mas também não ficamos indiferentes ao facto de ficar demonstrado que a avó de Gonçalo se chamava Isabel Manuel e que o Padre António Vieira afirmara que tinha uma tia materna chamada Vicência Manuel sem, neste caso, dizer também que era apenas meia-irmã da mãe.

As inquirições sobre a capacidade pessoal e *limpeza de sangue* de Gonçalo Serrão de Azevedo feitas no lugar do Fundão foram entregues ao

²¹ Este processo está catalogado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo entre as habilitações completas do Santo Ofício, mas uma vez que Gonçalo Serrão de Azevedo nunca recebeu carta de familiar, trata-se claramente de uma habilitação incompleta e deveria estar catalogada como tal. – A.N.T.T., Habilitações do Santo Ofício, Gonçalo Serrão de Azevedo, Maço 2, n.º 45.

²² *Idem, ibidem*, capa.

²³ *Idem, ibidem*, fl. 1 (negrito nosso).

Licenciado Diogo Pitta da Ortigueira, Prior da Igreja de São João Montencolo e comissário do Santo Ofício, e iniciaram-se a 31 de Julho de 1656. As testemunhas declararam que conheciam o habilitando (que seria *pouco capaz de guardar segredos em negócios de importância*) e também que conheciam seu pai Manuel Serrão, mas foram unívocas a afirmar que não conheciam a mãe, Branca Rodrigues de Azevedo. No entanto, para além destas testemunhas, outras terão sido ouvidas extrajudicialmente, como sugere a declaração demolidora do dito comissário:

*“O conhecimento que tenho de Gonçalo Serrão de Azevedo conteúdo na comissão de Vossa Senhoria e nesta diligência é que ao depois que nesta terra residio sempre ouvi dizer falando-se no sobredito que tem parte de cristão-novo e de presente achei por informação das testemunhas que são velhas e que há naquele lugar de Fundão de crédito, que o dito Gonçalo Serrão é neto de um estrangeiro, e **que sua mãe Branca Rodrigues de Azevedo se dizia ser cristã-nova inteira**, e que naquele lugar lhe tinham dito muitas vezes na cara o sobredito e que fosse a uma sua irmã, que sendo presa na Inquisição de Évora pelo Santo Ofício foi penitenciada a mim me parece que quando não seja tanto porque a forasteiros sempre caluniam mais, o sobredito Gonçalo Serrão se não há de livrar, de que tenha parte de nação porquanto está muito infamado (...). Covilhã, 3 de Agosto de 1656. Diogo Pitta da Ortigueira.”²⁴*

Na mesma vila do Fundão foram também feitas inquirições relativas a Antónia Rodrigues, primeira mulher de Gonçalo Serrão de Azevedo, e a esse propósito surge uma declaração de Frei Pedro de Magalhães que confirma a apreciação de Diogo Pitta da Ortigueira:

*“Ainda que nas inquirições deste habilitando que se tiraram em Moura não conste pouco nem muito ser Manuel Serrão pai do pretendente Gonçalo Serrão de Azevedo, dizendo haver sido natural e morador daquela vila, nem outrossim se haverem feito diligências nesta cidade da mãe do sobredito Branca Rodrigues de Azevedo, onde se diz que ela e seus pais eram naturais e moradores, me parece não se façam mais diligências sobre esta matéria porquanto, das que se tem feito sobre a capacidade do pretendente, e qualidade de sua segunda mulher que hoje é Juliana da Costa Pinto, não está capaz de servir este Santo Ofício da incapacidade do sujeito dizem as 6 testemunhas tiradas em Fundão donde mora; 5 que é de má vida e costumes (...) e 6, que não é capaz de segredo grave, a outra que é malquistado. E sobre isso informa o comissário, porque só a ele pediram da qualidade, que não se poderá livrar de xn por parte de sua mãe **Branca Rodrigues de Azevedo, que se diz publicamente xn inteira**, e que uma irmã da sobredita foi penitenciada em Évora (...). Lisboa, em 15 de Novembro de*

²⁴ *Idem, ibidem*, fl. 31v.º.

1657. *Frei Pedro de Magalhães*.²⁵

Seguem-se considerações sobre a qualidade da mulher de Gonçalo Serrão de Azevedo, também ela de famílias cristãs-novas e, logo a seguir, surge o parecer do inquisidor Luís Álvares da Rocha, no mesmo sentido do de Pitta da Ortigueira:

“Sou do mesmo parecer, e julgo ao pretendente Gonçalo Serrão de Azevedo por incapaz de servir ao Santo Ofício. Lisboa, 15 de Novembro de 1657. Luís Álvares da Rocha”.²⁶

Significa isto que o Santo Ofício concluiu que os testemunhos que afirmavam que uma tia materna do Padre António Vieira era tida na vila do Fundão por cristã-nova inteira eram dignos de crédito. Ou seja, para todos os efeitos, os inquisidores aceitaram que tanto Brás Fernandes de Azevedo, avô materno do Padre António Vieira, como sua mulher Isabel Manuel eram cristãos-novos, o que contribuiu para impedir o acesso de Gonçalo Serrão de Azevedo ao cargo de familiar. Estranho é que, seis anos apenas após estes despachos, quando surgiram dúvidas sobre a ascendência do Padre António Vieira a propósito do seu processo inquisitorial, ninguém no Santo Ofício tenha conseguido estabelecer a ligação que havia entre um habilitando malsucedido ao cargo de familiar e o réu preso nos cárceres dos Estaus, especialmente quando os dois inquisidores acima indicados, Frei Pedro de Magalhães e Luís Álvares da Rocha, fizeram parte do Conselho Geral do Santo Ofício que julgou o processo do Padre António Vieira.

Neste momento, não podemos afirmar com absoluta certeza que o Padre António Vieira tinha ascendência cristã-nova, mas podemos argumentar que é altamente provável que se os inquisidores tivessem cruzado os dados fornecidos pelo próprio com o seu arquivo de habilitações incompletas, teriam verificado o parentesco com Gonçalo Serrão de Azevedo e, conseqüentemente, teriam concluído que o Padre António Vieira tinha parte de cristão-novo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, João Lúcio de, *História de António Vieira*, 2ª ed., Lisboa: Livraria Clássica, 1931.

BAIÃO, António, *O sangue infecto do P.e António Vieira – Conseqüência dos*

²⁵ A.N.T.T., *Habilitações do Santo Ofício*, Gonçalo Serrão de Azevedo, Maço 2, n.º 45, fls. 82v.º-83.

²⁶ *Idem, ibidem*.

inquisidores terem razão ao dizer que, procedendo contra êle, procediam contra pessoa de cuja qualidade de sangue não constava ao certo, in O Instituto – Revista Científica e Literária, Vol. 77, 4ª Série, Volume 6, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929. pp. 1-31.

MESA, Enrique Soria, *El patrimonio histórico-artístico de las élites judeoconversas españolas: propuestas de análisis desde la Historia Social, in Mediterranea - recherche storiche, Anno XVI, n.º 46, Agosto de 2019. pp. 251-276.*

MUBANA, Adma (Coord.), Autos do processo de Vieira na Inquisição, in FRANCO, José Eduardo, e CALAFATE, Pedro (Dir.), *Obra Completa Padre António Vieira, Tomo III, Volume IV, s/l: Círculo de Leitores, 2014.*

PAIVA, José Pedro, *Revisitar o processo inquisitorial do padre António Vieira, in Clero, Doutrinação e Disciplinamento, Revista Lusitania Sacra, n.º 23, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011. pp. 151-168.*

VAINFAS, Ronaldo, *António Vieira, Coleção Perfis Brasileiros, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.*

Fontes primárias

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Habilitações da Ordem de Cristo, Bernardo Vieira Ravasco, Letra B, Maço 12, n.º 149.

Habilitações da Ordem de Cristo, Gonçalo Ravasco Cavalcanti e Albuquerque, Letra G, Maço 6, n.º 159.

Habilitações do Santo Ofício, Gonçalo Serrão de Azevedo, Maço 2, n.º 45.

Inquisição de Lisboa, Processo do Padre António Vieira, n.º 1664.

ÁRVORE DE COSTADO LOURENÇO GARCIA FONTOURA

Márcio Oliveira Macedo

Resumo: *Ancestrais de Lourenço Garcia Fontoura, antigo morador da Capitania das Minas Gerais.*

Abstract: *Ancestors of Lourenço Garcia Fontoura, an ancient resident of the Minas Gerais province.*

Introdução

O presente tem por objetivo relacionar os ancestrais de Lourenço Garcia Fontoura, antigo morador das Minas Gerais, migrado para o Brasil por volta de 1715.

Lourenço Garcia Fontoura

Lourenço Garcia, natural da Freguesia de Cervães, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal, foi batizado em 15-FEV-1693¹ na igreja de No^{ssa} Senhora do Bom Despacho de Cervães.

Migrou para o Brasil por volta de 1715, indo residir na Freguesia de Santo Antônio da Vila de São José, atual Tiradentes-MG, onde se casou em 26-NOV-1718² com Isabel Ribeiro, nascida em Itu, batizada em 28-MAR-1695³, filha de João Pereira Temudo e Maria de Sousa.

A genealogia de João Pereira Temudo e Maria de Sousa consta publicada na Revista ASBRAP n° 2, artigo “Primeiras Gerações de Pereiras Themudos em

¹ Livro de Batizados da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 1, 1685-1717. Arquivo Distrital de Braga.

² BOGACIOVAS, Marcelo M Amaral. *Primeiras Gerações de Pereiras Themudos em São Paulo*. Revista da ASBRAP n° 2. São Paulo, 1995, p. 151-160.

³ Idem

São Paulo”, de autoria de Marcelo Meira do Amaral Bogaciovas.

Lourenço Garcia provavelmente se dedicou à mineração e talvez também à agricultura.

Consta que ele inventou uma roda para drenar águas, teve a patente e o uso exclusivo de fabricar o invento por seis anos, além do direito de poder utilizar a patente de Capitão Engenheiro.

“Diz Lourenço Gracia morador na Villa de S. Joseph Comarca de S. João del Rey que elle com a sua industria e experiencia tem alcançado hum novo invento de Rodas de esgotar agoas das lavras minerais do ouro e prepoem fazer a sua custa de sorte com que haja feito sem o trabalho que se experimenta nas presentes que se achão como que..... não só o cumum mas aida a Fazenda Real de S. Majde. que..... nem ouro que de extrair das minas e por que para este intento se madem conceder franquias e liberdades a sim em que nenhuma outra pessoa durante o tempo de seis annos possa fazer as ditas Rodas sem sua licença tanto as de pesos perssi movidas como outras movidas com cavallos e a mesma agoa e juntamente se mandem dar patente de Capitam engenheiro desta arte e as mais honras e merces que agrandeza de V.Exa. for servido..... ultimamente que não possa o suplicante ser concedido nem..... seus do Do. ouvidor geral para que nas correições haja..... licença para usar deste invento por serto que não cahe nos limites de jurisdição do dito Ministro pois hé obra de entendimento e nossa feição poertanto Pede V. Exa. lhe..... facultar lhe o dito experimento do novo invento na forma Requerida e com as prerrogativas que se expedem e for condeder lhe e..... Merce. a Despacho de Sua Exa.”

(Livro de Patentes 1721/1725, fls. 8, arquivado no Arquivo Público Mineiro sob nº SC-21)

“Dom Lourenço de Almeida e..... faço saber aos que a minha provisão virem que por me Representar Lourenço Garcia morador na Villa de S. Joseph Comarca de S. Joam del Rey que elle com a sua industria e experiencia havia descoberto, e alcançado hum novo invento de Rodas para se esgotar agoa das lavras minerais sem o grande trabalho com que presente mente se fas, pedindo-me lhe concedesse o privilegio que nenhuma outra pessoas pudesse uzar da dita Rodas por espaço de seis annos sem licença sua a sim as de pezos po sy movida como outras movidas com cavallos e tendo a tudo concideração e a grande utilidade que se segue (çæbem) cumum de conceguir este intento Ey por bem de lhe conceder a licença para fabricar as ditas Rodas na forma a que pede com o privilegio de que no tempo de seis annos que principiarão da data desta provisão, nenhuma pessoa de qualquer qualidade ou condição que seja possa nem fazer estas Rodas nem usar dela sendo novamente inventadas por elle sem a fazendoas o mesmo Lourenço

Garcia ou com licença sua e a pessoa que dentro do dito tempo uzar das ditas Rodas sem ser pello meios apontados pagarão ao dito Lourenço Gracia outro tanto, quando lhe custar a dita oda..... que for feita a primeira pelo suplicante lhe mandarei passar patente de capitam engenheiro desses engenhos dos quaes poderá o suplicante uzar sem tirar licença nas correições e para constar do referido lhe mandei passar esta provizão por mim assinada e sellada com o sinete de minhas armas que se cumprirá como nella se contem Registrandosse nos livros da Secretaria deste governo e nos mais a que locar. Dada vista villa do carmo o primeiro de janeiro de mil setecentos e vinte e dois annos o secretario Manoel Leite Fonseca.

Dom Lourenço de Almeida.”

(Livro de Patentes 1721/1725, fls. 61, arquivado no Arquivo Público Mineiro sob n.º SC- 21)

“Dom Lourenço de Almeida. Faço saber aos que esta minha patente virem que tendo respeito aos merecimentos e maes requeridos que concorrem na pessoa de Lourenço Garcia e a aplicação em que trabalha nos engenhos de fazer Rodas de minerar e confiar de lhe que da qui em diante continuará no mesmo exercicio com conhecida utilidade destes moradores. Hey por bem de nomear e prover no posto de Capitão Engenheiro dos dittos engenhos, o qual posto servirá enquanto eu o houver por bem ou S. Majde. não mandar o contrario e o capitão mor das ordenanças da Villa de São Joseph Silvestre Marques da Cunha lhe dará posse e juntamente dos santos evangelhos para bem servir o seo posto, com o qual gozará de todas as honras, privilégios, invenções e liberdades que directamente lhe pertencerá pelo que ordeno ao dito Captam. mor o deixe servir e gozar do privilégio que lhe concedi, havendo elle saisefeito as clausulas deste..... e ao que promete fazer na sua suplica e para firmar ditado lhe mandei passar esta patente por mim assinado e sellado com o sinete do minhas armas que cumprirá como nella se conthem, Registrandosse no Lvro. da Secretaria desse governo, e normas a que tocar. Dada nesta Villa de São João del Rey a 16 de junho de 1723, o secretario Manoel de Affonseca de Azevedo a escrevi.

Dom Lourenço de Almeida.”

(Livro de Patentes, 1721/1725, fls. 137, arquivado no Arquivo Público Mineiro sob n.º SC-21)

Posteriormente Lourenço foi residir na circunscrição da Capela de Santana do Barroso, atual Barroso-MG, filial da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, atual Barbacena-MG, onde veio a falecer em 4-OUT-1734⁴, vitimado por um raio.

⁴ ASSIS, João Paulo Ferreira de. *Óbitos da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena 1731-1739*. Revista Polis 30 n.º 11. Ressaquinha, 1999, p. 21-26.

Deixou os seguintes filhos:

- 1 (II) – ANA FRANCISCA, casada na matriz de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, Barbacena-MG, em 10-ABR-1736⁵, com MANOEL MACHADO PESTANA, n. na Ilha de São Jorge, f. 22-MAIO-1780⁶ em Barbacena-MG, filho de João Machado Pestana e Ana Pereira Maciel;
- 2 (II) – ISABEL FRANCISCA, casada em 7-JUL-1745⁷ na Capela do Ribeirão, filial de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo com JOÃO MARQUES VIANA, n. Freguesia de Nossa Senhora de Monserrate, Vila de Viana, filho de Antônio Marques Viana e Maria Ramos⁸;
- 3 (II) – AMBRÓSIO GARCIA FONTOURA, n. na Freguesia de Santo Antônio da Vila de São José, casado em 8-JUL-1748⁹ na capela de Nossa Senhora da Ajuda do Faria, filial da matriz de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, com ANA MARIA DE ARAÚJO, filha de José de Araújo e Josefa da Costa;
- 4 (II) – ANTÔNIO GARCIA FONTOURA, n. Freguesia de Santo Antônio da Vila de São José, Tiradentes-MG, casado em 26-SET-1764¹⁰ na capela de Nossa Senhora do Olho D'Água, filial da matriz de Nossa Senhora da Conceição de Prados- Prados-MG, com EUGÊNIA MARIA DA CONCEIÇÃO, filha de José Pereira Cardoso e Maria da Conceição; e
- 5 (II) – LUZIA GARCIA, bat. 13-NOV-1728¹¹ na Capela de Nossa Senhora da Ajuda do Faria, filial de Borda do Campo, f. 6-MAR-1759¹² em

⁵ ASSIS, João Paulo Ferreira de. *Casamentos da Matriz da Borda do Campo 1731-1741*. Revista Polis 30 n° 10, Ressaquinha, 1999, p. 16-25.

⁶ Livro de Óbitos de Barbacena, F-05, 1768-1780, fls. 54v. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

⁷ Livro de Batizados e Casamentos de Barbacena, D-10, fls. 180. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

⁸ Idem.

⁹ Livro de Batizados e Casamentos de Barbacena, D-10, fls. 208. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

¹⁰ Livro de Casamento de Prados, 1750-1766, fls. 70v, arquivado, à época da pesquisa, 1995, na Paróquia de Prados - MG.

¹¹ ASSIS, João Paulo Ferreira de. *Batizados na Capela de Nossa Senhora da Ajuda do Faria, Filial da Matriz da Borda do Campo 1727-1732*. Revista Polis 30 n° 5. Ressaquinha, 1999, p.23.

¹² Livro de Óbitos e Testamento, F-04, fls. 207v. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

Barbacena-MG, casada em 27-ABR-1744¹³ na capela do Faria com Martinho de Faria Moreira, n. Vila de Mogi, f. 17-JUL-1775¹⁴ em Barbacena-MG, filho de Antônio de Faria Moreira e Inês Ribeiro.

Árvore de costado de Lourenço Garcia da Fontoura

1. LOURENÇO GARCIA FONTOURA, n. na Freguesia de Cervães, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal, bat. 15-FEV-1693¹⁵ na Freguesia de Nossa Senhora do Bom Despacho de Cervães, f. 4-OUT-1734¹⁶ em Barroso - MG, sepultado na Capela de Santo Antônio do Barroso, filial de Borda do Campo. Matrimônio em 26-NOV-1718¹⁷ na Matriz de Santo Antônio da Vila de São José, atual Tiradentes - MG, com ISABEL RIBEIRO DE LIMA, n. em Itu - SP, bat. 28-MAR-1695.¹⁸

“Aos quinze dias do mes de fevereiro do anno de mil e seis Centos e noventa e tres annos Baptizou o Pe. (Nuno) feryra. Cura desta Igja. a Lço. fo. de Christovão Gracia e de sua mer. Ma. Frca. do lugar da Fontoura; Forão Padrinhos O Pe. Lço. da Costa da Bonça e Ma. Gracia do lugar do Penedo todos desta frga. e logo lhe pus os Santos Oleos e por verdade fiz et assinei era ut s. João Ribeiro”

(Transcrito do Livro de Batizados da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 1, 1685-1717. Arquivo Distrital de Braga)

“... cujo teor o seguinte: Aos vinte e..... do mes de Março de mul seiscentos e novneta e sinco annos baptizei e pus os santos óleos por licença do Reverendo P. V. a Isabel innocente filha de João Pereyra e sua mulher Maria de Souza, forão padrinhos Francisco Pereyra e Izabel da Costa...”

¹³ Livro de Batizados e Casamentos de Barbacena, D-10, fls. 181v. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

¹⁴ Livro de Óbitos da Freguesia de Barbacena, 1768-1778. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

¹⁵ Livro de Batizados da Freguesia de São Salvador de Cervães, n° 1, 1685-1717. Arquivo Distrital de Braga.

¹⁶ ASSIS, João Paulo Ferreira de. *Óbitos da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena 1731-1739*. Revista Polis 30 n° 11. Ressaquinha, 1999, p. 23.

¹⁷ Processo de habilitação ao sacerdócio de Antônio de Faria Moreira e seu irmão Francisco Xavier Moreira. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

¹⁸ Idem.

(Trecho extraído do processo de habilitação ao sacerdócio do padre Antônio Faria Moreira, arquivado na Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Mariana-MG)

Genitores

2. CRISTÓVÃO GARCIA, n. na Freguesia de Cervães, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal, batismo em 27-ABR-1653¹⁹, f. 18-MAIO-1701²⁰ em Cervães. Casado com ANA FRANCISCA em 5-MAIO-1682²¹ na Freguesia de São Romão da Ucha, Concelho de Barcelos, Distrito de Braga, Portugal.

“Aos vinte e sete dias do mes de Abril do anno de mil E seiscentos e sinquoenta E tres annos. Baptizei na Igra. do Mostro. de Cervães ha Christovão filho de Guaspar frco. E de sua me. Domingas Garcia. Forão Padrinhos Christovão frco. de Guamares E Catrina Frca. me. de João Mel. da Guomaris todos desta frga.. E por verdade fis este q. assinei e mais supra. Todos me. no Couto Gaspar fra.e sua me. mores. no lugar do Penedo.

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 3, 1644-1671. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n° 1352335 da Sociedade Genealógica de Utah)

“Aos Sinco dias do mes de mayo de mil e seiscentos e oitenta e dous se receberão (por permissão) do mto. (...) juiz dos casamentos Anto. Gomes da..... do desembargador; na de Braga, por palavras de presente em minha presença Christovão Gracia filho legitimo de Gaspar Frco. e de sua mer..... Gracia do lugar de (..)maris, com Anna Frca. f. la. de Domingos Sebastião e de sua mer. Apolonia (.....) do lugar da Fontoura; todos da Frga. de Salvador de Servães a formal do Sagrado Consc. Trid. e com certidão dos banhos de seu paroco João (Ribeiro)e por me ser así (comcebido) a dita comissão q. ponho em minha guarda assiste a este matrimonio e forão mais tas. Pedro do lugar da quintã a Frco. da maior parte desta Frga. e por ser em Lça de Litanias, e para constar a verdade fis e asiney este termo era dia e mes anno ut supra.

Abb. Diogo de “

¹⁹ Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 3, 1644-1671. Arquivo Distrital de Braga.

²⁰ Livro de Óbitos da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 1, 1699-1786. Arquivo Distrital de Braga.

²¹ Livro Misto da Freguesia de São Romão da Ucha, n° 2, 1667-1730. Arquivo Distrital de Braga.

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Romão da Ucha n.º 2, 1667-1730. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n.º 1383701 da Sociedade Genealógica de Utah)

“Aos dezouto dias de Maio do annos de mil, e Sete Centos e hum annos, se faleceo Christovão Gracia do lugar da Fontoura cõ todos os Sacramtos. deixou doze Pes. em dous offos. no dia de sua sepultura se lhe fez hum offo [] Pes. ficou sua mer: Anna Frca. e seus fos, e [ilegível]”

(Transcrito do Livro de Óbitos da Freguesia de São Salvador de Cervães n.º 1, 1699-1786. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado a partir do site www.tombo.pt)

3. ANA FRANCISCA FONTOURA, n. na Freguesia de Cervães, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal, bat.10-FEV-1658²² na Freguesia de Cervães, fal. 23-JAN-1708²³ em Cervães.

“Aos des dias de fevereiro do anno de mil E Seis Sentos E Sinquoenta E oito annos. Baptizei nesta igr. de Salvador De Cervaes ha Anna fa. de Dos. Sebastião do Couto E de sua mer. Apollonia Piz. Forão Padrinhos Manoel Frco. do PassoE Ma. Glz. mer. de Miguel de Oliveira de Campellos Todos desta frga. por assi passar na verdade fiz este assi o Rev. Phellipe Rabelo”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n.º 3, 1644-1671. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n.º 1352335 da Sociedade Genealógica de Utah)

“Aos Vinte, e tres dias do mes de Janeyro do anno de mil, e Sete Centos, e oyto faleceo Com todos os Sacramentos Anna Francisca veuva cazada q foy com Chistovão Gracia do lugar da Fontoura Foy sepultada no dia seguinte no adro desta Igreja [difícil leitura] Anto. Roiz”

(Transcrito do Livro de Óbitos da Freguesia de São Salvador de Cervães n.º 1, 1699-1786. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no site www.tombo.pt)

Avós

4. GASPAR FRANCISCO, n. na Freguesia de São Gens de Macarome,

²² Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n.º 3, 1644-1671. Arquivo Distrital de Braga.

²³ Livro de Óbitos da Freguesia de São Salvador de Cervães n.º1, 1699-1786. Arquivo Distrital de Braga.

Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal, bat. 6-SET-1626²⁴ na Freguesia de São Gens de Macarome, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal, fal. 10-Out-1703²⁵ em Cervães.

Matrimônio em 21-JUL-1652²⁶ na Freguesia de São Salvador de Cervães, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal, com DOMINGAS GARCIA.

“Aos 6 dias do mes de Setembro do ano de 626 Eu o Pe. Po. Miz. Castro desta Igra. Baptizei a Guaspar fo. de frco. Piz. do asento e de sua me. Ilena Piz. forão padrinhos Po. [Costa] E Sabina Antunes de porta[sete] desta frga. e por verdade[.....]”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n° 1, 1588-1641. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado a partir do site www.tombo.pt)

“Aos vinte E hu dias do mes de julho do anno de mil E seis sentos E sinquo enta E dous annos. Recebi nesta igr. do mostro. de Cervaes por pallavras de prezente E per marido E Mer. dados os banhos na forma do Concilio Trid. ha Guaspar Frco. filho de Frco. Piz. E de sua mer. Illena piz. mores. na frga. de São Gens Com Domingas Guarcia filha de frco. Dos. do penedo E de sua mer. Marta Guarcia desta dita frga. estãdo por presentes por Testas. Christovão Frco. E João Mel. ambos de Guamaris E Sebastião Pra. E Joseph Dos. E Pero frco. do Castello E Frco. Dos. do penedo o mais Mosso E mais velho E Pero Dias do Passo E por assi passar na verdade fis este q. assinei era ut supra

O [Rtor] Phelippe Rebello Pra. “

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 3, 1644-1671. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n° 1352335 da Sociedade Genealógica de Utah)

“Aos Onze dias de Outubro do anno de mil E Sete Centos e tres annos se faleceo Gaspar Frco. do lugar do [ilegível] Com [] sacramtos. no dia de sua sepultra se lhe fes hum offo. de quinze Padres de nove lições e fes testamto. [em seniftes] em q [ditou] trinta [ilegível] e [ilegível] duas missas em [ilegível] tres, e duas missas a [] Sra. do Roza[rrio] desta frga. ficou su mer. e seu genro Anto. Dos. e sua mer por erdros. do mesma lugar e por verdade fiz [], assinei era ut S. O Parocho João Ribro.”

(Transcrito do Livro de Óbitos da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 1,

²⁴ Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n° 1, 1588-1641. Arquivo Distrital de Braga.

²⁵ Livro de Óbitos da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 1, 1699-1786. Arquivo Distrital de Braga.

²⁶ Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 3, 1644-1671. Arquivo Distrital de Braga.

1699-1786. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado a partir do site www.tombo.pt)
 5. DOMINGAS GARCIA, n. em Freguesia de São Salvador de Cervães, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal, fal. 14-MAR-1712²⁷ em Cervães.

“Aos quatorze dias de Março do anno de mil e sete centos e doze annos se faleceo da vida prezente com todos os sacramentos Domingas Garcia do lugar do Penedo desta frga. e Va. que ficou de Gaspar Franco. do mesmo lugar, está sepultada dentro na Igra. junto ao degrau [diara?] e se lhe fes [ova?] officio de [dize?] padres de nove liçois de q fis este asento era ut supra. O Parcho João Ribeyro”

(Transcrito do Livro de Óbitos da Freguesia de São Salvador de Cervães n.º 1, 1699-1786. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado a partir do site www.tombo.pt)

6. DOMINGOS SEBASTIÃO, n. na Freguesia de São Romão da Ucha, Concelho de Barcelos, Distrito de Braga, Portugal, fal. 22-NOV-1674²⁸ na Freguesia de São Salvador de Cervães, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal.

Matrimônio em 29 Mar 1650²⁹ com APOLÔNIA PIRES.

“Aos vinte e nove dias do mes de marsso do anno de mil Seis Sentos he Sinquenta annos. Recebi nesta igma. do mostro. de Cervães por marido e [mulher] por palavras de prezente dados os banhos na forma dosto. Concilio Trid. ha Domingos Sebastião fo. de Sebastião D[os] de Gandara[cham] E de sua me. da frga. de São Romão da ucha co[m] Apollonia Pires fa. de Pero piz. E de sua mer. Ma. piz. ja defun[] moradores q. forão nesta dita frga. E lugar da fontoura E [] estando prezentes Dos. João Guaspar affonso Dos. affonso To[] Carvalhos Frco. pires do Couto e Andre Pires do Couto E João Roiz. [e P] Dos de [] todos desta frga. e por assi passar na verdade

O Ror. Phelippe Rebello Pra.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervaes n.º 3, 1644-1671. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n.º 1352335 da Sociedade Genealógica de Utah)

²⁷ Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n.º 3, 1644-1671. Arquivo Distrital de Braga.

²⁸ Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n.º 4, 1666-1703. Arquivo Distrital de Braga.

²⁹ Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n.º 3, 1644-1671. Arquivo Distrital de Braga.

“Aos vte. E dous dias do mes de novembro do anno de mil E seis sentos E setenta E coatro annos faleceo Dos. Sebastião do lugar da fontoura disem fes testamto. Em q. deixou vte. missa Em dous officos de tres [licoins] cada hu o qual deve [most..] teve no dia de Corpo presentre onze missas cõ officio de [seis] [licoens] E por este ser verdade fis este q assinei, o Rtor. Franco. da Costa Cerqra.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 4, 1666-1703. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n° 1352335 da Sociedade Genealógica de Utah)

7. APOLÔNIA PIRES, n. na Freguesia de São Salvador de Cervães, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal, bat. 3-MAIO-1615³⁰ na Freguesia de São Salvador de Cervães, fal. 1-FEV-1684³¹ em Cervães.

“Aos tres dias do mes Maio, de mil e seiscentos e quinze, baptizei [eu] Mel. [] vigo. apolonia [] de [Po. ou D. ou Fo.] Piz da Fontoura et de sua Molher Ma. piz. forão padrinhos [Frc?] Felipe do Couto et [iliegível] molher de Anto. Dos. de [Cervellos ou Carvalhos?] et [asinei] Mel. Cer”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 1, 1583-1619. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisa realizada através do site www.tombo.pt)

“Ao pro. dia de fevo. de mil E seis Centos E oitenta E quatro annos se faleco Appolonia Piz. va. da fontoura com todos os sacramentos esta enterrada no Adro na parte direita ficou por Erdro. seu Genro Christovão Gracia do mesmo lugar. E por verdade fiz era ut S. deixou 10 Pes. em 2 offfos. João Ribro.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervaes n° 4, 1666-1703. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n° 1352335 da Sociedade Genealógica de Utah)

Bisavós

8. FRANCISCO PIRES, fal. 20-FEV-1658³² na Freguesia de São Gens de Macarome, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal.

(1) Matrimônio em 17-JAN-1616³³ na Freguesia de São Gens de Macarome,

³⁰ Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 1, 1583-1619. Arquivo Distrital de Braga.

³¹ Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 4, 1666-1703. Arquivo Distrital de Braga.

³² Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n° 2, 1641-1660. Arquivo Distrital de Braga.

³³ Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n° 1, 1580-1641. Arquivo Distrital de Braga.

com HELENA PIRES.

(2) Matrimônio em 3-FEV-1647³⁴ na Freguesia de São Gens de Macarome, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal, com MARTA GOMES.

“Aos dasesete dias de janro. de mil e seis centos et doseses seis annos se recebeo nesta igrã. de S. Gens frco. Piz. cazeiro della cõ sua molher illena piz. et Eu Mel. Alz. cura os a juntei [.....] da Santa madre igrã. et Cõ silio tridetino estando por testas. bastião Correa frco. João de [vogolde] et todos mais freigeses et por verdade fiz et a sinei esta oge dia mes et anno ut supra. Mel. Alz.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n.º 1, 1590-1649. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n.º 1352433 da Sociedade Genealógica de Utah)

“Aos tres dias do mes de fevereiro do ano de 647 nesta igrã. na forma do [...] Conc. trind. se Receberão por palavras de presente. frco. Piz. Morador nesta [...] assinto fo. de [braz.] piz. e de sua mer. Anna frca. o qual foi casado cõ Ilena piz. ja defunta. cõ Marta Guomes fa. de Lço. Anto. E de sua mer. Izabel frca. forão tas. Po. frco. Bento miz. et Gar. Glz. desta frga. E outros. E por verdade fiz Et assinei dia mes [.....]. Vigro. Po. Miz.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n.º 2, 1641-1660. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n.º 1352433 da Sociedade Genealógica de Utah)

“[Aos vinte] dias do mes de frvo. de mil E seiscentos cinco entã e outo annos nesta frga. faleceo frco. pires do asento Com o sacramento de penitencia [semente] por nam estar capas dos mais Costome fazer mandar verbal em f deixou cã seis missas nesta igrã. E duas no altar de S. [...] da [...] de q derão servm. [piz am] no [..] enterro lhe [..] Jerão as seis missas [en] [...] rão na Confraria Como pom E vo. Com [he] [Cat..ne] e por vassar na verdade fis este termo he dia mes ut supra.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n.º 2, 1641-1660. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n.º 1352433 da Sociedade Genealógica de Utah)

9. HELENA PIRES, n. em Freguesia de São Gens de Macarome, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal, bat.15-DEZ-1590³⁵ na Freguesia de São Gens de Macarome, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal,

³⁴ Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n.º 2, 1641-1641. Arquivo Distrital de Braga.

³⁵ Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n.º 1, 1580-1641. Arquivo Distrital de Braga.

fal. 22-DEZ-1643³⁶ na Freguesia de São Gens de Macarome, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal.

“Aos quinze dias do mes de [outubro] do anno de mil quinhentos e noventa baptizei huã fa. de Belchior ao. he sua molher Ma. piz. por nome Illena forão cõpadre Mel. mancebo soltro. fo. de Anto. miz desta frga. he Joana vaz. mra. em o pinheiro ou[dt]o desta mesma frga. de Sanges por verdade assinei aqui oje dia mes he hera ut supra”

(Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n° 1, 1580-1641. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n° 1352433 da Sociedade Genealógica de Utah)

Aparições de todas as Helenas nos registros paroquiais de Macarome, antes do casamento de Francisco Pires e Helena Pires:

“Aos quinze dias do mes de [outubro] do anno de mil quinhentos e noventa baptizei huã fa. de Belchior ao. he sua molher Ma. piz. por nome Illena forão cõpadre Mel. mancebo soltro. fo. de Anto. miz desta frga. he Joana vaz. mra. em o pinheiro ou[dt]o desta mesma frga. de Sanges por verdade assinei aqui oje dia mes he hera ut supra”

“Aos 10 dias do mes de Janro. do ano de mil e quinhentos noventa e tres baptizei a Illena fa. de mel. miz. e de sua ma. frca.foi padrinho [sebastião] Correa e madrinha Illena piz fa. de Gpar. piz. [capit ro] todos desta frga. mes dia ano “

“ Aos 6 de Julho de 603 annos baptizou Ger. barroso digo [.....] frco. cura de cabanellas a Ma. fa. de Po. [Matis] e de sua molher Maria frca. forão padrinhos Gaspar Jmo. fo. de aleixo João E Illena piz fa. de Gar. piz. ia defunto E por elle assimio dizer e os [...] fiz este oje 3i de agosto da era supra”

“Ao primeiro dia de dezembro. de seis centos E treze baptizei Eu Mel Alz cura desta igreja fo. de Belchior piz de Rogalde e de sua molher et forão padrinhos Belchior pra. soltro. fo. de Anta. frca. va. et ille na outro si soltra. fa. de ma. piz. va. do asento [...] igrã. et todos desta frga. et por verdade asignei”

“2. de 9bro. 614 baptizei Simão [.....] de frco. João do môte et de sua molher [.....] forão padrinhos frco. miz. do asento et illena fa. de ma. piz. todos desta frga. et por verdade asignei”

“et no mesmo dia de 22 de febro. baptizei Eu sobre dito cura a dos fo. de Po dias cazeiro forão padrinhos dos frco. de Rogalde et Illena fa. de ma. piz va. et por verdade asigno.”

(Transcrições realizadas de registros paroquiais no Livro Misto da Freguesia de

³⁶ Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n° 2, 1641-1660. Arquivo Distrital de Braga.

São Gens de Macarome n.º 1, 1580-1641. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n.º 1352433 da Sociedade Genealógica de Utah)

As evidências levam a crer que Helena Pires, casada com Francisco Pires em 1616, seja a filha de Belquior Afonso e Maria Pires. São elas:

1 – Helena, filha de Belquior Afonso e Maria Pires, nasceu em 1590, e estaria com 26 anos ao se casar, ao contrário da Helena Pires, filha de Gaspar Pires, que já deveria contar com aproximadamente 35 anos, e não poderia gerar filhos em 1626;

2 - a Helena filha da viúva Maria Pires, aparece regularmente na qualidade de madrinha até fevereiro de 1615, não aparecendo mais, justificado pelo fato de que, a partir do casamento, não seria mais Helena filha de Maria Pires e sim esposa de Francisco Pires;

3 - a viúva Maria Pires, mãe de Helena, era do Assento, o mesmo lugar em que residiram Francisco Pires e Helena Pires.

“Aos 22 dias do mes de dezembro do ano de 643 se faleceo da vida presente Ilena Piz. m. q. foi de frco. piz. Caseorp desta igrã. fes mãda de palavra [.....] por sua alma se fissesse [....] missas a saber [.....] da Se de Bragua das quais logo [.....] ficarão satisfeitas entrege nesta [.....] estados a presente he fizerão hu [.....] padres [.....]”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n.º 2, 1641-1660. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n.º 1352433 da Sociedade Genealógica de Utah)

10. FRANCISCO DOMINGOS, fal. 1-SET-1655³⁷ na Freguesia de São Salvador de Cervães, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal. Ele se casou com MARTA GARCIA.

Não foi encontrado o registro do casamento de Francisco Domingos e Marta Garcia.

“Ao primeiro dia do mes de setembro do anno de mil E Seis Sentos E Sincoenta E sinco annos annos. Fallesto Frco. Domingos do Penedo vo. do termo do Couto E desta frga. Dize fes testamto. verbal Em q. Deixou des missas no dia de seu hinterro, cõ [seis] offo. E mais [...] offos. de seis pes. cada hu q. Digão missas pela alma do d. dofune[.] Fiquarão seus herdos. Domingos frco. do mesmo lugar seu filho E Gaspar frco. seu genro E por assi na verdade fis este que asinei. O Rtor. Phelippe Rabêllo Pra.”

³⁷ Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n.º 3, 1644-1671. Arquivo Distrital de Braga.

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 3, 1644-1671. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n° 1352335 da Sociedade Genealógica de Utah).

11. MARTA GARCIA, fal. 10-JAN-1647³⁸ em Freguesia de São Salvador de Cervães, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal.

“Aos Des dias do mes de Jano. do anno de mil e seiscentos e quarenta e sete annos faleseo Marta Guarcia mer. de frco. Dos. do Penedo fiquarão herdeiros seus filhos E por assi passar na verdade fiz e assinei.

Philippe Rebello Pra.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 2, 1619-1651. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n° 1352335 da Sociedade Genealógica de Utah)

12. SEBASTIÃO DOMINGOS, fal. 2-DEZ-1681³⁹ na Freguesia de São Romão da Ucha, Concelho de Barcelos, Distrito de Braga, Portugal.

Não se descobriu o nome da esposa de Sebastião Domingos. Os registos paroquiais disponíveis da Freguesia de São Romão da Ucha iniciam em 1630.

“Aos dous dias do mes de dezembro de mil e seiscentos e oitenta e hum faleceo Sebastião Domingues de Gandra cham com todos os sacramtos. e mto. velho fes testamto. in [peripostis?] e nelle deixou dose missas em seus officios e duas em S. Po. seu fo. da [pensa] me deu sette centos e sincoenta [reis?] com que paguei a seis padres q lhe fizeram os ffo. de corpo presente, e que eles depois me dicerão seria [loceado] encontra tem mulher e fos. Casados e dotados e herdeiros q são obrigados ao bem da alma, e para constar fis e assiney este, oje dia mes e anno ut Supra. O Abe. Diogo []”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Romão da Ucha n° 2, 1667-1730. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisa realizada por intermédio do site www.tombo.pt)

14. PERO PIRES, fal. 15-OUT-1649⁴⁰ na Freguesia de São Salvador de Cervães, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal. Ele se casou com MARIA PIRES.

³⁸ Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 2, 1619-1651. Arquivo Distrital de Braga.

³⁹ Livro Misto da Freguesia de São Romão da Ucha n° 2, 1667-1730. Arquivo Distrital de Braga.

⁴⁰ Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervaes n° 2, 1619-1651. Arquivo Distrital de Braga.

“Aos quinze dias do mes de outubro do anno de mil e seis Sentos e quarenta E nove annos Falleseo Pero pires da fontoura do couto E desta frga. fiquarão herdros. seus fos. Dos. ao. de Carvalhos E Cnra. e Pollonia E por assi passar na verdade Assinei. Rtor. Phelippe Rebello Pra.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervaes n.º 2, 1619-1651. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n.º 1352335 da Sociedade Genealógica de Utah)

15. MARIA PIRES, fal. 30-NOV-1648⁴¹ em Freguesia de São Salvador de Cervães, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal.

“Aos trinta dias do mes de novembro do anno de mil e Seis Sentos E quarenta E oito annos Falleseo Maria piz. mer. de Pero Piz. da fontoura q. he no Coutto e nesta frga. fiquarão seus fos. herdros. E por assi ser verdade Asinei era ut Supra

Phelippe Rebello Pra.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervaes n.º 2, 1619-1651. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n.º 1352335 da Sociedade Genealógica de Utah)

Trisavós

16. BRÁS PIRES⁴² fal. 14-FEV-1607⁴³ na Freguesia de São Gens de Macarome, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal. Ele se casou com ANA FRANCISCA.

“Aos 14 de febro. de seis centos et sete se faleceo bras piz dizem fazer manda [] ao dia cinco misas cõ seu officio et obrada et por verdade asinei [] Mel Alz.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n.º 1, 1588-1641. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisa realizada por intermédio do site www.tombo.pt)

17. ANA FRANCISCA.

⁴¹ Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervaes n.º 2, 1619-1651. Arquivo Distrital de Braga.

⁴² O primeiro nome do pai de Francisco Pires no registro de seu casamento com sua segunda mulher, Marta Gomes, é de difícil leitura. Aceitou-se “Brás”, mas com reserva. Tentou-se identificar na freguesia de Macarome um casal cujo marido tivesse sobrenome Pires e a esposa chamasse Ana Francisca, sem sucesso.

⁴³ Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n.º 1, 1580-1641. Arquivo Distrital de Braga.

18. BELQUIOR AFONSO, fal. 25-JUN-1604⁴⁴ na Freguesia de São Gens de Macarome, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal.

Ele se casou com MARIA PIRES.

“Aos vinte e cinco dias do mes de Junho do ano de mil e seis centos e quatro fal[] Belchior Afonso caseiro desta igreja de São Ges de macrome [] e por verdade fiz este q asinei oje ut sup SeBastião Fiz”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n° 1, 1588-1641. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisa realizada por intermédio do site www.tombo.pt)

19. MARIA PIRES, fal. 3-DEZ-1615⁴⁵ em Freguesia de São Gens de Macarome, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal.

“Aos tres dias do mes de def]bro de Seis centos et quinze annos se faleceo ma. piz. va. et cazeira desta igr. et fez manda por testas na qual mãdou lhe dissese vinte et quatro missas por sua alma cõ [] a saber em a capella de S Po. de [] ga et vinte nesta igr. obrada [] a [sabres] esta das S. dia meio [] et anno et no dia lhe disserão [] cõ oito obradas et por ver[] a signo”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Gens de Macarome n° 1. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisado no microfilme n° 1352433 da Sociedade Genealógica de Utah)

22. VICENTE FRANCISCO, fal. 04-ABR-1615⁴⁶ em Cervães.

Considerou-se Vicente Francisco como pai de Marta Garcia e esposo de Maria Garcia devido ser o único casal identificado em Cervães, por volta de 1600, com sobrenome Garcia, e que estava gerando filhos nessa época, período compatível com o nascimento de Marta Garcia.

“Aos quatro dias do mes de Abril faleceo Vte. frco. do couto coffessado e Comungado e unguido, [turimo?] no po. dia oito missas e [] quatro [almy?]”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 1, 1588-1617. Arquivo Distrital de Bragal. Pesquisa realizada pro intermédio do site www.tombo.pt)

23. MARIA GARCIA, fal. 6-MAIO-1654⁴⁷ em Freguesia de São Salvador de

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 1, 1583-1619. Arquivo Distrital de Braga.

⁴⁷ Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n° 3, 1644-1671. Arquivo

Cervães, Concelho de Vila Verde, Distrito de Braga, Portugal.

“Aos seis dias do mes de maio de mil e seis sentos E sinquoenta E coatro annos Falleseo Maria Garcia va. ma. no lugar do Penedo ficou seu herdoro. Frco. Dos. seu Genrro. Não q fazesse Testamto. E por assi passar verdade fis este q Assinei era ut supra

O Rtor Philippe Rebello Pra.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Salvador de Cervães n.º 3, 1644-1671. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisa realizada no microfilme n.º 1352335 da Sociedade Genealógica de Utah)

ABREVIATURAS UTILIZADAS

bat. batizado/batizada
fal. falecido/falecida
fls. folha/folhas
n. nascido/nascida
p. página/páginas

FONTES PRIMÁRIAS CONSULTADAS

1 – Livros paroquiais da Freguesia de São Salvador de Cervães, Concelho de Vila Verde, Portugal. Arquivo Distrital de Braga. Consulta em microfilme no Centro de História da Família e pela internet nos sites www.familysearch.org e www.tombo.pt.

2 – Livros paroquiais da Freguesia de São Gens de Macarome, Concelho de Vila Verde, Portugal. Arquivo Distrital de Braga. Consulta em microfilme no Centro de História da Família da Capela de Jardim da Penha, Vitória-ES, e pela internet nos sites www.familysearch.org e www.tombo.pt.

3 – Livros paroquiais da Freguesia de São Romão da Ucha, Concelho de Barcelos, Portugal. Arquivo Distrital de Braga. Consulta em microfilme no Centro de História da Família da Capela de Jardim da Penha, Vitória-ES, e

Distrital de Braga.

pela internet nos sites www.familysearch.org e www.tombo.pt.

4 – Livros paroquiais de Barbacena-MG. Arquivo da Cúria Metropolitana de Mariana. Consulta presencial na Cúria, no Centro de História da Família da Capela de Jardim da Penha, Vitória-ES, e pela internet no site www.familysearch.org.

5 – Processo de habilitação ao sacerdócio do padre Antônio de Faria Moreira e seu irmão Francisco Xavier Moreira. Arquivo da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Mariana.

6 – Livro de Casamentos da Matriz de Prados – MG, 1750-1766, fls. 70v.

7 – Livros de Registros de Patentes da Capitania de Minas Gerais, Códice SC-21, 1721/1725, fls. 8, 61 e 137. Arquivo Público Mineiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, João Paulo Ferreira de. *Batizados na Capela de Nossa Senhora da Ajuda do Faria, Filial da Matriz da Borda do Campo 1727-1732*. Revista Polis 30 n.º 5. Ressaquinha, 1999.

ASSIS, João Paulo Ferreira de. *Casamentos da Matriz da Borda do Campo 1731-1741*. Revista Polis 30 n.º 10, Ressaquinha, 1999.

ASSIS, João Paulo Ferreira de. *Óbitos da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena 1731-1739*. Revista Polis 30 n.º 11. Ressaquinha, 1999.

BOGACIOVAS, Marcelo M Amaral. *Primeiras Gerações de Pereiras Themudos em São Paulo*. Revista da ASBRAP n.º. 2, São Paulo, 1995.

Para contato com o autor: marcioliveiramacedo@gmail.com

GENEALOGIA DE UMA FAMÍLIA MACEDO ORIGINÁRIA DE GUIMARÃES

Márcio Oliveira Macedo

Resumo: *Ascendentes e descendentes de Gregório de Macedo Cruz, português emigrado para as Capitanias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, Brasil, entre 1707-1715.*

Abstract: *Ancestors and descendants of Gregório de Macedo Cruz, a Portuguese individual who emigrated to the Rio de Janeiro and Minas Gerais provinces, Brazil, between 1707-1715.*

Introdução

Nesse artigo são relacionados ancestrais de Gregório de Macedo Cruz, alguns parentes colaterais e vários de seus descendentes, com ênfase nos descendentes de Antônio Gomes de Macedo, neto de Gregório, em especial dos descendentes de Claudino José Teixeira, neto de Antônio e trineto de Gregório.

As informações aqui apresentadas, em sua maioria, são decorrentes de pesquisas realizadas pelo autor em fontes primárias, tais como registros civis, inventários e registros paroquiais, presencialmente, ou mediante consulta a microfilmes no Centro de História da Família e em imagens digitalizadas e disponibilizadas na internet por várias organizações.

Faz-se uso, em menor quantidade, de fontes secundárias, publicações de pesquisadores, em especial as publicadas na Revista Polis 30, não mais em circulação, editada pelo historiador e genealogista João Paulo Ferreira de Assis, de Ressaquinha - MG.

Para a descendência do casal Clara Maria de Jesus e José Rodrigues de Oliveira, ela filha de Antônio Gomes de Macedo e Efigênia Maria de Jesus, a fonte utilizada, em sua maioria, foi a obra Memórias de Rio Novo – Notas de Joaquim José Fernandes da Silva – 1865-1953, organizada e publicada por Maria do Carmo Salazar Martins, Instituto Cultural Amilcar Martins, Belo Horizonte, 2010.

As pesquisas iniciaram-se em 1988 com entrevistas a parentes, dando

seguimento com pesquisas presenciais nos cartórios de registro civil de Varre-Sai - RJ e Rio Novo - MG, nas paróquias de Alegre - ES, Rio Novo - MG, São João Nepomuceno - MG, Rio Pomba - MG, Mar de Espanha - MG, Natividade – RJ e Bom Jesus do Itabapoana - RJ, em diversos livros paroquiais e processos de matrimônio do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana e Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Juiz de Fora, nos arquivos judiciais de Rio Novo - MG, Mar de Espanha - MG, Rio Pomba - MG e Barbacena - MG (Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena-MG), no Arquivo Público Mineiro, Arquivo Histórico de São João del-Rei - MG, Arquivo Histórico de Juiz de Fora - MG e Centro de História da Família da Capela da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, localizada em Jardim da Penha, bairro de Vitória – ES e, mais recentemente, mediante acesso aos arquivos digitais disponibilizados na internet pelos sites www.familysearch.org/pt/ e www.tombo.pt.

Infelizmente os registros paroquiais da antiga Freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato, provavelmente instituída pelo Bispado do Rio de Janeiro, cujo templo está localizado em Paula Lima, distrito do município de Juiz de Fora, em cujo território Gregório viveu boa parte de sua vida, foram destruídos, restando dessa antiga freguesia alguns livros paroquiais referentes ao Século XIX, atualmente arquivados no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Juiz de Fora.

Gregório de Macedo Cruz

Gregório de Macedo Cruz nasceu na Freguesia de São Pedro de Azurém, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal e foi batizado em 24-AGO-1689¹ na igreja de São Pedro de Azurém.

Ele migrou para o Brasil por volta de 1707, possivelmente com seus pais e irmãos, a julgar pela última aparição da família nos registros paroquiais de Azurém², indo provavelmente residir na cidade do Rio de Janeiro ou em alguma

¹ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Azurém n° 2, 1656-1707. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

² Batizado de Maria em 04-FEV-1706. Depois dessa data não foi encontrado nenhum registro dessa família na freguesia de Azurém, dado que sugere migração, sendo o Brasil o destino mais provável. Foram encontrados dois registros de casamentos de irmãos de Gregório em livros paroquiais da Freguesia da Candelária do Rio de Janeiro. Outro irmão de Gregório, Manoel de Freitas Cruz, foi testemunha no testamento de Gregório, lavrado no Rio de Janeiro. Infelizmente não localizei registros de casamentos de irmãs de Gregório, nem registros da presença de seus pais no Brasil, dados que poderiam

freguesia de Minas Gerais.

Posteriormente Gregório instalou-se no sítio ou fazenda chamada Antônio Moreira, propriedade adquirida de Antônio Moreira da Cruz, situada ao longo do Caminho Novo, entre as fazendas Alcaide-Mor e Queirós³.

Além da atividade rural, Gregório explorava uma hospedaria⁴ para viajantes, situada em sua fazenda, onde também deve ter explorado comércio varejista.

Gregório faleceu em 30-OUT-1748⁵ na cidade do Rio de Janeiro, em sua residência, situada na Candelária, casa adquirida em 4-MAIO-1734⁶ de sua tia Isabel Pereira de Oliveira, viúva que ficou de seu tio paterno Frutuoso de Macedo Cruz, sendo sepultado na Igreja da Candelária⁷.

Possuía, quando de sua morte, patrimônio avaliado em 12:728\$337 (doze contos, setecentos e vinte e oito mil, trezentos e trinta e sete réis), constituído pela fazenda Antônio Moreira, avaliada por 4:800\$000, uma casa na freguesia da Cadelária, avaliada por 2:000\$000, créditos diversos no valor de 2:667\$877, escravos e outros bens.

Sobrenome Macedo

O ancestral mais antigo a utilizar o sobrenome Macedo foi Domingas de Macedo, batizada em 3-MAIO-1635⁸.

Também utilizou Macedo, o irmão de Domingas, Domingos Francisco de Macedo, batizado em 23-AGO-1637⁹.

Domingas de Macedo e Domingos Francisco de Macedo foram os únicos filhos encontrados do casal Domingos Francisco e Maria Martins, casados em 1-FEV-1629¹⁰ na freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães,

confirmar a hipótese de migração de toda a família do casal Jerônimo Francisco de Macedo e Margarida de Freitas.

³ Processo de inventário de Gregório de Macedo Cruz, arquivado no Arquivo Histórico de São João del-Rei.

⁴ Informação contida no inventário de Gregório de Macedo Cruz. Arquivo Histórico de São João del-Rei.

⁵ Inventário de Gregório de Macedo Cruz. Arquivo Histórico de São João del-Rei.

⁶ Inventário de Gregório de Macedo Cruz. Arquivo Histórico de São João del-Rei.

⁷ Inventário de Gregório de Macedo Cruz. Arquivo Histórico de São João del-Rei.

⁸ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n.º 2, 1631-1670. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁹ Livro Misto da Freguesia de São Sebastião de Guimarães n.º 2, 1613-1638. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

¹⁰ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n.º 1, 1581-1631. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

Distrito de Braga, Portugal.

Domingas de Macedo e Domingos Francisco de Macedo são netos paternos de Francisco Gonçalves e Francisca Miguel, da freguesia de São Cláudio de Barco, e netos maternos de Gonçalo Martins e Margarida Gonçalves, da freguesia de São Miguel de Creixomil, ambas freguesias do Concelho de Guimarães.

Considerando que um bisavô materno provavelmente utilizava Martins, Gonçalo Martins, e dois utilizavam Gonçalves, Pedro Gonçalves e Catarina Gonçalves, a hipótese mais provável é que o Macedo seja originário de ancestrais de seu pai, Domingos Francisco, natural de São Cláudio de Barco, Concelho de Guimarães.

Não foi encontrado nenhum registro de pessoa de sobrenome Macedo nos registros paroquiais de São Cláudio, iniciado em 1630.

Apesar das buscas realizadas em todos os registros de casamentos das oitenta freguesias que compõem o Concelho de Guimarães, do período de início dos registros até aproximadamente 1650, não se encontrou o registro de casamento de Francisco Gonçalves e Francisca Miguel, bem como registro de outros filhos desse casal. Esse casal deve ter contraído núpcias aproximadamente no ano de 1600.

Foram realizadas buscas por pessoas que utilizavam o sobrenome Macedo em diversos livros paroquiais das freguesias do Concelho de Guimarães, no período correspondente ao início dos registros até 1700.

Encontraram-se diversas pessoas com esse sobrenome, em ordem decrescente de número de registros do sobrenome Macedo temos: Freguesia de São Salvador de Souto com mais de duzentos registros, Santa Maria de Souto com trinta e seis, São Miguel de Creixomil com trinta e um¹¹, Santa Maria da Oliveira da Vila de Guimarães com vinte e seis, São Paio da Vila de Guimarães com vinte e um, São Sebastião da Vila de Guimarães com onze, Azurém, Silvares e Prazins com dois cada, Abação, Caldas de Vizela, Redunfe, São Martinho de Sande e Vila Nova de Sande com um registro cada.

Nas sessenta e seis freguesias restantes, que atualmente fazem parte do Concelho de Guimarães, não foram encontrados registros desse sobrenome nos livros paroquiais no período pesquisado.

Constata-se que os Macedos do Concelho de Guimarães, nos séculos dezesesseis e dezessete, concentravam-se na freguesia de São Salvador do Souto, freguesia que poderia ser a origem do ancestral de sobrenome Macedo mais próximo de Domingas de Macedo.

¹¹ Quase todos os registros de Creixomil são da segunda metade do século dezessete, sendo que apenas quatro registros não têm relação com Domingas de Macedo.

Genealogia de Gregório de Macedo Cruz

§ 1º

- I- FRANCISCO GONÇALVES, n. por volta de 1575. Viveu na Freguesia de São Cláudio de Barco, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal. Ele se casou com FRANCISCA MIGUEL, fal. em FEV-1637¹² na freguesia de São Cláudio de Barco. Francisco faleceu em 26-OUT-1636¹³ em São Cláudio de Barco¹⁴.

“Frco. Glz. Barqro. falece aos Vinte e seis 8.bro. seis centos trinta e seis, teve ao dia sete padres no dia officio tres liçois a seis Vinteis obrada ordinaria, e fes testamto. por ser verdade fis o Vigro. de S. Claudio dia mes era ut S. Hieronimo Frco.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Cláudio de Barco nº 1, 1630-1676. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisa realizada a partir do site www.familysearch.org).

“Frca. Miguel das casas faleceo em fevro. de seis centos Trinta e sete annos, não sei se fez Testmto. ficou a seus erdro. hua erdade não fizeram bens erdro. nada te aguera por ser Verdade fis dia mes era ut S o vigro. de S. Claudio Hieronimo Frco.

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Cláudio de Barco nº 1, 1630-1676. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org.)

Pais de:

- 1 (II)- DOMINGOS FRANCISCO, n. por volta de 1600, provavelmente na Freguesia de São Cláudio de Barco. Que segue.

¹² Livro Misto da Freguesia de São Cláudio de Barco nº 1, 1630-1676. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

¹³ Idem.

¹⁴ Consideraram-se esses registros de óbitos como sendo dos pais de Domingos Francisco, mas poderiam ser homônimos. A profissão do Francisco Gonçalves do registro é a mesma de Domingos Francisco, fato que corroboraria a filiação.

- II- DOMINGOS FRANCISCO, n. provavelmente na Freguesia de São Cláudio de Barco, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal,¹⁵ por volta de 1600, fal. 23-JAN-1677¹⁶ na Freguesia de São Sebastião de Guimarães, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal. Ele se casou com MARIA MARTINS em 1-FEV-1629¹⁷ na freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães. Maria Martins, n. na Freguesia de São Miguel de Creixomil, batismo em 24-FEV-1602¹⁸, filha de Gonçalo Martins, fal. em 3-MAR-1635¹⁹ em Creixomil, e Margarida Gonçalves, fal. em 5-MAR-1641²⁰ em Creixomil, casados em 11-JUL-1598²¹ na Freguesia de Creixomil, n.m. de Pedro Gonçalves e Catarina Gonçalves²² do lugar do Rio Selho, Freguesia de Creixomil e provavelmente n.p. de Gonçalo Martins, de alcunha “o Gateado”, provavelmente por ter residido na Rua de Gatos²³.

“Oje 24 de fevro. de 602 baptizei Maria, filha de Glo. miz. e de sua molher foi padrinho Po. Seu Cunhado e madrinha frca. ferreira. Leite”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 1, 1581-1631. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisa no microfilme n° 1350010 da Sociedade Genealógica de Utah)

“Em o primeiro dia do mes de fevro. recebi a Dominguos Frco. fo. de Frco. Gls. e de sua mer. francisca Miguel da Frga. de S. Claudio do barquo Com ma. miz. fa. de Glo. miz. e de sua mer. margda. Gls. desta frega. de S. Miguel de Creixomil, forão testa. fernão lopes e belchior miz mores. no assento desta igrã. de Creixomil anno 1629 bartolomeu de paços.”

- ¹⁵ Processo de habilitação para familiar do Santo Ofício de Frutuoso de Macedo Cruz. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Documento disponível no site <https://antt.dglab.gov.pt>.
- ¹⁶ Livro Misto da Freguesia de São Sebastião de Guimarães n° 3, 1669-1708. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.
- ¹⁷ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 1, 1581-1631. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.
- ¹⁸ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 1, 1581-1631. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.
- ¹⁹ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 2, 1631-1670. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.
- ²⁰ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 2, 1631-1670. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.
- ²¹ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 1, 1581-1631. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.
- ²² Catarina Gonçalves seria a esposa mais provável do Pedro Gonçalves, pai de Margarida Gonçalves, considerando o lugar de residência. Existiam à época outros Pedros Gonçalves.
- ²³ Trata-se apenas de uma suposição. O termo gateado também poderia ser aplicado a uma pessoa com alguma característica que lembrasse um gato, como por exemplo a cor dos olhos.

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n.º 1, 1581-1631. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisa no microfilme n.º 1350010 da Sociedade Genealógica de Utah)

“Domingos Franco. sarralheiro e Barqueiro morador que foy em a Rua da molianas desta frga. morreu aos Vinte et tres dias do mes de Janro. de mil e seis centos Et setenta e sete annos com os sacramentos penitencia Et extrema Unçam não (recebeu) o sacramento da Eucaristia (.....) nam fes testanto. sepultouse em o (.....) de S. Franco. Antonio Alvres”

(Transcrito do Livro da Freguesia de São Sebastião da Vila de Guimarães n.º 3, 1669-1708. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisa no microfilme n.º 1350147 da Sociedade Genealógica de Utah).

Em 1666 Domingos Francisco e Maria Martins eram vivos e residiam na Rua Nova das Oliveiras, conforme consta do registro de casamento de seu filho Domingos Francisco de Macedo com sua segunda esposa, ocorrido em 4-OUT-1666²⁴ na Freguesia de São Paio da Vila de Guimarães. Consta desse registro de casamento que um dos genitores da noiva era falecido. Caso um dos genitores de Domingos Francisco de Macedo também fosse falecido, muito provavelmente teria constado esse fato. Não se encontrou o óbito de Maria Martins.

Pesquisou-se óbitos nas seguintes freguesias e períodos:

- São Sebastião de Guimarães (1582-1661, 1657-1670, 1669-1708, 1708-1732);
- São Paio de Guimarães (1619-1641, 1646-1685, 1681-1716 e 1716-1729); e
- Santa Maria da Oliveira de Guimarães (1650-1673, 1673-1715 e 1718-1739, até 1728).

Foram encontrados óbitos de pessoas com nome de Maria Martins em São Sebastião de Guimarães e São Paio, porém não se referiam a Maria Martins, esposa de Domingos Francisco.

Domingos Francisco e Maria Martins são pais de:

²⁴ Livro Misto da Freguesia de São Paio de Guimarães n.º 2, 1636-1685. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

1 (III) - DOMINGAS DE MACEDO, que segue no § 2º .

2 (III) - DOMINGOS FRANCISCO DE MACEDO n. 23-AGO-1637²⁵, que segue.

III- DOMINGOS FRANCISCO DE MACEDO, n. 23-AGO-1637²⁶ na Freguesia de São Sebastião de Guimarães, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal. Casado primeiro com MARIA ANTUNES, em 4-JAN-1663²⁷, na Freguesia de São Paio de Guimarães, filha de Domingos Antunes e Margarida Gonçalves, fal. 16-AGO-1664²⁸ na Freguesia de São Paio de Guimarães. Domingos casou-se segunda vez com MARIA NOGUEIRA, em 4-OUT-1666²⁹ na Freguesia de São Paio de Guimarães, filha de João Vaz e Maria Nogueira. Foram pesquisados os óbitos de São Paio desde o início dos registros até 1729. Não se encontraram os óbitos de Domingos Francisco de Macedo e Maria Nogueira. Foram pesquisados casamentos de São Paio desde o início dos registros até 1714, ano que o filho mais novo do casal teria 31 anos. Encontrou-se apenas um casamento de filho do casal em 1668. Esses dados corroboram a hipótese de que o casal se mudou de Guimarães.

“Domingos filho de Domingos franco., serralheiro, e de sua molher Maria Martins das Molianas naceo aos vinte e tres dias de Agosto de mil e seis centos e trinta e sete annos que por nascer mortal bautizou em casa Catharina Manoel Viuva moradora nas hortas da Molianas, e depois de feito por mim suficiente ca[] lhe fiz as [carrif?] e puz os Santos oleos aos vinte e oito dias do dito mes.

Francisco Leite”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Sebastião da Vila de Guimarães n°2 ,1613-1670. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org)

“Aos quatro dias do mes de Janeiro do Anno de mil e seis Sentos e sesenta e tres o Rdo. Pe. Luis doliveira Resebeo de minha lisença a Dos. frco. de masedo filho

²⁵ Livro Misto da Freguesia de São Sebastião de Guimarães n° 2, 1613-1670. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

²⁶ Idem.

²⁷ Livro Misto da Freguesia de São Paio de Guimarães n° 2, 1636-1685. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

de Dos. frco. e de sua mulher Ma. Miz da Rua nova das oliveiras com Maria Antunes fa. de mgda. Glz. do (outeiro) de Sam payo e de Dos. Antunes teselam ja detunto foram testemunhas Martinho de Barros Frco. Monteiro e domingos (Ant.) teselam e Dos. frco. carpinteiro e outras mais testemunhas de q fiz este assento oje dia e Anno et supra.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Paio da Vila de Guimarães. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisado no microfilme n° 1350135 da Sociedade Genealógica de Utah)

“Aos quatro dias do mes de outubro do Anno de mil e seis sentos e sesenta e seis eu Pe. Antonio pereira vigario de Sam Paio Recebi a Dos. frco. de masedo, filho de Dos. frco. e de sua mulher Ma. Miz. da Rua nova das oliveiras com Ma. Vaz minha freguesa filha de João Vaz e de sua mulher ma. nogueira defuntos e ella assistente em casa de seu tio Antonio Vaz da Rua da Rocha foram testemunhas Frco. Cato da Costa e Gregorio dalmeida e frco. da silva e outras testemunhas de q fis este assento oje dia mes e Anno ut Supra.”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Paio de Guimarães n° 2. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisado no microfilme n° 1350135 da Sociedade Genealógica de Utah).

Filhos de Domingos Francisco de Macedo com Maria Antunes:

1 (IV)- DOMINGOS.

Filhos de Domingos Francisco de Macedo com Maria Nogueira:

1 (IV)- FRANCISCA, bat. 4-OUT-1667³⁰.

2 (IV)- MANOEL NOGUEIRA DE MACEDO, bat. 21-FEV-1669³¹. Ele se casou com CATARINA MACHADA em 8-ABR-1688³² na Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal, filha de Cristóvão Machado e Maria de Lemos.

“Aos oito de Abril de seis centos, e oitenta, e oito dadas as denunciações na forma do Sagrado Conc. Trid. e Constituições deste Arcebispado de Braga Receby em face da Igra. a Mel. Nugra. de Macedo fo. legitimo de Dos. Franco. de Macedo, e de sua mulher Ma. Nugra. Naturais da frga. de São [Paio?] desta Villa [] cõ Cna. Machada fa. de Christovão Mdo. já defunto, e de sua Ma. de Lemos da

³⁰ Livro Misto da Freguesia de São Paio da Vila de Guimarães n° 2, 1646-1671. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

³¹ Idem.

³² Livro Misto da Freguesia de Santa Maria da Oliveira da Vila de Guimarães n° 3, 1650-1691. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

frga. de Santa [Christina?] da [Grella?] moradores desta frga. forão padrinhos e testas. o [] Lopes e Manoel [?] Anto. de Freitas [?].”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira da Vila de Guimarães n° 3, 1673-1691. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org)

3 (IV)- JOANA, bat. 8-OUT-1673³³.

4 (IV)- GUALTER NOGUEIRA, bat. 2-AGO-1676³⁴ em São Paio da Vila de Guimarães, fal. 6 Dez 1721³⁵ na Freguesia de São Paio da Vila de Guimarães.

5 (IV)- JOÃO, bat. 9-MAIO-1682³⁶.

6 (IV)- JOÃO, bat. 27-AGO-1683³⁷.

§ 2º

III- DOMINGAS DE MACEDO, n. na Freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal, bat. 3-MAIO-1635³⁸ na Freguesia de São Miguel de Creixomil, fal. 8-DEZ-1710³⁹ na Freguesia de São Miguel de Creixomil, filha de Domingos Francisco e Maria Martins. Ela se casou em 9-MAR-1652⁴⁰ na Freguesia de São Sebastião de Guimarães com JOÃO GONÇALVES, n. na Freguesia de São Miguel

³³ Livro de Batizados da Freguesia de São Paio da Vila de Guimarães n° 2, 1671-1682. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

³⁴ Livro de Batizados da Freguesia de São Paio da Vila de Guimarães n° 2, 1671-1682. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

³⁵ Livro de Óbito da Freguesia de São Paio da Vila de Guimarães n° 2, 1716-1729. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

³⁶ Livro de Batizados da Freguesia de São Paio da Vila de Guimarães n° 3, 1682-1692. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

³⁷ Idem.

³⁸ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 2, 1631-1670. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

³⁹ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 6, 1706-1729. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁴⁰ Livro Misto da Freguesia de São Sebastião da Vila de Guimarães n° 1, 1582-1663. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

do Paraíso, Concelho de Guimarães⁴¹, filho de André Gonçalves, n. na Freguesia de São Cristóvão de Cima do Selho, Concelho de Guimarães, e Isabel Gomes, n. na Freguesia de São Miguel do Paraíso, Concelho de Guimarães⁴². JOÃO GONÇALVES faleceu em 15-JUL-1690⁴³ na Freguesia de São Miguel de Creixomil. Abro espaço para algumas conjecturas sobre André Gonçalves, chamado “Lameu”⁴⁴, pai de João Gonçalves. A alcunha Lameu provavelmente derive do lugar de origem, Lameiro, lugar da Freguesia de São Cristóvão de Cima do Selho, onde nasceu e residiu André. Ele posteriormente foi residir na Freguesia de São Martinho de Candoso⁴⁵, lugar de Gamilo, onde faleceu em 11-AGO-1652⁴⁶. Chegou-se à conclusão de que o André Gonçalves “Lameu” é aquele falecido em 11-AGO-1652 em Candoso pelos seguintes motivos:

1º - o único André Gonçalves identificado em Candoso, no período de 1620 a 1680, é o André Gonçalves, residente no lugar de Gamilo, falecido em 11-AGO-1652. Outro André Gonçalves, residente em Candoso, teve filhos registrados no Século XVI, ficou viúvo em 1600 e depois desapareceu dos registos, provavelmente devido a perda de material do registro paroquial;

2º - o André Gonçalves, chamado “Lameu”, provavelmente derive essa alcunha do lugar onde nasceu ou onde morou, Lameiro, lugar de São Cristóvão de Cima do Selho, sua terra natal⁴⁷;

3º - o André Gonçalves de Gamilo sepultou sua filha Maria de 25 anos de idade em 24-AGO-1643⁴⁸, idade essa que corresponde exatamente à idade da Maria, batizada em 02-JUL-1618⁴⁹, filha do André Gonçalves

⁴¹ Processo de habilitação para familiar do Santo Ofício de Frutuoso de Macedo Cruz. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Documento disponível no site <https://antt.dglab.gov.pt>.

⁴² Idem.

⁴³ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n.º 4, 1664-1701. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁴⁴ Essa alcunha é mencionada no processo de habilitação de Frutuoso de Macedo Cruz para familiar do Santo Ofício, documento arquivado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

⁴⁵ Processo de habilitação para familiar do Santo Ofício de Frutuoso de Macedo Cruz. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Documento disponível no site <https://antt.dglab.gov.pt>.

⁴⁶ Livro Misto da Freguesia de São Martinho de Candoso n.º 3, 1648-1700. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁴⁷ Processo de habilitação de Frutuoso de Macedo Cruz, familiar do Santo Ofício, arquivado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal.

⁴⁸ Livro Misto da Freguesia de São Martinho de Candoso n.º 2, 1610-1650. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁴⁹ Livro da Freguesia de São Cristóvão de Selho n.º 1, 1578-1629. Arquivo Municipal

residente no Lameiro da freguesia de São Cristóvão de Cima do Selho. André Gonçalves casou-se com certa Isabel Fernandes em 07-NOV-1616⁵⁰ na freguesia de São Cristóvão de Cima do Selho.

Não foi encontrado o óbito de Isabel Fernandes, esposa de André Gonçalves, nem qualquer registro de Isabel Gomes, pessoa com quem teve o filho João Gonçalves.

“Aos tres dias do mes de maio de 1635 digo de trinta e sinco annos baptizou o Rdo. Padre (Pedro) alvres machado Cura da Igreja de S. Vte. de mascotellos a Domingas filha de Domingos Frco. Carralheiro E de sua molher Maria miz..... foi padrinho Frco. lopes oleiro E madrinha (Frca.) luis molher de Glo. da Costa todos da (Cruz).....”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 2, 1631-1670. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisado no microfilme n° 1350010 da Sociedade Genealógica de Utah)

“Aos nove dias do mes de Março de mil Seiscentos e cincoenta e dous annos se receberão..... por palavras minha..... e de (Ant) Lopes João Gls com Domingas de Macedo desta frega. precedendo..... na forma do Sagrado Concilio.....”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Sebastião da Vila de Guimarães n° 1. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisado no microfilme n° 1350147 da Sociedade Genealógica de Utah)

“Aos quinze de Julho de 690 annos faleceo (João) (Gls) da Crus da Pedra com todos os Sacramentos e não fes testamento(.....)”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 4, 1664-1701. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisado no microfilme n° 1350010 da Sociedade Genealógica de Utah)

Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁵⁰ Idem.

“Domingas de Macedo Viuva da Crus da pedra fes os tres officios de Corpo prezente, mes, e anno Recebi mil e quinhentos Reis das ofertas. Recebi dous mil e seiscentos Reis da Reza do anno; tem tudo pago, e satisfeito, e não deve mais nada Peixoto

Aos oyto dias do mes de Dezembro de mil e setecentos e des na Rua da Crus da Pedra desta freguezia falleceo Com os sacramentos necessarios, Domingas de Maçedo viuva; não fes testamento: ficou sua filha Anna solteira por herdeyra. Disse lhe a missa dalma. Cento e vinte Reiz. Foi emcomendada Com sinco padres acida padre a sassenta Ris. foy a mortalhada em habito de [jaial?], e aCompanhada pa. a sepultura ao Convento de São Domingos Com sinco padres, e a cada padre sassenta Reis, e tambem foy aCompanhada Com o Curaia, e as Comunidades de São Francisco e São Domingos, e mais Irmandades fizerão lhe seus filhos tres officios cada hum de Das padres Como he [] o de Corpo prezente e a do mes, e o do anno a Cada padre Cento e setenta Reis entrando Vinte Reis do [beberete] que derão adinheyro em lugar de pão, e ovos, e vinho Como he Costume; derão para aCera do segundo, e terceyro officio Catrocentos Reis: Receby da Reza do anno dous mil e seiscentos Reis Como he uso; e porque logo Receby sem se acabar o anno, em Cazo que não aCabe obrig os meus bens, e terço dalma a satisfazer o que couber de Reza do anno ao outro parocho que me soçedera sem tudo pago, e satisfeito, e não deve mais nada a esta Igreja segundo os seus uzos e para contar fis este assento dia ut Supra. O Cura Martinho Peixoto de Carvalho”

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n.º 6, 1706-1729. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisado no site www.familysearch.org, microfilme n.º 1350010 da Sociedade Genealógico de Utah)

Filhos de Domingas de Macedo e João Gonçalves:

- 1 (IV)- DOMINGOS DE MACEDO, batismo 8-FEV-1653⁵¹ na Freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal.
- 2 (IV)- MARIA, batismo 29-JUN-1654⁵² na Freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães.
- 3 (IV)- JERÔNIMO FRANCISCO DE MACEDO, que segue.
- 4 (IV)- ANA FRANCISCA, batismo 17-AGO-1658⁵³ na Freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães.

⁵¹ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n.º 3, 1652-1683. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁵² Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n.º 3, 1652-1683. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁵³ Idem.

5 (IV)- PÁSCOA DE MACEDO, batismo 20-ABR-1661⁵⁴ na Freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal. Ela se casou em 21-JUL-1687⁵⁵ na Freguesia de São Miguel de Creixomil, com JOÃO FERNANDES, filho de Domingos Fernandes e Maria Mendes.

Pais de:

1 (V)-MARGARIDA FRANCISCA DE MACEDO, batismo 11-MAIO-1692⁵⁶ na Freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães. Ela se casou primeiro, em 10-JUN-1708⁵⁷, na Freguesia de São Miguel de Creixomil, com ANTÔNIO LOPES FERREIRA, filho de André Martins e Catarina Ferreira. Ela se casou depois, em 2-JAN-1715⁵⁸, na Freguesia de São Miguel de Creixomil, com FRANCISCO DIAS DA CUNHA.

2 (V)- MANOEL, fal. 23-JAN-1713⁵⁹ na Freguesia de São Miguel de Creixomil.

6 (IV)- MIGUEL DE MACEDO, batismo 2-[?]-1662⁶⁰ na Freguesia de São Miguel de Creixomil, fal. 4-MAR-1696⁶¹ na Freguesia de São Miguel de Creixomil.

7 (IV)- GREGÓRIO DE MACEDO, batismo 2-OUT-1662⁶² na Freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães, fal. 5-JUN-1700⁶³ na Freguesia de São Miguel de Creixomil.

8 (IV)- FRANCISCO, batismo 25-JAN-?⁶⁴ na Freguesia de São Miguel de

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 4, 1664-1701. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 6, 1706-1729. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁵⁸ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 6, 1706-1729. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 3, 1652-1683. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁶¹ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 4, 1664-1701. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁶² Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 3, 1652-1683. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁶³ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 4, 1664-1701. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁶⁴ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 3, 1652-1685. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

Creixomil, Concelho de Guimarães.

- 9 (IV)- MARIA, batismo 17-JUL-1668⁶⁵ na Freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães.
- 10 (IV)- JOÃO, batismo 22-AGO-1669⁶⁶ na Freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães.
- 11(IV)- FRUTUOSO DE MACEDO CRUZ, batismo 6-JUN-1674⁶⁷ na Freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal, fal. 11-MAIO-1732⁶⁸ na Freguesia de Nossa Senhora da Candelária do Rio de Janeiro - RJ. Ele se casou em 4-JUL-1699⁶⁹ na Freguesia de Nossa Senhora da Candelária da Cidade do Rio de Janeiro com ISABEL PEREIRA DE OLIVEIRA, filha de Estevão Pereira e Maria de Oliveira. Frutuoso habilitou-se para familiar do Santo Ofício em 1714, processo arquivado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal, disponível para pesquisa *on line*. Esse processo foi fundamental para desvendar os genitores de João Gonçalves, Domingas de Macedo e seus ancestrais. A Transcrição completa do processo de habilitação consta no Anexo. Filha de Frutuoso e Isabel de Oliveira:
- 1 (V) – SEBASTIÃO.
- 2 (V) – MARIA DE BONSUCESSO, n. e bat. na Freguesia de Nossa Senhora da Candelária, Rio de Janeiro. Ela se casou em 30-ABR-1725⁷⁰ na Freguesia de Nossa Senhora da Candelária, Rio de Janeiro com NICOLAU SOARES, n. e bat. Na Freguesia da Sé da Ilha da Madeira, filho de João Soares e Mariana Mendes da Silva. O casal residiu na Ilha da Madeira.
- 3 (V)- TEREZA, n. em Rio de Janeiro - RJ, batismo 8-JAN-1724⁷¹ na Freguesia de Nossa Senhora da Candelária, Rio de Janeiro - RJ.
- 12 (IV)- DOMINGAS, batismo 9-AGO-1676⁷² na Freguesia de São Miguel

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Livro de Óbitos da Freguesia da Candelária da Cidade do Rio de Janeiro, 1729-1736. Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

⁶⁹ Livro de Casamentos da Freguesia de Nossa Senhora da Candelária do Rio de Janeiro n.º 1, 1675-1699. Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

⁷⁰ Livro de Casamentos da Freguesia de Nossa Senhora da Candelária da Cidade do Rio de Janeiro n.º 4, 1724-1737. Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

⁷¹ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Candelária do Rio de Janeiro n.º 1, 1718-1724. Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

⁷² Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n.º 4, 1664-1701. Arquivo

de Creixomil, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal.

13(IV)- JOÃO, batismo 26-SET-1677⁷³ na Freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal.

IV- JERÔNIMO FRANCISCO DE MACEDO, batismo 16-MAR-1656⁷⁴ na Freguesia de São Miguel de Creixomil, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal. Ele se casou primeiro, em 21-MAR-1685⁷⁵, na Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, Concelho de Guimarães, com SEBASTIANA CARDOSA, filha de João Cardoso e Ângela de Oliveira. Ele se casou segunda vez, em 16-SET-1686⁷⁶, na Freguesia de São Pedro de Azurém, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal, com MARGARIDA DE FREITAS, filha de Jerônimo Antunes e Margarida de Freitas, esses casados em 7-DEZ-1653⁷⁷ na Freguesia de São Pedro de Azurém.

“[Jnymo Aos desaseis dias de marco de mil e seis centos e cinquenta e seis annos baptizei o Pe. manol frco. de minha licenssa a Jeronimo fo de João Gl e sua mer. Domingas de macedo e forão padrinhos Dos. frco., fo. do barqueiro e madrinha maryanna fa. de [veronica ribeiro?] [ilegível] Heronimo Pinheiro” (Transcrito do Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 3, 1652-1683. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisa realizada por intermédio do site www.familysearch.org)

“Aos vinte e hu de Março de seiscentos, e oitenta e sinquo dadas as denunciações na forma do Sagrado Conc. Trid. e Costituições deste Arcebispado de Braga Receby im facie eu Lco. a Hymo. Franco. fo. de João Glz, e de sua mer. Das. de Macedo moradores na Crux da pedra frga. de S. Miguel de Creixomil cõ Sebastiana Cardosa filha de João Cardoso, e de sua mer. Angella de Oliveira já defuntos moradores q forão em Cano de Sima frga. de N. Senhora da Oliveira todos deste Arcebispado de Braga e forão testas. Andre Lopes escrivão e Dos da Silva tosador. O Coadjutor o Pe. Manoel Mendes”

Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁷³ Idem.

⁷⁴ Livro Misto da Freguesia de São Miguel de Creixomil n° 3, 1652-1683. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁷⁵ Livro Misto da Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira da Vila de Guimarães n° 3, 1650-1691. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁷⁶ Livro de Casamentos da Freguesia de São Pedro de Azurém n° 1, 1683-1755. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁷⁷ Livro Misto da Freguesia de São Pedro de Azurém n° 1, 1569-1696. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

(Transcrito do Livro Misto da Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira da Vila de Guimarães n.º 3, 1650-1691. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães)

“Aos desasseis dias do mes de setembro de mil Eh seis sentos e oitenta e seis annos dadas as denunciassois na forma do Sagro. Concilio Trid. E Constituição deste Arcebispado Se Receberão em minha presença nesta Igra. Himro. frco. vo. que ficou de Sebastiana Cardosa mores. no Capo desta frga. filho legitimo de João Glz. e sua mer. Das. de Macedo moradores na Cruz da pedra da frga. de São Miguel de Creixomil; cõ Margda. de frtas. fa. legitima de Himro. Antunes e de sua mer. margda. de frtas. moradores no Cano desta frza. Sendo testas. presentes mateos Glz. frco. e joão cardoso mercador e frco. frz. frco. Dos. de frtas. frco. todos mores. no Cano e outras mtas. ta. desta frza. e por verdade fiz esse assento era ut supra. O Cura Hieronimo Ribeiro”

(Transcrito do Livro de Casamentos da Freguesia de São Pedro de Azurém, 1683-1755. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães. Pesquisado no microfilme n.º 1387491 da Sociedade Genealógica de Utah)

Filhos de Jerônimo Francisco de Macedo e Margarida de Freitas:

- 1 (V)- MIGUEL DE FREITAS CRUZ, batismo 19-JUN-1687⁷⁸ na Freguesia de São Pedro de Azurém, Concelho de Guimarães. Ele se casou, em 7-FEV-1717⁷⁹, na Freguesia de Nossa Senhora da Candelária, Rio de Janeiro, com ISABEL DE CAMPOS, filha de José Antunes de Matos e Maria Vieira.
- 2 (V)- GREGÓRIO DE MACEDO CRUZ, que segue.
- 3 (V)- MARGARIDA, batismo 30-SET-1691⁸⁰ na Freguesia de São Pedro de Azurém, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal.
- 4(V)- JERÔNIMO DE FREITAS CRUZ, batismo 10-NOV-1694⁸¹ na Freguesia de São Pedro de Azurém, Concelho de Guimarães. Ele se casou, em 18-SET-1722, na Sé do Rio de Janeiro, com BÁRBARA DE SOUSA DE ARAÚJO, filha de Domingos Pimenta.

Pais de:

- 1(VI)- MARGARIDA, n. no Rio de Janeiro - RJ, batismo 5-SET-1754 na Freguesia de Nossa Senhora da Candelária, Rio de

⁷⁸ Livro Misto da Freguesia de São Pedro de Azurém n.º 2, 1656-1707. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁷⁹ Livro de Casamentos da Freguesia de Nossa Senhora da Candelária da Cidade do Rio de Janeiro n.º 2, 1699-1718. Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

⁸⁰ Livro Misto da Freguesia de São Pedro de Azurém n.º 2, 1656-1707. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁸¹ Idem.

Janeiro - RJ.

2(VI)- JERÔNIMO, n. no Rio de Janeiro - RJ, batismo 28-SET-1727
na Freguesia de Nossa Senhora da Candelária, Rio de Janeiro.

5(V)- ÂNGELA MARIA, batismo 03-JUN-1697⁸² na Freguesia de São
Pedro de Azurém, Concelho de Guimarães.

6 (V)- MANOEL DE FREITAS, batismo 24-ABR-1700⁸³ na Freguesia de
São Pedro de Azurém, Concelho de Guimarães.

7 (V)-MARIA, batismo 04-FEV-1706⁸⁴ na Freguesia de São Pedro de
Azurém, Concelho de Guimarães.

V- GREGÓRIO DE MACEDO CRUZ, n. na Freguesia de São Pedro de Azurém,
Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal, batismo 24-AGO-
1689⁸⁵ na Freguesia de São Pedro de Azurém, fal. 30-OUT-1748⁸⁶ no Rio
de Janeiro. Ele se casou com FRANCISCA DE ALMEIDA DO ESPÍRITO
SANTO, natural do Rio de Janeiro, filha⁸⁷ de João de Queirós, n. Freguesia
de Canavezes, e Isabel Gonçalves de Almeida, n. no Rio de Janeiro-RJ, esses
casados em 27-JAN-1703⁸⁸ na Igreja de São José, cidade do Rio de Janeiro,
n.p. de Manoel de Queirós e Maria João, residentes em Canavezes, n.m. de
Vicente Dias de Carvalho e Francisca de Almeida.

Pais de:

1 (VI)- JERÔNIMO DE MACEDO CRUZ, n. 1724 em Freguesia de Nossa
Senhora da Assunção do Engenho do Mato. Ordenou-se sacerdote.
Em 1748 ainda estudava no seminário⁸⁹. Provável filho do Padre
Jerônimo de Macedo Cruz:

1 (VII)- JERÔNIMO DE MACEDO CRUZ, filho natural de Mariana
da Conceição, natural de São João do Monte do Rio de

⁸² Idem.

⁸³ Livro Misto da Freguesia de São Pedro de Azurém n° 2, 1656-1707. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Livro Misto da Freguesia de São Pedro de Azurém n° 2, 1656-1707. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães.

⁸⁶ Inventário de Gregório de Macedo Cruz. Arquivo Histórico de João del Rei.

⁸⁷ Informação de Diego Duque, obtida do processo de habilitação ao sacerdócio de Jerônimo de Macedo Cruz, arquivado na Cúria Metropolitana da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

⁸⁸ Livro de Casamento da Sé do Rio de Janeiro n° 3, 1690-1707. Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

⁸⁹ Inventário de Gregório de Macedo Cruz, 1748, arquivado no Arquivo Histórico de São João del Rei-MG

Janeiro. Ele se casou em 04-JUL-1785⁹⁰ na Matriz de Barbacena com MARIANA FELÍCIA DE SÁ, n. e bat. na Freguesia de Barbacena, filha natural de Antônio de Sá Calheiros e Felícia, parda forra. Foi aqui relacionado com reserva, tendo em vista que a filiação é apenas presumida, não sendo, até o momento, confirmada documentalmente.

Pais de:

- 1 (VIII)- MARIA JOAQUINA. Ela se casou em 01-JUL-1810 na Capela do Ribeirão⁹¹, filial de Barbacena com JOÃO GARCIA DO AMARAL, filho de Manoel José da Rosa e Ana Valéria Teixeira.
- 2 (VI)- JOSÉ DE MACEDO CRUZ, n. 1725⁹² em Freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato.
- 3 (VI)- FRANCISCO DE MACEDO CRUZ n. 1727⁹³, que segue.
- 4 (VI)- JOÃO DE MACEDO CRUZ, n. 1729⁹⁴ na Freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato, fal. 10-OUT-1766⁹⁵ na Freguesia de Prados-MG, sepultado na Capela de Nossa Senhora da Glória da Ressaca. Não se casou. Não constam descendentes.
- 5 (VI)- CLARA MARIA DE JESUS n. 1733⁹⁶, que segue no § 3º.
- 6 (VI)- ISABEL ANASTÁCIA DE ALMEIDA n. 1734⁹⁷ na Freguesia de Nossa Senhora do Engenho do Mato, casada com JOÃO DE MOURA, n. Freguesia de Santa Maria de Fornos, Concelho de Marcos de Canavezes, Porto, Portugal, filho de João de Moura e Maria Pinta, n. Freguesia de Fornos.

⁹⁰ Livro de Casamentos da Freguesia de Nossa Senhora do Pilar da Borda do Campo, Barbacena, 1781-1811. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Pesquisa realizada através do site www.familysearch.org. Microfilme n.º 125368, Item 7, imagem 682.

⁹¹ Livro de Casamentos de Barbacena, E-16. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

⁹² Inventário de Gregório de Macedo Cruz, arquivado no Arquivo Histórico de São João del Rei.

⁹³ Idem.

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados n.º 4, 1755-1768. Arquivo da Diocese de São João del Rei. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org, microfilme n.º 1285428, Item 6.

⁹⁶ Inventário de Gregório de Macedo Cruz, arquivado no Arquivo Histórico de São João del Rei.

⁹⁷ Inventário de Gregório de Macedo Cruz, arquivado no Arquivo Histórico de São João del Rei.

Pais de:

- 1 (VII)- FRANCISCA ANGÉLICA DE MOURA, bat. 11-AGO-1757⁹⁸, Capela de Nossa Senhora da Glória da Ressaca, filial da Matriz de Prados, fal. 2-ABR-1791⁹⁹ na Fazenda da Ressaca, Prados-MG. Ela se casou com JOAQUIM FERREIRA DA SILVA, n. Freguesia de Santa Maria de Alvarelos, Comarca de Maya, Bispado do Porto, Portugal, filho de Mateus Ferreira da Silva, n. Freguesia de Alvarelos e Rosa da Silva, n. Freguesia de Santa Quitéria de Pombeiro da Vila de Guimarães, Braga.

Pais de¹⁰⁰:

- 1 (VIII)- PATRÍCIO JOSÉ DA SILVA MOURA, casado com ROSA CAETANA DE VITERBO. Todos os filhos do casal foram batizados na Capela da Ressaca, filial de Prados.

Pais de:

- 1 (IX)- FRANCISCA ANGÉLICA DE MOURA, bat. 18-MAR-1803¹⁰¹ na Capela da Ressaca, filial de Prados, casada com JOSÉ DE MACEDO CRUZ, n. 1797. Eles se casaram em 23-AGO-1820¹⁰² na Capela da Ressaca, filial de Prados – MG (descendência relacionada mais à frente).

- 2 (IX)- JOSÉ, bat. 27-MAR-1805¹⁰³.

⁹⁸ ASSIS, João Paulo Ferreira de. *Continuação dos Assentamentos de Batizados da Capela de Nossa Senhora da Glória da Ressaca, Filial da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Prados 1751-1760*. Revista Polis 30 n° 2. Ressaquinha, 1998, p. 8-13.

⁹⁹ Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados n° 6, 1780-1814. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisa efetuada no site www.familysearch.org, microfilme n° 1285429, Item 2.

¹⁰⁰ Os nomes dos filhos constam no testamento, transcrito no Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora dos Prados, 1789-1816. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisado por intermédio do site www.familysearch.org, microfilme n° 1285429, Item 2, imagem 47.

¹⁰¹ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados, 1798-1817. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org, microfilme n° 1285427, Item 2.

¹⁰² Livro de Casamentos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados, 1779-1822. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org, microfilme n° 1284539, Item 2.

¹⁰³ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados, 1798-1817. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org, microfilme n° 1285427, Item 2.

- 3 (IX)- CÂNDIDO, bat. 20-JAN-1807¹⁰⁴.
 4 (IX)- ANTÔNIO, bat. 2-DEZ-1808¹⁰⁵.
 5 (IX)- ANA, bat. 16-JUL-1812¹⁰⁶.
 6 (IX)- LAURA, bat.3-OUT-1813¹⁰⁷.
 7(IX)-JOÃO RODRIGUES DA SILVA, bat. 19-JUL-1815¹⁰⁸. Ele se casou em 5-JUN-1837¹⁰⁹ na Capela da Ressaca, filial de Prados, com ANA ISABEL DE ALMEIDA, filha de Francisco de Sales Ferreira da Silva e Ana Isabel de Almeida.
 8 (IX)- INÁCIO, bat. 23-MAR-1817¹¹⁰.
 9 (IX)- MARIA ROSA, bat. 13-JAN-1819¹¹¹.
 10(IX)- LUÍS GONZAGA, n. 21-JUN-1820¹¹².
 11(IX)- PATRÍCIO, n. 28-JUN-1822¹¹³.
 12(IX)- ROMUALDO, n. 29-AGO-1924¹¹⁴.
 2 (VIII)-SEVERINO JOSÉ DA SILVA MOURA, n. 13-DEZ-1772¹¹⁵, bat. 30-DEZ-1772¹¹⁶ na Capela da Ressaca.
 3 (VIII)- SIMÃO.
 4 (VIII)-JOAQUIM, bat. 21-OUT-1778¹¹⁷ na Capela da

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados, 1798-1817. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org, microfilme n.º 1285427, Item 2.

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ Livro de Casamentos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados, 1832-1864. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei.

¹¹⁰ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados n.º 7, 1817-1840. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisa efetuada no site www.familysearch.org, microfilme n.º 1285427, Item 2.

¹¹¹ Idem.

¹¹² Idem.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados n.º 6, 1741-1789. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org, microfilme n.º 1285426.

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados n.º 6, 1741-1789. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisa realizada

Ressaca, filial de Prados.

5 (VIII)-HIPÓLITO JOSÉ DA SILVA MOURA, bat. 27-SET-1780¹¹⁸ na Capela da Ressaca, filial de Prados, fal. 23-ABR-1861¹¹⁹ em Prados-MG. Ele se casou com MARIA BERNARDINA DE SANTA ANA, filha de Bernardo Rodrigues Dantas e Maria Helena de Santa Ana, n. 1794, fal. 15-MAIO-1837¹²⁰ em Prados - MG.

Pais de¹²¹:

1 (IX)- FRANCISCO MARCIANO DE MOURA, n. 1808. Ele se casou em 8-MAIO-1843¹²² na Matriz de Prados com ANA CONSTÂNCIA DA FÉ, n. 1828, filha de Antônio Teixeira de Carvalho e Maria Querubina de Jesus.

2 (IX)-ANTÔNIO, bat. 22-MAR-1811¹²³ na Matriz de Prados.

3 (IX)- SEVERINO.

4 (IX)- JOAQUIM.

5 (IX)- MARIA.

6 (IX)- TEREZA DE JESUS, bat. 24-OUT-1817¹²⁴

no site www.familysearch.org, microfilme n° 1285426.

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Prados n° 7, 1841-1886. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org, microfilme n° 1285429, Item 5.

¹²⁰ Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados, 1827-1862. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org, microfilme n° 1285429, item 4, imagem 558.

¹²¹ Nomes dos filhos constam do testamento de Hipólito, registrado no Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados n° 7, 1841-1886. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisado site www.familysearch.org, microfilme n°1285429, Item 5, imagem 728.

¹²² Livro de Casamentos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados, 1832-1864. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org, microfilme n° 1285428, Item 3.

¹²³ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados, 1798-1817. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org, microfilme n° 1285427, Item 1.

¹²⁴ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados n° 7, 1817-1840. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org, microfilme n° 1285427, Item 2.

na Matriz de Prados.

7 (IX)- HIPÓLITO, bat. 1-NOV-1824¹²⁵ na Matriz de Prados.

8 (IX)- JOÃO, bat. 24-JUN-1826¹²⁶ na Matriz de Prados.

6 (VIII)- FAUSTINA, bat. 8-MAIO-1782¹²⁷ na Capela da Ressaca, filial de Prados.

7 (VIII)- ANICETO FERREIRA DA SILVA.

8 (VIII)- SILVÉRIO.

9 (VIII)- ANTÔNIO FERREIRA DA SILVA .

10(VIII)- EUGÊNIA.

7 (VI)- ANNA, n. 1736¹²⁸ em Freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato.

8 (VI)- CUSTÓDIO DE MACEDO CRUZ, n. 1738¹²⁹ na Freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato.

VI- FRANCISCO DE MACEDO CRUZ, n. 1727¹³⁰ na Freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato, fal. 22-FEV-1796¹³¹ na Freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato. Ele se casou com ANA JOAQUINA DE MELLO, n. 1736¹³² no Caminho Novo, Barbacena, atual Santos Dumont - MG, filha de João Gomes Martins e Clara Maria de Melo.

Pais de:

1 (VII)- MARIA PERPÉTUA DO ROSÁRIO. Ela se casou com MANOEL VIDAL LAGE, alferes.

Pais de¹³³:

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados n.º 6, 1772-1789. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei.

¹²⁸ Inventário de Gregório de Macedo Cruz, arquivado no Arquivo Histórico de São João del Rei.

¹²⁹ Inventário de Gregório de Macedo Cruz, arquivado no Arquivo Histórico de São João del Rei.

¹³⁰ Inventário de de Gragório de Macedo Cruz, arquivado no Arquivo Histórico de São João del Rei.

¹³¹ Inventário do Capitão Francisco de Macedo Cruz, arquivado no Arquivo Histórico de São João del Rei.

¹³² Inventário de João Gomes Martins, arquivado no Arquivo Histórico de São João del Rei.

¹³³ Livro Termo de Tutelas, de 12-AGO-1820 a 20-NOV-1835, arquivado no Arquivo

1 (VIII)- MANOEL VIDAL LAGE, capitão.

2 (VIII)-ANA JOAQUINA. Ela se casou com o Guarda-Mor LEANDRO BARBOSA TEIXEIRA.

Pais de:

1 (IX)- ANA JOAQUINA.

2 (IX)- MARIANA.

3 (IX)- FRANCISCO.

4 (IX)- MARIA.

5 (IX)- CLARA.

6 (IX)- FELICIDADE.

7 (IX)- LEANDRO.

3 (VIII)- JOSÉ VIDAL DE MACEDO, alferes.

4 (VIII)- TEREZA. Ela se casou com JOSÉ PINTO DE SOUSA.

5 (VIII)- FRANCISCO VIDAL LAGE, alferes.

6 (VIII)- JOAQUIM VIDAL LAGE.

2 (VII)- JOAQUIM DE MACEDO CRUZ. Ele se casou em 29-JUN-1796¹³⁴ no Oratório Pau Grande, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Alferes, com LAURA VALENTINA DE ALMEIDA, n. 1780, filha de Lourenço da Cunha Lima e Isabel Maria de Almeida.

Pais de¹³⁵:

1 (VIII)- JOSÉ DE MACEDO CRUZ, n. 1797¹³⁶. Ele se casou em 23-AGO-1820¹³⁷ na Capela da Ressaca, filial de Prados-MG, com FRANCISCA ANGÉLICA DE MOURA, n. em Prados – MG, filha de Patrício José da Silva Moura e Rosa Caetana de Viterbo.

Pais de:

1 (IX)- MARIA ROSA ALEXANDRINA. Ela se casou com FRANCISCO HERMENEGILDO

Histórico Professor Altair José Savassi, Barbacena-MG, fls. s/n, Cx 287, Or. 1.

¹³⁴ Processo de habilitação sacerdotal de Manoel de Macedo Lima, 1822. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

¹³⁵ Inventário de Laura Valentina de Almeida, 1825, Caixa 65, Ordem 29. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena-MG.

¹³⁶ Inventário de Laura Valentina de Almeida, 1825, Caixa 65, Ordem 29. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena-MG.

¹³⁷ Livro de Casamentos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados, 1779-1822. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei.

RODRIGUES VALLE, bat. 26-ABR-1811¹³⁸ na Ermida do Bandeira, filial de Barbacena – MG, filho de José Rodrigues Valle e Ana Querubina de São José, n.p. de João Rodrigues Valle e Isabel Ribeiro de Lima, n.m. Vicente José da Silveira e Rita Maria de Jesus.

2 (IX)- ANTÔNIO JOSÉ DE MACEDO, n. 1821¹³⁹.

3 (IX)- ANA LIBÂNIA, n. 1827¹⁴⁰.

2 (VIII)- MANOEL DE MACEDO LIMA (Padre), n. 25-JUL-1800¹⁴¹ na Freguesia de Nossa Senhora da Assunção de Chapéu D’Uvas, atualmente distrito de Juiz de Fora - MG, batismo 10-AGO-1800¹⁴² na Freguesia de Nossa Senhora da Assunção de Chapéu D’Uvas, atualmente distrito de Juiz de Fora - MG.

3 (VIII)- JOÃO DE MACEDO PORTUGAL, n. 1805¹⁴³.

4 (VIII)- ANTÔNIO DE MACEDO CRUZ, n. 1807¹⁴⁴.

5(VIII)- ANA ISABEL DE ALMEIDA. Ela se casou com FRANCISCO DE SALES FERREIRA DA SILVA, 1820.

Pais de¹⁴⁵:

1 (IX)- ANA.

§ 3º

VI- CLARA MARIA DE JESUS, n. 1733¹⁴⁶ na Freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato, fal. por volta 1792 na Freguesia do Engenho

¹³⁸ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados, 1798-1817. Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei.

¹³⁹ Inventário de Laura Valentina de Almeida, 1825, Caixa 65, Ordem 29. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena-MG.

¹⁴⁰ Idem.

¹⁴¹ Processo de habilitação ao sacerdócio do Padre Manoel de Macedo Lima, 1822. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

¹⁴² Processo de habilitação ao sacerdócio do Padre Manoel de Macedo Lima, 1822. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

¹⁴³ Inventário de Laura Valentina de Almeida, 1825, Caixa 65, Ordem 29. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena-MG.

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ Inventário de Gregório de Macedo Cruz, 1748, Caixa 429. Arquivo Histórico de São João del Rei.

do Mato. Ela se casou com FRANCISCO GOMES MARTINS, n. 1729¹⁴⁷ no Caminho Novo, Barbacena, atual Santos Dumont - MG, fal. 20-JAN-1774¹⁴⁸ na Freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato, filho de João Gomes Martins e Clara Maria de Melo.

João Gomes Martins, n. 21-FEV-1685¹⁴⁹ na Freguesia de São Félix de Gondifelos, Concelho de Vila Nova de Famalicão, Distrito de Braga, Portugal, fal. em 7-ABR-1745¹⁵⁰ no Sítio João Gomes, atual município de Santos Dumont - MG, filho de Antônio Gomes e Maria Martins, naturais da Freguesia de Gondifelos, n.p. de Antônio Gomes e Ana Fernandes, n.m. de Antônio João e Maria Martins¹⁵¹.

Clara Maria de Melo, n. Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá, Rio de Janeiro-RJ, filha de Manoel Neto Barreto, n. Freguesia de São Pedro de Funchal, Ilha da Madeira, bat. 8-MAIO-1658¹⁵², fal. 26-JUN-1736¹⁵³ na Freguesia de Irajá e Clara Soares de Melo, n. Freguesia de Irajá, bat. 28-SET-1666¹⁵⁴, n.p. de Manoel Neto e Maria Alves da Freguesia de São Pedro de Funchal, n.m. Antônio Soares de Medeiros e Apolônia Ferreira Lobo, residentes no Rio de Janeiro-RJ.

“Aos vinte dias do mes de Janeiro de mil e Setecentos e Setenta e Coatro anos faleseu da vida presete. Com todos os Sacramentos Francisco Gomes Miz mor. e casado na freguesia do Engo. do Mato Caminho do Rio de Janeiro Com Clara Maria de Jesus foi amortalhado no Abito de S. Franco. e Emcomdo. pelo Padre Coadjutor, e por elle Acompanhado e por mais seis Padres prelados lhe discemo Missa de Corpo presente, e da mesma Sorte Se lhe fes offo. Sete Padres; tinha

¹⁴⁷ Inventário de João Gomes Martins, 1745, Caixa 524. Arquivo Histórico de São João del Rei.

¹⁴⁸ Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, Barbacena-MG, 1768-1778. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Pesquisado no site www.familysearch.org.

¹⁴⁹ Livro Misto da Freguesia de São Félix e Santa Marinha de Gondifelos n° 2, 1674-1720. Arquivo Distrital de Braga. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org.

¹⁵⁰ Inventário de João Gomes Martins, 1745, Caixa 524. Arquivo Histórico de São João del Rei.

¹⁵¹ Habilitação para familiar do Santo Ofício do inconfidente José Aires Gomes, filho de João Gomes e Clara Maria de Melo, 1776. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

¹⁵² Livro de Batizados da Freguesia de São Pedro do Funchal, Ilha da Madeira, 1640-1678. Arquivo Distrital do Funchal. Pesquisado no site www.familysearch.org, microfilme 1107442, imagem 363.

¹⁵³ Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Candelária, Rio de Janeiro, 1726-1744. Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Pesquisa realizada no site www.familysearch.org, microfilme 125952.

¹⁵⁴ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá do Rio de Janeiro n° 6. Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Pesquisado no site www.familysearch.org, microfilme n° 1252857, Item 6, imagem 493.

feito Seu Solene Testamento Como abaixo se declara de que fis este aSento

O Vigro. Feliciano Pitta de Castro”

(Transcrito do Livro de Óbito 1768-1778 de Barbacena-MG, disponível no site familysearch.org)

Pais de¹⁵⁵:

- 1 (VII) - JOSÉ GOMES MARTINS, padre.
- 2 (VII)- ANTÔNIO GOMES DE MACEDO, que segue.
- 3 (VII)- ISABEL MARIA DE ALMEIDA, fal. 1790 no Rio de Janeiro¹⁵⁶. Ela se casou com LOURENÇO DA CUNHA LIMA, fal. 4-JUN-1794¹⁵⁷ na Freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato.

Pais de¹⁵⁸:

- 1 (VIII)- LAURA VALENTINA DE ALMEIDA n. 1780, vide (VI).
- 2 (VIII)- MANOEL DA CUNHA LIMA, n. 1787.
- 3 (VIII)- JOSÉ DA CUNHA LIMA, n. 1789.
- 4 (VII) - LUIZ SERAFIM.
- 5 (VII) - JOAQUIM GOMES DE MACEDO.
- 6 (VII)- RITA FRANCISCA DE ALMEIDA. Ela se casou com ANTÔNIO GONÇALVES DE SÃO JOSÉ.
- 7 (VII)- MARIA ANGÉLICA. Ela se casou com FRANCISCO ANTONIO COELHO.
- 8 (VII)- MARIANA ANTONIA MELO. Ela se casou com JOAQUIM VIEIRA ALMEIDA.
- 9 (VII)- JOÃO GOMES MARTINS.
- 10 (VII)- LUIZ GOMES MARTINS.
- 11 (VII)- GONÇALO GOMES MARTINS.
- 12(VII)- ANA RITA QUITÉRIA. Ela se casou com JOSÉ RIBEIRO QUEIROZ.

¹⁵⁵ Informação de Diego Duque, provavelmente obtida do inventário ou algum processo referente a Clara Maria de Jesus, provavelmente arquivado no Arquivo Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena-MG.

¹⁵⁶ Processo de Inventário de Lourenço da Cunha Lima, 1794. Arquivo Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena-MG.

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ Idem.

13(VII)- CLARA MARIA DE MELLO, n. e bat. na Freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato, fal. em 7-MAIO-1821¹⁵⁹ em Prados – MG. Teve uma filha natural que foi exposta em casa de Francisco Homem da Costa.

Mãe de:

1 (VIII)- ANA ESMÉRIA. Ela se casou com FRANCISCO FAGUNDES.

VII- ANTÔNIO GOMES DE MACEDO, bat. 29-SET-1753¹⁶⁰ em Freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato, fal. 9-JUL-1816¹⁶¹ em Freguesia de Nossa Senhora da Assunção de Chapéu D’Uvas, atualmente distrito de Juiz de Fora - MG. Ele se casou com EFIGÊNIA MARIA DE JESUS, filha de José Inácio Ferreira Vale e Rosa Maria de Jesus, casados em 17-JUL-1772¹⁶² na Matriz de Nossa Senhora da Piedade de Borda do Campo, Barbacena-MG.

José Inácio Ferreira Vale, provavelmente bat. na freguesia de Roça Grande, Minas Gerais, filho de Manoel Ferreira Vale, capitão da ordenança de Pitangui-MG, n. em Requião¹⁶³ ou na freguesia de São Bento de Donim¹⁶⁴, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, Portugal, e Francisca Romeira da Silva, provavelmente natural da Vila de Pindamonhangaba-SP, filha de Bernardo de Campos Bicudo e Francisca Romeira da Silva.¹⁶⁵

¹⁵⁹ Testamento de Clara Maria de Mello, registrado no Livro de Óbitos de Prados-MG, 1814-1830, microfilme 1285429, imagens 435 e 436.

¹⁶⁰ Processo de justificação de idade de Antônio Gomes de Macedo, 1794, Caixa 1, Ordem 1. Arquivo Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena-MG.

¹⁶¹ Inventário de Antônio Gomes de Macedo, 1817, Caixa 45, Ordem 7. Arquivo Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena-MG.

¹⁶² Livro de Casamentos da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, Barbacena, 1752-1781. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Pesquisado no site www.familysearch.org, microfilme 1252368, Item 6, imagem 551.

¹⁶³ LEME, Pedro T de Almeida Paes. *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, Tomo II, Título Campos. 5ª. edição. Belo Horizonte e São Paulo: Editora Itatiaia e Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

¹⁶⁴ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, Barbacena, 1763-1780, Tomo I, 1763-1771. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Pesquisado no site www.familysearch.org, microfilme 1252363, Item 5, imagem 604. Registro de batizado de Brígida, 27-NOV-1763, filha de Antônio Gonçalves Ribeiro e Francisca Romeira, essa filha de Manoel Ferreira do Vale.

¹⁶⁵ LEME, Pedro T de Almeida Paes. *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, Tomo II, Título Campos. 5ª. edição. Belo Horizonte e São Paulo: Editora Itatiaia e Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

Rosa Maria de Jesus, filha de João Homem da Costa, n. na Freguesia de São Mateus, Concelho de Madalena, Ilha do Pico, e Rosa Maria do Carmo, n. Ilha do Faial, casados em 12-JAN-1732¹⁶⁶ na Igreja de São José, Rio de Janeiro-RJ, filha de Belquior de Fraga e Ana Ferreira.

“Aos 29 dias do mês de setembro de ano de mil setecentos e cinquenta e três batizou com licença minha o padre Jeronimo de Macedo Cruz e pôs os Santos Óleos Antonio filho legítimo de Francisco Gomes Martins, Clara Maria de Jesus ele diz nascido e batizado na freguesia de Nossa Senhora da Gloria de Simão Pereira ela nascida e batizada nesta freguesia de Nossa Senhora da Assunção do Engenho do Mato//f.s/nºv do Bispado de Mariana nesta pela parte de Joam Gomes Martins nascido, e batizado na freguesia de Guindiclos(sic.)[Godefelos] Arcebispo de Braga, e Clara Maria de Melo Nascida e batizada na freguesia de Nossa Senhora da Candelária Bispado do Rio de Janeiro e pela materna do capitão Gregorio de Macedo Cruz nascido e Batizado na freguesia de São Pedro de Arozes Arcebispo de Braga e Francisca de Almeida do Espírito Santo nascida e batizada na freguesia da Sé Bispado do Rio de Janeiro. Foram padrinhos Manoel do Vale Amado, homem de negócio e casado em Portugal, i[ilegível] Ignacia Joaquina de Almeida viúva que ficou do capitão Antonio Ribeiro do casal, assistente no Rio de Guerras desta freguesia de que ser este acento era escritura[?] e não se continha mais nada no dito acento o que copiei do próprio original por não haver vigário este fazendo as vezes de vigário nesta freguesia o Vigario Mathias Miranda de Oliveira.”

(Documento: Justificação de capacidade para emancipar para governar pessoa e bens. Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena - MG)

Pais de¹⁶⁷:

1 (VIII)- ANA ANTÔNIA, n. 1793¹⁶⁸. Ela se casou com JOSÉ DE SOUSA BARROS, n. 1771¹⁶⁹, filho de Manoel de Sousa Barros e Ana do Sacramento de Vasconcelos, viúvo de SILVÉRIA ANTÔNIA DO SACRAMENTO, filha de José Rodrigues de Oliveira e Leocádia Maria da Penha. José e Silvéria se casaram em 24-FEV-1800¹⁷⁰ na

¹⁶⁶ Livro de Casamentos da Freguesia do Santíssimo Sacramento, Sé do Rio de Janeiro n.º 6, 1730-1739. Pesquisado no site www.familysearch.org, microfilme 1253111, Item 3, Imagem 286.

¹⁶⁷ Inventário de Antônio Gomes Macedo, 1817, Caixa 1, Ordem 1. Arquivo Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena-MG e Inventário de Efigênia Maria de Jesus, 1862. Arquivo Judiciário do Foro de Mar de Espanha-MG.

¹⁶⁸ Mapa de População de Rio Novo, 1831. Arquivo Público Mineiro.

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ ASSIS, João Paulo Ferreira de. *Casamentos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Real Vila de Queluz, até a folha 50 verso*. Revista Polis 30 n.º 45. Ressaquinha, 2002, p. 9-23.

Ermida das Dores, filial de Nossa Senhora da Real Vila de Queluz.

Filhos de Ana Antônia e José de Sousa Barros¹⁷¹:

1 (IX)- SERAFIM DE SOUSA BARROS.

2(IX)- JOSÉ DE SOUSA BARROS. Ele se casou com PORFIRIA MARIA GOUVEIA.

2 (VIII)- ANTÔNIO GOMES DE MACEDO, n. 1799.¹⁷² Ele se casou com BENTA MARIA, n. 1810.¹⁷³

Pais de¹⁷⁴:

1 (IX)- MARIA, n. 1829¹⁷⁵, provavelmente em Rio Novo - MG. Ela se casou com ANTÔNIO JOSÉ.

2 (IX)- JOSÉ BENTO DE MACEDO, n. 1830¹⁷⁶, provavelmente em Rio Novo - MG.

3 (VIII)- JOSÉ INÁCIO FERREIRA VALE, n. 1803.¹⁷⁷ Ele se casou com ANA ANTÔNIA DE JESUS, n. 1801 em Rio Novo - MG,¹⁷⁸ fal. 29-DEZ-1877 em Cachoeiro de Itapemirim – ES ¹⁷⁹. Ana Antônia de Jesus é filha de José de Sousa Barros e sua primeira esposa, Silvéria Antônia do Nascimento, casados em 24-FEV-1800¹⁸⁰ na Ermida das Dores, filial de Queluz, n.p. de Manoel de Sousa Barros e Ana do Sacramento Vasconcelos, n.m. de José Rodrigues de Oliveira e Leocádia Maria da Penha.

José Inácio provavelmente foi o primeiro Macedo da família tratada nesse artigo a migrar de Minas Gerais para o Espírito Santo. O último registro consultado de sua presença em Rio Novo-MG trata-se de

¹⁷¹ Inventário de Efigênia Maria de Jesus, 1862. Arquivo Judiciário do Foro de Mar de Espanha – MG.

¹⁷² Inventário de Antônio Gomes de Macedo, 1817, Caixa 1, Ordem 1. Arquivo Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena - MG.

¹⁷³ Mapa de População de Rio Novo, 1831, Arquivo Público Mineiro.

¹⁷⁴ Inventário de Efigênia Maria de Jesus, 1862. Arquivo Judiciário do Foro de Mar de Espanha - MG.

¹⁷⁵ Mapa de População de Rio Novo, 1831. Arquivo Público Mineiro.

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ Inventário de Antônio Gomes Macedo, 1817, Caixa 1, Ordem 1. Arquivo Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena - MG.

¹⁷⁸ Inventário de Ana Antônia de Jesus, copiado e disponibilizado em um grupo de whatsapp por Diogo França.

¹⁷⁹ Idem.

¹⁸⁰ ASSIS, João Paulo Ferreira de. *Casamentos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Real Vila de Queluz, até a folha 50 verso*. Revista Polis 30 n° 45. Ressaquinha, 2002, p. 9-23.

um depoimento prestado em 1836 no processo de habilitação ao sacerdócio de seu parente, padre Manoel de Macedo Lima, arquivado no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Nesse depoimento José Inácio e sua esposa declaram que, entre os mais bens que possuíam, terem uma fazenda de cultura, situada na cabeceira do córrego denominado Areias, que houve por legítima do falecimento de Silvéria Antônia do Nascimento, sogra de José Inácio.

No inventário de Efigênia Maria de Jesus, mãe de José Inácio, consta um auto de justificação de ausência, datado de 12-ABR-1861, em que Joaquim José da Silva Ribeiro, um dos herdeiros de Efigênia, declara que José Inácio Ferreira do Valle, há mais de 16 anos, ausentou-se do município de Rio Novo, sem dar mais notícias, e que não se sabe o lugar certo de sua residência, deduzindo-se que José Inácio teria migrado para o Espírito Santo, até 1845. Na lista de eleitores da paróquia de Nossa Senhora do Amparo de Itapemirim, de 1856, consta ser eleitor no 17º. Quarteirão. No Almanaque Laemmert de 1864, consta que a viúva Valle e filhos e Antônio Gomes de Macedo, provável filho de José Inácio, são fazendeiros na Imperial Colônia de Rio Novo, Província do Espírito Santo, no lugar chamado Canudal.

Pais de¹⁸¹:

- 1 (IX)- ANTÔNIO GOMES DE MACEDO, n. 1829 em Rio Novo-MG, fal. 29-MAR-1874 em Cachoeiro de Itapemirim-ES.¹⁸² Ele se casou com UMBELINA EUFRÁSIA GOULART, 14-FEV-1863 em Cachoeiro de Itapemirim-ES, filha de José Pinheiro de SOUSA e Ângela Eufrásia Goulart¹⁸³.
- 2 (IX)- MARIA VITÓRIA DE JESUS, n. 1828 em Rio Novo-MG, fal. 1884 em Cachoeiro de Itapemirim - MG. Ela se casou com JOSÉ JOAQUIM DE MORAES.
- 3 (IX)- CLOTILDE INÁCIA DE JESUS, n. 1831 em Rio Novo-MG, fal. 1889 em Cachoeiro de Itapemirim - ES. Ela se casou com JOAQUIM ANTÔNIO RIBEIRO, n. 1844 em Campos de Goitacazes - RJ.
- 4 (IX)- CÂNDIDA INÁCIA DE JESUS, fal. 7-JUL-1888 em

¹⁸¹ Inventário de Ana Antônia de Jesus, copiado e disponibilizado em um grupo de Whatsapp por Diogo França.

¹⁸² Idem.

¹⁸³ Anotações de Paulo Stuck Morais. Copiado do blog <http://www.guia.heu.nom.br/>.

Cachoeiro de Itapemirim-ES. Ela se casou com JOÃO JOSÉ DA SILVA MENDES, 15-OUT-1877 em Itapemirim - ES.¹⁸⁴

4 (VIII)- MIGUEL, n. 1807.

5 (VIII)- CLARA MARIA DE JESUS, n. 28-FEV-1805 em Sítio de João Gomes, atual Santos Dumont – MG. Que segue § 4°.

6 (VIII)- FLORINDA ERMELINDA DE SÃO JOSÉ n. 1813. Segue no §5°.

§ 4°

VIII- CLARA MARIA DE JESUS, n. 28-FEV-1805 em Sítio de João Gomes, atual Santos Dumont - MG, batismo 8-JAN-1806 em Capela de São Miguel e Almas do Sítio de João Gomes¹⁸⁵, fal. 28-DEZ-1857¹⁸⁶, em Rio Novo-MG. Ela se casou com JOSÉ RODRIGUES DE OLIVEIRA, n. 1791¹⁸⁷, viúvo de Francisca da Rosa Costa.

Nota: As datas dos eventos, relacionados a descendentes do casal, em que não constarem uma fonte em nota de rodapé, foram transcritas da obra *Memórias de Rio Novo, Notas de Joaquim José Fernandes da Silva – 1865-1953*, organizada e publicada por Maria do Carmo Salazar Martins (vide referência bibliográfica no final do artigo).

Pais de¹⁸⁸:

1 (IX)- LAURA VALENTINA DE ALMEIDA, n. em Rio Novo - MG. Ela se casou com JOAQUIM JOSÉ DA SILVA, filho de Manoel José Ribeiro e Ana, fal. 26 Mar 1877.

Pais de¹⁸⁹:

1 (X)- CASTORINA, n. 1840 em Rio Novo-MG, fal. em MAR-1918 em Rio Novo – MG. Ela se casou com seu tio paterno,

¹⁸⁴ Informação prestada por Diogo França em um grupo de whatsapp.

¹⁸⁵ Processo de matrimônio de José Rodrigues de Oliveira e Clara Maria de Jesus arquivado na Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Mariana, Mariana-MG.

¹⁸⁶ Inventário de Clara Maria de Jesus, 1858. Arquivo Judiciário do Foro de Mar de Espanha - MG.

¹⁸⁷ Mapa de População de Rio Novo, 1831. Arquivo Público Mineiro.

¹⁸⁸ Inventário de Clara Maria de Jesus, 1858. Arquivo Judiciário do Foro de Mar de Espanha – MG.

¹⁸⁹ MARTINS, Maria do Carmo Salazar. *Memórias de Rio Novo: Notas de Joaquim José Fernandes da Silva – 1865-1953*. 1ª. edição. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2010. 398 páginas.

CÂNDIDO RODRIGUES DE OLIVEIRA, em 1858 em Rio Novo – MG, n. 1829, filho de José Rodrigues de Oliveira e Clara Maria de Jesus, fal. 5-FEV-1895 em Rio Novo-MG. Não tiveram filhos. Vide (IX).

2 (X)- ALDA SUZANA DA SILVA RIBEIRO, n. AGO- 1848. Ela se casou primeira vez em JAN-1865 com JOSÉ ANTÔNIO PEREIRA DA SILVA (SIZINHO), fal. 19-MAIO-1882 em Rio Novo – MG, filho de Manoel José da Silva e Prudência Angélica de Jesus. Ela se casou segunda vez em 25-ABR-1887 com PEDRO DE PAULA MATOS, fal. 11-DEZ-1933. Filhos do primeiro matrimônio de José Antônio e Alda:

1(XI)-MARIA, n. 21-FEV-1866. Ela se casou com FIRMINO FURTADO DE MENDONÇA em 19-JUN-1882.

Pais de:

1 (XII)- BLANDINA, n. 13-ABR-1883.

2 (XII)- CARMELITA.

3(XII)- ARLINDA. Ela se casou com JOÃO ANACLETO DA COSTA.

4 (XII)- JOSÉ.

5 (XII)- ALICE.

6 (XII)- MARIA.

7 (XII)- LÍDIA.

8 (XII)- BELARMINA.

9 (XII)- PERGENTINO.

10 (XII)- PLÍNIO.

11 (XII)- JOAQUIM.

2(XI)-RITA, n. 6-JUL-1867. Ela se casou com JOSÉ ANTÔNIO FERNANDES DA SILVA.

Pais de:

1 (XII)- ALICE.

2 (XII)- ALÍPIO, n. 26-MAR-1897.

3 (XII)- MARIA, n. 15-DEZ-1905, fal. 26-MAR-1934.
Ela se casou com FRANCISCO RODRIGUES DE OLIVEIRA.

Pais de:

- 1 (XIII)- JOSÉ.
 2 (XIII)- MARIA.
 4 (XII)- HILDA TITA.
 5 (XII)- IRENE.
 3 (XI)- PRUDÊNCIA.
 4 (XI)- ALZIRA, n. MAR-1874. Ela se casou em 19-JUN-1891 com MANOEL FERNANDES DA SILVA, fal. 25-JUL-1933.
 Pais de:
 1 (XII)- ANA.
 2 (XII)- JOSÉ.
 3 (XII)- LAURO.
 4 (XII)- SEBASTIÃO.
 5 (XII)- SANTINHA.
 6 (XII)- JESUS.
 5 (XI)- LAURA, n. 1-MAIO-1877.
 6 (XI)- JOAQUIM (QUINCA ALDA), n. 27-DEZ-1879. Ele se casou em 3-MAIO-1896 com OLÍMPIA, filha de Olímpio Ribeiro e Dona Ana.
 Pai de:
 1 (XII)- LEVINDO, n. MAR-1897. Ele se casou com NOEMI PAVEL.
 Pais de:
 1 (XIII)- NIELI.
 2 (XIII)- EXPEDITO.
 3 (XIII)- MANUELINA.
 2 (XII)- DOLORES. Ela se casou com ANTÔNIO JOSÉ MAIA.
 Pais de:
 1 (XIII)- INÊS.
 2 (XIII)- FELICIDADE.
 3 (XIII)- GLÓRIA. Ela se casou com HOMERO RODRIGUES.
 Pais de:

1 (XIV)- WILIO.

2 (XIV)- JOSÉ.

3 (XII)- GLÓRIA.

4 (XII)- JOSÉ.

5 (XII)- SERTÓRIO.

6 (XII)- LÍGIA.

7 (XII)- ENÉAS.

8 (XII)- JOAQUIM.

9 (XII)- OLÍMPIA.

7 (XI)- MANOEL.

Filhos do segundo matrimônio de Alda e Pedro:

8(XI)- ALDA, n. 1888. Ela se casou com OLÍMPIO FERNANDES.

Pais de:

1 (XII)- ANÍSIO.

2 (XII)- LAUDELINA (FILHOTE).

3 (XII)- CÁRMEM.

9 (XI)- SÍLVIA, n. 4-FEV-1890. Ela se casou com VIRGÍLIO RIBEIRO.

Pais de:

1 (XII)- DALVA.

2 (XII)- ESTELA.

3 (XII)- CONSTANTE.

3 (X)- CLARA, n.1850. Ela se casou em 1868 com FRANCISCO PEIXOTO DE MELO.

Pais de:

1 (XI)- FRANCISCO, n. 1869. Ele se casou com AMÉLIA BAIÃO.

Pais de:

1(XII)-SÍLVIA. Ela se casou com JOÃO RODRIGUES DE OLIVEIRA.

2 (XII)- ALBERTO.

3 (XII)- DOLORES. Ela se casou com FRANCISCO AGUIAR.

4 (XII)- GUIOMAR.

2(XI)-ADOLFO. Ele se casou com MARIA(MARIQUINHA).

Pais de:

1(XII)-BLANDINA. Ela se casou com JOÃO FAUSTINO.

2 (XII)- FRANCISCO.

3 (XII)- TÁCITO.

4 (XII)- FLORIANO.

3 (XI)- VICENTE. Ele se casou com DONA COLI.

Pais de:

1 (XII)- SISTÔNIO.

4 (XI)- CARLOS.

4 (X)- OLÍMPIO RIBEIRO, n. 1853, fal. 26-JUN-1892. Ele se casou em 1872 com DONA ANA.

Pais de:

1(XI)- LAURA, n. 1874, fal. 7-JUN-1934. Ela se casou primeiro com seu tio JOÃO RIBEIRO, n. 1859 em Rio Novo – MG, fal. 22-DEZ-1910. Ela se casou segunda vez com FRANCISCO PEIXOTO.

Filhos de João Ribeiro e Laura:

1 (XII)- OLÍMPIO.

2 (XII)-MARIA. Ela se casou com FRANCISCO RODRIGUES DE OLIVEIRA.

Pais de:

1 (XIII)- JOÃO.

2 (XIII)- JOÃO.

3 (XII)- NOEMI. Ela se casou com ARISTIDES DE SOUSA.

Pais de:

1(XIII)- JOSÉ.

2 (XIII)- GERALDA.

3 (XIII)- JOÃO.

4 (XII)- AMÉRICA.

5 (XII)- OLÍMPIA.

6 (XII)- ROQUE, n. 3-JUN-1909.

2 (XI)- OLÍMPIA. Ela se casou em 3-MAIO-1896 com JOAQUIM (QUINCA ALDA). Vide § 4º, VIII, (IX), (X), (XI).

3 (XI)- VIRGÍNIA, n. 1877. Ela se casou em 1902 com MIGUEL RIBEIRO, n. 14-SET-1867, filho de Joaquim José da Silva Ribeiro e Laura Valentina de Almeida.

Pais de:

1 (XII)-CONCEIÇÃO, n. 14-SET-1903. Ela se casou com JORGE DE AQUINO BRAGA.

2 (XII)- SANTA, n. 1-NOV-1904. Ela se casou com JOSÉ TITO BRAGA.

3 (XII)- VIRGÍNIA. Ela se casou com SEBASTIÃO VILAR GOMIDE.

Pais de:

1(XIII)- MIGUEL.

2(XIII)- JOSÉ.

3(XIII)- CARLOS CÉSAR.

4 (XII)- MARIA.

5 (XII)- CÂNDIDO.

4 (XI)- REGINA.

5 (XI)- PERGENTINO RIBEIRO, n.1883. Ele se casou com LAURA, n. 27-JAN-1893 em Rio Novo, filha de José Rodrigues de Oliveira e Silva e Belarmina.

Pais de:

1 (XII)- SEBASTIANA.

2 (XII)- JOSÉ.

3(XII)-VIRGÍNIA. Ela se casou com JOSÉ DAIBERT.

Pais de:

1 (XIII)- ARMINDA.

2 (XIII)- AFRÂNIO.

4 (XII)- LOURDES.

5 (XII)- MARTA.

6 (XII)- GUIDA.

7 (XII)- OLÍMPIO.

5 (X)- JOAQUIM, n. 1855. Ele se casou com CARLOTA.

Pais de:

1 (XI)- OLÍMPIO

6 (X)- JOSÉ, n. 2-FEV-1857. Ele se casou com JOSINA.

1 (XI)- NOEMI.

2(XI)- IRENE, n. 15-NOV-1890. Ela se casou com TEÓFILO
ANTÔNIO ZACOUR.

Pais de:

1 (XII)- ANTÔNIO.

2 (XII)- JOSÉ WADI.

3 (XII)- ZAIDA.

7 (X)- JOÃO RIBEIRO, n. 1859 em Rio Novo - MG, fal. 22-DEZ-
1910.

Pai de:

1 (XI)- OLÍPIO.

2(XI)-MARIA. Ela se casou com FRANCISCO RODRIGUES
DE OLIVEIRA.

Pais de:

1 (XII)- JOÃO.

2 (XII)- JOÃO.

3 (XI)- NOEMI. Ela se casou com ARISTIDES DE SOUSA.

Pais de:

1 (XII)- JOSÉ.

2 (XII)- GERALDA.

3 (XII)- JOÃO.

4 (XI)- AMÉRICA. Ela se casou primeiro com DOMINGOS
ALVES CAMPOS. Ela se casou depois com
GERALDO LOPES DE PAIVA.

5 (XI)- OLÍMPIA. Ela se casou com ANTÔNIO PINTO
CAMISÃO.

Pais de:

1 (XII)- SÍLVIO.

- 2 (XII)- ODIR.
- 3 (XII)- EDIR.
- 4 (XII)- MAURO.
- 6 (XI)- ROQUE.
- 8 (X)- ANTÔNIO, n. 1860 em Rio Novo - MG, fal. 19-SET-1937.
Ele se casou com DEOLINDA.
- Pais de:
- 1(XI)- VIRGÍLIO RIBEIRO, n. 12-AGO-1882 em Rio Novo-
MG. Ele se casou em 1912 com SÍLVIA.
- Pais de:
- 1 (XII)- DALVA.
- 2 (XII)- ESTELA.
- 3 (XII)- CONSTANTE.
- 2 (XI)- LAUDONINA.
- 3 (XI)- ULISSES.
- 4 (XI)- CLARA. Ela se casou com ANTÔNIO DORNELAS
COSTA.
- 5 (XI)- JOAQUIM. Ele se casou com JOSEFINA.
- Pais de:
- 1 (XII)- MARIA.
- 2 (XII)- LUÍS.
- 9 (X)- BLANDINA, n. 30-JAN-1862 em Rio Novo. Ela se casou
primeiro em 1879 com BENEDITO ONOFRE DE
ALBUQUERQUE HENRIQUE. Ela se casou depois
em 27-FEV-1892 em Rio Novo com JOAQUIM JOSÉ
FERNANDES DA SILVA.
- 10 (X)- MIGUEL RIBEIRO, n. 14-SET-1867. Ele se casou em 1902
com VIRGÍNIA.
- Pais de:
- 1(XI)- CONCEIÇÃO, n. 14-SET-1903. Ela se casou com
JORGE DE AQUINO BRAGA.
- 2(XI)- SANTA, n. 1-NOV-1904. Ela se casou com JOSÉ
TITO BRAGA.
- 3(XI)- VIRGÍNIA. Ela se casou com SEBASTIÃO VILAR
GOMIDE.

Pais de:

1 (XII)- MIGUEL.

2 (XII)- JOSÉ.

3 (XII)- CARLOS CÉSAR.

4 (XI)- MARIA.

11 (X)- BELARMINA, n. 23-JUL-1869. Ela se casou em 23-JUN-1869 em Rio Novo – MG com JOSÉ RODRIGUES DE OLIVEIRA E SILVA.

Pais de:

1(XI)- LAURA, n. 27-JAN-1893. Ela se casou com PERGENTINO RIBEIRO.

Pais de:

1 (XII)- SEBASTIANA.

2 (XII)- JOSÉ.

3(XII)- VIRGÍNIA. Ela se casou com JOSÉ DAIBERT.

Pais de:

1 (XIII)- ARMINDA.

2 (XIII)- AFRÂNIO.

4 (XII)- LOURDES.

5 (XII)- MARTA.

6 (XII)- GUIDA.

7 (XII)- OLÍMPIA.

2 (IX)- CÂNDIDO RODRIGUES DE OLIVEIRA, n. 1829, fal. 5-FEV-1895 em Rio Novo - MG. Ele se casou em 1858 com sua sobrinha CASTORINA, filha de Joaquim José da Silva e Laura Valentina de Almeida. Não tiveram filhos. Vide (IX), (X).

3 (IX)- JOAQUIM RODRIGUES DE OLIVEIRA, n. 1833, em Rio Novo-MG. Ele se casou em 1850 com sua prima ANA ROSA DE LIMA (MENININHA), n. 1828 em Rio Novo-MG, filha de Silvestre José Teixeira e Florinda Ermelinda de São José¹⁹⁰. Silvestre José Teixeira é filho de José Antônio Teixeira de Aguiar e Ana Rosa, n.p. Manoel Teixeira de Aguiar¹⁹¹ e Maria Antônia, n.m. de Manoel Rodrigues

¹⁹⁰ Processo de Matrimônio de Joaquim Rodrigues de Oliveira e Ana Rosa de Lima, 1850. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

¹⁹¹ A genealogia de Manoel Teixeira de Aguiar encontra-se na Revista ABRASP n° 18,

Barreiros e Catarina Maria de Jesus. Florinda Ermelinda de São José é filha de Antônio Gomes de Macedo e Efigênciã Maria de Jesus.

Pais de:

1 (X)- JOSÉ RODRIGUES. Ele se casou com ISABEL.

Pais de:

1 (XI)- BELMIRA.

2 (X)- PAULINO RODRIGUES DE OLIVEIRA, n. 1859, fal. 29-JUN-1909. Ele se casou com BELARMINA CLARA PEREIRA, n. 1860 em Juiz de Fora - MG, fal. 1949 em Juiz de Fora - MG.

Pais de:

1(XI)- ISOLINO RODRIGUES DE OLIVEIRA, n. 16-ABR-1880 em Rio Novo – MG. Ele se casou em 8-JUL-1899 com MARIANA RODRIGUES VALLE, n. 1880, filha de Francisco Carlos Rodrigues Valle e Maria Leopoldina Rodrigues Valle.

Pais de:

1(XII)- MARIA. Ela se casou com NESTOR DE FREITAS DUTRA.

Pais de:

1 (XIII)- ADEMAR.

2 (XIII)- VANDA.

2 (XII)- PAULINO.

3 (XII)- LAURA.

4 (XII)- FRANCISCO.

5 (XII)- JOAQUIM.

6 (XII)- JOSÉ.

7 (XII)- ISOLINO.

8 (XII)- ROMEU.

9 (XII)- SEBATIÃO.

10 (XII)- ONOFRE.

11 (XII)- ANA.

12 (XII)- CLIMENE.

13 (XII)- BELARMINA.

2 (XI)- JOAQUIM RODRIGUES DE OLIVEIRA (QUINCA PAULINO). Ele se casou com ALDA.

Pais de:

- 1 (XII)- JOSÉ.
- 2 (XII)- MIGUEL.
- 3 (XII)- PAULINO.
- 4 (XII)- ROMUALDO.
- 5 (XII)- JOAQUIM.
- 6 (XII)- PEDRO.
- 7 (XII)- MARIA.
- 8 (XII)- LEONOR.
- 9 (XII)- GERALDA.

3 (XI)- SEBASTIÃO. Ele se casou com MAXIMIANA.

Pais de:

- 1 (XII)- BELARMINA.
- 2 (XII)- MARGARIDA.

4 (XI)- PEDRO. Ele se casou com EUGÊNIA.

5(XI)- PAULINO RODRIGUES DE OLIVEIRA. Ele se casou primeiro com AMÁLIA RODRIGUES DE OLIVEIRA, filha de Artur Baptista Camacho e Alice Baptista Camacho. Depois se casou com MARIA ELISA GUIMARÃES NERY.

Filhos de Paulino e Amália:

- 1(XII)-JOSÉ PEDRO RODRIGUES DE OLIVEIRA.
- 2 (XII)- CARLOS RODRIGUES DE OLIVEIRA.
- 3(XII)-MARIA ELISA RODRIGUES DE OLIVEIRA.
- 4(XII)-JOSÉ EDUARDO RODRIGUES DE OLIVEIRA.

Filha de Paulino e Maria Elisa:

- 5(XII)-MARIA NERY RODRIGUES DE OLIVEIRA.

6 (XI)- CÂNDIDO.

7 (XI)- SILVESTRE.

8 (XI)- JOSÉ.

9 (XI)-FLORINDA. Ela se casou com PEDRO RIBEIRO
DIANA.

10 (XI)- CLARA. Ela se casou com ALÍPIO TAVARES.

3 (X)- PERCILIANA. Ela se casou com BENTO.

Pais de:

1 (XI)- SILVESTRE (DODÔ).

2 (XI)- CÂNDIDO.

4 (IX)- JOSÉ RODRIGUES DE OLIVEIRA, n. 1834, em Rio Novo - MG.
Ele se casou com LEOPOLDINA.

5 (IX)- FRANCISCO RODRIGUES DE OLIVERIA, n. em Rio Novo - MG.

6 (IX)- ANA. Ela se casou com ANTÔNIO FURTADO DE MENDONÇA.

Pais de:

1 (X)- CLARA.

2 (X)- MARIA.

3 (X)- FIRMINO. Ele se casou com MARIA.

4 (X)- OLÍMPIO.

5 (X)- ADOLFO.

6 (X)- TOBIAS.

7 (X)- ALDA. Ela se casou com TEÓFILO FERREIRA CAMPOS.

Pais de:

1 (XI)- ANTÔNIA.

2 (XI)- RITA.

3 (XI)- JOSÉ.

4 (XI)- OLÍMPIO.

5 (XI)- SEBASTIÃO.

6 (XI)- PERGENTINO.

VIII- FLORINDA ERMELINDA DE SÃO JOSÉ, n. 1813¹⁹² em Sítio João Gomes, atual Santos Dumont - MG, fal. 18-ABR-1877¹⁹³ em Rio Novo-MG, filha de Antônio Gomes Macedo e Efigênia Maria de Jesus. Ela se casou com SILVESTRE JOSÉ TEIXEIRA, n. 1780 em Conselheiro Lafaiete-MG, filho de José Antônio Teixeira de Aguiar e Ana Rosa, batismo AGO-1780¹⁹⁴ na Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Campo dos Carijós, fal. 23-MAIO-1854¹⁹⁵ em Rio Novo - MG, sepultamento 24-MAIO-1854¹⁹⁶ em Rio Novo - MG. A genealogia dos Teixeira de Aguiar foi publicada na Revista ASBRAP n° 18.

Pais de¹⁹⁷:

1 (IX)- ANA ROSA DE LIMA (MENININHA) n. 1828¹⁹⁸. Ela se casou com JOAQUIM RODRIGUES DE OLIVEIRA em 1850, Rio Novo-MG. Vide §4°, VIII, (IX).

2 (IX)- BENTO JOSÉ TEIXEIRA, n. 1830¹⁹⁹, provavelmente em Rio Novo-MG. Ele se casou com BÁRBARA MARIA DE SANT'ANA, n. em Freguesia de Nossa Senhora da Assunção de Chapéu D'Uvas, Juiz de Fora – MG, filha de Antônio Carlos Machado e Maria Pedrosa Rodrigues Valle. Antônio Carlos Machado é filho de João Machado de Sant'Ana e Maria Teresa de Jesus. Maria Pedrosa Rodrigues Valle é filha de José Rodrigues Valle e Ana Querubina de São José, n.p. de João Rodrigues Valle e Isabel Ribeiro, n.m. Vicente José da Silveira e Rita Maria de Jesus.

3 (IX)- JOSÉ SILVESTRE TEIXEIRA, n. 1833²⁰⁰ em Rio Novo - MG. Ele se casou em 5-MAR-1859²⁰¹ em Rio Novo-MG, com sua sobrinha

¹⁹² Inventário de Antônio Gomes Macedo, 1817, Caixa 1, Ordem 1. Arquivo Municipal Professor Altair José Savassi, Barbacena - MG.

¹⁹³ Livro Óbito da Paróquia de Rio Novo n° 02, fls. 174. Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora. À época da pesquisa o livro encontrava-se na paróquia.

¹⁹⁴ Livro de Batizados da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo dos Carijós, Conselheiro Lafaiete, Tomo II, 1768-1780. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

¹⁹⁵ Livro de Óbitos n° 3 da Paróquia de Rio Novo, fls. 7. Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora. À época da pesquisa o livro encontrava-se na paróquia.

¹⁹⁶ Idem.

¹⁹⁷ Inventário de Silvestre José Teixeira, 1854. Arquivo Judiciário do Foro de Mar de Espanha – MG.

¹⁹⁸ Inventário de Silvestre José Teixeira, 1854. Arquivo Judiciário do Foro de Mar de Espanha – MG.

¹⁹⁹ Inventário de Silvestre José Teixeira, 1854. Arquivo Judiciário do Foro de Mar de Espanha – MG.

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ Livro de Casamentos da Paróquia de Rio Novo n° 1, fls. 13. Arquivo Histórico

INÊS CAROLINA DE CASTRO, filha de Silvestre José Teixeira Júnior e Filisbina Cândida de Jesus. Silvestre José Teixeira Júnior é filho de Silvestre José Teixeira e Prudência Eufrázia de Jesus, n.p. de José Antônio Teixeira de Aguiar e Ana Rosa, n.m. de José Coelho da Cunha e Feliciana Maria de Mendonça. Filisbina Cândida de Jesus é filha de Narciso de Almeida Cardoso e Antônia Rodrigues Milagres.

Pais de:

- 1 (X)- SILVESTRE JOSÉ TEIXEIRA, n. 1860 em Rio Novo - MG, batismo 18-JAN-1860²⁰² em Rio Novo - MG. Ele se casou com GUILHERMINA MARIA CAMILLA, filha de Camilo da Cunha Ramalho e Maria Antônia Fernandes.

Pais de:

- 1(XI)- CAMILO JOSÉ DA CUNHA, n. 5-JUL-1892²⁰³ em Rio Novo - MG.

- 2 (X)- URSELINA FLORINDA DA COSTA, n. 1863 em Rio Novo -MG, fal. 20-AGO-1901²⁰⁴ em Rio Novo - MG. Ela se casou com JOSÉ SEVERINO DA COSTA MATOS, 14-NOV-1885²⁰⁵ em Rio Novo - MG, filho de Severino da Costa Matos e Ana Rosa de Nazaré.

Pais de:

- 1(XI)-JOSÉ, n. 1888 em Rio Novo - MG, batismo 1-DEZ-1888²⁰⁶ em Rio Novo - MG.

- 2(XI)-DOMINGOS DA COSTA MATTOS, n. 22-MAIO-1891²⁰⁷ em Rio Novo - MG.

- 3 (X)- FLORINDA, n. 1866 em Rio Novo - MG, fal. 12-MAR-1866²⁰⁸ em Rio Novo - MG.

- 4 (X)- CLAUDINO SILVESTRE TEIXEIRA, n. 1870 em Rio Novo-

Arquidiocesano de Juiz de Fora. À época da pesquisa o livro encontrava-se na paróquia.

²⁰² Livro de Batizados da Paróquia de Rio Novo n° 1, fls. 57. Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora. À época da pesquisa o livro encontrava-se na paróquia.

²⁰³ Livro de Nascimentos n° 3, fls. 97. Cartório do Registro Civil de Rio Novo – MG.

²⁰⁴ Livro de Óbitos n° 7, fls. 113. Cartório do Registro Civil de Rio Novo – MG.

²⁰⁵ Livro de Casamentos da Paróquia de Rio Novo n° 1, fls. 75v. Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora.

²⁰⁶ Livro de Batizados da Paróquia de Rio Novo n° 4, fls. 42. Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora.

²⁰⁷ Livro de Nascimentos n° 2, fls. 50. Cartório do Registro Civil de Rio Novo – MG.

²⁰⁸ Livro de Óbitos da Paróquia de Rio Novo n° 2, fls. 28v. Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora.

MG, fal. 1-AGO-1894²⁰⁹ no Distrito de Furtado Campos, Rio Novo-MG.

5 (X)- JUVENTINO, n. 1874 em Rio Novo - MG, sepultamento 8-JAN-1877²¹⁰ em Rio Novo - MG.

6 (X)- FLORINDA, n. 1876 em Rio Novo - MG, sepultamento 9-JUL-1877²¹¹ em Rio Novo - MG.

7 (X)- RITA FLORINDA DE S. JOSÉ. Ela se casou com JOSÉ ANTÔNIO DO NASCIMENTO, 30-JUN-1888²¹² em Rio Novo - MG.

8 (X)- FELISBINA, batismo 7-JUN-1870²¹³ em Piau - MG.

4 (IX)- CLAUDINO JOSÉ TEIXEIRA n. 1836²¹⁴. Que segue.

5 (IX)- ANTÔNIO, n. 1848²¹⁵ em Rio Novo - MG.

6 (IX)- TEÓFILO, n. 1851²¹⁶ em Rio Novo - MG.

7 (IX)- ROMUALDO, n. 1853.²¹⁷

IX- CLAUDINO JOSÉ TEIXEIRA, n. 1836²¹⁸ em Rio Novo - MG, fal. em JUL-1897²¹⁹, em Guaçuí - ES, sepultamento em Guaçuí - ES. Ele se casou em 2-JUL-1861²²⁰ em Rio Novo - MG, com sua sobrinha ANA ROSA

²⁰⁹ Livro de Óbitos n° 2, fls. 167v. Cartório do Registro Civil de Rio Novo - MG.

²¹⁰ Livro de Óbitos da Paróquia de Rio Novo n° 2, fls. 169v. Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora.

Livro de Óbitos da Paróquia de Rio Novo n° 2, fls. 169v. Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora.

²¹¹ Livro de Óbitos da Paróquia de Rio Novo n° 2, fls. 177. Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora.

²¹² Livro de Casamentos da Paróquia de Rio Novo n° 2, fls. 90. Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora.

²¹³ Livro de Batizados da Paróquia do Divino Espírito Santo do Piau. Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora.

²¹⁴ Inventário de Silvestre José Teixeira, 1854. Arquivo Judiciário do Foro de Mar de Espanha - MG.

²¹⁵ Idem.

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Idem.

²¹⁸ Inventário de Silvestre José Teixeira, 1854. Arquivo Judiciário do Foro de Mar de Espanha - MG

²¹⁹ Inventário de Claudino José Teixeira, 1897. Arquivo Judiciário de Alegre - ES.

²²⁰ Livro de Casamentos da Paróquia de Rio Novo n° 1, fls. 22. Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora.

DE JESUS, n. 11-JUN-1847²²¹ em Rio Novo - MG, filha de João Silvestre Teixeira e Francisca Rosa de Jesus. Ana Rosa de Jesus faleceu em 11-JUL-1926²²² em Guaçuí - ES. João Silvestre Teixeira é filho de Silvestre José Teixeira e Prudência Eufrásia de Jesus, n.p. de José Antônio Teixeira de Aguiar e Ana Rosa, n.m. de José Coelho da Cunha e Feliciano Maria de Mendonça. Francisca Rosa de Jesus é filha do Capitão Bento Lopes de Faria e Maria Rosa de Jesus, n.p. de José Lopes de Faria e Josefa Maria da Assunção, n.m. de João Antônio Henriques e Rosa Dias de Santa Gertrudes. Claudino migrou de Rio Novo-MG para o norte da Província do Rio Janeiro, indo residir no território do hoje município de Varre-Sai-RJ, por volta de 1876. Seu nome aparece no Almanaque Laemert de 1877 como criador de gado na freguesia do Senhor Bom Jesus de Itabapoana²²³. Posteriormente se do território do município de Varre-Sai-RJ para o território do hoje município de Guaçuí-ES, onde veio a falecer em julho de 1897. Seu inventário encontra-se arquivado no Foro da Comarca do Alegre - ES. No município de Guaçuí - ES, residiu em sua fazenda denominada São José, situada à margem esquerda do Rio Itabapoana, e próxima ao distrito de Santa Rita do Prata, município de Varre-Sai - RJ. O inventário de Claudino foi o único documento em que todos os filhos homens foram identificados como “Teixeira de Macedo”, sendo que em outros documentos, apenas os filhos Silvestre, Messias e José utilizaram o sobrenome “Macedo”. Os demais filhos utilizaram apenas Teixeira, não legando a seus descendentes o sobrenome Macedo.

Pais de:

- 1 (X)- JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA n. 1862. Segue § 6º.
- 2 (X)- JOÃO SILVESTRE TEIXEIRA n. 20-OUT-1863²²⁴. Segue § 7º.
- 3 (X)- SILVESTRE TEIXEIRA DE MACEDO n. 1865. Segue § 8º.
- 4 (X)- MESSIAS TEIXEIRA DE MACEDO n. 1867. Segue § 9º.
- 5 (X)- JOSÉ TEIXEIRA DE MACEDO n. 1868. Segue § 10º.
- 6 (X)- FLORINDA ROSA DE JESUS n. 1876. Segue § 11º.
- 7 (X)- FRANCISCA ROSA DE JESUS n. 1880. Segue § 12º.
- 8 (X)- ANSELMO CLAUDINO TEIXEIRA n. 31 Mar 1882. Segue § 13º.

²²¹ Informação colhida da lápide da sepultura de Ana Rosa de Jesus. Cemitério de Guaçuí-ES.

²²² Idem.

²²³ A paróquia de Varre-Sai foi criada somente em 1913. Fonte: Anuário Católico do Brasil, 1993.

²²⁴ Lápide de seu túmulo no cemitério municipal de Guaçuí-ES.

§ 6º

X - JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA, n. 1862 em Rio Novo - MG, batismo 11-ABR-1862²²⁵ em Rio Novo - MG, fal. 26-ABR-1935²²⁶ em Guaçuí-ES. Ele se casou com ANA LOPES DE FARIA, filha de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes, n. 26-JUN-1872²²⁷ em Fazenda Pinheiro, Varre-Sai-RJ, fal. 5-JAN-1954²²⁸ em Guaçuí - ES. Bento Henriques Lopes de Faria, n. 1842 em Rio Novo-MG, é filho de João Silvestre Teixeira e Francisca Rosa de Jesus, n.p. de Silvestre José Teixeira e Prudência Eufrázia de Jesus, n.m. Capitão Bento Lopes de Faria e Maria Rosa de Jesus. Maria Inocência Nunes de Moraes, n. 1856 em Piau-MG, bat. 15-MAR-1856 na Capela de Piau, Freguesia de Chapéu D’Uvas, filha de Francisco Nunes de Moraes, n. 1833 em Piau-MG, e Maria Galardina Rodrigues Valle, n. 1836 em Piau-MG, n.p. de Manoel Nunes de Moraes e Maria Rosa de Jesus, n.m. do Tenente João Eduardo Rodrigues Valle e Ana Luísa de Paiva. Joaquim José Teixeira foi proprietário da Fazenda da Barra, Guaçuí - ES, vendida pelos herdeiros para o senhor Osório Marques, abastado comerciante e fazendeiro dessa cidade. Consta que Joaquim manteve contato com parentes de sua terra natal, Rio Novo-MG. Foi mencionado por uma das filhas de Joaquim, certa “Tia Menininha”, residente em Juiz de Fora, que o autor identificou como sendo Ana Rosa de Lima, sua única tia inteira paterna²²⁹, casada com Joaquim Rodrigues de Oliveira.

Pais de:

- 1 (XI)- MARIA LOPES TEIXEIRA n. 8-AGO-1892. Casada com seu tio paterno ANSELMO CLAUDINO TEIXEIRA. Segue § 13º.
- 2 (XI)- CLEMENTE JOSÉ TEIXEIRA, n. 23-NOV-1894 em Guaçuí - ES.
- 3 (XI)- ESTEVÃO JOSÉ TEIXEIRA, n. 26-DEZ-1896 em Guaçuí - ES.
- 4 (XI) - LEOCÁDIA LOPES TEIXEIRA n. 9-JUL-1898. Ela se casou com MANOEL LINO FILHO.

Pais de:

²²⁵ Livro de Batizados da Paróquia de Rio Novo nº 1, fls. 95. Arquivo Histórico Arquiocesano de Juiz de Fora.

²²⁶ Informação da filha de Joaquim e Ana, Ambrosina Lopes Teixeira. Causa mortis: “Infecção no tornozelo”.

²²⁷ Informação da filha de Joaquim e Ana, Ambrosina Lopes Teixeira.

²²⁸ Informação da filha de Joaquim e Ana, Ambrosina Lopes Teixeira.

²²⁹ Todas as tias maternas também migraram de Rio Novo para o norte da província do Rio de Janeiro e sul do Espírito Santo.

- 1 (XII)- MARIA DA SILVEIRA MACEDO n. 11-JUN-1916. Ela se casou em Guaçuí-ES com Bento Teixeira de Macedo. Vide § 9º, X, (XI).
- 2 (XII)- ROSA LOPES DA SILVEIRA, n. 6-ABR-1923 em Guaçuí-ES, fal. 2014 em Rio de Janeiro – RJ.
Filho:
 - 1(XIII)-BRAZ ANTÔNIO DA SILVEIRA, n. 3-JUL-1965 em Rio de Janeiro-RJ.
- 3 (XII)- MAURO LOPES DA SILVEIRA, n. 22-NOV-1925 em Guaçuí-ES, fal. 1996 em Cachoeiro de Itapemirim-ES.
- 5 (XI)- ISABEL LOPES TEIXEIRA, n. 5-NOV-1900 em Guaçuí - ES.
- 6 (XI)- FLORINDA LOPES TEIXEIRA, n. 1901 em Guaçuí – ES, casada na família Tatagiba, fal. em São José do Calçado - ES.
- 7 (XI)- FRANCISCA LOPES TEIXEIRA n. 26-ABR-1901. Desconhecido o nome do esposo.
Filhos:
 - 1 (XII)- MARIA DA GLÓRIA TEIXEIRA DE CARVALHO, n. 18-NOV-1919 em Guaçuí - ES. Ela se casou com CLODOALDO BARROS SOBRINHO, n. 1916.
Pais de:
 - 1 (XIII)- CLODOALDO CARVALHO BARROS, n. 1945 em Guaçuí - ES.
 - 2 (XIII)- MARÍLIA CARVALHO DE BARROS, n. em Guaçuí-ES.
 - 3 (XIII)- FLÁVIO CARVALHO BARROS, n. 1956 em Guaçuí-ES.
 - 4 (XIII)- NILSON CARVALHO BARROS, n. 1958 em Guaçuí-ES.
 - 2 (XII)- ANA CARVALHO FERNANDES, n. 12-JAN-1923 em Guaçuí - ES, fal. 2009 em Guaçuí - ES. Ela se casou com JOSÉ FERNANDES DA SILVA JÚNIOR, n. 31-AGO-1919 em Guaçuí – ES, filho de José Fernandes da Silva e Maria Lopes de Faria, fal. 2011 em Guaçuí - ES.
Pais de:
 - 1 (XIII)- JOSIANE MARIA CARVALHO FERNANDES, n. em Guaçuí - ES.

- 2 (XIII)- JOSÉ LÚCIO CARVALHO FERNANDES, n. 1948 em Guaçuí - ES.
- 3 (XIII)- LUCIANO CARVALHO FERNANDES.
- 4 (XIII)- MARCELO CARVALHO FERNANDES, n. 1961 em Guaçuí - ES.
- 5(XIII)- LÍDIA MARIA FERNANDES CARVALHO, n. 1962 em Guaçuí - ES.
- 3 (XII)- JOSÉ TEIXEIRA DE CARVALHO, n. 1923, fal. 2009.
- 4(XII)-TEREZINHA DO MENINO JESUS CARVALHO FERNANDES, n. 1929.
- 5(XII)-MARIA DA PENHA CARVALHO DE AZEVEDO, n. 1935.
- 8 (XI)- BENTO JOSÉ TEIXEIRA, n. 23-NOV-1904 em Guaçuí - ES.
- 9 (XI)- CLAUDINO JOSÉ TEIXEIRA n. 23-NOV-1905. Ele se casou com MARIA CONCEIÇÃO TORRES TEIXEIRA, n. 11-FEV-1914, fal. em Guaçuí-ES.
- Pais de:
- 1 (XII)- VERA TORRES TEIXEIRA DE PAULA, n. 5-JAN-1935 em Guaçuí - ES. Ela se casou com ROLANDO ROULIEM DE PAULA.
- Pais de:
- 1(XIII)-ROULIEM TEIXEIRA DE PAULA, n. 4-DEZ-1958 em Guaçuí - ES.
- 2(XIII)-RITA ROZELE DE PAULA MACHADO, n.7-JUN-1961 em Guaçuí - ES.
- 2 (XII)-VANUSA TORRES TEIXEIRA, n. 3-JUN-1936 em Guaçuí-ES. Ela se casou com CARLOS ALBERTO MELLO FONTAINHA.
- Pais de:
- 1 (XIII)- CARLA TEIXEIRA FONTAINHA.
- 2(XIII)-JOAQUIM CLAUDINO TEIXEIRA FONTAINHA, n. 10-SET-1960.
- 3 (XIII)- MARIA TEREZA TEIXEIRA FONTAINHA BOLELLI, n. 23-OUT-1961.
- 4 (XIII)- VALÉRIA TEIXEIRA FONTAINHA, n. 24-FEV-1964.

3 (XII)- VANDA MARIA TEIXEIRA POSSATO, n. 27-JAN-1937 em Guaçuí - ES. Ela se casou com ANTÔNIO VESCOVI POSSATO.

Pais de:

1 (XIII)- MARCO ANTÔNIO TEIXEIRA POSSATO, n. 4-DEZ-1961.

2 (XIII)- SILVANA TEIXEIRA POSSATO, n. 10-ABR-1965.

3 (XIII)- RAFAELA TEIXEIRA POSSATO, n. 1-SET-1968.

4 (XIII)- ANTÔNIO VESCOVI POSSATO JÚNIOR, n. 22-SET-1970.

4 (XII)- ETELVINO MIGUEL TORRES TEIXEIRA n. 22-OUT-1942.

Pais de:

1 (XIII)- PATRÍCIA CARDOSO TEIXEIRA, n. 22-ABR-1976.

5 (XII)- JOANA D'ARC TORRES TEIXEIRA, n. 3-NOV-1943 em Guaçuí - ES. Ela se casou com JORGE ANTÔNIO RIZZI.

6 (XII)- JOSÉ LUIZ TORRES TEIXEIRA, n. 21-JUN-1946 em Guaçuí - ES. Ele se casou com ACÁCIA GLECI AMARAL TEIXEIRA, n. em Guaçuí-ES, filha de Ari Amaral e Áurea Teixeira.

Pais de:

1 (XIII)- JOSÉ LUIZ TORRES TEIXEIRA JÚNIOR, n. 10-JUL-1973 em Guaçuí - ES.

2 (XIII)- POLLYANA AMARAL TEIXEIRA, n. 13-SET-1977 em Guaçuí - ES.

3 (XIII)- CECÍLIA MARA AMARAL TEIXEIRA, n. 19-MAIO-1982 em Guaçuí - ES.

7 (XII)- ANA MARIA TORRES TEIXEIRA, n. 21-JUN-1946 em Guaçuí - ES.

8 (XII)- MARIA JOSÉ TEIXEIRA LEITE DE CASTRO, n. 11-JAN-1948 em Guaçuí - ES. Ela se casou com JORGE LUIZ LEITE DE CASTRO.

Pais de:

1 (XIII)- JORGE LUIZ LEITE DE CASTRO JÚNIOR, n. 9-JUL-1978.

- 2 (XIII)- ANDRÉ TEIXEIRA LEITE DE CASTRO, n. 7-SET-1979.
- 9 (XII)- RICARDO TORRES TEIXEIRA, n. 7-MAR-1965 em Guaçuí - ES.
- 10 (XI)- ANA TEIXEIRA VIEIRA, n. 19-JUL-1907 em Guaçuí - ES. Ela se casou com ORLANDO MACHADO VIEIRA, filho de José Vieira de Carvalho e Maria Machado Vieira. Maria Machado Vieira é filha de Francisco Carlos Machado e Maria Rosa de Jesus, n.p. de Antônio Carlos Machado e Maria Pedrosa Rodrigues Valle, n.m. João Silvestre Teixeira e Francisca Rosa de Jesus.
- Pais de:
- 1 (XII)- MARIA VIEIRA PIMENTEL, n. 29-ABR-1932, fal. 10-JUN-2007. Ela se casou com OLIVAL DÍDIMO PIMENTEL, n. 20-ABR-1913 em Guaçuí - ES²³⁰, filho de Aureliano Dídimo Pimentel e Constância Manga Pimentel, fal. 9-FEV-1990.²³¹
- 11 (XI)- AMBROZINA LOPES TEIXEIRA n. 19-JAN-1909 em Guaçuí-ES. Ela se casou com JURANDYR DE CARVALHO.
- Pais de:
- 1(XII)- WALDYR TEIXEIRA DE CARVALHO, n. 29-NOV-1929. Ele se casou com ALAÍDE GUEDES CARVALHO.
- Pais de:
- 1 (XIII)- ALADIR GUEDES CARVALHO, n. 5-JAN-1956.
- 2 (XIII)- ALAIR GUEDES CARVALHO, n. 20-DEZ-1956.
- 3 (XIII)- ALACIR GUEDES CARVALHO.
- 4 (XIII)- WALDYR TEIXEIRA CARVALHO JÚNIOR, n. 5-FEV-1957.
- 5 (XIII)- JURANDYR DE CARVALHO NETO.
- 6 (XIII)- WALMIR GUEDES CARVALHO, n. 10-MAR-1965.
- 2 (XII)- MARIA DE LOURDES CARVALHO, n. 3-MAIO-1931. Ela se casou com NARCISO ALVES DE ALMEIDA.
- Pais de:
- 1 (XIII)- PAULO ALVES CARVALHO, n. 8-MAIO-1952.

²³⁰ www.myheritage.com.br. Árvore genealógica de Pedro Henrique Pimentel Rezende.

²³¹ www.myheritage.com.br. Árvore genealógica de Pedro Henrique Pimentel Rezende.

- 2 (XIII)- LAURO ALVES CARVALHO, n. 14-JUL-1956.
- 3(XIII)- MAURO ALVES CARVALHO, n. 15-MAR-1958.
- 4 (XIII)- SOLANGE REGINA ALVES CARVALHO.
- 5 (XIII)- MARIA HELENA ALVES CARVALHO, n.
7-SET-1964.
- 6 (XIII)- MARCIA ALVES CARVALHO.
- 7 (XIII)- ANGELA ALVES CARVALHO, n. 1-JUL-1973.
- 3 (XII)- NEWTON TEIXEIRA CARVALHO, n. 14-JUN-1933. Ele se casou com MARILENE SANTOSTASO CARVALHO.
- Pais de:
- 1 (XIII)- SOLANGE SANTOSTASO CARVALHO, n. 30-JUN-1962.
- 2 (XIII)- ROSÂNGELA SANTOSTASO CARVALHO, n. 17-OUT-1966.
- 3 (XIII)- NEWTON SANTOSTASO CARVALHO, n. 30-JUN-1970.
- 4 (XII)- MIGUEL LOPES TEIXEIRA, n. 5-AGO-1939. Ele se casou com ANA PRISCILA LINO.
- Pais de:
- 1 (XIII)- JOSÉ RAMOS TEIXEIRA, n. 22-MAR-1963.
- 2(XIII)- WALDIRENE RAMOS TEIXEIRA, n. 10-MAR-1978.
- 5 (XII)- MARIA DA PENHA CARVALHO, n. 14-MAR-1941. Ela se casou com SALVADOR J TENÓRIO.
- Pais de:
- 1 (XIII)- FLÁVIO J CARVALHO TENÓRIO, n. 26-AGO-1964.
- 2 (XIII)- MARCELO CARVALHO TENÓRIO, n. 15-DEZ-1972.
- 6 (XII)- MARIA DAS NEVES CARVALHO, n. 6-AGO-1944.
- 7 (XII)- MARIA APARECIDA CARVALHO, n. 18-MAIO-1946. Ela se casou com THOMAZ CECCARECHI.
- Pais de:
- 1 (XIII)- MARCOS TADEU CECARECHI, n. 30-NOV-1966.

- 2 (XIII)- SIMONE CARVALHO CECARECHI, n. 12-JAN-1969.
- 3 (XIII)- PATRÍCIA F CARVALHO CECARECHI, n. 27-DEZ-1974.
- 4 (XIII)- MÁRCIO CARVALHO CECARECHI, n. 25-AGO-1976.
- 8 (XII)- MAURO TEIXEIRA CARVALHO, n. 2-FEV-1948, fal. 29-NOV-1983 em Guaratinguetá - SP. Ele se casou com CECÍLIA MAZANETTI.
- Pais de:
- 1 (XIII)- FÁBIO JOSÉ MAZANETTI CARVALHO, n. 19-MAR-1981 em Guaratinguetá - SP.
- 9 (XII)- PAULO ROBERTO CARVALHO, n. 28-ABR-1949. Ele se casou com JACIRA DE ASSIS MONTEIRO.
- Pais de:
- 1 (XIII)- KÁTIA DE ASSIS CARVALHO, n. 17-ABR-1980.
- 12 (XI)- ADOLFO JOSÉ TEIXEIRA, n. 27-SET-1911 em Guaçuí - ES.
- 13 (XI)- ROSA TEIXEIRA VALENTIM, n. 15-FEV-1912 em Guaçuí - ES, fal. 2-JUN-1974 em Guaçuí - ES.²³² Ela se casou com JOSÉ TEIXEIRA VALENTIM, filho de Ilídio Valentim de Moraes e Maria Claudino de Moraes, n. 23-OUT-1905 em Varre-Sai-RJ,²³³ fal. 2-NOV-1980 em Guaçuí - ES. Ilídio Valentim de Moraes é filho de Francisco Valentim Sobrinho e Mariana Faustina Nunes de Moraes, n.m. de Francisco Nunes de Moraes e Maria Galardina Rodrigues Valle. Desconhecidos os avós paternos.
- Pais de:
- 1 (XII)- DARLY VALENTIM CADE, n. 9-NOV-1936.
- 2 (XII)- MARIA DA GLÓRIA VALENTIM.
- 3 (XII)- ZULEICA VALENTIM BERNARDO, n. 21-MAR-1943 em Natividade - RJ. Ela se casou com CLOVES N BERNARDO DE AZEVEDO, fal. 18-JAN-1983 em Guaçuí-ES.
- Pais de:

²³² Informação de Zuleica Valentim Bernardo.

²³³ Idem.

- 1 (XIII)- RODRIGO VALENTIM BERNARDO, n. 18-MAIO-1972 em Guaçuí - ES.
- 2 (XIII)- SANDRO VALENTIM BERNARDO, n. 8-DEZ-1973 em Guaçuí - ES.
- 3 (XIII)- GEORGIA VALENTIM BERNARDO, n. 23-ABR-1976 em Guaçuí - ES.
- 4 (XII)- CARLOS TEIXEIRA VALENTIM.
- 5 (XII)- ILÍDIO TEIXEIRA VALENTIM.
- 6 (XII)- MARLENE VALENTIM CAMARGO, n. 25-AGO-1953 em Natividade - RJ. Ela se casou com LEÔNCIO DIAS CAMARGO.
- 7 (XII)- JOSÉ ROBERTO VALENTIM, n. 25-AGO-1953.
- 14 (XI)- EDINA LOPES TEIXEIRA, n. 14-JUL-1914 em Guaçuí - ES.

§ 7º

- X- JOÃO SILVESTRE TEIXEIRA, n. 20-OUT-1863²³⁴ em Rio Novo - MG, fal. 8-MAR-1925²³⁵ em Santa Rita do Prata, hoje pertencente ao município de Varre-Sai-RJ, sepultamento em Guaçuí - ES. Ele se casou com ANA NUNES DE MORAES, bat. 13-JUN-1867²³⁶ na Capela de Santo Antônio, filial da Paróquia de Bom Jesus de Itabapoana, filha de Francisco Nunes de Moraes e Maria Galardina Rodrigues Valle. Francisco Nunes de Moraes é filho de Manoel Nunes de Moraes e Maria Rosa de Jesus, n.p. de Manoel Nunes de Moraes e Maria Rita da Assunção, n.m. de Francisco José de Paiva e Maria Rosa de Jesus. Maria Galardina Rodrigues Valle é filha do Tenente João Eduardo Rodrigues Valle e Ana Luíza de Paiva, n.p. José Rodrigues Valle e Ana Querubina de São José, n.m. Francisco José de Paiva e Maria Rosa de Jesus. João Silvestre Teixeira foi proprietário de parte da fazenda Providência, situada no município de Varre-Sai-RJ, adquirida de herdeiros de Manoel Felipe Nery Rodrigues Valle, patriarca da família Nery de Varre-Sai - RJ, conhecidos na região como “Mindós”. Posteriormente adquiriu a fazenda Prata, Varre-Sai - RJ, provavelmente de seus tios Feliciano Sá

²³⁴ Lápide de sepultura. Cemitério Municipal de Guaçuí-ES.

²³⁵ Idem.

²³⁶ Livro de Batizados da Paróquia de Bom Jesus do Itabapoana n° 1, fls. 373v. Paróquia de Bom Jesus de Itabapoana.

Viana e Ambrozina Justa de Jesus. Ambrozina faleceu 28-ABR-1922²³⁷ em Rosal, distrito de Bom Jesus de Itabapoana – RJ, filha de João Silvestre Teixeira e Francisca Rosa de Jesus. Feliciano, natural da Província do Espírito Santo, filho de Justino de Sá Viana e Feliciano de Sá Viana, fal. 4-MAR-1919²³⁸ em Rosal.

Pais de:

- 1 (XI)- SILVESTRE CLAUDINO TEIXEIRA. Ele se casou com ALEXANDRINA FERNANDES TEIXEIRA, n. 25-ABR-1916, filha de José Fernandes da Silva e Maria Lopes de Faria. Maria Lopes de Faria é filha de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes, n.p. João Silvestre Teixeira e Francisco Rosa de Jesus (Lopes de Faria), n.m. Francisco Nunes de Moraes e Maria Galardina Rodrigues Valle.

Pais de:

- 1 (XII)- ANA MARIA.
 2 (XII)- JOSÉ MARCOS FERNANDES TEIXEIRA, n. 02-MAIO-1943.
 3 (XII)- LÚCIA FERNANDES TEIXEIRA SILVÉRIO, n. 27-JUN-1945.
 4 (XII)- LUIZ GONZAGA FERNANDES TEIXEIRA, n. 27-SET-1951 em Fazenda Jequitibá, Guaçuí-ES. Ele se casou com ELZA MARIA MURUCI FERNANDES.

Pais de:

- 1 (XIII)- PATRÍCIA MURUCI FERNANDES, n. 15-OUT-1979 em Guaçuí - ES.
 2 (XIII)- RODRIGO MURUCI FERNANDES, n. 29-JUN-1983 em Guaçuí - ES.

- 2 (XI)- MARIA CLAUDINO DE MORAES. Ela se casou com ILÍDIO VALENTIM DE MORAES, filho de Francisco Valentim Sobrinho e Mariana Faustina Nunes de Moraes, n.m. de Francisco Nunes de Moraes e Maria Galardina Rodrigues Valle, e desconhecidos os avós paternos.

Pais de:

- 1 (XII)- MARIA VALENTIM DE MORAES, n. 30-ABR-1902. Ela

²³⁷ Livro de Óbitos n° 3, fls. 119. Cartório de Registro Civil de Rosal, Distrito de Bom Jesus do Itabapoana-RJ.

²³⁸ Livro de Óbitos n° ?. Cartório de Registro Civil de Rosal, distrito de Bom Jesus do Itabapoana-RJ.

se casou com OSCAR BENTO DE FARIA, n. 28-ABR-1897 em Fazenda Pinheiros, Varre-Sai - RJ,²³⁹ fal. em Varre-Sai – RJ, filho de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes.

Pais de:

- 1 (XIII)- MARIA FARIA FURTADO, n. 8-FEV-1925 na Fazenda Providência, Varre-Sai - RJ. Ela se casou com JOSÉ TORRES FURTADO.

Pais de:

1 (XIV)- JOSÉ MAURO DE FARIA FURTADO, n. 10-DEZ-1962 em Rio de Janeiro - RJ.

2 (XIV)- MARCELO DE FARIA FURTADO, n. 21-AGO-1964 em Rio de Janeiro - RJ.

- 2 (XIII)- JOSÉ OSCAR DE FARIA, n. 17-MAR-1926 na Fazenda Providência, Varre-Sai - RJ. Ele se casou com IVANI DE SOUSA FARIA.

Pais de:

1 (XIV)- JÚLIO CÉSAR SOUSA FARIA, n. em Fazenda Ribeirãozinho, Porciúncula-RJ.

2 (XIV)- MARIA NELI SOUSA FARIA.

- 3 (XIII)- GERALDA DE FARIA AGUIAR, n. 26-MAIO-1927 na Fazenda Providência, Varre-Sai-RJ. Ela se casou com ABÍLIO DUTRA DE AGUIAR.

Pais de:

1 (XIV)- ROSELI FARIA DE AGUIAR, n. 15-AGO-1952 na Fazenda Ribeirãozinho, Porciúncula-RJ.

Mãe de:

1(XV)-MATEUS FARIA OLIVEIRA, n. 7-ABR-1977.

2 (XIV)- MARIA HELENA F AGUIAR, n. 10-NOV-1953 na Fazenda Ribeirãozinho, Porciúncula-RJ. Ela se casou com JOSÉ LUIZ ABREU DINIS.

²³⁹ Informação pessoal de Oscar Bento de Faria.

Pais de:

1 (XV)- LARA AGUIAR DINIS, n. 28-NOV-1984.

3 (XIV)- OSCAR HERMENEGILDO DUTRA AGUIAR, n. 13-ABR-1954 na Fazenda Ribeirãozinho, Porciúncula-RJ.

4 (XIII)- SEBASTIANA FARIA GOMES, n. 20-DEZ-1928 na Fazenda Providência, Varre-Sai-RJ. Ela se casou com JOÃO GOMES FIGUEIREDO.

Pais de:

1 (XIV)- JOSÉ OSCAR FARIA GOMES, n. 18-JUL-1953. Ele se casou com ENILDA SOUSA GOMES.

Pais de:

1 (XV)- RÔMULO SOUSA GOMES, n. 11-DEZ-1981.

2 (XV)- GABRIELA SOUSA GOMES, n. 21-JUN-1985.

2 (XIV)- MARIA INÊS FARIA GOMES, n. 8-AGO-1963. Ela se casou com ANTÔNIO CLARETE TINTER, n. na Fazenda Santa Fé, Distrito de Rosal, Bom Jesus do Itabapoana - RJ.

2 (XII)- ABIGAIL VALENTIM DE MORAES, n. 14-DEZ-1903 na Fazenda Providência, Varre-Sai-RJ. Ela se casou com CONRADO DE MORAES.

Pais de:

1 (XIII)- JOSÉ ROBERTO DE MORAES, n. 27-MAR-1934.

2 (XIII)- NEUZAMARIA DE MORAES, n. 17-AGO-1940.

3(XII)- JOSÉ TEIXEIRA VALENTIM n. 23-OUT-1905 em Varre-Sai-RJ, fal. 2-NOV-1980 em Guaçuí-ES. Ele se casou com ROSA TEIXEIRA VALENTIM, n.15-FEV-1912 em Guaçuí-ES, filha de Joaquim José Teixeira e Ana Lopes de Faria, fal. 2-JUN-1974 e Guaçuí-ES. Vide §4º, X, (XI).

4 (XII)- JOÃO VALENTIM DE MORAES, n. 5-JUN-1907. Ele se

casou com ZILDA VALENTIM CASTRO.

Pais de:

1 (XIII)- RUTH VALENTIM ASSUNÇÃO, n. 5-JAN-1936.
Ela se casou com MÁRCIO SILVA ASSUNÇÃO.

Pais de:

1 (XIV)- MÁRCIO VALENTIM ASSUNÇÃO, n.
1-OUT-1961.

2(XIV)-ZILDA LÚCIA VALENTIM
ASSUNÇÃO, n. 14-OUT-1963.

3(XIV)-MÁRCIO SILVA ASSUNÇÃO JÚNIOR,
n. 3-JAN-1968.

2 (XIII)- RENAN VALENTIM CASTRO, n. 11-JAN-1939. Ele
se casou com LUCIA MARIA GUSMÃO CASTRO.

Pais de:

1 (XIV)- RICARDO GUSMÃO CASTRO, n. 10-
ABR-1979.

2 (XIV)- CARLA GUSMÃO CASTRO, n. 14-
OUT-1981.

5 (XII)- ANA VALENTIM DE MORAES, n. 9-SET-1910.

6 (XII)- DROTÓVIA VALENTIM DE MORAES, n. 12-SET-1911.
Ela se casou com NABOR EMERY LOBATO.

Pais de:

1 (XIII)- EMÍLIA MARIA VALENTIM LOBATO DE
VARGAS. Ela se casou com PEDRO ELIAS
VARGAS RODRIGUEZ.

Pais de:

1 (XIV)- MARY TULIA VARGAS LOBATO.

2 (XIV)- PEDRO ELIAS VARGAS LOBATO.

3 (XIV)- JUAN CARLOS VARGAS LOBATO.

4 (XIV)- ALEJANDRO VARGAS LOBATO.

2 (XIII)- LIA VALENTIM LOBATO MACHADO. Ela se
casou com JOSÉ AILTON MACHADO, filho de
Manoel Machado e Petronilha.

Pais de:

1(XIV)-MARIA CAROLINA LOBATO

MACHADO.

2(XIV)-MARIA TEREZA LOBATO
MACHADO.

3 (XIII)- INÊS VALENTIM.

4 (XIII)- ILÍDIO VALENTIM LOBATO.

7 (XII)- EROTHIDES VALENTIM DE MORAES, n. 12-SET-1911
em Varre-Sai - RJ. Ele se casou com MARIA ANDRADE
VALENTIM.

Pais de:

1 (XIII)- WANDERLEY ANDRADE VALENTIM, n. 27-
NOV-1937.

2 (XIII)- WANTUIL ANDRADE VALENTIM, n. 24-
MAIO-1939.

8 (XII)- ODETE VALENTIM DE MORAES.

9 (XII)- AMÍLCAR VALENTIM DE MORAES, n. 22-OUT-1920.
Ele se casou com EUTÁLIA SANGLARD DE MORAES.

Pais de:

1 (XIII)- ZÉLIA MARIA SANGLARD VALENTIM, n.
1-MAIO-1950.

2 (XIII)- ELIAS JOSÉ SANGLARDVALENTIM, n.
8-MAR-1953.

3 (XIII)- MARCELO SANGLARD VALENTIM, n. 16-
OUT-1956.

4 (XIII)- LETÍCIA SANGLARD VALENTIM, n. 21-JUL-
1960.

5 (XIII)- NILSON VALENTIM SANGLARD, n. 23-AGO-
1964.

10 (XII)- CARMOZINA VALENTIM DE MORAES.

3 (XI)- CLAUDINO SILVESTRE TEIXEIRA. Ele se casou com MARIA
ALEXANDRINA NERY, filha de Francisco Caetano Nery do Valle
e Jacinta Rosa de Figueiredo, n.p. de Manoel Felipe Nery Rodrigues
Valle e Alexandrina Maria Pedrosa, n.m. de Manoel Pinto de
Figueiredo e Rita Augusta de Figueiredo.

Pais de:

1 (XII)- FRANCISCO LUZIA NERY, n. 1920.

- 2 (XII)-FILOMENA TEIXEIRA FARIA, n. 25-AGO-1922 na Fazenda Paraíso, Varre-Sai - RJ. Ela se casou com SEBASTIÃO DUTRA DE FARIA, n. 30-JUL-1917 na Fazenda Laranjeira, Varre-Sai - RJ, fal. 19-NOV-1984 em Varre-Sai - RJ, filho de João Bento de Faria e Leopoldina Dutra de Faria, n.p. de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes, desconhecidos os nomes dos avós maternos.
- Pais de:
- 1 (XIII)- ZÉLIA MARIA FARIA OLIVEIRA, n. 23-DEZ-1944. Ela se casou com ELI BALBINO DE OLIVEIRA.
- Pais de:
- 1 (XIV)- FRANCISCO FARIA DE OLIVEIRA, n. 2-JUL-1964.
- 2(XIV)-MARIO LUCIO FARIA DE OLIVEIRA, n. 9-MAR-1968.
- 2 (XIII)- MARIA HELENA FARIA TAVARES, n. 11-AGO-1945 na Fazenda Murici, Varre-Sai-RJ. Ela se casou com ADALBERTO ASSAD TAVARES.
- 3 (XIII)- SEBASTIÃO DUTRA FARIA FILHO, n. 29-DEZ-1958 na Fazenda Murici, Varre-Sai-RJ. Ele se casou com SANDRA SERAFIM MARTINS DE FARIA.
- Pais de:
- 1 (XIV)- DIEGO MARTINS DE FARIA, n. 30-JUL-1983.
- 2 (XIV)- KÊNIA MARTINS DE FARIA, n. 10-JUL-1984.
- 3 (XII)- BENEDITO SILVESTRE TEIXEIRA, n. 1923 em Varre-Sai-RJ.
- 4 (XII)- ONOFRE SILVESTRE TEIXEIRA, n. 20-ABR-1926 em Varre-Sai-RJ.
- 5 (XII)- NATALINA NERY, n. 1927 em Varre-Sai-RJ.
- 6 (XII)- JOÃO TEIXEIRA NERY, n. 5-MAIO-1930 em Varre-Sai-RJ.
- 7 (XII)- MARIA DA PENHA TEIXEIRA, n. 1934 em Varre-Sai-RJ.
- 4 (XI)- JÚLIA CLAUDINO DE MORAES, n. 16-SET-1885 em Fazenda

Prata, município de Varre-Sai-RJ, fal. 21-JUN-1971 em Varre-Sai-RJ. Ela se casou com JOSÉ VALENTIM DE MORAES, n. 3-FEV-1880, fal. 1-JUL-1961 em Varre-Sai-RJ, filho de Francisco Valentim Sobrinho e Mariana Faustina Nunes de Moraes. Mariana Faustina Nunes de Moraes é filha de Francisco Nunes de Moraes e Maria Galardina Rodrigues Valle, n.p. de Manoel Nunes de Moraes e Maria Rosa de Jesus, n.m. do Tenente João Eduardo Rodrigues Valle e Ana Luíza de Paiva.

Pais de:

1 (XII)- JOSÉ VALENTIM DE MORAES JÚNIOR (ZEQUINHA), n. 9-MAR-1907. Ele se casou com FILOMENA LOPES TEIXEIRA DE MORAES, n. 21 Jul 1916, fal. 9-NOV-1940 em Guaçuí-ES, filha de Nazário Silvestre Teixeira e Maria Lopes Teixeira.

Pais de:

1 (XIII)- JOSÉ MARIATEIXEIRA VALENTIM, n. 8-ABR-1938. Ele se casou com LUZIA AGUIAR VALENTIM.

Pais de:

1 (XIV)- ALESSANDRO VALENTIM AGUIAR, n. 1-OUT-1974.

2 (XIII)- MARIA DA PENHA TEIXEIRA COSTA, n. 26-OUT-1940. Ela se casou com JOAQUIM GONÇALVES COSTA.

Pais de:

1 (XIV)- ANTÔNIO CARLOS TEIXEIRA COSTA, n. 29-OUT-1974. Ele se casou com PAULA REGINA NUNES.

2 (XIV)- WENDEL JOSÉ TEIXEIRA COSTA, n. 21-JAN-1978.

2 (XII)- MARIA NUNES VALENTIM, n. 2-AGO-1908.

3 (XII)- SOPHIA VALENTIM DE MORAES, n. 10-NOV-1912.

4 (XII)- ACÁCIO VALENTIM DE MORAES, n. 23-SET-1914 em Varre-Sai-RJ. Sacerdote católico.

5 (XII)- JOÃO RODRIGUES VALENTIM, n. 12-JUN-1925 na Fazenda Paraíso, Varre-Sai - RJ, fal. 27-SET-1965 em Varre-Sai-RJ. Ele se casou com NEUZA DA CUNHA VALENTIM.

Pais de:

- 1 (XIII)- JOÃO RODRIGUES DA CUNHA VALENTIM.
- 2 (XIII)- AGDA DA CUNHA VALENTIM.
- 3 (XIII)- MARIA INES DA CUNHA VALENTIM.
- 4 (XIII)- MARCOS DA CUNHA VALENTIM.
- 6 (XII)- LUÍZA VALENTIM CAMPOS, n. 18-NOV-1932.
- 7 (XII)- PEDRO VALENTIM DE MORAES, n. em Sítio Caparaó, município de Natividade - RJ. Ele se casou com ELZINA MACHADO.

Pais de:

- 1 (XIII)- MARIA EUFRÁZIA.
- 2 (XIII)- JOÃO BATISTA VALENTIM.
- 3 (XIII)- ANTÔNIO JOSÉ.
- 4 (XIII)- JÚLIA.
- 5 (XIII)- ACÁCIO.
- 8(XII)- SÉRGIO VALENTIM DE MORAES, fal. em Belo Horizonte - MG.
- 5 (XI)- EUFRÁZIA SILVESTRE TEIXEIRA.

- 6 (XI)- NAZÁRIO SILVESTRE TEIXEIRA, n. 11-FEV-1893 em Varre-Sai-RJ, fal. 25-MAR-1976 em Guaçuí - ES. Ele se casou com MARIA LOPES TEIXEIRA, n. 29-DEZ-1898 em Fazenda Pinheiros, município de Varre-Sai-RJ, filha de Messias Teixeira de Macedo e Isabel Lopes Faria. Messias Teixeira de Macedo é filho de Claudino José Teixeira e Ana Rosa de Jesus. Isabel Lopes de Faria é filha de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes.

Pais de:

- 1 (XII)- FILOMENA LOPES TEIXEIRA DE MORAES n. 21-JUL-1916. Ela se casou com JOSÉ VALENTIM DE MORAES JÚNIOR (ZEQUINHA), n. 9-MAR-1907. Vide §7º, (XI), (XII).
- 2 (XII)- MARIA LOPES NERY, n. 27-ABR-1918 em Varre-Sai-RJ, fal. em 2006 em Guaçuí - ES . Ela se casou com MANOEL DE FIGUEIREDO NERY, n. em Varre-Sai-RJ, fal. em Guaçuí – ES, filho de José Maria de Figueiredo Nery e Alexandrina Gomes de Aguiar, n.p. de Francisco Caetano Nery do Valle e Jacinta Rosa de Figueiredo. Não tiveram filhos.
- 3 (XII)- LILI DUTRA TEIXEIRA, n. 11-NOV-1921 em Varre-Sai-

RJ. Ela se casou com JOSÉ DUTRA DE FARIA, n. 12-MAR-1926 na Fazenda Laranjeira, município de Varre-Sai-RJ, fal. 2016 em Varre-Sai-RJ, filho de João Bento de Faria e Leopoldina Dutra de Faria. João Bento de Faria é filho de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes, n.p. João Silvestre Teixeira e Francisca Rosa de Jesus (Lopes Faria), n.m. Francisco Nunes de Moraes e Maria Galardina Rodrigues Valle.

Pais de:

1 (XIII)- MARIA JOSÉ TEIXEIRA PARAÍSO, n. 3-JUL-1949. Ela se casou com VALDOÍNO VICTOR PARAÍSO.

Pais de:

1 (XIV)- RICARDO TEIXEIRA PARAÍSO, n. 28-FEV-1977.

2 (XIV)- RONALDO TEIXEIRA PARAÍSO, n. 25-JUN-1980.

3 (XIV)- ROGÉRIO TEIXEIRA PARAÍSO, n. 15-DEZ-1981.

2 (XIII)- JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA DUTRA, n. 21-JUL-1950. Ele se casou com PENHA MARIA DA SILVA DUTRA.

Pais de:

1 (XIV)- ALEXANDRE DA SILVA DUTRA, n. 3-SET-1974.

2 (XIV)- ALEXANDRA DA SILVA DUTRA, n.11-OUT-1983.

3 (XIII)- JORGE LUIZ TEIXEIRA DUTRA, n. 14-OUT- 1951. Ele se casou com MARIANA PEREIRA DUTRA.

Pais de:

1 (XIV)- LUCIANA PEREIRA DUTRA, n. 27-OUT-1980.

2 (XIV)- JORGE LUIS PEREIRA DUTRA, n. 13-OUT-1981.

3 (XIV)- GILBERTO PEREIRA DUTRA, n. 26-JUN-1987.

- 4 (XIII)- LUCILÉIA DUTRA TEIXEIRA DA SILVA, n. 11-JAN-1953. Ela se casou com MOACIR JOSÉ DA SILVA.
Pais de:
1 (XIV)- ELIZABETH TEIXEIRA DA SILVA, n. 28-JUN-1973.
2 (XIV)- ERIVELTON TEIXEIRA DA SILVA, n. 26-JUN-1976.
- 5 (XIII)- ORLANDO TEIXEIRA DUTRA, n. 17-JUL-1955. Ele se casou com TERESINHA MARA RAFAEL DUTRA.
Pais de:
1 (XIV)- REGINALDO RAFAEL DUTRA, n. 1-MAIO-1981.
2 (XIV)- REINALDO RAFAEL DUTRA, n. 4-AGO-1982.
- 6 (XIII)- EDSON DUTRA TEIXEIRA, n. 3-FEV-1957. Ele se casou com MARIA MOREIRA BORGES TEIXEIRA.
Pais de:
1 (XIV)- ELISANGELA MOREIRA TEIXEIRA, n. 26-ABR-1980.
2 (XIV)- BRUNA MOREIRA TEIXEIRA, n. 5-JUL-1984.
- 7 (XIII)- HÉLIO DUTRA TEIXEIRA, n. 8-JAN-1958.
- 4 (XII)- ISABEL LOPES DE PAULA, n. 11-NOV-1921 em Varre-Sai-RJ, fal. 1989 em Guaçuí-ES. Ela se casou com SEBASTIÃO LAMAS DE PAULA SOBRINHO (BIZI), fal. em Guaçuí - ES, filho de Oscar Honorato de Paula e Mariana Qualhano de Paula.
Pais de:
1 (XIII)- JOSÉ OSCAR LOPES DE PAULA, n. 1947 em Guaçuí-ES.
2 (XIII)- NAZÁRIO LOPES DE PAULA, n. 1950 em Guaçuí-ES.
3 (XIII)- MARIA GLÓRIA TEIXEIRA DE PAULA, n.

em Guaçuí-ES. Ela se casou com CARLOS TADEU CAPRA.

- 5 (XII)- MARIA APARECIDA TEIXEIRA DE OLIVEIRA, n. 22-JAN-1925 em Varre-Sai - RJ, fal. 2013 em Guaçuí-ES. Ela se casou com MARDOQUEU HENRIQUES DE OLIVEIRA, filho de Braz Ambrósio de Oliveira e Marieta Henriques de Oliveira.

Pais de:

- 1 (XIII)- JAUARITE TEIXEIRA DE OLIVEIRA, n. 1946 em Guaçuí-ES.

Filhos:

- 1 (XIV)- ALEXANDRE DE O COUTINHO, n. 1970.
2 (XIV)- VINICIUS DE OLIVEIRA COUTINHO, n. 1973.
3 (XIV)- BRUNO DE OLIVEIRA COUTINHO, n. 1978.
2 (XIII)- MARDOQUEU DE OLIVEIRA JÚNIOR, n. 1951 Guaçuí-ES.
3 (XIII)- IRUM TEIXEIRA DE OLIVEIRA, n. 1952 em Guaçuí-ES.
4 (XIII)- ADÃO TEIXEIRA DE OLIVEIRA, n. 1955 em Guaçuí-ES. Ele se casou com VERA LÚCIA TEIXEIRA DE OLIVEIRA.

Pais de:

- 1 (XIV)- VICTOR TEIXEIRA DE OLIVEIRA, n. 2-ABR-1979 em Guaçuí-ES.

- 2 (XIV)- CECÍLIA TEIXEIRA DE OLIVEIRA.

- 6 (XII)- ALONSO SILVESTRE TEIXEIRA, n. 2-DEZ-1926 em Varre-Sai-RJ, fal. 2016 em Guaçuí - ES. Ele se casou com MARIA DAS MERCÊS TEIXEIRA, n. 30-MAR-1938 em Varre-Sai-RJ.

Pais de:

- 1 (XIII)- JOSÉ ANTÔNIO TEIXEIRA, n. 5-SET-1956.
2 (XIII)- JÚLIO MARIA TEIXEIRA, n. 13-FEV-1958. Ele se casou com MARIA MÁRCIA FERNANDES GOMES TEIXEIRA.

Pais de:

1 (XIV)- MARCELO GOMES TEIXEIRA, n. 13-ABR-1985.

2 (XIV)- JULIANA GOMES TEIXEIRA, n. 13-ABR-1985.

3 (XIII)- MARIA CATARINA TEIXEIRA, n. 18-FEV-1961. Ela se casou com ROBERTO TIRADO FERREIRA.

Pais de:

1(XIV)-PAULO ROBERTO TEIXEIRA FERREIRA, n. 16-ABR-1984.

2(XIV)-MARA TEIXEIRA FERREIRA, n. 23-JAN-1987.

7 (XII)- ANA LOPES NERY, n. 11-NOV-1929. Ela se casou com SEBASTIÃO DE FIGUEIREDO NERY, filho de José Maria de Figueiredo Nery e Alexandrina Gomes de Aguiar. José Maria de Figueiredo Nery é filho de Francisco Caetano Nery do Valle e Jacinta Rosa de Figueiredo, n.p. de Manoel Felipe Nery Rodrigues Valle e Alexandrina Maria Pedrosa.

Pais de:

1 (XIII)- PEDRO DE FIGUEIREDO NERY, n. 7-SET-1951. Ele se casou com DEUSLEI SARRIA DE OLIVEIRA NERY.

Pais de:

1 (XIV)- ANA MARINA DE OLIVEIRA NERY.

2 (XIV)- SARITA MARIA DE OLIVEIRA NERY.

3 (XIV)- AMANDA DE OLIVEIRA NERY.

2 (XIII)- JOSÉ HENRIQUE LOPES NERY, n. 16-MAR-1959. Ele se casou com RITA ALVES NERY.

Pais de:

1 (XIV)- CÁSSIA GISELE ALVES NERY, n. 18-OUT-1980.

2 (XIV)- WILLIAM ALVES NERY, n. 24-OUT-1983.

8 (XII)- NAZÁRIO LOPES TEIXEIRA, n. 5-FEV-1931 em Varre-Sai-RJ.

9 (XII)- WILSON SILVESTRE TEIXEIRA, n. 14-NOV-1932 em

Varre-Sai-RJ. Ele se casou com APARECIDA RODRIGUES TEIXEIRA, n. 11-DEZ-1950, filha de Sebastião José Rodrigues e Alexandrina de Aguiar Rodrigues.

Pais de:

1 (XIII)- ILSEANE RODRIGUES TEIXEIRA, n. 15-SET-1978 em Guaçuí-ES.

Filho:

1 (XIV)- DOUGLAS TEIXEIRA RODOLFO, n. 11-MAR-2011 em Guaçuí-ES.

2 (XIII)- JOICE RODRIGUES TEIXEIRA, n. 22-NOV-1981 em Guaçuí-ES. Ela se casou com LEANDRO ROCHA MARTINS, n. 23-JUL-1977.

Pais de:

1 (XIV)- FELIPE TEIXEIRA MARTINS, n. 7-AGO-2018.

10(XII)- ADÃO SILVESTRE TEIXEIRA, fal. 1971 em Guaçuí-ES.

11(XII)- JONAS SILVESTRE TEIXEIRA, n. 2-MAR-1937 em Varre-Sai-RJ. Ele se casou com MARIA ALICE SIMÕES TEIXEIRA.

Pais de:

1(XIII)-MARILEIA SIMÕES TEIXEIRA DA SILVA, n. 10-MAR-1968.

2(XIII)-MARILENE SIMÕES TEIXEIRA PEREIRA, n. 10-MAR-1968.

3(XIII)-ÂNGELA MARIA SIMÕES TEIXEIRA CAMPOS, n. 11-MAR-1971.

4(XIII)-VANESSA SIMÕES TEIXEIRA, n. 3-OUT-1982.

7 (XI)- JOÃO DE MORAES TEIXEIRA, n. 15-JUL-1895 em Fazenda Prata, município de Varre-Sai-RJ, fal. 25-OUT-1986 em Guaçuí - ES. Ele se casou com ANGÉLICA RODRIGUES VALADÃO.

Pais de:

1 (XII)- GERALDO TEIXEIRA VALADÃO, n. 2-MAR-1918. Ele se casou com ELZA CORTAT VALADÃO.

Pais de:

- 1 (XIII)- CARLOS ROBERTO TEIXEIRA, n. 24-FEV-1947.
 - 2 (XIII)- JOSÉ MAURÍCIO CORTAT, n. 14-MAR-1951.
 - 3 (XIII)- FERNANDO CORTAT VALADÃO, n. 15-FEV-1957.
 - 4 (XIII)- EDUARDO CORTAT VALADÃO, n. 6-OUT-1961.
- 2 (XII)- LAIZIR VALADÃO DE MORAES, n. 8-FEV-1920. Ela se casou com JERÔNIMO NUNES DE MORAES.
- Pais de:
- 1 (XIII)- MARIA ANGÉLICA DE MORAES, n. 9-ABR-1945.
 - 2 (XIII)- MARIA APARECIDA DE MORAES, n. 30-AGO-1946.
 - 3 (XIII)- MARIA TEREZA DE MORAES, n. 16-JUN-1948.
 - 4 (XIII)- JOSÉ CARLOS DE MORAES, n. 23-MAR-1949.
 - 5 (XIII)- MARIA PERPÉTUA DE MORAES SIQUEIRA, n. 12 Set 1957.
- 3 (XII)- MARIA VALADÃO DE MORAES, n. 11-JUN-1922. Ela se casou com AMÉRICO RODRIGUES DE MORAES, filho de Pedro Nunes de Moraes e Marieta Henriques, n.p. de Pedro Nunes de Moraes, n. em Piau - MG e Isabel Diocleta Rodrigues Valle, n. em Piau – MG.
- Pais de:
- 1 (XIII)- JOSÉ ANCHIETA DE MORAES, n. 27-FEV-1944.
 - 2 (XIII)- CARMEN LÚCIA DE MORAES SILVA, n. 8-JUL-1952.
 - 3 (XIII)- REGINA MARIA DE MORAES NOLASCO, n. 19-NOV-1956. Ela se casou com ROVELSON DE THORMES NOLASCO, n. 17-SET-1956 em Guaçuí-ES, filho de Genaro Nolasco de Carvalho e Maria Augusta Nolasco.
- Pais de:
- 1 (XIV)- RAFAEL MORAES NOLASCO.
 - 2 (XIV)- DIOGO MORAES NOLASCO.
 - 3 (XIV)- CÍNTIA MORAES NOLASCO.
- 4 (XII)- LEOPOLDINA TEIXEIRA JABOUR, n. 17-JAN-1925. Ela se casou com JOSÉ JABOUR.
- Pais de:
- 1 (XIII)- JOSÉ FLÁVIO JABOUR, n. 12-MAIO-1950.
 - 2 (XIII)- MARIA ANGELA JABOUR, n. 30-MAR-1951.

- 3 (XIII)- MARCOS AUGUSTO JABOUR, n. 30-MAR-1955.
4 (XIII)- JORGE JOSÉ JABOUR, n. 29-DEZ-1960.
- 5 (XII)- ELZA TEIXEIRA DE CASTRO, n. 7-MAR-1928. Ela se casou com THALES BORGES DE CASTRO.
Pais de:
1 (XIII)- RUY TEIXEIRA DE CASTRO, n. 14-SET-1957.
2 (XIII)- THAIS TEIXEIRA DE CASTRO, n. 25-JAN-1960.
3 (XIII)- RICARDO TEIXEIRA DE CASTRO, n. 30-JAN-1963.
- 6 (XII)- MARIA RITA TEIXEIRA BRANDÃO, n. 22-MAR- 1930.
Ela se casou com HUDSON BRANDÃO.
Pais de:
1 (XIII)- JANETE TEIXEIRA BRANDÃO, n. 11-JAN-1957.
2 (XIII)- HERTZ TEIXEIRA BRANDÃO, n. 21-MAR-1960.
- 7 (XII)- IOLANDA TEIXEIRA DE REZENDE, n. 1º-AGO-1932.
Ela se casou com AYLTON REZENDE PINHEIRO.
Pais de:
1 (XIII)- JOÃO PIO REZENDE, n. 11-MAIO-1953.
2 (XIII)- JOSÉ TARCÍSIO TEIXEIRA REZENDE, n. 15-MAR-1955.
3 (XIII)- NÉLIO TEIXEIRA DE REZENDE, n. 4-JUN-1956.
4 (XIII)- KARLA PINHEIRO VALADÃO, n. 31-MAR-1962.
- 8 (XII)- JOSÉ GERALDO TEIXEIRA n. 23-JAN-1935. Ele se casou com MARIA HELENA CARVALHO TEIXEIRA.
Pais de:
1 (XIII)- HASLEY CÉSAR TEIXEIRA CARVALHO, n. 21-MAR-1962.
2 (XIII)- LUCIANA CARVALHO TEIXEIRA, n. 30-JUL-1963. Ela se casou com JOSÉ LUIZ CAMPOS, n. 12-MAR-1964 em Porciúncula – RJ, filho de Laércio Bento Campos e Maria Stelina Leite Campos.
Pais de:
1 (XIV)- NATÁLIA CARVALHO CAMPOS.
2 (XIV)- FELIPE CARVALHO CAMPOS.

9 (XII)- SEBASTIÃO VALADÃO TEIXEIRA, n. 15-NOV-1939. Ele se casou com MARIA INEZ ALENCAR TEIXEIRA.

Pais de:

1 (XIII)- MARCELO ALENCAR TEIXEIRA, n. 15-JAN-1977.

2 (XIII)- FELIPE ALENCAR TEIXEIRA, n. 21-MAR-1981.

8 (XI)- MESSIAS SILVESTRE TEIXEIRA, n. 31-AGO-1897 em Varre-Sai-RJ.²⁴⁰ Ele se casou com LEONTINA LOPES TEIXEIRA, n. 2-MAR-1901 em Varre-Sai – RJ, filha de Messias Teixeira de Macedo e Isabel Lopes Faria. Messias Teixeira de Macedo é o quarto filho de Claudino José Teixeira e Ana Rosa de Jesus. Isabel Lopes Faria é filha de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes.

Pais de:

1 (XII)- ZILA TEIXEIRA CORTAT. Ela se casou com FRANCISCO HENRIQUES VIEIRA CORTAT.

Pais de:

1 (XIII)- MARIA RITA TEIXEIRA RAMOS, n. 15-MAR-1947.
Ela se casou com CARLOS AUGUSTO RAMOS.

Pais de:

1 (XIV)- HELBERT TEIXEIRA RAMOS, n. 8-SET-1968 em Guaçuí-ES.

2 (XIV)- HELTON TEIXEIRA RAMOS, n. 11-DEZ-1970 em Guaçuí-ES.

3 (XIV)- HÉRICA TEIXEIRA RAMOS, n. 12-JUL-1975 em Guaçuí-ES.

2 (XIII)- JOSÉ LUIZ TEIXEIRA CORTAT, n. 16-NOV-1950. Ele se casou com TERESINHA DE JESUS GONÇALVES.

Pais de:

1(XIV)-MÔNICA GONÇALVES CORTAT, n. 20-MAIO-1977 em Guaçuí-ES.

2(XIV)-FRANCISCO LUIZ GONÇALVES CORTAT, n. 2-JAN-1982 em Guaçuí-ES.

3(XIV)-JÉSSICA GONÇALVES CORTAT, n. 28-ABR-1992 em Guaçuí-ES.

²⁴⁰ Livro Nascimentos n. 3, fls. 67v., Registro Civil de Varre-Sai-RJ.

- 3 (XIII)- MARIA TEIXEIRA CORTAT, n. 15-AGO-1956.
Ela se casou com OSMAR LUCINDO.
Pais de:
- 1(XIV)-MARIANA CORTAT LUCINDO, n.
2-JUL-1981 em Guaçuí-ES.
- 2(XIV)-MARCELA TEIXEIRA CORTAT
LUCINDO, n. 16-JUL-1984 em Guaçuí-ES.
- 3(XIV)-MAYRA TEIXEIRA CORTAT LUCINDO,
n. 16-JUL-1984 em Guaçuí-ES.
- 2 (XII)- GERALDINA LOPES TEIXEIRA, n. 23-OUT-1927 em
Varre-Sai-RJ, fal. 2012 em Varre-Sai-RJ.
- 3 (XII)- SYLVIA LOPES TEIXEIRA DA SILVA, n. 1-JAN-1929 em
Varre-Sai-RJ, fal. 2014 em Natividade-RJ. Ela se casou com
JOÃO CARLOS DA SILVA.
- Pais de:
- 1 (XIII)- EMANUEL LOPES TEIXEIRA DA SILVA, n. 20-
DEZ-1955 em Natividade-RJ.
- 2 (XIII)- JOÃO CARLOS DA SILVA FILHO, n. 5-FEV-1958
em Natividade-RJ.
- 3 (XIII)- MARIA DO CARMO LOPES DA SILVA, n. 27-
MAIO-1959 em Natividade-RJ.
- 4 (XIII)- JOSÉ PASCOAL TEIXEIRA DA SILVA, n. 1-ABR-
1961 em Natividade-RJ.
- 5 (XIII)- ADRIANO TEIXEIRA DA SILVA, n. 24-DEZ-1967
em Natividade-RJ.
- 6 (XIII)- FLÁVIA TEIXEIRA DA SILVA, n. 26-JUN-1971
em Natividade-RJ.
- 4 (XII)- FRANCISCO SILVESTRE TEIXEIRA n. 8-MAIO-1930
em Varre-Sai-RJ, fal. 2004 em Vitória - ES. Ele se casou em
Guaçuí- ES com ELZA TRIGO TEIXEIRA, fal. em 15-FEV-
1995 em Guaçuí-ES, filha de Gregório Trigo Gil e Maria
Vailant Trigo.
- Pais de:
- 1 (XIII)- ROGÉRIO TRIGO TEIXEIRA, n. 30-JUN-1970 em
Guaçuí-ES.

5 (XII)- EVA TEIXEIRA DE FARIA, n. 30-DEZ-1931 em Varre-Sai-RJ, fal. 2017 em Varre-Sai-RJ. Ela se casou com PAULO MORAES FARIA, n. 3-MAR-1930 em Varre-Sai-RJ, filho de Vitorino Lopes de Faria e Mariana Lopes Moraes. Vitorino Lopes de Faria é filho de Antônio Bento de Faria e Francisca Rosa de Jesus, n.p. de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes, n.m. de Claudino José Teixeira e Ana Rosa de Jesus. Mariana Lopes Moraes é filha de Silvestre Lopes de Faria e Etelvina Valentim de Moraes, n.p. de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes, n.m. de Francisco Valentim Sobrinho e Mariana Faustina Nunes de Moraes.

Pais de:

1 (XIII)- JOSÉ GERALDO TEIXEIRA DE FARIA, fal. 1971 em Varre-Sai-RJ, sepultado em Guaçuí-ES.

2 (XIII)- TARCÍSIO TEIXEIRA DE FARIA, n. 28-FEV-1962 em Varre-Sai-RJ.

3 (XIII)- MARIA BERNADETE TEIXEIRA DE FARIA.

4 (XIII)- MARIA APARECIDA TEIXEIRA DE FARIA. Ela se casou em 2010 com JADILSON RANGEL, divorciados em 2017.

Pais de:

1 (XIV)- ANA CRISTINA DE FARIA RANGEL, n. 26-FEV-2010 em Guaçuí-ES.

6 (XII)- JOÃO TEIXEIRA. Ele se casou com IRENE DA SILVA TEIXEIRA, n. 20-JUL-1944 em Varre-Sai - RJ, falecida 25-SET-2022 em Varre-Sai - RJ.

Pais de:

1 (XIII)- DANILO TEIXEIRA DA SILVA, n.1963.

2 (XIII)- DAILI TEIXEIRA DA SILVA, n. 1965.

3 (XIII)- DANIEL TEIXEIRA DA SILVA, n. 1967.

4 (XIII)- DAVI TEIXEIRA DA SILVA, n. 1969.

5 (XIII)- SELMA TEIXEIRA DA SILVA, n. 1973.

9 (XI)- PERCILIANA.

10(XI)- LONGUINHO SILVESTRE TEIXEIRA.

11(XI)- ANA SILVESTRE TEIXEIRA.

12(XI)- FRANCISCA DE MORAES TEIXEIRA. Ela se casou com seu primo INÁCIO TEIXEIRA DE MACEDO, n. 1-FEV-1901 em Guaçuí-ES, filho de Silvestre Teixeira de Macedo e Maria Lopes Faria. Silvestre Teixeira de Macedo é filho de Claudino José Teixeira e Ana Rosa de Jesus. Maria Lopes Faria é filha de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes.

Pais de:

1 (XII)- HÉLIO TEIXEIRA DE MORAES, n. 10-NOV-1929 em Guaçuí-ES. Ele se casou com MARIA LUCIA MOREIRA DE MORAES.

Pais de:

1 (XIII)- HÉLIO JOSÉ MOREIRA MORAES, n. 28-AGO-1961 em Guaçuí-ES.

2 (XIII)- JOSÉ LEONARDO MOREIRA DE MORAES, n.13-MAR-1964 em Guaçuí-ES.

3 (XIII)- ADRIANO JOSÉ MOREIRA DE MORAES, n. 08-MAR-1969 em Guaçuí-ES.

2 (XII)- IVO

3 (XII)- FERNANDO

4 (XII)- PAULO

5 (XII)- MARIA DE LOURDES MACEDO MORAES, n. 11-FEV-1943 em Guaçuí-ES, fal. 2016 em Guaçuí-ES.

§ 8º

X- SILVESTRE TEIXEIRA DE MACEDO, n. 1865 em Rio Novo - MG, fal. 30-NOV-1909²⁴¹ em Guaçuí – ES, em decorrência de acidente ofídico, mordedura de serpente. Ele se casou com MARIA LOPES DE FARIA, n. 1878, filha de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes, fal. 14-MAIO-1966 em Guaçuí - ES. Silvestre e Maria residiram na fazenda São José, no território da cidade de Guaçuí – ES, próximo ao distrito de Santa Rita do Prata. A fazenda São José pertenceu ao pai de Silvestre, Claudino José Teixeira, que deve tê-la adquirido dos herdeiros do Tenente João Eduardo Rodrigues Valle, que nela residiu pelo menos até 1877.

²⁴¹ Livro de Óbitos n° [?]. Cartório do Reg. Civil de Guaçuí-ES.

Pais de:

- 1 (XI)- MIGUEL TEIXEIRA DE MACEDO, n. na Fazenda São José, Guaçuí - ES, batismo 8-JUN-1896²⁴² na capela de Santo Antônio, filial da Matriz de Bom Jesus do Itabapoana - RJ. Ele se casou com ANA MONTEIRO DE JESUS, n. 06-JUL-1902, fal. 12-DEZ-1957 em Guaçuí-ES.

Pais de:

- 1 (XII)- NELSON MONTEIRO DE MACEDO.
 2 (XII)- MARIA MONTEIRO DE MACEDO.
 3 (XII)- NESTOR MONTEIRO DE MACEDO.
 4 (XII)- OLÍVIA MONTEIRO DE MACEDO.
 5 (XII)- RITA MONTEIRO DE MACEDO.
 6 (XII)- LUIZ TEIXEIRA DE MACEDO.
 7 (XII)- FLAUZINA MONTEIRO DE MACEDO.
 8 (XII)- SILVESTRE MACEDO, n. 28 -JUL-1931 em Guaçuí-ES. Ele se casou com ZILDA MORAES FARIA, n. 4-AGO-1936 em Santa Rita do Prata, Varre-Sai - RJ, filha de Vitorino Lopes de Faria e Mariana Lopes de Faria.

Pais de:

- 1 (XIII)- CÁTIA LOPES DE MACEDO, n. 30-OUT-1976 em Guaçuí - ES.
 9 (XII)- IRENE MONTEIRO DE MACEDO.
 10(XII)- MIGUEL MONTEIRO DE MACEDO.
 11(XII)- EVA MONTEIRO DE MACEDO.
 12(XII)- ZILDA MONTEIRO DE MACEDO.
 13 (XII)- PLÍNIO MONTEIRO MACEDO, n. 31-OUT-1935. Ele se casou com ALZIRA DA CONCEIÇÃO MACEDO.

Pais de:

- 1 (XIII)- RÚBIA DA CONCEIÇÃO MACEDO, n. 3-MAR-1965.

- 2 (XI)- THOMAZ TEIXEIRA DE MACEDO, n. 3-JUL-1898 em Guaçuí-ES, fal. 16-JUN-1972 em Guaçuí - ES. Ele se casou com FILOMENA

²⁴² Livro de Batizados da Paróquia de Bom Jesus do Itabapoana n° 1, fls. 173v. Paróquia da Matriz de Bom Jesus do Itabapoana-RJ.

NUNES DE MORAES, filha de Joaquim Rodrigues de Moraes e Maria Augusta de Figueiredo. Joaquim Rodrigues de Moraes é filho de Francisco Nunes de Moraes e Maria Galardina Rodrigues Valle, n.p. de Manoel Nunes de Moraes e Maria Rosa de Jesus, n.m. do Tenente João Eduardo Rodrigues Valle e Ana Luíza de Paiva. Maria Augusta de Figueiredo é filha de Manoel Pinto de Figueiredo e Rita Augusta de Figueiredo, n.p.²⁴³ do Alferes Francisco da Silva Pinto e Francisca de Paula Figueiredo.

Pais de:

1 (XII)- JOÃO DE MACEDO, n. 18-NOV-1928. Ele se casou com ETELVINA SOBREIRA DE MACEDO.

Pais de:

1 (XIII)- EDSON SOBREIRA DE MACEDO.

2 (XIII)- JOSÉ SOBREIRA DE MACEDO.

3 (XIII)- BATISTA DE MACEDO.

2 (XII)- SILVESTRE NUNES DE MACEDO, n. 22-MAR-1930. Ele se casou com MARIA DO CARMO PEREIRA.

Pais de:

1 (XIII)- MILTON PEREIRA DE MACEDO, n. 5-JUN-1956. Ele se casou com MARILZA PEREIRA MACEDO.

Pais de:

1(XIV)-DENIS PEREIRA MACEDO, n. 11-DEZ-1977.

2 (XIII)- NILTON PEREIRA MACEDO, n. 20-JUN-1958.

3 (XIII)- SÔNIA PEREIRA MACEDO, n. 17-OUT-1960.

4 (XIII)- JOSÉ PEREIRA MACEDO, n. 2-FEV-1962. Ele se casou com BENDITA CLÉLIA CASTILHO MACEDO.

Pais de:

1(XIV)-SAMIRA CARMELITA CASTILHO MACEDO, n. 13-ABR-1981.

2(XIV)-FELIPE CASTILHO MACEDO, n. 16-DEZ-1985.

²⁴³ TEIXEIRA, Francisco Camargo. *Bom Jesus do Itabapoana: Genealogia da Família Figueiredo*. 3ª. edição. Editado por Georgina Mello Teixeira, 2005. 415 páginas.

- 5 (XIII)- SILVESTRE PEREIRA MACEDO, n. 4-OUT-1964.
6 (XIII)- TOMAS PEREIRA MACEDO, n. 22-MAIO-1966.
7 (XIII)- CARMEM LÚCIA PEREIRA MACEDO, n. 23-JUL-1968.
8 (XIII)- PAULO LIBÉRIO PEREIRA MACEDO, n. 15-AGO-1971.
9 (XIII)- LIBÉRIA PEREIRA MACEDO, n. 13-JUL-1973.
10(XIII) -EMÍLIA PEREIRA MACEDO, n. 27-ABR-1974.
11(XIII)- SÍLVIA PEREIRA MACEDO, n. 12-JUN-1975.
12(XIII)- SILVANA PEREIRA MACEDO, n. 12-JUN-1975.
13(XIII)- ROMILDO PEREIRA MACEDO, n. 21-FEV-1977.
14(XIII)- SEBASTIÃO PEREIRA MACEDO, n. 17-MAR-1978.
- 3 (XII)- MARIA NUNES DE MACEDO, n. 6-DEZ-1932.
4 (XII)- LUZIA NUNES MACEDO.
5 (XII)- AILTON NUNES MACEDO, n. 30-JUL-1941.
6 (XII)- ANA NUNES, n. 5-JUL-1948.
7 (XII)- SEBASTIANA NUNES, n. 5-JUL-1948.
- 3 (XI)- INÁCIO TEIXEIRA DE MACEDO, n. 1-FEV-1901 em Guaçuí-ES. Ele se casou com sua prima FRANCISCA DE MORAES TEIXEIRA. Vide §5º, (XI).
- 4 (XI)- MARIANA TEIXEIRA DE MACEDO, fal. 14-JUN-1969 em Dores do Rio Preto - ES. Ela se casou com ANTÔNIO CAETANO SOBRINHO.
Pais de:
1 (XII)- JOÃO CAETANO TEIXEIRA, n. 29-OUT-1921. Ele se casou com MARIA ROCHA TEIXEIRA.
2 (XII)- ANTÔNIO CAETANO TEIXEIRA.
3 (XII)- JOSÉ CAETANO TEIXEIRA.
4 (XII)- SEBASTIANA TEIXEIRA FARIA, n. 25-OUT-1927. Ela se casou com NILO MACHADO DE FARIA.
Pais de:
1(XIII)-ANTÔNIO CAETANO FARIA, n. 24-DEZ-1952.
2(XIII)-ALVINO CAETANO DE FARIA, n. 14-DEZ-1955.
3(XIII)-SEBASTIÃO CAETANO DE FARIA, n. 27-DEZ-1958.

- 5 (XII)- MANOEL CAETANO TEIXEIRA, n. 29-MAR-1932.
 6 (XII)- CIRILO CAETANO TEIXEIRA.
 7 (XII)- MARIA CAETANO TEIXEIRA.
 8 (XII)- SILVESTRE CAETANO TEIXEIRA.
 9 (XII)- FRANCISCA CAETANO TEIXEIRA.
 10 (XII)- SEBASTIÃO CAETANO TEIXEIRA.
- 5 (XI)- VERENA TEIXEIRA DE MACEDO.
- 6 (XI)- PEDRO TEIXEIRA DE MACEDO, n. 21-MAIO-1906 em Guaçuí-ES, fal. 8-SET-1987 em Guaçuí - ES. Ele se casou com MARIA NOLASCO. Não tiveram filhos.
- 7 (XI)- ELEOTÉRIO TEIXEIRA DE MACEDO, n. 18-FEV-1908 em Guaçuí-ES, fal. 22-FEV-1988 em Guaçuí - ES. Ele se casou com MARIA TEREZINHA COELHO MACEDO, n. 2-MAR-1934 em Guaçuí-ES, filha de Waldemar Crisóstomo Coelho e Florices Rocha Coelho.
- Pais de:
- 1 (XII)- JORGE COSME MACEDO, n. 5-AGO-1953 em Guaçuí-ES, fal. 8-DEZ-1976 em Guaçuí - ES.
- 2 (XII)- FÁTIMA REGINA CONSOLAÇÃO MACEDO, n. 7-MAR-1957 em Guaçuí - ES.
- 3 (XII)- HENRIQUE TEIXEIRA MACEDO, n. 6-JAN-1961 em Guaçuí-ES. Ele se casou com ALINE DE ALMEIDA PAULA MACEDO, n. 10-SET-1965 em Guaçuí-ES, filha de Antônio Carvalho de Paula e Mariza Almeida de Paula.
- Pais de:
- 1 (XIII)- VELÁZQUEZ DE PAULA MACEDO, n. 29-JUN-1998 em Guaçuí-ES.
- 8 (XI)- MARGARIDA TEIXEIRA DE MACEDO, n. 17-OUT-1909 em Guaçuí - ES. Ela se casou com seu primo CLAUDINO ANSELMO TEIXEIRA, n. 18-DEZ-1909 em Guaçuí - ES, filho de Anselmo Claudino Teixeira e Maria Lopes Teixeira. Anselmo Claudino Teixeira é o filho mais novo de Claudino José Teixeira e Ana Rosa de Jesus. Maria Lopes Teixeira é filha de Joaquim José Teixeira e Ana Lopes Faria.
- Pais de:
- 1 (XII)- GERALDO ANSELMO TEIXEIRA. Ele se casou com REGINA LÚCIA RAMOS TEIXEIRA.

Pais de:

- 1 (XIII)- REJANE RAMOS TEIXEIRA, n. 2-OUT-1974 em Guaçuí-ES.
- 2 (XII)- MARIA LUIZA TEIXEIRA DIAS. Ela se casou com JOAQUIM MOREIRA DIAS JUNIOR.

Pais de:

- 1 (XIII)- JOSÉ TARCÍSIO TEIXEIRA DIAS.
- 2 (XIII)- MARIA CRISTINA TEIXEIRA DIAS.

§ 9º

- X- MESSIAS TEIXEIRA DE MACEDO, n. 1867 em Rio Novo - MG, fal. 19-ABR-1941 em Guaçuí - ES, sepultamento 20-ABR-1941 em Guaçuí - ES. Ele se casou com ISABEL LOPES FARIA, n. 15-MAIO-1880 em Fazenda Pinheiro, Distrito de Santa Rita do Prata, município de Varre-Sai-RJ, fal. 8-DEZ-1961 em Guaçuí - ES, sepultamento 9-DEZ-1961 em Guaçuí - ES, filha de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes. Messias Teixeira de Macedo e sua esposa residiram primeiramente em sua propriedade rural no lugar denominado Pinheiro/Água Doce, Varre-Sai - RJ, posteriormente se mudaram para um sítio no lugar denominado Santa Cruz, Guaçuí-ES, onde faleceram.

Pais de:

- 1 (XI)- MARIA LOPES TEIXEIRA n. 29-DEZ-1898 em Varre-Sai-RJ, fal. em Guaçuí. Ela se casou com NAZÁRIO SILVESTRE TEIXEIRA. Vide § 7º, (XI).
- 2 (XI)- LEONTINA LOPES TEIXEIRA n. 2-MAR-1901 em Varre-Sai-RJ. Ela se casou com MESSIAS SILVESTRE TEIXEIRA. Vide § 5º, (XI).
- 3 (XI)- JOÃO MESSIAS TEIXEIRA DE MACEDO, n. 1903, fal. 7-OUT-1904²⁴⁴ em Guaçuí-ES.
- 4 (XI)- ELEOTÉRIO LOPES DE MACEDO, n. Varre-Sai-RJ, fal. em Guaçuí-ES.
- 5 (XI)- BENTO TEIXEIRA DE MACEDO, n. 25-JUN-1907 em Varre-Sai-RJ, fal. 8-SET-1987 em Rio de Janeiro - RJ, sepultamento 8-SET-1987 em Rio de Janeiro - RJ. Ele se casou com MARIA

²⁴⁴ Livro de Óbitos nº [não anotado]. Cartório de Registro Civil de Guaçuí-ES.

DA SILVEIRA MACEDO, n. 11-JUN-1916 em Guaçuí-ES, filha de Manoel Lino Filho e Leocádia Lopes Teixeira, fal. 2-ABR-1981 em Rio de Janeiro - RJ.

Pais de:

1 (XII)- MARIA ISABEL DE MACEDO, n. 13-MAIO-1934 em Guaçuí - ES. Ela se casou com MERCIDES PAIVA.

Pais de:

1 (XIII)- MATUSALÉM DE MACEDO PAIVA, n. 30-JAN-1956 em Guaçuí - ES.

2 (XIII)- MARCO AURÉLIO DE MACEDO PAIVA, n. 27-JUL-1957 em Guaçuí - ES. Ele se casou com ANA TEREZA VARANDA PAIVA, n. 10-AGO-1961 em Rio de Janeiro-RJ, filha de Gustavo Augusto Varanda, n. 5-DEZ-1921 em Arrabães, Vila Real, Portugal e Ana Silva Varanda, n. 10-FEV-1926 em Valongo, Porto, Portugal.

Pais de:

1 (XIV)- MAURÍCIO VARANDA PAIVA, n. 5-JUN-1987 em Rio de Janeiro-RJ.

2 (XIV)- HENRIQUE VARANDA PAIVA, n. 27-ABR-1989 em Rio de Janeiro-RJ.

3 (XIV)- GUSTAVO VARANDA PAIVA, n. 12-ABR-1991 em Rio de Janeiro-RJ.

2 (XII)- MAGDA SILVEIRA MACEDO REIS, n. 10-MAIO-1935 em Guaçuí - ES. Ela se casou com PAULO PEDRO DOS REIS, n. 6-MAIO-1934 em Guaçuí - ES, filho de Dionísio Pereira dos Reis e Olga de Almeida Reis, fal. 10-JUL-2017 em Rio de Janeiro - RJ.

Pais de:

1 (XIII)- PAULO CÉSAR MACEDO DOS REIS, n. 9-JUL-1956 em Guaçuí - ES.

2 (XIII)- NELMA MACEDO DOS REIS, n. 11-JAN-1958 em Guaçuí - ES. Ela se casou com LUIZ CARLOS CORRÊA, filho de Jair Corrêa e Laura Mendes Corrêa.

Pais de:

1(XIV)-JULIANA MACEDO DOS REIS
CORRÊA, n. 19-JAN-1988 em Rio de
Janeiro-RJ.

2(XIV)-GABRIELA MACEDO DOS REIS
CORRÊA, n. 20-ABR-1990 em Rio de
Janeiro-RJ.

3 (XII)- CARMEN DEA MACEDO ALMEIDA, n. 19-JAN-1937
em Guaçuí - ES. Ela se casou com JAIR DE ALMEIDA.

Pais de:

1 (XIII)- BENTO JOSÉ MACEDO ALMEIDA, n. 10-
ABR-1956 em Guaçuí - ES. Ele se casou com
CARMÊM LÚCIA SIQUEIRA MACEDO DE
ALMEIDA, n. 5-MAR-1953 no Rio de Janeiro-
RJ, filha de Nouza José de Siqueira e Celestina
Pereira de Siqueira.

Pais de:

1(XIV)-CAMILA SIQUEIRA MACEDO
ALMEIDA, n. 1-NOV-1884 no Rio de
Janeiro-RJ.

2(XIV)-CARINA SIQUEIRA MACEDO
ALMEIDA, n. 28-ABR-1988 no Rio de
Janeiro-RJ.

2 (XIII)- LUÍS CARLOS MACEDO DE ALMEIDA, n.
5-OUT-1961 no Rio de Janeiro - RJ.

3 (XIII)- MARISLENE MACEDO ALMEIDA, n. 31-
MAR-1969 em Rio de Janeiro - RJ. Ela se casou
com ARLINDO RICON DE FREITAS JÚNIOR,
filho de Arlindo Ricon de Freitas.

Pais de:

1(XIV)-LUCAS MACEDO RICON DE
FREITAS.

4 (XII)- GUIDO MACEDO DA SILVEIRA, n. 28-NOV-1942 em Guaçuí
- ES. Ele se casou com WANDA MARIA MOTTA MACEDO.

Pais de:

1(XIII)-MARTA CHRISTINA MOTTA MACEDO
CARVALHO. Ela se casou com ARMANDO
MARTINS DE CARVALHO NETO.

Pais de:

1(XIV)-LIVIA MOTTA MACEDO CARVALHO.

Filhos:

1(XV)-LIS MACEDO MIRANDA.

2(XV)-HENRIQUE MACEDO
MIRANDA.

2(XIV)-LARISSA MOTTA MACEDO
CARVALHO.

3(XIV)-LETÍCIA MOTTA MACEDO
CARVALHO ABREU. Ela se casou com
LUCAS GOMES ABREU.

Pais de:

1(XV)-LINA MOTTA MACEDO
ABREU.

2(XIII)-LUDMILLA MARINE MOTTA MACEDO
SOUSA. Ela se casou com GILSON DE SOUSA.

Pais de:

1(XIV)-LUÍSA MOTTA MACEDO SOUSA.

5 (XII)- SELMA MACEDO DA SILVA ENES, n. 11-FEV-1951
em Guaçuí - ES. Ela se casou com CÉSAR ALBERTO
CIOCI DA SILVA ENES.

Pais de:

1 (XIII)- FLÁVIA MACEDO DA SILVA ENES, n.
em Rio de Janeiro - RJ. Ela se casou com
GUILHERME MARCHESE BEAKLINI.

Pais de:

1(XIV)-GABRIEL MACEDO MARCHESE
BEAKLINI.

6 (XII)- RITA (?), n. por volta de 1908, fal. por volta de 1923 em Guaçuí-ES.

7 (XII)- MESSIAS LOPES DE MACEDO, n. 22-JUN-1915 em Varre-Sai-
RJ, fal. 12-FEV-1998 em Niterói - RJ, sepultamento em Guaçuí-ES.
Ele se casou com MARIA MERCEDES FERRAZ MACEDO, n.
02-MAIO-1922, fal. por volta de 2002 em Niterói - RJ.

Pais de:

1 (XIII)- MARIA APARECIDA FERRAZ DE MACEDO. Ela se

casou com JOSÉ ATAÍDE BARBOSA.

Pais de:

1 (XIV)- RODRIGO MACEDO BARBOSA.

2 (XIV)- AURÉLIO MACEDO BARBOSA.

2 (XIII)- SEBASTIÃO FERRAZ DE MACEDO, n. 25-JAN-1954 em Guaçuí-ES, fal. 2019 em Guaçuí-ES. Ele casou primeira vez com SANDRA MARA BARROS PANCOTTO, n. 1955 em Castelo-ES, fal. 1981 em Vitória-ES. Ele se casou segunda vez com MARIA APARECIDA GONÇALVES VARGAS.

Filho do primeiro matrimônio:

1 (XIV)- VITOR PANCOTTO MACEDO, n. 1981 em Vitória-ES.

Filho do segundo matrimônio:

2 (XIV)- WERNER VARGAS MACEDO, n. 1985 em Vitória-ES.

8 (XII)- CLAUDINO LOPES DE MACEDO, n. 17-AGO-1916²⁴⁵, fal. por volta de 1989 em Governador Valadares-MG. Não deixou descendentes.

9 (XII)- GENÉSIO LOPES TEIXEIRA, n. 26-AGO-1916 em Varre-Sai-RJ, fal. em Belo Horizonte. Ele se casou com DÉBORA DE SOUSA TEIXEIRA.

Pais de:

1(XIII)-SUSAN DE SOUSA LOPES, n. 18-ABR-1948 em Governador Valadares-MG, fal. 2012 em Belo Horizonte-MG.

Filhos:

1(XIV)-DANIELE LOPES DA SILVA, n. 1974 em Belo Horizonte-MG.

2(XIV)-LEONARDO AUGUSTO LOPES SILVA, n. 1976 em Belo Horizonte – MG.

3(XIV)-NORMA LÚCIA LOPES DA SILVA, n. 1978 em Belo Horizonte-MG.

2(XIII)-DEISE DE SOUSA LOPES, n. 14-JAN-1950 em Governador Valadares-MG.

Filhos:

1(XIV)- ANIEL LOPES REBELO, n. 1980.

²⁴⁵ Título de Eleitor.

2(XIV) MARCELA LOPES REBELO, n. 1982.

3(XIII)-VALÉRIA FLÁVIA TEIXEIRA, n. 23 Jun 1959 em Governador Valadares-MG.

Filho:

1(XIV)-MARLON FLÁVIO TEIXEIRA, n. 1989 em Belo Horizonte - MG.

10 (XI)- ANA LOPES TEIXEIRA, n. 22-DEZ-1917 em Varre-Sai - RJ, fal.2007 em Guaçuí-ES. Ela se casou com FRANCISCO MOREIRA DA FONSECA, n. 3-MAIO-1914 em Guaçuí-ES, fal. 27-OUT-1990 em Guaçuí-ES, filho de Manoel Moreira da Fonseca e Amélia de Siqueira Moreira.

Pais de:

1 (XII)- MARIA ISABEL TEIXEIRA DA FONSECA, n. 05-ABR-1941 em Guaçuí-ES. Ela se casou com MIGUEL PEDRO DE PAULA, n. 03-AGO-1929 em Guaçuí-ES, fal. 28-OUT-2021 em Guaçuí-ES, filho de Oscar Honorato de Paula e Mariana Qualhano de Paula.

Pais de:

1(XIII)-ANDERSON TEIXEIRA DE PAULA, n. 5-JUL-1968 em Guaçuí - ES. Ele foi casado com ANA PAULA FIGUEIREDO LOUZADA, n. 10-JUL-1975, filha de Lincoln Santiago e Cecília Figueiredo Louzada.

Filhos de Anderson e Ana Paula:

1(XIV)-ANA BEATRIZ LOUZADA DE PAULA, n. 3-AGO-2000.

2(XIV)-MARIA CECÍLIA LOUZADA DE PAULA, n. 25-SET-2001.

3(XIV)-PEDRO LOUZADA DE PAULA, n. 11-OUT-2006.

2(XIII)-ISABEL CRISTINA TEIXEIRA DE PAULA, n. 11-MAIO-1975 em Guaçuí - ES. Ela se casou com MARCOS EMÍLIO FIGUEIREDO LOUZADA, n. 30-SET-1970, filho de Lincoln Santiago e Cecília Figueiredo Louzada.

Pais de:

1(XIV)-MARIANA DE PAULA LOUZADA,
n. 20-FEV-2006 em Guaçuí – ES.

2(XIV)-MARCOS EMÍLIO DE FIGUEIREDO
LOUZADA JÚNIOR, n. 17-ABR-2008
em Guaçuí - ES.

3(XIII)-ADRIANA TEIXEIRA DE PAULA, n. 6-JUL-
1979 em Guaçuí - ES. Ela se casou com
MATEUS DE PAULA MARINHO, n. 18-DEZ-
1977 em Guaçuí-ES, filho de Wanderley Sales
Marinho e Maria da Glória Polido de Paula.

Pais de:

1(XIV)-MATEUS DE PAULA MARINHO
FILHO, n. 4-ABR-2012 em Guaçuí-
ES.

2(XIV)-HELENA DE PAULA MARINHO, n.
20-MAIO-2015 em Guaçuí – ES.

2 (XII)- PAULO AFONSO TEIXEIRA, n. 1-JAN-1945 em
Guaçuí-ES. Ele se casou com MARIA REGINA DE
ASSIS TEIXEIRA.

Pais de:

1(XIII)-VALÉRIA TEIXEIRA AZEVEDO.

2(XIII)-ANA PAULA TEIXEIRA ASSIS DIOSCANIO.

3(XIII)- FRANCISCO FÁBIO ASSIS TEIXEIRA.

3 (XII)- FERNANDO TEIXEIRA DA FONSECA, n. em Guaçuí-ES,
fal. em Guaçuí-ES. Ele se casou com IRANY AYRES FARIAS.

Pais de:

1(XIII)-FERNANDA FARIAS DA FONSECA, n. 1982
em Guaçuí-ES.

2(XIII)-GIOVANNI PAOLO FARIAS DA FONSECA, n.
1984 em Guaçuí-ES.

11 (XI)- JOSÉ LOPES DE MACEDO, n. 25-MAIO-1921 na Fazenda Água
Doce, município de Varre-Sai-RJ, fal. 26-FEV-2006 em Guaçuí
- ES, sepultamento 27-FEV- 2006 em Guaçuí - ES. Ele se casou
com CLARA MARTINS DE OLIVEIRA, n. 12-AGO-1932 no

Distrito de Santa Clara, Porciúncula - RJ, fal. 3-AGO-2019 em Guaçuí - ES, sepultamento 4-AGO-2019 em Guaçuí-ES, filha de Manoel de Oliveira e Salvina Vicentina Martins. Manoel de Oliveira, n. 26-ABR-1893²⁴⁶ em Vilarinho do Bairro, Portugal é filho de Serafim de Oliveira, n. 30-MAR-1862²⁴⁷ em São Lourenço do Bairro, Portugal, e Maria de Jesus, n. 13-ABR-1869²⁴⁸ em Vilarinho do Bairro, n.p. de Joaquim de Oliveira, n. 1-JUL-1824²⁴⁹ em São Lourenço do Bairro, e Joaquina Pereira de Jesus, n. 29-SET-1828²⁵⁰ em Vilarinho do Bairro, n.m. de Manoel Joaquim, n. 28-JAN-1824²⁵¹ em Vilarinho do Bairro, e Maria de Jesus, n. 10-JAN-1828²⁵² em São Lourenço do Bairro. Salvina Vicentina Martins, n. 1-OUT-1900²⁵³ em Varre-Sai-RJ, filha de José Oscar Martins, n. 28-JAN-1873²⁵⁴ em Trajano de Moraes - RJ, e Maria Vicentina Soares, n. 1880, n.p. de João Sebastião Martins, n. Arraial do Anta, provavelmente Pedra do Anta - MG, e Virgínia Elisa Moret, n. 7-OUT-1856 na Freguesia de São Francisco de Paulo, atual Trajano de Moraes - RJ, n.m. Manoel José Soares, n. 1857, e Maria Vicentina de Oliveira, n. 1856 em Piau - MG.

Pais de:

- 1 (XII)- GILSON OLIVEIRA MACEDO n. 19-FEV-1955 em Guaçuí-ES. Ele se casou com ANA MARIA NOLASCO MACEDO, filha de Genaro Nolasco de Carvalho e Maria Augusta Nolasco, n. 26-JUL-1960 em Guaçuí-ES.

²⁴⁶ Certidão de Batizado e Nascimento emitida pelo Arquivo Distrital de Aveiro, detentor dos livros paroquiais.

²⁴⁷ Livro de Batizados da Freguesia de São Lourenço do Bairro, 1862-1863, Registro n° 11, fls. 6. Arquivo Distrital de Aveiro. Pesquisado pelo site www.tombo.pt.

²⁴⁸ Livro de Batizados da Freguesia de São Lourenço do Bairro, 1869-1870, Termo de Abertura de 23-NOV-1868, fls. 7, imagem 19. Arquivo Distrital de Aveiro. Pesquisado pelo site www.tombo.pt.

²⁴⁹ Livro de Batizados da Freguesia de São Lourenço do Bairro s/n, Termo de Abertura de 13-FEV-1817, fls. 75v, imagem 154. Arquivo Distrital de Aveiro. Pesquisado pelo site www.tombo.pt.

²⁵⁰ Livro de Batizados da Freguesia de São Miguel de Vilarinho do Bairro s/n, 1816-1830, fls. 142, imagem 286. Arquivo Distrital de Aveiro. Pesquisado pelo site www.tombo.pt.

²⁵¹ Livro de Batizados da Freguesia de São Miguel de Vilarinho do Bairro s/n, 1816-1830, fls. 87v, imagem 175. Arquivo Distrital de Aveiro. Pesquisado pelo site www.tombo.pt.

²⁵² Livro de Batizados da Freguesia de São Lourenço do Bairro s/n, Termo de Abertura de 13-FEV-1817, fls. 110v, imagem 223. Arquivo Distrital de Aveiro. Pesquisado no site www.tombo.pt.

²⁵³ Carteira de Trabalho e Previdência Social emitida pelo Ministério do Trabalho, 1974.

²⁵⁴ Livro de Batizados da Paróquia de São Francisco de Paula, Trajano de Moraes - RJ, n° 4, fls. 29-II. Paróquia de Trajano de Moraes. Cópia do registro gentilmente fornecida por Darli Bertazzoni Barbosa.

Pais de:

1(XIII)-LÍVIA NOLASCO MACEDO, n. 23-NOV-1982 em Guaçuí-ES. Ela se casou com RODRIGO LOBATO MURUCI, n. 25-NOV-1979 em Vila Velha - ES, filho de Walter Miguel Vicente Muruci e Isabel Mendes Lobato Muruci.

Pais de:

1(XIV)-DAVI NOLASCO MURUCI, n. 13-AGO-2015 em Rio de Janeiro-RJ.

2(XIV)-CAIO NOLASCO MURUCI, n. 7-JUN-2019 em Rio de Janeiro-RJ.

2(XIII)-LUCIANA NOLASCO MACEDO, n. 8-OUT-1984 em Guaçuí-ES. Ela se casou com VICTOR ARAÚJO NUNES NASCIMENTO, filho de Carlos Alberto Mendes Nunes e Sandra Maria Araújo Nunes, n. 26-FEV-1985 em Rio de Janeiro.

Pais de:

1(XIV)-LUCAS NOLASCO NUNES, n. 24-SET-2018 em São Luiz - MA.

3(XIII)-LAÍS NOLASCO MACEDO, n. 9-ABR-1988 em Guaçuí-ES.

2 (XII)- MÁRCIO OLIVEIRA MACEDO, n. 18-FEV-1962 em Guaçuí - ES.

12 (XI)- GERALDO TEIXEIRA DE MACEDO, n. 13-MAIO-1924 em Varre-Sai-RJ, fal. por volta de 1991 em Governador Valadares-MG. Não deixou descendentes.

§ 10º

X- JOSÉ TEIXEIRA DE MACEDO, n. 1868²⁵⁵ em Rio Novo - MG. Ele se casou com CLEMENTINA RITA DE AGUIAR.

Pais de:

1 (XI)- CÂNDIDO.

²⁵⁵ Data presumida.

2 (XI)- ELPÍDIO.

3 (XI)- SILVESTRE JOSÉ TEIXEIRA, n. 7-JUN-1917.²⁵⁶ Ele se casou com REGINA ROSA TEIXEIRA.

Pais de:

1 (XII)- IDÊ TEIXEIRA.

2 (XII)- NILTON SILVESTRE TEIXEIRA.

3 (XII)- ADAILTON TEIXEIRA.

4 (XII)- ILTON TEIXEIRA.

5 (XII)- TERESA SILVESTRE TEIXEIRA.

6 (XII)- ADALTON TEIXEIRA.

4 (XI)- JOSÉ.

5 (XI)- VITALINA.

6 (XI)- ANA.

7 (XI)- DEOLINDA.

§ 11º

X- FLORINDA ROSA DE JESUS (MANINHA), n. por volta de 1876²⁵⁷ em Rio Novo - MG ou Varre-Sai - RJ, fal. 21-MAIO-1949 em Guaçuí - ES, sepultamento em Guaçuí - ES. Ela se casou com JOÃO NUNES DE MORAES, filho de Francisco Nunes de Moraes e Maria Galardina Rodrigues Valle, n. em Varre-Sai - RJ, fal. 17-JUL-1939 em Guaçuí - ES, sepultamento em Guaçuí - ES.

Pais de:

1 (XI)- BERCHÓ NUNES DE MORAES.

2 (XI)- MARIA NUNES DE MORAES.

3 (XI)- BENTO NUNES DE MORAES.

4 (XI)- CLAUDINO NUNES TEIXEIRA DE MORAES (FIFIO), n. 29-ABR-1903. Ele se casou com MARIA DA PENHA SOUSA MORAES.

Pais de:

1 (XII)- DALMO NUNES SOUSA, n. 18-AGO-1930 em Guaçuí-ES.

²⁵⁶ Informação pessoal de sua esposa Regina Rosa Teixeira.

²⁵⁷ Data presumida.

- 2 (XII)- NICOMEDES NUNES DE SOUSA, n. 7-JUL-1931 em Guaçuí-ES.
- 3 (XII)- MARIA DE LOURDES SOUSA, n. 6-OUT-1934 em Guaçuí-ES.
- 4 (XII)- DERLY NUNES DE SOUSA, n. 31-AGO-1936 em Guaçuí-ES. Ele se casou com SHIRLEY MARIA COELHO.
- Pais de:
- 1(XIII)-DELCIO COELHO NUNES, n. 11-MAIO-1970 em Guaçuí-ES.
- 2(XIII)- CARLOS AUGUSTO NUNES, n. 9-JUN- 1972 em Guaçuí - ES.
- 3(XIII)-SHEILA MARIA NUNES, n. 23-FEV-1975 em Guaçuí - ES.
- 5 (XII)- NEUZA NUNES DE SOUSA n. 23-OUT-1939.
- Filhos:
- 1(XIII)-ANA CLÁUDIA SOUSA RODRIGUES, n. 3-MAR-1967 em Guaçuí - ES.
- 5 (XI)- ALEXANDRINA NUNES DE MORAES, n. 14-JUL-1905 em Fazenda da Barra, Guaçuí - ES, fal. 16-JUL-1986 em Guaçuí - ES. Ela se casou com DURVAL RODRIGUES DE SOUSA.
- Pais de:
- 1 (XII)- DARIO RODRIGUES NUNES.
- 2 (XII)- JOSÉ RODRIGUES NUNES, n. 22-JUL-1926.
- 3 (XII)- ISABEL MORAES DE SOUSA, n. 7-OUT-1928. Ela se casou com ANDROMI MOREIRA DE SOUSA.
- Pais de:
- 1(XIII)-LENICE MORAES DE SOUSA, n. 14-MAR-1948.
- 2(XIII)-JOSÉ PAULO MORAES DE SOUSA, n. 25-FEV-1950.
- 3(XIII)-ANA MARIA MORAES DE SOUSA, n. 8-FEV-1955.
- 4(XIII)-LUCINÉIA MORAES DE SOUSA, n. 12-JAN-1960.
- 5(XIII)-MIGUEL ARCANJO M DE SOUSA, n. 21-AGRO-1961.
- 6(XIII)-ELCIONE MORAES DE SOUSA, n. 26-NOV-1968.

- 4 (XII)- SEBASTIÃO RODRIGUES NUNES, n. 2-JAN-1929.
 5 (XII)- PAULO RODRIGUES NUNES, n. 7-JUN-1930.
 6 (XII)- ANTÔNIO RODRIGUES NUNES, n. 29 Out 1931.
 7 (XII)- DIRCE RODRIGUES MORAES, n. 26-FEV-1933.
 8 (XII)- DEJALMIRA RODRIGUES DE MORAES, n. 15-JUL-1934.
 9 (XII)- DARCI RODRIGUES NUNES, n. 22-MAR-1935.
 10(XII)- DAISI RODRIGUES NUNES, n. 5-JUL-1937.
 11(XII)- TEREZINHA DE SOUSA NUNES, n. 26-NOV-1948.
- 6 (XI)- JOÃO NUNES FILHO.
- 7 (XI)- ANTÔNIO NUNES DE MORAES, n. 27-ABR-1916 em Fazenda da Barra, Guaçuí - ES, fal. 17-JUL-1978 em Guaçuí - ES. Ele se casou com ANA MOREIRA DE MORAES.
- Pais de:
- 1 (XII)- SEBASTIANA NUNES PINHAL, n. 1-OUT-1936. Ela se casou com ADEMIR PINHAL CARREIRO.
- Pais de:
- 1 (XIII)- ANA MARIA NUNES DOS REIS, n. 31-JUL-1957.
 2 (XIII)- MARIA INEZ NUNES PINHAL.
 3(XIII)- MARCO ANTÔNIO NUNES PINHAL, n. 9-MAR-1961.
 4 (XIII)- JOSÉ CARLOS NUNES PINHAL, n. 8-JUN-1963.
 5 (XIII)- RICARDO NUNES PINHAL.
- 2 (XII)- CELI NUNES PARAÍZO, n. 6-NOV-1937. Ela se casou com UBIRAJARA CARREIRA PARAÍZO.
- Pais de:
- 1(XIII)-ANTÔNIO CARLOS NUNES PARAÍZO, n. 20-AGO-1958.
 2(XIII)-JOSÉ AUGUSTO NUNES PARAÍZO, n. 9-MAR-1961.
 3(XIII)-MARIA SIMONE NUNES PARAÍZO, n. 14-MAIO-1964.
- Mãe de:
- 1(XIV)-DIEGO.
 4 (XIII)-RONALDO NUNES PARAÍZO, n. 17-JUL-1965.

5(XIII)-UBIRAJARA NUNES PARAÍZO, n. 12-ABR-1970.

3 (XII)- OSVALDO NUNES MOREIRA, n. 17-JAN-1943. Ele se casou com ANA MARIA NUNES MUNIZ.

Pais de:

1(XIII)- NELMA NUNES FERREIRA.

2(XIII)-OSVALDO NUNES MOREIRA JÚNIOR.

3(XIII)-PATRÍCIA NUNES MUNIZ.

4 (XII)- WILSON NUNES MOREIRA, n. 10-SET-1945. Ele se casou com MARLENE NUNES TEIXEIRA.

Pais de:

1(XIII)-MÔNICA NUNES TEIXEIRA.

2(XIII)-CLÁUDIO NUNES TEIXEIRA.

3(XIII)-WILIAM NUNES TEIXEIRA.

4(XIII)-SANDRA NUNES TEIXEIRA.

8 (XI)- FRANCISCA NUNES RIBEIRO, n. 22-OUT-1917. Ela se casou com ELÍSIO EMÍLIO RIBEIRO.

Pais de:

1 (XII)- JOSÉ NUNES RIBEIRO, n. 16-AGRO-1940. Ele se casou com MARIA LUZIA ATAÍDE RIBEIRO.

Pais de:

1(XIII)-CREUSA ATAÍDE RIBEIRO, n. 11-OUT-1961.

2(XIII)-SÔNIA ATAÍDE RIBEIRO, n. 21-JAN-1968.

3(XIII)-ROSANE ATAÍDE RIBEIRO, n. 3-JUL-1975.

4(XIII)-ROGÉRIO ATAÍDE RIBEIRO, n. 9-AGO-1978.

2 (XII)- NELSON NUNES RIBEIRO, n. 8-MAR-1941 em São Romão, Guaçuí-ES, fal. 21-MAR-1986 em Guaçuí - ES. Ele se casou com ANTÔNIA MOREIRA RIBEIRO.

3 (XII)- MANOEL NUNES RIBEIRO, n. 24-DEZ-1942, fal. 8-OUT-1982 em Guaçuí - ES. Ele se casou com EMÍLIA MOREIRA RIBEIRO.

4 (XII)- CLEONICE NUNES RIBEIRO, n. 26-JUL-1944. Ela se casou com JOSÉ ATAÍDE DE OLIVEIRA.

Pais de:

1(XIII)-ÁLVARO RIBEIRO ATAÍDE.

- 2(XIII)-ROSANGELA RIBEIRO ATAÍDE.
3(XIII)-IVANILTO RIBEIRO ATAÍDE.
4(XIII)-SEBASTIÃO RIBEIRO ATAÍDE, n. 16-
MAIO-1967.
5(XIII)-MÁRCIO RIBEIRO ATAÍDE, n. 16-JUL-1969.
6(XIII)-ADRIANA RIBEIRO ATAÍDE, n. 17-MAR-1973.
5 (XII)- MARGARIDA NUNES RIBEIRO BRUM, n. 17-FEV-
1945. Ela se casou com MANOEL BRUM FILHO.
Pais de:
1 (XIII)- MARCELO RIBEIRO BRUM, n. 5-OUT-1983.
6(XII)- BERENICE NUNES RIBEIRO, n. 14-AGO-1946, fal. 15-JAN-
1982. Ela se casou com SEBASTIÃO MAURO SOBRINHO.
7 (XII)- CLAUTÍDES NUNES RIBEIRO, n. 30-OUT-1948. Ela se
casou com SEBASTIÃO JEVEAUX.
8 (XII)- SEBASTIÃO NUNES RIBEIRO, n. 23-JAN-1949. Ele se
casou com LENICE COSTA NUNES.
Pais de:
1(XIII)-ANDERSON BENOCCI RIBEIRO, n. 17-MAR-1978.
9 (XII)- MARIA CÉLIA NUNES RIBEIRO, n. 25-FEV-1950. Ela se
casou com JOSÉ DULER DE SIQUEIRA.
Pais de:
1(XIII)-ROBERTO RIBEIRO DE SIQUEIRA, n. 24-
AGO-1977.
2(XIII)-RENATA RIBEIRO DE SIQUEIRA, n. 10-JUL-1983.
10 (XII)- VALDECIR NUNES RIBEIRO, n. 20-ABR-1951. Ele se
casou com MARIA DAS GRAÇAS CABRAL RIBEIRO.
Pais de:
1(XIII)-JADSON CABRAL RIBEIRO, n. 8-JUL-1987.
11 (XII)- CLÁUDIA NUNES RIBEIRO, n. 1-MAIO-1956. Ela se
casou com MILTON CONRADO DA COSTA.
Pais de:
1(XIII)-SOLANGE RIBEIRO DA COSTA, n. 22-SET-1975.
2(XIII)-SIMONE RIBEIRO DA COSTA, n. 19-MAIO-1982.
3(XIII)-CELSO RIBEIRO DA COSTA, n. 19-MAIO-1982.

- 12 (XII)- VERA LÚCIA NUNES RIBEIRO, n. 24-DEZ-1958. Ela se casou com JOSÉ MIGUEL SOARES.
Pais de:
1(XIII)-FERNANDA RIBEIRO SOARES, n. 4-OUT-1975.
2(XIII)-TIAGO RIBEIRO SOARES, n. 12-DEZ-1987.
- 13 (XII)- MESSIAS NUNES RIBEIRO, n. 12-AGO-1963.
- 9 (XI)- ANA NUNES DE MORAES.
- 10(XI)- NATALINA NUNES DA ROCHA, n. 25-DEZ-1919. Ela se casou com VALDEVINO SOARES DA ROCHA.
Pais de:
1 (XII)- IOLANDA SOARES MIGUEL, n. 22-MAR-1941.
Filhos:
1(XIII)-LUIS MIGUEL ARCANJO, n. 8-SET-1963.
2(XIII)-MARIA APARECIDA SOARES, n. 26-AGO-1964.
3(XIII)-LÚCIA DE FÁTIMA SOARES, n. 17-AGO-1965.
4 (XIII)-ANA ISABEL SOARES, n. 8-ABR-1967.
5(XIII)-WANDERLEY ROBERTO SOARES, n. 5-MAIO-1968.
6(XIII)-MÁRCIA HELENA SOARES, n. 15-SET-1968.
7(XIII)-SILVANA DE FÁTIMA SOARES, n. 29-OUT-1970.
8 (XIII)- JOSÉ ROBERTO SOARES, n. 19-AGO-1973.
- 2 (XII)- ISABEL SOARES FERREIRA. Ela se casou com CASSIANO BATISTA FERREIRA.
Pais de:
1 (XIII)- GESSÉ SOARES FERREIRA, n. 25-JAN-1970.
- 3 (XII)- MARIA DAS GRAÇAS SOARES TEIXEIRA, n. 10-OUT-1950. Ela se casou com JOÃO MOREIRA.
Pais de:
1 (XIII)- LUCIANA SOARES TEIXEIRA, n. 22-NOV-1972.
2 (XIII)- AGNALDO SOARES TEIXEIRA, n. 24-SET-1975.
3 (XIII)- IVAM SOARES TEIXEIRA, n. 19-JUN-1978.
- 4 (XII)- SEBASTIÃO SOARES TEIXEIRA. Ele se casou com MARLI VARGAS TEIXEIRA.

Pais de:

- 1 (XIII)- MARCELO VARGAS TEIXEIRA, n. 18-OUT-1974.
- 2 (XIII)- ADRIANA VARGAS TEIXEIRA, n. 1-OUT-1976.
- 3 (XIII)- ADRÉIA VARGAS TEIXEIRA, n. 30-SET-1980.
- 5 (XII)- MARIA JOSÉ SOARES JACINTO. Ela se casou com PAULO JACINTO.

Pais de:

- 1 (XIII)- MÁRCIO SOARES JACINTO, n. 2-FEV-1979.
- 2 (XIII)- MARCOS SOARES JACINTO, n. 11-NOV-1983.
- 6 (XII)- VERA LÚCIA SOARES MOREIRA, n. 16-FEV-1955. Ela se casou com JOSÉ GERALDO MOREIRA.

Pais de:

- 1(XIII)-SAMIRA SOARES MOREIRA, n. 16-AGO-1980.
- 2(XIII)-SINARA SOARES MOREIRA, n. 28-OUT-1985.
- 3(XIII)-JOSÉ GERALDO MOREIRA FILHO, n. 18-FEV-1987.
- 7 (XII)- PAULO CÉSAR SOARES TEIXEIRA, n. 3 Mar 1959. Ele se casou com ISABELE PIRES TEIXEIRA.

Pais de:

- 1(XIII)-TIAGO PIRES TEIXEIRA, n. 23-MAR-1985.
- 11 (XI)- MESSIAS NUNES DE MORAES.

§ 12º

- X- FRANCISCA ROSA DE JESUS, n. 1880 em Varre-Sai-RJ, fal. 30-JUN-1930, sepultamento em Guaçuí - ES. Ela se casou com ANTÔNIO BENTO DE FARIA, n. 23-MAR-1872 em Varre-Sai-RJ, fal. 18-DEZ-1924, sepultamento em Guaçuí – ES, filho de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes.

Pais de:

- 1 (XI)- ELVIRA.
- 2 (XI)- BENTO LOPES DE FARIA, n. 13-JAN-1903, fal. 27-AGO-1960 em Guaçuí-ES, sepultamento em Guaçuí - ES. Ele se casou com MARIA LOPES DE FARIA, n. 8-NOV-1913, filha de Procópio Lopes

de Faria e Rita Rodrigues de Figueiredo. Procópio Lopes de Faria é filho de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes, n.p. de João Silvestre Teixeira e Francisca Rosa de Jesus, n.m. Francisco Nunes de Moraes e Maria Galardina Rodrigues Valle. Rita Rodrigues de Figueiredo é filha Joaquim Rodrigues de Moraes e Maria Augusta de Figueiredo, n.p. de Francisco Nunes de Moraes e Maria Galardina Rodrigues Valle, n.m. de Manoel Pinto de Figueiredo e Rita Augusta de Figueiredo.

Pais de:

1 (XII)- ANTÔNIO LOPES DE FARIA, n. 7-JUL-1930. Ele se casou com ADALCY VIEIRA DE FARIA.

Pais de:

1 (XIII)- MAGNO VIEIRA DE FARIA, n. em Guaçuí - ES.

2 (XIII)- MAGUIGESSE VIEIRA DE FARIA, n. 13-OUT-1962 em Guaçuí - ES.

3 (XIII)- MAURÊNIO VIEIRA DE FARIA, n. 9-JUL-1965 em Guaçuí - ES.

4 (XIII)- MAGDA VIEIRA DE FARIA, n. 29-JUN-1969 em Guaçuí - ES.

5 (XIII)- MARCOS VIEIRA DE FARIA, n. 5-JUL-1971 em Guaçuí - ES.

2 (XII)- JOSÉ BENTO DE FARIA, n. 13-JUN-1932. Ele se casou com AMÉLIA FERNANDES FARIA.

Pais de:

1 (XIII)- SILVANO FERNANDES FARIA, n. em Guaçuí-ES.

2 (XIII)- VALÉRIA FERNANDES FARIA, n. em Guaçuí-ES.

3 (XIII)- MARIA FERNANDES FARIA, n. em Guaçuí-ES.

3 (XII)- MARIA LOPES DE FARIA. Ela se casou com ADEMIR FRANCISCO DE PAULA.

Pais de:

1 (XIII)- AMÉLIA LOPES DE PAULA.

2 (XIII)- MIGUEL ARCANJO LOPES DE PAULA.

3 (XIII)- MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES DE PAULA.

4 (XIII)- MARISA LOPES DE PAULA.

5 (XIII)- ALMIR LOPES DE PAULA.

- 4 (XII)- JOAQUIM BENTO DE FARIA, n. 27-AGO-1938 em Guaçuí-ES, fal. 1995 em Carangola-MG. Ele se casou com JORCILÉIA.
- Pais de:
- 1 (XIII)- GREICE.
 - 2 (XIII)- IONEIDES.
- 5 (XII)- BENTO LOPES FILHO. Ele se casou primeiro com JEZA. Ele se casou depois com CATARINA MARGARIDA RAMOS.
- Filhos de Bento e Catarina:
- 1 (XIII)- KAMILLA RAMOS LOPES, n. 1991 em Guaçuí-ES.
 - 2 (XIII)- KARINA RAMOS LOPES, n. 1994 em Guaçuí-ES.
- 6 (XII)- LAURA FARIA FERNANDES. Ela se casou com CÉSAR AGOSTINHO FERNANDES.
- Pais de:
- 1 (XIII)- JÚLIO FARIA FERNANDES.
 - 2 (XIII)- ALAM FARIA FERNANDES.
- 7 (XII)- IVO BENTO DE FARIA. Ele se casou com MARIA OLÍMPIA COSTA FARIA.
- Pais de:
- 1 (XIII)- VÍVIAM COSTA FARIA.
 - 2 (XIII)- MÍRIAM COSTA FARIA.
 - 3 (XIII)- IGOR COSTA FARIA.
- 8 (XII)- AMÉRICO BENTO DE FARIA, n. em Fazenda Braúna, Guaçuí-ES, fal. 1-JUL-1985 em Guaçuí-ES. Ele se casou com CREUZA ELI ALVES POLIDO FARIA.
- Pais de:
- 1 (XIII)- ROBERTA ALVES DE FARIA, n. 1973 em Guaçuí-ES.
 - 2 (XIII)- MARCELO ALVES DE FARIA, n. 1979 em Guaçuí-ES.
- 9 (XII)- ELZA FARIA DA COSTA, n. 2-FEV-1947. Ela se casou com ANTÔNIO JOSÉ COSTA.
- Pais de:
- 1 (XIII)- ANA PAULA FARIA COSTA, n. 19-DEZ-1973 em Guaçuí - ES.

2 (XIII)- ANTÔNIO BENEDITO DA COSTA, n. 29-JAN-1976 em Guaçuí - ES. Ele se casou com SANDRA CRISTINA SOUSA DE OLIVEIRA, n. 28-FEV-1978 em Guaçuí-ES, filha de Ismael Siqueira de Oliveira, n. 16-AGO-1951 e Terezinha de Jesus SOUSA de Oliveira, n. 29-NOV-1951.

Pais de:

1 (XIV)- DAYANE OLIVEIRA DA COSTA, n. 14-ABR-2011 em Guaçuí-ES.

3 (XIII)- ANDRÉIA FARIA COSTA, n. 10-AGO-1979 em Guaçuí - ES.

4 (XIII)- JÚLIA FARIA COSTA, n. 15-NOV-1980 em Guaçuí-ES.

10(XII)- LUIZ BENTO DE FARIA. Ele se casou com ROSÂNGELA MARIA DE CARVALHO FARIA.

Pais de:

1 (XIII)- LÍLIAN APARECIDA DE CARVALHO, n. 1981 em Guaçuí-ES.

2 (XIII)- ELEN CRISTIAN DE CARVALHO FARIA, n. 1987 em Guaçuí-ES.

11 (XII)- FRANCISCO XAVIER LOPES DE FARIA, n. 06-SET-1952. Ele se casou com IOLINA FERREIRA DE FARIA.

Pais de:

1 (XIII)- LÚCIA HELENA FERREIRA DE FARIA, n. 1976 em Guaçuí-ES.

2 (XIII)- FRANCISCO XAVIER LOPES DE FARIA JÚNIOR, n. 1978 em Guaçuí-ES.

12 (XII)- CRISTÓVÃO BENTO DE FARIA, n. 24-JUL-1954.

3 (XI)- VITORINO LOPES FARIA. Ele se casou com MARIANA LOPES MORAES, “Nininha”, n. 13-NOV-1908 em Fazenda Pinheiros, Distrito de Santa Rita do Prata, Varre-Sai-RJ, filha de Silvestre Lopes de Faria e Etelvina Valentim de Moraes. Silvestre Lopes de Faria é filho de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes. Etelvina Valentim de Moraes é filha de Francisco Valentim Sobrinho e Mariana Faustina Nunes de Moraes.

Pais de:

- 1 (XII)- PAULO MORAES FARIA n. 3-MAR-1930. Ele se casou com EVA TEIXEIRA DE FARIA, n. 30-DEZ-1931 em Varre-Sai-RJ, filha de Messias Silvestre Teixeira e Leontina Lopes Faria. Vide §5º, X, (XI), (XII).
- 2 (XII)- SILVESTRE MORAES FARIA, n. 11-OUT-1932 em Santa Rita do Prata, Varre-Sai - RJ. Ele se casou com MARIA ARCANJO NERY DE FARIA, “Fiúca”, n. 29-SET-1934 em Varre-Sai-RJ, filha de João Hostiano Nery do Valle e Filomena Francisca de Figueiredo Nery, n.p. Marcelino Dorotéia do Valle e Leopoldina Cândida Augusta de Aguiar, n.m. de Francisco Caetano Nery do Valle e Jacinta Rosa de Figueiredo.

Pais de:

- 1 (XIII)- GERALDO TADEU NERY DE FARIA, n. 23-MAIO-1960 em Guaçuí-ES. Ele se casou com LUZIÊ RAPOSO DE MEDEIROS FARIA, n. 11-OUT-1963 em Guaçuí-ES, filha de Jacinto Raposo de Medeiros e Amélia Cândida da Rocha Medeiros.

Pais de:

- 1(XIV)-MANOEL FELIPE MEDEIROS DE FARIA, n. 4-mar-1987 em Guaçuí - ES.
- 2(XIV)-GABRIEL MEDEIROS DE FARIA, n. 27-NOV-1991 em Guaçuí-ES.
- 3 (XII)- JOSÉ ARI DE FARIA, n. 8-MAIO-1934 no Santa Rita do Prata, Varre-Sai-RJ. Ele se casou com EVA AGUIAR DE FARIA.
- 4 (XII)- ZILDA MORAES FARIA n. 4-AGO-1936 em Santa Rita do Prata, Varre-Sai-RJ. Ela se casou com SILVESTRE MACEDO, n. 28-JUL-1931 em Guaçuí-ES, filho de Miguel Teixeira Macedo e Ana Monteiro de Jesus. Vide §6º, X, (XI), (XII).
- 4 (XI)- JOÃO LOPES DE FARIA, n. 6-FEV-1908.
- 5 (XI)- FRANCISCA.
- 6 (XI)- CLAUDINO LOPES FARIA.
- 7 (XI)- SILVESTRE LOPES DE FARIA, n. 25-JUL-1911, fal. 2-ABR-1974 em Guaçuí - ES. Ele se casou com LEONINA MORAES DE FARIA, n. 19-JUN-1921, filha de Mariano Nunes de Moraes e

Regina Martins Teixeira.

Pais de:

1 (XII)- SEBASTIANA MORAES DE FARIA, n. 20-JAN-1954 em Guaçuí - ES.

8 (XI)- ANA LOPES DE FARIA, n. 14-OUT-1913.

§ 13º

X- ANSELMO CLAUDINO TEIXEIRA, n. 31-MAR-1882 em Varre-Sai-RJ, fal. 14-OUT-1950 em Guaçuí - ES, sepultamento em Guaçuí - ES. Ele se casou em 28-mar-1908 em Guaçuí - ES com MARIA LOPES TEIXEIRA, n. 8-Ago-1892 em Guaçuí - ES, filha de Joaquim José Teixeira e Ana Lopes de Faria, fal. 17-OUT-1973. Joaquim José Teixeira é filho de Claudino José Teixeira e Ana Rosa de Jesus. Ana Lopes de Faria é filha de Bento Henriques Lopes de Faria e Maria Inocência Nunes de Moraes.

Pais de:

1 (XI)- CLAUDINO ANSELMO TEIXEIRA n. 18-DEZ-1909. Ele se casou com MARGARIDA TEIXEIRA DE MACEDO, n. 17-OUT-1909 em Guaçuí-ES, filha de Silvestre Teixeira de Macedo e Maria Lopes de Faria. Vide §6º, X, (XI).

2 (XI)- ANA TEIXEIRA DE MORAES.

3 (XI)- DALILA TEIXEIRA DE MORAES.

4 (XI)- ATÍLIA TEIXEIRA DE MORAES.

5 (XI)- EDINA TEIXEIRA DE MORAES.

6 (XI)- MARIA TEIXEIRA DE MORAES, n. 20-OUT-1914 em Guaçuí-ES.

7 (XI)- ISABEL TEIXEIRA MORAES FARIA, n. 16-AGO-1925 em Guaçuí - ES. Ela se casou com JONAS MOREIRA DE FARIA.

8 (XI)- OLGA TEIXEIRA HEMERY, n. 14-DEZ-1927 em Guaçuí - ES. Ela se casou com JOSÉ DE CASTRO HEMERY.

Pais de:

1 (XII)- MARIA DE FATIMA TEIXEIRA HEMERY, n. 8-JUN-1964 em Guaçuí-ES.

2 (XII)- SANDRA TEIXEIRA HEMERY, n. 9-JUL-1968 em Guaçuí-ES.



Foto 1. Vista do Distrito de Santa Rita do Prata, Varre-Sai - RJ, por volta de 1920. Acervo do autor.



Foto 2. Vista da Fazenda da Barra, Guaçuí - ES. Propriedade de Joaquim José Teixeira ("Coronel Quinca Claudino"). Data aproximada 1930. Acervo do autor.



Foto 3. Vista da Fazenda Prata, Varre-Sai - RJ. A fazenda foi fundada por Feliciano de Sá Viana, por volta de 1862. Posteriormente foi vendida, no final do século dezenove, ao sobrinho de sua esposa, João Silvestre Teixeira (“Capitão João Claudino”). Com o falecimento de João Silvestre em 1925 a fazenda foi legada aos herdeiros. Data aproximada 1920. Acervo do autor.



Foto 4. Vista da fazenda do casal Francisca Rosa de Jesus e Antônio Bento de Faria. Fotografia de dezembro de 1921, realizada após uma missa ou “reza” celebrada na fazenda. Acervo do autor.



Foto 5. Vista frontal da antiga matriz de São Miguel Arcanjo, da cidade de Guaçuí-ES, erigida por José Aguiar Valim e Luís Francisco de Carvalho. Fotografia do enterro de uma filha adolescente do casal Messias Teixeira de Macedo e Isabel Lopes de Faria. Data aproximada 1923. No lugar desse templo foi erguido outro, construção terminada em 1928, inauguração em 29/09/1829. Acervo do autor.



Foto 6. Casamento das filhas de Joaquim José Teixeira, Leocádia Lopes Teixeira e Isabel Lopes Teixeira, realizado na Fazenda da Barra, Guaçuí - ES. Data aproximada 1914. Foto reproduzida de uma original. Acervo de família.



Foto 7. Ana Rosa de Jesus (“Donana Claudino”), viúva de Claudino José Teixeira e suas filhas Florinda Rosa de Jesus (“Maninha”) e Francisca Rosa de Jesus (“Chiquinha”). Data aproximada 1915. Acervo do autor.



Foto 8: Joaquim José Teixeira.
Data aproximada 1900. Acervo do autor.



Foto 9: João Silvestre Teixeira.
Data aproximada 1900. Acervo do autor.



Fotos 10 e 11, frente e verso: Silvestre Teixeira de Macedo, sua esposa Maria Lopes de Faria e seu primogênito Miguel Teixeira de Macedo.



Foto 12: Messias Teixeira de Macedo
Data aproximada 1923. Acervo do autor.

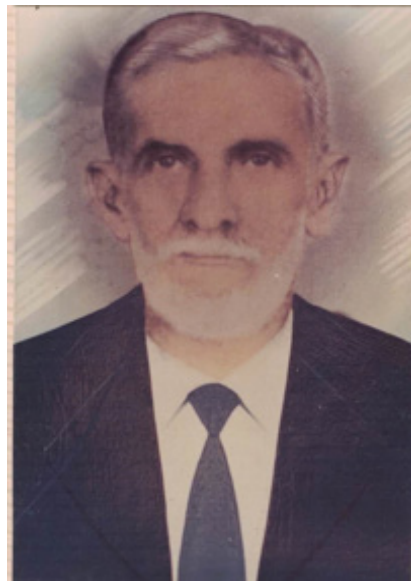


Foto 13: José Teixeira de Macedo
Data aproximada 1930. Acervo do autor.



Foto 14: Anselmo Claudino Teixeira e sua esposa Maria Lopes Teixeira.
Data aproximada 1910. Acervo do autor.



Foto 15: Francisca Rosa de Jesus com seus cinco filhos. Sentados: Vitorino e Bento Lopes de Faria. De pé: João, Claudino e Silvestre Lopes de Faria. Fotografia realizada entre 1924 e 1930. Acervo do autor.

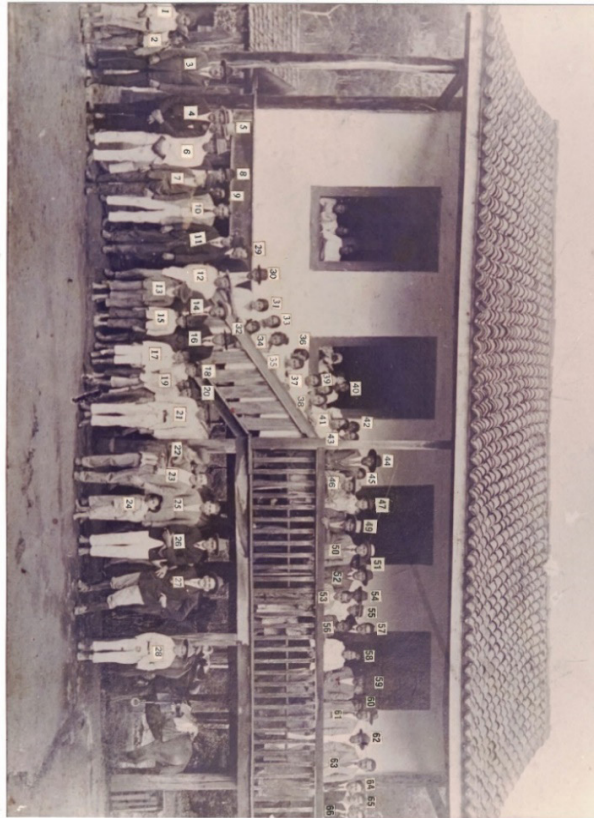


Foto 16. Reprodução da foto 4 com identificação de algumas pessoas, realizada volta de 1989, por Mariana Lopes de Moraes, “Dona Nininha”.

- 3 - Ibraim, pai de Pedro Vieira Neto (vulgo “coronel”, falecido em Guaçuí-ES)
- 4 - Eurípedes, pai do José Rosa (foi dentista prático em Guaçuí-ES)
- 6- Malvino
- 10- Professor Rosais
- 21- Vitorino Lopes Faria
- 22 - Antônio, filho do Emídio Nunes de Moraes
- 23 - Emídio Nunes de Moraes, filho de Pedro Antero R. de Moraes, “Pedro Gato”
- 24 - João Emídio, filho de Emídio Nunes de Moraes
- 25 - Bento Lopes Faria (“Bentinho”), filho dos anfitriões, falecido em Guaçuí-ES

- 26 - Pedro Lopes Teixeira, filho de Bento Henriques Lopes de Faria
- 27 - Cândido Lopes Teixeira, filho de Bento Henriques Lopes e Faria
- 28 - Claudino Nunes Teixeira de Moraes (“Fifio”), filho de Florinda Rosa de Jesus
- 30 - Antônio Bento de Faria (“Nico Bento”), o anfitrião
- 31 - Francisca Rosa de Jesus, esposa de Nico Bento
- 32 - Sebastiana, filha de Silvestre Lopes de Faria e Etelvina Valentim de Moraes
- 33 - Florinda Rosa de Jesus, filha de Claudino José Teixeira
- 34 - Mariana Lopes de Moraes (“Nininha”), esposa de Vitorino Lopes Faria
- 36 - Elvira, esposa de João Emídio
- 37 - Filha da “Cinhana” do Jovino
- 57 - Oscar Bento de Faria, filho de Bento Henriques Lopes de Faria
- 58 - Ana Rosa de Jesus, “Donana Claudino”, viúva de Claudino José Teixeira
- 59 - Messias Teixeira de Macedo, “Messias Claudino”
- 60 - Silvestre Lopes de Faria com seu filho mais novo, Bento Lopes de Faria.
- 61 - José Fernandes da Silva, casado com Maria Lopes de Faria
- 63 - O padeiro do distrito de Santa Rita do Prata
- 64 - Mariano Nunes de Moraes, filho natural de Marcília Pires e “Pedro Gato”
- 65 - Berchó Nunes de Moraes, filho João Nunes de Moraes e Florinda Rosa de Jesus
- 66 - Messias Silvestre Teixeira, filho de João Silvestre Teixeira e Ana Nunes Moraes

**TRANSCRIÇÃO DO PROCESSO DE HABILITAÇÃO DE FRUTUOSO
DE MACEDO CRUZ PARA INGRESSO COMO FAMILIAR DO SANTO
OFÍCIO**

*“Frutuoso de Macedo Cruz e seus Pays e Avos parternos e maternos
Va. de Ges, e seu termo*

*Convem Saber se nos officio se he Cristão velho/
e limpo de toda a Raça de infecta nação Frutuoso/
de Macedo Cruz mercador e morador e cazado/
no Rio de Janeiro, o qual diz ser natural da frega./
de São Miguel de Creyxomil termo da Villa de Guimes./
filho de João Glz natural da frega. de São Miguel/
do Paraizo, e de sua molher Domingas de Macedo/
natural da frega. de São Sebastião de Guimarães mres./
na da. de São Miguel de Crexomil neto por via/
paterna de Andre Glz o Lameu natural da frga./
de São Christovão de Sima de Celho e morador q foy na/
frega. de São Martinho de Candozo, e de Isabel/
Gomes molher solteira natural e moradora na da/
frega de São Miguel do Paraizo, neto por via/
materna de Domingos Francisco natural da/
frga de São Claudio, e de sua molher Maria Miz/
natural da da freguezia de Creixomil e forão/
moradores na sobre da de São Sebastião/
[] e Se perguntara as tas q idades podera ter/
o habeletando./
Esta informação se fara extra judicialmte./
Com pessoas didedignas [Contigas?] q possão dar/
[Reza] da limpeza de sangue e geração das/
Sobreditas co q Rezultar se expenderá neste/
Papel, e o tempo q nella gastar qm a fizer o de/
clara//*

Tirei informação na forma do estilo do Santo officio,/
e por sua ordem, nas freguesias de São Miguel de/
Creixomil, Rua das Molianas freguesia de São/
Sebastião da Villa de Guimarães, São Miguel do/
Paraizo, São Martinho de Candozo, São Christovão/
de Sima do Celho, e São Claudio do Barquo de[Ave?]/
todas do termo da sobre dita Villa de Guimarães/
de Frutuozo de Macedo, e Crus morador no Rio de/
Janeiro, e natural da freguesia de São Miguel de/
Creixomil, [Sae hei?], que este pretendente/
Thera de Idade trinta e oito annos pouco mais ou/
Menos, e que era filho legitimo de João Gonçalves/
e sua molher Domingas de Macedo, e Neto Pa-/
terno, e Materno dos Avos nesta lista confrome/
todos, e suposto que da Avo Paterna Isabel/
Gomes se não ache noticia mais que de ouvida/
esta, e todos os mais Avos, e Paes do dito Frutu-/
ozo de Macedo e Crus estão, e sempre, estiveram/
na opinião de legítimos Christãos Velhos, sem/
outra fama, novo Rumo em contrario, e sem/
o afirma pello provamto. de meu grau. Guimes/
14 de Janro. de 1713/
O Comissro. Domingos Pinto de Araujo//

Frutuozo de Macedo Cruz/
A respto. da Capacide/
E sua molher Isabel de/
Olvra. a Respto. da opinião/
de limpeza de Sangue/
Rio de Janro./
Convem saber se nos officio Se he pessoa de/
bons procedmtos. Vida e Costumes e se tem capacide/
para poder ser emcarregado de negócios de impor/
rançia, e Segredo se vive limpa [cabastadamte]/
co e q ou com q ocupação se sabe ler e escrever/

*e q annos representa ter de idade Frutuozo de Ma/
cedo e Cruz q diz ser mercador natural do termo/
de Guimarães e Arcebpdo de Braga e morador no/
Rio de Janeiro E outrosi conventam/
bem saber se Isabel de oliveira molher/
do mesmo he tida e havida per legitima cintra/
christã velha e limpa de toda a raça de infecta/
nação e se he filha legitima de Estevão Pra/
natural da frega. de São João de Covas na Comar/
ca de Villa Real e de Maria de oliveira na/
tural da frega. de São Pantalião de Carneiro/
termo de Villa nova de Conceira [tudo] Arce/
bispado de Braga moradores no do Rio de/
Janro. onde se digna era a da habilitanda./*

*Esta informação se fara extrajudicial/
mente com pessoas de dignas e de se/
gredo co q reputar se expenderã neste/
papel/*

*Frutuozo de Macedo, e Cruz representa ter ter 40 annos p. cima de idade, he
pessoa/
de bons procedimtos e vida e costumes e tem capacidade pa. poder ser
encarregado de ne-/
gócios de importância e segdo. e sua ocupação he de mercador, e vive limpa e
abasta-/
damte., sabe ler e escrever. He casado com ISABEL de Oliveyra a qual he e fi
sempre ti-/
da, e havida por filha legitima de Estevão Pra. e de Maria de Oliveyra e assim
Ella como/
seus Pays forão sempre reputados por Christãos Velhos, e limpos de toda a raça
de/
infecta nação Em [Cossa.?] 14 de [Setrbo] de 1713/
Estevão Gandolfi//*

*Isabel de Oliveira molher de Frutuozo/
de Macedo e Cruz a Respto de seu Pay/*

*e Avos paternos/
Frega. de São João de Covas/
Comarca de Villa Real/*

*Convem saber se nos officio se he Christã Velha/
E limpa de toda a Raça de infecta nação Isabel/
de Oliveira Cazada Com Frutuozo de Macedo, e/
Cruz natural e moradora no Rio de Janeiro/
Filha de Estevão Pra natural da frega de São João/
de Covas, Comarca de Villa Real e Arcebpdo de Bra/
ga e de Maria de Oliveira natural da frega/
de ão Pantalião de Cornes termo de Villa nova/
de Cerveira e Arcebpdo de Braga, e moradores no/
Rio de Janeiro, neta por via Paterna de Franco/
Fernandez e de sua molher Beatriz Nunes ou/
Menes naturaes e moradores na dta frega de/
São João de Covas Comarca de Villa Real e Arcebpdo/
de Braga/*

*Esta informação se fara extrajudicial/
Mente com pessoas fidedignas a Respto da/
Limpeza de sangue e geração da habeli/
Tanda per seu Pay e Avos paternos co q/
Resultar se expenderá neste papel declran/
do q a fazer os dias ou tempo q nella gastar/
[Almo] João/*

*Fui a frza. de S. João de Covas tro. de Villa Real Arçebispado/
de Braga, e nesta frza. in formando-me com as pessoas mais anti-/
gas Christãos velhos dignas de fee, e credito achão q a Abilitanda/
Isabel de Oliveira cazada com Frutuozo de Maçedo e Crus mo-
moradores no Rio de Janeiro filha de Estevam Pra. o coal/
era nal. Do lugar de Covas d q Isabel de Oliveira era/
neta de Franco. Frz. e de sua molher Briatis Nunes o coal/
dizem humas [viuva] de Lamego, outros dizem viera de Ta[]/
sso do msmo Bispado de Lamego, e q a dita Abilitanda por//*

*Por pte. de seo Avo paterno Frnco. Frz he legitimo []/
 teira Christam velho mas por pte. de sua Avo Paterna/
 Briatis Nunes dizem q tinha fama de Christam nova/
 mas q como vivia de [forte] não sabiam se a dita fama/
 era falsa ou verdadeira nem as pessoas com quem me/
 [] mas disseram q [] pessoa/
 serem falsa q como viera de fora se [] []/
 a dita fama e assim se poderá mandar da [clama] []/
 da Cidade de Lamego ou de Taboano q []/
 a verdade q em coamto [] Avo Franco Frz []/
 lima verdadeira Christam velho sem fama [] [Rumer]/
 era [com pazio] as pessoas com quem [] [formi?] []/
 [várias linhas de difícil leitura]/
 Cujas [] fico s. [m.mo] de Matheus May 5 de 712//*

*Isabel de Oliveira Cazada Com/
 Frutuozo de Macedo Cruz a Repto/
 de Sua May e Avos maternos/
 Frega. de São Pantaliã/
 de Corneytro. de Villa/
 nova de Corvra. Arçe/
 bpdo de Braga/*

*Convem saber se nos offiçio se he christã
 Velha e limpa de toda a Raça de infecta nação/
 Isabel de oliveira molher de Frutuozo de Macedo/
 e Cruz natural e moradora no Rio de Janeiro
 Estado do Brazil, filha de Estevão Pra. natural/
 da frega. de São João de Covas Comarca de Villa Real/
 e de Maria de Oliveira natural da frega. de São/
 Pantalião de Cornes termo de Villa nova de Cervra./
 Arcebpdo de Braga moradores no Rio de Janro/
 neta por via materna de Pedro Correa e de sua/
 molher Maria Alvres naturaes e mora/
 dores da dta frga de São Pantalião de Cornes/*

*Esta informação se fara extrajudialmte/
Com pessoas fidedignas e antigas q tenham/
Conheçimto ou noticia das sobreditas q se da/
Serem naturaes de São Pantaliã de Cornes/
Co q resultar a repto da limpeza de sangue/
e geração q delas se pentende saber de expen/
dera neste papel e se qm a fizer nella gas/
tar algum tempo fora de sua residencia/
o declarara//*

*Todas as testemunhas qu inquiri nesta diligencia, abayxo apontadas conhecerão/
mto. bem a Maria de Oliveira, filha legitima de Pedro Correa, e de sua mulher/
Maria Alvres, naturais em dos que forão no lugar de Arrothea da frga. de São/
Pantaleão de Cornes termo de Villa nova de Cerveyra, Comarca de Valença/
do Minho deste Arcebispado de Braga: o qual sobreda. Se aubzentara pa. a Cidade./
do Porto, e La cazara, e a dipoys fora co seu marido pa. o Rio de Janeyro; e por/
esta via, não há duvida em Isabel dOlivra. Ser pura e legitima Inteyra Chris-/
tã Velha, de limpo sangue, sem haver fama, ou Rumor em contrario das Re-/
provadas em direyto contra a nossa sta. fee Catholica; nem que fossem prezos, puni-/
dos, ou penitenciados pello Sto. Offo. Não sem oferece outra Couza de que fala/
sabedor a Rpa. que [dos gze] Gandara e Abril 4 de 1712./*

*Tas perguntadas – in você/
Po Glz. de Ide – 82./
Frc. Correa – 80./
Sebastião Alz. – 63./
Affo. Glz. – 80./
Mel. da Silva – 70./
Diogo Calheyros – 72./*

P Menor Capellão e Subditto de []/

*Gastey nesta diligça. Da minha/
Resida. e termo dous dias, em fee/
de que assigno.*

O Commo. Gabriel dAmorim Dantas./
Gabriel dAmorim Dantas//”

ABREVIATURAS UTILIZADAS

bat. batizado/batizada

fal. falecido/falecida

fls. folha/folhas

n. nascido/nascida

p. página/páginas

FONTES DE PESQUISA

Arquivos Eclesiásticos:

Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana

Arquivo Eclesiástico da Diocese de São João del Rei

Arquivo Histórico Arquidiocesano de Juiz de Fora

Paróquia de Bom Jesus do Itabapoana

Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Rio Novo

Paróquia de São Francisco Xavier de Trajano de Moraes

Arquivos Judiciários:

Arquivo Judiciário de Mar de Espanha

Arquivo Judiciário de Rio Novo

Arquivos Públicos:

Arquivo Distrital de Aveiro

Arquivo Distrital de Braga

Arquivo Histórico de São João Del Rei

Arquivo Histórico Professor Altair José Savassi, Barbacena

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Guimarães

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Arquivo Público Mineiro

Cartório de Registro Civil de Guaçuí

Cartório de Registro Civil de Rio Novo

Cartório de Registro Civil de Rosal, Distrito de Bom Jesus do Itabapoana

Cartório de Registro Civil de Varre Sai

Sites Pesquisados:

www.familysearch.org

www.tombo.pt

<https://antt.dglab.gov.pt>

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, João Paulo Ferreira de. *Continuação dos Assentamentos de Batizados da Capela de Nossa Senhora da Glória da Ressaca, Filial da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Prados 1751-1760*. Revista Polis 30 n° 2. Ressaquinha, 1998.

ASSIS, João Paulo Ferreira de. *Casamentos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Real Vila de Queluz, até a folha 50 verso*. Revista Polis 30 n° 45. Ressaquinha, 2002.

LEME, Pedro T. de Almeida Paes. *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, Tomo II, 5ª. edição. Belo Horizonte e São Paulo: Editora Itatiaia e Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

MARTINS, Maria do Carmo Salazar. *Memórias de Rio Novo: Notas de Joaquim José Fernandes da Silva – 1865-1953*. 1ª. edição. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2010. 398 páginas.

TEIXEIRA, Francisco Camargo. *Bom Jesus do Itabapoana: Genealogia da Família Figueiredo*. 3ª. edição. Editado por Georgina Mello Teixeira. 2005. 415 páginas.

Prezado leitor:

Caso você tenha identificado alguma das pessoas relacionadas no presente artigo como seu ancestral ou parente, possua fotografias antigas, saiba de “causos” da tradição oral, e queira compartilhar e/ou colaborar com a ampliação dos dados genealógicos, pode contatar o autor pelo e-mail marcioliveiramacedo@gmail.com.

**ESTRATÉGIAS DA NOBREZA: O CASO DO SARGENTO-MOR GREGÓRIO
FRANCISCO DE MIRANDA – EXERCITAR, AVOCAR, MANIPULAR E RECONQUISTAR**

Matheus Miranda de Sá Campelo

Resumo: *Este artigo objetiva acrescentar diversos novos dados à biografia de Gregório Francisco de Miranda, relevante Sargento-Mor e colonizador estabelecido em Campos dos Goytacazes. Ele também se dedica a analisar as estratégias que Gregório utilizou para ascender socialmente, evidenciando parte de sua personalidade, assim como o processo que ele empreendeu para ocultar, e recriar sua história, almejando se fazer nobre através da ostensiva manipulação dos marcadores sociais de sua época, enquanto paralelamente exercitava, ou avocava para si, características, sinalizadores, e atribuições típicas da nobreza. De maneira secundária, este artigo se propõe a recontar sobre a experiência e o processo de pesquisa realizado, além de apresentar a verdadeira ancestralidade de Gregório.*

Abstract: *This article aims to complement the biography of Gregório Francisco de Miranda, a relevant Sergeant Major and settler established in Campos dos Goytacazes. It is also dedicated to analyze the strategies that Gregório used in order to socially rise, highlighting part of his personality, as well as the process that he undertook to conceal and recreate his own history while aiming to become a nobleman through an ostensive manipulation of social markers of his time, and by claiming and exercising the typical nobility characteristics and attributes. Secondly, this article also intends to report the research process and experience, as well as the true Gregório's ancestry.*



O Sargento-Mor Gregório Francisco de Miranda¹

¹ *Retrato de Gregório Francisco de Miranda*, atribuído a Leandro Joaquim. Reproduzido em LAMEGO, Alberto Frederico de Morais. *Brasões da Aristocracia Goitacá*. in Anuário do Museu Imperial. Vol. X. Petrópolis: Editora A Noite, páginas 46-47, 1949.

Introdução

O Sargento-Mor Gregório Francisco de Miranda nasceu, sem sombra de dúvidas, na freguesia de São Salvador de Joane, Vila Nova de Famalicão, antes termo de Barcelos, Reino de Portugal. Alberto Lamego o tentou relacionar como parente de um certo Desembargador², mas o tal magistrado, hoje já devidamente identificado, jamais possuiu qualquer tipo de familiaridade com ele.

Lamego, então, rasgando-se em suas várias tentativas de lhe decifrar a parentela, escreveu palavras críticas a Mário Aloísio Cardoso de Miranda, um descendente de Gregório que, apesar de muitíssimo inteligente, mais pavoneou a própria ancestralidade com seu livro *O Cyclo das Gerações*³, do que ele a realmente descreveu.

Os embates entre esses dois gigantes farfalharam dentre as mais conceituadas páginas da imprensa carioca das décadas de 1930 e 40, na busca de que uma genealogia séria, enfim, fosse constituída de maneira conclusiva para esse antigo patriarca da família Miranda no Brasil. Entretanto, essa genealogia, e a historiografia que ambos discutiam, curiosamente nunca rumava em direção ao desvelar definitivo da ascendência de Gregório.

Apesar dos conflitos, se tinha algum ponto em que esses dois autores pelo menos concordavam, esse era o da ascendência do velho Sargento-Mor. Ao falar dos ancestrais de Gregório, Lamego respeitava integralmente aquilo que a memória da Miranda família rezava, inclusive sob a liderança do Dr. Mário Aloísio, o autor de *O Cyclo das Gerações*: o Sargento-Mor Gregório Francisco de Miranda era, de maneira indiscutível, filho de João Francisco de Miranda e de Maria Lopes.

A verdade, no fundo, é que nenhum desses dois autores jamais conseguiu identificar, com certeza, quem foi o tal casal João Francisco de Miranda e Maria Lopes, imputados como os pais de Gregório nos últimos 200 anos, e que o próprio Sargento-Mor, enquanto ainda vivia, e homem já bastante conceituado no Brasil, fez constar repetidamente como sendo o nome de seus pais, ora em documentos públicos, ora em processos judiciais, ou ainda mesmo nos registros de batismos de seus filhos.

Desconfio que Cardoso de Miranda, que em um determinado momento de

² LAMEGO, Alberto Frederico de Moraes. *A Terra Goitacá: À Luz de Documentos Inéditos*. Vol. VI. Niterói: Editora Diário Oficial, páginas 77 em diante, 1943.

³ MIRANDA, Mário Aloísio Cardoso de. *O Cyclo das Gerações: Introdução a Um Nobiliário Fluminense*. Petrópolis: Editora Vozes, 1939.

sua vida acabou servindo como adido na Embaixada do Brasil em Lisboa, deva ter conhecido sobre a documentação que ali existia, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, acerca desse antigo e misterioso Sargento-Mor. Entretanto, acredito, também, que Cardoso de Miranda tenha preferido pinçar dos arquivos portugueses, somente aquilo que lhe interessava, silenciando a verdade.

Quando estudei na Universidade de Coimbra, fiz questão de revolver essa documentação, presencialmente, o que fiz durante o ano de 2014, ainda. Nessa ocasião, fiquei hospedado perto da Praça de Touros, na casa de meu bom e fiel amigo, o Dr. João Crespo de Almeida, de onde eu partia todos os dias, sempre bem cedo pela manhã, em direção à Torre do Tombo, de onde eu saía apenas quando terminava o horário de consultas.

Nesse tempo, poucos documentos estavam digitalizados, e o acervo estava passando por uma série de estudos quantitativistas e catalogatórios, como por exemplo, os inesquecíveis lançamentos das então recentíssimas obras de Nuno Borrego, *Habilitações nas Ordens Militares: Séculos XVII a XIX: Ordem de Cristo A-Z*⁴.

De visitas na Ferin⁵, aos arquivos da Biblioteca Nacional de Portugal, e em todos os roteiros possíveis da pesquisa genealógica lisboeta, procurei levantar tudo aquilo que existia, indexado ou não, a respeito de Gregório. Com isso, pude localizar, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, na virada de 2014 para 2015, a sua habilitação para a Ordem de Cristo, assim como diversos outros documentos sobre sua vida pública.

Nos últimos oito anos, portanto, dediquei-me a refletir sobre como resolver o quebra-cabeças que um homem do século XVIII, ajudado pelas circunstâncias da passagem tempo, cuidadosamente construiu, ainda em vida, para mascarar a identificação de seu passado.

Após examinar cada um dos mais míseros fragmentos do espírito, da índole e da história de Gregório, conservados nas minúcias de um gigantesco corpo de documentos de época, passo a relatar, a seguir, os resultados de minha longa jornada investigativa, ponto a ponto.

⁴ BORREGO, Nuno Gonçalo Pereira. *Habilitações nas Ordens Militares: Séculos XVII a XIX: Ordem de Cristo A-Z*. Lisboa: Editora Guarda-Mor, 2008-2014.

⁵ Para quem não conhece, a Ferin é uma das livrarias mais antigas de Portugal, e possuidora de preciosíssimo acervo. Localizada no Chiado, a Ferin sempre foi destino incontornável de pesquisadores em genealogia, heráldica, história, militar, arte e até mesmo equitação. Em razão de seu sortimento de livros especializados, ou raros, a Ferin até hoje funciona como um ponto de convergência de grande parte da intelectualidade de Lisboa.

Gregório Francisco de Miranda: Aquisição (ou Reaquisição) de Nobreza por Meio do Exercício, da Emulação, e do Discurso de Nobiliarquia

As diligências de habilitação de Gregório para o seu ingresso na Ordem de Cristo são demasiado reveladoras.

O contexto dessa documentação, porém, deve ser considerado para que se possa compreender, finalmente, como foi que a imagem de Gregório se converteu, com o passar do tempo, na silhueta daquele homem que Alberto Lamego e Cardoso de Miranda tanto retratavam, e que ambos entrincheiramente discutiam, disputando por um punhado de razão.

Portanto, antes de partir para o processo de habilitação em si, busquei nos livros de “Registo Geral de Mercês” tudo aquilo que existia sobre a concessão da Ordem de Cristo a Gregório, até mesmo para compreender, antes de tudo, por que razões ele teria sido agraciado pela Coroa portuguesa.

Com enfeito, no livro nº 11 do Registo Geral de Mercês de D. Maria I, folhas 8, encontrei que Gregório Francisco de Miranda havia recebido o Hábito de Cristo no mês de Junho de 1781, em razão de um certo Bartolomeu de Macedo, filho de Manuel Gonçalves Serrão, o ter renunciado em seu favor⁶.

Na realidade, a carta de folhas 8 do livro nº 11 do Registo Geral de Mercês de D. Maria I foi dirigida apenas a Bartolomeu de Macedo, que em função de seus méritos, foi quem de fato recebeu a comenda.

Bartolomeu, conforme se observa do documento, foi um valoroso soldado de sua majestade na praça de Mazagão, e que serviu como soldado de Portugal no Norte da África por mais de 10 anos na qualidade de “*cavaleiro espingardrão*”, com cavalo e armas próprias, e que tendo lutando “*nas ocasiões de guerra com valor*”, e “*livrando de ser capturado*” dos “*mouros*” “*o atalaya Mel de Miranda a que os Mouros haviam morto o cavalo*”, destacou-se quando resgatou esse seu companheiro de combate e o levou “*na garupa (...) até a Praça escolhida para as Armadilhas e para escoltar os Atalayas obedientes as ordens dos seus oficiais maiores*”⁷.

Como remuneração por esses serviços, de grande bravura e distinção, o Reino de Portugal condecorou Bartolomeu, no dia 20 de Agosto de 1779, com o Hábito de Cristo e com 12\$000 réis de tença na “folha” da gente de Mazagão, folha essa de pagamento, por certo.

O mesmo documento registra, porém, que por “*escriptura publica*”, Bartolomeu renunciou ao prêmio – que sintetiza o apogeu de uma vida inteira se arriscando nos campos de batalha – na pessoa do “*Sargento Mor Gregório*

⁶ Registo Geral de Mercês de D. Maria I, Carta de Concessão do Hábito de Cristo a Gregório Francisco de Miranda, Livro 11, Folhas 8, Código de Referência PT/TT/RGM/E/001/0011/122621, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

⁷ Idem.

*Francisco de Miranda*⁸. Não consta que o Sargento-Mor jamais tenha pisado em África, nem que ele tivesse tido qualquer tipo de relação com a família de Bartolomeu de Macedo.

Nada obstante, ainda que a carta de concessão da mercê não tenha pormenorizado os exatos termos da escritura pública pela qual a honraria foi renunciada, fica evidente que o que havia acontecido ali, fora uma transação comercial, onde o detentor dos serviços prestados, não interessado em glórias, alienava uma dignidade conquistada, fruto de seu trabalho, a um interessado que pudesse pagar por ela, transmutando o galardão em ouro.

Pouco tempo antes, em Julho de 1779, Gregório já havia angariado o posto de Capitão de Ordenanças, conforme nos informa o livro 7º do Registo Geral de Mercês de D. Maria I, folhas 45 v.º. No registo, ficou constante que “*Sua Mage*” concedia o posto de “*Capp*^{am} [Capitão] *da Comp*^a *dos Homens Forasteiros do Terço das Ordenanças*” da Vila de São Salvador dos Campos de Goytacazes a Gregório de Miranda, em razão dele “*ter sido proposto pelos off*^{es} [Oficiais] *da Camera*” da sobredita Vila¹⁰.

Não muito tempo depois, em Abril de 1781, e apenas dois meses antes de ter conseguido o Hábito de Cristo, Gregório se assenhoreou do posto de Sargento-Mor do terço de “*ordenanças*” da Vila de São Salvador de Campos, “*atendendo*”, conforme folhas 286 do livro nº 10 do Registo Geral de Mercês de D. Maria I, que ele tinha sido novamente “*proposto (...) pelos off*^{es} *da Camera*”, em razão dele ter “*posibillides p*^a *se tratar com luzim*^o [luzimento] *e as mais circuntancias que nelle concorrem*”¹¹.

A enigmática anotação na carta de concessão da mercê, de que Gregório possuía “*possibilidades*”, só reforça que o processo de sua ascensão social se deu, mormente, em função de sua enorme fortuna.

Não que houvesse qualquer tipo de problema nisso, mas esses são detalhes que ajudam a desmistificar, de uma vez por todas, o verdadeiro perfil de um homem que blasonou, no final de sua vida, ser filho de famílias nobres, e que declarava como seus pais, inclusive, o nome de um casal que inexistia, e tudo isso tão somente para enevoar suas genuínas origens.

Assim é que, apenas dois meses após ter sido confirmado na patente de Sargento-Mor, e passados meros quatro dias desde a data da renúncia de Bartolomeu de Macedo ao Hábito de Cristo, Gregório deu início ao seu processo de habilitação na dita Ordem, no lugar de Bartolomeu, para ser nela admitido como cavaleiro, uma dignidade de grande importância na sociedade de seu tempo.

⁸ Idem.

⁹ Registo Geral de Mercês de D. Maria I, Carta Patente de Gregório Francisco de Miranda no Posto de Capitão da Ordenança, Livro 7, Folhas 45v., Código de Referência PT/TT/RGM/E/001/0007/99499, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

¹⁰ Idem.

¹¹ Registo Geral de Mercês de D. Maria I, Carta Patente de Gregório Francisco de Miranda no Posto de Sargento-Mor da Ordenança, Livro 10, Folhas 286, Código de Referência PT/TT/RGM/E/001/0010/99500, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Classificado como Maço 6, Diligência nº 26 das Habilitações para a Ordem de Cristo do Arquivo Nacional da Torre do Tombo¹², existem, já na capa da documentação, informações preciosíssimas, e anotadas no cabeçalho da primeira folha, que bem demonstram como a coisa toda funcionava, e à base de quê, em realidade, o procedimento era desenvolvido: “*Depozite Sesenta Mil R^{es} e declare os nomes e naturalidade Seus Avós Paternos Meza 16 de Junho de 1781*”¹³.

No processo, Gregório declarou ser morador nos Campos dos “*Goitacazes*”, que ele era natural da freguesia São Salvador de Joane, onde foi batizado, e que ele era filho “*legítimo*” do P^e. Francisco Machado e de Maria Lopes, ambos da mesma freguesia, sendo neto materno de Domingos Ferreira e de sua mulher, Mariana Lopes, do lugar da Cividade, em Joane¹⁴.

Por ter feito confusão, e declarado erroneamente o nome dos avós maternos de Gregório como se eles fossem os avós paternos, José Roiz, procurador do Sargento-Mor no processo, precisou emendar as primeiras declarações dos autos, esclarecendo em garranchosa anotação, que os avós paternos de Gregório na verdade se chamavam Francisco Machado de Miranda e “*Hieronima Francisca*”, os quais também foram declarados como sendo naturais do lugar da Cividade, da freguesia de São Salvador de Joane, como os avós maternos¹⁵.

O comissário responsável pelo processo, José do Couto Neiva, resumindo o resultado das diligências que foram feitas em Joane acerca dos antepassados de Gregório, relatou que “*o just^e [justificante]*”, na soma de tudo, era “*filho natural do p^e franc^o machado e de m^a [Maria] Lopes ambos naturais da frg^a de s. salvador de joanne e que tiveram ao d^o justificante e o criarão em sua comp^a do d^o [dito] seu pay em athe a id^e de quinze annos pouco mais ou menos mandando o há escola em athe que o embarcarão p^a o Brazil p^a [para] acomp^a [a companhia] de seus parentes correspondentes*”¹⁶.

O comissário também relatou “*que o d^o [dito] franc^o machado fora estudante e se ordenara e vivia do seu patrimônio e mais bens e do exercicio de suas ordens tendo neste tempo ao d^o juste seu f^o [filho] da d^a [dita] m^a Lopes soltr^a [solteira] que vivia na comp^a [companhia] de seus pais pessoas abastadas de bens que a tratavão com bom recolhim^o sem ter outra ocupação mais q o Exercicio das mulheres recolhidas nem n~uqa [nunca] tivera fama de ãoã procedimto com outra coalq^r pessoa mais doq o supp^{oe} [suplicante] o p^e Francisco machado nem antes nem depoy^s*”¹⁷.

Sobre o avô paterno, “*franc^o [Francisco] machado de Miranda*”, o

¹² Diligência de Habilitação Para a Ordem de Cristo de Gregório Francisco de Miranda, Letra G, Maço 6, Documento nº 26, Código de Referência PT/TT/MCO/A-C/002-007/0006/00026, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

comissário Neiva resumiu que ele fora “*capp^{am}* [Capitão] *de auxiliares*” e que o “*pay e [o] vizavo do just^e* [justificante] *eraó também pessoas nobres digo com m^{tos} abastados bens comq sempre se tratavaõ a lei da nobreza*”. Sobre a “*Avo paterna do just^e jeronima fran^{ca} como se diz*” ele pouco soube, pelo menos “*denominada pelo ditto nome*”¹⁸.

O que comissário conseguiu apurar, em realidade, foi que conforme as diligências avançaram, o nome da avó paterna de Gregório era outro. As testemunhas afirmaram que ela na verdade se chamava “*m^a roiz* [Maria Rodrigues] *acoal* [a qual] *hera filha de labradores honrados*” e que, tal como Maria Lopes, mãe de Gregório, ela também vivia “*recolhida*” “*sendo soltr^a* [solteira] *mas não foi em casada com outra pessoa alguá e seus pais heraó honrados labradores*”¹⁹.

A respeito dos avós maternos, o comissário mencionou que “*domingos ferreira he[ra] natural da freg^a* [freguesia] *de s. joão de ayrão do lugar do roupeyro da vila de guim^{es}* [guimarães] *q cujo termo he fora de joanne e fui ao d^o* [dito] *lugar porter tr^{os}* [tantos] *donde estava fazendo inquirição e ahi os mandei chamar os que sabião e conhecia ao just^e* [justificante] *tanto na suá naturalidade e como no Brasil aonde tinha assentado como elles depõem*”. Como resultado dessas inquirições, Neiva conseguiu apurar que ambos os avós maternos de Gregório eram da “*mesma freg^a* [freguesia]” e “*heráo pessoas mto honras por serem labradores*” “*Abastados de bens*”, e que também viveram “*de suas fazendas*”²⁰.

Como o batismo de Gregório não foi transcrito em parte alguma do processo, restou impossível se saber em que data ele terá nascido, ou ainda sob quais circunstâncias o registro de seu nascimento terá sido anotado, eis que os livros de batismos de Joane do período de 1700 a 1761 já não existem mais.

Sem embargo, questões notáveis do processo, e que o resumo do comissário Neiva não relatou – pelo menos com precisão – resulta do fato de que as testemunhas inquiridas puderam adicionar, com seus depoimentos, que a avó materna de Gregório, Mariana Lopes, na verdade era natural do lugar de Bairros, da freguesia de Joane; que o avô paterno de Gregório, um Capitão, vivia de todos os rendimentos que se “*mandavão grangiar por criados e caseiros e rendas q se lhes pagavam*”; e que ambos os avós paternos de Miranda, apesar de solteiros, viveram, no paladar do conhecimento geral do povo, como pessoas abastadas e com “*m^{ta} honra*”²¹.

Todos os depoentes do processo, sem exceção, disseram que Gregório, enquanto menino, esteve sempre acompanhado de seu pai, e que antes de ir-se embora de Portugal, com a idade de mais ou menos quatorze anos, Gregório vivia “*aprendendo os estudos a que [ele] se applicava*”. Ou seja, era estudante²².

É curioso notar, ainda, que todas as testemunhas dos autos, mesmo nos

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

²² Idem.

mais ermos cantões da longíqua Joane, já haviam ouvido falar que era de “*pública voz e fama*”, que Gregório, “*nos Estados do Brasil*”, “*se trata[va] com toda a nobreza*”, e que nessa mesma qualidade, na época de sua habilitação para a Ordem de Cristo, Gregório também servia “*em todos os cargos de honra, sendo também sargento mor*”²³.

Gregório, então, deve ter de sido uma pessoa muitíssimo famosa em Joane, ainda que domiciliado na distante Campos dos Goytacazes. Com tamanha notoriedade, Gregório tudo indica que tenha sido até mesmo uma referência de sucesso para seus conterrâneos que se aventuravam no Brasil.

O depoimento do Capitão João Peixoto de Faria, solteiro, “*assistente*” na cidade do Porto, e oriundo das cercanias da freguesia de Joane, serve como um grande apoio a essa tese.

Testemunhando na Europa, o Capitão, com muita veemência, disse que ele conheceu Gregório na “*villa de São Salvador dos Campos dos Goitacazes*”, “*donde [Gregório] negociava com negócios de fazendas atacadas; vivendo sempre a ley da nobreza e com fausto; e tanto a sim que o mesmo Abilitando servio varios em cargos honroso da rrepublica como foi almotace procurador e thezoureiro do senado da cam^a [câmara] daquela villa e seu destrito e nella juis ordinario e sargento mor da mesma villa e seu destrito o que tudo sabe pelo veer prezenciar*”²⁴.

Em Lisboa, todas as testemunhas – que variavam de negociantes locais a militares brasileiros que estivessem de passagem – disseram, de maneira assombrosamente uníssona, que Gregório “*nunca teve outro exercício mais do que o de Negociar por grosso, tratandose com decencia, com cavallos seus propios*” e que ele “*não tem defeito pessoal, que não é herege ou apostata na Nossa Santa feé, nem punido por crime infame*”, sendo, ao contrário, “*sempre bem reputado entre os homens bons*”²⁵.

Os depoentes também disseram, sinalizando que todos eles o conheciam, que Gregório havia se dirigido para Campos “*a honde logo estabeleceu casa de Negocio, de diferentes generos, os quais vindia atacado, e nada por miúdo*”, sendo conhecido “*senhor de varias Propriedades e Fazendas*” no Brasil, onde era de opinião de que ele fosse “*hum dos homens dos mais Ricos daquelle continente*”²⁶.

De maneira geral, os depoentes também disseram que Gregório serviu de vereador em Campos, e a expressão mais repetitiva dentre todos os que estiveram com ele no Brasil era a de que ele se tratava “*com a mayor descencia e providade*”; que ele tinha “*casa de negocio, tendo sido sempre esta de fazendas de varios generos*”; e que Gregório, como homem de bom mercadejo, sempre realizava suas vendas, como repetidamente diziam, vendendo “*tudo por grósso, e nada p^{or}[por] miúdo*”.

Nas folhas finais do processo, uma última nota, datada de Setembro de

²³ Idem.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem.

1781, servia de contestação àquilo que Gregório havia declarado acerca de sua família, desde a capa dos autos: Gregório não era filho legítimo, nem nunca o poderia ser.

A mesa da Ordem de Cristo, verificando que Gregório tinha declarado ser rebento “legítimo” do Padre Francisco Machado, determinou registrar, que “*de tudo o mais*”, Gregório em realidade era “*filho Espurio, pelo que unicamte*” a administração do Hábito o julgava por impedido de professar como cavaleiro.

Com efeito, terá sido por esta razão que Gregório apenas conseguiu obter sua carta de profissão definitiva no Hábito de Cristo muitos anos depois, no mês de Junho de 1799 – isto é, 18 anos após o término do seu processo de habilitação.

A carta de profissão de Gregório, que está no Livro nº 29, folhas 145 do Registo Geral de Mercês de Dona Maria I²⁷, não fez qualquer tipo de menção aos detalhes do processo, nem quanto aos genitores do agraciado. Era uma carta que, no jargão da época, chamavam de “Carta de Padrão”, isto é, feita sob um modelo, e com dizeres prédeterminados.

A confecção desse documento era em caráter tal modelar, aliás, que o escrivão não se dignou nem mesmo a transcrever o inteiro teor dela: para realizar o assento de profissão de Gregório, apenas fez-se a referência de que ele havia recebido a benesse da Ordem de Cristo, anotando-se a data de sua concessão, e informando que os termos daquela profissão eram rigorosamente iguais aos de uma outra carta, que tinha sido registrada no mesmo livro, mas em outra folha.

Para a sorte de Gregório, a simplicidade dos registros e sua pobreza informacional beneficiavam-lhe com uma proveitosa discrição.

Considerando a natureza de seus impedimentos ao hábito, não causa surpresa que Gregório só o tenha obtido após as importantes reformas das ordens militares de Cristo, Avis e Santiago, que a rainha D. Maria I mandou que se realizasse por meio da Carta de Lei de 1789. Esse é um detalhe que, se não captado direito, inviabiliza uma verdadeira percepção acerca tanto da personalidade de Gregório quanto de suas suas estratégias de crescimento social.

Essa Carta de Lei secularizou a Ordem Militar de Cristo, de maneira que o ingresso de eventuais postulantes ao hábito acabou se tornando cada vez menos rigoroso, em especial, quanto aos aspectos das provanças que os candidatos deveriam cumprir, perante seus estatutos.

Do tempo em que Gregório viveu, no Brasil, não existem notícias de que ele tenha revelado, em momento algum, que ele era filho de Padre. No registro de batismo de seus dois filhos, que constam transcritos nos dois processos de justificação de nobreza que ele realizou, os nomes dos avós paternos das crianças foram registrados como “João Francisco de Miranda” e “Maria Lopes”, casados²⁸.

²⁷ Registo Geral de Mercês de D. Maria I, Carta de Profissão de Gregório Francisco de Miranda ao Hábito de Cristo, Livro 29, Folhas 145, Código de Referência PT/TT/RGM/E/001/0029/99502, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

²⁸ Cartório da Nobreza, Casa Real, Processo de Justificação de Nobreza Para Uso de Brasão de Armas de Gregório Francisco de Miranda e Seus Filhos Gregório Francisco de Miranda e D. Maria Gregória Francisca de Miranda, Maço 31, Documento nº 11, Código

No mês de Outubro de 1800, poucos meses após ter professado no Hábito de Cristo, Gregório recebeu, mediante um Alvará do Registo Geral de Mercês de D. Maria I, registrado no Livro nº 29, folhas 380 v., o prestigioso foro de Cavaleiro Fidalgo da Casa Real²⁹.

No documento, o pai de Gregório foi novamente referido de maneira falsa, como João Francisco de Miranda, e Gregório, sem perder tempo, foi logo qualificado no Alvará como cavaleiro “*Professo na Ordem de Cristo*”, além de Sargento-Mor das ordenanças dos Campos dos Goytacazes e Juiz de Órfãos da mesma Vila.

Justificando a concessão do título, o Alvará, que foi escrito na pessoa do “*Príncipe Regente*” D. João, relata que o agraciamento de Gregório, nesse caso, se dava em relação aos serviços que ele efetivamente prestara, “*ocupando o d^o Posto de Sargento-Mor a q o encarregarão de varias (...) companhias do Terço Auxiliar da Villa de S. João da Barra, como taó bem zello, e inteligencia com q exercitara o Cargo de Juiz dos orfaós e outras da dita V^o*”³⁰.

Portanto, ao ter transacionado pelo Hábito de Cristo antes, Gregório se utilizou dele para, logo em seguida, exibindo méritos próprios, requisitar a concessão do Alvará nobilitante em remuneração de tudo aquilo que ele factualmente fez na vida, em favor da glória do Reino de Portugal. Se ele só tivesse requisitado recompensa por seus serviços, é possível que Gregório não tivesse conseguido receber, cumulativamente, o Hábito de Cristo e o título de Cavaleiro Fidalgo.

Ele, assim, após ter adquirido os serviços de outrém, foi astuto em preservar os próprios para, num futuro conveniente, poder usá-los como fundamento em um pedido de remuneração mais vantajoso.

Ao ter adquirido, anos antes, a comenda de Cristo no lugar de Bartolomeu de Macedo, Gregório conseguiu poupar o uso da própria folha de serviços para poder realizar o pedido de uma mercê ainda melhor, mais tarde. De posse da Ordem de Cristo, Gregório também conseguiu exercitar, senão evidenciar, as bases para um pedido ainda mais digno de quem já possuísse uma comenda de tal prestígio: o de aspiração a um título da baixa nobreza.

Talvez, se Gregório não tivesse recebido o Hábito de Cristo antes, ele não teria exibido currículo para poder ousar, ou pleitear, tamanha ascensão social. Quiçá seu destino fosse apenas, então, o de uma remuneração nos mesmos termos daquela que Bartolomeu de Macedo recebera: uma comenda do reino, sabe-se lá se a própria Ordem de Cristo.

De posse desta chancela prévia, portanto, a concessão do Alvará nobilitante encontrou em seu candidato qualidade suficiente, e maior facilidade

de Referência PT/TT/CR/D-A/004/0038/00011, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

²⁹ Registo Geral de Mercês de D. Maria I, Alvará de Nomeação de Gregório Francisco de Miranda ao Foro de Cavaleiro Fidalgo, Livro 29, Folhas 380v., Código de Referência PT/TT/RGM/E/001/0029/99675, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

³⁰ Idem.

para seu deferimento.

Seguindo esse mesmo modo de operação, apenas dois anos depois de ter conquistado o título de Cavaleiro Fidalgo, Gregório tornou a fazer novas requisições ao reino, desta vez, utilizando-se também da sua recém adquirida condição, para justificar, no Cartório da Nobreza, uma condição completa de nobre.

Gregório realizou isso através do Autos de Justificação de sua nobreza, que hoje estão no maço nº 12, documento 14, do fundo de Feitos Findos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo³¹, e também mediante o Processo de Justificação de Nobreza, tanto dele como de seus dois filhos, e que foi registrado no maço nº 3 documento nº 11 do Cartório da Nobreza da Casa Real de Portugal, também da Torre do Tombo³².

Com estes processos, Gregório, em suma, objetivava assegurar a recém adquirida posição de nobre, além de obter uma licença para o uso de brasão de armas não só para si, como também para sua prole, almejando garantir que a sua posteridade estaria resguardada sob os privilégios do estamento.

Saltam aos olhos, então, e logo de imediato, a proximidade das datas em que ambos os processos foram iniciados: o de justificação de sua nobreza, sozinho, começou no dia 13 de Maio de 1802, e o processo em que tanto ele como seus dois filhos se justificavam, para uso de brasão de armas, iniciou-se em 20 de Maio de 1802, apenas sete dias depois, portanto, e quase que de maneira simultânea.

No processo de sua justificação, Gregório não poupou argumentos: ele repetiu todos os cargos que ocupou, e ao se identificar, fez uso de todas titulações que, menos de 3 anos antes, não tinha, mas conseguiu obter (Hábito de Cristo e foro de Cavaleiro Fidalgo). Gregório também não deixou fornecer, o que é mais importante, a argumentação fatal, para além de omitir, mais uma vez, o verdadeiro nome de seus pais: “*que elle sup^e se acha estabellecido na dita Villa de S. Salvador dos referidos Campos de Guitacazes com immenções bens de rais, Escravatura e Fabricas, ou Engenhos de Asúcar, sendo a mais opulenta pessoa daqueles districtos, tanto em riqueza, como em respeito*”³³. Gregório termina suas justificativas, então, afirmando que tanto ele quanto sua família sempre se trataram “*á Ley da Nobreza, sendo legítimos descendentes da Ilustre Familia do apellido de Mirandas*”³⁴.

As testemunhas desse processo, em tudo confirmando, quase que de maneir-

³¹ Feitos Findos, Justificações de Nobreza, Autos Justificação de Nobreza de Gregório Francisco de Miranda, Maço 12, Documento nº 14, Código de Referência PT/TT/CCVC/004/0012/00014, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

³² Cartório da Nobreza, Casa Real, Processo de Justificação de Nobreza Para Uso de Brasão de Armas de Gregório Francisco de Miranda e Seus Filhos Gregório Francisco de Miranda e D. Maria Gregória Francisca de Miranda, Maço 31, Documento nº 11, Código de Referência PT/TT/CR/D-A/004/0038/00011, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

³³ Feitos Findos, Justificações de Nobreza, Autos Justificação de Nobreza de Gregório Francisco de Miranda, Maço 12, Documento nº 14, Código de Referência PT/TT/CCVC/004/0012/00014, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

³⁴ Idem.

ra monolítica e ensaiada, geraram a conclusão de que Gregório havia se justificado como nobre, e que ele, dessa maneira, definitivamente pertencia ao corpo da nobreza de Portugal, gozando de todas as prerrogativas inerentes a esse pertencimento, inclusive para tradição de direitos a seus filhos (brasão de armas, por exemplo).

Esperto jogador de seu tempo, Gregório conseguiu obter absoluto sucesso de suas empreitadas, na busca pelo prestígio.

A forma como ele realizou essa escalada, e a maneira como explorou as instituições daquele tempo, contudo, são capazes de revelar uma série de características sobre sua personalidade, e que no fim de tudo, ajudam a entender não só suas verdadeiras origens, como também alguns dos principais mecanismos de ascensão social do antigo regime português.

Gregório Francisco de Miranda: Uma Narrativa de (Re)Elevação

Alberto Lamego nos informa que Gregório casou no ano de 1770, na sequência de um grande desastre financeiro³⁵: noivo de Maria Francisca da Assumpção, filha do abastado fazendeiro Agostinho Francisco da Cruz, Alferes, Gregório resolveu partir para a Bahia, objetivando ampliar seus negócios. Na volta, seu navio naufragou, e Gregório perdeu todo o carregamento que ele adquirira, salvando-se tão somente com a roupa do corpo³⁶.

Falecido o pai da noiva, a pretensa sogra, então, começara a se opor ao casamento motivada pelo estado de ruína das finanças de Gregório. Valendo-se do poder eclesiástico, porém, Gregório conseguiu fazer não só com que o casamento fosse realizado, mas também com que o acordo celebrado entre ele e o falecido Agostinho da Cruz, seu sogro, restasse por mantido, no Gregório que retirou sua futura esposa diretamente da casa dos pais, “por justiça”, conforme disse Lamego³⁷.

Com isso, Gregório conseguiu alcançar, secundariamente, aquilo que ele de uma maneira ou de outra também pretendia: o dote da mulher, e a parte da legítima paterna que lhe cabia³⁸.

Gregório, já nessa ocasião, demonstrava ser, portanto, um meticuloso argumentador dos poderes simbólicos de seu tempo.

Ao recorrer à Igreja, e não para a justiça comum, Gregório encampou o apoio de uma instituição inquestionável de sua época, para estofar suas pretensões, e posturas, confundindo seus interesses pessoais com a chancela da instituição para a qual ele apelava.

³⁵ LAMEGO, Alberto Frederico de Morais. *A Terra Goitacá: À Luz de Documentos Inéditos*. Vol. VI. Niterói: Editora Diário Oficial, páginas 77 em diante, 1943.

³⁶ Idem.

³⁷ Idem.

³⁸ FARIA, Sheila Siqueira de Castro. *A Colônia em Movimento: Fortuna e Família no Cotidiano Colonial*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, páginas 95 em diante, 1998.

Interessante notar, inclusive, que os efeitos dessa cartada foram tais, que até mesmo Alberto Lamego, muitos anos depois, acabou sendo contaminado pelo uso do poder emblemático da Igreja em favor de Gregório. Afinal de contas, Lamego se utilizou da expressão “por justiça” para designar a retirada da noiva de Gregório da casa dos pais, fazendo questão de diferenciar esse evento dos tão comuns “raptos” que ocorriam à época. Sheila de Castro Faria, por outro lado, afirma que “outros” contestaram essa versão³⁹.

No ano de 1777, Gregório e mais alguns mercadores da Vila de São Salvador de Campos escreveram ao Conselho Ultramarino para denunciar que “*havendo alli muitos lavradores pobres, estes apenas tem dois, ou mais escravos, armaõ [armam] pequenas Engenhocas, em q fazem algum assucar, cultivando assim pequenos terrenos, e devendo q^o tem’, porq’a sua pequena Fabrica não póde sustentálos, assim mesmo se tem arrogado por fantezia o titulo de senhores de Engenho, quando aliás saõ huns Homens taes q passãõ por alto o pouco assucar q’fazem p^a fraudar seus credores*”⁴⁰.

Por detrás de tudo, os requerentes pretendiam evitar, com tal requerimento, “*q’o Vice Rey daquele Estado*” reconhecesse a condição de “*Senhores de Engenho*” aos que factualmente não o fossem, tendo em vista que pequenos proprietários, em “*abuzo e fraude*”, diziam-se “*impropriamente Snr^{es} de Engenhos, sendo na ver^{de} [verdade] pobres industriosos*”⁴¹.

Invocando o “*mesmo privilégio q V Mag^{de}*” tinha “*concedido aos Senhores de Engenho da Bahia, Ryo de Janeiro e Pernambuco*”, os donos de pequenas engenhocas, então, argumentavam a condição de “*Senhorio*”, para evitarem o pagamento de seus credores, “*arruinando o Comercio*”⁴².

Conforme o próprio documento explica, os verdadeiros Senhores de Engenho gozavam “*do privilégio de nam serem executados nas suas fábricas*”, ou seja, não podiam ter os seus engenhos executados, ou arrestados para o pagamento de dívidas⁴³.

Agitador, Gregório portanto, em mais outra oportunidade, soube bem manejar a posição que ele ocupava no mundo colonial, de maneira a manipular, e estremecer com sucesso, o complexo esquema de privilégios, de precedências e de categorias hierárquicas de seu mundo, para o benefício de seus interesses particulares.

Ao mesmo tempo em que Gregório defendia sua posição como um

³⁹ Idem.

⁴⁰ Requerimento de Gregório Francisco de Miranda e Mais Mercadores da Vila de São Salvador dos Campos dos Goitacazes ao Rei [D. José], Solicitando que Fosse Negado aos Lavradores que Fazem Pequenos Negócios de Açúcar a Baixo Preço em Suas Engenhocas, o Privilégio do Título de Senhores do Engenho, Pois Esta é Uma Fraude que Vem Arruinando a Economia Local, Caixa 111, Documento nº 15, Código de Referência PT/AHU/CU/017/0101/08707, Arquivo Histórico Ultramarino.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

⁴³ Idem.

rotulado comerciante local, ele já se preparava, quiçá, para no futuro desfrutar das qualidades de um proprietário pleno de engenho, com todas as regalias que lhe fossem inerentes. Gregório demonstrava conhecer, assim, tão profundamente dos atributos estamentais de seu tempo, que ele pretendia traçar limites definitivos para o gozo de certas prerrogativas, mesmo que elas não fossem suas, ainda.

Quantos desses pequenos produtores rurais não deviam ser devedores de Gregório? E quantos desses pequenos fazendeiros, afinal, não deviam de estar endividados até mesmo na proporção do domínio de suas terras, na contabilidade comercial dele?

Posição, na sociedade setecentista portuguesa – e colonial –, exercia uma forte repercussão nas matérias práticas: as dignidades, fossem quais fossem, como patentes, ofícios e exercícios políticos, concediam a seus detentores vantagens jurídicas, mais do que apenas estilos de tratamento, ou simples precedências.

Anos mais tarde, em 1784, por ocasião das eleições para o cargo de juiz ordinário de barrete da Vila de São Salvador de Campos, e ao ver que, sob suspeita de fraude, um certo Capitão Francisco Franco Henriques de Miranda fora eleito para tal posto, sujeito dito de má conduta, conforme Cardoso de Miranda, Gregório, que tomou parte na votação, “levantou-se indignado” e declarou, dentro da própria casa de câmara que: “Franco de Miranda, o filho do ex-carcereiro Joaquim Henrique Leitão, era inelegível juiz; para além de ser mulato sem honra, lisura e consciência, já tinha sido expulso dos cargos de escrivão do auditório eclesiástico e partidador, por ladrão e inepto”⁴⁴.

Essa situação, assim como o peso das declarações dadas, resultariam numa imensa disputa política envolvendo Gregório, e que somente com a intercessão do Vice-Rei, tempos mais tarde, acabaria sendo resolvida⁴⁵.

Os termos com que Gregório se referiu ao Capitão Francisco Franco, assim como aos pequenos produtores de açúcar, donos de “*engenhocas*”, demonstram que o velho Sargento-Mor foi um astuto manobrista dos estigmas e dos marcadores sociais de sua época, para os fins que desejava.

Quando se referia à condição econômica, às questões de etnia, à pureza de raça, às condições de cargo, aos ofícios exercidos, e às faculdades morais de seus interlocutores, Gregório demonstrava ser um homem que sabia navegar muito bem pelo conjunto de traços e de comportamentos que conformavam o caráter desejável da sociedade luso-brasileira de seu tempo e a identidade social do grupo que ele reivindicava pertencer – o *ethos*.

Tanto o sabia, que para si, Gregório reservou-se ao cuidado de pouco exprimir suas verdadeiras origens de maneira pública, construindo uma carapaça

⁴⁴ MIRANDA, Mário Aloísio Cardoso de. *O Cyclo das Gerações: Introdução a Um Nobiliário Fluminense*. Petrópolis: Editora Vozes, páginas 90 em diante, 1939, e LAMEGO, Alberto Frederico de Moraes. *A Terra Goitacá: À Luz de Documentos Inéditos*. Vol. VI. Niterói: Editora Diário Oficial, páginas 81 e 82, 1943.

⁴⁵ Idem.

de respeitabilidade, de grande prestígio e de admiração coletiva ao seu redor, com as aquisições reputacionais que ele havia conseguido amearhar, uma a uma, do Reino de Portugal (comendas, patentes, títulos e ofícios cobiçados).

De maneira seca, Gregório decerto que era um homem bastante calculista, pois na medida em que ele conseguiu se distinguir socialmente, adquirindo gradativos instrumentos de reputação, ele também conseguiu criar, em paralelo, uma estrutura de importância e de prestígio tal, que isto lhe possibilitou ao apagamento e à recriação de suas origens, ou então, ao afastamento de quaisquer suspeitas sobre elas, pelo menos.

O que é que um filho espúrio, filho de padre, do interior de Portugal, filho e neto de mulheres solteiras, haveria de dizer para os homens bons de uma Vila, do porte da de Campos de Goytacazes, no meio de uma eleição para juiz? E com qual autoridade, uma pessoa assim, e naquela época, poderia declarar em público que o novo juiz era “*inelegível*” por ser “*mulato*”, filho de um “*ex-carcereiro*” e homem “*sem honra, lisura e consciência*”, além de “*ladrão e inepto*”⁴⁶?

Houve esforço da parte de Gregório em esconder seus antepassados, e ele também soube escondê-los, com muito cuidado, dentro dos instrumentos documentais e jurídicos de sua época. Para ser nomeado oficial de milícias, não era necessário que o pretendente aos cargos expusesse os detalhes de suas origens.

Para ser juiz eleito, para ser vereador, e até mesmo para receber um título de fidalguia, como o de Cavaleiro Fidalgo da Casa Real, também não era necessário ter as suas origens completamente exploradas, ainda mais se antes de lhe serem concedidas as benesses, uma provança sobre a qualidade de sangue do postulante a tais cargos já houvesse sido feita, como no caso do Hábito de Cristo, por exemplo.

Para ingresso nas ordens militares, aos cargos da magistratura de carreira, e ao clero, os candidatos eram obrigados a demonstrar suas origens, até mesmo para fins de comprovação de identidade, e de “limpeza do sangue”, de profissão na fé, ou, ainda, como principalmente no caso particular das ordens militares e dos cargos de magistratura, que a família do pretendente não padecia de “defeitos mecânicos”, isto é, desempenhavam atividades mecânicas e incompatíveis com a nobreza das posições postuladas.

Ao habilitar-se para o Hábito de Cristo, somente aos comissários da Ordem é que Gregório verdadeiramente revelou quem ele era. Afinal, para esta posição, ele não teria escolha: Gregório haveria obrigatoriamente de se sujeitar à investigação de suas raízes.

Já nas demais posições, Gregório utilizou-se de seu histórico, contendo honorarias concedidas anteriormente, para se fazer cintilar como merecedor de novas graças, demonstrando, com isso, a impressão de que ele fosse possuidor de todas as qualidades requisitadas para usufruir dos títulos a que aspirava.

⁴⁶ Idem.

Gregório, então, lançou mão de cada título para conseguir o outro, de certo que ajudado por sua grande fortuna, construída mediante uma carreira de sucesso no comércio.

Não fosse o pontapé pecuniário, Gregório não conseguiria ter se convertido de comerciante a Senhor de Engenho, o que conseguiu, após o casamento que ele contratou, seduzindo os pais da noiva com seu vasto cabedal.

Também não fosse a sua imensa riqueza, Gregório não teria conseguido se elevar de oficial de ordenanças a Cavaleiro de Cristo, patamar que o habilitou, em seguida, a alcançar outras nobilitações ainda mais superiores.

A propósito, o próprio Hábito de Cristo fora obtido por Gregório através de uma obscura renúncia, vinda de um completo estranho. Tal renúncia, é bastante certo que tenha sido encorajada por uma boa compensação financeira, não relatada no Alvará de concessão, mas ensejadora da escritura pública que foi cuidadosamente mencionada no corpo do registro.

Perspicaz, o velho Sargento-Mor soube comercializar prestígio, além de panos, para o benefício de sua trajetória.

Gregório soube planejar com esmero cada um dos passos de sua escalada, desde a sua aquisição do Hábito de Cristo, sem usar de seus serviços próprios – ambicionando conservá-los para uma ocasião melhor –, até a utilização de estratégias, como a de fabricação de nomes falsos de genitores em processos de concessões de títulos nobiliárquicos menos exigentes, acerca do passado dos candidatos, haja vista que nesses casos, as avaliações eram observantes mormente da reputação (e da fortuna) que os postulantes já detinham, na época de seus pedidos.

Desvelando sua vida apenas para a Ordem de Cristo, Gregório conseguiu adquirir o selo de qualidade que lhe garantia a abertura de um caminho livre para muitas outras honrarias.

Ao fabricar nomes diferentes para seus pais, e ao lograr essa fabricação nos demais documentos de titulações posteriores às da habilitação para a Ordem de Cristo, Gregório conseguiu, também, blindar o seu passado, tornando-o inquestionável.

Na prática, Gregório só disse a verdade a quem precisava dizer: para a Ordem de Cristo, que faria uma inquirição de sua vida pregressa, Gregório, foi obrigado a expor seus antecedentes. Depois disso, e de posse do Hábito de Cristo, Gregório utilizou dessa chancela para se eximir de eventuais provanças, passando despercebido por elas.

Quem haveria de questionar, então, que um Cavaleiro de Cristo, Fidalgo da Casa Real, Senhor de Engenho, homem riquíssimo, juiz e oficial de milícias, seria filho espúrio? E tudo isso, quem ousaria questionar os nomes de seus pais, registrados em alvarás de nobilitação, e conservados no cartório da nobreza do reino?

Com essas qualidades todas, pode-se entender a reputação que Gregório

conseguiu construir, ou exalava ter, para questionar, falar e exercitar tudo aquilo, e quem quer que ele quisesse, quando ele quisesse, justo como Gregório fez, tão logo ele obteve a oportunidade em vida.

O que é que um “*inelegível*”, “*mulato*”, filho de um “*ex-carcereiro*”, “*sem honra, lisura e consciência*”, além de “*ladrão e inepto*”, poderia dizer, com tantos estigmas, frente a alguém que se pintava tão contário assim?

De parte última, resta dizer que todas essas construções realizadas por Gregório, bastante minuciosas, indicam a perspicácia de alguém que detivesse um elevado grau conhecimento de como era se viver atravessado por diversos marcadores sociais ao mesmo tempo.

A forma como Gregório atacava, e também se defendia, no equilíbrio dos títulos e das reputações, demonstra que ele tinha experiência e familiaridade com o assunto, talvez, suponho mesmo, por ele próprio ser um ponto de conflito de vários sinalizadores sociais.

Origem e Identificação da Ancestralidade de Gregório Francisco de Miranda

O aspecto da identidade civil, no antigo regime português, era algo muito volátil. Nome e identificação não eram características concretas, dado que por uma infinidade de motivos eles poderiam ser alterados.

Existem, ainda, os desafios inerentes de se pesquisar nos períodos mais recuados de nossa história: por práticas de época, poderia acontecer, também, de na hora da identificação de algum sujeito em determinada fonte documental, surgirem corruptelas.

Alguém, com muitas origens ou com vários sobrenomes, ao se identificar em certa ocasião reduzida a termo, poderia tanto se utilizar de nomes com combinações distintas, ou então ser anotado em algum documento com apenas um de seus apelidos, omitindo os demais, por exemplo.

A dúvida ficaria em se saber, assim, se entre as duas situações não existiram verdadeiramente coincidências, ou então, se os que tivessem sido registrados em alguma dessas ocasiões não se tratariam de ser, inclusive, nada mais do que homônimos.

Em um mundo onde a identidade era algo precário, e em constante mutação, deve-se ter um cuidado redobrado na hora de se determinar quem é quem, na análise de uma restituição histórica, social ou genealógica.

Numa situação como a do Sargento-Mor Gregório Francisco de Miranda, portanto, onde se pode entrever uma certa malícia do pesquisado em esconder seus primeiros anos, e se pode notar, além disso, as armadilhas que ele conseguiu deixar, mesmo que mais 200 anos depois de sua morte, em razão dele ter induzido

uma identidade desejável para si, e o cuidado deve ser ainda mais severo.

Hoje, sem conhecermos amiúde as testemunhas que depuseram na Habilitação de Gregório, nem a estrutura social completa da São Salvador de Joane de 300 anos atrás, e somente com os nomes das pessoas que foram citadas no processo (Francisco Machado, Francisco Machado de Miranda, Maria Lopes, Maria Rodrigues e Domingos Ferreira), não seria possível que uma correta identificação da família de Gregório fosse feita.

Repita-se, outra vez, que identificação social, e nome, não eram questões sólidas no começo do século XVIII, de maneira que buscar pelo passado de alguém, naquele contexto, baseando-se tão somente em uma simples combinação de sobrenomes, como Machado e Miranda, por exemplo, resultaria na mesma probabilidade de se buscar uma agulha em um palheiro.

Sempre digo, entretanto, que na genealogia, para se dar um passo para frente, muitas vezes precisamos dar dois para “trás”, ou então um para o “lado”.

Partir para a documentação de colaterais, ou então das gerações descendentes e mais próximas do pesquisado, muitas vezes nos fornece a base para que se possa construir a ligação desejada, calcando-se na segurança de alguma fonte.

Ir para os avós de Gregório, então, de maneira direta, não seria boa opção para reconstruirmos sua família, ainda que o processo de Habilitação dele nos tivesse informado seus nomes.

Nesse caso, optei por encontrar alguma saída, dentre as dezenas de processos de habilitação para a carreira eclesiástica da região de Braga.

Procurei por todos os padres de nome Francisco que tomaram ordens no começo do século XVIII, iniciando minha pesquisa, como é natural, por habilitantes do antigo arcebispado de Braga, zona em que se situava Joane.

Procurar nos assentos paroquiais, sem nenhuma referência direta de identidade advinda da própria família de Gregório, não seria uma boa ideia. Afinal de contas, eu a princípio não saberia dizer se os familiares de Gregório se identificavam da forma como eles foram nomeados pelas testemunhas, ou então se os depoentes só os conheciam assim. Como as identidades do processo de habilitação não tinham sido dadas pelos próprios, mas por terceiros, não haveria como se saber se os meus pesquisados se chamavam por outros nomes (ou sobrenomes) que eu até mesmo poderia desconhecer.

No mais, havia ainda os agravantes de que inexistem registros paroquiais de Joane, dos anos de 1700 a 1761, e de que a família praticamente toda era composta por pessoas solteiras. De arranque, portanto, eu já não encontraria casamentos, o que reduziria de maneira drástica as chances de localizar meus pesquisados, perante os principais eventos da documentação cível da época: batizados,

casamentos e óbitos.

No Arquivo Distrital de Braga, por certo, encontrei a inquirição de genere de Francisco Machado Peixoto, documento datado do ano de 1733, e registrado sob o código de referência PT/UM-ADB/DIO/MAB/006/29358, “processo nº 9629” da “série processos de património”⁴⁷.

Natural de Joane, conforme dizem os autos, Francisco Machado Peixoto declarou ser filho “*n^{al}* [natural] *de Franc^o Machado Peixoto, e de M^a Rz* [Maria Rodrigues] *solt^{os} ambos da frg^a do Salvador de Joanne*”, e que, para “*mayor servisso de Dó* [Deus] [Francisco] *deseja[va] tomar o Estado ecct^o* [eclesiástico] *e p^a isso ser promovido a Ordens*”⁴⁸.

Francisco declarou ainda, ser neto pela parte paterna de Luis Peixoto de Azevedo e de sua mulher Maria Machado de Miranda, o primeiro natural da freguesia de São Jorge de Cima de Selho, freguesia próxima a Joane, em Guimarães, e a segunda, natural da freguesia de São Salvador de Joane. Por fim, Francisco Machado Peixoto também declarou ser neto materno de Antônio Roiz, ou Rodrigues, conforme a nomenclatura da época, e de sua mulher Maria João, ambos naturais de Joane⁴⁹.

No processo de ordenação de Francisco, consta a transcrição de seu batismo, o qual existia das “*folhas 126 do livro vigente*”, em 1733.

Datado de 4 de Junho de 1717, e realizado na igreja Matriz de São Salvador de Joane, o assento de Francisco informa que ele foi sagrado “*de-bayxo de condicao e por ser particularm^{te}. Batizado Francisco filho de Maria Rodrigues solteira do Lugar de Bairros, o qual nasceu aos dous do presente* [nasceu no dia dois do mesmo mês do batizado]. *Forão padrinhos Franc^o. Frz^e* [Fernandes] *do mesmo lugar e freguesia, e t^{as}* [testemunhas] *João Aff^o do lugar de Joanne, e Maria Gomes, do lugar de Chaves*”. Assinou o registro o Reitor Belchior Leitão Rebello⁵⁰.

Conforme já se disse, os livros de batismos de Joane do período de 1700 a 1761 já não existem mais. E ainda que a coincidência parcial dos nomes, explicada pela origem vária de Francisco Machado Peixoto pudesse lançar alguma dúvida sobre o fato dele ser o mesmo Francisco Machado (de Miranda), Padre, e que o próprio Gregório de Miranda havia confessado como sendo seu pai, na habilitação para a Ordem de Cristo, o testemunho prestado por Luis de Souza Menezes, na qualidade reverendo da igreja de Joane, esclai-

⁴⁷ Processos de Patrimônio, Inquirição de Genere de Francisco Machado Peixoto, Pasta 29358, Código de Referência PT/UM-ADB/DIO/MAB/006/29358, Arquivo Distrital de Braga.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Idem.

rece ainda mais a situação:

Informando-se com “*peessoas fidedignas*” de Joane, Luiz de Souza Menezes achou, ao resumir todas as declarações apresentadas no processo de inquirição de genere de Francisco Peixoto, que tanto pelo lado paterno quanto pelo lado materno, o habilitante era “*Christão Velho sem raça de mouro, judeo ou mulato, nem de outra infecta nação das reprovadas por dir^o* [direito]”⁵¹.

Ele também atestou que Francisco Machado Peixoto, pretendente a Padre, realmente era neto materno de Maria Machado de Miranda, filha, conforme se disse, de Margarida Gonçalves e de Antônio Machado de Miranda, este irmão inteiro de Bartolomeu Machado de Miranda, “*Abbe q foi de St^a M^a de Ayrão*”, e de “*Hyronimo*” (Jerônimo) Machado de Miranda, “*R^{or}* [Reitor] *q foi (...) de Brito*”. A respeito do avô paterno do habilitando, declarou-se que ele de fato Luis Peixoto de Azevedo, filho natural, por sua vez, de “*Damazo Peixoto de Azevedo*”, e de Isabel de Araújo, esta natural da freguesia de São Jorge de Cima de Selho, termo de Guimarães. Dâmaso, por sua vez, era filho de Jorge Peixoto de Azevedo, que foi pai do Padre Frei Luiz Peixoto, religioso da Ordem de São Bento, onde foi “*mt^{as} vezes Abb^e* [Abade]” e também de Clara da Conceição, religiosa que foi residente no Convento de Santa Clara de Guimarães, “*e nelle duas vezes Abb^{sa}* [Abadessa]”⁵².

O Reverendo Luiz Menezes finalizou, ainda, informando que nessa família existiram “*mtas pessoas mays descendentes dessa linha, q’ huns saó cavaleiros do habito, [e] outros ministros*” de várias entidades religiosas. Os pais de Francisco Machado Peixoto, Luis Peixoto de Azevedo e Maria Rodrigues, aparentemente ainda eram vivos na época das inquirições, uma vez que num dos testemunhos, um dos depoentes declarou que “*fala[va] com o justific^{te} e seus pais os mais dos dias*”, aduzindo que eles residiam, naquele ano de 1733, no lugar de Bairros. Os avós, tanto maternos quando paternos, já deviam ser falecidos, pois alguns dos depoimentos indicaram que todos eram “*moradores nesta mesma frg^a aonde fallecerão*”⁵³.

Na freguesia de São Jorge de Selho, as testemunhas declararam que Luis Peixoto de Azevedo, o avô paterno, era natural do “*lugar do Peixoto*”, e que ele saiu dali para casar com sua mulher, Maria Machado de Miranda, na freguesia de São Salvador de Joane. Lá, todos sabiam que o filho de Luis, Francisco Machado Peixoto, tinha tido um filho natural, de Maria Rodrigues, e que o tal filho tinha recebido o mesmo nome do pai: Francisco Machado Peixoto, ninguém menos do que o próprio pretendente a Padre. Finalizados as testemunhos, o candidato foi habilitado com sucesso⁵⁴

⁵¹ Idem.

⁵² Idem.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Idem.

As evidências são avassaladoras: o pai de Gregório, e o Francisco Machado Peixoto que se habilitou através da inquirição de genere de 1733, foram ambos registrados pelas fontes de época como membros do clero. Os familiares de Gregório, além do próprio Gregório, e o Francisco Machado Peixoto de 1733, assim como seus pais e avós, eram todos da região de Joane. Os avós paternos de Gregório, assim como os pais do habilitante Francisco Machado Peixoto, se chamavam, exatamente, Francisco Machado e Maria Rodrigues, ambos solteiros, e que nessa condição também tiveram um filho, em períodos muito próximos, nascido na freguesia de São Salvador de Joane, e que também se chamou Francisco Machado.

No mais, ficou certificado que tanto o Padre Francisco Machado como o pai de Gregório proviam das famílias “de Miranda” e “Machado”, conforme se atestou pelas inquirições de seus processos de habilitação ao clero, e à Ordem Militar de Cristo, respectivamente⁵⁵.

As correpondências são tais, que não posso reputar nenhuma dessas relações apenas como um mero acaso.

Esta, de maneira conclusiva, é a ascendência genuína de Gregório Francisco de Miranda, Sargento-Mor de Campos, avô da Baronesa de São Vicente de Paula, e pai dos ilustríssimos Srs. Barão d’Abbadia e de sua irmã, a Baronesa da Lagoa Dourada.

Em razão dessa ancestralidade ser desconhecida, algumas considerações devem ser realizadas, de forma necessária:

A discrepância do apelido Miranda nos antepassados declarados de Gregório, e na família do habilitante Francisco Machado Peixoto, se deve ao fato de que tal sobrenome fosse originário da família da mulher de Luis Peixoto de Azevedo, Maria Machado de Miranda.

O processo de inquirição de genere dos irmãos João Peixoto e Francisco Peixoto, ambos filhos de Luis Peixoto de Azevedo e de Maria Machado de Miranda, avós, portanto, do Padre Francisco Machado, serve como uma prova elucidativa final, e que enfeixa e arremata, de maneira concludente, a solidez da ascendência aqui exposta.

Datados de 1691, e conservados também no Arquivo Distrital de Braga, estes autos informam que Luis Peixoto de Azevedo e sua mulher, Maria Machado de Miranda, viviam na Quinta de Bairros, em Joane, e que o pai de Luis, mais uma vez, era Dâmaso Peixoto de Azevedo, mas que no processo foi apresentado sob a identidade de Dâmaso Peixoto da Silva. A avó paterna, assim como no processo

⁵⁵ Idem e Diligência de Habilitação Para a Ordem de Cristo de Gregório Francisco de Miranda, Letra G, Maço 6, Documento nº 26, Código de Referência PT/TT/MCO/A-C/002-007/0006/00026, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

do Padre Francisco Machado Peixoto, sobrinho dos habilitantes, também foi dada como Isabel de Araújo, solteira da freguesia de São Jorge de Cima de Selho. Já como os avós maternos dos habilitandos, pais de Maria Machado de Miranda, os depoentes atestaram que eles se chamavam “*Hierônimo Machado de Miranda*” e Margarida Gonçalves, ambos oriundos de Joane⁵⁶.

Uma vez que os irmãos João e Francisco Peixoto foram nada menos do que tios do Padre Francisco Machado, pai do Sargento-Mor Gregório Francisco de Miranda, pôde-se confirmar que o Padre Luis de Souza Menezes, reverendo na igreja de Joane, apenas falhava em sua memória quanto ao nome do genitor paterno de Maria Machado de Miranda, que no processo do Padre Francisco Machado, seu neto, Luis declarou que se chamava “*Antônio Machado de Miranda*”, quando ele na verdade era Jerônimo Machado de Miranda, um dos irmãos de Antônio, fato que foi largamente atestado durante o curso da habilitação sacerdotal de João e de Francisco Peixoto, processo antecedente e muitíssimo mais antigo⁵⁷.

Melhor esclarecimento não há, se dissermos que todos os personagens dessa parentela foram registrados em diversos títulos genealógicos na magnífica obra de Felgueiras Gayo, *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Luis Peixoto de Azevedo e sua mulher, Maria Machado de Miranda, estão no § 14, nº 10, do Título de Peixotos, do v. XXII do trabalho de Gayo⁵⁸. Com efeito, vale elucidar que esses Peixotos eram os mesmos da antiga casa da Pousada, situada na freguesia de Azurém, Guimarães, e que foi profusamente descrita pela Dra. Adelaide de Moraes, em sua inolvidável série “*Velhas Casas*”⁵⁹.

Gayo registra que Dâmaso Peixoto de Azevedo (ou da Silva), era filho de Jorge Peixoto, corroborando o testemunho do Padre Souza Menezes. Gayo também comunica que o sobredito Jorge foi casado com Ana do Canto, da ilustre família dos Cantos, e que no Brasil produzirá, por um outro ramo, a família da Marquesa de Santos. Como filhos de Jorge Peixoto, Gayo também registra que eram irmãos de Dâmaso Peixoto, precisamente um Frei Luis Peixoto, Abade de Refoios, o mesmo Luis Peixoto que era beneditino, e de quem o Reverendo

⁵⁶ Inquirições de Genere, Inquirição de Genere de Francisco Peixoto e João Peixoto, Pasta 2615, Código de Referência PT/UM-ADB/DIO/MAB/006/02165, Arquivo Distrital de Braga.

⁵⁷ Idem e Processos de Patrimônio, Inquirição de Genere de Francisco Machado Peixoto, Pasta 29358, Código de Referência PT/UM-ADB/DIO/MAB/006/29358, Arquivo Distrital de Braga.

⁵⁸ GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Ed. de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso. Braga: Editora Oficinas Gráficas Pax, Tomo XXII, página 133, 1940.

⁵⁹ MORAES, Maria Adelaide Pereira de. *Velhas Casas V: Casa da Pousada - Freguesia de Azurém. Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães, Vol. XXVIII, p. 2-108, 1977.

Souza Menezes fez uma viva menção, e também uma Clara da Conceição, freira, como o mesmo Reverendo Souza Menezes também testemunhou, indicando cuidadosamente que ela havia sido abadessa no Convento de Santa Clara de Guimarães, como se disse no processo dos irmãos João e Francisco Peixoto⁶⁰.

Felgueiras Gayo também apontou, naquele mesmo título, que Luis Peixoto de Azevedo, filho de Dâmaso, havia sido melhor descrito sob o nº 6 do § 1º do Título de Golias, do Vol. XV de sua obra⁶¹. Lá, de fato está registrado que Luis Peixoto foi casado com Maria de Miranda, e que ela, em verdade, foi filha de Jerônimo Machado (de Miranda), solteiro, e que foi irmão de Bartolomeu Machado de Miranda, Abade de Santa Maria de Airão, e de Antônio Machado de Miranda, este sim, Reitor de Brito. Jerônimo era filho de Antônio Machado de Miranda e de Maria Veloso, casados “no Asento da Comenda de Sande”, como Felgueiras Gayo faz questão de ressaltar, e que “viverão na q.ta de Ruyvos q fizeram em Joanne”⁶².

Antônio Machado de Miranda, por sua vez, foi filho de Inês de Miranda e de seu marido Duarte Ferreira da Maia. Inês era filha de Antão Gomes Golias de Abreu⁶³, sendo, por conseguinte, oriunda de uma família de conhecidos soldados, uma gente de “grande esforço e corpulência”, e que serviu com grande valor nas guerras contra Castela. Seu fundador recebera, em razão da notável estrutura física que possuía, a alcunha de “Golias”, apelido que foi dado ao genearca dessa parentela pelo próprio rei D. João I, quando o conheceu (Título Ribeiros, v. XXV, Casa de Torrados, § 2º, nº 20)⁶⁴.

Antão Gomes Golias de Abreu foi casado com Leonor de Miranda, filha de Fernão Machado da Maia e de outra Inês de Miranda, filha, por sua vez, de Gonçalo Lourenço de Miranda, Senhor do Morgado dos Mirandas e Fidalgo da Casa Real (Título Machados, v. XIX, Casa de Parto Soposto, § 2º, nº 19⁶⁵, Título Peixotos, v. XXII, Casa da Pousada, § 3º, nº 27⁶⁶ e Título

⁶⁰ GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Ed. de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso. Braga: Editora Oficinas Gráficas Pax, Tomo XXII, página 133, 1940.

⁶¹ GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Ed. de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso. Braga: Editora Oficinas Gráficas Pax, Tomo XV, páginas 112, 1939.

⁶² Idem.

⁶³ Idem.

⁶⁴ GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Ed. de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso. Braga: Editora Oficinas Gráficas Pax, Tomo XXV, página 82, 1940.

⁶⁵ GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Ed. de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso. Braga: Editora Tipografia Augusto Costa & Cia. Ltda., Tomo XIX, página 65, 1939.

⁶⁶ GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Ed.

Gomides, v. XV, § 3º, nº 4⁶⁷).

Duarte Ferreira da Maia, por outro lado, era filho de Fernão Ferreira da Maia, Abade de São Martinho de Sande, filho, este, de Martim Vaz da Maia, outro Abade do Mosteiro de São Martinho de Sande, Guimarães, e que por último era filho de Vasco Gonçalves da Maia, filho de Fernão Gonçalves da Maia, Senhor de Trofa e da terra de Aguião, importante nobre de seu tempo que morreu na batalha da Alfarrobeira, tendo sido marido de D. Guiomar de Sá, filha de ninguém menos do que o próprio Sá das Galés. Vasco Gonçalves foi casado com Catarina Ferreira, filha de Martim Ferreira, Senhor do Casal de Cavaleiros, etc., etc., etc. (Título Maias, v. XVIII, página 14, § 4º, nº 13⁶⁸).

Como uma finalização destas pequenas notas, deve-se dizer que na *Revista da ASBRAP* de nº 21⁶⁹, existe um dos mais primorosos trabalhos que já vi, intitulado “*Cantos e Rochas, de Guimarães, São Gens e Santana de Parnaíba*”. Esse não só organiza quase todas as informações relativas à família imediata de Gregório Francisco de Miranda (sem, no entanto, incrivelmente nunca citá-lo), mesmo na freguesia de Joane, como ele também é categórico em acrescentar diversos dados que confirmam Gregório como pertencente à família dos Peixotos de Azevedo.

Escrito pelo insuperável Marcelo Bogaciovas, em parceria com Rui Mendes de Faria, na página 362 do trabalho, sem erro, encontra-se a anotação do nascimento do Padre Francisco Machado Peixoto, dando-no como filho de Maria Rodrigues, solteira, e de outro Francisco Machado Peixoto, nascido na Quinta de Bairros, e filho de Luís Peixoto de Azevedo, filho, este último, de Dâmaso Peixoto de Azevedo, de alcunha “o cheiroso”, o qual, conforme a própria obra esclarece, sabe-se ter utilizado outros nomes, como a combinação dos sobrenomes Peixoto da Silva, e os apelidos Peixoto do Rio, alcunha que derivava de uma alusão à Quinta do Rio, pertencente a seus familiares⁷⁰.

de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso. Braga: Editora Oficinas Gráficas Pax, Tomo XXII, página 127, 1940.

⁶⁷ GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Ed. de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso. Braga: Editora Oficinas Gráficas Pax, Tomo XV, página 108, 1939.

⁶⁸ GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Ed. de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso. Braga: Editora Oficinas Gráficas Pax, Tomo XVIII, página 14, 1939.

⁶⁹ BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral; FARIA, Rui Jerónimo Lopes de. *Cantos e Rochas, de Guimarães, São Gens e Santana de Parnaíba*. Revista da ASBRAP. São Paulo, nº 21, p. 85-578, 2015.

⁷⁰ Idem.

Considerações Finais e Apanhado Geral dos Resultados da Pesquisa

Na conclusão, a ancestralidade de Gregório Francisco de Miranda, para além de capciosa, era uma verdadeira charada. Ao declarar seus parentes em Portugal, Gregório se preocupou, ao que tudo indica, em nomear quase toda a sua família com o sobrenome Miranda, apelido que eles detinham, mas que em realidade não usavam. É difícil de crer que o próprio Gregório não soubesse disto, considerando que seu pai, personalidade com quem ele conviveu, não utilizava o sobrenome “de Miranda”: ele era o Padre Francisco Peixoto, ou então Machado Peixoto, conforme declarações do próprio, de quando ele se candidatou para tomar ordens religiosas.

As origens de Gregório, conforme se depreende das várias oportunidades em que ele se manifestou, ora em requisições de privilégios, ora em manifestações de cunho social e político, também indicavam que ele efetivamente tivesse alguma parte na classe senhorial, e na velha nobreza rural, mas que acabou sendo reduzida, com o passar dos anos, ao patamar de pequena nobreza, ou então de simples aristocracia provincial, e não titulada.

De certa maneira, Gregório conhecia, até mesmo pela complexidade de suas origens, e pelas intrincadas circunstâncias de seu nascimento, como ativar, e como exercitar os atributos de diferenciação social de sua época, de forma a conduzi-los para si, buscando se enquadrar na chamada “Ley da Nobreza”, ou então para movimentar vaidades e preconceitos ao seu redor, e com isso obter algum ganho, senão o malefício de seus desafetos.

Gregório conhecia bem sobre o recurso da nobreza, e também sobre o discurso dela, pois nasceu em seu meio, ainda que em condições que lhe punham, ao mesmo tempo, em xeque quanto ao seu pertencimento à classe privilegiada: ele era filho espúrio, filho de mãe solteira, e parece que sem nobreza pelo lado materno.

A condição de Gregório era mista, e com isso, ele pôde sacar proveito do limbo em que nascera, para alavancar sua posição em uma terra onde as condições de seu nascimento não seriam bem conhecidas.

Nascido nas intersecções de seu tempo, e entrecortado por vários marcadores sociais conflitantes, Gregório compreendia as particularidades de cada um dos pontos intermediados por si: o do português imigrante, do comércio, e plebeu, com algo a esconder; e o do homem da classe senhorial, educado, e ocupante de encargos de comando ou de ofícios intelectuais.

Na medida em que vai exercitando, e em que ele vai discursando sobre

as suas narrativas de nobreza, Gregório vai fazendo uso de cada honraria que obtém, para com isso, se distinguir ainda mais, amealhando novas e maiores distinções, até o dia em que ele finalmente se justifica como nobre, e enfim consegue solidificar a própria posição na classe em que nasceram vários de seus antepassados, reconquistando essa posição, e contornando, assim, todos os “defeitos” de sua origem.

Não que a história verdadeira de Gregório fosse menos edificante, é certo ele foi um grande sobrevivente: mesmo em condições adversas, ele conseguiu ascender aos postos máximos a que pretendeu, e enquanto viveu foi intensamente celebrado.

Sheila de Castro Faria, em *A Colônia em Movimento*, sob páginas 81 e 217, relata que Gregório Francisco de Miranda foi padrinho 97 vezes em Campos, algo que o colocou como um dos maiores apadrinhadores daquelas vastas terras⁷¹. Esse expressivo número, por si só, demonstra a posição de alguém que poderia ser considerado como um benfeitor local, numa autêntica acomodação heril.

Mas para uma pessoa, em pleno século XVIII, que tinha nascido sob o signo da bastardia de tantos ancestrais, e como o fruto de uma relação sacrílega entre uma mulher solteira e um padre, a situação desse mesmo “Senhor” não era das melhores.

Nada obstante, Gregório conseguiu reverter tudo, construindo uma nova história para si, utilizando-se de inúmeras artimanhas discursivas sobre o que era ser “limpo”, ser nobre, ou um homem titulado em sua época, a ponto dele próprio, após muito dizer, e tanto praticar dentro desse espectro, ter se transformando numa referência inquestionável dessas mesmas narrativas e projeções, fazendo com que outros, sabedores de seus logros, passassem então a declarar, quase que de maneira uníssona, que nas partes de Campos, Gregório era a “*mais opulenta pessoa daqueles districtos, tanto em riqueza, como em respeito*”⁷².

⁷¹ FARIA, Sheila Siqueira de Castro. *A Colônia em Movimento: Fortuna e Família no Cotidiano Colonial*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, páginas 95 em diante, 1998.

⁷² Diligência de Habilitação Para a Ordem de Cristo de Gregório Francisco de Miranda, Letra G, Maço 6, Documento nº 26, Código de Referência PT/TT/MCO/A-C/002-007/0006/00026, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Fontes de Pesquisa

Cartório da Nobreza, Casa Real, Processo de Justificação de Nobreza Para Uso de Brasão de Armas de Gregório Francisco de Miranda e Seus Filhos Gregório Francisco de Miranda e D. Maria Gregória Francisca de Miranda, Maço 31, Documento nº 11, Código de Referência PT/TT/CR/D-A/004/0038/00011, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Diligência de Habilitação Para a Ordem de Cristo de Gregório Francisco de Miranda, Letra G, Maço 6, Documento nº 26, Código de Referência PT/TT/MCO/A-C/002-007/0006/00026, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Feitos Findos, Justificações de Nobreza, Autos Justificação de Nobreza de Gregório Francisco de Miranda, Maço 12, Documento nº 14, Código de Referência PT/TT/CCVC/004/0012/00014, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Inquirições de Genere, Inquirição de Genere de Francisco Peixoto e João Peixoto, Pasta 2615, Código de Referência PT/UM-ADB/DIO/MAB/006/02165, Arquivo Distrital de Braga.

Registro Geral de Mercês de D. Maria I, Alvará de Nomeação de Gregório Francisco de Miranda ao Foro de Cavaleiro Fidalgo, Livro 29, Folhas 380v., Código de Referência PT/TT/RGM/E/001/0029/99675, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Registro Geral de Mercês de D. Maria I, Carta de Concessão do Hábito de Cristo a Gregório Francisco de Miranda, Livro 11, Folhas 8, Código de Referência PT/TT/RGM/E/001/0011/122621, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Registro Geral de Mercês de D. Maria I, Carta de Profissão de Gregório Francisco de Miranda ao Hábito de Cristo, Livro 29, Folhas 145, Código de Referência PT/TT/RGM/E/001/0029/99502, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Registro Geral de Mercês de D. Maria I, Carta Patente de Gregório Francisco de Miranda no Posto de Capitão da Ordenança, Livro 7, Folhas 45v., Código de Referência PT/TT/RGM/E/001/0007/99499, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Registro Geral de Mercês de D. Maria I, Carta Patente de Gregório Francisco de

Miranda no Posto de Sargento-Mor da Ordenança, Livro 10, Folhas 286, Código de Referência PT/TT/RGM/E/001/0010/99500, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Requerimento de Gregório Francisco de Miranda e Mais Mercadores da Vila de São Salvador dos Campos dos Goitacazes ao Rei [D. José], Solicitando que Fosse Negado aos Lavradores que Fazem Pequenos Negócios de Açúcar a Baixo Preço em Suas Engenhocas, o Privilégio do Título de Senhores do Engenho, Pois Esta é Uma Fraude que Vem Arruinando a Economia Local, Caixa 111, Documento nº 15, Código de Referência PT/AHU/CU/017/0101/08707, Arquivo Histórico Ultramarino.

Processos de Patrimônio, Inquirição de Genere de Francisco Machado Peixoto, Pasta 29358, Código de Referência PT/UM-ADB/DIO/MAB/006/29358, Arquivo Distrital de Braga.

Referências Bibliográficas

BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral; FARIA, Rui Jerónimo Lopes de. *Cantos e Rochas, de Guimarães, São Gens e Santana de Parnaíba*. Revista da ASBRAP. São Paulo, nº 21, 2015.

BORREGO, Nuno Gonçalo Pereira. *Habilitações nas Ordens Militares: Séculos XVII a XIX: Ordem de Cristo A-Z*. Lisboa: Editora Guarda-Mor, 2008-2014.

FARIA, Sheila Siqueira de Castro. *A Colônia em Movimento: Fortuna e Família no Cotidiano Colonial*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

GAYO, Manuel José da Costa Felgueiras. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Ed. de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso. Braga: Editora Oficinas Gráficas Pax, Tomo XV, 1939.

_____. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Ed. de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso. Braga: Editora Oficinas Gráficas Pax, Tomo XVIII, 1939.

_____. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Ed. de Agostinho de Azevedo

Meirelles e Domingos de Araujo Affonso. Braga: Editora Tipografia Augusto Costa & Cia. Ltda., Tomo XIX, 1939.

_____. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Ed. de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso. Braga: Editora Oficinas Gráficas Pax, Tomo XXII, 1940.

_____. *Nobiliário de Famílias de Portugal*. Ed. de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso. Braga: Editora Oficinas Gráficas Pax, Tomo XXV, 1940.

LAMEGO, Alberto Frederico de Morais. *A Terra Goitacá: À Luz de Documentos Inéditos*. Vol. VI. Niterói: Editora Diário Oficial, 1943.

_____. *Brasões da Aristocracia Goitacá*. in Anuário do Museu Imperial. Vol. X. Petrópolis: Editora A Noite, 1949.

MIRANDA, Mário Aloísio Cardoso de. *O Cyclo das Gerações: Introdução a Um Nobiliário Fluminense*. Petrópolis: Editora Vozes, 1939.

MORAES, Maria Adelaide Pereira de. Velhas Casas V: Casa da Pousada - Freguesia de Azurém. *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães, Vol. XXVIII, 1977.

JOSÉ MONTEIRO FERRAZ DE SOUZA
(DESCENDÊNCIA DE JOÃO MONTEIRO FERRAZ E ANA GOMES DE SOUZA)
A ORIGEM DA FAMÍLIA MONTEIRO DE TOLEDO
CUNHA E REGIÃO

Décio Ferraz da Silva Júnior

***Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo descrever a genealogia do povoador português João Monteiro Ferraz com sua mulher Ana Gomes de Souza, pelo seu filho José Monteiro Ferraz de Souza, antigos moradores da Freguesia do Facão, da Cidade de Cunha e região.*

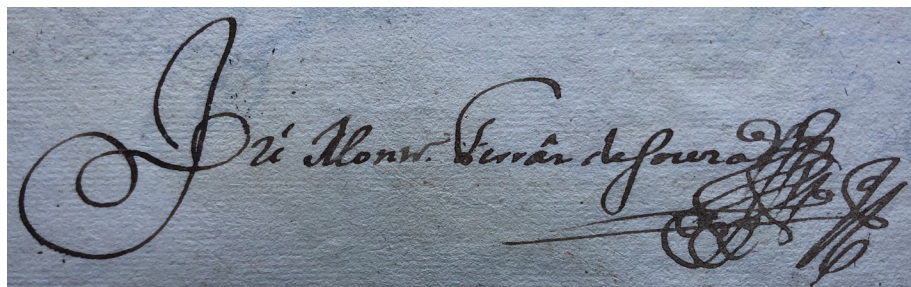
***Abstract:** The present study aims to describe the Portuguese settler João Monteiro Ferraz and his wife Ana Gomes de Souza's genealogy through their son José Monteiro Ferraz de Souza, former residents of Freguesia do Facão, from Cunha city and region.*

De todos os filhos do casal João Monteiro Ferraz e Ana Gomes de Souza nenhum seguiu tão à risca o modelo de compor a família quanto **JOSÉ MONTEIRO FERRAZ DE SOUZA**. Assim como seus pais, foi pródigo no estabelecimento da prole. Além de alguns filhos perdidos prematuramente, fato muito comum naqueles tempos, sua esposa deu à luz onze filhos que chegaram à vida adulta, quase todos usando o patronímico **TOLEDO** da mãe, alguns outros conjugando o nome de família do pai, **MONTEIRO**, o que fez surgir na vila a linhagem dos “**MONTEIRO DE TOLEDO**”, que ainda hoje se encontram vivendo na região. Por conta da enorme descendência – filhos, netos e bisnetos – dificilmente algum **TOLEDO** residente na região nos dias de hoje não faça parte deste tronco familiar.

JOSÉ MONTEIRO FERRAZ DE SOUZA não era o filho mais velho, posição que pertencia ao irmão Manuel Monteiro Ferraz, mas na prática foi aquele que exercia certa liderança familiar, quase sempre com a participação do irmão João Monteiro Ferraz, vereador na Câmara quando da instalação da vila. Diversos documentos registram sua atuação como procurador, avaliador de terras, tutor de órfãos, testamentário etc., muitos com a designação de

licenciado¹, termo empregado em vários contextos, mas para o caso **JOSÉ MONTEIRO FERRAZ DE SOUZA** pode indicar que tenha pretendido seguir a carreira eclesiástica, sendo educado na infância pelos padres que habitavam a vila.

A bela caligrafia evidencia que teve formação educacional mais esmerada, ao contrário dos demais irmãos e irmãs, pois era da tradição da época que as mulheres não fossem agraciadas com a educação formal, dedicando-se aos afazeres puramente domésticos.



(Fotografia retirada dos autos de cobrança - Caixa autos cíveis 02/1787 – Arquivo Museu Veloso)

Possuíam terras na paragem “Encruzilhada da Pedra Preta”, com casa de sobrado de telha, paiol, forno, estribaria e chiqueiro, todos cobertos de telhas, com cinco senzalas de palhas, com quatrocentos e cinquenta braças de canas, valos e cercados de madeiras; e outra sorte de terras no dito sítio com duzentas e noventa e seis braças de testada com $\frac{1}{4}$ de légua de sertão, partindo de um lado com o patrimônio da Boa Vista e por outro com Lourenço Monteiro Ferraz.

Sua mulher, **CATARINA MARIA DE TOLEDO SILVA**, foi parente de uma plêiade de sacerdotes da igreja: irmã do Padre Floriano da Silva Toledo, estudante do Convento de Santa Clara, Taubaté, SP, nascido na “Paragem da Boa Vista do Facão”, ordenado em 1750 mediante processo “*De Generes et Moribus*”

¹ O termo “licenciado” era utilizado na época colonial para se referir a determinada pessoa dando-lhe certo caráter distintivo. Para Marcelo do Amaral Bogaciovias, o termo se referia aquele cidadão que abandonava o sacerdócio ou não concluía o processo de habilitação sacerdotal, ganhando a alcunha de licenciado. Mas também se encontra o termo em referência a determinadas pessoas que exerciam alguma função profissional para a qual dependia de autorização da coroa, como advogado, cirurgião etc. Comungo da opinião de que este termo tinha um sentido mais amplo, vindo a ser utilizado tanto para uma situação quanto para outra.

perante a Cúria Metropolitana de São Paulo²; irmã do Padre Bonifácio da Silva Toledo, batizado na Freguesia do Facão, na data de 19-DEZ-1740, ordenado na Cúria Metropolitana de São Paulo em 1762. Ainda, sobrinha do Padre Timóteo Corrêa de Toledo, ordenado após a morte da esposa, Úrsula Isabel de Melo; prima do Padre Carlos Corrêa de Toledo (natural de Taubaté, SP, e falecido em Lisboa), filho daquele presbítero, que segundo Silva Leme participou da “conspiração mineira do Tiradentes. Julgados criminosos pela devassa que se procedeu, foram condenados: o 1.º à pena de morte na forca, comutada em degredo perpétuo em que faleceu; o 2.º (o padre Carlos) a partir para Lisboa onde devia ser punido³”, e seu irmão, o Padre Bento Cortez de Toledo, que por alguns anos o auxiliou no sacerdócio na Vila de São José, Cidade de Tiradentes, MG; Padre Antônio de Melo Freitas, depois Bispo Antônio de Santa Úrsula Rodovalho, e outros descritos por Carlos da Silveira⁴.

Seguindo a ordem cronológica do inventário do patriarca João Monteiro Ferraz (O Pai)⁵:

- 1(I) - MANUEL MONTEIRO FERRAZ;
- 2(I) - NARCISA MARIA DE OLIVEIRA;
- 3(I) - **JOSÉ MONTEIRO FERRAZ, que segue.**
- 4(I) - ANTÔNIO SOARES PEREIRA;
- 5(I) - FLORA JACINTA DE JESUS;
- 6(I) - LUCINDA PIMENTA DE OLIVEIRA;
- 7(I) - MARIA MONTEIRO FERRAZ;
- 8(I) - JOÃO MONTEIRO FERRAZ;
- 9(I) - TEODORA FRANCISCA DE OLIVEIRA;
- 10(I) - LOURENÇO MONTEIRO FERRAZ;
- 11(I) - ANA FRANCISCA DE OLIVEIRA;

² Neste processo uma das testemunhas, de nome Manuel Ferreira de Castilho, diz ter oitenta anos de idade e conhecer o avô materno do habilitando, João Vaz Cardoso, por ter certo parentesco com ele. Outra testemunha de nome Bernardo Teixeira de Azevedo diz conhecer o pai do habilitando há mais de trinta e dois anos, por “*elle dito Luiz da Silva andar no caminho da minas antes de se casar e ter tido com elle sua correlação e que sempre o conheceu por Eomem de bem*” – Habilitações Sacerdotais – vol. 1, 1750 – ACMSP.

³ LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, vol. 5. São Paulo: Duprat & Cia., 1903, pág. 547.

⁴ Rev. do Inst. Hist. Geográfico de São Paulo XXXI, págs. 96/97.

⁵ Inventário de João Monteiro Ferraz – Arquivo Museu Frei Galvão (MFG/AMG - Maço 11 - 1º Ofício).

12(I) - DOMINGOS MONTEIRO FERRAZ.

3(I) - **JOSÉ MONTEIRO FERRAZ DE SOUZA**, nascido por volta de 1729 e falecido na Vila de Cunha, SP, em 13-JUL-1814⁶, aos 85 anos de idade. Foi casado provavelmente na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, então Freguesia do Facão, com **CATARINA MARIA DE TOLEDO SILVA**, nascida na mesma freguesia por volta de 1737, filha de Luís da Silva Porto (nascido em 19-AGO-1690 e batizado na Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Sé da Cidade e Bispado do Porto, na data de 24-AGO-1690⁷) e s/m. Maria de Toledo Cortez ou Piza (natural de Taubaté, SP), casal fundador da Capela de Jesus, Maria e José, então Freguesia do Facão, hoje Igreja de São José da Boa Vista; n.p de Domingos da Silva e s/m. Maria Ferreira (naturais da Sé da Cidade e Bispado do Porto); n.m do Cap. João Vaz Cardoso (natural de São Paulo, SP), familiar do Santo Ofício e Juiz Ordinário e de Órfãos em Taubaté, SP, e s/m. Francisca de Freitas Cortes (natural de Taubaté, SP)⁸. Bisneta, pelo lado materno, dos casais: Cap. João Vaz Cardoso (ou da Cunha) e s/m. Ana Ribeiro Rodovalho // Amaro Gil Cortez e s/m. Mariana de Freitas⁹.

CATARINA MARIA DE TOLEDO SILVA lavrou testamento na Vila de Cunha, SP, na data de 12-ABR-1808, com Processo de Inventário aberto em 24-NOV-1808¹⁰, quando foram relacionados os seguintes filhos herdeiros:

- | | | |
|-----------------------------------|-------|------|
| 1(II) - JOSÉ MONTEIRO DE TOLEDO | | § 1° |
| 2(II) - MARIA ISABEL DE TOLEDO | | § 2° |
| 3(II) - MARIANA DA SILVA FERRAZ | | § 3° |
| 4(II) - MANUEL MONTEIRO FERRAZ | | § 4° |
| 5(II) - JOAQUINA ANTÔNIA DE JESUS | | § 5° |
| 6(II) - ANA JOSEFA DE TOLEDO | | § 6° |

⁶ Livro de Óbitos da Bocaina de 1804/1874 - fl. 39. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena - ACDL.

⁷ Livro de Batismo de Nossa Senhora da Assunção n. 08 de 1688/1692 - fl. 61. Arquivo Distrital do Porto - ADPRT.

⁸ COELHO, H. V. Castro. *Povoadores de São Paulo (Sebastião Gil)*. Revista da ASBRAP n° 20, São Paulo, 2014.

⁹ LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, vol. 5. São Paulo: Duprat & Cia., 1903, pág. 514.

¹⁰ Inventário de Catarina Maria de Toledo, CX 09/1808 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

- 7(II) - CATARINA MARIA DE TOLEDO § 7º
 8(II) - TEODORA MONTEIRO DE TOLEDO § 8º
 9(II) - FRANCISCA MONTEIRO DE TOLEDO § 9º
 10(II) - JOÃO MONTEIRO FERRAZ DE TOLEDO § 10
 11(II) - MARCELINA MARIA DE TOLEDO § 11

§ 1º

- 1(II) - **JOSÉ MONTEIRO DE TOLEDO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 12-JUN-1765, e falecido sem geração aos 45 anos, em 20-AGO-1809¹¹. Na lista das Ordenanças da Vila de Cunha, SP, de 1789, aparece com vinte e quatro anos, vivendo na companhia dos pais e irmãos. Porém, nas Ordenanças de 1791 consta como aleijado, algo que não era informado anteriormente. Talvez tenha sofrido algum acidente que o desabilitou. Recebeu a legítima materna de 83\$195 mil réis, mais o remanescente da terça, por disposição testamentária, no valor de 114\$125 mil réis, por conta da sua debilidade. (s.g)

§ 2º

- 2(II) - **MARIA ISABEL DE TOLEDO**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 29-NOV-1767¹², Freguesia do Facão, Vila de Guaratinguetá, SP, casada na Vila de Paraty, RJ, com seu primo em segundo grau de consanguinidade, **ANTÔNIO MONTEIRO FERRAZ**, falecido na Vila de Cunha, SP, em 30-MAR-1842, filho de André Rodrigues Cordeiro e s/m. Narcisa Maria de Oliveira; n.m de João Monteiro Ferraz e s/m. Ana Gomes de Souza. Bisneto, pelo lado materno, dos casais: Domingos Monteiro Ferraz e s/m. Maria Gomes (nats. de Mesão Frio, Portugal) // Manuel Soares Pereira (natural de Monção, Arcebispado de Braga) e s/m. Madalena Pimenta de Oliveira.

Com a morte da esposa, **ANTÔNIO MONTEIRO FERRAZ** se casou

¹¹ Livro de Óbitos da Bocaina de 1804/1874 - fl. 28v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹² Livro de Batismo de Cunha de 1766/1782 - fl. 09. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

novamente em local incerto com sua prima e cunhada **MARCELINA MARIA DE TOLEDO**, filha de José Monteiro Ferraz de Souza e s/m. Catarina Maria de Toledo Silva, com quem teve dois filhos, falecidos após o parto [vide item 11(II) abaixo].

ANTÔNIO MONTEIRO FERRAZ e sua mulher **MARIA ISABEL** foram inventariados conjuntamente¹³, dispendo entre os bens de raiz três áreas na sesmaria da Encruzilhada: uma delas testando com Itacuruçá até o sertão; a segunda correndo até o sertão com terras do finado Soares; e a terceira fazendo testada com a estrada que vai para a Vila de Paraty, RJ.

Filhos do primeiro casamento de **ANTÔNIO MONTEIRO**:

1(III) - **MANUEL MONTEIRO FERRAZ**, também chamado Manuel Jacinto, natural e batizado na Vila de Paraty, RJ, casado na Vila de Cunha, SP, em 2-AGO-1802¹⁴, com **MARIA JOSEFA PEREIRA DA SILVA**, filha do Cap. José Pereira da Silva e s/m. Rita Borges de Siqueira (falecida na Vila de Cunha, SP, em 20-JUN-1796¹⁵); n.p de Francisco Pereira de Souza (natural da Freguesia de Santo Tirso de Paramos, Porto), casado talvez na Vila de Paraty, RJ, com Marcelina Alves (Alvares) da Silva (natural de Paraty, RJ); n.m de João Borges dos Santos (natural de Ponte de Lima, Viana do Castelo) e s/m. Inês de Andrade e Silva (natural de Guaratinguetá, SP). Bisneta, pelo lado paterno, dos casais: João Alves de Oliveira e s/m. Teresa Pereira de Souza (casados na Igreja de Santo Tirso de Paramos, em 4-MAIO-1722¹⁶) // Manuel Alvares (Alves) Vieira (natural de São Paulo, SP) e s/m. Clara Maria do Amaral (natural de São Sebastião, SP)¹⁷.

2(III) - **MARIA ZELINDA DE TOLEDO**, inventariada com o nome de Maria Zelinda de Siqueira, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 1-JUL-1787, casada na Vila de Cunha, SP, em 2-JUN-1806¹⁸, com **JOAQUIM GOMES DE**

¹³ Inventário de Antônio Monteiro Ferraz - CX 25/1842 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

¹⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1773/1803 - fl. 86. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena - ACDL.

¹⁵ Data de óbito extraída dos Autos de Inventário de Rita Borges, CX 03/1796 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

¹⁶ Livro Misto Batismo/Casamento/Óbito de Paramos n. 03 de 1719/1741 - fl. 105v - Arquivo Distrital de Aveiro - ADAVR

¹⁷ Os pais de Marcelina Alves da Silva constam de seu testamento, juntado às fls. 69/74v. do Inventário, CX 09/1808 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

¹⁸ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 15v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena - ACDL.

SIQUEIRA¹⁹, filho de pais incógnitos. Era soldado auxiliar vivendo a favor nas terras do casal, Tenente Tomé Gomes de Siqueira e s/m. Isabel Galvão de França, o que pode indicar um possível parentesco, mesmo que não revelado no inventário deste militar das ordenanças.

O casal possuía uma morada com quintal na vila, pegada ao Capitão Vitoriano Manuel de Andrade e do outro lado com o Beco do Sabão defronte a Matriz. Moradores no sítio do Bugio, com 40 braças de terras de testada com ½ légua de sertão partindo da dita testada com terras do Sargento-Mor Teodoro José Barroso dos Reis e terras do finado Alferes José Galvão de Siqueira; e os fundos com terras do finado Alferes José Vieira dos Santos; e terras da finada Dona Teodora Maria de Siqueira e por outro lado ½ légua do sertão com terras do dito Sargento-Mor Teodoro José Barroso dos Reis; e por outro lado com terras do órfão Joaquim, terras estas que foram do mesmo sítio, sendo quatrocentos e quarenta braças; ou o que se achar entre as divisões mencionadas no sítio, propriedade que possivelmente era o destino de Joaquim quando fora atacado e assassinado pelo escravo Antônio. Foram pais de cinco filhos, segundo inventário materno²⁰, herdeiros de terras na “Nesga do Soares”:

- 1(IV) - **ANTÔNIO JOAQUIM GOMES**, falecido solteiro na Vila de Cunha, SP, com bens partilhados no inventário²¹ entre os irmãos. (s.g)
- 2(IV) - **JOSÉ MANUEL DE TOLEDO**, também chamado José Manuel Gomes de Toledo, falecido na Vila de Cunha, SP, em 15-JUN-1855. Declarou em testamento, aberto em 16-JUN-1855²², ser solteiro, natural da Vila de Cunha, SP, filho legítimo dos finados Joaquim Gomes de Siqueira e sua mulher Maria Zelinda de Toledo, instituindo como seus únicos herdeiros cinco filhos naturais havidos com **RITA EUGÊNIA DE SOUZA**. Também reconheceu outros três filhos mais velhos que teve provavelmente com **MARIA JOAQUINA**,

¹⁹ Joaquim Gomes de Siqueira teve um fim trágico, assassinado brutalmente pelo escravo Antônio, pertencente ao Alferes Nuno da Silva Reis, condenado à morte por enforcamento em 1844 - Gazeta dos Tribunais de 22 de agosto de 1845, n. 252, pág. 4.

²⁰ Inventário de Maria Zelinda de Siqueira, CX 27/1845 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

²¹ Inventário de Antônio Joaquim Gomes - CX 33-A/1854 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

²² Inventário de José Manuel Gomes de Toledo, CX 33-A/1855 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

talvez escrava do Capitão Bonifácio Pereira de Toledo, residentes no Bairro do Macuco.

Filhos com **MARIA JOAQUINA**:

- 1(V) - **BENEDITO JOSÉ DE TOLEDO**, batizado na Matriz de Nossa da Conceição, em 2-OUT-1842²³.
- 2(V) - **LAUREANA MARIA DA CONCEIÇÃO**, casada com **MANUEL CLAUDINO DE ALMEIDA**²⁴, com sessenta anos de idade na Lista de Votantes de 1890 (falecido em 1-JUN-1902), filho de José Claudino de Almeida e s/m. Justina Maria da Conceição. Conforme registro de óbito de uma das filhas, o casal não contraiu núpcias, tanto no religioso como no civil. Foram pais de: Benedito Manuel de Toledo; Crescência Maria da Conceição c.c José Bento Pereira; Virgínia c.c Benedito José da Silva; Benedita Maria Rosa c.c João José da Silva; Maria Justina da Conceição c.c Camilo dos Santos; João Claudino de Almeida; Antônio Claudino de Almeida; Maria das Dores c.c Teodoro José Vaz.
- 3(V) - **FORTUNATA MARIA DO NASCIMENTO**, casada na Cidade de Cunha, SP, em 20-FEV-1860²⁵, com **JOSÉ RODRIGUES DA SILVA**, filho de pai incógnito e de Úrsula Maria. Neste assento de casamento a mãe da noiva é registrada como Maria.

Filhos com **RITA EUGÊNIA DE SOUZA**:

- 4(V) - **JOSÉ MANUEL GOMES DE TOLEDO**, vulgo José Manuel Gomes, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em

²³ Certidão de Batismo juntada às fls. 86 (Liv. 6, fls. 54v.) do Inventário José Manuel Gomes de Toledo - CX 33-A/1855 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

²⁴ Filho de José Claudino de Almeida – Lista de Votantes da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Cunha de 1847 - DAESP.

²⁵ Certidão de Casamento juntada às fls. 78 (Liv. 5, fls. 93) do Inventário José Manuel Gomes de Toledo - CX 33-A/1855 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

27-SET-1846²⁶, casado na Cidade de Cunha, SP, em 26-NOV-1866, em segundo grau de consanguinidade em linha transversal igual, com **ANA MARIA ROSA**, filha de Francisco Rodrigues Rosa e s/m. Maria Benedita das Dores (ou do Carmo)²⁷. Filhos, conforme inventário do marido²⁸: Maria Rosa; José Manuel Gomes de Toledo c.c Amália Maria da Glória²⁹; Minervina; e Ana Maria.

5(V) - **LUÍS**.

6(V) - **MARIA DAS DORES DE TOLEDO** (falecida em 2-MAR-1876), casada na Cidade de Cunha, SP, em 23-MAIO-1865, com seu primo em segundo grau de consanguinidade, em linha lateral igual, **JOAQUIM JOSÉ VAZ**, filho natural de Antônia Joaquina³⁰. Tiveram, ao menos, os filhos: Joaquina; Teodoro; Francisca; e Minervina.

7(V) - **JOÃO**.

8(V) - **MARIA ROSA**.

3(IV) - **LUÍSAMARIA DE TOLEDO**, casada na Vila de Cunha, SP, em 9-JUL-1827³¹, com **ANTÔNIO JUSTINO MONTEIRO SILVA**, nascido na data de 17-FEV-1809 e batizado na Igreja de Nossa Senhora da Candelária do Rio de Janeiro, em 12-MAR-1809³², e inventariado

²⁶ Certidão de Batismo (Liv. 8, fls. 159) juntada nos autos do Inventário de José Manuel Gomes de Toledo - CX 33-A/1855 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

²⁷ A consanguinidade dos noivos sugere que Francisco Rodrigues Rosa ou Maria Benedita das Dores pode ser irmão ou irmã de Maria Joaquina.

²⁸ Inventário de José Manuel Gomes de Toledo - CX 33-A/1855 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

²⁹ Casados na Cidade de Cunha, SP, na data de 23-AGO-1898 - Registro número 29, fls. 85/85v, Livro n. 02 (1895/1899), Registro Civil de Matrimônio de Cunha, In: www.familysearch.org. A esposa consta em sua certidão de batismo como Amélia.

³⁰ Também neste caso, por conta do parentesco dos noivos, suponho que esta Antônia Joaquina seja irmã de Maria Joaquina, mãe de alguns filhos naturais de José Manuel de Toledo, possivelmente ex-escravas do Capitão Bonifácio Pereira de Toledo.

³¹ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 116. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena - ACDL.

³² Livro de Batismo de Nossa Senhora da Candelária de 1800/1809 - fls. 213. Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro - ACMRJ. Foram padrinhos o Coronel Antônio José de Macedo e sua mulher Maria Francisca de Novais Fonseca.

na Cidade de Cunha, SP, em 3-FEV-1872³³, filho do Alferes José Monteiro Silva³⁴ (batizado na Freguesia do Facão, em 25-JUL-1761³⁵) e s/m. Francisca Isabel da Conceição (nascida por volta de 1774 e falecida na Vila de Cunha, SP, em 29-JAN-1813³⁶), casados na Igreja de Nossa Senhora da Candelária, em 30-NOV-1794³⁷; n.p de Antônio Monteiro Silva e s/m. Eugênia Francisca de Gouveia, moradores no bairro da Pedra Branca; n.m de João Monteiro Silva (Capitão do Regimento de Infantaria de Milícias em 1798 e Comandante da Guarda Nacional em 1810³⁸) e s/m. Clara Maria dos Santos; n.m do Capitão José dos Santos Souza e s/m. Zeferina Francisca de Gouveia.

O casal residiu no bairro do Bugio, provavelmente nas terras que foram dos pais da mulher, das quais se inventariou, anos mais tarde, uma sorte de terras de 352 braças de testada com meia légua de sertão, com benfeitorias, mais uma parte de terras na “Nesga do Soares”. Pais de:

1(V) - **JOÃO PROCÓPIO MONTEIRO SILVA**, com vinte dois anos na Lista³⁹ de Eleitores da Vila de Cunha, SP. Foi Major da Guarda Nacional do Corpo de Reserva do Município de Caldas, MG, casado com **HENRIQUETA AMÉLIA MONTEIRO SILVA**, falecida na Cidade de Poços de Caldas, MG, em 10-FEV-1879 (O Cunhense de 16-MAR-1879, pág. 01).

2(V) - **TEOLINDA CELCIA DA ROCHA BARRETO**, casada na Vila de Cunha, SP,

³³ Inventário de Antônio Justino Monteiro Silva - CX 46-A/1872 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

³⁴ José Monteiro Silva foi estudante de língua latina na Cidade de São Paulo, submetendo-se a processo “De Genere et Moribus” perante a Cúria Metropolitana de São Paulo no ano de 1792, sem, contudo, concluí-lo – (Est. 03, Gav. 75, n. 1972 – ACMSP).

³⁵ Livro de Batismo de Cunha de 1755/1771 – fl. 34. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁶ Inventário de Francisca Isabel da Conceição CX 11/1813 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

³⁷ Livro de Casamento de Nossa Senhora da Candelária de 1782/1809 – fl. 146. Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro – ACMRJ.

³⁸ Livro Mestre Reg. Infantaria de Milícias da Vila de Cunha, SP, de 1798/1882 – cód. C00447 – DAESP.

³⁹ Qualificação dos Cidadãos Votantes no ano de 1876 – Fundo Secretaria do Interior - CO5769 – DAESP.

em 13-OUT-1854⁴⁰, com **LUÍS ALVES DA ROCHA BARRETO** (natural de Paraty, RJ), filho de Joaquim Alves da Silva Barreto e s/m. Policena Bernarda da Rocha. **TEOLINDA CELCIA DA ROCHA BARRETO** faleceu na Cidade de Cunha, SP, onde lavrou testamento, em 22-OUT-1874⁴¹, declarando ser casada e sem filhos.

3(V) - **MARIA JUSTINA CELCIA**, casada na Cidade de Cunha, SP, em 11-JAN-1873⁴², com **MANUEL DA SILVA MAIA TORRES** (natural de Paraty, RJ), Secretário da Câmara Municipal, professor de primeiras letras, filho de Antônio da Silva Maia Torres Mendaque e s/m. Maria Vitória Pereira de Araújo.

4(V) - **MARIA DAS DORES DO MONTE CARMELO**, casada na Vila de Cunha, SP, em 5-FEV-1853⁴³, com **JORGE ANTÔNIO DE LORENA**, filho de Antônio José de Lorena e s/m. Eugênia Francisca de Gouveia, casados na Vila de Cunha, SP, em 16-JAN-1818⁴⁴; n.p exposto ao Comendador Antônio José de Macedo Sampaio; n.m do Alf. Antônio Cândido dos Santos e s/m. Maria Francisca de Gouveia. **MARIA DAS DORES DO MONTE CARMELO** teve uma filha de pai incógnito, nascida em 13-NOV-1875⁴⁵, provavelmente no estado de viúva.

4(IV) - **MARIA JOSÉ DAS DORES**⁴⁶, também chamada

⁴⁰ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 86. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴¹ Inventário de Teolinda Celcia da Rocha Barreto - CX 77/1907 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁴² Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 65. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴³ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 137. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 66v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Parentesco em quarto grau misto ao terceiro de consanguinidade.

⁴⁵ Livro de Registro Civil de Nascimento de Cunha n. 01 de 1875/1877, pág. 11, In: www.familysearche.org.

⁴⁶ Inventariada com o nome de Maria das Dores de Siqueira, CX 68-A/1895 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

Maria das Dores Gomes de Siqueira, casada na Vila de Cunha, SP, em 11-JUL-1839⁴⁷, com seu parente em 4ª grau de consanguinidade, **ANTÔNIO XAVIER FREIRE** (natural de São Paulo, SP), filho natural do Padre Antônio Galvão Freire (natural de Guaratinguetá, SP) com Valeriana Maria Veloso (natural de São Paulo, SP); n.p do Alferes Francisco Nabo Freire e s/m. Francisca Xavier de França; n.m do Capitão José Antônio da Silva Coelho (natural de Portugal) e s/m. Maria da Conceição Veloso (natural de São Paulo, SP).

ANTÔNIO XAVIER FREIRE foi sacristão na Igreja de Nossa Senhora da Conceição por longos anos, atuando junto ao pároco da matriz, seu próprio pai. Mais tarde, por volta de 1835, listado na 2ª Companhia, fogo 31, já se encontrava atuando como negociante de fazenda seca e solteiro. Membro do Partido Conservador, Juiz Municipal, Presidente da Câmara Municipal de Cunha⁴⁸, SP, onde faleceu na data de 11-JAN-1856, contando com os seguintes herdeiros, conforme testamento⁴⁹:

1(V) - **ANTÔNIO GALVÃO DE FRANÇA FREIRE**, filho natural reconhecido em testamento, exposto à Isabel Cardoso Leite e criado na casa da tia Ana Xavier de França. Foi casado na Vila de Cunha, SP, em 17-JAN-1855⁵⁰, com **FELICIANA MARIA DA ANUNCIAÇÃO** (falecida em 7-MAR-1876), filha do Major Antônio da Silva Guimarães e s/m. Feliciano Perpétua Felicidade, casados na Vila de Cunha, SP, em 30-JAN-1836; n.p do Sargento-Mor Francisco Lourenço Guimarães e

⁴⁷ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 05v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁸ Carlos Eugenio Marcondes de Moura tomou o pai pelo filho homônimo ao afirmar que Antônio Xavier Freire foi Comendador da Ordem da Rosa e Deputado Provincial em 1872/1873 – 19ª Legislatura – 2º Distrito – 275 votos, quando na verdade o fora o Ten. Antônio Xavier Freire, também redator e proprietário do Jornal “O Cunchense”, Promotor Público e Oficial do Registro Civil de Guaratinguetá, onde veio a falecer em 1913 - Os Galvão de França no Povoamento de S. Antônio de Guaratinguetá (1733/1972), 2ª Edição – 1973, 2ª. Parte – pág. 304.

⁴⁹ Antônio Xavier Freire lavrou testamento na Vila de Cunha, SP, em 11-JAN-1856, dispondo ser natural de São Paulo, filho natural do Rev. Padre Antônio Galvão Freire (falecido) e Valeriana Maria Veloso, esta solteira e aquele no estado de secular (CX 35/1856).

⁵⁰ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 84. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

s/m. Maria Francisca dos Reis; n.m do Capitão Manuel José da Silva e s/m. Maria Rosa da Anunciação. Pais de: Antônio Soter de França Freire (falecido em 15-FEV-1933)⁵¹; Jaime Augusto de França Freire c.c Dalila Augusta Querido França; Otília Antonieta (Maria) da Anunciação França c.c Joaquim Gomes dos Santos Pinto; Maria José de França c.c Manuel Rodrigues da Silva.

- 2(V) - **ANTÔNIO XAVIER FREIRE**, com onze anos no inventário do pai em 1856, Comendador, redator e proprietário do Jornal “O Cunhense”, Promotor Público e Oficial do Registro Civil de Guaratinguetá, SP, onde veio a falecer em 1913, casado na Cidade de Cunha, SP, em 30-NOV-1865⁵², com sua prima, em segundo grau de consanguinidade, **MARIA DAS DORES DE SIQUEIRA** (falecida em 10-SET-1895), inventariada como Maria das Dores de Siqueira Freire⁵³, filha de Joaquim José de Toledo e s/m. Ana Maria de França; n.p de Joaquim Gomes de Siqueira e s/m. Maria Zelinda de Toledo; n.m de Manuel Gomes de Siqueira (ou Oliveira) e s/m. Francisca Xavier de França. Foram pais de, ao menos: José Xavier Freire c.c Ana Maria Cornetti; Eliza Xavier Freire c.c João Moreira Querido; Otávio Xavier Freire c.c Maria Augusta de Oliveira Braga; Maria José Xavier Freire c.c João Moreira Querido.
- 3(V) - **JOÃO CARLOS FREIRE**, professor e tabelião, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 11-NOV-1846, casado

⁵¹ Antônio Soter de França Freire reconheceu em vida os cinco filhos tidos em estado de solteiro com Maria Benedita da Silva Ferreira: Demerval de França Freire; Feliciano de França Freire; Ciro de França Freire; Leonilda de França Freire; e Maria José de França Freire, conforme Escritura Pública juntada nos autos do Inventário de Demerval de França Freire, CX 103/1933 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁵² Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 137v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁵³ Inventário de Maria das Dores de Siqueira Freire, CX 68-A/1875 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

na Cidade de Cunha, SP, em 8-JAN-1866⁵⁴, com sua prima, **MARIA JOSÉ DO AMOR DIVINO**, também chamada Maria José de Carlos Freire, falecida na Cidade de Cunha, SP, em 5-MAR-1879, filha de Generoso Celestino de Carvalho e s/m. Mariana Rosbela de Oliveira; n.p do Tenente Antônio José de Carvalho e s/m. Francisca Monteiro de Toledo; n.m de João Pimenta de Oliveira e s/m. Joaquina Felícia de Oliveira. Pais de, conforme inventário materno⁵⁵: Crisanto Carlos Freire c.c Eulâmpia Leonina de Carlos Freire; Antônio; e Adelaide (falecida na infância). **JOÃO CARLOS FREIRE** se casou, em segundas núpcias, na Cidade de Cunha, SP, em 24-JAN-1880⁵⁶, com **MARIA DA GLÓRIA VIEIRA**, exposta à Herculano José Vieira.

5(IV) - **JOAQUIM JOSÉ DE TOLEDO**, casado na Vila de Cunha, SP, em 27-SET-1846⁵⁷, com **ANA MARIA DE FRANÇA**, filha de Manuel Gomes de Siqueira (ou Oliveira) e s/m. Francisca Xavier de França; n.p de João Gomes de Siqueira e s/m. Francisca Maria de Oliveira; n.m do Padre Antônio Galvão Freire (natural de Guaratinguetá, SP), cuja maternidade não se conhece. Pais de, ao menos:

1(V) - **MARIA DAS DORES DE SIQUEIRA**, casada com **ANTÔNIO XAVIER FREIRE** (vide 4(IV), 2(V) acima).

2(V) - **JOÃO JOSÉ DE TOLEDO**, batizado em 18-MAR-1855.

3(III) - **JOSÉ ALVES DE ARAÚJO MONTEIRO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 8-AGO-1788.

4(III) - **ANTÔNIO JOAQUIM MONTEIRO**, batizado na Matriz

⁵⁴ Livro de Casamento de Cunha 1838/1870 - fl. 51v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁵⁵ Inventário de Maria José Carlos Freire, CX 54/1879 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁵⁶ Certidão de fls. 41 dos autos de Inventário de Maria José Carlos Freire, CX 54/1879 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁵⁷ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 32v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

de Nossa Senhora da Conceição, em 15-OUT-1789, contraiu matrimônio com **FLORENCIA MARIA DO ESPÍRITO SANTO**, também chamada de Florência Maria de Jesus ou Florência Belinda, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Cunha, em 19-MAIO-1813, filha do Alferes Antônio Ferraz de Oliveira e s/m. Rita Maria Angélica; n.p João Monteiro Ferraz e s/m. Antônia da Silveira e Souza; n.m de João Monteiro Silva e s/m. Clara Maria dos Santos⁵⁸.

5(III) - **JOAQUIM MONTEIRO FERRAZ**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 5-MAIO-1793.

6(III) - **ANA JOSEFA DO ESPÍRITO SANTO**, chamada de Ana Josefa de Toledo entre outras formas, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 1-NOV-1794, e falecida em 18-FEV-1857, casada, a primeira vez, na Vila de Cunha, SP, em 1-DEZ-1812⁵⁹, com **FRANCISCO GERMANO CORDEIRO**, chamado de Germano Cordeiro ou Francisco Germano Cortez, falecido na Vila de Cunha, SP, em 9-JAN-1843⁶⁰, filho de André Rodrigues Cordeiro e s/m. Narcisa Maria de Oliveira; n.m de João Monteiro Ferraz e s/m. Ana Gomes de Souza.

Foram moradores, possivelmente, no Bairro de Itacuruçá, nas terras que **FRANCISCO GERMANO CORDEIRO** partilhou entre seus herdeiros, perfazendo trezentas e dezoito braças de terras de testada com uma morada de casas de vivendas com suas benfeitorias, inclusive um pedaço de valho, porteira, arvoredos, monjolo de telha, paiol, com $\frac{1}{4}$ de sertão, partindo a testada com o Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo, ao sertão de um lado com Marcelina de Toledo Silva e de outro lado com Joaquina Felícia.

Com a morte do marido, **ANA JOSEFA** se casou novamente na Vila de Cunha, em 4-FEV-1854⁶¹, usando o nome de **ANA FRANCISCA DO ESPÍRITO SANTO**, com seu primo, **ALF. JOÃO MONTEIRO FERRAZ**, falecido na Cidade de Cunha, SP, aos 85 anos de idade, em 17-JUL-1862, filho

⁵⁸ SILVA JÚNIOR, Décio Ferraz. *O Casal – Alferes Antônio Ferraz de Oliveira/Rita Maria Angélica dos Santos – Por sua filha Florência Maria do Espírito Santo (Alguns “Gouveias”, “Campos” e “Pereiras da Silva”)*. Revista da ASBRAP n.º 28, São Paulo, 2021.

⁵⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 41. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁶⁰ Inventariado com o nome de Germano Cordeiro, CX 26-A/1843 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁶¹ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 72v/73. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

de João Monteiro Ferraz e s/m. Antônio da Silveira e Souza. Neste assento matrimonial não consta qualquer impedimento, mas nos arquivos eclesiásticos da Cúria Metropolitana de São Paulo encontra-se o processo de dispensa em que os contraentes são declarados impedidos em primeiro grau de afinidade por cópula ilícita em linha transversal e no impedimento espiritual duplicado de ‘comaternidade’.

Despacho:

“P.P a V. Exa. Rma. Se digne por seu venerando despacho conceder-lhes as dispensas dos referidos impedimentos, e igualmente dos Proclamas; permitindo igualmente que elles se recebam de noite porq̃ pela sua idade tem vexame; e cumprindo alguma penita depois de casados. Comutando as publicas em alguma quantia para a caixa pia. Para o q. esperão que se lhe passe a compe Porta”

Filhos, unicamente do primeiro casamento de **ANA JOSEFA** com **FRANCISCO GERMANO**:

1(IV) - **MANUEL JOSÉ MONTEIRO**, com trinta e oito anos na Lista de Votantes de 1847⁶², também chamado Manuel José Monteiro Germano ou Manuel Germano Monteiro ou Germano Monteiro, entre outras formas, casado na Vila de Cunha, SP, em 18-ABR-1837⁶³, em quarto grau misto ao terceiro de consanguinidade, com **GENOVEVA FRANCISCA DE TOLEDO** (falecida em 28-JUL-1874), ou Genoveva (ou Generosa) Maria de Toledo, filha do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo (natural de Cunha, SP) e s/m. Mariana Francisca (ou Joaquina) de Oliveira (falecida em 6-JAN-1853), casados na Vila de Cunha, SP, em 24-JUN-1799⁶⁴, moradores no Sítio da Roseira, no Bairro da Vargem; n.p de Francisco Pereira de Carvalho (natural da Freguesia de Paramos, termo da Feira, Bispado do Porto, Portugal) e s/m. Francisca Joaquina de Toledo Silva; n.m do Alferes Antônio Alves de Oliveira e s/m. Maria Antônia da Silva.

Bisneta, pelo lado paterno, dos casais: João Antônio de

⁶² Lista dos Cidadãos Alistados e Eliminados por Reclamações e Denúncias na Presente Sessão de 1847 – Fundo Secretaria do Interior – CO5769 – DAESP.

⁶³ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 169v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁶⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1778/1803 - fl. 76v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Bonifácio Pereira de Toledo se casou usando o patronímico do avô materno Luís da Silva Porto, mas sempre assinou e foi inventariado como Toledo.

Carvalho e s/m. Maria Pereira // Luís da Silva Porto (n. em 19-AGO-1690 e batizado na Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Sé da Cidade e Bispado do Porto, na data de 24-AGO-1690⁶⁵) e s/m. Maria de Toledo Cortez (natural de Taubaté, SP); bisneta, pelo lado materno, dos casais: José Alves (ou Alvares) de Oliveira (natural da Freguesia de Paramos, termo da Feira, Bispado do Porto) e s/m. Margarida da Silva do Amaral (casados na Vila de Paraty, RJ, em 22-SET-1732) // Manuel Antônio da Silva e s/m. Rita Nunes da Silva.

Com a morte da esposa, **MANUEL JOSÉ MONTEIRO** se casou novamente na Cidade de Cunha, SP, com **ANA MARIA DA CONCEIÇÃO**.

Do primeiro casamento de **MANUEL GERMANO CORDEIRO** com **GENOVEVA FRANCISCA DE TOLEDO**, segundo autos da Partilha Amigável⁶⁶:

1(V) - **MARIA DAS DORES**, casada na Vila de Cunha, SP, em 25-FEV-1854⁶⁷, em segundo grau de consanguinidade, em linha transversal, com **FLORIANO MONTEIRO DE TOLEDO**, filho Francisco Monteiro de Toledo e s/m. Francisca Joaquina de Oliveira; n.p de José Monteiro Ferraz de Souza e s/m. Catarina Maria de Toledo Silva; n.m de Francisco Pereira de Carvalho (natural da Freguesia de Paramos, termo da Feira, Bispado do Porto) e s/m. Dona Francisca Joaquina de Toledo Silva (batizada na Capela de Jesus, Maria e José em 20-MAIO-1744⁶⁸, Freg. do Facão). (s.g)

2(V) - **MARIANA MARIA DE JESUS** ou Mariana Francisca de Toledo, casada na Cidade de Cunha, SP, em 11-FEV-1866⁶⁹, com seu

⁶⁵ Livro de Batismo de Nossa Senhora da Assunção n. 08 de 1688/1692 - fl. 61. Arquivo Distrital do Porto – ADPRT.

⁶⁶ Partilha Amigável de Genoveva Maria de Jesus, CX 55-A/1880 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁶⁷ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 78. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁶⁸ Livro de Batismo de Guaratinguetá de 1740/1749 - fl. 40v. Arquivo da Cúria Diocesana de Aparecida – ACDA.

⁶⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 93. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

cunhado e primo em segundo grau, em linha lateral igual de consanguinidade, **FLORIANO MONTEIRO DE TOLEDO**, filho de Francisco Monteiro de Toledo e s/m. Francisca Joaquina de Oliveira; n.p de José Monteiro Ferraz de Souza e s/m. Catarina Maria de Toledo Silva; n.m de Francisco Pereira de Carvalho (natural da Freguesia de Paramos, termo da Feira, Bispado do Porto, Portugal) e s/m. Dona Francisca Joaquina de Toledo Silva (batizada na Capela de Jesus, Maria e José da Boa Vista, em 20-MAIO-1744⁷⁰, Freguesia do Facão). O casal já estava falecido no inventário do irmão Egídio José Monteiro, herdando os bens a filha/sobrinha, Maria José de Toledo, casada com José Joaquim Germano Monteiro. (13(III), 7(IV), 1(V) abaixo)

- 3(V) - **TEODORA MARIA DA CONCEIÇÃO**, casada com seu tio, **FIRMINO JOSÉ MONTEIRO**, falecido na Cidade de Cunha, SP, em 3-DEZ-1906⁷¹, filho de Francisco Germano Cordeiro, também chamado de Germano Cordeiro, e s/m. Ana Josefa do Espírito Santo, chamada Ana José de Toledo, entre outras formas. Tiveram um único filho de nome José Francisco Monteiro, conforme inventário.
- 4(V) - **MARIA EUFRÁSIA DE TOLEDO**, também chamada Eufrásia Maria de Jesus ou Conceição (falecida em 10-MAIO-1914), casada na Cidade de Cunha, SP, em 11-NOV-1871⁷², com seu primo, em segundo grau, em linha lateral igual de consanguinidade, **JOAQUIM ANTÔNIO PEREIRA**, também chamado Joaquim Antônio

⁷⁰ Livro de Batismo de Guaratinguetá de 1740/1749 - fl. 40v. Arquivo da Cúria Diocesana de Aparecida – ACDA.

⁷¹ Inventário de Firmino José Monteiro, CX 77/1907 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁷² Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 129v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

de Toledo, filho de Antônio Bonifácio Pereira⁷³ (e/ou Toledo) e sua segunda mulher Teodora Zelinda de Oliveira; n.p do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo (natural de Cunha, SP) e s/m. Mariana Francisca (ou Joaquina) de Oliveira (natural e falecida em Cunha, SP, em 6-JAN-1853), casados na Vila de Cunha, SP, em 24-JUN-1799⁷⁴, moradores no sítio da Roseira, bairro da Vargem; n.m de Francisco Pinto dos Santos (natural da Freguesia de São Cosme, Bispado do Porto) e s/m. Dona Teodora Maria de Siqueira.

Bisneto, pelo lado paterno, dos casais: Francisco Pereira de Carvalho (natural da Freguesia de Paramos, termo da Feira, Bispado do Porto, Portugal) e s/m. Dona Francisca Joaquina de Toledo Silva // Alferes Antônio Alves de Oliveira e s/m. Maria Antônia da Silva; bisneto, pelo lado materno, dos casais: Luís Pinto dos Santos (natural de Portugal) e s/m. Caetana de Jesus // José Gomes da Mota (natural da Freguesia de Arrifana de Sousa – Atual Cidade de Penafiel, Bispado do Porto) e s/m. Catarina Gomes de Siqueira (natural de Cunha, SP), casados na Capela de Nossa Senhora da Conceição do Facão, em ABR-1746⁷⁵. (s.g)

5(V) - **HONÓRIO JOSÉ MONTEIRO**, casado na

⁷³ Antônio Bonifácio Pereira foi casado a primeira vez com Maria Cândida de Campos ou Toledo (falecida em 12-JAN-1836), com quem teve um filho de nome Bonifácio Pereira de Campos, que se casou três vezes: a primeira com Beralda Maria de Jesus; depois com Feliciano Maria Lúcia; a terceira com Teodora Maria Lúcia. A segunda vez com Teodora Zelinda de Oliveira (Inventário CX 67/1893): Eufrásia Maria de Conceição c.c Manuel Monteiro de Toledo; Maria Teodora da Soledade c.c José Lino de Toledo; José Bonifácio Pereira de Toledo c.c Ledoina Justina (Justiniana) de Oliveira; Mariana Joaquina da Conceição c.c Honório Monteiro de Toledo; Manuel Bonifácio Pereira (ou Toledo); Joaquim Antônio Pereira; e Antônio Bonifácio Pereira.

⁷⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1778/1803 - fl. 76v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Bonifácio Pereira de Toledo se casou usando o patronímico do avô materno Luís da **Silva** Porto, mas sempre assinou e foi inventariado como Toledo.

⁷⁵ Livro de Casamento de Guaratinguetá de 1737/1769 – fl. 51. Arquivo da Cúria Diocesana de Aparecida – ACDA. Ele filho de Antônio Gomes e s/m. Maria Ferreira; ela filha de José Gomes de Gouveia e s/m. Maria Nunes de Siqueira.

Cidade de Cunha, SP, em 29-JAN-1873⁷⁶, com **MARIA BENEDITA DA CONCEIÇÃO**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na data de 25-MAIO-1857, filha de Manuel Correia de Castilho e s/m. Maria Francisca de Oliveira.

Pais de, ao menos: José Honório do Espírito Santo c.c Maria Rosa do Espírito Santo; Maria José do Espírito Santos c.c João Domingos dos Santos; Cecília Maria da Conceição c.c Avelino José Monteiro; Benedito José Monteiro c.c Maria Targina da Anunciação, viúva de José Augusto Correa; Carolina Maria da Conceição c.c Manuel José Monteiro; Teodora Maria de Jesus ou Conceição c.c Joaquim Germano Cordeiro, também chamado Joaquim José Monteiro ou Joaquim Germano Monteiro.

6(V) - **EGÍDIO JOSÉ MONTEIRO**, inventariado como Egídio Germano Monteiro, batizado em 9-SET-1849 e falecido solteiro na Cidade de Cunha, SP, em 24-MAIO-1905⁷⁷, com bens partilhados entre os irmãos e sobrinhos (s.g)

7(V) - **ANTÔNIO PEREIRA DE TOLEDO** (falecido em 6-JUN-1911⁷⁸), vulgo Antônio Germano de Toledo, inventariado com o nome de Antônio Bonifácio de Toledo, casado a primeira vez em 30-JUN-1873⁷⁹, no segundo grau de consanguinidade, com **MARIA JOSÉ DA CONCEIÇÃO**, também chamada Maria José de Toledo, filha de Antônio José Monteiro Germano e s/m. Augusta Maria da Conceição. Em segundas núpcias, na Cidade

⁷⁶ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 135. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁷⁷ Inventário de Egídio José Monteiro, CX 75/1905 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁷⁸ Certidão de fls. 09 dos autos de Inventário de Antônio Bonifácio de Toledo, CX 81/1911 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁷⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 137. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

de Cunha, SP, na data de 22-JUN-1887⁸⁰, com sua cunhada, **MARIA DA CONCEIÇÃO DE JESUS**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na data de 24-JAN-1865⁸¹, filha de Antônio José Monteiro Germano e s/m. Augusta Maria da Conceição. Do primeiro casamento: Francisco Monteiro de Toledo, também chamado Francisco Germano; e Timóteo Monteiro de Toledo. Do segundo casamento: Benedito Bonifácio de Toledo (falecido solteiro em 8-JAN-1933⁸²); Maria; José; Maria Rita; e Roque.

8(V) - **TIMÓTEO PEREIRA DO NASCIMENTO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 3-JAN-1848, falecido solteiro, sem filhos, posteriormente a sua mãe, mas antes da realização da partilha amigável, herdando seus bens o pai.

Do segundo casamento de **MANUEL GERMANO CORDEIRO**⁸³ com **ANA MARIA DA CONCEIÇÃO**:

9(V) - **JOSÉ FRANCISCO GERMANO**, falecido solteiro, em 15-OUT-1921.

10(V) - **BENEDITO GERMANO DE TOLEDO**, falecido solteiro, em 7-AGO-1920.

11(V) - **MARIA**.

2(IV) - **JOSÉ MANUEL MONTEIRO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 19-JAN-1820, casado na Vila de Cunha, SP, em 4-FEV-1854⁸⁴, com **MARIA**

⁸⁰ Certidão de Casamento de fls. 60 dos autos do Inventário de Antônio José Monteiro, CX 54-A/1880 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

⁸¹ Certidão de Batismo de fls. 59 dos autos do Inventário de Antônio Jose Monteiro, CX 54-A/1880 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

⁸² Certidão de fls. 03 dos autos de Inventário de Benedito Bonifácio de Toledo, CX 103/1933 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

⁸³ Manuel Germano Monteiro faleceu com oitenta e seis anos de idade, em 5-JAN-1891.

⁸⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 73v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

DO CARMO⁸⁵, exposta a Antônio José Viana.

3(IV) - **FRANCISCO GERMANO CORDEIRO**, ou Francisco José Monteiro ou Germano Cordeiro, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 5-AGO-1821⁸⁶. **FRANCISCO GERMANO CORDEIRO** estava solteiro no inventário do pai, em 9-JAN-1843, mas se encontrava casado no inventário da mãe. Foi casado com **MARIA JOSEFA DE TOLEDO**, também chamada Maria Eufrásia de Toledo, filha de José Alves da Silva e s/m. Ana Joaquina de Toledo; n.p de Manuel Antunes da Silva (ou Sampaio)⁸⁷ com sua ex-escrava Teresa; n.m do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo e s/m. Mariana Francisca de Oliveira.

1(V) - **PEDRO JOSÉ MONTEIRO**, casado com **MARIA DA CONCEIÇÃO FERRAZ**, ou Maria da Conceição dos Reis, viúva de Nuno Ferraz da Silva, filha de Joaquim (Gomes) Barbosa da Silva (falecido em agosto de 1859) e s/m. Joaquina Maria da Conceição.

2(V) - **JOSÉ FRANCISCO MONTEIRO**, casado na Cidade de Cunha, SP, em 1-OUT-1875, em segundo grau, em linha lateral igual de consanguinidade, com **MARIA DAS DORES DO NASCIMENTO**, também chamada Maria das Dores de Jesus, natural e falecida na Cidade de Cunha, SP, em 28-JUL-1931, filha de Joaquim Germano Monteiro, também chamado Joaquim José Monteiro ou Joaquim Germano Monteiro, e s/m. Teodora Maria de Jesus ou Conceição.

MARIA DAS DORES DO NASCIMENTO

⁸⁵ Maria do Carmo pode ser filha de Ana Verônica das Dores, filha esta de Antônio José Viana, conforme informação do inventário paterno, CX 27/1844 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

⁸⁶ Livro de Batismo de Cunha de 1813/1822 - fl. 68v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁸⁷ Manuel Antunes de Sampaio lavrou testamento na Vila de Cunha, SP, em 7-JUN-1844 (CX 28/1845), declarando ser natural da Vila de Cunha, SP, filho de Manuel de Sampaio Silva e s/m. Mariana Francisca Fialho, casado com Margarida Eufrásia Rangel, com quem teve um filho falecido. No estado de viúvo, teve com a ex-escrava Teresa, já falecida, e também com a ex-escrava Apolinária, os filhos: José Alves da Silva; Francisco de Paula Machado (ou Sampaio); Ana Joaquina; Margarida Eufrásia; Manuela Joaquina da Silva; Anacleto; e Gregório Antunes de Sampaio.

casou-se, em segundas núpcias, sem filhos, com **BRUNO AIRES PIMENTA**, viúvo de Lucinda Maria de Jesus⁸⁸, filho de Francisco Aires Pimenta, carpinteiro, e s/m. Isabel Eugênia da Conceição (ou Isabel Leopoldina do Amor Divino), casados na Vila de Cunha, SP, em 25-AGOSTO-1830⁸⁹; n.p de João Pimenta de Oliveira e s/m. Joaquina Felícia de Oliveira; n.m de José Pereira de Souza e s/m. Maria Felizarda da Silva (ou Toledo). Do primeiro casamento, um único filho: José Francisco Monteiro Júnior, casado na Cidade de Cunha, SP, em 11-ABR-1904, com Maria Margarida Monteiro.

3(V) - **LUÍSA MARIA DA CONCEIÇÃO**, casada com **MANUEL BONIFÁCIO DE TOLEDO**, filho de Antônio Bonifácio Pereira (e/ou Toledo) e sua segunda mulher Teodora Zelinda da Conceição ou Oliveira; n.p do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo (natural de Cunha, SP) e s/m. Mariana Francisca (ou Joaquina) de Oliveira (natural de Cunha, SP, e falecida em 6-JAN-1853), casados na Vila de Cunha, SP, em 24-JUN-1799⁹⁰, moradores no sítio da Roseira, bairro da Vargem; n.m de Francisco Pinto dos Santos (natural da Freguesia de São Cosme, Bispado do Porto) e s/m. Dona Teodora Maria de Siqueira.

Bisneto, pelo lado paterno, dos casais: Francisco Pereira de Carvalho (natural da Freguesia de Paramos, termo da Feira, Bispado do Porto, Portugal) e s/m. Dona Francisca

⁸⁸ Inventário de Lucinda Maria de Jesus, CX 65/1890 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso". Filhos deste casamento: Jesuína Maria de Jesus c.c José Francisco Monteiro Júnior; Maria Lucinda de Jesus c.c Belarmino Francisco dos Santos; Benedita Maria da Conceição c.c Benedito José Monteiro; Virgínia Aires Pimenta, casado primeiro com Geralda Teodora da Conceição, depois com Maria Vaz do Espírito Santo; Benedito Aires Pimenta c.c Maria Eduvirgem; Francisco Aires Pimenta c.c Teresa Maria da Anunciação; Maria da Conceição.

⁸⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl.117. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁹⁰ Livro de Casamento de Cunha de 1778/1803 - fl. 76v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Bonifácio Pereira de Toledo se casou usando o patronímico do avô materno Luís da Silva Porto, mas sempre assinou e foi inventariado como Toledo.

Joaquina de Toledo Silva // Alferes Antônio Alves de Oliveira e s/m. Maria Antônia da Silva; bisneto, pelo lado materno, dos casais: Luís Pinto dos Santos (natural de Portugal) e s/m. Caetana de Jesus // José Gomes da Mota (natural da Freguesia de Arrifana de Sousa – Atual Cidade de Penafiel, Bispaço do Porto) e s/m. Catarina Gomes de Siqueira (natural de Cunha, SP), casados na Capela de Nossa Senhora da Conceição do Facão, em ABR-1746⁹¹. Foram pais de: José Bonifácio Pereira ou Toledo c.c Maria José Monteiro; Benedito Manuel de Toledo; José Francisco do Nascimento c.c Geralda Maria da Conceição; Maria Luísa da Conceição c.c João Manuel de Toledo; Manuel Bonifácio de Toledo Filho c.c Ramira Aurora Braga⁹².

4(V) - **ANTÔNIO JOSÉ MONTEIRO.**

5(V) - **MARIAS DORES DE TOLEDO** (falecida em 27-OUT-1949), casada com **JOSÉ MARIA MONTEIRO**, falecido em 24-JUL-1943, filho de José Tertuliano Ferraz e s/m. Senhorinha Maria de Gouveia, batizada na Matriz de São Luiz do Paraitinga, em 22-ABR-1852⁹³, casados na Cidade de Cunha, SP, em 1-OUT-1875⁹⁴, onde faleceu em 15-SET-1923; n.p de José Cardoso Ferraz e s/m. Maria Rita de Jesus; n.m de José Monteiro Ferraz e s/m. Carolina Gomes de Gouveia, casados na Vila de São Luiz do Paraitinga, SP, em 1-ABR-1845⁹⁵.

Pais de: Davi José Monteiro; Alvim José Monteiro c.c Maria Ismênia de Oliveira

⁹¹ Livro de Casamento de Guaratinguetá de 1737/1769 - fl. 51. Arquivo da Cúria Diocesana de Aparecida – ACDA.

⁹² Casados na Cidade de Cunha, SP, na data de 22-JUN-1898, ela filha de João Paulo dos Santos e s/m. Maria Amália dos Santos - Registro número 24, fls. 83v/84, Livro n. 02 (1895/1899), Registro Civil de Matrimônio de Cunha, In: www.familysearch.org.

⁹³ Livro de Batismo de São Luiz do Paraitinga de 1842/1852 - fl. 115v. Arquivo da Cúria Diocesana de Taubaté - ACDT.

⁹⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 169. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena - ACDL.

⁹⁵ Livro de Casamento 05 de São Luiz do Paraitinga de 1854/1866 - fl. 37. Arquivo da Cúria Diocesana de Taubaté - ACDT.

Monteiro; Maria José de Castro c.c Mateus Martins de Castro; José Virgínio Monteiro; José Monteiro Ferraz; Francisco José Monteiro; Alencar José Monteiro; Anolfo José Monteiro; Faraildes José Monteiro; Silvio Waldemar Monteiro.

6(V) - **BENEDITA MARIA DE JESUS**, casada com **ATANAGILDO PINTO DE OLIVEIRA**.

7(V) - **PLACIDINA MARIA DE JESUS**, casada com **JOSÉ QUERINO PIMENTA**, filho de Querino Pimenta de Toledo e s/m. Jesuína Maria da Conceição; n.p de Mariano Pimenta de Oliveira e s/m. Zelinda Rosa do Amor Divino; n.m de José Alves da Silva e s/m. Ana Joaquina de Toledo.

4(IV) - **JOÃO MIGUEL DO ESPÍRITO SANTO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 23-JUL-1823, casado na Vila de Cunha, SP, em 5-MAR-1851⁹⁶, com **MARIA ANGÉLICA DE JESUS**, falecida em 20-JUL-1863, filha de José Mariano Ferraz e s/m. Maria Alves de Souza; n.p exposto ao casal João Monteiro Ferraz e s/m. Antônia da Silveira e Souza; n.m do Alf. Francisco José da Cunha (nascido por volta de 1775) e s/m. Joaquina Alves de Sousa. Bisneta, pelo lado materno, dos casais: Francisco Xavier Leite (São Paulo, SP) e s/m. Maria Francisca da Silva (moradores no Bairro da Boa Vista) // João Antunes da Silva e s/m. Maria Alves de Souza.

Trineta, pelo avô Francisco Xavier Leite, de Manuel Carvalheiro Leite s/m. Mécia da Silva Ortiz⁹⁷.

1(V) - **MARIA ANGÉLICA DO ESPÍRITO SANTO**, casada na Cidade de Cunha, SP, em 28-NOV-1868, mediante licença do Juízo de Órfãos, com **LUÍS JOSÉ DE ANDRADE** (natural de Paraty, RJ), filho natural de Joaquina Luísa da Conceição.

⁹⁶ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 45. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁹⁷ LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, vol. 3. São Paulo: Duprat & Cia., 1904, pág. 139.

- 2(V) - **JOSÉ FRANCISCO MONTEIRO**, também chamado José Miguel do Espírito Santo, criado na casa do tio Francisco Germano Monteiro, casado na Cidade de Cunha, SP, em 8-OUT-1877, em segundo grau em linha lateral igual de consanguinidade, com **GERALDA MARIA DE JESUS**, filha de Cornélio Gomes de Oliveira e s/m. Jesuína Maria de Jesus, casados na Vila de Cunha, SP, em 20-JUN-1857; n.p de Antônio Gomes de Oliveira e s/m. Florisbela Maria de Jesus, casados na Vila de Cunha, SP, em 6-AGO-1826⁹⁸; n.m de José Mariano Ferraz e s/m. Maria Alves de Jesus.
- 3(V) - **ANA MARIA DO ESPÍRITO SANTO**⁹⁹, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 13-JAN-1857¹⁰⁰, criada na casa do tio, Firmino Monteiro de Toledo, na qualidade de tutelada em decorrência do falecimento dos pais.
- 5(IV) - **ANTÔNIO JOSÉ MONTEIRO**, também chamado Antônio José Monteiro Germano ou Antônio Germano, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 20-FEV-1825¹⁰¹, casado na Vila de Cunha, SP, em 5-JAN-1850¹⁰², com sua prima em terceiro grau de consanguinidade, **AUGUSTA MARIA DE TOLEDO**, também chamada Augusta Maria da Conceição ou Jesus, exposta a João Monteiro Ferraz, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 28-OUT-1834¹⁰³, moradores na “Várzea”.

ANTÔNIO JOSÉ MONTEIRO, faleceu na Cidade de

⁹⁸ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 111. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁹⁹ Em que pese a diferença de idade, algo irrelevante para os padrões da época, esta filha pode ter sido a segunda esposa de Manuel José Monteiro (6(III), 1(IV) acima), cujo casamento não se encontra nos registros.

¹⁰⁰ Certidão de batismo juntada nos Autos do Inventário de Maria Angélica Alves de Jesus, CX 38-A/1863 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁰¹ Livro Batismo de Cunha de 1822/1834 - fl. 23. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁰² Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 45. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁰³ Livro Batismo de Cunha de 1834/1849 - fl. 6v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

Cunha, SP, em 21-DEZ-1879¹⁰⁴, com bens inventariados por sua esposa, entre eles 247 ½ metros (112 ½ braças) de testada com 1650 metros de fundos no Sítio da Várzea, partindo por um lado com terras de Manuel Germano Monteiro; por outro lado com terras que foram do finado Manuel Monteiro Ferraz, sendo a testada da linha que divide a “Quarta de Dentro”, com casa de morada coberta de telhas, monjolo e valas que cercam um pequeno pasto, havido por compra a Manuel Pereira de Toledo e sua mulher. Foram pais de:

- 1(V) - **LEDOINO JOSÉ MONTEIRO**, falecido solteiro. (s.g)
- 2(V) - **MARIA JOSÉ DA CONCEIÇÃO**, também chamada Maria José de Toledo, casada na Cidade de Cunha, SP, em 30-JUN-1873¹⁰⁵, com **ANTÔNIO PEREIRA DE TOLEDO** (falecido em 6-JUN-1911¹⁰⁶), vulgo Antônio Germano de Toledo, inventariado como Antônio Bonifácio de Toledo, filho de Manuel José Monteiro Germano e s/m. Genoveva Maria de Toledo. (Vide 6(III), 1(IV), 7(V) retro).
- 3(V) - **MARIA DA CONCEIÇÃO DE JESUS**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 24-JAN-1865¹⁰⁷, casada na Casa de Dona Augusta Maria da Conceição, no lugar denominado “Várzea”, Cidade de Cunha, SP, em 22-JUN-1887¹⁰⁸, com seu cunhado, em segundo grau igual em linha lateral de consanguinidade e do primeiro em linha oblíqua por afinidade lícita, **ANTÔNIO PEREIRA DE TOLEDO** (falecido em

¹⁰⁴ Inventário de Antônio José Monteiro (Antônio Germano), CX 54-A/1880 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁰⁵ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 137. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁰⁶ Certidão de Óbito de fls. 09 dos autos de Inventário de Antônio Bonifácio de Toledo, CX 81/1911 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁰⁷ Certidão de batismo lavrada em 27/06/1887, juntada às fls. 59 dos Autos do Inventário de Antônio José Monteiro (Antônio Germano), CX 54-A/1880 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁰⁸ Certidão de casamento juntada às fls. 60 dos Autos do Inventário de Antônio José Monteiro (Antônio Germano) - CX 54-A/1880 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

6-JUN-1911¹⁰⁹), vulgo Antônio Germano de Toledo, inventariado com o nome de Antônio Bonifácio de Toledo, filho de Manuel José Monteiro Germano e s/m. Genoveva Maria de Toledo. (Vide 6(III), 1(IV), 7(V) retro).

4(V) - **MANUEL JOSÉ MONTEIRO DA CONCEIÇÃO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 9-OUT-1868¹¹⁰.

6(IV) - **JOAQUIM GERMANO CORDEIRO**, também chamado Joaquim José Monteiro ou Joaquim Germano Monteiro, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 17-FEV-1825¹¹¹, casado com **TEODORA MARIA DE JESUS ou CONCEIÇÃO**, filha de Honório José Monteiro e s/m. Maria Benedita da Conceição; n.p de Manuel José Monteiro, chamado Manuel José Monteiro Germano ou Manuel Germano Monteiro entre outras formas, casado na Vila de Cunha, SP, em 18-ABR-1837¹¹², em quarto grau misto ao terceiro de consanguinidade, com Genoveva Francisca de Toledo, também chamada Genoveva Maria de Toledo; n.m de Manuel Correia de Castilho e s/m. Maria Francisca de Oliveira. Foram pais de, conforme inventário¹¹³:

1(V) - **MARIA JOSÉ DO ESPÍRITO SANTO**.

2(V) - **ANA MARIA DA CONCEIÇÃO** (falecida em 26-JAN-1922¹¹⁴), casada com **DOMINGOS FRANCISCO DOS SANTOS**, viúvo de

¹⁰⁹ Certidão de óbitos de fls. 09 dos autos de Inventário de Antônio Bonifácio de Toledo, CX 81/1911 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹¹⁰ Certidão de batismo juntada às fls. 66 dos Autos do Inventário de Antônio José Monteiro (Antônio Germano), CX 54-A/1880 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹¹¹ A data não foi checada pela segunda vez, procedimento adotado na realização do trabalho, em decorrência das dificuldades impostas pela Cúria Diocesana de Lorena ao cobrar valores exorbitantes para pesquisa dos respectivos livros.

¹¹² Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 169v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹¹³ Inventário de Joaquim José Monteiro, CX 84/1914 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹¹⁴ Certidão de Óbito de fls. 03 dos autos de Inventário de Ana Maria da Conceição, CX 116/1946 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

Jesuína Maria de Jesus, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 12-NOV-1852¹¹⁵ (falecido em 27-DEZ-1903), filho de Francisco Aires dos Santos (falecido na Cidade de Cunha, SP, em 13-AGO-1871) e s/m. Maria Ledovina de Oliveira, casados na Vila de Cunha, SP, em 30-JUL-1848¹¹⁶; n.p de Arcênio José dos Santos Fogaça, também chamado Arsênio José Lisboa e s/m. Eufrosina de Jesus, inventariada como Eufrásia Maria de Oliveira (falecida na Cidade de Cunha, SP, em 10-JUL-1869), casados na Vila de Cunha, SP, em 30-AGO-1819¹¹⁷; n.m de Francisco Pereira de Souza e s/m. Ledovina Maria de Toledo. Moradores no sítio “Roseira”.

Foram pais, conforme inventário materno¹¹⁸: Júlio Francisco dos Santos; Benedito Domingos dos Santos; Ramiro Domingos dos Santos; João Domingos dos Santos; e André Domingos dos Santos.

- 3(V) - **MARIA DAS DORES DO NASCIMENTO**, também chamada Maria das Dores de Jesus, natural e falecida na Cidade de Cunha, SP, em 28-JUL-1931, casada em primeiras núpcias na mesma localidade, em 1-OUT-1875, em segundo grau, em linha lateral igual de consanguinidade, com **JOSÉ FRANCISCO MONTEIRO**, filho de Francisco José Monteiro, ou Germano Cordeiro, e s/m. Maria Eufrásia de Toledo; n.p de Francisco Germano Cordeiro e s/m. Ana Josefa do Espírito Santo, também chamada Ana Josefa de Toledo; n.m de José Alves da Silva e s/m. Ana Joaquina de Toledo. Em segundas núpcias, sem filhos, com **BRUNO AIRES PIMENTA**, viúvo

¹¹⁵ Certidão de fls. 39 juntada nos autos do Inventário de Francisco Aires dos Santos, CX 45/1871 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹¹⁶ Livro de Casamento de Cunha 1838/1870 - fl. 39v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹¹⁷ Livro de Casamento de Cunha 1803/1838 - fl. 75v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹¹⁸ Inventário de Ana Maria da Conceição, CX 116/1946 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

de Lucinda Maria de Jesus¹¹⁹, moradores no bairro da Várzea, filho de Francisco Aires Pimenta, carpinteiro, e s/m. Isabel Eugênia da Conceição (ou Isabel Leopoldina do Amor Divino), casados na Vila de Cunha, SP, em 25-AGO-1830¹²⁰; n.p de João Pimenta de Oliveira e s/m. Joaquina Felícia de Oliveira; n.m de José Pereira de Souza e s/m. Maria Felizarda da Silva (ou Toledo).

Filho do primeiro casamento: José Francisco Monteiro Júnior, casado na Cidade de Cunha, SP, em 11-ABR-1904, com Maria Margarida Monteiro.

4(V) - **BENEDITO JOSÉ MONTEIRO**, ou Benedito José Monteiro Germano, casado com **MARIA MARCELINA DE TOLEDO**, filha de Antônio Mariano Pereira e s/m. Mariana Leopoldina do Amor Divino, também chamada Mariana Angélica de Toledo; n.m de Francisco Aires de Oliveira e s/m. Isabel Eugênia da Conceição, também chamada Isabel Leopoldina do Amor Divino.

Pais de, ao menos: Maria do Espírito Santo c.c Salustiano Pimenta de Toledo.

5(V) - **MARIA JESUÍNA DO ESPÍRITO SANTO ou DE JESUS**, casada com **JOSÉ FRANCISCO MONTEIRO**. Ao menos, os filhos: Teodora Maria Monteiro; Benevenuto José Monteiro c.c Antonieta Maria da Conceição; e Pedro José Monteiro c.c Anésia Rosa Divino.

6(V) - **CAROLINA MARIA DA CONCEIÇÃO ou JESUS**, casada em local não identificado

¹¹⁹ Inventário de Lucinda Maria de Jesus, CX 65/1890 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso". Filhos deste casamento: Jesuína Maria de Jesus c.c José Francisco Monteiro Júnior; Maria Lucinda de Jesus c.c Belarmino Francisco dos Santos; Benedita Maria da Conceição ou Jesus c.c Benedito José Monteiro; Virgínio Aires Pimenta casado primeiro com Geralda Teodora da Conceição, depois com Maria Vaz do Espírito Santo; Benedito Aires Pimenta c.c Maria Eduvirgem; Francisco Aires Pimenta c.c Teresa Maria da Anunciação; Maria da Conceição.

¹²⁰ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl.117. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

com **JOAQUIM NICOLAU CORREIA**, filho de Antônio Nicolau Correia e s/m. Teresa Maria de Jesus. Ao menos um filho: José Joaquim Correia.

- 7(V) - **JOSÉ JOAQUIM GERMANO MONTEIRO** (falecido em 18-NOV-1926¹²¹), casado com sua prima, **MARIA JOSÉ DE TOLEDO**, filha de Floriano Monteiro de Toledo e sua segunda mulher Mariana Maria de Jesus; n.p de Francisco Monteiro de Toledo e s/m Francisca Joaquina de Toledo, também chamada Francisca Joaquina de Oliveira, entre outras formas; n.m de Manuel José Monteiro Germano e s/m. Genoveva Maria de Toledo. Pais de, ao menos, dois filhos: José Antônio Monteiro; e Maria José da Conceição c.c José Fernandes Malvão.
- 8(V) - **GERALDA MARIA FRANCISCA**, ou Geralda Germano, inventariada¹²² com o nome de Geralda Monteiro Corrêa, casada com **VIRGÍNIO NICOLAU CORREIA**, natural da Cidade de Cunha, SP, filho de Antônio Nicolau Correia e s/m. Teresa Maria de Jesus, moradores no sítio “Pinheiros”. (s.g)
- 9(V) - **VIRGÍNIO JOSÉ MONTEIRO**, casado com **MARIA ZULMIRA DA CONCEIÇÃO** (falecido em 6-OUT-1929¹²³), residentes no Bairro do Paraitinga, filha de Antônio Francisco Osório e s/m. Zulmira Maria da Conceição (casados na Cidade de Cunha, SP, em 7-ABR-1893); n.p de Francisco José Osório e s/m. Mariana Francisca da Silva; n.m de Francisco Estevão de Sampaio e s/m. Maria José de Jesus.

¹²¹ Certidão de Óbito de fls. 04 dos autos de Inventário de José Joaquim Germano Monteiro, CX 97/1927 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹²² Inventário de Geralda Monteiro de Toledo, CX 116-A/1946 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”. O marido faleceu no curso do inventário, sendo inventariado juntamente com a esposa. Nos autos do processo consta a informação de que o casal não possuía filhos. Por conta disso, lavraram dois testamentos deixando todos os bens ao sobrinho José Joaquim Correia, filho de Joaquim Nicolau Correia e s/m. Carolina Maria da Conceição.

¹²³ Certidão de fls. 03 dos autos do Inventário de Maria Zulmira da Conceição, CX 107-A/1937 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

Pais de, conforme inventário materno: Elias José Monteiro; Idalino José Monteiro; Jorge José Monteiro; Rosa Zulmira da Conceição; Zulmira Maria da Conceição.

- 10(V) - **AVELINO JOSÉ MONTEIRO**, batizado na Cidade de Cunha, na data de 30-MAIO-1876¹²⁴, e falecido na mesma localidade de bronco pneumonia, em 21-MAR-1923¹²⁵. Foi casado com sua prima, **CECÍLIA MARIA DA CONCEIÇÃO**, filha de Honório José Monteiro e s/m. Maria Benedita da Conceição (ou Espírito Santo). Pais de, ao menos: João Monteiro; Maria Monteiro (falecida na infância); Joaquim Monteiro; Francisco Monteiro; e Teodora Monteiro.

CECÍLIA MARIA DA CONCEIÇÃO se casou novamente **JOSÉ BERNARDO DE CARVALHO**, filho de João Bernardo de Carvalho e s/m. Otília Generosa da Conceição. Do segundo casamento, ao menos uma filha de nome Francisca Maria de Carvalho.

- 7(IV) - **MARIA DA CONCEIÇÃO**, também chamada Maria Germana Monteiro, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 23-MAIO-1831¹²⁶, casada na Vila de Cunha, SP, em 6-JUN-1853¹²⁷, com seu primo, **QUINTINO MARIANO FERRAZ**, batizado na Vila de Cunha, SP, em 13-DEZ-1827¹²⁸, filho de José Mariano Ferraz e s/m. Maria Alves de Souza. **QUINTINO MARIANO FERRAZ** faleceu de cancro (câncer) na Cidade de Cunha, SP, em 4-MAIO-1878¹²⁹. (s.g)

¹²⁴ Alistamento Eleitoral de 1900, CX Alistamento Eleitoral - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

¹²⁵ Inventário de Avelino José Monteiro, CX 94/1924 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

¹²⁶ Livro Batismo de Cunha de 1822/1834 - fl. 82. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹²⁷ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 66. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹²⁸ Livro de Batismo de Cunha de 1822/1834 - fl. 44. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹²⁹ Livro 01, fls. 266, Registro de óbitos de Cunha de 1875/1979, In: www.familysearch.org.

8(IV) - **FIRMINO JOSÉ MONTEIRO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 8-JUL-1838¹³⁰ (falecido em 3-DEZ-1906), casado na Cidade de Cunha, SP, em 7-SET-1858¹³¹, com sua sobrinha, em segundo grau em linha transversal de consanguinidade, **TEODORA MARIA DA CONCEIÇÃO**, filha de Manuel José Monteiro Germano e s/m. Genoveva Maria de Toledo.

Foram moradores no sítio da “Cachoeirinha”, propriedade descrita nos autos do Arrolamento de Bens de **FIRMINO JOSÉ MONTEIRO**, processo iniciado na Cidade de Cunha, SP, em de 3-JAN-1907. Pais de um único filho:

1(V) - **JOSÉ FRANCISCO MONTEIRO**.

9(IV) - **MANUEL JOSÉ DO NASCIMENTO**, também chamado de Manuel Germano, casado na Cidade de Cunha, SP, em 22-MAIO-1860¹³², com **CÂNDIDA MARIA DE JESUS**, também chamada de Cândida Maria do Espírito Santo, batizada na Vila de Cunha, SP, em 1-MAIO-1837¹³³, filha de José Mariano Ferraz e s/m. Maria Alves de Souza; n.p exposto ao casal João Monteiro Ferraz e s/m. Antônia da Silveira e Souza; n.m do Alf. Francisco José da Cunha (nascido por volta de 1775) e s/m. Joaquina Alves de Sousa. Bisneta, pelo lado materno, dos casais: Francisco Xavier Leite (natural de São Paulo, SP) e s/m. Maria Francisca da Silva (moradores no Bairro das Abóboras) // João Antunes da Silva e s/m. Maria Alves de Souza. Trineta, pelo avô Francisco Xavier Leite, do Capitão Manuel Carvalheiro Leite s/m. Mécia da Silva Ortiz. Tiveram ao menos:

1(V) - **MARIA**, registrada na Cidade de Cunha, SP, em 30-DEZ-1877¹³⁴, mas segundo observação

¹³⁰ Certidão juntada às fls. 29 dos Autos do Inventário de Germano Cordeiro, CX 26-A/1843 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹³¹ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 96v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹³² Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 – fl. 114v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹³³ Livro Batismo de Cunha de 1834/1849 – fl. 37v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹³⁴ Livro de Registro de Nascimento de Cunha 1877/1891 – fl. 40, In: www.familysearch.org.

no registro civil os pais estavam separados havia oito anos.

2(V) - **BENEDITO CÂNDIDO FERRAZ**, casado na Cidade de Cunha, SP, na data de 23-FEV-1895¹³⁵, com **BENEDITA MARIA DE JESUS**, filha de Benedito Pereira da Silva e s/m. Maria Cândida.

7(III) - **FLORIANO MONTEIRO FERRAZ**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 19-JUN-1796, casado na Vila de Cunha, SP, em 27-MAIO-1817, com sua prima, **MARIA EFIGÊNIA DE JESUS**, filha de Leonardo Pimenta de Oliveira e s/m. Ana Josefa de Oliveira, n.p de André Rodrigues Cordeiro e s/m. Narcisa Maria de Oliveira; n.m José Monteiro Ferraz de Souza e s/m. Catarina Maria de Toledo Silva.

Não tiveram filhos que sobrevivessem aos pais, pois no inventário de Maria Efigênia consta apenas as filhas de seu segundo casamento. (s.g)

8(III) - **LUÍS MONTEIRO FERRAZ**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 8-OUT-1797.

9(III) - **FRANCISCA ANTÔNIA**¹³⁶, também chamada de Antônia Monteiro ou Francisca Maria de Toledo, contraiu núpcias na Vila de Cunha, SP, em 25-NOV-1808¹³⁷, com seu primo, em segundo grau misto ao terceiro de consanguinidade, **MANUEL CAETANO FRANÇA** (natural de São Luiz do Paraitinga, SP), filho de Manuel Caetano França (falecido na Vila de Cunha, SP, em 15-OUT-1815¹³⁸, aos 50 anos de idade), e s/m. Ana Francisca de Oliveira, também chamada Ana Monteiro, moradores no Bairro da Boa Vista; n.p de Alberto Caetano França (natural da Cidade de Faro, Algarve, Portugal) e s/m. Flora Jacinta de Jesus; n.m de Jerônimo de Souza Barros Veloso (natural de Paraty, RJ) e s/m. Teodora Maria de Oliveira (natural de Cunha, SP).

Bisneto, pela parte paterna, dos casais: Bento da Silva Freitas (ou Freire) e s/m. Beatriz (ou Brites) de Lima França (natural

¹³⁵ Registro número 02, fls. 07v, Livro n. 02 (1895/1899), Registro Civil de Matrimônio de Cunha, In: www.familysearch.org.

¹³⁶ Genealogia deste ramo será desenvolvida na árvore de Flora Jacinta de Jesus, casada com Alberto Caetano França.

¹³⁷ Livro de Casamento de Cunha 1803/1838 – fl. 28v/29. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹³⁸ Livro de Óbitos da Bocaina de 1804/1874 – fl. 42. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

da Cidade de Faro, batizada na Igreja de São Pedro, em 25-MAR-1694); bisneto, pela parte materna, dos casais: Capitão Francisco de Barros Veloso (natural de Penafiel, Bispado do Porto, Portugal) e s/m. Ana de Souza Caldas (natural da Vila de Taubaté, SP); n.m de João Monteiro Ferraz (natural de Mesão Frio, Portugal) e s/m. Ana Gomes de Souza (natural de Paraty, RJ).

- 10(III) - **ZELINDA ROSA DO AMOR DIVINO**, também chamada Zelinda Rosa de Toledo, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 12-MAIO-1799¹³⁹, casada na Vila de Cunha, SP, em 14-JAN-1820¹⁴⁰, com seu primo, **MARIANO PIMENTA DE OLIVEIRA**, filho de João Pimenta de Oliveira e s/m. Joaquina Felícia de Oliveira; n.p de André Rodrigues Santiago e s/m. Narcisa Maria de Oliveira; n.m de Lourenço Monteiro Ferraz e s/m. Francisca Maria Ramos.

Pais, segundo inventário¹⁴¹ de **ZELINDA ROSA DO AMOR DIVINO**:

- 1(IV) - **JOÃO BENEDITO DE TOLEDO**, casado na Cidade de Cunha, SP, em 21-JAN-1870¹⁴², com sua prima, em segundo grau em linha igual de consanguinidade, **FRANCISCA MARIA DE JESUS**, filha de José Pimenta de Oliveira e s/m. Francisca Maria; n.p de João Pimenta de Oliveira e s/m. Joaquina Felícia de Oliveira.
- 2(IV) - **ANTÔNIO JOAQUIM MARIANO**, falecido na data de 10-MAR-1878, lavrou testamento na Vila de Cunha, SP, em 26-JAN-1878, aberto em 11-ABR-1878¹⁴³, declarando ser *“solteiro, cujo estado, por fragilidade humana, tive uma filha de nome Maria Jose do Nascimento, a qual reconheço por minha filha natural por Escritura Pública passado no Notas desta cidade, em Cartório do Tabelião Jose Pedro de Gouveia, em data de 13 de Agosto de 1865, tive essa filha com mulher livre, e com a qual podia casar-me por não haver o mais livre impedimento canônico, sendo essa mulher de nome Leodora Maria de Jesus, falecida, cujo*

¹³⁹ Livro de Batismo de Cunha de 1790/1797 - fl. 18. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁴⁰ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 77. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁴¹ Inventário de Zelinda Rosa do Amor Divino, CX 48/1874 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁴² Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 96v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena - ACDL.

¹⁴³ Inventário de Antônio Joaquim Mariano, CX 53-A/1878 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

reconhecimento feito por virtude daquela referida escritura [...] minha filha natural Maria Jose do Nascimento que se acha casada com Virgilio Ribeiro de Godoi [...]”

Leodora era, na verdade, Heliodora Maria dos Anjos, inventariada na Cidade de Cunha em 1869.

1(V) - **MARIA JOSÉ DO NASCIMENTO**, casada com **VIRGÍLIO RIBEIRO DE GODOI**.

3(IV) - **MANUEL JUSTINO DE TOLEDO**. Acredito que o cidadão de nome Manuel Justino Ferraz, integrante da Lista de Votantes de 1847¹⁴⁴, com trinta e oito anos, solteiro e residente no 8º Quarteirão, seja o mesmo listado no inventário de Zelinda Rosa do Amor Divino, filho de Mariano Pimenta de Oliveira. (s.m.n)

4(IV) - **QUIRINO PIMENTA DE TOLEDO** ou Quirino José Monteiro de Toledo. Casou-se na Cidade de Cunha, SP, em 6-OUT-1863¹⁴⁵, usando o nome de Quirino José Monteiro, com **JESUÍNA MARIA DA CONCEIÇÃO**, filha de José Alves da Silva e s/m. Ana Joaquina de Toledo; n.p de Manuel Antunes da Silva (ou de Sampaio)¹⁴⁶ com sua escrava Teresa; n.m do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo e s/m. Mariana Francisca de Oliveira. Ao menos um filho de nome José Querino Pimenta, casado com Placidina Maria de Jesus.

11(III) - **BONIFÁCIO JOSÉ MONTEIRO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 3-AGO-1800¹⁴⁷.

12(III) - **MÁXIMO MONTEIRO FERRAZ**.

¹⁴⁴ Lista dos Cidadãos Alistados e Eliminados por Reclamações e Denúncias na Presente Sessão de 1847 – Fundo Secretaria do Interior – CO5769 – DAESP.

¹⁴⁵ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 136. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁴⁶ Manuel Antunes de Sampaio lavrou testamento na Vila de Cunha, SP, em 7-JUN-1844, aberto em 12-JAN-1845, declarando ser filho de Manuel de Sampaio Silva e s/m. Mariana Francisca Fialho, casado com Margarida Eufrásia Rangel, já falecida, com quem teve um único filho também falecido. No estado de viúvo teve os filhos legitimados: José Alves da Silva; Francisco de Paula Machado, Ana de Sampaio c.c Antônio Luís Gomes; Margarida de Sampaio; Manuela de Sampaio, que teve com sua ex-escrava forra, já falecida, de nome Teresa, e também com a ex-escrava Apolinária Maria Ferreira, também falecida, os filhos: Anacleto Antônio de Sampaio e Gregório Lopes de Araújo, todos libertos - Inventário de Manuel Antunes de Sampaio, CX 28/1845 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁴⁷ Livro de Batismo de Cunha de 1790/1797 - fl. 27. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

13(III) - **FRANCISCO MONTEIRO DE TOLEDO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 21-OUT-1788, casado¹⁴⁸ com **FRANCISCA JOAQUINA DE TOLEDO**, também chamada Francisca Joaquina de Oliveira, entre outras formas, filha do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo (natural de Cunha, SP) e s/m. Mariana Francisca (ou Joaquina) de Oliveira (falecida em 6-JAN-1853), casados na Vila de Cunha, SP, em 24-JUN-1799¹⁴⁹, moradores no Sítio da Roseira, no Bairro da Vargem; n.p de Francisco Pereira de Carvalho (natural da Freguesia de Paramos, termo da Feira, Bispado do Porto, Portugal) e s/m. Francisca Joaquina de Toledo Silva; n.m do Alf. Antônio Alves de Oliveira e s/m. Maria Antônia da Silva.

Bisneta, pelo lado paterno, dos casais: João Antônio de Carvalho e s/m. Maria Pereira // Luís da Silva Porto (nascido em 19-AGO-1690 e batizado na Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Sé da Cidade e Bispado do Porto, na data de 24-AGO-1690¹⁵⁰) e s/m. Maria de Toledo Cortez (natural de Taubaté, SP); bisneta, pelo lado materno, dos casais: José Alves (ou Alvares) de Oliveira (natural da Freguesia de Paramos, termo da Feira, Bispado do Porto) e s/m. Margarida da Silva do Amaral (casados na Vila de Paraty, RJ, em 22-SET-1732) // Manuel Antônio da Silva e s/m. Rita Nunes da Silva.

No inventário de **FRANCISCA JOAQUINA DE TOLEDO** foram partilhados¹⁵¹, entre o viúvo meeiro e onze filhos, bens móveis, semoventes e uma sorte de terras com trezentas braças de frente e ¼ de sertão na meia légua na Encruzilhada, cercanias da sesmaria de seus ancestrais. Quando da morte do varão, em 1-FEV-1846, apenas cinco anos após a morte da esposa, foram partilhadas apenas trinta e duas braças de terra com dois lanços de casas de telha e um puxado e cozinha, também na Encruzilhada. Pais, segundo inventário do casal:

1(IV) - **JOAQUIM MOTEIRO DE TOLEDO**, batizado na

¹⁴⁸ Não há registro deste casamento nos livros paroquiais de Cunha, SP, mas a união se confirma nos autos do inventário conjunto do casal. Acredito que o casamento tenha se realizado na Vila de Paraty, RJ.

¹⁴⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1778/1803 - fl. 76v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Bonifácio Pereira de Toledo se casou usando o patronímico do avô materno Luís da Silva Porto, mas sempre assinou e foi inventariado como Toledo.

¹⁵⁰ Livro de Batismo de Nossa Senhora da Assunção n. 08 de 1688/1692 - fl. 61. Arquivo Distrital do Porto – ADPRT.

¹⁵¹ Inventário de Francisca Joaquina de Toledo, CX 24/1841 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 14-AGO-1819¹⁵², casado na Vila de Cunha, SP, em 4-OUT-1843¹⁵³, com sua prima, em segundo grau de consanguinidade, **FELICIDADE PEREIRA DE TOLEDO**, também chamada Felicidade Maria da Conceição, exposta ao Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo, que na verdade era seu avô paterno, pois era filha natural de Antônio Bonifácio Pereira, sem indicação da maternidade. Felicidade Maria da Conceição, por intermédio do marido, habilitou-se no inventário paterno afirmando que *“como é publico e notorio sempre foi tida por filha natural do finado Antonio Bonifacio Pereira, que como tal sempre reconheceo e a fez casada com o supp^e, não fazendo qualquer reconhecimento por falecer quase repentinamente, e como por este juízo se esteja dando começo ao eventario do dito finado e a sua viuva e herdeiros de maior concordem que no nº delles também seja contemplada a mulher do supp^e”*.

2(IV) - **JOÃO MONTEIRO DE TOLEDO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 29-AGO-1820¹⁵⁴. Não foi possível identificar a data do óbito, mas seu inventário foi aberto em 1854¹⁵⁵ e o testamento em 7-JUN-1854, constando como herdeira uma filha natural de nome Maria¹⁵⁶, havida no estado de solteiro com Genoveva Maria de Jesus.

3(IV) - **BONIFÁCIO PEREIRA DE TOLEDO** (falecido em 17-MAR-1897), também chamado Bonifácio Monteiro de Toledo, conforme constou de seu inventariado¹⁵⁷. Batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 7-AGO-1825¹⁵⁸, casado em quarto grau de consanguinidade, na Vila de Cunha, SP, em 16-FEV-

¹⁵² Data carente de confirmação pelo motivo já explanado.

¹⁵³ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 24v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁵⁴ A data carente de confirmação pelo motivo já explanado.

¹⁵⁵ Inventário de João Monteiro de Toledo, CX 33/1854 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁵⁶ Maria do Espírito Santo faleceu no curso do inventário com onze anos de idade, não sendo possível identificar quem seria a mulher de nome Genoveva Maria de Jesus. Contudo, pela certidão de nascimento de fls. 03 do anexo ao inventário nota-se que a criança era parda forra, o que indica que a mãe era ex-escrava.

¹⁵⁷ Inventário de Bonifácio Monteiro de Toledo, CX 69/1897 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁵⁸ Data carente de confirmação pelo motivo já explanado.

1849¹⁵⁹, com **MARIA GERTRUDES DE SIQUEIRA ou REIS**, filha de Egídio Pinto de Siqueira e s/m. Teodora Maria dos Reis (casados na Vila de Cunha, SP, em 8-JAN-1822¹⁶⁰); n.p de Francisco Pinto dos Santos e s/m. Teodora Maria de Siqueira; n.m de Alf. Nuno da Silva Reis e s/m. Gertrudes Monteiro de Siqueira. **BONIFÁCIO PEREIRA DE TOLEDO** faleceu na Cidade de Cunha, SP, em 17-ABR-1897, onde foi inventariado¹⁶¹, com partilha de trezentas e trinta e duas braças de terra de testada com meia de fundos, de fundos com terras dos herdeiros do espólio. Foram pais de:

1(V) - **MARIA JOSÉ DOS REIS**¹⁶², casada na Cidade de Cunha, SP, em 22-FEV-1873¹⁶³, em segundo grau em linha lateral igual de consanguinidade, com **ANTÔNIO JOSÉ MONTEIRO DE TOLEDO**, filho de José Antônio de Oliveira e s/m. Maria Isabel de Oliveira ou Toledo; n.p de Antônio Alves de Oliveira e sua segunda mulher Manuela Maria (Joaquina) de Toledo (falecida em 1-FEV-1878), casados na Vila de Cunha, SP, em 7-OUT-1820¹⁶⁴; n.m de Francisco Monteiro de Toledo e s/m. Francisca Joaquina de Toledo.

Bisneto, pelo lado paterno, dos casais: Alferes Antônio Alves de Oliveira e s/m. Maria Antônia da Silva (natural de Pouso Alto, MG) // exposta a Francisca Joaquina de Toledo Silva, que na verdade era sua avó pelo lado paterno, mãe do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de

¹⁵⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 40v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁶⁰ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 90. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁶¹ Inventário de Bonifácio Monteiro de Toledo, CX 69/1897 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁶² Maria José dos Reis faleceu em decorrência de aborto, aos vinte e um anos de idade, em 07-JUL-1876.

¹⁶³ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 135v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁶⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 83. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

Toledo¹⁶⁵; bisneto, pelo lado materno, dos casais: José Monteiro Ferraz de Souza, nascido por volta de 1729 e falecido na Vila de Cunha, SP, em 13-JUL-1814¹⁶⁶, aos 85 anos de idade, e s/m. Catarina Maria Toledo Silva, nascida na Freguesia do Facão por volta de 1737 // Francisco Pereira de Carvalho (natural da Freguesia de Paramos, termo da Feira, Bispado do Porto, Portugal) e s/m. Dona Francisca Joaquina de Toledo Silva (batizada na Capela de Jesus, Maria e José da Boa Vista, em 20-MAIO-1744¹⁶⁷, Freguesia do Facão).

Foram pais de: José Benedito de Toledo, casado na Cidade de Cunha, SP, na data de 22-JUN-1896¹⁶⁸, com Maria José da Conceição, filha de Honório Monteiro de Toledo e s/m. Mariana Joaquina da Conceição; e Teodoro.

2(V) - **MARIA DO SANTÍSSIMO DOS REIS**, casada na Cidade de Cunha, SP, em 13-SET-1875¹⁶⁹, com seu primo, em segundo grau em linha lateral igual de consanguinidade, **FRANCISCO JOSÉ MONTEIRO**, filho de José Antônio de Oliveira e s/m. Maria Isabel de Oliveira ou Toledo; n.p de Antônio Alves de Oliveira e sua segunda mulher Manuela Maria (Joaquina) de Toledo (falecida em 1-FEV-1878), casados na Vila de Cunha, SP,

¹⁶⁵ Nos autos da Habilitação, julgada procedente, em apenso aos Autos do Inventário do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo, as testemunhas arroladas, entre elas seu filho mais velho, Antônio Bonifácio Pereira, e seu genro Francisco Monteiro de Toledo, testemunharam que o falecido, poucos antes da morte, havia declarado que Manuela Joaquina de Toledo, casada com o Alf. Antônio Alves de Oliveira, era sua filha havida no estado de solteiro e que seus herdeiros dividissem a herança entre todos (Inventário CX 27/1845 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”).

¹⁶⁶ Livro de Óbitos da Bocaina de 1804/1874 – fl. 39. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena - ACDL.

¹⁶⁷ Livro de Batismo de Guaratinguetá de 1740/1749 - fl. 40v. Arquivo da Cúria Diocesana de Aparecida – ACDA.

¹⁶⁸ Registro número 02, fls. 44, Livro n. 02 (1895/1899), Registro Civil de Matrimônio de Cunha, In: www.familysearch.org.

¹⁶⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 168v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

em 7-OUT-1820¹⁷⁰; n.m de Francisco Monteiro de Toledo e s/m. Francisca Joaquina de Toledo. Pais de, ao menos: Maria José dos Reis c.c João Borges Pereira.

3(V) - **JOSÉ MONTEIRO DE TOLEDO**, falecido solteiro na Cidade de Cunha, SP, em 7-OUT-1921, no sítio do “Imbiruçu”, herdando seus bens os irmãos vivos¹⁷¹: João Bonifácio; e Maria do Santíssimo.

4(V) - **JOÃO BONIFÁCIO MONTEIRO DE TOLEDO**, inventariante do espólio paterno, casado na Cidade de Cunha¹⁷², SP, com **ANA MARIADA CONCEIÇÃO**, também chamada Ana Teodora das Dores ou Conceição, filha de Honório Monteiro de Toledo, casado na Cidade de Cunha, SP, em 25-SET-1859¹⁷³, com sua prima em segunda grau de consanguinidade, em linha transversal, Mariana Pereira, também chamada Mariana Joaquina da Conceição ou Mariana Teodora da Conceição, moradores no sítio da “Capivara”; n.p de Francisco Monteiro de Toledo e s/m. Francisca Joaquina de Toledo, também chamada Francisca Joaquina de Oliveira, entre outras formas; n.m de Antônio Bonifácio Pereira (e/ou Toledo) e sua segunda mulher Teodora Zelinda de Siqueira (Oliveira ou Conceição).

4(IV) - **ANTÔNIO MONTEIRO DE TOLEDO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 28-JAN-1827¹⁷⁴. Não foi possível encontrar outros registros em relação a esse filho.

5(IV) - **JOSÉ LINO DE TOLEDO**, casado na Vila de Cunha,

¹⁷⁰ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 83. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁷¹ Inventário de José Monteiro de Toledo, CX 91/1921 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁷² Casamento confirmado no assento de batismo do filho José, de 8-FEV-1904 – Livro de Batismo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de 1903/1908, fls. 1v.

¹⁷³ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 107. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁷⁴ Data carente de confirmação pelo motivo já explanado.

SP, em 25-JAN-1857¹⁷⁵, com **MARIA TEODORA DA SOLEDADE**, filha de Antônio Bonifácio Pereira (e/ou Toledo) e sua segunda mulher Teodora Zelinda de Siqueira (ou Oliveira); n.p do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo (natural de Cunha, SP) e s/m. Mariana Francisca (ou Joaquina) de Oliveira (natural de Cunha, SP, e falecida em 6-JAN-1853), casados na Vila de Cunha, SP, em 24-JUN-1799¹⁷⁶, moradores no Sítio da Roseira, bairro da Vargem; n.m de Francisco Pinto dos Santos (natural da Freguesia de São Cosme, Bispado do Porto) e s/m. Dona Teodora Maria de Siqueira.

Bisneta, pelo lado paterno, dos casais: Francisco Pereira de Carvalho (natural da Freguesia de Paramos, termo da Feira, Bispado do Porto, Portugal) e s/m. Dona Francisca Joaquina de Toledo Silva // Alf. Antônio Alves de Oliveira e s/m. Maria Antônia da Silva; bisneta, pelo lado materno, dos casais: Luís Pinto dos Santos (natural de Portugal) e s/m. Caetana de Jesus // José Gomes da Mota (natural da Freguesia de Arrifana de Sousa – Atual Cidade de Penafiel, Bispado do Porto) e s/m. Catarina Gomes de Siqueira (natural de Cunha, SP), casados na Capela de Nossa Senhora da Conceição do Facão, em ABR-1746¹⁷⁷.

JOSÉ LINO DE TOLEDO faleceu na Cidade de Cunha, SP, em 4-AGO-1895, com inventário aberto em 30-NOV-1895, partilhando entre os herdeiros *“uma parte de casas e benfeitorias do “Sítio da Lagoa, onde residiu o inventariado, que houve por herança de seu falecido filho Bonifácio”, ainda “100 braças de terras no mesmo “Sítio da Lagoa”, bairro da Capivara, com os fundos que se acha, começando na barranca do Rio Jacuhy, a entestar com terras do sertão que foram da falecida Dona Theodora Maria Lucia, cujas terras o inventariado as houve: 50 braças a pagamento de sua meação no inventário de sua falecida mulher Dona Maria Theodora da Soledade; 40 braças herdadas de seu falecido filho Bonifácio e 10 braças por permuta feita com*

¹⁷⁵ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 99. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁷⁶ Livro de Casamento de Cunha de 1778/1803 - fl. 76v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Bonifácio Pereira de Toledo se casou usando o patronímico do avô materno Luís da Silva Porto, mas sempre assinou e foi inventariado como Toledo.

¹⁷⁷ Livro de Casamento de Guaratinguetá de 1737/1769 - fl. 51. Arquivo da Cúria Diocesana de Aparecida – ACDA.

Manuel Bonifácio Toledo e sua mulher”. Foram pais¹⁷⁸:

- 1(V) - **MARIA FRANCISCA DA SOLEDADE OU CONCEIÇÃO**, casada na Cidade de Cunha, SP, em 25-OUT-1875¹⁷⁹, com seu primo, em segundo grau igual de consanguinidade, **JOSÉ MANUEL DE TOLEDO**, filho de Manuel Monteiro de Toledo e s/m. Eufrásia Zelinda de Oliveira (vide 6(III) – 1(IV) abaixo).
- 2(V) - **MARIA EUFRÁSIA DA CONCEIÇÃO**.
- 3(V) - **MARIA ISABEL DA CONCEIÇÃO**, falecida na Cidade de Cunha, SP, em 9-FEV-1902, casada com **PORFÍRIO MONTEIRO DE TOLEDO**, filho de Honório Monteiro de Toledo e s/m. Mariana Joaquina da Conceição. (s.g)
- 4(V) - **ERNESTO MONTEIRO DE TOLEDO**, falecido em Cunha, SP, em 16-JUL-1940¹⁸⁰, casado com **MARIA JOSÉ DA CONCEIÇÃO (ou RODRIGUES)**, moradores no Bairro da Lagoa.
- 6(IV) - **MANUEL MONTEIRO DE TOLEDO**, casado na Vila de Cunha, SP, em 13-FEV-1854¹⁸¹, com **EUFRÁSIA ZELINDA DE OLIVEIRA** (falecida em 13-FEV-1914), também chamada Eufrásia Maria de Jesus ou Conceição, moradores do sítio da Capivara, filha de Antônio Bonifácio Pereira (e/ou Toledo) e sua segunda mulher Teodora Zelinda de Siqueira (ou Oliveira); n.p do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo (natural de Cunha, SP) e s/m. Mariana Francisca (ou Joaquina) de Oliveira (falecida em 6-JAN-1853), casados na Vila

¹⁷⁸ Inventário de José Lino de Toledo, CX 68/1895 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁷⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 170. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁸⁰ Certidão de óbito de fls. 04 dos autos de Inventário de Ernesto Monteiro de Toledo, CX 110/1940 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”. Não teve filhos do casamento, herdando os bens a sobrinha Carmina Maria da Conceição c.c Antônio Monteiro de Toledo.

¹⁸¹ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 76. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

de Cunha, SP, em 24-JUN-1799¹⁸², moradores no sítio da Roseira; n.m de Francisco Pinto dos Santos (natural da Freguesia de São Cosme, Bispado do Porto) e s/m. Teodora Maria de Siqueira. Bisneta, pelo lado paterno, dos casais: Francisco Pereira de Carvalho (natural da Freguesia de Paramos, termo da Feira, Bispado do Porto, Portugal) e s/m. Dona Francisca Joaquina de Toledo Silva // Alf. Antônio Alves de Oliveira e s/m. Maria Antônia da Silva; bisneta, pelo lado materno, dos casais: Luís Pinto dos Santos (natural de Portugal) e s/m. Caetana de Jesus // José Gomes da Mota (natural da Freguesia de Arrifana de Sousa – Atual Cidade de Penafiel, Bispado do Porto) e s/m. Catarina Gomes de Siqueira (natural de Cunha, SP), casados na Capela de Nossa Senhora da Conceição do Facão, em ABR-1746¹⁸³.

EUFRÁSIA ZELINDA DE OLIVEIRA teve os bens partilhados entre os herdeiros vivos¹⁸⁴:

1(V) - **JOSÉ MANUEL MONTEIRO ou TOLEDO**, casado na Cidade de Cunha, SP, em 25-OUT-1875¹⁸⁵, em segundo grau de igual consanguinidade, com **MARIA FRANCISCA DA SOLEDADE**, filha de José Lino de Toledo e s/m. Maria Teodora da Soledade; n.p de Francisco Monteiro de Toledo e s/m. Francisca Joaquina de Toledo ou Oliveira; n.m de Antônio Bonifácio Pereira (e/ou Toledo) e sua segunda mulher Teodora Zelinda de Siqueira (ou Oliveira).

2(V) - **TEODORA EUFRÁSIA DA CONCEIÇÃO**, com quarenta e cinco anos no inventário materno, sem indicação do estado civil. (s.m.n)

¹⁸² Livro de Casamento de Cunha de 1778/1803 - fl. 76v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Bonifácio Pereira de Toledo se casou usando o patronímico do avô materno Luís da Silva Porto, mas sempre assinou e foi inventariado como Toledo.

¹⁸³ Livro de Casamento de Guaratinguetá de 1737/1769 - fl. 51. Arquivo da Cúria Diocesana de Aparecida – ACDA.

¹⁸⁴ Inventário de Eufrásia Maria de Jesus, CX 84/1914 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”. Segundo constou, possuíam uma casa na cidade, Rua Dom Lino. Faleceu em 13-FEV-1914.

¹⁸⁵ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 170. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

- 3(V) - **JOÃO MANUEL DE TOLEDO** (falecido em 31-JUL-1937¹⁸⁶), casado com **MARIA LUÍSA DA CONCEIÇÃO**, moradores na Capivara. Pais de: José Benedito Monteiro; Antônio Manuel de Toledo; e Antônia Maria da Conceição.
- 4(V) - **FRANCISCO MANUEL DE TOLEDO**.
- 7(IV) - **FLORIANO MONTEIRO DE TOLEDO**, casado na Vila de Cunha, SP, em 25-FEV-1854¹⁸⁷, em segundo grau de consanguinidade, em linha transversal, com **MARIA DAS DORES**, filha de Manuel José Monteiro Germano e s/m. Genoveva Maria de Toledo.
- Com a morte da esposa, **FLORIANO MONTEIRO DE TOLEDO** se casou novamente na Cidade de Cunha, SP, em 11-FEV-1866¹⁸⁸, com sua prima e cunhada, em segundo grau em linha lateral igual de consanguinidade, **MARIANA FRANCISCA DE TOLEDO**, filha de Manuel José Monteiro Germano e s/m. Genoveva Maria de Toledo.
- Do segundo casamento de **FLORIANO MONTEIRO** com **MARIANA FRANCISCA**:
- 1(V) - **MARIA JOSÉ DE TOLEDO**, casada com **JOSÉ JOAQUIM GERMANO MONTEIRO** (falecido em 18-NOV-1926¹⁸⁹), filho de Joaquim Germano Monteiro e s/m. Teodora Maria de Jesus ou Conceição. Pais de, ao menos, dois filhos: José Antônio Monteiro; e Maria José da Conceição.
- 8(IV) - **FRANCISCO MONTEIRO DE TOLEDO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 10-FEV-

¹⁸⁶ Certidão de Óbito juntada nos autos do Inventário de João Manuel de Toledo, fls. 04, CX 107/1937 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

¹⁸⁷ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 76. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁸⁸ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 93. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁸⁹ Certidão de Óbito juntada às fls. 04 dos Autos do Arrolamento de José Joaquim Germano Monteiro, CX 97/1927 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

1835¹⁹⁰, casado na Cidade de Cunha, SP, em 29-JUL-1860¹⁹¹, com **TEODORA MARIA DE JESUS**, moradores no Quilombo, filha de Antônio Borges Pereira e s/m. Maria Jesuína (ou Gertrudes) dos Reis, casados na Vila de Cunha, SP, em 16-NOV-1827¹⁹²; n.p de Antônio Borges Pereira (natural de Lorena, SP) e s/m. Joaquina Maria da Conceição (natural de Cunha, SP); n.m de Alferes Antônio Alves de Oliveira e sua primeira mulher Ana Francisca dos Reis. (s.g)

FRANCISCO MONTEIRO DE TOLEDO se casou novamente na Cidade de Cunha, SP, em 9-FEV-1869¹⁹³, com sua prima, em segundo grau em linha transversal de consanguinidade, **MARIANA FRANCISCA DE TOLEDO**, filha do Alf. Antônio Alves de Oliveira (falecido em 23-AGO-1853) e sua segunda mulher Manuela Maria (Joaquina) de Toledo (falecida em 1-FEV-1878), casados na Vila de Cunha, SP, em 7-OUT-1820¹⁹⁴; n.p de Alferes Antônio Alves de Oliveira e s/m. Maria Antônia da Silva (natural de Pouso Alto, MG); n.m de exposta a Francisca Joaquina de Toledo Silva, que na verdade era sua avó pelo lado paterno, mãe do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo¹⁹⁵.

Bisneta, pelo lado paterno, dos casais: José Alves (Alvares) de Oliveira e s/m. Dona Margarida da Silva do Amaral // Manuel Antônio da Silva e s/m. Rita Nunes da Silva; bisneta, pelo avô Bonifácio Pereira de Toledo, do casal: Francisco Pereira de Carvalho e s/m. Francisca Joaquina de Toledo Silva.

¹⁹⁰ Certidão juntada às fls. 80 dos Autos do Inventário de Francisco Monteiro de Toledo, CX 28/1846 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

¹⁹¹ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 118. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁹² Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 117v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁹³ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 140. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁹⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 83. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

¹⁹⁵ Nos autos da Habilitação, julgada procedente, em apenso aos Autos do Inventário do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo, as testemunhas arroladas, entre elas seu filho mais velho Antônio Bonifácio Pereira e seu genro Francisco Monteiro de Toledo, testemunharam que o falecido, poucos antes da morte, havia declarado que Manuela Joaquina de Toledo, casada com o Alf. Antônio Alves de Oliveira, era sua filha havida no estado de solteiro e que seus herdeiros deveriam dividir a herança entre todos (Inventário CX 27/1845 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso").

FRANCISCO MONTEIRO DE TOLEDO foi inventariado na Cidade de Cunha, SP, em 19-MAR-1887¹⁹⁶, partilhando entre outros bens deixados “*uma sorte de terras no Sítio “Quilombinho”, com casa de vivenda e paiol cobertos de telhas e alguns valados, cujas confrontações por um lado com terras de Antonio Borges Pereira, pela estrada velha até o Alto da Serraria, por outro lado com o rumo das terras do Paiol Velho, sítio de Jose Rodrigues Pinto, até as terras chamadas do conselho, por outro lado com terras chamadas da “Varzea”, e por fim com terras do Comendador João Jose Vaz no sítio do “Alto” tendo por divisa o Rio “Jacuhizinho” até as mesmas terras”*. Filhos do casal:

- 1(V) - **MARIA DA CONCEIÇÃO**, casada com **JOAQUIM TEODORO DE CARVALHO**.
- 2(V) - **MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA** (falecida em 16-JUN-1910), casada na Cidade de Cunha¹⁹⁷, SP, com **JOSÉ BORGES DO NASCIMENTO**, filho de Antônio Borges Pereira e s/m. Joaquina Francisca de Toledo ou Joaquina Monteiro; n.p de Antônio Borges Pereira e s/m. Maria Jesuína (ou Gertrudes) dos Reis; n.m de Francisco Monteiro de Toledo e s/m. Francisca Maria de Toledo. Pelo inventário materno¹⁹⁸ os filhos: José Francisco do Nascimento; Benedito Borges do Nascimento (falecido em 17-DEZ-1930), casado com Maria Antônia da Conceição; Antônio Venâncio dos Reis; Maria José de Oliveira; e Geraldo.
- 3(V) - **FRANCISCO MONTEIRO DE TOLEDO**, falecido aos 43 anos, em 29-DEZ-1923, casado na Cidade de Cunha, SP, em 4-MAIO-1895¹⁹⁹, com **BENEDITA MONTEIRO DE JESUS**, chamada Benedita Maria da Conceição, exposta a Gregório Alves de Oliveira.

¹⁹⁶ Inventário de Francisco Monteiro de Toledo, CX 62/1887 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”. Detalhe importante: no segundo casamento de Francisco Monteiro Toledo não consta a informação do primeiro casamento, bem como não há inventário da primeira esposa no arquivo municipal.

¹⁹⁷ Casamento confirmado no assento de batismo da filha Maria, de 4-OUT-1904 – Livro de Batismo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de 1903/1908, fls. 34.

¹⁹⁸ Inventário de Maria José de Oliveira, CX 81-A/1910 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁹⁹ Livro de Casamento Civil da Comarca de Cunha n. 02, fls. 14/14v.

9(IV) - **HONÓRIO MONTEIRO DE TOLEDO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 12-SET-1836²⁰⁰, e falecido em 7-MAR-1910, casado na Cidade de Cunha, SP, em 25-SET-1859²⁰¹, com sua prima, em segunda grau de consanguinidade em linha transversal, **MARIANA PEREIRA** (falecida em 17-FEV-1918²⁰²), também chamada Mariana Joaquina da Conceição ou Mariana Teodora da Conceição ou Mariana Joaquina de Oliveira, moradores no sítio da “Capivara”, filha de Antônio Bonifácio Pereira (e/ou Toledo) e sua segunda mulher Teodora Zelinda de Siqueira (ou Oliveira ou Conceição); n.p de Bonifácio Pereira de Toledo e s/m. Mariana Francisca (ou Joaquina) de Oliveira, casados na Vila de Cunha, SP, em 27-JUN-1799²⁰³; n.m de Francisco Pinto dos Santos (natural da Freguesia de São Cosme, Bispado do Porto) e s/m. Dona Teodora Maria de Siqueira.

Bisneta, pelo lado paterno, dos casais: Francisco Pereira de Carvalho e s/m. Francisca Joaquina de Toledo Silva // Alferes Antônio Alves de Oliveira e s/m. Maria Antônia da Silva; bisneta, pelo lado materno, dos casais: Luís Pinto dos Santos (natural de Portugal) e s/m. Caetana de Jesus // José Gomes da Mota (natural da Freguesia de Arrifana de Sousa – Atual Cidade de Penafiel, Bispado do Porto) e s/m. Catarina Gomes de Siqueira (natural de Cunha, SP), casados na Capela de Nossa Senhora da Conceição do Facão, em ABR-1746²⁰⁴. Foram pais de, conforme inventário²⁰⁵:

1(V) - **PORFÍRIO MONTEIRO DE TOLEDO**, que lavrou testamento na Cidade de Cunha,

²⁰⁰ Certidão juntada às fls. 76 dos Autos do Inventário de Francisco Monteiro de Toledo - Inventários e Testamentos da Vila de Cunha, SP, CX 28/1846 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

²⁰¹ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 107. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

²⁰² Certidão de Óbito de fls. 04 do Inventário de Mariana Joaquina da Conceição, CX 95-A/1925 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

²⁰³ Livro de Casamento de Cunha de 1778/1803 - fl. 76v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Bonifácio Pereira de Toledo se casou usando o patronímico do avô materno Luís da Silva Porto, mas sempre assinou e foi inventariado como Toledo.

²⁰⁴ Livro de Casamento de Guaratinguetá de 1737/1769 – fl. 51. Arquivo da Cúria Diocesana de Aparecida – ACDA.

²⁰⁵ Inventário de Honório Monteiro Toledo, CX 80/1910 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”

SP, em 30-JAN-1933²⁰⁶. Foi casado na mesma localidade com sua prima, **MARIA ISABEL DA CONCEIÇÃO**, falecida na Cidade de Cunha, SP, em 9-FEV-1902²⁰⁷, filha de José Lino de Toledo e s/m. Maria Teodora da Soledade, casados na Vila de Cunha, SP, em 25-JAN-1857²⁰⁸, sem filhos. Em segundas núpcias com **MARIA JOSÉ RODRIGUES**, com quem também não teve filhos. (s.g)

2(V) - **ANTÔNIO MONTEIRO DE TOLEDO**, falecido na Cidade de Cunha, SP, em 18-ABR-1946, e casado na mesma localidade, na data de 4-OUT-1902²⁰⁹, com **CARMINA MARIA DA CONCEIÇÃO** (falecida na Cidade de Cunha, SP, em 6-JUL-1944), filha de José Manuel Monteiro ou Toledo e s/m. Maria Francisca da Soledade; n.p de Manuel Monteiro de Toledo e s/m. Eufrásia Zelinda de Oliveira; n.m de José Lino de Toledo e s/m. Maria Teodora da Soledade. Pais, conforme inventário conjunto: João Monteiro de Toledo; Rosalina Maria Monteiro c.c Benedito Germano Monteiro; José Antônio de Toledo; e Benedita Maria da Conceição c.c Antônio José dos Santos.

3(V) - **FRANCISCO MONTEIRO DE TOLEDO**, casado a primeira vez na Cidade de Cunha, SP, na data de 2-NOV-1898²¹⁰, com sua prima, **MARIA ISIDORA DA CONCEIÇÃO**, filha de José Manuel Monteiro ou Toledo e s/m.

²⁰⁶ Testamento juntado às fls. 03/03v. do Inventário de Porfírio Monteiro de Toledo, CX 119/1939 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

²⁰⁷ Maria Isabel da Conceição faleceu na Cidade de Cunha, SP, sem deixar filhos do casamento, herdando seus bens os irmãos: Maria Eufrásia da Conceição; Ernesto Monteiro de Toledo, e seus sobrinhos: Maria Isidora da Conceição c.c Francisco Monteiro de Toledo; Teodora Francisca da Conceição c.c José Francisco de Toledo; Carmina Maria da Conceição; José Jorge de Toledo; e Ernestina Maria da Conceição, filhos esses da irmã falecida Maria Francisca da Conceição - Inventário de Maria Isabel da Conceição, CX 72/1902 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

²⁰⁸ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 99. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

²⁰⁹ Registro número 37, fls. 87v/88, Livro n. 03 (1899), Registro Civil de Matrimônio de Cunha. In: www.familysearch.org.

²¹⁰ Registro número 38, fls. 40v/41, Livro n. 02 (1895/1899), Registro Civil de Matrimônio de Cunha. In: www.familysearch.org.

Maria Francisca da Soledade; n.p de Manuel Monteiro de Toledo e s/m. Eufrásia Zelinda de Oliveira; n.m de José Lino de Toledo e s/m. Maria Teodora da Soledade.

A segunda vez com sua sobrinha, **MARIA CÂNDIDA DA CONCEIÇÃO**, filha de Cândido Monteiro de Toledo e s/m. Teodora Maria da Conceição.

- 4(V) - **MARIA JOSÉ DA CONCEIÇÃO**, viúva no inventário da mãe em 1925. Foi casada em Cunha, SP, na data de 22-JUN-1896²¹¹, com **JOSÉ BENEDITO DE TOLEDO** (falecido em 12-DEZ-1921²¹²), moradores na Capivara, filho de Antônio José Monteiro de Toledo e s/m. Maria José dos Reis; n.p de José Antônio de Oliveira e s/m. Maria Isabel de Oliveira ou Toledo; n.m de Bonifácio Monteiro de Toledo e s/m. Maria Gertrudes de Siqueira ou Reis. Foram pais, ao menos de: José Benedito de Toledo Filho; e João Benedito de Toledo.
- 5(V) - **CÂNDIDA MARIA DA CONCEIÇÃO**, ausente no inventário da mãe em 1925, casada na Cidade de Cunha, SP, com seu primo, **JOSÉ ANTÔNIO DE OLIVEIRA**, filho de José Antônio de Oliveira e s/m. Maria Isabel de Oliveira.
- 6(V) - **ANA MARIA DA CONCEIÇÃO**, chamada Ana Teodora das Dores ou Conceição, casada na Cidade de Cunha²¹³, SP, com **JOÃO BONIFÁCIO MONTEIRO DE TOLEDO**, filho de Bonifácio Pereira de Toledo, também chamado Bonifácio Monteiro de Toledo, e s/m. Maria Gertrudes de Siqueira ou Reis; n.p de Francisco Monteiro de Toledo e s/m. Francisca Joaquina de Toledo; n.m de Egídio Pinto de Siqueira e s/m. Teodora Maria dos Reis.

²¹¹ Registro número 02, fls. 44, do Livro n. 02 (1895/1899), Registro Civil de Matrimônio de Cunha, In: www.familysearch.org.

²¹² Certidão de Óbito de fls. 03 do Inventário de José Benedito de Toledo, CX 95-A/1925 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

²¹³ Casamento confirmado no assento de batismo do filho José, de 8-FEV-1904 – Livro de Batismo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de 1903/1908, fls. 1v.

7(V) - **CÂNDIDO MONTEIRO DE TOLEDO**, falecido em 26-NOV-1906, casado com **TEODORA MARIA DA CONCEIÇÃO**. Ao menos dois filhos, conforme inventário paterno²¹⁴: Maria Cândida da Conceição c.c Francisco Monteiro de Toledo; e José Cândido de Toledo.

10(IV)- **MARIA ISABEL DE OLIVEIRA**, chamada Maria Isabel de Toledo, casada na Vila de Cunha, SP, em 8-NOV-1849²¹⁵, com seu primo, em segundo grau e de terceiro misto ao segundo de consanguinidade, **JOSÉ ANTÔNIO DE OLIVEIRA** (falecido em 31-OUT-1869), filho do Alf. Antônio Alves de Oliveira e sua segunda mulher Manuela Maria (Joaquina) de Toledo (falecida em 1-FEV-1878), casados na Vila de Cunha, SP, em 7-OUT-1820²¹⁶; n.p de Alferes Antônio Alves de Oliveira e s/m. Maria Antônia da Silva (natural de Pouso Alto, MG); n.m exposta a Francisca Joaquina de Toledo Silva, que na verdade era sua avó pelo lado paterno, mãe do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo²¹⁷. Bisneto, pelo lado paterno, dos casais: José Alves (Alvares) de Oliveira e s/m. Dona Margarida da Silva do Amaral // Manuel Antônio da Silva e s/m. Rita Nunes da Silva; bisneto, pelo avô Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo, do casal: Francisco Pereira de Carvalho e s/m. Francisca Joaquina de Toledo Silva. Pais de:

1(V) - **ANTÔNIO JOSÉ MONTEIRO ou TOLEDO**, batizado na Matriz de Nossa

²¹⁴ Inventário de Cândido Monteiro de Toledo, CX 76/1906 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

²¹⁵ Data carente de confirmação pelo motivo já explanado.

²¹⁶ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 83. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

²¹⁷ Nos autos da Habilitação, julgada procedente, em apenso aos Autos do Inventário do Sargento-Mor Bonifácio Pereira de Toledo, as testemunhas arroladas, entre elas seu filho mais velho Antônio Bonifácio Pereira e seu genro Francisco Monteiro de Toledo, testemunharam que o falecido, poucos antes da morte, havia declarado que Manuela Joaquina de Toledo, casada com o Alf. Antônio Alves de Oliveira, era sua filha havida no estado de solteiro e que seus herdeiros dividissem a herança entre todos (Inventário CX 27/1845 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso").

Senhora da Conceição, em 18-FEV-1850²¹⁸, casado na Cidade de Cunha, SP, em 22-FEV-1873²¹⁹, em segundo grau em linha lateral igual, com **MARIA JOSÉ DOS REIS**, filha de Bonifácio Monteiro de Toledo e s/m. Maria Gertrudes dos Reis; n.p de Francisco Monteiro de Toledo e s/m. Francisca Joaquina de Toledo; n.m de Egídio Pinto de Siqueira e s/m. Teodora Maria dos Reis.

- 2(V) - **FRANCISCO JOSÉ MONTEIRO**, natural de Cunha, SP (falecido em 2-FEV-1914), onde se casou em 13-SET-1875²²⁰, em segundo grau, em linha lateral igual de consanguinidade, com **MARIA DO SANTÍSSIMO DOS REIS**, filha de Bonifácio Monteiro de Toledo e s/m. Maria Gertrudes dos Reis.

FRANCISCO JOSÉ MONTEIRO foi inventariado na Cidade de Cunha, SP, em 1914²²¹, deixando entre os bens inventariados *“uma parte de terras no lugar denominado “Paiol Fundo”, dividindo pelo rumo do sitio do “Quilombo” aguas vertentes para o paiol fundo e a estrada que vai de Cunha a Lagoinha, até chegar no caminho velho que vem da Fazenda Velha do Jacuhy para o mesmo “Paiol Fundo” e sahir na cabeceira do correjo do Canta Galo e d’ahi correjo abaixo até intestar com o rumo dos herdeiros do finado Manoel Rodrigues de Godoy”*.

Pais de dois filhos: Maria José dos Reis c.c João Borges Pereira; José Francisco de Toledo c.c Teodora Francisca da Conceição.

²¹⁸ Certidão de batismo juntada nos autos do Inventário de José Antônio de Oliveira, CX 44/1870. Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”. No curso deste inventário a neta Maria, filha do falecido José Francisco de Toledo, se casa com José Benedito de Toledo, filho de João Manuel de Toledo e s/m. Maria Luísa da Conceição (Liv. 8º, fls. 29/29v, Reg. nº 20).

²¹⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 135v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

²²⁰ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 168v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

²²¹ Inventário de Francisco José Monteiro, CX 84/1914. Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”. No curso deste inventário a neta Maria, filha do falecido José Francisco de Toledo, se casa com José Benedito de Toledo, filho de João Manuel de Toledo e Maria Luísa da Conceição (Liv. 8º, fls. 29/29v, Reg. nº 20).

- 3(V) - **JOSÉ ANTÔNIO DE OLIVEIRA**, casado com sua prima, **CÂNDIDA MARIA DA CONCEIÇÃO**, filha de Honório Monteiro de Toledo e s/m. Mariana Pereira, também chamada Mariana Joaquina da Conceição; n.p de Francisco Monteiro de Toledo e s/m. Francisca Joaquina de Toledo; n.m de Antônio Bonifácio Pereira (e/ou Toledo) e sua segunda mulher Teodora Zelinda de Siqueira (ou Oliveira ou Conceição).
- 4(V) - **LÚCIA MARIA DA CONCEIÇÃO**, filha natural, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na data de 7-JUL-1871²²², contratada para se casar com **JOSÉ DOMINGUES DE TOLEDO**, cujo enlace não se tem notícia nos autos.
- 11(IV)- **JOAQUINA FRANCISCA DE TOLEDO** ou Joaquina Monteiro, casada na Vila de Cunha, SP, em 12-NOV-1856²²³, com **ANTÔNIO BORGES PEREIRA**, filho de Antônio Borges Pereira e s/m. Maria Jesuína (ou Gertrudes) dos Reis, casados na Vila de Cunha, SP, em 16-NOV-1827²²⁴; n.p de Antônio Borges Pereira (natural de Lorena, SP) e s/m. Joaquina Maria da Conceição (natural de Cunha, SP), casados na Vila de Cunha, SP, em 1-MAR-1802; n.m de Alf. Antônio Alves de Oliveira (natural de Cunha, SP) e sua primeira mulher Ana Francisca dos Reis, casados na Vila de Cunha, SP, em 23-JUL-1808²²⁵. Bisneto, pelo lado paterno, dos casais: Antônio Borges de Siqueira (natural de Lorena, SP) e s/m. Joaquina Francisca de Oliveira (natural de Paraty, RJ) // Manuel Caetano França (natural de Cunha, SP) e s/m. Ana Francisca de Oliveira (natural de Cunha, SP); bisneto, pelo lado materno, dos casais: Alferes Antônio Alves de Oliveira e s/m. Maria Antônia da Silva (natural de Pouso Alto, MG) //
-
- ²²² Certidão de batismo de fls. 03 dos Autos de Licença de Casamento – CX Habilitações Matrimoniais - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.
- ²²³ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 84v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.
- ²²⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 117v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.
- ²²⁵ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 25. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

Alferes Antônio Alves de Castro e s/m. Ana Maria dos Reis. Pais de, segundo inventário paterno²²⁶:

- 1(V) - **JOSÉ BORGES DO NASCIMENTO**, casado na Cidade de Cunha²²⁷, SP, com **MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA** (falecida em 16-JUN-1910), filha de Francisco Monteiro de Toledo e sua segunda mulher Mariana Francisca de Toledo; n.p de Francisco Monteiro de Toledo e s/m Francisca Joaquina de Toledo; n.m do Alferes Antônio Alves de Oliveira (falecido em 23-AGO-1853) e sua segunda mulher Manuela Maria (Joaquina) de Toledo (falecida em 1-FEV-1878). Pelo inventário materno²²⁸: José Francisco do Nascimento; Benedito Borges do Nascimento c.c Maria Antônia da Conceição; Antônio Venâncio dos Reis; Maria José de Oliveira; e Geraldo.
- 2(V) - **BENEDITA BORGES MONTEIRO** c.c **BENEDITO PORFÍRIO FERRAZ**.
- 3(V) - **JOSÉ BORGES DOMINGOS PEREIRA**.
- 4(V) - **MARIA JOSÉ MONTEIRO**, casada na Cidade de Cunha, SP, em 27-ABR-1898²²⁹, com seu primo, **JOSÉ BONIFÁCIO DE TOLEDO**, filho de Manuel Bonifácio de Toledo e s/m. Luísa Maria da Conceição; n.p de Antônio Bonifácio Pereira e sua segunda mulher Teodora Zelinda da Conceição ou Oliveira; n.m de Francisco Germano Cordeiro e s/m. Maria Josefa de Toledo.
- 5(V) - **JOÃO BORGES PEREIRA**, natural da Cidade de Cunha, SP, onde faleceu na data

²²⁶ Inventário de Antônio Borges Pereira, CX 80/1910 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

²²⁷ Casamento confirmado no assento de batismo da filha Maria, de 4-OUT-1904 – Livro de Batismo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de 1903/1908, fls. 34.

²²⁸ Inventário de Maria José de Oliveira, CX 80-A/1910 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

²²⁹ Registro número 17, fls. 81/81v, Livro n. 02 (1895/1899), Registro Civil de Matrimônio de Cunha, In: www.familysearch.org

de 1-MAIO-1943²³⁰. Foi casado com **MARIA DOS REIS** (falecida em 19-SET-1946²³¹), também chamada Maria José dos Reis, filha de Francisco José Monteiro e s/m Maria do Santíssimo dos Reis; n.p de José Antônio de Oliveira e s/m. Maria Isabel de Oliveira; n.m de Bonifácio Monteiro de Toledo e s/m. Maria Gertrudes dos Reis.

6(V) - **MARIA BORGES PEREIRA**²³², casada na Cidade de Cunha, SP, em 26-NOV-1876²³³, com **JOAQUIM CELESTINO DE CARVALHO**, filho de Antônio Teodoro de Carvalho e s/m. Maria Estuarda de França, casados na Vila de Cunha, SP, em 1-JUL-1848; n.p do Alferes Antônio José de Carvalho e s/m. Francisca Monteiro de Toledo; n.m de Manuel Gomes de Oliveira e s/m. Francisca Xavier de França, casados na Vila de Cunha, SP, em 14-FEV-1820. (s.g)

§ 3º

3(II) - **MARIANA DA SILVA FERRAZ**, também chamada Mariana Monteiro Toledo, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Freguesia do Facão, Vila de Guaratinguetá, SP, na data de 8-JAN-1769²³⁴. Casou-se na Vila de Cunha, SP, em 4-MAR-1790²³⁵, com **ESTOLANO FRANCISCO MACHADO** (omitido por S.L), natural de Mogi das Cruzes, SP, filho de Manuel José Machado (o Manco) e sua primeira mulher Maria das Chagas de Jesus; n.p de Antônio José Machado

²³⁰ Certidão de Óbito de fls. 03 dos Autos do Arrolamento de João Borges Pereira, CX 113-A/1943 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

²³¹ Certidão de Óbito de fls. 13 dos Autos do Arrolamento de João Borges Pereira, CX 113-A/1943 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

²³² Maria Borges Pereira faleceu de “febres”, aos dezesseis nos de idade, em 24-FEV-1877.

²³³ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 178v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

²³⁴ Livro de Batismo de Cunha de 1766/1782 - fl. 18v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

²³⁵ Livro de Casamento de Cunha de 1778/1803 - fl. 45v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

(natural da Vila de Alenquer, Freguesia de Sant'Ana da Carnota²³⁶) e s/m. Vitória de Jesus Barbosa (natural de Mogi das Cruzes, SP), casados na Vila de Mogi das Cruzes, SP, em 21-MAIO-1735; n.m de Brás Francisco Ramalho (natural de Portugal e falecido em Mogi das Cruzes em 11-NOV-1752) e s/m. Luzia Pedroso das Neves²³⁷ (natural de Jacareí, SP)²³⁸. Bisneto, pelo lado paterno, dos casais: Antônio Machado e s/m. Pascoa Maria // Francisco Barbosa Calheiro (natural do Rio de Janeiro, RJ) e s/m. Joana Francisca (Barbosa)²³⁹; bisneto, pela avó Luzia Pedroso das Neves: Agostinho de Fontes Barbosa e s/m. Maria Pedroso Correa. Quando do falecimento de Catarina Maria de Toledo Silva na Vila de Cunha, SP, nos idos de 1808, **ESTOLANO FRANCISCO MACHADO** e sua mulher encontravam-se residindo na Vila de Resende, RJ, para onde foi dirigida Carta Precatória para dar-lhes ciência do inventário da sogra, porquanto deveriam levar à colação o dote recebido em 23-JUL-1790, no valor 137\$800, incluído neste valor a escrava de nome Isabel. Ao menos:

1(III) - **ANTÔNIO**, nascido em 12-JUN-1795 e batizado na Matriz de Resende, pelo Vig. Encarregado Francisco Xavier de Toledo, em 22-JUN-1795²⁴⁰, participantes os padrinhos: Guarda-Mor Simplício Correa da Costa e Margarida Nunes Rangel.

2(III) - **MARIA ZELINDA DE JESUS**, também chamada Maria Monteiro de Jesus, nascida em 2-OUT-1799 e batizada na Matriz de Resende, pelo Vigário José Antônio Martins de Sá, em 1-OUT-1799²⁴¹, e padrinho o Alferes Pedro de Souza Magalhães. Foi casada com **VICENTE JOSÉ DUARTE**, natural de Lisboa, filho de Antônio José Duarte e s/m. Maria de Jesus. Ao menos:

1(IV) - **RITA**, batizada na Matriz de Resende, pelo Vigário José

²³⁶ Na Genealogia Paulistana consta que Antônio José Machado seria natural de Nazareth, Lisboa, Portugal, mas o registro de casamento informa algo diferente. Também para os pais da noiva, Silva Leme registra como Manuel Rodrigues Barbosa e s/m. Joana Barbosa, quando no registro consta Francisco Barbosa Calheiro (natural do Rio de Janeiro, RJ) e s/m. Joana Francisca.

²³⁷ Luzia Pedroso das Neves era filha de Agostinho de Fontes Barbosa e s/m. Maria Pedroso Correia, cuja família Fontes tinha a fama de cristã-nova, In: BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. Cristãos-novos em São Paulo (séculos XVI-XIX): assimilação e nobilitação. São Paulo: ASBRAP, 2015.

²³⁸ LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, vol. 7. São Paulo: Duprat & Cia., 1905, pág. 156.

²³⁹ LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, vol. 2. São Paulo: Duprat & Cia., 1905, pág. 363.

²⁴⁰ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 421.

²⁴¹ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 488.

Antônio Martins de Sá, em 31-MAIO-1827²⁴².

- 2(IV) - **MANUEL**, nascido em 3-AGO-1828 e batizado na Matriz de Resende, em 10-AGO-1828²⁴³.
- 3(IV) - **JOAQUIM**, batizado na Matriz de Resende em 8-NOV-1829²⁴⁴.
- 4(IV) - **FRANCISCO**, batizado na Matriz de Resende em 22-MAR-1830²⁴⁵.
- 5(IV) - **ANTÔNIO**, batizado na Matriz de Resende, pelo Pároco Marciano Joaquim de Almeida Luz, em 22-JUL-1832²⁴⁶.
- 6(IV) - **JOSÉ**, batizado na Matriz de Resende, pelo Vigário Antônio Maria Ribas Sandim, em 1-ABR-1834²⁴⁷.
- 7(IV) - **JOSÉ**, batizado na Matriz de Resende, pelo Padre José Marques da Mota, em 6-DEZ-1835²⁴⁸.
- 8(IV) - **MARIA**, batizada na Matriz de Resende, pelo Padre José Marques da Mota, em 6-AGO-1837²⁴⁹.
- 3(III) - **FRANCISCO**, n. em 9-FEV-1803 e batizado na Matriz de Resende, pelo Vigário Francisco Xavier de Toledo, em 1-MAR-1803²⁵⁰, e padrinho Inácio de Seixas Ribeiro.
- 4(III) - **VALÉRIO JOSÉ MONTEIRO**, nascido em 2-JAN-1805, batizado na Matriz de Resende, pelo Vigário Francisco Xavier de

²⁴² Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1059.

²⁴³ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1097.

²⁴⁴ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 310v.

²⁴⁵ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1324.

²⁴⁶ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1436.

²⁴⁷ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1608.

²⁴⁸ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1640.

²⁴⁹ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1825.

²⁵⁰ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 574.

Toledo, em 24-JAN-1805²⁵¹, e padrinho José Monteiro de Brito. Uniu-se à família “Macedo” pelo casamento com Zelinda Maria de Macedo (vide §5º, 5(II) e 9 (III) a seguir).

5(III) - **FRANCISCA ROSA DE JESUS**, natural de São José, casada com **JOSÉ MONTEIRO DE BRITO**, filho de Inácio Pais de Brito, natural da Vila de Jacareí, SP, (ou Inácio Paes Barreto ou Inácio Ruiz de Brito ou Inácio Monteiro de Brito) e s/m. Ana Francisca Barbosa (natural do Rio Grande do Sul, RS)²⁵². Pais de, ao menos:

1(IV) - **INÁCIO MONTEIRO DE BRITO**, n. em 13-MAIO-1811 e batizado na Matriz de Resende, pelo Padre Manuel Serafim dos Anjos, em 20-MAIO-1811²⁵³. Casado no Oratório da Ponte Alta, Resende, RJ, em 22-AGO-1840²⁵⁴, com **ANTÔNIA GOMES DA TRINDADE**, natural de Resende, RJ, filha de Manuel Nunes Ribeiro e s/m. Maria Gomes da Trindade. Pais:

1(V) - **MARIA**, batizada na Matriz de Resende, em 6-JUN-1841²⁵⁵.

2(V) - **FRANCISCA**, batizada no Oratório da Ponte Alta, em 24-JUN-1844²⁵⁶.

2(IV) - **JOSÉ LUÍS MONTEIRO**, nascido em 26-JAN-1814, batizado na Matriz de Resende, pelo Vigário José Antônio Martins de Sá, em 5-FEV-1814²⁵⁷. Foi casado na Vila de Resende, RJ, na data de 6-NOV-1837²⁵⁸, com **JOAQUINA MARIA DA CONCEIÇÃO**, filha do Cap. João José de Araújo (Aiuuoca, MG) e s/m. Ana

²⁵¹ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 682.

²⁵² Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pastas 777 e 3952.

²⁵³ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 777.

²⁵⁴ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1920.

²⁵⁵ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1878.

²⁵⁶ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 3961.

²⁵⁷ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 896.

²⁵⁸ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1609.

Maria da Conceição ou Jesus (Resende, RJ); n.p de Simão Rodrigues Chaves (natural de Chaves, Bispado de Braga) e s/m. Escolástica Ferreira de Araújo (natural de Morro do Chapéu, MG); n.m de Antônio Ribeiro (natural de Lisboa) e s/m. Vitória Maria de Nazaré.

3(IV) - **JOÃO BATISTA MONTEIRO**, batizado na Matriz de Resende, casado com **FRANCISCA GOMES DA TRINDADE**, filha de Manuel Nunes Ribeiro e s/m. Maria Gomes da Trindade. Pais de, ao menos:

1(V) - **DOMINGOS**, batizado em Resende, RJ, em 2-DEZ-1850²⁵⁹.

4(IV) - **CAMÉLIO**, batizado em Resende, RJ, pelo Vigário José Antônio Martins de Sá, em 23-MAR-1819²⁶⁰.

5(IV) - **DANIEL**, batizado na Matriz de Resende, pelo Vigário José Antônio Martins de Sá, em 16-MAR-1827²⁶¹.

6(IV) - **MARIA (LUÍSA MONTEIRO)**, batizada na Matriz de Resende, em 12-FEV-1829²⁶².

6(III) - **GENOVEVA MARIA DE JESUS** (nat. de Jacareí, SP), casada com **FRANCISCO RODRIGUES LEAL**, natural de Resende, RJ, ou Aiuruoca, MG, filho de Miguel da Silva Leal e s/m. Maria Souza Xavier (nat. de Guaratinguetá, SP)²⁶³. Ao menos:

1(IV) - **JOSÉ RODRIGUES LEAL**, chamado José Estolano Monteiro, n. em 11-OUT-1813 e batizado na Matriz de Resende, pelo Vigário Manuel Serafim dos Anjos, em 20-OUT-1813²⁶⁴. Foi casado na Vila de Resende, RJ, em 9-JAN-1841²⁶⁵, com **LUÍSA MARIA DA**

²⁵⁹ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 2482.

²⁶⁰ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 105V.

²⁶¹ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1088.

²⁶² Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1265.

²⁶³ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 936. Creio que Miguel da Silva Leal seja descendente da família “Silva Leal” de Guaratinguetá, SP.

²⁶⁴ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 936.

²⁶⁵ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 2064.

CONCEIÇÃO, filha de José Alves da Silva e s/m. Leonor Maria de Jesus. Ao menos:

1(V) - **MANUEL**, batizado na Matriz de Resende, em 10-DEZ-1848²⁶⁶.

2(IV) - **MIGUEL LEAL DA SILVA**, batizado na Matriz de Resende, em 5-NOV-1815²⁶⁷, onde se casou, em 23-OUT-1841²⁶⁸, com **JUSTINA MARIA DE JESUS**, batizada na Matriz de Resende, em 20-DEZ-1826²⁶⁹, filha de Albano Antônio Viana e s/m. Matildes Maria de Jesus; n.p de Antônio Guilherme Viana e s/m. Francisca da Silva. Pais de, ao menos:

1(V) - **ALBANO ANTÔNIO VIANA**, casado em Vila Grande, na data de 27-ABR-1875²⁷⁰, com **CAROLINA MARIA DA CONCEIÇÃO**, filha de Francisco Antônio Soares e s/m. Maria Antônia do Carmo.

3(IV) - **MARIA FRANCISCA DO ESPÍRITO SANTO**, casada com **MANUEL FERREIRA**. Pais de:

1(V) - **RUFINA**, batizada na Matriz de Resende, em 9-DEZ-1827²⁷¹.

4(IV) - **JOANA ROSA DE OLIVEIRA**, natural de Resende, RJ, casada com **FRANCISCO FERNANDES ADÃO**, natural de Pitangui, MG, filho de Patrício Fernandes Adão e s/m. Maria Eufrásia de Jesus. Pais de, ao menos:

1(V) - **SEBASTIÃO**, batizado na Matriz de Resende, em 11-JAN-1835²⁷².

²⁶⁶ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 2302.

²⁶⁷ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 936.

²⁶⁸ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 2052v.

²⁶⁹ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1043.

²⁷⁰ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 3910.

²⁷¹ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 1084.

²⁷² Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 2180v.

2(V) - **ISABEL**, batizada em 4-ago-1843²⁷³.

§ 4º

4(II) - **CAPITÃO MANUEL MONTEIRO FERRAZ**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Freguesia do Facão, Vila de Guaratinguetá, SP, na data de 24-AGO-1770²⁷⁴. Contraiu matrimônio na Vila de Cunha, SP, em 5-JUL-1807²⁷⁵, com **TERESA MARIA DE JESUS**, batizada na Capela de Jesus, Maria e José da Boa Vista, Vila de Cunha, SP, em 22-JAN-1781²⁷⁶ (falecida em 14-AGO-1810), filha do Capitão Francisco Xavier Leite (natural de São Paulo, SP, e falecido no bairro das Abóboras, aos setenta e seis anos de idade, em 9-AGO-1825²⁷⁷) e s/m. Maria Francisca da Silva (falecida aos oitenta e seis anos de idade, em 20-ABR-1821); n.p do Capitão Manuel Cavalheiro Leite e s/m. Mécia da Silva Ortiz; n.m de Diogo Lucas da Cunha (nascido na Vila de Manteigas, em 18-OUT-1704, Bispado do Porto, Portugal, batizado na Igreja de São Pedro, na data de 25-OUT-1704²⁷⁸), lavrador e seleiro na Freguesia do Facão onde veio a falecer, aos noventa e seis anos de idade, em 10-JUN-1798, e s/m. Francisca da Costa Resende, natural da Freguesia do Macacu e batizada na Igreja da Candelária, Cidade do Rio de Janeiro, RJ (falecida na Vila de Cunha, SP, em 18-OUT-1804²⁷⁹, aos cento e cinco anos de idade), moradores nas Abóboras.

Bisneta, pelo lado paterno, dos casais: Antônio Pedroso de Oliveira e s/m. Maria Paes Domingues // Estevão da Cunha de Abreu e s/m. Maria Cardoso; bisneta, pelo lado materno, dos casais: Francisco Lucas (filho de Domingos Rodrigues e s/m. Maria Lucas) e s/m. Maria da Cunha (filha

²⁷³ Acervo Itamar Bopp – Arquivo Pessoal do Dr. Itamar Bopp - dados da Matriz de Resende-RJ e outras freguesias – pasta 2198.

²⁷⁴ Livro de Batismo de Cunha de 1766/1782 - fl. 28. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Data carente de confirmação pelo motivo já explanado.

²⁷⁵ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 21v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

²⁷⁶ Certidão de batismo de fls. 07 dos Autos de Justificação, CX Autos Cíveis de 1829 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

²⁷⁷ Membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento, Irmandade de São Miguel de Almas e Irmandade de Nossa Senhora das Dores.

²⁷⁸ Livro de Batismo de São Pedro de 1703/1730 - fl. 10v. Arquivo Distrital de Guarda – ADGRD.

²⁷⁹ Francisca da Costa Resende lavrou testamento na Vila de Cunha, SP, em 22-FEV-1789, deixando disposto na partilha uma sorte de terras nas Abóboras com mil braças de testada com uma légua de sertão, que foram disputadas entre os herdeiros e a esposa do filho demente, José Lucas da Cunha, de nome Ana Maria do Nascimento, filha de Antônio da Silva Bueno e s/m. Maria do Rosário. Inventário de Francisca da Costa Resende, CX 08/1805 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

de Manuel Rodrigues Teixeira e s/m. Domingas da Cunha), todos naturais da Vila de Manteigas // Francisco de Resende Pinheiro, natural de Ovar, Portugal, e s/m. Francisca da Costa, natural da Freguesia de Macacu, Bispado do Rio de Janeiro.

TERESA MARIA DE JESUS foi inventariada em Cunha, SP²⁸⁰, com partilha de bens, entre eles um paiol de milho de dois lanços de telha, mais benfeitorias fabricadas de telhas e duzentas braças de testada com uma légua de sertão, sem indicar a localização, que acredito sejam parte das terras herdadas por sua mãe no Bairro das Abóboras.

MANUEL MONTEIRO FERRAZ, viúvo desde 1810, Capitão da 2ª Companhia da Vila de Cunha, SP, mudou-se para a região de Queluz, SP, e Areais, SP, nos idos de 1822/23²⁸¹, seguindo o caminho de tantos outros cunhenses em busca de melhores negócios nas lavouras de café, no início do século XIX. Pais de, ao menos:

1(III) - **JOAQUIM MARIANO DE TOLEDO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na data de 08-ABR-1808²⁸², casado na Matriz de Santo Antônio de Guaratinguetá, na data de 14-FEV-1828²⁸³, em segundo grau de consanguinidade por um lado e terceiro misto ao quarto por outro lado, com **JOAQUINA MARIA DE TOLEDO**, filha do Alferes Francisco José da Cunha e sua segunda mulher Lucinda Maria de Jesus, naturais e casados na Vila de Cunha, SP, em 14-FEV-1804²⁸⁴; n.p do Capitão Francisco Xavier Leite (natural de São Paulo, SP, e falecido na Vila de Cunha em 9-AGO-1825) e s/m. Maria Francisca da Silva (natural de Cunha, SP); n.m de Antônio Ramalho de Toledo e s/m. Maria Joaquina de Oliveira.

Para João José de Oliveira Veloso, transcrevendo depoimento da família, Joaquim Mariano de Toledo: “levou para morar consigo a cunhada solteira, Maria Francisca de Jesus (1819-1881), e desse convívio resultou na sedução da própria cunhada. Uma vez gestante, Maria Francisca foi mandada por sua família para Caçapava, onde em

²⁸⁰ Inventário de Teresa Maria de Jesus, CX 10/1810 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

²⁸¹ O Cap. Manuel Monteiro Ferraz pode ser encontrado na Lista das Ordenanças da Vila de Queluz de 1825, Bairro do Jacu, fogo 209, ainda viúvo, vivendo em companhia de seu filho Joaquim, de 17 anos de idade, confirmando a informação da Lista de Ordenanças da Vila de Cunha, SP, de 1823 – DAESP.

²⁸² Certidão de batismo de fls. 09 dos Autos de Justificação, CX Autos Cíveis de 1829 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

²⁸³ Livro de Casamento de Guaratinguetá de 1816/1831 - fls. 113v/114. Arquivo da Cúria Diocesana de Aparecida – ACDA.

²⁸⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 04. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

*1850, lá daria à luz a um filho menino, que veio a se chamar Joaquim Mariano de Toledo*²⁸⁵.

Porém, é possível que o evento tenha ocorrido no sentido inverso, ou seja, a cunhada engravidou em Caçapava, SP, e depois retornou para a Vila de Cunha, SP. Isso porque nos autos do inventário da matriarca²⁸⁶ vê-se que a filha Joaquina Maria de Jesus se encontrava em Caçapava, SP, nos idos de 1849, vivendo com seu marido, para onde foi dirigida Carta Precatória dando ciência do inventário. Mas, ao contrário deles, a cunhada solteira, Maria Francisca de Jesus, estava residindo na Vila de Cunha, SP.

Filho natural com a cunhada, Maria Francisca de Jesus:

1(IV) - **JOAQUIM MARIANO DE TOLEDO**, Quim Caçapava ou Quim Mariano, natural de Caçapava, SP, n. em 8-MAIO-1850, casado com **MARIA JOSÉ DO ESPÍRITO SANTO**, filha de Antônio Nicolau Correia e s/m. Teresa Maria de Jesus. Pais ²⁸⁷:

1(V) - **CEL. JOAQUIM MARIANO LEITE c.c VERGISTA GONZAGA DA CONCEIÇÃO.**

2(V) - **BENEDITO XAVIER LEITE c.c ETELVINA VAZ LEITE.**

3(V) - **MARIA FRANCISCA DE JESUS c.c JOSÉ TEÓFILO GALHARDO.**

4(V) - **LUÍS MARIANO LEITE c.c MARIA CESARINA DE JESUS.**

5(V) - **JERÔNIMO MARIANO LEITE c.c FELISBINA VAZ LEITE.**

6(V) - **CAPITOLINO MARIANO LEITE c.c EVANGELINA VAZ DE CAMPOS.**

7(V) - **JORGE MARIANO LEITE c.c TERESA VAZ DE CAMPOS.**

²⁸⁵ VELOSO, João José de Oliveira. *A História de Cunha – Freguesia do Facão – A Rota da Exploração das Minas e Abastecimento de Tropas*. São Paulo, 2010.

²⁸⁶ Inventário de Lucinda Maria de Jesus, CX 30/1849 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

²⁸⁷ Genealogia extraída de VELOSO, João José de Oliveira. *A História de Cunha – Freguesia do Facão – A Rota da Exploração das Minas e Abastecimento de Tropas*. São Paulo, 2010, pág. 249.

8(V) - **DAMÁSIO MARIANO LEITE** c.c **CALVINA MARIA DE JESUS.**

9(V) - **CRISPIM MARIANO LEITE** c.c **MARIA ISABEL DE CAMPOS.**

10(V) - **MARIA JOSÉ DE JESUS** c.c **BENEDITO VAZ DE CAMPOS.**

11(V) - **MARIATERESA DE JESUS** c.c **BENEDITO VAZ DE CAMPOS.**

12(V) - **CIRILO MARIANO LEITE** c.c **TALITA VAZ DE CAMPOS.**

2(III) - **MARIA TERESA DE JESUS**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na data de 06-AGO-1809²⁸⁸, casada com **JOSÉ ALEXANDRINO DOS SANTOS.**

§ 5º

5(II) - **JOAQUINA ANTÔNIA DE JESUS**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Freguesia do Fação, Vila de Guaratinguetá, SP, na data de 10-DEZ-1771²⁸⁹. Contraiu núpcias na Vila de Cunha, SP, em 5-JUL-1790²⁹⁰, com o **CAPITÃO-MOR JOÃO JOSÉ DE MACEDO**, natural da Vila de Cunha, SP, nascido por volta de 1765, e falecido na Vila de Areias, SP, em 4-ABR-1830, filho do Capitão Francisco José de Macedo (natural da Vila de Setúbal, Patriarcado de Lisboa) e s/m. Mariana Francisca de Sampaio (natural de Cunha, SP); n.p. de José Rodrigues e s/m. Maria da Graça (nats. da Vila de Setúbal, Patriarcado de Lisboa); n.m. do Sargento-Mor André de Sampaio (batizado na Igreja e Freguesia de São Mamede, Distrito de Évora, na data de 2-ABR-1695²⁹¹) e s/m. Maria Nunes da Silva (natural de Guaratinguetá, SP).

Bisneto, pelo lado paterno, dos casais: Antônio Pedroso de Oliveira e s/m. Maria Paes Domingues // Estevão da Cunha de Abreu e s/m. Maria Cardoso; bisneto, pelo lado materno, dos casais: José Sampaio e s/m.

²⁸⁸ Certidão de batismo de fls. 08 dos Autos de Justificação, CX Autos Cíveis de 1829 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

²⁸⁹ Livro de Batismo de Cunha de 1766/1782 - fl. 32. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena - ACDL.

²⁹⁰ Livro de Casamento de Cunha 1778/1803 - fl. 46. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena - ACDL.

²⁹¹ Livro de Batismo de São Mamede n. 07 de 1669/1703 - fl. 202v - Arquivo Distrital de Évora - ADEV. André de Sampaio foi inventariado em Guaratinguetá em 1778.

Rosa Maria (nats. da Freguesia de São Mamede, Distrito de Évora) // Capitão Manuel Lopes Figueira (natural da Freguesia da Figueira, Foz do Mondego, Bispado de Coimbra), Juiz de Paz da Vila de Guaratinguetá, SP, casado talvez em Pindamonhangaba, SP, onde em 1736 faleceu o sogro, e s/m. Joana da Silva, batizada em Guaratinguetá, SP, na data de 13 de julho de 1693²⁹².

Trineto, pelos bisavós maternos Manuel Lopes Figueira e s/m. Joana da Silva, dos casais: Felipe Lopes (natural do Porto, Portugal) e s/m. Ana Nunes (natural da Freguesia da Figueira, Foz do Mondego, Bispado de Coimbra) // Antônio Tavares de Melo (natural de Guaratinguetá, SP) s/m. Maria da Silva Cortez²⁹³ (natural de Jundiá, SP).

JOÃO JOSÉ DE MACEDO e família foram inicialmente moradores no Bom Retiro, Vila de Cunha, SP, mas se transferiram nos idos de 1817/1818 para a Vila de Areais, SP, onde constituíram patrimônio de fazendas de café, que se expandiram para as vilas de Queluz, SP, e Resende, RJ. Já no posto de Capitão-Mor faleceu na Vila de Areias, SP, em 4-ABR-1830, inventariado segundo os termos do testamento, lavrado na Vila de Areais, SP, em 3-JUL-1827, com partilha de bens avaliados: “*Huma sorte de terras compradas de Manoel Jose da Costa no lugar da situação termo da Vila das Areias como consta da escriptura passada pelo tabelião Francisco Cardoso de Macedo desmembrando-se desta as que doarão a seu genro Jose Joaquim da Silva [...]; Huma morada de casas cobertas de telha de quatro lanços com suas competentes portas e janelas [...] citas ao pé da Igreja Matriz de Queluz [...]*”:

1(III) - **VALÉRIO JOSÉ DE MACEDO**, natural da Vila de Cunha, SP, casado com **JUSTINA LEME DA BOA MORTE** (natural de Areias, SP), filha do Alf. Joaquim José da Silva, também chamado Joaquim da Silva Granito, e s/m. Maria da Graça de

²⁹² LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, vol. 8. São Paulo: Duprat & Cia., 1905, pág. 86.

²⁹³ Há divergências sobre a esposa de Antônio Tavares de Melo. Para Carlos da Silveira, em seu trabalho sobre “*Apontamentos para o estudo de uma grande família: Os Lopes Figueira, do Facão*”, publicado na RIHGSP – vol. XXXV e *Subsídios Genealógicos XLII*, In: www.asbrap.org.br, a mãe de Joana da Silva seria Maria da Silva Cortez, pois assim constou no registro de batismo dessa filha (Vila de Guaratinguetá, 13-JUL-1693), apesar de considerar possível um segundo casamento ou até um nome composto para a esposa: Ana Maria da Silva Cortez. Por outro lado, Silva Leme, em sua *Genealogia Paulistana*, volume VIII, página 86, registra Ana da Silva como esposa de Antônio Tavares de Melo. Estava inclinado à hipótese de um segundo casamento de Antônio Tavares de Melo com Ana da Silva. Isso porque Joana da Silva, seguindo certa tradição, deu a sua primeira filha o nome de Maria da Silva em homenagem a avô materna, mas não deixou de homenagear a madrastra, dando a sua quarta filha o nome de Ana da Silva. Todavia, na habilitação sacerdotal do Padre João Antônio de Viveiros Figueira, cunhense batizado em 15-AGO-1765, consta certidão de casamento de seus pais onde se registra que os avós maternos são: Antônio Tavares de Melo e s/m. Ana da Silva (natural da Vila de Jundiá), ambos pais de Joana da Silva. São, portanto, Maria da Silva Cortez e Ana da Silva a mesma pessoa.

Jesus (natural de Baependi, MG), casados na Vila de Cunha, SP, em 26-ABR-1786²⁹⁴; n.p de Manuel Gomes Granito e s/m. Margarida Francisca de Sampaio; n.m de José Faria Cardoso e s/m. Inácia Maria de Jesus. Bisneta, pelo lado paterno, dos casais: José Gomes Granito (natural de Évora) e s/m. Inácia da Silva (natural de Cunha, SP) // Sargento-Mor André de Sampaio (batizado na Igreja e Freguesia de São Mamede, Distrito de Évora, na data de 2-ABR-1695²⁹⁵) e s/m. Maria da Silva (natural de Guaratinguetá, SP); bisneta, pelo lado materno, dos casais: Leandro de Faria Cardoso e s/m. Maria do Amaral (nats. da Freguesia de Almadache, Bispado do Vizeu) // André Lopes da Lavra e s/m. Maria da Graça (natural de Pindamonhangaba, SP).

2(III) - **JOAQUIM JOSÉ DE MACEDO**, casado na Vila de Queluz, SP, com **FRANCISCA RITA DE VIVEIROS**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Freguesia do Facão, Vila de Guaratinguetá, SP, na data de 14-MAR-1771 (sábado), moradores do Bairro do Entupido, Freguesia de Queluz, SP, na década de 1830, filha do Alferes Carlos Pedroso da Silveira e s/m. Ana Antônia de Viveiros²⁹⁶ (casados na Vila de Cunha, SP, em 23-OUT-1787); n.p de José Borges dos Santos (natural de Vila Rica, MG, Bispado de Mariana) e s/m. Maria Miguel da Silveira (batizada na Freguesia do Facão, em 11-MAIO-1733, quarta-feira, 10:00 horas da noite); n.m do Cap. Antônio Figueira (natural de Cunha, SP), filho do Capitão Manuel Lopes Figueira (natural da Freguesia da Figueira da Foz de Mondego, Bispado de Coimbra) e s/m. Joana da Silva (natural de Guaratinguetá, SP), e sua primeira mulher Bárbara Maria de Viveiros (natural da Capela de Nossa Senhora da Penha da Boa Vista, da Vila de Pouso Alto, MG, Bispado de Mariana), filha de Manuel Antônio (natural da Freguesia de São Julião, Termo de Barcelos, Arcebispado de Braga) s/m. Maria de Viveiros de Oliveira ou Machado (natural da Capela de Nossa Senhora da Penha da Boa Vista, Vila de Pouso Alto, MG, Bispado de Mariana), moradores no Jacuí.

²⁹⁴ Livro de Casamento de Cunha 1778/1803 – fl. 28. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

²⁹⁵ Livro de Batismo de São Mamede n. 07 de 1669/1703 - fl. 202v – Arquivo Distrital de Évora - ADEVR. André de Sampaio foi inventariado em Guaratinguetá em 1778.

²⁹⁶ Os ascendentes de Camilo Sabino José de Macedo constam da RIHGSP – vol. XXXV, págs. 91/130. “Apontamentos para o estudo de uma grande família: Os Lopes Figueira, do Facão – Carlos da Silveira e Rev. Arq. Mun. de São Paulo – RAM vol. XXVII.

Carlos da Silveira²⁹⁷ lista dez filhos para o casal:

1(IV) - **CAMILO SABINO JOSÉ DE MACEDO**, casado na Igreja de São Francisco de Paula dos Pinheiros, em 14-FEV-1854²⁹⁸, com **MARIA DA SOLEDADE PEREIRA FERRAZ**, batizada na Vila de Cunha, SP, em 6-ABR-1829²⁹⁹, filha do Alferes Antônio José Ferraz de Oliveira e sua segunda mulher Maria Efigênia da Conceição (ou Jesus).

Foram pais de:

1(V) - **JOSÉ PEDRO DE MACEDO**, casado a primeira vez com sua prima, **AUTA CLARA DE MACEDO** (Sinhazinha), moradores em Itaporanga, SP. A segunda com **GERALDINA PIMENTA**, filha de Pedro Carapina e s/m. Maria Pimenta³⁰⁰. Filhos nos dois casamentos.

2(V) - **JOÃO PEDRO DE MACEDO**, casado com **ETELVINA PEREIRA MACEDO**, natural de Queluz, SP, e falecida em Ribeirão Preto, SP, em 26-AGO-1947³⁰¹, filha de Paulino Pereira da Costa e s/m. Teodora Nunes Pereira.

3(V) - **JOAQUIM DE MACEDO NETO**, batizado na Matriz de São João Batista de Queluz, em 4-ABR-1859³⁰², casado com sua prima, **MARIA LUÍSA DE MACEDO**, filha de Eduardo de Macedo e s/m Maria Gonçalves.

4(V) - **MARIA TERESA DE MACEDO**, casada com o **CORONEL JOÃO BATISTA REBOUÇAS DA SILVA**, nascido em Queluz, SP, na data de 19-OUT-1862, e falecido na Cidade de São

²⁹⁷ “Apontamentos para o estudo de uma grande família: Os Lopes Figueira, do Facão” – Carlos da Silveira, RIHGSP – vol. XXXV, págs. 91/130 e *Subsídios Genealógicos CVIII*, In: www.asbrap.org.br.

²⁹⁸ Livro de Casamento de Pinheiros de 1847/1888 – fl. 05v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

²⁹⁹ Livro Batismo de Cunha de 1822/1834 – fl. 56. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁰⁰ Certidão de Nascimento de Maria Cisina de Macedo, Registro Civil da Comarca de Faxina, Cidade de Itaberá, SP, In: www.familysearch.org.

⁰⁰ Registro Civil de Óbito de Ribeiro Preto, SP, In: www.familysearch.org.

³⁰² Certidão juntada nos autos de Revisão Eleitoral de 1887 - CX 68 (1887) – Arquivo MuseuMun. Malba Tahan (Queluz, SP).

Paulo, em 21-ABR-1940. Foram moradores em Itaporanga, SP, onde ele foi escrivão e tabelião. Pais de³⁰³: Iracema Rebouças c.c João Russo do Amaral; Alice Rebouças da Silva; Dirce Rebouças da Silva; Hilda; e Antônio (de Macedo) Rebouças da Silva.

5(V) - **TERESA SABINO DE MACEDO**, batizada provavelmente em Queluz, SP. Casada, na data de 22-MAIO-1894, em Lavrinhas da Faxina (Itaberá, SP), com **JOSÉ INOCÊNCIO DE SOUZA CARVALHO**³⁰⁴, batizado em Queluz, SP, segundo Carlos da Silveira. Filho de Manuel Inocêncio de Souza Carvalho e s/m. Joaquina Eufrásia de Oliveira Garcez (casados em 27-NOV-1854³⁰⁵); n.p de Antônio de Souza Carvalho (natural da Freguesia de Santa Luzia, São Miguel das Ilhas - Açores) e s/m. Gertrudes Eufrásia da Palma (natural de Guaratinguetá, SP); n.m de Manuel Carlos de Oliveira Garcez (natural de Paraty, RJ) e s/m. Maria Custódia do Sacramento (de Souza Carvalho ou da Palma – natural de Queluz, SP). (s.g)

6(V) - **ANA DE MACEDO**, sem geração.

7(V) - **ANTÔNIO AUGUSTO DE MACEDO**, natural de Queluz, SP, casado com **MARIA CHAVES LOURO ou MACEDO**, nascida na Áustria³⁰⁶.

8(V) - **MARIA BRASÍLIA DE MACEDO** c.c **FRANCISCO CÂNDIDO DA LUZ**.

2(IV) - **GERTRUDES MARIA DA CONCEIÇÃO**, chamada Gertrudes de Macedo, casada na Vila de Queluz, SP,

³⁰³ SILVEIRA, Carlos da. *Notas Genealógicas sobre a Família Rebouças da Palma, oriunda do Vale do Paraíba do Sul, Estado de São Paulo*. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo – RAM vol. XXVII, págs. 122/123, 1936, e *Subsídios Genealógicos CLX*, In: www.asbrap.org.br.

³⁰⁴ SILVEIRA, Carlos da. *Notas Genealógicas sobre a Família Rebouças da Palma, oriunda do Vale do Paraíba do Sul, Estado de São Paulo*. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo – RAM vol. XXVII, pág. 149, 1936.

³⁰⁵ Livro de Casamento de Queluz de 1802/1882 – fl. 45v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁰⁶ Registro de Casamento de Itaberá, SP, In: www.familysearc.org.br

em 10-JUL-1849³⁰⁷, com **MANUEL GONÇALVES SILVA**, viúvo de Ana Delfina de Oliveira. Pais de:

- 1(V) - **FRANCISCA DE MACEDO.**
 - 2(V) - **MARIANA DE MACEDO c.c JOSÉ MENDES DE OLIVEIRA.**
 - 3(V) - **JOSÉ GONÇALVES DE MACEDO c.c FRANCISCA RODRIGUES.**
 - 4(V) - **JOAQUIM GONÇALVES DE MACEDO c.c FRANCISCA DE MACEDO.**
 - 5(V) - **TERESA GONÇALVES DE MACEDO c.c MANUEL CARDOSO GONÇALVES.**
 - 6(V) - **ROSÁRIA DE MACEDO c.c CAPITÃO ANTÔNIO DIAS BATISTA PRESTES.**
 - 7(V) - **MARIA DO CARMO DE MACEDO c.c FRANCISCO GONÇALVES DE OLIVEIRA.**
 - 8(V) - **MANUEL GONÇALVES DE MACEDO**, casado com sua prima, **LUÍSA DE MACEDO**, filha de Joaquim de Macedo Neto e s/m. Maria Luísa de Macedo.
- 3(IV) - **EDUARDO DE MACEDO**, casado com **MARIA GONÇALVES**. Pais de:
- 1(V) - **MARIA LUÍSA DE MACEDO**, casada com seu primo, **JOAQUIM DE MACEDO NETO.**
 - 2(V) - **MARIA JOSÉ DE MACEDO.**
 - 3(V) - **FRANCISCA DE MACEDO.**
 - 4(V) - **ARTUR JOSÉ DE MACEDO.**
- 4(IV) - **CEL. JOAQUIM JOSÉ DE MACEDO JR.** (falecido em Faxina, SP, em 8-SET-1910), morador e político em Itaporanga, SP. Foi casado em primeiras núpcias na Vila de Queluz, SP, em 5-DEZ-1854³⁰⁸, com **CLARA**

³⁰⁷ Livro de Casamento de Queluz de 1802/1882 – fl. 15v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁰⁸ Livro de Casamento de Queluz de 1802/1882 – fl. 46. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

DE FREITAS NOVAIS, também chamada Clara Novaes de Macedo, filha do Alferes José Antônio Dias Novaes (natural de Cotia, SP) e s/m. Maria de Freitas Silva (natural de São João Marcos, Campo Grande, RJ), moradores na Vila de Areais, SP. Em segundas núpcias com **MARIA AUGUSTA GURGEL**.

Filhos do primeiro casamento:

- 1(V) - **MARIA TERESA DE MACEDO**, casada com **JOÃO BATISTA MENDES**, coletor de Rendas e Oficial da Guarda Nacional.
- 2(V) - **JOAQUIM CORNÉLIO DE MACEDO** c.c **AMÉRICA VEIGA**.
- 3(V) - **CÂNDIDA NOVAES DE MACEDO** c.c **CORONEL AUGUSTO CESAR DA PIEDADE**, tabelião em Itapeva, SP.
- 4(V) - **FRANCISCA PAULINA DE MACEDO**, casada com seu tio, **VENÂNCIO JOSÉ DE MACEDO**, com residência na Fazenda Ponte Alta, Comarca da Faxina, SP.
- 5(V) - **MARIA SALOMÉ DE MACEDO**.
- 6(V) - **AUTA CLARA DE MACEDO** (Sinhazinha) c.c **JOSÉ PEDRO DE MACEDO**³⁰⁹.

Do segundo casamento, ao menos:

- 7(V) - **PRISCIANO GURGEL MACEDO** c.c **ANESSA LOUREIRO MACEDO**.
- 8(V) - **ANTÔNIO GURGEL MACEDO**.
- 9(V) - **HELENA GURGEL MACEDO**.
- 5(IV) - **JEREMIAS JOSÉ DE MACEDO**, casado em São José do Barreiro, SP, na data de 31-AGO-1878, no 2º grau misto ao 3º de consanguinidade, com **FRANCISCA CORREIA DE MACEDO**, filha do Cap. Joaquim Correia Leite (natural de Itatiaia, RJ) e s/m. Maria Joaquina de Macedo; n.p de Salvador Correia Leite

³⁰⁹ Carlos da Silveira nomeia o casal como MARIA DE MACEDO e JOSÉ DE MACEDO, mas creio que houve erro na descrição, pois na obra mais recente de Eduardo Ribeiro dos Santos Camargo, genealogia da Família Novaes, consta algo diferente, o que se confirma no registro anterior de José Pedro de Macedo (2(III), 1(IV), 1(V)).

(natural de Areais, SP) e s/m. Ângela Teodora de Morais (natural de Guaratinguetá, SP); n.m de Joaquim José de Macedo e s/m. Francisca Rita de Viveiros.

6(IV) - **VENÂNCIO JOSÉ DE MACEDO**, casado com sua sobrinha, **FRANCISCA PAULINA NOVAIS DE MACEDO**, moradores na região da Faxina, SP, filha do Coronel Joaquim José de Macedo Jr. e sua primeira esposa, Clara de Freitas Novais ou Clara Novaes de Macedo. Foram pais de:

1(V) - **FRANCISCA HERMÍNIA DE MACEDO**.

2(V) - **JOAQUIM DE MACEDO**.

3(V) - **LICA**.

4(V) - **JEREMIAS JOSÉ DE MACEDO**³¹⁰.

7(IV) - **RITA FRANCISCA DAS DORES**, casada em Queluz, SP, em 24-JAN-1853³¹¹, com **ANTÔNIO MOREIRA DE CASTILHO**, filho de Vitoriano Moreira de Castro e s/m. Francisca (Unistarda) das Chagas.

8(IV) - **FRANCISCA RITA DAS DORES**, casada em Queluz, SP, em 24-JAN-1853³¹², com **FRANCISCO MOREIRA DE CASTRO**, filho de Vitoriano Moreira de Castro e s/m. Francisca (Unistarda) das Chagas.

9(IV) - **MARIA JOAQUINA DE MACEDO**, casada em Queluz, SP, em 8-JUN-1846³¹³, com o **CAP. JOAQUIM CORREIA LEITE** (natural de Itatiaia, RJ), filho de Salvador Correia Leite (natural de Areais, SP) e s/m. Ângela Teodora de Morais (natural de Guaratinguetá, SP). Pais:

1(V) - **ANTÔNIA CORREIA DE MACEDO**,

³¹⁰ Creio que Carlos da Silveira, em seu texto *Subsídios Genealógicos CX*, In: www.asbrap.org.br, listou erroneamente este filho, pois o confundiu com o tio Jeremias José de Macedo dando a mesma explicação para os dois casos, ou seja, “casado e com dois filhos cujos nomes não foi possível apurar”.

³¹¹ Livro de Casamento de Queluz de 1802/1882 – fl. 35. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³¹² Livro de Casamento de Queluz de 1802/1882 – fl. 34v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³¹³ Livro de Casamento de Queluz de 1802/1882 – fl. 06v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

natural de Queluz, SP, casada na Freguesia de São Francisco de Paula, em 30-JUN-1875³¹⁴, com **ARTÊMIO DA SILVA BELÉM** (natural de São José do Barreiro, SP), filho do Cap. José da Silva Belém (Portugal), negociante em Areais, SP, falecido em 18-OUT-1876, e s/m. Bárbara Reginalda dos Santos, filha de José Luís Gonçalves e s/m. Ana Rita dos Santos.

2(V) - **JOAQUIM CORREIA LEITE JR.** (natural de Queluz, SP), casado na Freguesia de São Francisco de Paula, em 2-MAR-1878³¹⁵, com **MARIA DO CARMO GONÇALVES**, natural de Lavrinhas, SP, e falecida em Santos, SP, em 7-NOV-1938³¹⁶, filha de Tertuliano José Gonçalves e s/m. Bárbara Maria Gonçalves ou Vieira; n.p do Cap. Fortunato José Gonçalves e s/m. Delminda Maria Floreana Pinto de Souza Ferreira da Silva e Pedroso³¹⁷.

3(V) - **FRANCISCO CORREIA LEITE JR.** (natural de Queluz, SP), casado na Freguesia de São Francisco de Paula, em 8-AGO-1878³¹⁸, com **DELMIRA MARIA GONÇALVES** ou Delminda (natural de Lavrinhas, SP), filha de Tertuliano José Gonçalves e s/m. Bárbara Maria Gonçalves ou Vieira.

4(V) - **ANA JOAQUINA CORREIA DE MACEDO** (natural de Queluz, SP), casada na Fazenda do Capitão Joaquim Correia Leite, São José do Barreiro, SP, em 28-ABR-1877³¹⁹, com **ANTÔNIO PEREIRA DA COSTA ALMEIDA** (natural de Queluz, SP), filho

³¹⁴ Livro de Casamento de Pinheiros de 1847/1888 – fl. 103v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³¹⁵ Livro de Casamento de Pinheiros de 1847/1888 – fl. 114. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Neste registro de casamento o noivo aparece com Artêmio, mas nos demais registros encontrados seu nome consta como Artur da Silva Belém.

³¹⁶ Registro de Óbitos de Santos, SP, In: www.familysearch.org.

³¹⁷ MOYA, Salvador de. *Os Gonçalves de Queluz*. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo – RAM vol. XXI, 1936.

³¹⁸ Livro de Casamento de Pinheiros de 1847/1888 – fl. 117. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³¹⁹ Livro de Casamento de São José do Barreiro de 1847/1888 – fl. 14v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

de Germano Pereira da Costa e s/m. Quirina Pereira de Camargo.

5(V) - **FRANCISCA CORREIA DE MACEDO**, casada em São José do Barreiro, SP, em 31-AGO-1878³²⁰, com **JEREMIAS JOSÉ DE MACEDO** (vide item 6(III), 4(IV) retro).

10(IV) - **ANA CLARA**, nascida na Vila de Areias, SP, por volta de 1828, possivelmente casada com **JOAQUIM NUNES**. Pelo menos:

1(V) - **JOSÉ NUNES**.

2(V) - **MAXIMIANO NUNES** c.c. **LUÍSA GONÇALVES**.

3(V) - **SEVERINO NUNES**.

4(V) - **JOÃO NUNES**.

3(III) - **ISRAEL JOSÉ DE MACEDO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Cunha, em 16-JAN-1803, membro do Partido Liberal, Delegado de Polícia em Queluz, SP, em 1862. Foi casado com **GENOVEVA MARIA DE JESUS**. Pais de:

1(IV) - **MARIA FRANCISCA DAS DORES**, casada na Vila de Queluz, SP, em 30-AGO-1853³²¹, com **JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA ROMEIRO**, chamado José Gomes de Oliveira, filho de Antônio Gomes de Oliveira e s/m. Florisbela Maria de Jesus, casados na Vila de Cunha, SP, em 6-AGO-1826³²², moradores nas Abóboras; n.p de João Gomes de Siqueira e s/m. Francisca Maria de Oliveira; n.m do Alf. Francisco Pereira da Silva e s/m. Maria Clara de Jesus. No inventário do pai, aberto em 1884³²³, Cunha, SP, o filho **JOSÉ GOMES DE OLIVEIRA** constava residindo na Freguesia da Faxina, SP, mas em 1885 estava novamente vivendo na Cidade de Cunha, SP. Partilharam terras do “Sítio Limoeiro”, com 853,60 metros de testada com três mil e trezentos

³²⁰ Livro de Casamento de São José do Barreiro de 1847/1888 – fl. 22. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³²¹ Livro de Casamento de Queluz de 1802/1882 - fl. 39. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³²² Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 111. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³²³ Inventário de Antônio Gomes de Oliveira - CX 57-A/1884 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

metros de fundos, com casa de morada, paiol, casa de tropa coberta de telhas e valados, cuja testada parte de terras que foram do conselho e os fundos com terras dos herdeiros de Antônio Luís Vieira Galhardo, partindo por um lado com terras de José Gomes de Toledo e por outro com terras de Antônio Fernandes de Oliveira até o rio e dali para dentro com terras pertencentes ao espólio. Ainda, uma casa térrea no Largo da Cadeia junto à casa que foi do finado Domingos Francisco de Toledo com porta e duas janelas por compra feita a João Pires Fernandes.

- 2(IV) - **ANA CONSTÂNCIA PEREIRA**, casada na Vila de Queluz, SP, em 18-SET-1861³²⁴, com **LUÍS JOSÉ DE OLIVEIRA**, filho de João José de Oliveira e s/m. Brígida Justina do Amor Divino.
- 3(IV) - **MARIA BALBINA DE MACEDO** (natural de Queluz, SP), casada na Matriz de São João Batista de Queluz, em 20-SET-1861³²⁵, com **JOSÉ LOURENÇO DE ALMEIDA** (natural de Cunha, SP), filho de Lourenço José de Almeida e s/m. Maria Joaquina da Conceição.
- 4(IV) - **ANTÔNIO**, Ordenanças de Queluz de 1847, 12º Quarteirão.
- 5(IV) - **FRANCISCO**, Ordenanças de 1847, 12º Quarteirão.
- 6(IV) - **CANDIDA**, Ordenanças de 1847, 12º Quarteirão.
- 7(IV) - **JOAQUIM**, Ordenanças de 1847, 12º Quarteirão.
- 4(III) - **JOÃO BATISTA DE MACEDO**, administrador da fazenda de seu pai enquanto estava vivendo sob seu teto, natural da Vila de Cunha, SP, foi casado na Vila de Queluz, SP, em 8-JAN-1853³²⁶, com **ANA TERESA DA CONCEIÇÃO** (natural de Itu, SP), filha natural de Custódia Maria de Jesus.

³²⁴ Livro de Casamento de Queluz de 1802/1882 - fl. 82v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³²⁵ Livro de Casamento de Queluz de 1802/1882 - fl. 82v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³²⁶ Livro de Casamento de Queluz de 1845/1865 - fl. 34v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

- 5(III) - **ANTÔNIO JOSÉ DE MACEDO**, natural de Cunha³²⁷, SP.
- 6(III) - **MANUEL JOSÉ DE MACEDO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 30-JAN-1814³²⁸. Constava solteiro, com 22 anos de idade, nas Ordenanças de Areias de 1835/1836.
- 7(III) - **MARIA JOAQUINA DE MACEDO**, casada na Vila de Cunha, SP, em 1-JUL-1816, utilizando o nome Maria Toledo da Silva, com **JOSÉ JOAQUIM DA SILVA**, ou Joaquim da Silva, filho do Alf. Joaquim José da Silva, chamado Joaquim da Silva Granito, e s/m. Maria da Graça de Jesus (natural de Baependi, MG), casados na Vila de Cunha, SP, em 26-ABR-1786³²⁹; n.p de Manuel da Silva Granito e s/m. Margarida Francisca de Sampaio; n.m de José Faria Cardoso e Inácia Maria de Jesus. Bisneto, pelo lado paterno, dos casais: José Gomes Granito (natural de Évora) e s/m. Inácia da Silva (Cunha, SP) // Sargento-Mor André de Sampaio (batizado na Igreja e Freguesia de São Mamede, Évora, em 2-ABR-1695³³⁰) e s/m. Maria Nunes da Silva (natural de Guaratinguetá, SP); bisneto, pelo lado materno, dos casais: Leandro de Faria Cardoso e s/m. Maria do Amaral (nats. da Freguesia de Almada, Vizeu) // André Lopes da Lavra e s/m. Maria da Graça (natural de Pindamonhangaba, SP). Pais de:
- 1(IV) - **MANUELA DE MACEDO E SILVA**, casada com seu primo, **JOAQUIM MONTEIRO DE MACEDO** (vide item 9(III), 2(IV) abaixo).
- 2(IV) - **TERESA CORREIA DE MACEDO**, natural e casada em Queluz, SP, em 29-SET-1868³³¹, com **JOÃO MARTINS DA SILVA FONSECA**, natural de Taubaté, SP, filho de Antônio Martins da Silva e s/m. Ana Ferreira da Silva.
- 3(IV) - **JOÃO BATISTA DA SILVA**, casado na Vila de

³²⁷ Certidão juntada às fls. 04 dos Autos de Justificação de Antônio José de Macedo, CX 1830/1836 – Arquivo da Casa da Cultura da Prefeitura de Areias. Segundo a certidão, os livros “*servem nesta Matriz em nenhum delles encontrei o assento de baptisterio do suplicante Antonio Jose de Macedo*”.

³²⁸ Certidão juntada às fls. 128 dos Autos de Prestação de Contas do Com. Antônio José Macedo de Sampaio - Inventários e Testamentos da Vila de Cunha, SP, CX 32-A/1853 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

³²⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1778/1803 - fl. 28. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³³⁰ Livro de Batismo de São Mamede n. 07 de 1669/1703 - fl. 202v – Arquivo Distrital de Évora - ADEVR. André de Sampaio foi inventariado em Guaratinguetá em 1778.

³³¹ Livro de Casamento de Queluz de 1865/1883 - fl. 26. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

Queluz, SP, em 15-JUL-1854, com **ANA MARIA DA CONCEIÇÃO**, filha de Bento da Silva Figueira e s/m. Maria Francisca de Macedo; n.p de Antônio Pires Figueira e s/m. Ana Maria da Conceição (natural de Baependi, MG); n.m do Capitão João José de Macedo e s/m. Joaquina Antônia de Jesus. Bisneta, pelo lado paterno, dos casais: Manuel Pires de Souza (natural de Guaratinguetá, SP) e s/m. Teresa Maria de Viveiros // André Pereira Soares (natural das Ilhas) e s/m. Teresa Francisca de Jesus (natural de Baependi, MG); bisneta, pelo lado materno, dos casais: Capitão Francisco José de Macedo e s/m. Mariana Francisca de Sampaio (natural de Cunha, SP) // José Monteiro Ferraz de Souza e s/m. Catarina Maria Toledo Silva³³².

4(IV) - **ESMERALDA ROSA DE MACEDO**, casada na Vila de Queluz, SP, em 13-SET-1852, com **JOÃO MANUEL DE SOUSA MELO**, nascido na Vila de Areias, SP, por volta de 1829, filho do João Correia Leite (natural de Areias, SP) e s/m. Joana Maria de Jesus (natural de Lorena, SP).

5(IV) - **JOSÉ**, Ordenanças de Queluz de 1847.

6(IV) - **FRANCISCO**, Ordenanças de 1847.

7(IV) - **SALUSTIANO**, Ordenanças de 1847.

8(III) - **ESCOLÁSTICA MARIA DE MACEDO**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Cunha, em 20-ABR-1800, casada na Vila de Queluz, SP, em 19-NOV-1825³³³, com **MANUEL HOMEM DA COSTA**, batizado na Capela de Santo Antônio da Lagoa Dourada, filial da Matriz de Prados, filho do Alferes Bernardo Homem da Costa, este nascido em 18-OUT-1780 e batizado na Capela de São Caetano de Paraopeba, na data de 5-DEZ-1780, e s/m. Josefa Gonçalves ou Josefa Luciana de Santana (natural da Freguesia de Prados, MG), casados em Prados, MG, em 1-JUN-1795; n.p de Bernardo Homem da Costa (natural da Ilha Terceira) e s/m. Maria Luísa Antônia (natural do Inficionado, Santa Rita Durão), casados em Conselheiro Lafaiete, MG, em 12-JAN-1761; n.m de José Gonçalves de Moura (natural da Freguesia de Prados, MG), e s/m. Ana Paula

³³² Ascendência retirada do trabalho “*Apontamentos para o estudo de uma grande família: Os Lopes Figueira, do Facão*”, de Carlos da Silveira – RIHGSP – vol. XXXV.

³³³ Livro de Casamento de Queluz de 1802/1882 – fl. 24v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

da Assunção ou Maria do Prado (natural de Baependi, MG)³³⁴. Pais de, ao menos, um filho:

1(IV) - **BRÁS FRANCO DE MACEDO**, batizado na Freguesia de Queluz, SP, casou-se na Freguesia de Nossa Senhora do Livramento do Piumhy, MG, em 21-MAIO-1864³³⁵, com **FLÁVIA MARIA DE JESUS**, batizada na Freguesia de São Vicente Ferrer da Formiga, MG, filha de José Francisco da Silva e s/m. Senhorinha Gonçalves de São José.

9(III) - **ZELINDA MARIA (ROSA) DE MACEDO**, também chamada Iselindra Rosa, batizada na Matriz de Cunha, em 1-NOV-1801, e falecida na Vila de Queluz, SP, em 20-ABR-1840³³⁶, casada na Matriz de Queluz, em 26-JUN-1825³³⁷, com seu primo em segundo grau de consanguinidade, **VALÉRIO JOSÉ MONTEIRO** (natural de Resende, RJ), filho de Estolano Francisco Machado e s/m. Mariana Monteiro de Toledo; n.p de Manuel José Machado (o Manco) e sua primeira mulher Maria das Chagas de Jesus; n.m de José Monteiro Ferraz de Souza e s/m. Catarina Maria de Toledo Silva. Bisneto, pelo lado paterno, dos casais: Antônio José Machado (natural da Vila de Alenquer, Freguesia de Sant'Ana da Carnota³³⁸) e s/m. Vitória de Jesus Barbosa (natural de Mogi das Cruzes, SP), casados na Vila de Mogi das Cruzes, SP, em 21-MAIO-1735 // Brás Francisco Ramalho (natural de Portugal) e s/m. Luzia Pedroso das Neves; bisneto, pelo lado materno, dos casais: João Monteiro Ferraz (natural de Mesão Frio) e s/m. Ana Gomes de Souza (natural de Paraty, RJ) // Luís da Silva Porto (nascido em 19-AGO-1690 e batizado na Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Sé da Cidade

³³⁴ Ascendência retirada da genealogia de Henrique Cardoso Leal, alferes - por Bartyra Sette, e genealogia de Antônio de Oliveira Gago e Ana da Cunha - por Bartyra Sette e Sílvia R. Buttros, In: www.projetocompatilhar.org

³³⁵ Livro de Matrimônio da Igreja de Nossa Senhora do Livramento de 1858/1882, pág. 50, In: www.familysearch.org.

³³⁶ Certidão juntada às 191 dos Autos do Inventário do Comendador Antônio José Macedo de Sampaio, CX 32-A/1853 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

³³⁷ Certidão juntada às 193 dos Autos do Inventário do Comendador Antônio José Macedo de Sampaio, CX 32-A/1853 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

³³⁸ Na Genealogia Paulistana consta que Antônio José Machado seria natural de Nazareth, Lisboa, Portugal, mas o registro de casamento informa algo diferente. Também para os pais da noiva, Silva Leme registra como Manuel Rodrigues Barbosa e s/m. Joana Barbosa, quando no registro consta Francisco Barbosa Calheiro (natural do Rio de Janeiro) e s/m. Joana Francisca.

e Bispado do Porto, na data de 24-AGO-1690³³⁹) e s/m. Maria de Toledo Cortez ou Piza (natural de Taubaté, SP).

VALÉRIO JOSÉ MONTEIRO se casou novamente na Vila de Queluz, SP, em 12-NOV-1846, com **ANA MARIA** (natural de Queluz, SP), filha de João Antônio dos Santos e s/m. Teodora Maria Francisca. Filhos do primeiro casamento:

1(IV) - **JOSÉ MONTEIRO DE MACEDO**, batizado na Matriz de São João batista de Queluz, em 1-AGO-1830³⁴⁰.

2(IV) - **JOAQUIM JOSÉ MONTEIRO DE MACEDO**, batizado na Matriz de São João Batista de Queluz, em 20-SET-1832³⁴¹, casado na Vila de Queluz, SP, em 17-AGO-1854³⁴², com **MANUELA DE MACEDO E SILVA** (natural de Queluz, SP), filha de José Joaquim da Silva e s/m. Maria Joaquina de Macedo.

10(III) - **JOANA MARIA DE MACEDO**, consta como **ISARINA** no inventário do pai em 1830, batizada com oito dias de vida na Vila de Cunha, em 1-NOV-1804³⁴³.

11(III) - **MARIA FRANCISCA DE MACEDO**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Cunha, em 1-JUL-1810³⁴⁴, casada com **BENTO DA SILVA FIGUEIRA**, filho de Antônio Pires Figueira e s/m. Ana Maria da Conceição (natural de Baependi, MG); n.p de Manuel Pires de Souza (natural de Guaratinguetá, SP) e s/m. Teresa Maria de Viveiros; n.m de André Pereira Soares (natural das Ilhas) e s/m. Teresa Francisca de Jesus (natural de Baependi, MG). Tiveram, ao menos:

1(IV) - **ANA MARIA DA CONCEIÇÃO**, casada na Vila de Queluz, SP, em 15-JUL-1854, com seu primo, **JOÃO**

³³⁹ Livro de Batismo de Nossa Senhora da Assunção n. 08 de 1688/1692 - fl. 61. Arquivo Distrital do Porto - ADPRT.

³⁴⁰ Certidão juntada às fls. 192 dos Autos do Inventário do Comendador Antônio José Macedo de Sampaio, CX 32-A/1853 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

³⁴¹ Certidão juntada às fls. 192 dos Autos do Inventário do Comendador Antônio José Macedo de Sampaio, CX 32-A/1853 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

³⁴² Livro de Casamento de Queluz de 1802/1882 - fl. 42v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁴³ Certidão de Batismo, fls. 71, juntada às fls. 04 dos autos de Justificação de Joana Maria de Macedo, CX 1830/1836 – Arquivo da Casa da Cultura da Prefeitura de Areias.

³⁴⁴ Certidão de Batismo, fls. 71, juntada às fls. 04 dos autos de Justificação de Joana Maria de Macedo, CX 1830/1836 – Arquivo da Casa da Cultura da Prefeitura de Areias.

BATISTA DA SILVA, filho de José Joaquim da Silva e s/m. Maria Joaquina de Macedo.

§ 6º

- 6(II) - **ANA JOSEFA DE TOLEDO ou OLIVEIRA**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Freguesia do Facão, Vila de Guaratinguetá, SP, em 14-JUL-1773³⁴⁵, e falecida na Vila de Cunha, SP, em 2-FEV-1807. Casou-se na Vila de Cunha, SP, em 20-JAN-1799³⁴⁶, em segundo grau de consanguinidade, com **LEONARDO PIMENTA DE OLIVEIRA**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Freguesia do Facão, Vila de Guaratinguetá, SP, em 30-OUT-1767, filho de André Rodrigues Cordeiro e s/m. Narcisa Maria de Oliveira; n.m de João Monteiro Ferraz e s/m. Ana Gomes de Sousa.

Foram moradores da Encruzilhada, provavelmente nas cercanias da sesmaria dos avós João Monteiro Ferraz e Ana Gomes de Souza, com *“dois lanços de casas e seus pertences; uma sorte de terras de 75 braças de testada com meia légua de sertão; 50 braças de terra de testada com ¼ de légua de sertão; uma morada de casa de dois lanços na Vila de Cunha”*³⁴⁷. Pais de uma única menina:

- 1(III) - **MARIA EFIGÊNIA DA CONCEIÇÃO (JESUS)**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 27-NOV-1801³⁴⁸, com nove anos no inventário da mãe, casada na Vila de Cunha, SP, em 27-MAIO-1817³⁴⁹, em segundo grau de consanguinidade, com **FLORIANO MONTEIRO FERRAZ**, filho de Antônio Monteiro Ferraz e s/m. Maria Isabel de Toledo; n.p de André Rodrigues Cordeiro e s/m. Narcisa Maria de Oliveira; n.m de José Monteiro Ferraz de Souza e s/m. Catarina Maria de Toledo Silva.

MARIA EFIGÊNIA DE JESUS se casou novamente com seu outro primo, **ANTÔNIO JOSÉ FERRAZ DE OLIVEIRA**, filho do Alferes Antônio Ferraz de Oliveira e s/m. Rita Maria

³⁴⁵ Livro de Batismo de Cunha de 1766/1782 - fl. 53. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁴⁶ Livro de Casamento de Cunha de 1778/1803 - fl. 74. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁴⁷ Inventários de Ana Josefa de Oliveira, CX 11/1812 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

³⁴⁸ Livro de Batismo de Cunha de 1790/1797 - fl. 40. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁴⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 62v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

Angélica, transferindo-se para a Freguesia do Embaú, Curato do Jacu, para onde alguns filhos foram residir nos idos de 1830. **MARIA EFIGÊNIA DE JESUS** herdou a cota parte de sua mãe, instituída no inventário de sua avó, Catarina Maria de Toledo Silva, no valor de 83#195 mil réis, tendo seu pai como tutor³⁵⁰.

§ 7º

7(II) - **CATARINA MARIA DE TOLEDO**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Freguesia do Facão, Vila de Guaratinguetá, SP, na data de 19-FEV-1775³⁵¹. Contraiu núpcias na Vila de Cunha, SP, em 28-JUL-1809, com seu primo, **FRANCISCO PIMENTA DE OLIVEIRA** (falecido na Vila de Cunha, SP, em 31-JUL-1822), filho de Lourenço Monteiro Ferraz e s/m. Maria Francisca Ramos; n.p de João Monteiro Ferraz e s/m. Ana Gomes de Sousa; n.m de Antônio Ramos da Silva e s/m. Francisca Maria de Toledo Silva. Bisneto, pelo lado paterno, dos casais: Domingos Monteiro Ferraz e s/m. Maria Gomes (nats. de Mesão Frio, Portugal) // Manuel Soares Pereira (natural de Monção, arcebispado de Braga) e s/m. Madalena Pimenta de Oliveira; bisneto, pelo lado materno, dos casais: ⁽¹⁾**Domingos Rodrigues Ramos (natural da Ilha do Faial) e s/m. Catarina Gomes da Silva**³⁵² // Luís da Silva Porto (nascido em 19-AGO-1690 e batizado na Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Sé da Cidade e Bispado do Porto, na data de 24-AGO-1690³⁵³), fundador da Capela de Jesus Maria e José na sua fazenda de cultura no sítio da Boa Vista, Freguesia do Facão, e s/m. Maria de Toledo Cortez (natural de Taubaté, SP).

FRANCISCO PIMENTA DE OLIVEIRA foi inventariado na Vila de Cunha, SP, em 29-AGO-1882, tendo a esposa como inventariante e apenas um filho listado entre os herdeiros.

1(III) - **ANTÔNIO BRANDÃO DE TOLEDO**, ou Antônio Brás de Toledo, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição em

³⁵⁰ SILVA JÚNIOR, Décio Ferraz. *O Casal – Alferes Antônio Ferraz de Oliveira/Rita Maria Angélica dos Santos – Por sua filha Florência Maria do Espírito Santo (Alguns “Gouveias”, “Campos” e “Pereiras da Silva”)*. Revista da ASBRAP nº 28, São Paulo, 2021.

³⁵¹ Livro de Batismo de Cunha de 1766/1782 - fl. 62. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁵² LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, vol. 6. São Paulo: Duprat & Cia., 1905, págs. 331/334.

³⁵³ Livro de Batismo de Nossa Senhora da Assunção n. 08 de 1688/1692 - fl. 61, Arquivo Distrital do Porto - ADPRT.

1811, casado na Vila de Cunha, SP, em 14-MAIO-1830³⁵⁴, com sua prima, em segundo grau de consanguinidade, **TEODORA DINA DO AMOR DIVINO**, residentes na Vila de Ubatuba, filha de José Pereira de Souza e s/m. Maria Felizarda da Silva (ou Toledo); n.p de José Pereira de Sousa (nascido em 2-DEZ-1722 na Freguesia de Paramos, Comarca da Feira, e batizado na Igreja de Santo Tirso, na data de 8-DEZ-1722³⁵⁵) e s/m. Córdula Maria Bueno (natural de Cunha, SP); n.m de Lourenço Monteiro Ferraz e s/m. Francisca Maria Ramos.

Bisneta, pelo lado materno, pela avó Córdula Maria Bueno (natural de Cunha, SP), de: Diogo Bueno (natural de Pindamonhangaba, SP) e s/m. Gertrudes da Maia (natural do Rio de Janeiro, RJ)³⁵⁶. Pelo que consta do Censo dos Habitantes da Vila de Ubatuba³⁵⁷, até o ano de 1836 o casal não possuía filhos.

Filha natural de **CATARINA MARIA TOLEDO** enquanto solteira:

2(III) - **CLAUDIANA**, exposta à Francisca, filha do Alferes Antônio Alves de Oliveira. Foi casada em local incerto com **JOSÉ PEREIRA FERREIRA**.

§ 8º

8(II) - **TEODORA MONTEIRO DE TOLEDO**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição em 7-JAN-1777³⁵⁸, Freguesia do Facão, Vila de Guaratinguetá, SP, falecida na Vila de Cunha, SP, em 22-OUT-1845. Casou-se na Vila de Cunha, SP, em 20-ABR-1799, com seu primo, **MANUEL MONTEIRO FERRAZ**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 26-JAN-1774³⁵⁹, Freguesia do Facão, filho de Lourenço Monteiro Ferraz e s/m. Maria Francisca Ramos; n.p de João Monteiro Ferraz e s/m. Ana Gomes de Sousa; n.m. de Antônio Ramos da Silva e s/m. Francisca Maria de Toledo Silva. Bisneto, pelo lado paterno, dos casais: Domingos Monteiro Ferraz e s/m. Maria Gomes (naturais

³⁵⁴ Livro de Casamento de Cunha 1803/1838 - fl. 129. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁵⁵ Livro Misto Batismo/Casamento/Óbito de Paramos n. 03 de 1719/1741 - fl. 15, Arquivo Distrital de Aveiro - ADAVR.

³⁵⁶ Testamento de Córdula Maria Bueno, Resumo de Testamentos, CX. Documentos Avulsos - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

³⁵⁷ Lista das Ordenanças da Vila de Ubatuba, SP, de 1836 – DAESP.

³⁵⁸ Livro de Batismo de Cunha de 1766/1782 - fl. 67. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁵⁹ Livro de Batismo de Cunha de 1766/1782 - fl. 56v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

de Mesão Frio, Portugal) // Manuel Soares Pereira (natural de Monção, arcebispado de Braga) e s/m. Madalena Pimenta de Oliveira; bisneto, pelo lado materno, dos casais: **Domingos Rodrigues Ramos e s/m. Catarina Gomes da Silva** // Luís da Silva Porto (nascido em 19-AGO-1690 e batizado na Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Sé da Cidade e Bispaço do Porto, na data de 24-AGO-1690³⁶⁰), fundador da Capela de Jesus Maria e José em sua fazenda de cultura na Boa Vista, Freguesia do Facão, e s/m. Maria de Toledo Cortez (natural de Taubaté, SP).

Mantinhm uma morada de casa na vila, partindo de um lado com José Gomes de Oliveira e de outro com os filhos de José Borges Pereira.

TEODORA MONTEIRO DE TOLEDO faleceu na Vila de Cunha, SP, em 22-OUT-1844, com inventário aberto em 26-JAN-1845³⁶¹, partilhando entre os nove filhos herdeiros bens de raiz: três partes de terras na “Nesga do Soares”; e também 632 braças de terras no Quarto de Dentro, com outro ¼ de sertão, com casa de telhas, um paiol de telhas com três lanços e uma porta, uma cozinha coberta de telhas, um chiqueiro coberto de telhas, uma casa de monjolo e forno cobertos de telhas, uma morada de vivenda de telhas com nove portas e duas janelas. Pais de:

1(III) - **ANTÔNIO REONÉRIO FERRAZ**, já viúvo e com quarenta e seis anos na Lista de Votantes de 1847³⁶², também chamado de Antônio Reonélio Ferraz, falecido na Cidade de Cunha, SP, em 10-JUN-1871, casado na Vila de Cunha, SP, em 29-FEV-1824³⁶³, com **EUFRAZINA ÁUSTRIA DA TRINDADE**, exposta ao Rev. Padre Inácio de Toledo, inventariada com o nome de Flozinda Unistarda da Trindade, falecida na Vila de Cunha, SP, em Agosto de 1844³⁶⁴, filha de pais incógnitos. Foram moradores no Bairro do Jacuí, onde a família e seus herdeiros permaneceram por muito tempo.

Patriarca do clã dos “Reonérios”, **ANTÔNIO REONÉRIO** teve sua história envolta em algum evento familiar relevante, que não é difícil imaginar. Seu nome consta das Ordenanças da Vila de Cunha, SP, de 1821, com 20 anos de idade, mas não estava

³⁶⁰ Livro de Batismo de Nossa Senhora da Assunção n. 08 de 1688/1692 - fl. 61, Arquivo Distrital do Porto - ADPRT.

³⁶¹ Inventário de Teodora Monteiro, CX 28/1846 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

³⁶² Lista dos Cidadãos Alistados e Eliminados por Reclamações e Denúncias na Presente Sessão de 1847 – Fundo Secretaria do Interior – CO5769 – DAESP.

³⁶³ Livro de Casamento de Cunha 1803/1838 - fl. 98v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁶⁴ Inventário de Flozinda Unistarda da Trindade, CX 26-A/1844 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

presente na casa do pai ou no território da Vila no ano de 1823. Porém, no inventário da mãe, aberto em 1845, o filho consta listado entre os demais irmãos, contando com 45 anos de idade.

Quando contraiu núpcias com **EUFRASINA ÁUSTRIA** o pároco celebrante suprimiu do assento de matrimônio o nome dos pais do noivo, fato muito estranho, pois era de conhecimento geral na pequena localidade que eles ainda estavam vivos e residindo na vila onde o casamento foi celebrado. Por certo, tratou-se de estratégia para encobrir a consanguinidade dos nubentes, algo que acontecia com certa regularidade na região, com mais razão quando algum membro da igreja estivesse envolvido. Neste caso, basta notar que a noiva era filha de pais incógnitos, mas exposta na residência do Padre Inácio de Toledo, ‘coincidentemente’ membro da mesma família de Teodora Monteiro de Toledo, mãe do noivo. **ANTÔNIO REONÉRIO FERRAZ** faleceu na Cidade de Cunha, SP, em 10-JUN-1871, com inventário aberto no mesmo ano³⁶⁵, quando foram partilhados bens imóveis de pequena extensão em diversas regiões do município, inclusive duas casas, uma adquirida de Manuel Reonério e outra de José Manuel de Toledo. Filhos:

1(IV) - **HERMENEGILDO REONÉRIO FERRAZ**, inventariado como Hermenegildo Monteiro Ferraz, morador do sítio Bom Jardim, faleceu na Cidade de Cunha, SP, em 16-SET-1875, onde lavrou Instrumento Público de Perfilhação e Reconhecimento e Instituição de Naturais (fl. 05 dos autos), reconhecendo dois filhos havidos no estado de solteiro, sem revelar a maternidade: o adulto Antônio Monteiro Silva e a criança de nome Maria. Contudo, quando o filho Antônio Monteiro contraiu matrimônio em 1875 o pároco celebrante fez registrar a mãe do noivo de nome **ANA MARIA DA CONCEIÇÃO**.

Também às fls. 36 dos autos juntou-se petição da postulante **MARIA ROSBELA DE OLIVEIRA**, informando o falecimento de sua filha de nome Maria, de idade de dois anos, razão pela qual se habilitava como herdeira da filha, dos bens deixados pelo falecido pai.

Acredito que a mulher de nome **MARIA ROSBELA DE OLIVEIRA** seja a mesma casada com Manuel

³⁶⁵ Inventário de Antônio Reonério Ferraz - CX 45/1871 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

Reonério Ferraz, dado que se encontrava viúva a partir de 5-NOV-1869. Se assim aconteceu, **HERMENEGILDO REONÉRIO FERRAZ** foi pai de um dos filhos de sua cunhada, então viúva, além de tutor dos filhos menores.

1(V) - **ANTÔNIO MONTEIRO SILVA**, filho natural, casado em Cunha, SP, em 27-NOV-1875³⁶⁶, com **MARIA TERESA DE JESUS**, filha de José Lino de Almeida e s/m. Maria Pereira do Espírito Santo; n.m de Joaquim Pereira Silva e s/m. Teresa Maria do Espírito Santo.

2(V) - **MARIA**, batizada na Cidade de Cunha, SP, em 5-JUL-1873³⁶⁷, e falecida em 29-DEZ-1875.

2(IV) - **TEODORA MARIA DA CONCEIÇÃO**, falecida no inventário paterno, aberto em 12-JUL-1871. Contraiu núpcias na Vila de Cunha, SP, em 22-FEV-1849³⁶⁸, com **JACINTO ANTÔNIO CORRÊA** (natural de São Luiz do Paraitinga, SP), filho de Joaquim Antônio Corrêa e s/m. Angélica Maria da Conceição. Foram pais de:

1(V) - **MARIA DAS DORES DE JESUS**, casada com **JOSÉ TEODORO**.

2(V) - **JOSÉ REONÉRIO FERRAZ** (falecido em 12-DEZ-1936³⁶⁹), casado na Cidade de Cunha³⁷⁰, SP, com **DONÁRIA MARIA DA CONCEIÇÃO** (falecida em 2-ABR-1918³⁷¹), filha de Benedito Carvalho dos Santos e s/m. Eugênia Maria de Toledo, também chamada Eugênia Vieira de Campos, casados na Cidade

³⁶⁶ Livro de Casamento de Cunha de 1865/877 - fl. 170. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁶⁷ Certidão de batismo juntada nos autos do Inventário de Hermenegildo Monteiro Ferraz - CX 51/1875 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

³⁶⁸ Livro de Casamento de Cunha 1838/1870 - fl. 41. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁶⁹ Inventário de José Reonério Ferraz, CX 107-A/1937 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

³⁷⁰ Casamento confirmado no assento de batismo do filho Benedito, de 1-JAN-1905 – Livro de Batismo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de 1903/1908, fls. 40.

³⁷¹ Certidão de óbito, Livro C13, fls. 29, Termo 96 – Cartório de Registro Civil de Cunha.

de Cunha, SP, em 19-JUN-1873³⁷²; n.p de Maria Gertrudes; n.m de Apolinária, escrava de Maria Isidora de Toledo. Filhos, conforme inventário materno: Maria José da Conceição c.c Benedito Galdino da Costa; Maria Rita da Conceição c.c Francisco Gomes de Oliveira; Otilia Maria da Conceição c.c Benedito Alves da Silva; Benedita Maria da Conceição c.c José Alves de Souza (vulgo José Arruda); Eugênia Maria da Conceição c.c Pedro Pereira Leite (vulgo Pedro Ricardo); Maria da Conceição; Teodora Maria da Conceição.

- 3(V) - **BENEDITO REONÉRIO FERRAZ** (falecido em 30-OUT-1902), casado a primeira vez, na Cidade de Cunha, SP, com **ELÍDIA MARIA DE TOLEDO** (falecida em 15-ABR-1893). Com a morte da esposa, contraiu núpcias pela segunda vez na Cidade de Cunha, SP, em 4-NOV-1893³⁷³, com **JUSTINA MARIA DA CONCEIÇÃO**, filha de Agostinho José Pereira e s/m. Deolinda Maria da Conceição.

Filhos do primeiro casamento: José Reonério Ferraz; Maria Benedita c.c José Joaquim Rangel; Augusta Maria de Toledo ou dos Remédios c.c José Luís Fernandes; Luís Reonério Ferraz c.c Maria Francisca Osório; Maria da Gloria; Otilia Reonério Ferraz c.c Benedito José Alves de Toledo; Benedito Reonério Ferraz, casado primeiro com Maria Isidora da Conceição, depois com Antônia Maria Benedita; e Antônio (falecido criança, em 24-JAN-1896).

Do segundo casamento: Maria Joaquina c.c Benedito José Rangel.

- 4(V) - **ANTÔNIO.**

- 5(V) - **RITA.**

- 6(V) - **MARIA.**

³⁷² Livro de Casamento Cunha de 1841/1877 - fl. 136v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁷³ Certidão de Casamento de fls. 39/39v. dos Autos do Inventário de Elídia Maria de Toledo, CX 67/1893 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

7(V) - **JOÃO REONÉRIO FERRAZ**, natural e falecido na Cidade de Cunha, SP, na data de 18-MAR-1904. Foi casado com **LUÍSA MARIA DE JESUS** e moradores no sítio “Mato Dentro”. Filhos, segundo inventário³⁷⁴ paterno: Manuel Reonério Ferraz; José; Maria Benedita; Maria dos Santos; Maria da Glória; Deodato.

8(V) - **PEDRO**.

9(V) - **MANUEL**.

3(IV) - **MANUEL REONÉRIO FERRAZ**, falecido no inventário paterno, casado na Cidade de Cunha, SP, em 18-MAIO-1865³⁷⁵, com **MARIA ROSBELA DE OLIVEIRA**, inventariada como Maria Joaquina da Conceição³⁷⁶, filha de Generoso Celestino de Carvalho e s/m. Mariana Rosbela de Oliveira, casados na Vila de Cunha, SP, em 4-MAIO-1842³⁷⁷; n.p do Ten. Antônio José de Carvalho e s/m. Francisca Monteiro de Toledo; n.m de João Pimenta de Oliveira e s/m. Joaquina Felícia de Oliveira.

MANUEL REONÉRIO FERRAZ faleceu na Cidade de Cunha, SP, em 5-NOV-1869, com inventário aberto, em 4-JUL-1871³⁷⁸, tendo a esposa como inventariante dos bens, entre eles *“uma sorte de terras de 44 braças no Sítio da Lage, comprada do Vigário Antonio Gomes de Siqueira, onde morou seu sogro Generoso Celestino de Carvalho e também partes de terras no Bom Jardim, compradas de João Monteiro de Toledo e seu irmão Antônio Jose Monteiro”*.

Seu irmão Hermenegildo Reonério Ferraz foi o tutor de seus filhos menores e amasiado com a cunhada viúva, com quem teve uma filha de nome Maria.

1(V) - **ANTÔNIO REONÉRIO FERRAZ**, com

³⁷⁴ Inventário de João Reonério Ferraz, CX 74/1904, Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

³⁷⁵ Livro de Casamento de Cunha 1838/1870 - fl. 51v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁷⁶ Inventário de Maria Joaquina da Conceição – CX 81/1911 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

³⁷⁷ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 15. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁷⁸ Inventário de Manuel Reonério Ferraz, CX 45/1871 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

quatro anos no inventário paterno. Estava falecido no inventário materno, com descrição dos filhos/netos herdeiros: Maria José da Conceição c.c José Francisco Pereira; Benedita Maria da Conceição; Leonor Maria do Espírito Santo; Antônia; Rosa; Vitalina; Mariana; e Antônio.

2(V) - **BENEDITO REONÉRIO FERRAZ**, com um ano no inventário paterno. Faleceu solteiro sem filhos na Cidade de Cunha, SP, em 20-AGO-1917, com bens herdados por seus sobrinhos³⁷⁹.

2(III) - **TEODORO MONTEIRO FERRAZ**, batizado na Vila de Cunha, SP, em 1-NOV-1799³⁸⁰, integrante do Regimento de Infantaria de Milícia de Cunha, assentando praça em 25-SET-1815, aos 14 anos de idade³⁸¹. Casou-se na Vila de Cunha, SP, em 21-SET-1821³⁸², com **AGUEDA MARIA DE TOLEDO**, filha de José Pereira de Souza e s/m. Maria Felizarda de Toledo, casados na Vila de Cunha, SP, em 26-MAIO-1788³⁸³; n.p de José Pereira de Sousa (natural de Paramos, termo da Feira, Bispado do Porto) e s/m. Córdula Maria Bueno (natural de Cunha, SP); n.m de Lourenço Monteiro Ferraz (natural de Cunha, SP) e s/m. Maria Francisca Ramos. Tiveram:

1(IV) - **JOSÉ LUÍS MONTEIRO FERRAZ**, também chamado José Monteiro Ferraz, nascido na Vila de Cunha, SP, por volta de 1822, e falecido em 30-ABR-1882. Contraiu matrimônio na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na data de 14-JAN-1845³⁸⁴, com sua prima, em quarto grau de consanguinidade, **TEODORA EUFRÁSIA DE OLIVEIRA**, filha de Arcênio José dos Santos Fogaça (natural da Freguesia de Anjos, Lisboa), também chamado Arsênio José Lisboa e s/m. Eufrosina

³⁷⁹ Inventário de Benedito Reonério Ferraz, CX 89/1919 – Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

³⁸⁰ Livro de Batismo de Cunha de 1790/1797 - fl. 21. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁸¹ Livro Mestre do Regimento de Infantaria de Milícias de Cunha – 1789/1822 – Pág. 274 – DAESP.

³⁸² Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 88v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁸³ Livro de Casamento de Cunha de 1773/1803 - fl. 29v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁸⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 88v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

de Jesus, inventariada como Eufrásia Maria de Oliveira (falecida na Cidade de Cunha, SP, em 10-JUL-1869), casados na Vila de Cunha, SP, em 30-AGO-1819³⁸⁵; n.p de José Maria dos Santos e s/m. Leocádia Angélica; n.m de João Pimenta de Oliveira e s/m. Joaquina Felícia de Oliveira.

Foram pais, segundo a ordem do inventário de **JOSÉ LUÍS MONTEIRO**:

1(V) - **ÁGUEDA MARIA DE OLIVEIRA**, também chamada Águeda Maria da Conceição, nascida em 12-NOV-1850 e batizada na Vila de Cunha, SP, em 20-NOV-1850 e falecida em 23-JUN-1912 em Guaratinguetá, SP, onde residia o casal. Contraiu núpcias na Cidade de Cunha, SP, em 19-AGO-1867³⁸⁶, com **JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA MASCATE**, nascido na Vila da Torre de Elvededo, Província de Trás-os-Montes, Portugal, em 4-NOV-1846, filho de João Manuel Coelho (natural da Vila Seca) e s/m. Maria Joaquina de Oliveira (natural da Vila da Torre de Elvededo); n.p de José Puquito Coelho e s/m. Rosária da Guerra; n.m de Antônio de Oliveira e s/m. Maria Luísa de Oliveira.

2(V) - **CAP. BRUNO JOSÉ MONTEIRO**, negociante, casado na Cidade de Cunha, SP, em 28-JAN-1875³⁸⁷, com sua prima, em segundo grau em linha lateral igual, **MARIANA MARIA DA CONCEIÇÃO**, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 19-DEZ-1856³⁸⁸ e falecida na Cidade de Cunha, SP, em 28-NOV-1898, filha de Francisco Aires dos Santos e s/m. Maria Ledovina de Oliveira; n.p de Arcênio José dos Santos Fogaça, também

³⁸⁵ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 75v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁸⁶ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 107. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁸⁷ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 154v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁸⁸ Certidão de batismo de fls. 45, juntada nos autos do Inventário de Francisco Aires dos Santos, CX 45-1871 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

chamado Arsênio José Lisboa e s/m. Eufrosina de Jesus, inventariada como Eufrásia Maria de Oliveira (falecida na Cidade de Cunha, SP, em 10-JUL-1869), casados na Vila de Cunha, SP, em 30-AGO-1819³⁸⁹; n.m de Francisco Pereira de Souza e s/m. Ledovina Maria de Toledo. Foram moradores no sítio “Sertão do Sítio” e também proprietários de uma casa no Largo da Matriz, Rua Comendador João Vaz.

OCAP.BRUNO JOSÉ MONTEIRO foi casado em segundas núpcias, “só religiosamente”, segundo declarado, com **DONA FRANCISCA MARIA ALEXANDRINA GUIMARÃES**, também chamada Francisca Alexandrina da Conceição. Faleceu ele em Cunha, SP, em 15-OUT-1916, onde lavrou testamento, em 5-JAN-1916.

Filhos do primeiro casamento: José Francisco Monteiro Sobrinho c.c Teodora Eufrásia de Oliveira; Ataliba José Monteiro (falecido solteiro, em 16-OUT-1909); Paulino José Monteiro c.c Eulália Monteiro; Bruno José Monteiro Filho c.c Teodora Maria da Conceição; Maria Margarida Monteiro c.c José Francisco Monteiro Jr.; Francisca Mariana Monteiro c.c Cândido Gomes de Siqueira; Eloy José Monteiro c.c Judite de Oliveira Monteiro; e João José Monteiro c.c Teodora Maria Monteiro.

Do segundo casamento: Tertuliano José Monteiro c.c Maria Cândida de Jesus; Mariana José Monteiro; Aureliano José Monteiro; Taciano José Monteiro; Deocleciano José Monteiro; e Suzana Monteiro.

3(V) - **MARIA JOSÉ DE JESUS**, casada na Cidade de Cunha, SP, em 8-JUL-1873³⁹⁰, com

³⁸⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 75v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁹⁰ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 138. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

FRANCISCO ESTEVÃO DE SAMPAIO, filho de Serafim Alves de Sampaio e s/m. Maria Rita da Conceição; n.p de Francisco de Paula Machado e s/m. Maria Genoveva de Jesus. Serafim Alves de Sampaio se casou novamente em Paraty, RJ, em 20-JUL-1854, com Marcelina Engracia de Jesus ou Sampaio.

- 4(V) - **JOAQUIM JOSÉ MONTEIRO**.
- 5(V) - **ROSALINA DO AMOR DIVINO**, casada com **JOAQUIM MARIANO PEREIRA**.
- 6(V) - **RITA MARIA DA CONCEIÇÃO**, casada com **JOAQUIM**.
- 7(V) - **LUCINDA MARIA DA CONCEIÇÃO**, casada com **JOAQUIM**.
- 8(V) - **JOSÉ FRANCISCO MONTEIRO**.
- 9(V) - **MANUEL JOSÉ MONTEIRO**, casado com **SENHORINHA MARIA DE GOUVEIA (OU JESUS)**, também chamada Senhorinha Monteiro, batizada em São Luiz do Paraitinga, em 22-ABR-1852³⁹¹, e falecida em 15-SET-1923, filha de José Monteiro Ferraz e s/m. Carolina Gomes de Gouveia; n.p de Antônio Joaquim Monteiro s/m. Florência Maria do Espírito Santo; n.m do Cap. Antônio José Lopes de Camargo e s/m. Ana Joaquina de Gouveia. Pais de, ao menos: Benedito; e Manuel José Monteiro³⁹².
- 10(V) - **TEODORO JOSÉ MONTEIRO FERRAZ**, inventariado como Teodoro Monteiro Ferraz, casado na Cidade de Cunha, SP, em 20-OUT-1866³⁹³, com **MARIA ANGÉLICA DA CONCEIÇÃO**, filha de Serafim Alves de Sampaio e sua primeira mulher Maria Rita da Conceição. Serafim Alves de Sampaio se casou

³⁹¹ Livro de Batismo de São Luiz do Paraitinga de 1842/1852 – fl. 115v. Arquivo da Cúria Diocesana de Taubaté - ACDT.

³⁹² Alistamento Eleitoral de 1900, CX Alistamento Eleitoral - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

³⁹³ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 98v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

novamente na Vila de Paraty, RJ, em 20-JUL-1854, com Marcelina Engracia de Jesus ou Marcelina de Sampaio. **TEODORO JOSÉ MONTEIRO** faleceu na Cidade de Cunha, SP, em 29-MAR-1881, deixando viúva e quatro filhos menores: Laurindo José Monteiro, que se casou com Guilhermina Maria de Jesus; Vitalino José Monteiro, que se casou com Amália de Paula Fernandes³⁹⁴; Dalíria Maria da Conceição, que se casou com Antônio José de Sampaio; Teodoro, nascido após a morte do pai e falecido no curso do inventário.

- 2(IV) - **MARIA RITA DOS SANTOS**, natural e batizada na Vila de Queluz, SP. Foi casada na Vila de Ubatuba, SP, em 28-JUN-1854³⁹⁵, com **FRANCISCO ANTÔNIO CHAVES**, nascido e batizado na Vila de Ubatuba, SP, por volta de 1823, filho de Antônio José Chaves e s/m. Ana Josefa. **FRANCISCO ANTÔNIO CHAVES** casou-se em segundas núpcias com **HERMENEGILDA LEOPOLDINA DO AMOR DIVINO**, filha de Francisco Aires Pimenta, carpinteiro, e s/m. Isabel Eugênia da Conceição (ou Isabel Leopoldina do Amor Divino).
- 3(IV) - **TEODORA AGUEDA MARIA DA CONCEIÇÃO**, natural da Vila de Queluz, SP, casada na Vila de Ubatuba, SP, em 4-AGO-1847³⁹⁶, com **FRANCISCO GONÇALVES PEREIRA LAGE**, natural da Freguesia de São Julião da Lage, filho de Paulo Gonçalves e s/m. Teresa da Cunha.
- 4(IV) - **ZELINDA MARIA DA CONCEIÇÃO**, casada em Ubatuba, SP, com **JOSÉ FIGUEIRA DE ORNELAS**, casado pela segunda vez em São Luiz do Paraitinga, SP, na data de 13-JUN-1861, com **LEDUÍNA QUERIDA DAS DORES**, filha de José Benjamin da Costa e s/m. Teresa Maria do Amor Divino.

³⁹⁴ Registro número 64, fls. 23v, Livro n. 02 (1895/1899), Registro Civil de Matrimônio de Cunha, In: www.familysearch.org

³⁹⁵ Certidão juntada às fls. 56v. dos Autos do Inventário de Teodora Monteiro, lavrada em 9-SET-1851, CX 28/1845 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

³⁹⁶ Certidão juntada às fls. 54. dos Autos do Inventário de Teodora Monteiro, lavrada em 30-DEZ-1848, CX 28/1845 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

- 3(III) - **MARIANA MONTEIRO DE TOLEDO**, nascida por volta de 1801, com 45 anos no inventário da finada mãe em 1845.
- 4(III) - **MANUEL MONTEIRO FERRAZ**, falecido em 15-OUT-1863, casado na Vila de Cunha, SP, em 29-NOV-1834³⁹⁷, em segundo e terceiro graus iguais e quarto misto ao terceiro de consanguinidade, com **MANUELA MONTEIRO DE TOLEDO** ou Manuela Francisca de Toledo, filha do Ten. Antônio José de Carvalho e s/m. Francisca Monteiro de Toledo; n.p de exposto ao casal Francisco José de Carvalho e s/m. Rosa Máxima Monteiro; n.m de José Monteiro Ferraz de Souza e s/m. Catarina Maria de Toledo. Pais de:
- 1(IV) - **JOÃO MANUEL MONTEIRO**, também chamado João Manuel de Toledo.
- 2(IV) - **ANTÔNIO JOSÉ MONTEIRO** ou Antônio Monteiro de Toledo, casado na Cidade de Cunha, SP, em 31-JAN-1863³⁹⁸, em segundo grau de consanguinidade, com **GENEROSA ROSABELA DE OLIVEIRA**, filha de Generoso Celestino de Carvalho e s/m. Mariana Rosbela de Oliveira, casados na Vila de Cunha, SP, em 4-MAIO-1842³⁹⁹; n.p do Ten. Antônio José de Carvalho e s/m. Francisca Monteiro de Toledo; n.m de João Pimenta de Oliveira e s/m. Joaquina Felícia de Oliveira.
- 3(IV) - **TEODORA**, casada com **MANUEL JOAQUIM DE SAMPAIO**.
- 4(IV) - **DEOLINDA MARIA DE TOLEDO**, casada na Cidade de Cunha, SP, com **ANTÔNIO JOSÉ DE SAMPAIO**, conforme fls. 26 do inventário paterno.
- 5(IV) - **GALDINA**.
- 6(IV) - **BENEDITO JOSÉ MONTEIRO**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 15-MAIO-1853⁴⁰⁰.

³⁹⁷ Livro de Casamento de Cunha 1803/1838 - fl. 157. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁹⁸ Livro de Casamento de Cunha 1838/1870 - fl. 88v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

³⁹⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 15. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁰⁰ Certidão de batismo juntada nos Autos do Inventário de Manuel Monteiro Ferraz, lavrada em 30-DEZ-1848, CX 40/1865 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

7(IV) - **MARIA MAFALDA DA CONCEIÇÃO**, casada na Cidade de Cunha, SP, em 31-JAN-1876⁴⁰¹, com **JOSÉ ANTÔNIO DE CARVALHO**, chamado José Celestino de Carvalho, filho de Inácio Celestino de Carvalho e s/m. Joaquina Gomes de Oliveira ou Joaquina Maria ou Joaquina Eufrásia de Oliveira; n.p do Cap. Antônio José de Carvalho e s/m. Francisca Monteiro de Toledo; n.m de José Gomes de Oliveira e sua primeira mulher Delfina Maria da Conceição, casados na Vila de Cunha, SP, em 7-FEV-1834⁴⁰².

5(III) - **MARIA JOAQUINA DE TOLEDO**, também chamada Maria Joaquina de Jesus, casada na Vila de Cunha, SP, em 3-FEV-1846⁴⁰³, em terceiro grau misto ao segundo de consanguinidade, com **JOÃO EVANGELISTA DOS SANTOS (LISBOA)**, também chamado João Batista, batizado na Vila de Cunha, SP, e falecido em 29-MAIO-1906, filho de Arcênio José dos Santos Fogaça (natural da Freg. dos Anjos, Lisboa), também chamado Arsênio José Lisboa, e s/m. Eufrosina de Jesus, inventariada como Eufrásia Maria de Oliveira (falecida na Cidade de Cunha, SP, em 10-JUL-1869), casados na Vila de Cunha, SP, em 30-AGO-1819⁴⁰⁴; n.p de José Maria dos Santos e s/m. Leocádia Angélica; n.m de João Pimenta de Oliveira e s/m. Joaquina Felícia de Oliveira. Foram pais, segundo inventário paterno⁴⁰⁵:

1(IV) - **FIRMINA MARIA DE JESUS**, casada na Cidade de Cunha, SP, com **ARCÊNIO FRANCISCO DOS SANTOS**, batizado na cidade de Cunha em 10-OUT-1858⁴⁰⁶, filho de Francisco Aires dos Santos e s/m. Maria Ledovina de Oliveira, casados na Vila de Cunha, SP, em 30-JUL-1848⁴⁰⁷; n.p de Arcênio José dos Santos

⁴⁰¹ Livro de Casamento de Cunha 1838/1870 - fl. 30v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁰² Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 149v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁰³ Livro de Casamento de Cunha 1803/1838 - fl. 157. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁰⁴ Livro de Casamento de Cunha 1803/1838 - fl. 75v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁰⁵ Inventário de João Evangelista dos Santos, CX 74/1906 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁴⁰⁶ Certidão de Batismo de fls. 53 dos Autos de Inventário de Francisco Aires dos Santos, CX 45/1871 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁴⁰⁷ Livro de Casamento de Cunha 1838/1870 - fl. 39v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

Fogaça (natural de Lisboa), também chamado Arsênio José Lisboa e s/m. Eufrosina de Jesus, inventariada como Eufrásia Maria de Oliveira (falecida em 10-JUL-1869), casados na Vila de Cunha, SP, em 30-AGO-1819⁴⁰⁸; n.m de Francisco Pereira de Souza e s/m. Ledovina Maria de Toledo.

2(IV) - **GERTRUDES MARIA DE JESUS (CONCEIÇÃO)**, também chamada Gertrudes Eufrásia de Oliveira, casada na Cidade de Cunha, SP, em 29-MAIO-1866, com **MANUEL ALVES DE OLIVEIRA**, filho de José Pereira e s/m. Zeferina Manuela de Oliveira. Pais de:

1(V) - **JOÃO EVANGELISTA DOS SANTOS NETO** (falecido em 2-NOV-1943⁴⁰⁹), casado a primeira vez com **BENEDITA EUFRÁSIA DE OLIVEIRA**, filha de Manuel Alves de Toledo e s/m. Eufrásia Teodora dos Santos. Pais de apenas uma filha de nome Maria da Conceição, casada com João Artelino. A segunda vez com **MARIA JOSÉ DE JESUS** (falecida em 18-AGO-1943⁴¹⁰), filha de Serafim Alves de Sampaio e s/m. Francisca da Conceição. Tiveram, ao menos, uma filha de nome Lucinda Maria de Jesus.

2(V) - **ZEFERINO ALVES DE OLIVEIRA**, falecido na Cidade de Cunha, SP, em 5-OUT-1936⁴¹¹, casado com **EDUVIRGEM BRÁSILIA DE SIQUEIRA**.

3(V) - **BENEVENUTO ALVES DE OLIVEIRA**.

4(V) - **ANTÔNIO ALVES DE OLIVEIRA**, casado com **MARIA JOSÉ DA CONCEIÇÃO**.

⁴⁰⁸ Livro de Casamento de Cunha 1803/1838 - fl. 75v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁰⁹ Certidão de Óbito de fls. 03 dos Autos de Inventário de João Evangelista dos Santos, CX 103-A/1943 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁴¹⁰ Certidão de Óbito de fls. 08 dos Autos de Inventário de João Evangelista dos Santos, CX 103-A/1943 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁴¹¹ Certidão de Óbito de fls. 03 dos Autos de Inventário de Zeferino Alves de Oliveira, CX 106/1936 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

- 5(V) - **CAROLINA MARIA DE JESUS.**
- 6(V) - **AVELINA EUFRÁSIA DE OLIVEIRA**, casada na Cidade de Cunha, SP, em 10-OUT-1896⁴¹², com **JOSÉ TIMÓTEO DOS SANTOS** (falecido em 5-MAR-1932), filho de José Timóteo de Toledo e s/m. Hilária Maria dos Santos; n.m de João Evangelista dos Santos e s/m. Maria Joaquina de Toledo.
- 7(V) - **JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA.**
- 8(V) - **MARIA FRANCISCA DOS SANTOS.**
- 3(IV) - **EUFRÁSIA TEODORA DOS SANTOS**⁴¹³, casada na Cidade de Cunha, SP, em 20-MAIO-1871⁴¹⁴, com **MANUEL JOSÉ DE TOLEDO**, viúvo de Maria da Conceição da Anunciação, filho de José Manuel de Toledo e s/m. Joaquina Maria da Conceição. Pais de:
- 1(V) - **BENEDITA EUFRÁSIA DE OLIVEIRA**, falecida na Cidade de Cunha, SP, em 19-JAN-1895, inventariada como Benedita Maria da Conceição, casada com **JOÃO EVANGELISTA DOS SANTOS NETO**. Tiveram uma única filha de nome Maria da Conceição, casada com João Artelino.
- 2(V) - **RITA EUFRÁSIA DE OLIVEIRA**, casada com **JOÃO PAULO DO NASCIMENTO NECO.**
- 3(V) - **MARIA EUFRÁSIA DE OLIVEIRA.**
- 4(IV) - **JESUÍNA MARIA DE JESUS**, casada na Cidade de Cunha, SP, em 30-JUN-1873⁴¹⁵, em segundo grau em linha lateral igual de consanguinidade, com **DOMINGOS FRANCISCO DOS SANTOS**, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 12-NOV-

⁴¹² Certidão de Casamento de fls. 39, juntada nos autos do Inventário conjunto de José Timóteo de Toledo, CX 65/1890 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

⁴¹³ Eufrásia Teodora dos Santos faleceu no parto, aos trinta anos de idade, em 18-FEV-1889.

⁴¹⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 126v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴¹⁵ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 137v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

1852⁴¹⁶ (falecido em 27-DEZ-1903), filho de Francisco Aires dos Santos e s/m. Maria Ledovina de Oliveira, casados na Vila de Cunha, SP, em 30-JUL-1848⁴¹⁷; n.p de Arcênio José dos Santos Fogaça, também chamado Arsênio José Lisboa e s/m. Eufrosina de Jesus, inventariada como Eufrásia Maria de Oliveira (falecida na Cidade de Cunha, SP, em 10-JUL-1869), casados na Vila de Cunha, SP, em 30-AGO-1819⁴¹⁸; n.m de Francisco Pereira de Souza e s/m. Ledovina Maria de Toledo. Moradores no sítio “Roseira”.

DOMINGOS FRANCISCO DOS SANTOS se casou novamente com **ANA MARIA DA CONCEIÇÃO** (falecida em 26-JAN-1922), filha de Joaquim Germano Monteiro e s/m. Teodora Maria da Conceição. Filhos do primeiro casamento, conforme inventário⁴¹⁹.

1(V) - **MARIA JESUÍNA DE JESUS**, casada com **VITORIANO JOSÉ PIMENTA**.

Do segundo casamento com **ANA MARIA DA CONCEIÇÃO**:

2(V) - **BENEDITO DOMINGOS DOS SANTOS**.

3(V) - **RAMIRO FRANCISCO DOS SANTOS**.

4(V) - **JOÃO DOMINGOS DOS SANTOS** c.c **MARIA JOSÉ DO ESPÍRITO SANTO**.

5(V) - **JÚLIO PAULO DOS SANTOS**.

6(V) - **ANDRÉ AVELINO DOS SANTOS**.

5(IV) - **HILÁRIA MARIA DE JESUS**, casada com **JOSÉ TIMÓTEO DE TOLEDO**. Ambos estavam falecidos no inventário do pai e sogro em 1906.

⁴¹⁶ Certidão de fls. 39 juntada nos autos do Inventário de Francisco Aires dos Santos, CX 45/1871 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁴¹⁷ Livro de Casamento de Cunha 1838/1870 - fl. 39v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴¹⁸ Livro de Casamento de Cunha 1803/1838 - fl. 75v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴¹⁹ Inventário de Domingos Francisco dos Santos, CX 74/1904 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

- 1(V) - **JOSÉ TIMÓTEO DOS SANTOS** (falecido em 5-MAR-1932), casado na Cidade de Cunha, SP, em 10-OUT-1896⁴²⁰, com sua prima, **AVELINA EUFRÁSIA DE OLIVEIRA**, filha de Manuel Alves de Oliveira e s/m. Gertrudes Eufrásia de Oliveira; n.p de José Pereira e s/m. Zeferina Manuela de Oliveira; n.m de João Evangelista dos Santos e s/m. Maria Joaquina de Toledo.
- 2(V) - **BENEDITO JOSÉ DOS SANTOS.**

- 6(III) - **MARCELINA MONTEIRO DE TOLEDO**, com 11 anos na Lista de Ordenanças de 1818 e 54 anos no inventário da finada mãe em 1845. Falecida na Vila de Cunha, SP, sem filhos, lavrou testamento, em 9-NOV-1855, dispondo:

“sou natural desta vila, filha legítima dos finados Manoel Monteiro Ferraz e sua mulher Theodora Monteiro de Toledo, sou solteira e não tenho herdeiros legítimos. Deixo a minha sobrinha Edovirge, filha de Jose Dias da Motta Fontes, o que me coube por herança de meus finados pais, denominada a “Nesga do Soares” (Encruzilhada)”.

- 7(III) - **MARIA MIQUELINA DE TOLEDO**, com 44 anos no inventário da finada mãe em 1845.
- 8(III) - **MARIA FRANCISCA DE TOLEDO**, com 38 anos no inventário da finada mãe em 1845.
- 9(III) - **JOSÉ MANUEL DE TOLEDO**, ou José Manuel Ferraz, com 23 anos no inventário da finada mãe em 1845, mas alega ter vinte um anos nos autos de justificação de 1841⁴²¹.

§ 9º

⁴²⁰ Certidão de Casamento de fls. 39, juntada nos autos do Inventário conjunto de José Timóteo de Toledo, CX 65/1890 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁴²¹ José Manuel Ferraz solicita emancipação para reger e governar sua pessoa, provando sua capacidade por testemunhas, pois “por não se achar Certidão de seo Baptisterio, q. o Justificante faze-la testemunhalm”. – Autos de Justificação de 1841, CX Tutela, Curatela e Emancipação - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

- 9(II) - **FRANCISCA MONTEIRO DE TOLEDO**⁴²², batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 17-MAR-1779⁴²³, Freguesia do Facão, Vila de Guaratinguetá, SP, casada com o **TENENTE ANTÔNIO JOSÉ DE CARVALHO**, exposto ao casal Francisco José de Carvalho e s/m. Rosa Máxima Monteiro, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Freguesia do Facão, Vila de Guaratinguetá, SP, na data de 31-MAIO-1766, casados na Vila de Cunha, SP, em 26-MAIO-1800⁴²⁴.

Rosa Máxima Monteiro faleceu na Vila de Cunha, SP, sem filhos legítimos, com inventário aberto, em 5-AGO-1848, cujo testamento instituiu como único herdeiro Antônio José de Carvalho, criança então exposta na residência do casal.

§ 10

- 10(II) - **JOÃO MONTEIRO FERRAZ DE TOLEDO**, também chamado de João Monteiro de Toledo, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 9-ABR-1781⁴²⁵, Freguesia do Facão, Vila de Guaratinguetá, SP, integrante do Regimento de Infantaria de Milícia de Cunha, assentando praça em 2-SET-1789, aos 17 anos de idade⁴²⁶. Contraiu matrimônio pela primeira vez, na Vila de Cunha, SP, em 23-JAN-1816⁴²⁷, com **JOSEFA MARCELINA DE GOUVEIA**, exposta a José Rodrigues Santiago.

JOÃO MONTEIRO FERRAZ DE TOLEDO foi inventariado na Vila de Cunha, SP, em 4-FEV-1855, com Primeiro Traslado do Instrumento de Filiação, Instituição, Legitimação de Herdeiro – fls. 03/04v do Inventário⁴²⁸, ditado de 2-JAN-1852, quando declarou ter um filho natural de nome Sanxo Antônio (Sancho Antônio), que teve no estado de solteiro, sem indicação da mãe. Porém, quando este filho se casa na Vila de Cunha, SP, em 1-OUT-1822, com Policena Maria de Jesus, o assento registra a mãe do noivo como Faustina, escrava liberta de José Monteiro Ferraz de Souza, justamente o pai do testador. Em resumo, o filho solteiro

⁴²² A genealogia deste ramo será desenvolvida na árvore de Lucinda Pimenta de Oliveira, a ser publicada futuramente.

⁴²³ Livro de Batismo de Cunha de 1766/1782 - fl. 77v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL

⁴²⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1778/1803 - fl. 78. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴²⁵ Livro de Batismo de Cunha de 1766/1782 - fl. 89. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴²⁶ Livro Mestre do Regimento de Infantaria de Milícias de Cunha – 1789/1822 – Pág. 274 – DAESP.

⁴²⁷ Livro de Casamento de Cunha 1803/1838 - fl. 55v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴²⁸ Autos Cíveis de Tomada de Contas de João Monteiro Ferraz de Toledo, CX 38-A/1863 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

engravidou a escrava do pai, que imbuído do sentimento de família a libertou da escravidão. Décadas mais tarde, o filho teve a dignidade tardia de reconhecer a criança em testamento para fazer dele seu herdeiro. Mas o que tudo indica, essa dignidade não alcançou a todos. Nos autos de Tutoria de 1861, o filho reconhecido, Antônio Sancho, diz:

“existindo neste termo da Jurisdição de V. Sa. o menor Manuel de idade de 13 anos incompletos, que foi liberto na Pia baptismal d’esta Parochia pelo finado João Monteiro Ferraz de Toledo, como se ve do Documentos junto, o qual desde então, até o mês passado esteve em companhia de sua mãe, a liberta Quitéria e falecendo esta a 20 dias, ficou aquele menor residindo no bairro da Pedra Branca, onde presentemente se acha; e como seja ele irmão bastardo do supp^e. q. não deseja ve-lo sem sujeição, entregue a si mesmo sem que, aprenda qualquer officio [...]”.

Vendo a certidão de fls. 04, constata-se que o batismo do menino Manuel foi lançado no Livro de Assentos e Batizados de Brancos e Livre, na data de 2-NOV-1854, de pai incógnito e de Quitéria, escrava que foi de João Monteiro Ferraz.

JOÃO MONTEIRO FERRAZ DE TOLEDO contraiu núpcias pela segunda vez na Vila de Cunha, SP, em 9-JUN-1827⁴²⁹, com **ZEFERINA FRANCISCA DE GOUVEIA**, filha do Capitão José Monteiro Silva (natural de Cunha, SP) e s/m. Leonor Maria dos Santos (natural de Cunha, SP); n.p de Nicolau Monteiro Silva e s/m. Florência da Silva Bicudo; n.m de José dos Santos Souza e s/m. Zeferina Francisca de Gouveia. Por sua vez, **ZEFERINA FRANCISCA DE GOUVEIA** foi inventariada na Cidade de Cunha, SP, em 27-ABR-1863⁴³⁰, instituindo em testamento que o restante da meação dar-se-ia ao marido, mas caso ele falecesse antes a verba passaria às duas filhas de Joaquim José de Carvalho com sua finada mulher, Maria Josefa da Conceição (Maria e Teodora), o que de fato ocorreu, pois seu marido morreu dez anos antes. Não tiveram filhos.

Filhos do primeiro casamento, segundo inventário de **JOÃO MONTEIRO FERRAZ DE TOLEDO**:

1(III) - **MARIA JOSEFA DA CONCEIÇÃO ou TOLEDO**, falecida no inventário paterno em 1863. Foi casada na Vila de Cunha, SP, em 12-FEV-1842⁴³¹, com seu primo, em segundo grau lateral e terceiro misto, **JOAQUIM JOSÉ DE CARVALHO**, filho de Antônio José de Carvalho e s/m. Francisca Monteiro de Toledo; n.p de Francisco José de Carvalho e s/m. Rosa Máxima Monteiro

⁴²⁹ Livro de Casamento de Cunha 1803/1838 - fl. 115v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴³⁰ Inventário de Zeferina Francisca de Gouveia, CX 38-A/1863 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁴³¹ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 14. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

(casados na Vila de Cunha, SP, em 26-MAIO-1800⁴³²); n.m de José Monteiro Ferraz e s/m. Catharina Maria de Toledo e Silva. No inventário da esposa⁴³³, partilhou-se, entre outros bens, uma sorte de terras no Bairro do Carrasquinho com 30 braças de testada com os fundos que se acham, vizinhas às terras de João Monteiro Ferraz de Toledo; mais 23 braças de terras de testada no sítio do “Engenho” com ½ légua de sertão. Tiveram duas filhas falecidas na infância:

1(IV) - **MARIA DAS DORES.**

2(IV) - **TEODORA MARIA.**

2(III) - **JOÃO MONTEIRO FERRAZ**, casado na Cidade de Cunha, SP, em 31-OUT-1861⁴³⁴, com **VITÓRIA MARIA DO ESPÍRITO SANTO**, filha de Manuel Pereira Barbosa e s/m. Antônia Luzia de Oliveira. Foi inventariada na Cidade de Cunha, SP, em 19-DEZ-1870⁴³⁵, com o nome de Vitória Maria de Jesus, com partilha de uma morada de “casa de datas” na Várzea do Gouveia. Pelo menos um filho:

1(IV) - **JOÃO MONTEIRO FERRAZ JÚNIOR.**

Filho natural, reconhecido em testamento, que teve com a escrava de seu pai de nome **FAUSTINA**:

3(III) - **SANCHO ANTÔNIO DE TOLEDO**, com quarenta e seis anos na Lista de Eleitores da Vila de Cunha de 1848⁴³⁶, casado na Vila de Cunha, SP, em 1-OUT-1822⁴³⁷, com **POLICENA MARIA DE JESUS ou SAMPAIO** (falecida em 24-ABR-1868), filha de José Joaquim da Silva (natural de Lorena, SP) e Vitória Maria, natural de Minas Gerais (casados na Vila de Cunha, SP, em

⁴³² Livro de Casamento de Cunha de 1778/1803 - fl. 78. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴³³ Inventário de Maria Josefa, CX 32/1853 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁴³⁴ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 126v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴³⁵ Inventário de Vitória Maria de Jesus, CX 44-A/1870 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁴³⁶ Lista dos Cidadãos Alistados e Eliminados por Reclamações e Denúncias na Presente Sessão de 1847 – Fundo Secretaria do Interior – CO5769 – DAESP.

⁴³⁷ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 93v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Neste assento os pais da noiva são indicados como escravos libertos de Dona Inácia de Sampaio.

20-NOV-1802⁴³⁸); n.p de Inácia; n.m de Sebastião e s/m. Páscoa.

Pais, pela ordem do inventário de Policena Maria de Jesus⁴³⁹:

1(IV) - **JOÃO SANCHO DE TOLEDO**, com vinte cinco anos e solteiro na Lista de Votantes da Vila de Cunha de 1849⁴⁴⁰, casado na Cidade de Cunha, SP, em 13-MAIO-1860⁴⁴¹, com **ALEXANDRINA MARIA**, filha de Joaquim Maria da Silva e s/m. Maria Antônia da Cruz.

2(IV) - **SANCHO ANTÔNIO DE TOLEDO JÚNIOR**, com vinte cinco anos na Lista de Votantes da Vila de Cunha de 1847⁴⁴², também chamado Antônio Sancho de Toledo, casado na Cidade de Cunha, SP, em 4-AGO-1860⁴⁴³, com **MARIA JOSÉ ROSA**, também chamada Maria José da Conceição, filha de Damásio Antunes e s/m. Rosa Maria. Este último casal também consta em outro registro como Damásio Antônio Correia e Rosa Lina. Tiveram, ao menos:

1(V) - **MARIA JOSÉ**, nascida na Cidade de Cunha, SP, em 15-DEZ-1875⁴⁴⁴.

3(IV) - **MARIA FRANCISCA**, casada na Vila de Cunha, SP, em 22-OUT-1847⁴⁴⁵, com **ANTÔNIO JOSÉ FRANCISCO**, também chamado José Narciso de Oliveira, conforme constou em inventário, filho de Francisco José Monteiro e s/m. Maria Vitória de Sampaio. Pais, ao menos de:

⁴³⁸ Livro de Casamento de Cunha de 1773/1803 - fl. 87v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL. Neste assento a mãe do noivo era escrava do falecido João da Costa do bairro do Embaú e os pais da noiva escravos de Maria Pedroso.

⁴³⁹ Inventário de Policena Maria de Jesus, CX 46/1872 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

⁴⁴⁰ Lista dos Cidadãos Alistados e Eliminados por Reclamações e Denúncias na Presente Sessão de 1849 – Fundo Secretaria do Interior – CO5769 – DAESP.

⁴⁴¹ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 93v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁴² Lista dos Cidadãos Alistados e Eliminados por Reclamações e Denúncias na Presente Sessão de 1847 – Fundo Secretaria do Interior – CO5769 – DAESP. Há um outro cidadão de nome Antônio José Monteiro Sancho, com 29 anos, casado, morando no 7º Quarteirão, que não se encaixa na relação de herdeiros da família “SANCHO”.

⁴⁴³ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 118v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁴⁴ Livro de Registro Civil de Nascimento de Cunha n. 01 de 1875/1877, pág. 56.

⁴⁴⁵ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 36. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

- 1(V) - **BENEDITO DE TOLEDO**, casado na Cidade de Cunha, em 10-OUT-1877⁴⁴⁶, com **MARIANA MARIA DE JESUS**, filha de Graciano Francisco e s/m. Maria José.
- 4(IV) - **GERTRUDES MARIA POLICENA ou SAMPAIO**, casada na Vila de Cunha, SP, em 9-JAN-1858⁴⁴⁷, com **JOSÉ FRANCISCO LERO ou NERO**, nomeado José Francisco Aurélio no inventário da sogra, ou José Lero do Nascimento, filho de Damásio Antunes de Mesquita e s/m. Rosa Maria. Tiveram, ao menos:
- 1(V) - **BENEDITA MARIA DA CONCEIÇÃO**, com sete anos no inventário da avó, casada na Cidade de Cunha, em 22-OUT-1874⁴⁴⁸, com **MANUEL BELISÁRIO**, filho de Ana Ferreira.
- 5(IV) - **TEODORA**, casada com **LUÍS ANTÔNIO DE OLIVEIRA**.
- 6(IV) - **RITA MARIA DE SAMPAIO**, casada na Cidade de Guaratinguetá, SP, na data de 14-SET-1865⁴⁴⁹, com **FRANCELINO DA CUNHA BARBOSA**, natural de São João Marcos, RJ, filho Francisco da Cunha Barbosa e s/m. Senhorinha Maria de Jesus, naturais de Guaratinguetá, SP.
- 7(IV) - **BENEDITA**, casada com **FRANCISCO LUCIANO DE OLIVEIRA**.
- 8(IV) - **JOSÉ SANCHO DE TOLEDO**, casado na Cidade de Cunha, SP, em 3-MAR-1889⁴⁵⁰, com **MARIA JOAQUINA DA CONCEIÇÃO**, filha de Manuel Francisco de Toledo e s/m. Maria Benedita da Conceição.
- 9(IV) - **JOSEFA MARIA DE SAMPAIO**, casada na Cidade de Cunha, SP, em 1-MAIO-1863⁴⁵¹, com **ANTÔNIO JOSÉ**

⁴⁴⁶ Livro de Casamento de Cunha de 1841/1877 - fl. 191v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁴⁷ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 91. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁴⁸ Livro de Casamento de Cunha de 1865/1877 - fl. 147. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁴⁹ Livro de Casamento de Guaratinguetá de 1860/1866 - fl. 177v. Arquivo da Cúria Arquidiocesana de Aparecida – ACDA

⁴⁵⁰ Registro número 90, fls. 25, Livro n. 01 (1889), Registro Civil de Matrimônio de Cunha, In: www.familysearch.org.

⁴⁵¹ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 135. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

DE OLIVEIRA CORREIA, natural de Guaratinguetá, SP, filho de Gertrudes Maria dos Santos. Foram agregados de Augusto Vieira, provavelmente em Guaratinguetá, SP.

1(V) - **BENEDITA**, com sete anos no inventário da avó.

2(V) - **JOSÉ**, com cinco anos no inventário da avó.

10(IV) - **JUSTINA MARIA**, casada na Cidade de Cunha, SP, em 13-FEV-1860⁴⁵², com **JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS**, chamado José Cipriano, já falecido no inventário da sogra, filho de Francisco dos Santos Sobrinho e s/m. Cipriana Angélica.

1(V) - **BENEDITO**, com dez anos no inventário da avó.

11(IV) - **MARIA GERTRUDES**. Filhos no inventário:

1(V) - **MANUEL JOSÉ DE CARVALHO**, com vinte e dois anos no inventário da avó.

2(V) - **MARIA JOSÉ DA CONCEIÇÃO**, com vinte e um anos.

3(V) - **BENEDITO**, com dezoito anos.

4(V) - **RITA**, com dezesseis anos.

5(V) - **JOÃO**, com quatorze anos.

6(V) - **BENEDITA**, com treze anos.

7(V) - **JOSÉ**, com doze anos.

8(V) - **FRANCISCO**, com seis anos.

9(V) - **PRUDENTE**, com três anos.

12(IV) - **BENEDITO ANTÔNIO** ou Benedito Sancho, casado na Vila de Cunha, SP, em 21-FEV-1854⁴⁵³, com sua prima, em segundo grau de consanguinidade, em linha transversal, **CAROLINA MARIA** ou Carolina Vitória, filha de Francisco José Monteiro e s/m. Maria Vitória de Sampaio.

1(V) - **MARIA DA CONCEIÇÃO**, com quinze anos

⁴⁵² Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 111. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁵³ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 77. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

no inventário da avó.

13(IV) - **GERALDA MARIA DE JESUS**, ainda viva no óbito paterno, em 23-DEZ-1875⁴⁵⁴.

Filho adotivo de **JOÃO MONTEIRO FERRAZ DE TOLEDO** mencionado em testamento:

4(III) - **JOSÉ MONTEIRO DE TOLEDO**, afilhado e enjeitado exposto, conforme constou nos autos, batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 8-SET-1839⁴⁵⁵, e falecido por volta de 1893. Recebeu como legado, por disposição testamentária, um escravo de nome Generoso.

Foi casado na Cidade de Cunha, SP, em 20-JUN-1859⁴⁵⁶, em segundo grau misto de afinidade, com **DELFINA MARIA DE JESUS**, filha de José Alves Pereira e s/m. Maria Justina de Jesus (casados na Vila de Cunha, SP, em 12-OUT-1840); n.p de Antônio José Coelho e s/m. Maria Teresa de Jesus; n.m de José Gomes de Oliveira e s/m. Delfina Maria da Conceição.

§ 11

11(II) - **MARCELINA MARIA DE TOLEDO**, Marcelina de Toledo ou Marcelina Arcanjela, batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Freguesia do Facão, Vila de Guaratinguetá, SP, na data de 19-SET-1782⁴⁵⁷, e falecida na Vila de Cunha, SP, em 3-JUL-1806⁴⁵⁸. Contraíu núpcias na mesma vila, em 28-JAN-1805⁴⁵⁹, com seu cunhado, em primeiro grau de afinidade por afinidade do segundo, **ANTÔNIO MONTEIRO FERRAZ**, viúvo de Maria Isabel, filho de André Rodrigues Cordeiro e s/m. Narcisa Maria de Oliveira.

Tiveram dois filhos mortos após o nascimento, o que sugere que a mãe tenha falecido em decorrência do parto do segundo filho. Não há

⁴⁵⁴ Livro 01 de Óbito, fls. 27/28, Cartório de Registro Civil de Cunha.

⁴⁵⁵ Livro de Batismo de Cunha de 1834/1849 - fl. 76 Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁵⁶ Livro de Casamento de Cunha de 1838/1870 - fl. 104. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

⁴⁵⁷ Livro de Batismo de Cunha de 1766/1782 - fl. 99v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL

⁴⁵⁸ Livro de Óbitos da Bocaina de 1804/1874 - fl. 15v. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL

⁴⁵⁹ Livro de Casamento de Cunha de 1803/1838 - fl. 07. Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL.

notícia de que **ANTÔNIO MONTEIRO FERRAZ** tenha se casado pela terceira vez. (s.g).

⁽¹⁾ **NOTAS EXPLICATIVAS**

ANCESTRALIDADE DE FRANCISCO PIMENTA DE OLIVEIRA

Não há certeza sobre a ancestralidade do pai de Maria Francisca Ramos, esposa de Lourenço Monteiro Ferraz, até porque não encontramos até o momento nenhum documento que comprove seu parentesco com **Domingos Rodrigues Ramos e sua mulher Catarina Gomes da Silva**. Contudo, acredito que Antônio Ramos da Silva seja realmente filho deste casal, registrado por Silva Leme (Tit. Bicudos, pág. 332, item 7-6) como Licenciado Antônio Rodrigues da Silva.

As razões são várias. Como o próprio genealogista indica, todos os filhos de Domingos Rodrigues Ramos e s/m. Catarina Gomes da Silva nasceram na Vila de Pindamonhangaba, bastando verificar que o Capitão-Mor da localidade foi nada menos que Francisco Ramos da Silva (Tit. Bicudos, pág. 331, item 6-1), casado com Inácia Águeda de Oliveira. Também não por acaso, na lista de Ordenanças da Vila do ano de 1773 consta registrado no Bairro da Capela do Rosário, fogo 345, um indivíduo **licenciado** de nome Antônio Ramos da Silva, casado, sem indicação da esposa, vivendo com três agregados: Manuel, sua esposa Feliciano e seu filho de mesmo nome. O Capitão deste bairro tem por nome José Ramos da Silva, o mesmo casado com Maria Pires (Tit. Bicudos, pág. 333, item 6-4).

Tudo leva a crer que aquele **Antônio Rodrigues da Silva** de que trata Silva Leme é na verdade **ANTÔNIO RAMOS DA SILVA**, que após licenciado do sacerdócio se casou com **FRANCISCA MARIA DE TOLEDO SILVA**, provavelmente lá pelas bandas da remota Freguesia do Facão, na Capela de Jesus, Maria e José da Boa Vista, a mesma instituída pelo pai da noiva, Luís da Silva Porto.

Mas não se resume a isso. Existe um outro pequeno detalhe que contribui ainda mais para esclarecer o caso. Um neto daquele casal, filho do Capitão-Mor Francisco Ramos da Silva, consta registrado na Genealogia Paulistana (Tit. Bicudos, pág. 332, item 7-6) como Antônio Ramos da Silva, nome escolhido certamente para homenagear o tio pelo lado paterno, algo bem comum para a época.

FONTES DE PESQUISA

Arquivos Eclesiásticos:

Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro – ACMRJ

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo – ACMSP

Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL

Arquivo da Cúria Diocesana de Taubaté – ACDT

Arquivo da Cúria Arquidiocesana de Aparecida – ACDA

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Arquivos Públicos:

Arquivo Público do Estado de São Paulo – DAESP

Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”

Arquivo do Museu Municipal Malba Tahan – Cidade de Queluz

Arquivo do Museu Frei Galvão - Arquivo Memória de Guaratinguetá - MFG/AMG

Arquivo da Casa da Cultura da Prefeitura de Areias

Arquivo Distrital da Guarda

Arquivo Distrital de Évora

Arquivo Distrital do Porto

Cartório de Registro Civil de Cunha

Arquivos Particulares:

Fichas documentais de Itamar Bopp

Sítios na internet:

<http://www.asbrap.org.br>

<http://arquivoestado.sp.gov.br>

<http://bndigital.bn.gov.br>
<http://familysearch.org>
<http://www.adporto.dglab.gov.pt>
<https://adavr.dglab.gov.pt/>
<https://digitarq.adgrd.arquivos.pt/>
<https://digitarq.adevr.arquivos.pt/>
<http://www.projetocompartilhar.org>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Cristãos-novos em São Paulo (séculos XVI-XIX): assimilação e nobilitação*. São Paulo: Asbrap, 2015.
- COELHO, H. V. Castro. *Povoadores de São Paulo (Sebastião Gil)*. Revista da ASBRAP n° 20, São Paulo, 2014.
- Gazeta dos Tribunais, edição de 22 de agosto de 1845, número 252.
- Jornal O Cunhense, edição de 16 de março de 1879.
- LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, vol. 3. São Paulo: Duprat & Cia., 1904.
- LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, vol. 5. São Paulo: Duprat & Cia., 1903.
- LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, vol. 2, 6, 7 e 8. São Paulo: Duprat & Cia., 1905.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *Os Galvão de França no Povoamento de Santo Antônio de Guaratinguetá*. 2ª parte. 2.ed. São Paulo: Ed. USP, 1973.
- MOYA, Salvador de. *Os Gonçalves de Queluz*. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo – RAM vol. XXI, 1936.
- SETTE, Bartyra. *Henrique Cardoso Leal – alferes*. Projeto Compartilhar. Disponível em: <http://www.projetocompartilhar.org/Familia/HenriqueCardosoLeal.htm>
- SETTE, Bartyra e BUTTROS, Silva R. *Antônio de Oliveira Gago e Ana da Cunha*. Projeto Compartilhar. Disponível em: <http://www.projetocompartilhar.org/Familia/AntoniodeOliveiraGago.htm>

- SILVA JÚNIOR, Décio Ferraz. *O Casal – Alferes Antônio Ferraz de Oliveira/Rita Maria Angélica dos Santos – Por sua filha Florência Maria do Espírito Santo (Alguns “Gouveias”, “Campos” e “Pereiras da Silva”)*. Revista da ASBRAP nº 28, São Paulo, 2021.
- SILVEIRA, Carlos da. *Subsídios Genealógicos XLII*. Biblioteca Eletrônica ASBRAP, Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia.
- SILVEIRA, Carlos da. *Subsídios Genealógicos CVIII*. Biblioteca Eletrônica ASBRAP, Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia.
- SILVEIRA, Carlos da. *Subsídios Genealógicos CIX*. Biblioteca Eletrônica ASBRAP, Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia.
- SILVEIRA, Carlos da. *Subsídios Genealógicos CX*. Biblioteca Eletrônica ASBRAP, Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia.
- SILVEIRA, Carlos da. *Apontamentos para o estudo de uma grande família: Os Lopes Figueira, do Facão*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, RIHGSP – vol. XXXV.
- SILVEIRA, Carlos da. *Notas Genealógicas sobre a Família Rebouças da Palma, oriunda do Vale do Paraíba do Sul, Estado de São Paulo*. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo – RAM vol. XXVII, 1936.
- VELOSO, João José de Oliveira. *A História de Cunha – Freguesia do Facão – A Rota da Exploração das Minas e Abastecimento de Tropas*. São Paulo, 2010.

FAMÍLIA COZZOLINO: PARENTESCO, INSTITUIÇÕES E PODER NO MUNICÍPIO DE MAGÉ (RJ)

Antônio Seixas¹

Resumo: Em 1892, o imigrante italiano Antônio Cozzolino estabeleceu-se com uma casa comercial, no Município de Magé. Nos últimos quarenta anos, foram eleitos onze prefeitos, dos quais seis pertencem à família Cozzolino, o que a torna um objeto de pesquisa interessante para o estudo do processo de transmissão de poder político no Estado do Rio de Janeiro, após a fusão com o Estado da Guanabara, em 1975. A partir do conceito de familismo e do método onomástico, reconstituímos sua genealogia a fim de analisar a força do parentesco para a manutenção do poder familiar de uma elite política e econômica que exerce o mandonismo local.

Abstract: In 1892, the Italian immigrant Antônio Cozzolino established himself with a commercial house in Magé. In the last forty years, six out of the eleven mayors who have been elected belong to the Cozzolino family, which makes it an interesting research object for the study of the power transmission process in the Rio de Janeiro State after the merger with the Guanabara State, in 1975. Based on the concept of familism and the onomastic method, we reconstructed the genealogy of the family in order to analyze the strength of kinship for maintaining the family power of a political and economic elite that exercises local oligarchy.

Introdução

Em 18 de novembro de 1887, o agricultor italiano Antônio Cozzolino

¹ Advogado e Historiador. Especialista em História do Brasil (IUPERJ), em História do Rio de Janeiro (UFF), em História da Arte Sacra (FSBRJ) e em História Militar (UNISUL). Mestre em História (UNIVERSO). Doutorando em História (UNIVERSO). Membro titular da Academia Mageense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói e do Instituto Histórico e Geográfico de Teresópolis. Sócio-Adjunto do Colégio Brasileiro de Genealogia. Filiado ao Centro de Estudos da Imaginária Brasileira – CEIB, à Associação Nacional de História – Seção do Rio de Janeiro (ANPUH-RJ) e à Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos - SEO. Membro do Instituto dos Advogados Brasileiros e do Conselho Estadual de Tombamento do Rio de Janeiro. E-mail: antonioseixasadv@gmail.com.

desembarcou no Porto do Rio de Janeiro, aos 24 anos, tendo partido de Gênova, no navio Plata.² Pelos assentos no cartório de registro civil, sabemos que, em 1892, estava estabelecido como comerciante, em Raiz da Serra, no distrito de Inhomirim, no Município de Magé,³ onde faleceu, em 1919, deixando oito filhos: Genarino, Affonsina, Elvira, Maria, Pergentina, Raphael, Ernesto e Marieta.⁴

Quando a família Cozzolino se estabeleceu em Raiz da Serra, no final do século XIX, a vida no distrito não era das mais fáceis, coincidindo com a extinção do Município de Estrela e o surto de malária, o que levou ao abandono das povoações de Estrela e de Inhomirim e a migração de uma parcela da população em direção da Serra da Estrela.

Em 1891, a sede do Município de Estrela havia sido transferida do Porto da Estrela para a povoação de Raiz da Serra, rebatizada de Vila Inhomirim. Em 8 de maio de 1892, o município foi extinto e os distritos de Inhomirim e de Guia de Pacobaíba devolvidos ao Município de Magé.⁵

O distrito de Inhomirim contava, em 1896, com pouco mais de 6 mil habitantes, divididos entre Estrela, Inhomirim (onde estava a velha Matriz de Nossa Senhora da Piedade) e Raiz da Serra. O número de imóveis chegava a 1.631, a maioria em ruínas, pelo abandono da população. A produção agrícola concentrava-se no café, farinha de mandioca, milho, arroz, cana de açúcar, frutas e legumes.⁶

O bairro de Vila Inhomirim, ainda hoje conhecido como Raiz da Serra, surgiu às margens da Avenida Automóvel Club e no entorno da Estação Ferroviária e da Imperial Fábrica de Pólvora da Estrela. Na primeira metade do século XX, mantinha-se entre os principais núcleos populacionais do distrito de Inhomirim. Contava, à época, com ligação ferroviária com o Rio de Janeiro (operada, desde 1997, pela concessionária SuperVia) e com Petrópolis (a linha foi suprimida em 1964). Duas fábricas de tecidos localizavam-se próximas a Raiz da Serra, a Companhia América Fabril, no bairro de Pau Grande, e a Companhia de Fiação e Tecidos Cometa, no bairro do Meio da Serra. A população era formada,

² BRASIL. Arquivo Nacional. Administração do Porto do Rio de Janeiro, Registro de Entrada de Imigrantes, 1887, fl. 235.

³ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos (1889-1900), fl. 43v.

⁴ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos (1916-1922), fl. 112v.

⁵ PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. *O Porto da Estrela: separata da R. IHGB*, v. 293, out.-dez. 1971. Rio de Janeiro: IHGB, 1972, p. 87-88.

⁶ SILVA, Antônio José Caetano da. *Corografia Fluminense: o Estado do Rio de Janeiro em 1896. RIHGB*, t. 67, v. 110, Rio de Janeiro, 1904, p. 329-330.

basicamente, por operários e lavradores.⁷

A Capela de Nossa Senhora da Conceição de Raiz da Serra, erguida, em 1916, nas terras da Fábrica da Estrela, servia de sede paroquial provisória (assim permaneceu até 1965). As fábricas de tecidos também mantinham suas capelas: a de Santa Ana, na vila operária de Pau Grande, e a de São Sebastião, na vila operária do Meio da Serra.⁸

O padrão fábrica-vila operária, onde a fábrica era a proprietária das casas em que residiam seus empregados e lhes oferecia serviços básicos de saúde, educação primária etc., não se restringia, no Município de Magé, a Fábrica da Estrela, a América Fabril e a Cometa. Podemos citar também os casos, no distrito de Santo Aleixo, da Companhia de Fiação e Tecelagem Bezerra de Mello e da Fábricas Unidas de Tecidos, Rendas e Bordados S/A.⁹

Cabe observar que a Cometa possuía duas unidades fabris na Serra da Estrela, a do Alto da Serra (Petrópolis) e a do Meio da Serra (Magé). Fundada em 1903, pelo imigrante italiano Cavaliere Carlo Pareto, a Cometa empregava mais de seis mil operários, quase todos italianos, destaque para as 160 famílias oriundas da região do Veneto,¹⁰ o que pode ter contribuído para criar um ambiente favorável à permanência de Antônio Cozzolino em Raiz da Serra.

O fato dele não figurar entre os principais comerciantes do distrito, relacionados nas páginas do *Almanak Laemmert*, entre 1910 e 1919, a exemplo do Capitão Antônio Camilo de Almeida, do Coronel Antônio José Romão, de Antônio Pio Teixeira, do Coronel Antenor Leitão, de Augusto Araújo Romão e do Major Francisco José do Amaral,¹¹ pode ser um indicativo de que não fosse dos mais abastados, tanto que em seu registro de óbito consta a informação de que não havia bens a inventariar.¹²

Laços de amizade teriam contribuído para a inserção da família Cozzolino na elite de Raiz da Serra, formada por diretores da Fábrica da Estrela, negociantes

⁷ SANTOS, Renato Peixoto dos. *Magé, a terra do Dedo de Deus*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957, p. 145-152.

⁸ KROKER, Frei Aniceto. *Inhomirim, 250 anos de Paróquia*. Petrópolis: Vozes, 1946, p. 20-21 e 29-30

⁹ SANTOS, Renato Peixoto dos. *Magé, a terra do Dedo de Deus*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957, p. 162-169.

¹⁰ CUSATIS, José de. *Os italianos em Petrópolis*. Petrópolis: Câmara Municipal de Petrópolis, 1993, p. 9-15.

¹¹ *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1910, p. 52; *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1913, p. 4041; *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1916, p. 4266-4267; *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1919, p. 4041-4042.

¹² ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos (1916-1922), fl. 112v.

e fazendeiros. Em 1911, encontramos o jovem Genarino Cozzolino, filho de Antônio Cozzolino, entre os convidados na festa de aniversário do Coronel Marques Henriques, diretor da fábrica.¹³

Genarino participou da fundação do Tiro de Guerra de Raiz da Serra, em 15 de junho de 1918, onde exerceu a função de tesoureiro. A diretoria contava ainda com o 1.º Ten. Médico Dr. Renato Baptista (Presidente), da Fábrica da Estrela; Fernando da Silva Guimarães (Vice-Presidente); e Guilherme Alves da Silva (Secretário), amanuense da fábrica. No conselho fiscal, o vereador Capitão Antônio Camilo de Almeida, o Coronel Antenor Leitão e José Antônio Barbosa da Silva, mestre das oficinas da fábrica. A entidade promoveu uma série de conferências, nas fábricas da Estrela, Cometa e Pau Grande, além de um sarau, no salão dos Girondinos, em Pau Grande, que contou com as bandas do Club dos Girondinos e do Recreio de Raiz da Serra. O Tiro de Guerra de Raiz da Serra filiou-se à Confederação do Tiro Brasileiro (controlada pelo Exército), em 6 de agosto de 1918, passando a ser o Tiro de Guerra n.º 607. Seu campo de tiro ficava dentro das terras da Fábrica da Estrela, mandado construir pelo Capitão Raymundo Borges, diretor da fábrica, sendo a instrução militar ministrada pelo 1.º Ten. Álvaro Bittencourt Carvalho, secretário da fábrica.¹⁴

A iniciativa de criação do Tiro de Guerra de Raiz da Serra, para a qual contribuiu a família Cozzolino, se insere no contexto da campanha pelo serviço militar obrigatório, promovida pelo poeta Olavo Bilac, entre 1915 e 1916, e da extinção da Guarda Nacional, em 1918. O alistamento para a Guarda Nacional era controlado pelo Presidente da Câmara Municipal, que utilizava o recrutamento como arma política para dispensar os aliados e recrutar os inimigos políticos. O Tiro de Guerra serviu para absorver os alistados não incorporados ao Exército, sendo a carteira de reservista militar indispensável para quem almejasse um cargo público.¹⁵ O Município de Magé contou, pelo menos até 1923, com dois tiros de guerra confederados, o de Magé (n.º 121) e o de Raiz da Serra (n.º 607).¹⁶

¹³ *O Paiz*, Rio de Janeiro (RJ), 20 de março de 1911, p. 3.

¹⁴ *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1918, p. 823-824; *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro (RJ), 28 de junho de 1918, p. 6; *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro (RJ), 21 de julho de 1918, p. 7.

¹⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 22-24.

¹⁶ Relação de Sociedades de Tiro Confederadas. In: BRASIL. Ministério da Guerra. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo General de Divisão Fernando Setembrino de Carvalho, Ministro de Estado da Guerra, em setembro de 1923*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1923, p. 13.

O ano de 1919 assinala o falecimento do imigrante italiano Antônio Cozzolino e o início das atividades da firma G. Cozzolino & Irmão, de seus filhos Genarino e Raphael Cozzolino, que assumiu, naquele ano, o Armazém Popular, do cunhado Augusto Araújo Romão, em Raiz da Serra.¹⁷

Ocorre que a atuação dos irmãos Cozzolino não se limitava a região de Raiz da Serra. Em 1927, a firma adquiriu imóveis no recém-criado loteamento Parque da Estrela (na divisa entre Magé e Duque de Caxias).¹⁸ Em 14 de setembro de 1930, foi inaugurada a Capela de Nossa Senhora da Conceição de Parque da Estrela, na Praça São Paulo, em Imbariê, construída pelo Dr. Afonso de Oliveira Santos, sendo a imagem da padroeira doada por Raphael Cozzolino.¹⁹

O capital econômico acumulado ao longo da década permitiu à família Cozzolino expandir seus negócios. Em 26 de dezembro de 1930, a firma G. Cozzolino & Irmão firmou contrato de arrendamento do armazém da Fábrica Pau Grande, a unidade têxtil mais antiga da Companhia América Fabril, assumindo o lugar do Capitão Antônio Camilo de Almeida na venda de secos e molhados, fazendas, pão, carne etc., além de fornecimento de refeições para os operários. Uma nova relação de poder se estabelecia na região, agora entre os irmãos Genarino e Raphael Cozzolino e os 745 empregados da fábrica e seus familiares.²⁰

Pouco antes da celebração do contrato entre os irmãos Cozzolino e a América Fabril, a Revolução de 1930 pôs fim a Primeira República, levando o Capitão José Ullmann a ser nomeado Prefeito de Magé (1930-1933), cuja administração ficou marcada pela abertura da estrada de rodagem Magé-Rio de Janeiro, ligando-se a Estrada Rio-Petrópolis (atual Rodovia Washington Luiz), na altura de Parque da Estrela,²¹ o que deve ter motivado a visita do Capitão Genarino Cozzolino, acompanhado de seu irmão Ernesto e do negociante Antônio Pio Teixeira, importante chefe político no distrito de Inhomirim (Fig. 1).

¹⁷ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro (RJ), 23 de maio de 1919, p. 7; *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro (RJ), 24 de maio de 1919, p. 7.

¹⁸ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro (RJ), 3 de janeiro de 1928, p. 11.

¹⁹ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro (RJ), 14 de setembro de 1930, p. 6; *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro (RJ), 16 de setembro de 1930, p. 13.

²⁰ WEID, Elisabeth Von der; BASTOS, Ana Marta Rodrigues. *O Fio da Meada: estratégia de expansão de uma Indústria Têxtil, Companhia América Fabril, 1878-1930*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 164-165.

²¹ VALLE, J. H. *Magé na história: pequeno resumo*. Rio de Janeiro: Papelaria Cruzeiro, 1938, p. 13.

Fig. 1. Raul Botelho, José Ullmann, Antônio Pio Teixeira e Genarino Cozzolino (sentados). Ernesto Cozzolino, de pé, atrás de Antônio Pio Teixeira.



Fonte: SANTOS, Renato Peixoto dos. *A Saga dos Ullmann: História da Cidade de Magé, 1870-1950*. Petrópolis: Jornal da Cidade, 1988, p. 94.

Cinco anos depois da assinatura do contrato de arrendamento com a América Fabril, a firma G. Cozzolino & Irmão aparece pela primeira vez no *Almanak Laemmert*, entre as principais do Município de Magé, proprietária de um açougue, um botequim e um armazém de secos e molhados, em Raiz da Serra.²²

Em 1947, o Capitão Genarino Cozzolino faleceu, ficando o núcleo familiar reduzido aos irmãos Pergetina Cozzolino, Marietta Cozzolino Leitão, Raphael Cozzolino, Affonsina Cozzolino Romão, Elvira Cozzolino Moreira e Ernesto Cozzolino.²³ A chefia familiar recaiu, naturalmente, sobre o irmão mais velho, Raphael Cozzolino, pai de Renato Cozzolino, ex-prefeito de Magé (1983-1986).

Buscando discorrer sobre os modos de transmissão do capital político familiar, optamos pela família Cozzolino como objeto de estudo para compreender como grupos familiares transmitem e reproduzem seu poder político ao longo de gerações no Estado do Rio de Janeiro. Para reconstituir a trajetória familiar e política dos descendentes de Antônio Cozzolino lançamos mão do acervo de

²² *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1935, p. 950-952; *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1937, p. 1517-1518.

²³ *A Noite*, Rio de Janeiro (RJ), 4 de agosto de 1947, p. 8 e 12.

diferentes cartórios de registro civil, de autos de inventários e de periódicos da Biblioteca Nacional, especialmente, as coleções do *Almanak Laemmert* (Rio de Janeiro) e do jornal *O Fluminense* (Niterói).

Adotando o método onomástico, que permite identificar os indivíduos em diferentes contextos sociais,²⁴ enfrentamos o desafio da repetição dos nomes, entendendo que o nome transmite o poder político familiar, a exemplo do que ocorreu com Renato Cozzolino, perpetuado na memória coletiva através de Renato Cozzolino Sobrinho e de Renato Cozzolino Harb, para os quais o nome se tornou uma herança política, marcando três gerações que comandaram a Prefeitura Municipal de Magé.

A promoção do nome é tão importante para o núcleo central familiar que, durante o governo Núbia Cozzolino (2005-2009), as escolas municipais receberam nomes fantasias homenageando parentes, a exemplo da Escola Municipal Maria Clara Machado que passou a se chamar Escola Municipal Pergentina Cozzolino (tia-avó da prefeita). Mesmo depois de ordem judicial para removê-las, as homenagens permaneceram até a posse do Prefeito Nestor Vidal, em 2011.²⁵

Apesar de ser uma família de origem italiana, ao unir-se a grupos políticos tradicionais, associados ao Coronelismo, fenômeno típico da Primeira República (1889-1930),²⁶ receberam a influência de sua cultura política. Basta lembrar o casamento de Marietta Cozzolino com o Coronel Antenor Leitão, ex-prefeito de Magé (1928-1930). Um dos aspectos do Coronelismo presente na prática política da família, no final do século XX e início do século XXI, é a forte presença da parentela.

A parentela pode incluir parentes consanguíneos em todas as direções e muitos parentes afins, sendo seus limites mais amplos que os da linhagem ou clã. Seu núcleo central é constituído pelas famílias dominantes que têm o mesmo sobrenome. Os que se encontram mais próximos da linha principal de descendência são vistos como portadores da tradição familiar.²⁷

No início da República brasileira, o coronel era um chefe político e, ao mesmo tempo, o chefe de extensa parentela, formada por laços de parentesco ou de alianças matrimoniais. Os indivíduos de uma parentela se originavam, basicamente, de um mesmo tronco e as uniões pelo casamento estabeleciam laços quase tão valorizados quanto os de sangue.²⁸

²⁴ GINZBURG, Carlo et al. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991, p. 174.

²⁵ *Extra*, Rio de Janeiro (RJ), 3 de agosto de 2011, p. 4; *Meia Hora*, Rio de Janeiro (RJ), 3 de setembro de 2011, p. 8.

²⁶ LEAL, Victor Nunes. O Coronelismo e o coronelismo de cada um. *Dados*, vol. 23, n. 1, Rio de Janeiro, 1980, p. 11-14.

²⁷ GOODE, Willian J. *A Família*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1970, p. 112-113.

²⁸ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Mandonismo local na vida política brasileira*

A força do Coronelismo advinha da propriedade privada, sendo o mais comum encontrarmos o fazendeiro que ostentava uma patente de oficial da Guarda Nacional (Coronel, Major, Capitão e Tenente) e exercia o mando local, através da ocupação direta de cargos públicos eletivos ou administrativos ou por meio de seus dependentes, postos sob a sua patriarcal proteção: seus filhos, genros, sobrinhos e afilhados, geralmente, formados em Direito ou Medicina. O coronel entrava com a influência pessoal, o dinheiro e a tradição, e o doutor a ele aliado, com o manejo da máquina, incumbindo-se do alistamento eleitoral, da votação, da apuração, das atas, dos recursos eleitorais e dos debates na Câmara Municipal, quando havia oposição.²⁹

Como bem observou Richard Graham,

*as famílias representavam importante fonte de capital político. Naturalmente, como em outros lugares, elas dedicavam-se a aumentar sua propriedade e, ao longo de várias gerações sucessivas, famílias bem-sucedidas acumulavam recursos significativos. Os vínculos que levavam homens a cargos oficiais e ao domínio local constituíam parte importante desses recursos e, através da política, famílias lutavam para preservá-los, muitas vezes, contra outras famílias.*³⁰

Ao analisarmos a força do parentesco para a manutenção do poder da família Cozzolino, foi importante considerarmos que seu mandonismo, isto é, sua estrutura oligárquica e personalizada de poder, tão característica da política tradicional, sobrevive ao aprimoramento do processo democrático, mas sente o decréscimo do clientelismo, cujo poder se baseia no oferecimento de empregos e benefícios públicos em troca de votos.³¹ Se fosse de outra forma, a família não teria sofrido as derrotas eleitorais em 1970, 1974, 1996, 2000, 2011, 2012 e 2016.

Por uma questão prática, o artigo foi dividido em três partes: na primeira, elaboramos a árvore genealógica dos descendentes do imigrante italiano Antônio Cozzolino; na segunda, procuramos identificar os principais espaços de poder político disputados eleitoralmente pela família; na terceira, a partir do conceito de familismo,

e outros ensaios. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976, p. 179-180.

²⁹ TELAROLLI, Rodolpho. *Poder local na República velha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977, p. 28-36.

³⁰ GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1997, p. 35.

³¹ CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo e Clientelismo: uma discussão conceitual. *Dados*, vol. 40, n. 2, Rio de Janeiro, 1997, p. 229-250.

analisamos a força do parentesco na trajetória política da família Cozzolino.

Parentesco

O parentesco resulta da combinação de três tipos de relações sociais: a) a relação de descendência, entre os pais e seus filhos; b) a relação de consanguinidade, entre irmãos; c) a relação de afinidade, através do casamento. Nesse sentido, a família não decorre apenas da unidade biológica formada por pais e filhos, mas constitui uma aliança entre grupos.³²

Os prenomes encontrados na família Cozzolino expressam o parentesco. E a repetição dos nomes próprios de antepassados está diretamente ligada ao desejo de se preservar uma memória familiar, que funcionaria também como laço simbólico para manter a coesão familiar e a identidade do grupo.³³

É importante ressaltar que a transmissão do prenome no seio da família Cozzolino não é aleatória, mas refletiria uma herança cultural. O estudo de outros grupos de imigrantes italianos e de seus descendentes identificou um padrão para a escolha dos nomes: para os primeiros filhos são escolhidos os prenomes dos avós; na sequência, o de outros parentes (tios, bisavós, irmãos falecidos) ou dos santos do dia e, para os últimos filhos, nomes pautados em outras referências, como a literatura, personagens históricos ou bíblicos ou retirados da moda. Outra recorrência apontada é a prática de homenagear um filho falecido colocando seu nome em um irmão que nascesse depois,³⁴ o que explica a existência de duas Marietas e dois Ernestos entre os filhos de Antônio Cozzolino.

A pesquisa sobre a genealogia e as redes de parentesco pode contribuir para a compreensão de como a parentela atua em favor da transmissão de poder político. Passemos a genealogia da família Cozzolino, em Magé:

ASCENDENTES

Gennaro Cozzolino e Maria Napolitana (italianos)

³² SARTI, Cynthia Andersen. Contribuições da antropologia para o estudo da família. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 3, n. 1-2, 1992, p. 71.

³³ LIMA, Antônio Pedroso de. Intencionalidade, afecto e distinção: as escolhas de nomes em famílias de elite de Lisboa. In: CABRAL, João de Pina; VIEGAS, Suzana de Matos (org.). *Nomes: gênero, etnicidade e família*. Coimbra: Almedina, 2007, p. 43.

³⁴ SCARPIM, Fábio Augusto. Família, religiosidade e identidade étnica nas práticas de transmissão de nomes de batismo em um grupo de imigrantes italianos. *R. bras. Est. Pop.*, Rio de Janeiro, v. 31, n.1, jan./jun. 2014, p. 137-143.

DESCENDENTES

I. ANTÔNIO COZZOLINO, n. 1863, natural da Itália, fal. 27-NOV-1919, Magé, RJ.³⁵ Comerciante. Casado com GIUSEPPA LA PADULLA, n. 1865, natural da Itália, fal. 18-JUL-1927, Magé, RJ,³⁶ filha de Affonso La Padulla e de Thereza Sassa, que passou a assinar Josepha La Padulla Cozzolino. Pais de dez filhos:

- 1(II) - AFFONSINA MARIA CARMELA COZZOLINO, n. 1886, natural da Itália, fal. 29-JUL-1953, Rio de Janeiro, RJ.³⁷ Casada em 22-JUN-1901, Magé, RJ, com o Tenente AUGUSTO ARAÚJO ROMÃO, filho de Antônio José Romão Sobrinho e de Thereza Florinda.³⁸ Com descendência.
- 2(II) - GENARINO COZZOLINO, n. 1887, natural da Itália, fal. 28-JUL-1947, Magé, RJ.³⁹ Comerciante. Casado em 09-OUT-1930, Petrópolis, RJ, com ANNA MARIA TINOCO,⁴⁰ n. 1901, fal. 28-MAIO-1961, Rio de Janeiro, RJ,⁴¹ filha de Deocleciano Álvaro Tinoco e de Anísia Teixeira Tinoco. Com descendência.
- 3(II) - MARIA THEREZA COZZOLINO, n. 28-DEZ-1890, Polla, Salerno, Itália, fal. 1.º-SET-1944, Magé, RJ.⁴² Casada em 16-ABR-1921, Magé, RJ, com o Capitão GASTÃO DE MELLO PEREIRA CASTRO, n. 14-JUL-1876, Santo Antônio de Pádua, RJ, filho de Manuel de Mello Pereira Castro e de Maria Lúcia de Oliveira Castro, empregado na Fábrica da Estrela.⁴³

³⁵ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos (1916-1922), fl. 112v.

³⁶ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos (1926-1932), fl. 44.

³⁷ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório da 4.ª Circunscrição do RCPN da Capital. Livro de Registro de Óbitos (1952-1953), fl. 191.

³⁸ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Casamentos (1889-1908), fl. 95v.

³⁹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos (1944-1949), fl. 199v.

⁴⁰ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro (RJ), 11 de outubro de 1930, p. 3.

⁴¹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório da 8.ª Circunscrição do RCPN da Capital. Livro de Registro de Óbitos (1961), fl. 22v.

⁴² ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos (1939-1944), fl. 287v.

⁴³ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Casamentos (1919-1927), fl. 29v.

- 4(II) - ELVIRA COZZOLINO, n. 11-AGO-1892, Magé, RJ,⁴⁴ fal. 20-NOV-1962, Rio de Janeiro, RJ.⁴⁵ Professora. Casada em 04-OUT-1913, Magé, RJ, com AVELINO REBELLO MOREIRA, filho de Severino Rebello Moreira e de Estephânia da Silva Moreira, empregado da Leopoldina Railway.⁴⁶ Com descendência.
- 5(II) - MARIETA COZZOLINO, n. 20-NOV-1893, Magé, RJ,⁴⁷ fal. 15-DEZ-1898, Magé, RJ.⁴⁸
- 6(II) - PERGENTINA COZZOLINO, n. 25-ABR-1895, Magé, RJ.⁴⁹ Professora Municipal e Agente dos Correios, em Raiz da Serra.⁵⁰
- 7(II) - RAPHAEL COZZOLINO, n. 17-SET-1896, Magé, RJ,⁵¹ fal. 12-ABR-1957, Magé, RJ.⁵² Comerciante. Casado em 17-JUN-1926, Rio de Janeiro, RJ, com CLOTILDE ALÉM MENDEZ, n. 19-NOV-1926, natural da Espanha, filha de Manuel Além Alvarez e de Isolina Mendez Andrade.⁵³ Pais de nove filhos:
- 1(III) - JOSÉ COZZOLINO, n. 20-MAR-1927, Magé, RJ, fal. 27-JUN-2018, Rio de Janeiro, RJ.⁵⁴ Professor. Casado com JURACY PEREIRA, n. 22-NOV-1927, fal. 22-MAR-2016, Magé, RJ,⁵⁵ filha de Sebastião Pereira e de Ângela Pereira.

⁴⁴ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos (1889-1900), fl. 43v.

⁴⁵ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório da 8.ª Circunscrição do RCPN da Capital. Livro de Registro de Óbitos (1962-1963), fl. 54v.

⁴⁶ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Casamentos (1919), fl. 88.

⁴⁷ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos (1889-1900), fl. 53v.

⁴⁸ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos, fl. 115.

⁴⁹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos (1889-1900), fl. 78v.

⁵⁰ *A Época*, Rio de Janeiro (RJ), 29 de janeiro de 1918, p. 2.

⁵¹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos (1889-1900), fl. 102.

⁵² ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos (1955-1958), fl. 209v.

⁵³ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório da 8.ª Circunscrição do RCPN da Capital. Livro de Registro de Casamentos (1926), fl. 96.

⁵⁴ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório da 12.ª Circunscrição do RCPN da Capital. Livro de Registro de Óbitos C-30, fl. 50.

⁵⁵ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos C-39, fl. 266.

Pais de:

1(IV) - JOSE COZZOLINO FILHO, n. 02-MAR-1953, Duque de Caxias, RJ. Advogado. Com descendência.

2(IV) - RENATO COZZOLINO SOBRINHO, n. 28-JAN-1956, Magé, RJ.⁵⁶ Empresário. Pai de:

1(V) - GUSTAVO DA COSTA COZZOLINO.

2(V) - LUCAS DA COSTA COZZOLINO.

2(III) - RAPHAEL COZZOLINO JÚNIOR, n. 03-OUT-1928, Magé, RJ, fal. 23-ABR-2002, Rio de Janeiro, RJ.⁵⁷ Industrial. Casado em 13-MAIO-1950, Magé, RJ, com THEREZINHA MARIA DE JESUS MACHADO,⁵⁸ n. 15-OUT-1928, Itaperuna, RJ, fal. 27-OUT-2008, Petrópolis, RJ, filha de Antônio Francisco Machado e de Maria Izabel Braga.⁵⁹ Pais de:

1(IV) - ROSANA MARIA DA PENHA COZZOLINO, n. 02-AGO-1954.⁶⁰ Servidora Pública. Casada com RENAN GRAÇA DE OLIVEIRA. Com descendência.

2(IV) - RITA DE CÁSSIA COZZOLINO, n. 19-AGO-1957,⁶¹ fal. 29-ABR-2020, Rio de Janeiro, RJ.⁶² Pedagoga. Com descendência.

3(IV) - TERESA CRISTINA COZZOLINO RODRIGUES, n. 16-NOV-1955, Magé.⁶³ Casada com OSMAR

⁵⁶ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório da 6.^a Circunscrição do RCPN da Capital. Livro de Registro de Nascimentos A-24, fl. 19.

⁵⁷ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório da 6.^a Circunscrição do RCPN da Capital. Livro de Registro de Óbitos C-149, fl. 66.

⁵⁸ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.^o Distrito de Magé. Livro de Registro de Casamentos (1947-1951), fl. 184.

⁵⁹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN do 1.^o distrito de Petrópolis. Livro de Registro de Óbitos C-89, fl. 124.

⁶⁰ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.^a Vara Cível da Comarca de Cabo Frio. Processo n.º 0000700-94.2007.8.19.0011 Condomínio do Edifício Dunamar (Autor) e Rosana Maria da Penha Cozzolino de Oliveira, Rita de Cássia Cozzolino e Tereza Cristina Cozzolino Rodrigues (Réus), fl. 136.

⁶¹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.^a Vara Cível da Comarca de Cabo Frio. Processo n.º 0000700-94.2007.8.19.0011 Condomínio do Edifício Dunamar (Autor) e Rosana Maria da Penha Cozzolino de Oliveira, Rita de Cássia Cozzolino e Tereza Cristina Cozzolino Rodrigues (Réus), fl. 137

⁶² ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório da 6.^a Circunscrição do RCPN da Capital. Livro de Registro de Óbitos C-914, fl. 36.

⁶³ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e

RODRIGUES BATISTA. Pais de:

- 1(V) - THIAGO COZZOLINO RODRIGUES, n. 22-FEV-1981, Petrópolis, RJ. Analista de Sistemas. Casado em 12-MAIO-2006, Magé, RJ, com LUCIANA DOS SANTOS VANINI, n. 27-MAIO-1981, Rio de Janeiro, RJ, filha de Devanin Palácio Vanini e de Maria José dos Santos Vanini.⁶⁴ Com descendência.
- 3(III) - MARIA THEREZA COZZOLINO, n. 17-JUN-1930, Magé, RJ, fal. 20-DEZ-2002, Magé, RJ.⁶⁵ Casada em 23-DEZ-1950, Magé, RJ, com ALBERTO RODRIGUES, n. 06-MAR-1924, Taubaté, SP, filho de Francisco Rodrigues e de Glória Rodrigues Videirinha, motorista.⁶⁶ Pais de:
- 1(IV) - ISOLINA COZZOLINO RODRIGUES, n. 18-FEV-1953, fal. 12-FEV-2002, Rio de Janeiro, RJ.⁶⁷ Professora. Casada com ADONIL SOCORRO DE SOUZA. Com descendência.
- 2(IV) - CARLOS ALBERTO COZZOLINO RODRIGUES, n. 06-MAIO-1963, Duque de Caxias, RJ.⁶⁸ Cirurgião-Dentista.
- 4(III) - RENATO COZZOLINO, n. 20-MAIO-1932, Magé, RJ, fal. 03-NOV-1986, Magé, RJ.⁶⁹ Comerciante. Casado em 18-MAIO-1957, Magé, RJ, com THEREZA RODRIGUES SIMÕES, n. 08-FEV-1937, Rio de Janeiro, RJ, filha de Albino Rodrigues Simões e de Nair Fernandes Simões.⁷⁰ Pais de dez

Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos n.º 23, fl. 222v.

⁶⁴ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Casamentos B-25, fl. 54.

⁶⁵ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos C-19, fl. 207.

⁶⁶ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Casamentos (1947-1951), fl. 243.

⁶⁷ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório da 3.ª Circunscrição do RCPN da Capital. Livro de Registro de Óbitos C-236, fl. 67.

⁶⁸ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 1.º Distrito de Duque de Caxias. Livro de Registro de Nascimentos A-31, fl. 462.

⁶⁹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos (1985-1986), fl. 299.

⁷⁰ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.ª Vara Cível da Comarca de Magé. Processo n.º 0000132-25.1987.8.19.0029, Renato Cozzolino (Inventariado), Thereza Rodrigues Simões Cozzolino (Inventariante), fl. 6.

filhos:

- 1(IV) - NÚBIA COZZOLINO, n. 08-FEV-1958, Magé, RJ.⁷¹ Professora.
- 2(IV) - CHARLES COZZOLINO, n. 20-ABR-1959, Magé, RJ.⁷² Empresário.
- 3(IV) - JANE COZZOLINO, n. 07-AGO-1960, Magé, RJ. Professora. Casada em 24-MAIO-1986, Magé, RJ, com EMANOEL AMORIM HARB, n. 10-JAN-1957, Rio de Janeiro, RJ, filho de Fade Khalil Harb e Marlene Amorim Harb.⁷³ Pais de:
- 1(V) - JAMILLE COZZOLINO HARB, n. 29-OUT-1987, Petrópolis, RJ. Professora. Casada com FELIPE MENEZES DE SOUZA. Com descendência.
- 2(V) - RENATO COZZOLINO HARB, n. 21-FEV-1991, Magé, RJ. Administrador de Empresas.
- 4(IV) - NÚCIA COZZOLINO, n. 26-FEV-1962, Magé, RJ. Professora. Casada em 19-JAN-1980, Magé, RJ, com FERNANDO ANTÔNIO BERGARA, n. 07-JUL-1959, Magé, RJ, filho de Antônio Além Bergara e de Irenite de Abreu Bergara.⁷⁴ Pais de:
- 1(V) - FERNANDA COZZOLINO BERGARA, n. 15-JUL-1981, Magé, RJ. Empresária. Com descendência.
- 2(V) - MARCELLA COZZOLINO BERGARA, n. 01-AGO-1983, Magé, RJ.⁷⁵ Empresária. Com descendência.

⁷¹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.ª Vara Cível da Comarca de Magé. Processo n.º 0000132-25.1987.8.19.0029, Renato Cozzolino (Inventariado), Thereza Rodrigues Simões Cozzolino (Inventariante), fl. 33.

⁷² ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.ª Vara Cível da Comarca de Magé. Processo n.º 0000132-25.1987.8.19.0029, Renato Cozzolino (Inventariado), Thereza Rodrigues Simões Cozzolino (Inventariante), fl. 20.

⁷³ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.ª Vara Cível da Comarca de Magé. Processo n.º 0000132-25.1987.8.19.0029, Renato Cozzolino (Inventariado), Thereza Rodrigues Simões Cozzolino (Inventariante), fl. 27.

⁷⁴ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.ª Vara Cível da Comarca de Magé. Processo n.º 0000132-25.1987.8.19.0029, Renato Cozzolino (Inventariado), Thereza Rodrigues Simões Cozzolino (Inventariante), fl. 31.

⁷⁵ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos A-22, fl. 28v.

- 5(IV) - MÁRCIA COZZOLINO, n. 19-SET-1963, Magé, RJ. Professora. Casada em 11-MAIO-1985, Magé, RJ, com NILSON DE MELLO ABRAHÃO, n. 04-ABR-1958, Magé, RJ, filho de Pedro Durão Abrahão e de Vani Teixeira Mello Abrahão, militar.⁷⁶ Pais de:
- 1(V) - VINICIUS COZZOLINO ABRAHÃO, n. 23-SET-1991, Magé, RJ. Advogado.
- 6(IV) - ALEX COZZOLINO, n. 18-OUT-1965, Magé, RJ.⁷⁷ Empresário.
- 7(IV) - ANDERSON COZZOLINO, n. 19-JUN-1968, Magé, RJ.⁷⁸ Empresário. Com descendência.
- 8(IV) - RENATO ALÉM COZZOLINO, n. 12-AGO-1969, Magé, RJ.⁷⁹ Com descendência.
- 9(IV) - HELEN COZZOLINO, n. 31-DEZ-1970, Magé, RJ.⁸⁰ Casada com GIOVANNI FERREIRA RAFAELLI. Com descendência.
- 10(IV) - RENATA COZZOLINO, n. 10-JUL-1979, Magé, RJ.⁸¹ Com descendência.
- 5(III) - ANTÔNIO COZZOLINO. n. 13-JUN-1934, fal. 23-SET-2001, Magé, RJ.⁸² Professor. Casado em 14-DEZ-1963, Magé,

⁷⁶ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.ª Vara Cível da Comarca de Magé. Processo n.º 0000132-25.1987.8.19.0029, Renato Cozzolino (Inventariado), Thereza Rodrigues Simões Cozzolino (Inventariante), fl. 29.

⁷⁷ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.ª Vara Cível da Comarca de Magé. Processo n.º 0000132-25.1987.8.19.0029, Renato Cozzolino (Inventariado), Thereza Rodrigues Simões Cozzolino (Inventariante), fl. 35.

⁷⁸ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.ª Vara Cível da Comarca de Magé. Processo n.º 0000132-25.1987.8.19.0029, Renato Cozzolino (Inventariado), Thereza Rodrigues Simões Cozzolino (Inventariante), fl. 22.

⁷⁹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.ª Vara Cível da Comarca de Magé. Processo n.º 0000132-25.1987.8.19.0029, Renato Cozzolino (Inventariado), Thereza Rodrigues Simões Cozzolino (Inventariante), fl. 23.

⁸⁰ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.ª Vara Cível da Comarca de Magé. Processo n.º 0000132-25.1987.8.19.0029, Renato Cozzolino (Inventariado), Thereza Rodrigues Simões Cozzolino (Inventariante), fl. 24.

⁸¹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.ª Vara Cível da Comarca de Magé. Processo n.º 0000132-25.1987.8.19.0029, Renato Cozzolino (Inventariado), Thereza Rodrigues Simões Cozzolino (Inventariante), fl. 25.

⁸² ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos C-18, fl. 282v.

RJ, com MARIA LOPES ASSUMPÇÃO, n. 09-SET-1940, Magé, RJ, filha de José Lopes de Assumpção e Carmelia Campos Lopes.⁸³ Pais de:

1(IV) - FERNANDO JOSÉ ASSUMPÇÃO COZZOLINO, n. 12-OUT-1965, Magé, RJ. Empresário. Casado em 21-JUL-1990, Magé, RJ, com ROGÉRIA MONTEIRO SILVEIRA, n. 19-FEV-1968, Rio de Janeiro, RJ, filha de João da Silveira Filho e de Romilda Monteiro Silveira.⁸⁴ Pais de:

1(V) - ARTHUR ANTÔNIO SILVEIRA COZZOLINO, n. 30-AGO-1994, Rio de Janeiro, RJ.⁸⁵ Administrador de Empresas.

2(V) - LORENNIA SILVEIRA COZZOLINO, n. 27-AGO-1996, Rio de Janeiro, RJ.⁸⁶

2(IV) - CONCHITA ASSUMPÇÃO COZZOLINO, n. 18-FEV-1968, Magé, RJ. Professora. Casada com MÁRCIO COZZOLINO DO NASCIMENTO, n. 05-AGO-1963, filho de Ubirajara Gomes do Nascimento e de Maria Conchita Cozzolino do Nascimento. Com descendência.

6(III) - MARIA CONCHITA COZZOLINO, n. 12-AGO-1937, Magé, RJ. Casada com UBIRAJARA GOMES DO NASCIMENTO. Pais de

1(IV) - MAURO RAPHAEL COZZOLINO DO NASCIMENTO, n. 23-JAN-1962, Rio de Janeiro, RJ. Casado em 02-JAN-2001, Magé, RJ, com CRISTIANE PEREIRA DE FIGUEIREDO, n. 05-OUT-1973, Rio de Janeiro, RJ, fal. 16-NOV-2020, Petrópolis, RJ, filha de Fernando César Antunes Figueiredo e de Volga Maria de Figueiredo.⁸⁷ Com descendência.

⁸³ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Casamentos B-10, fl. 196.

⁸⁴ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Casamentos n. 8, fl. 148

⁸⁵ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos AA-47, fl. 208v.

⁸⁶ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos AA-52, fl. 163v.

⁸⁷ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 1.ª Vara Cível da Comarca de Petrópolis. Processo n.º 0000506-10.2021.8.19.0042, Cristiane Pereira de Figueiredo Nascimento (Inventariado), Mauro Raphael Cozzolino

- 2(IV) - MÁRCIO COZZOLINO DO NASCIMENTO, n. 05-AGO-1963. Militar. Casado com CONCHITA ASSUMPCÃO COZZOLINO, n. 18-FEV-1968, Magé, RJ, filha de Antônio Cozzolino e de Maria Assumpção Cozzolino. Com descendência.
- 7(III) - BENITO ALÉM COZZOLINO, n. 28-JAN-1939, Magé, RJ, fal. 1.º-MAIO-1999, Barra Mansa, RJ.⁸⁸ Filho de Raphael Cozzolino e de Clotilde Além Cozzolino. Casado em 27.05.1962, Magé, RJ, com ELAZIR FERNANDES VIANA, n. 27-ABR-1939, Magé, RJ, fal. 03-JUL-2008, Volta Redonda, RJ, filha de Edgar Fernandes Vianna e de Diamantina Guimarães.⁸⁹ Com descendência.
- 8(III).- CLOTILDE EDICTH COZZOLINO, n. 19-MAR-1940, Magé, RJ. Professora. Casada em 16.10.1974, Magé, RJ,⁹⁰ com EDYR DURÃO ABRAHÃO, n. 1935, RJ, fal. 1.º.02.2012, Magé, RJ,⁹¹ advogado, filho de Pedro Abrahão e de Manoelita Durão Abrahão. Pais de:
- 1(IV) - GERUSA COZZOLINO ABRAHÃO, n. 07-OUT-1967, Rio de Janeiro, RJ.⁹² Professora.
- 2(IV) - FERNANDA COZZOLINO ABRAHÃO, n. 09-OUT-1969, Rio de Janeiro, RJ. Cirurgiã-Dentista. Casada em 06-NOV-1996, Magé, RJ, com PAULO HENRIQUE BONIOLI BERTO, n. 11-SET-1966, Magé, RJ, filho de Onofre Fortunato Berto e de Odalea Bonioli Berto.⁹³
- 3(IV) - JOÃO LUIZ COZZOLINO ABRAHÃO, n. 07-

do Nascimento (Inventariante), fls. 8 e 11.

⁸⁸ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 1.º Distrito de Barra Mansa. Livro de Registro de Óbitos (1999), fl. 13.

⁸⁹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 6.ª Vara Cível da Comarca de Volta Redonda. Processo n.º 0006907-22.1999.8.19.0066, Benito Além Cozzolino (Inventariado), Elazir Viana Cozzolino (Inventariante), fls. 10 e 191.

⁹⁰ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Casamentos B-1, fl. 118.

⁹¹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos C-33, fl. 63.

⁹² ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos A-38, fl. 246.

⁹³ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Casamentos B-11, fl. 175.

JAN-1973, Rio de Janeiro, RJ.⁹⁴ Engenheiro. Casado em 1.º-AGO-2007, Petrópolis, RJ, com PAULA CANDREVA PEREIRA, n. 22-JAN-1980, Petrópolis, RJ, filha de Paulo Roberto Jório Pereira e de Mariza Candreva Jório Pereira.⁹⁵ Com descendência.

4(IV) - PAULO VINÍCIUS COZZOLINO ABRAHÃO, n. 21-JUL-1977, Rio de Janeiro, RJ. Defensor Público. Casado em 29-AGO-2007, Rio de Janeiro, RJ, com VIVIANE TOVAR DE MATTOS, n. 25-NOV-1978, Rio de Janeiro, RJ, filha de Walmir Barbosa de Mattos e de Sônia Maria Tovar de Mattos.⁹⁶ Com descendência.

9(III) - MARIA HELENA COZZOLINO, n. 25-MAIO-1944, Magé, RJ. Professora. Casada com ANTÔNIO MARTINS DE OLIVEIRA. Pais de (entre outros):

1(IV) - MARCELLE COZZOLINO DE OLIVEIRA, n. 06-FEV-1973, Rio de Janeiro, RJ. Advogada.

8(II) - ERNESTO COZZOLINO, n. 30-SET-1897, Magé, RJ.⁹⁷

9(II) - MARIETA COZZOLINO, n. 14-ABR-1900, Magé, RJ.⁹⁸ Casada em 14-ABR-1936, Magé, RJ, com o Coronel ANTENOR LEITÃO, n. 22-AGO-1884, Magé, RJ, filho de Alfredo da Silva Leitão e de Januária Leitão, viúvo de Maria Augusta Leitão.⁹⁹

10(II) - ERNESTO COZZOLINO, n. 11-MAIO-1902, Magé, RJ,¹⁰⁰ fal. 09-JUN-1992, Rio de Janeiro, RJ.¹⁰¹ Comerciante. Casado em 06-JUN-1930, Magé, RJ, com ÁUREA TEIXEIRA DE PAIVA, n. 11-

⁹⁴ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos A-50, fl. 9.

⁹⁵ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 1.º Distrito de Petrópolis. Livro de Registro de Casamentos BA-39, fl. 226.

⁹⁶ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório da 12.ª Circunscrição do RCPN da Capital. Livro de Registro de Casamentos BB-15, fl. 141.

⁹⁷ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos (1889-1900), fl. 130.

⁹⁸ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos (1889-1900), fl. 193v.

⁹⁹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Casamentos (1933-1940), fl. 96.

¹⁰⁰ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos (1900-1907), fl. 61.

¹⁰¹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório da 8.ª Circunscrição do RCPN da Capital. Livro de Registro de Óbitos (1992), fl. 167.

NOV-1910, Magé, RJ, filha de Horácio José de Paiva e de Marietta Teixeira de Paiva.¹⁰² Com descendência.

Instituições

A identificação dos espaços de poder político disputados eleitoralmente pela família Cozzolino pode nos auxiliar na compreensão de suas estratégias para a manutenção do poder. Vejamos os eleitos para a Prefeitura Municipal de Magé, a Câmara Municipal de Magé, a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e a Câmara dos Deputados.

Prefeitura Municipal de Magé

A Prefeitura Municipal de Magé foi criada nos anos 1920, sendo o cargo de prefeito ocupado, inicialmente, pelo Coronel Pedro Valério da Silva, Coronel Luiz Rodrigues Portela, Coronel Manuel Pinto dos Reis e Coronel Antenor Leitão, cassado pela Revolução de 1930,¹⁰³ que, na viuvez, casou-se com Marietta Cozzolino, a penúltima filha do imigrante italiano Antônio Cozzolino. A prefeitura tem sede no Palácio Anchieta, o paço municipal inaugurado pelo Prefeito José Ullmann Júnior, em 1949.¹⁰⁴

Renato Cozzolino foi eleito Prefeito de Magé, em 1982, exercendo o cargo de 1.º de fevereiro de 1983 até 3 de novembro de 1986, quando faleceu. Um sobrinho, três filhos e um neto o sucederam no comando do governo municipal (Tabela 1).

Tabela 1. Representantes da Família Cozzolino na Prefeitura Municipal de Magé

PREFEITO	MANDATOS
Renato Cozzolino	1983-1986
Renato Cozzolino Sobrinho	1989-1992
Charles Cozzolino	1993-1995 e 1996
Núbia Cozzolino	2005-2008 e 2009-2010
Anderson Cozzolino	2011
Renato Cozzolino Harb	2021-2024

Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Magé.

¹⁰² ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Casamentos (1927-1935), fl. 103v.

¹⁰³ SANTOS, Renato Peixoto dos. *Magé, a terra do Dedo de Deus*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957, p. 93.

¹⁰⁴ SANTOS, Renato Peixoto dos. *A Saga dos Ullmann: História da Cidade de Magé, 1870-1950*. Petrópolis: Jornal da Cidade, 1988, p. 135-136.

Pelo número de representantes do núcleo central familiar que ocuparam a Prefeitura Municipal de Magé, vemos que o Executivo municipal se mostra o espaço privilegiado de transmissão do poder político familiar entre as gerações. Ao ter o controle de todos os serviços públicos municipais, a família Cozzolino amplia seu capital político e cria condições para eleger um novo parente para o governo municipal. Pelo menos foi assim com os prefeitos Renato Cozzolino, Renato Cozzolino Sobrinho e Charles Cozzolino.

Em 1992, foi empossada a chapa Charles Cozzolino (Prefeito) e Luis Nolin (Vice-Prefeito). Com o crescente prestígio político e a máquina administrativa na mão, na eleição seguinte, a família elegeu dois deputados estaduais, Núbia Cozzolino (PSD) e Renato Cozzolino Sobrinho (PDC). Tudo parecia caminhar bem até que ocorreu a cassação do Prefeito Charles Cozzolino e de seu vice, em maio de 1995.¹⁰⁵ A família conseguiu reverter a situação no Tribunal Superior Eleitoral e Charles foi reintegrado ao cargo, em junho de 1996.¹⁰⁶

Núbia Cozzolino também teve seu segundo mandato abreviado, tendo apresentado à Câmara Municipal carta de renúncia, em 2010, o que não impediu que o Tribunal Regional Eleitoral a tornasse inelegível, assim como aos seus irmãos Charles e Jane.¹⁰⁷

Câmara Municipal de Magé

A Câmara Municipal de Magé foi instalada em 12 de junho de 1789, em sessão presidida por Marcelino Pereira Cleto, Ouvidor-Geral e Corregedor da Comarca do Rio de Janeiro, enviado pelo Vice-Rei Dom Luiz de Vasconcelos e Souza.¹⁰⁸ Tem sede própria no Edifício Raphael Cozzolino Neto desde 1983.¹⁰⁹ Apesar de toda a influência política e da busca por espaços de poder político, apenas três descendentes do imigrante italiano Antônio Cozzolino ocuparam cadeiras no Legislativo municipal (Tabela 2).

Tabela 2. Representantes da Família Cozzolino na Câmara Municipal de Magé

VEREADOR	MANDATOS
Charles Cozzolino	1989-1990

¹⁰⁵ *O Gazetão*, Magé (RJ), 6 de maio de 1995, p. 1.

¹⁰⁶ *A Verdade*, Magé (RJ), 2 a 7 de julho de 1996, p. 1.

¹⁰⁷ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 25 de maio de 2010, p. 7; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 24 de setembro de 2010, p. 5.

¹⁰⁸ SANTOS, Renato Peixoto dos. *Magé, a terra do Dedo de Deus*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957, p. 48.

¹⁰⁹ MUNICÍPIO DE MAGÉ. Lei Municipal n.º 518, de 5 de dezembro de 1983.

Anderson Cozzolino	2005-2008 e 2009-2012
Arthur Antônio Silveira Cozzolino	2021-2024

Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Magé

O primeiro Cozzolino a ser eleito para a Câmara Municipal de Magé foi Charles Cozzolino, em 1988, com 1.879 votos, pelo PDC.¹¹⁰ Por ser filho do ex-prefeito Renato Cozzolino, teve o mandato cassado, pelo Tribunal Regional Eleitoral, em 28 de junho de 1989, em ação movida pelo PDT, que também cassou o Vice-Prefeito Antônio Cozzolino. A decisão foi confirmada pelo Tribunal Superior Eleitoral, em 1991. É que o § 5.º do artigo 5.º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, da Constituição Federal de 1988, tornou inelegíveis, para as eleições de 15 de novembro de 1988, o cônjuge e os parentes por consaguinidade ou afinidade, até o segundo grau, do Prefeito que tivesse cumprido mais da metade de seu mandato.¹¹¹ Com a sua cassação, tomou posse o primeiro suplente, Osmar Durão Abrahão.¹¹²

Anderson Cozzolino, outro filho do ex-prefeito Renato Cozzolino, foi o primeiro e único da família a presidir o Legislativo municipal. Eleito pelos vereadores, em 15 de dezembro de 2006, foi empossado na presidência em 1.º de janeiro de 2007,¹¹³ permanecendo no cargo até 1.º janeiro de 2011, quando assumiu, interinamente, a Prefeitura Municipal de Magé, após o pedido de licença apresentado pelo Prefeito Rozan Gomes (que havia assumido após a renúncia da Prefeita Núbia Cozzolino).¹¹⁴ Com a posse do Prefeito Nestor Vidal, reassumiu a presidência da Câmara até 31 de dezembro de 2012.¹¹⁵

A despeito do fato de Charles, Anderson e Arthur terem ocupado cadeiras na Câmara Municipal de Magé, isso não quer dizer que a família Cozzolino não teve outros parentes por lá, a exemplo dos vereadores Milton Durão Abrahão e Osmar Durão Abrahão, cunhados da Prof.^a Clotilde Cozzolino Abrahão (irmã do ex-prefeito Renato Cozzolino).¹¹⁶

¹¹⁰ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 26 de novembro de 1988, p. 6.

¹¹¹ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 1.º de agosto de 1989, p. 6; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 10 de agosto de 1989, p. 6; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 2 de novembro de 1991, p. 3.

¹¹² *O Fluminense*, Niterói (RJ), 9 de dezembro de 1991, p. 2.

¹¹³ *O Gazetão*, Magé (RJ), 16 a 31 de dezembro de 2006, p. 1; *Milênio Vip*, Magé (RJ), fevereiro de 2007, p. 18.

¹¹⁴ *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro (RJ), 5 de janeiro de 2011, p. A-4; *Gazetão*, Magé (RJ), 16 a 31 de janeiro de 2011, p. 7; *Jornal do Grande Rio*, Duque de Caxias (RJ), 20 a 27 de janeiro de 2011, p. 8..

¹¹⁵ *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 422, Magé (RJ), 1.º a 15 de junho de 2012, p. 2.

¹¹⁶ *O Jornal*, Rio de Janeiro (RJ), 15 de junho de 1951, p. 6; *O Fluminense*, Niterói (RJ),

O imigrante sírio-libanês Pedro Abrahão, nascido em Beirute, a 3 de outubro de 1897, filho de Gabriel José Abrahão e de Júlia Antônia Bonne, casou-se, no Rio de Janeiro, a 12 de julho de 1921, com Manoelita Câmara Durão, filha de José Soares Câmara e de Emília Durão.¹¹⁷ Pedro Abrahão aparece, no *Almanak Laemmert*, como proprietário de um botequim, em Raiz da Serra, a partir do ano de 1930.¹¹⁸

O casal Pedro Abrahão e Manoelita Durão Abrahão teve oito filhos: Milton Durão Abrahão (1922-2007),¹¹⁹ Nilson Durão Abrahão (1924-1948),¹²⁰ Wilson Durão Abrahão (1926-1926),¹²¹ Osmar Durão Abrahão (1927-2015),¹²² Maria de Lourdes Durão Abrahão (1930-1948),¹²³ Manoelita Durão Abrahão (1933),¹²⁴ Edyr Durão Abrahão (1934-2012)¹²⁵ e Pedro Durão Abrahão.

Com vimos, ampliando sua rede de parentesco, a família Cozzolino uniu-se a família Abrahão, através do casamento de Clotilde Cozzolino (filha de Raphael Cozzolino) com Edyr Durão Abrahão (filho de Pedro Abrahão). Esses laços familiares foram reforçados depois pelo casamento de Márcia Cozzolino (filha do ex-prefeito Renato Cozzolino) com Nilson de Mello Abrahão (filho de Pedro Durão Abrahão), pais do Deputado Estadual Vinícius Cozzolino Abrahão, eleito com o apoio do primo Renato Cozzolino Harb (neto do ex-prefeito Renato Cozzolino e atual Prefeito de Magé).

Outra família que integra essa rede de parentesco com representação na Câmara Municipal de Magé são os Barenco, através do casamento de Milton Durão Abrahão, em 1950, com Almyra Coelho Vieira, filha de Alberto Francisco

16 de outubro de 1991, Caderno Classificados, p. 9.

¹¹⁷ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório da 10.^a Circunscrição do RCPN da Capital. Livro de Registro de Casamentos (1921-1922), fl. 3v.

¹¹⁸ *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1930, p. 887; *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1935, p. 951,

¹¹⁹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN do 1.^o Distrito de Niterói. Livro de Registro de Óbitos C-42, fl. 119.

¹²⁰ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.^o Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos (1944-1949), fl. 278.

¹²¹ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.^o Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos (1922-1926), fl. 199.

¹²² ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN do 1.^o Distrito de Petrópolis. Livro de Registro de Óbitos C-103, fl. 43.

¹²³ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.^o Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos (1944-1949), fl. 282.

¹²⁴ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.^o Distrito de Magé. Livro de Registro de Nascimentos A-11, fl. 142.

¹²⁵ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN e Notas do 6.^o Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos C-33, fl. 63.

Vieira e de Palmira Barenco Coelho Vieira.¹²⁶ Cabe observar que Palmira é neta do imigrante italiano José Barenco, que se estabeleceu, inicialmente, no distrito de Suruí (1862), mudando depois para o distrito de Guia de Pacobaíba (1880), ambos no Município de Magé,¹²⁷ e foi professora pública na escola de Raiz da Serra.¹²⁸ Entre seus parentes, citamos Paulo Barenco, que foi Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal de Magé, e sua esposa Maria Pinheiro Barenco, que teve quatro mandatos de vereadora, inclusive, durante o governo Renato Cozzolino.¹²⁹

As famílias Abrahão, Barenco e Cozzolino, pelos laços matrimoniais, formam uma mesma parentela que elegeu seus familiares para a Câmara Municipal de Magé, na segunda metade do século XX.

Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro

O Município de Magé sempre teve seus representantes no Legislativo estadual, a exemplo do Dr. Francisco Ferreira de Siqueira, do Dr. Eduardo Portela, que chegou a presidir a ALERJ nos anos 1920, e de Waldemar Lima Teixeira (três vezes Prefeito de Magé).

Com o fim da ditadura do Estado Novo (1937-1945), foram retomadas as eleições estaduais. Concorreram, então, à Assembleia os seguintes candidatos locais: Albino José da Silva, Alcy de Moraes Vidal, Irun Sant'Ana, Israel Jacob Averbach, José Barbosa Porto, José Ullmann Júnior, Juberto de Miranda Telles, Magid Repani (quarto suplente do MDB, exerceu o cargo entre 1977 e 1978), Olber Fernandes Loures, Pedro Durão Abrahão, Radamés Marzullo, Renato Cozzolino e Renato Peixoto dos Santos (assumiu por dois meses em 1964), sem que obtivessem os votos necessários para se eleger, entre 1945 e 1986.¹³⁰

¹²⁶ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Corregedoria Geral de Justiça. Cartório de RCPN do 1.º Distrito de São Gonçalo. Livro de Registro de Casamentos (1949-1950), fl. 147v-146.

¹²⁷ Cf. SEIXAS, Antônio. Algumas famílias da Freguesia de São Nicolau de Suruí, no Município de Magé, nos séculos XVIII a XX. *Revista da ASBRAP*, n. 28, p. 73-122, São Paulo, 2021.

¹²⁸ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro (RJ), 28 de outubro de 1926, p. 11; *Diário Carioca*, Rio de Janeiro (RJ), 24 de março de 1933, p. 3.

¹²⁹ *Diário Carioca*, Rio de Janeiro (RJ), 17 de outubro de 1962, p. 11; *O Jornal*, Rio de Janeiro (RJ), 20 de junho de 1963, p. 9; *Luta Democrática*, Rio de Janeiro (RJ), 3 de fevereiro de 1967, p. 2; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 17 de março de 1969, 3.º Caderno, p. 4; *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro (RJ), 1.º de agosto de 1972, p. 3, *O Fluminense*, Niterói (RJ), 26 de maio de 1975, p. 18; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 11 de maio de 1979, Caderno Baixada Fluminense, p. 7; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 17 de janeiro de 1983, p. 13; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 9 de janeiro de 1988, Caderno Classificados, p. 11.

¹³⁰ CARDIANO, Fernando Pinto. *Eleições no Estado do Rio de Janeiro (1945-1986)*.

A ideia da fusão do Estado do Rio de Janeiro com o Estado da Guanabara foi transformada na Lei Complementar n.º 20, de 3 de junho de 1974. A Constituinte estadual, após a aprovação da nova Constituição do Estado do Rio de Janeiro, em 21 de julho de 1975, passou a funcionar como a nova Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.¹³¹

Após a fusão, a família Cozzolino elegeu seis parentes para a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Tabela 3), o primeiro deles, o Deputado Estadual José Cozzolino, irmão de Renato Cozzolino e pai de Renato Cozzolino Sobrinho. Os quatro últimos são todos descendentes de Renato Cozzolino, duas filhas e dois netos.

Tabela 3. Representantes da Família Cozzolino na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

DEPUTADO	MANDATOS
José Cozzolino	1987-1991, 1991-1995
Renato Cozzolino Sobrinho	1995-1998
Núbia Cozzolino	1995-1999, 1999-2003 e 2003-2007
Jane Cozzolino	2007-2008
Renato Cozzolino Harb	2015-2019 e 2019-2021
Vinicius Cozzolino Abrahão	2023-2026

Fonte: Arquivo da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

Núbia Cozzolino, filha do ex-prefeito Renato Cozzolino, ocupou uma cadeira na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro por doze anos seguidos. No parlamento fluminense, sua principal estratégia parece ter sido as indicações de obras públicas, como reconheceu certa vez: “levar obras para o município que me elegeu é um dever”.¹³²

O número de deputados estaduais eleitos nos mostra que a família Cozzolino prioriza a eleição de seus representantes para a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, o que nos leva a conclusão de que contar com um Deputado Estadual para enviar recursos para o município é mais importante do que eleger um Vereador, já que entre o Prefeito e a Câmara Municipal se estabelecerá uma relação clientelista que garante o apoio necessário para os interesses do núcleo político familiar.

Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1990, p. 25, 56, 70, 71, 75, 88, 90, 97, 108, 138 e 185.

¹³¹ REZENDE, Luiz Eduardo. *O Pensamento político dos Constituintes Estaduais de 1975*. Rio de Janeiro: ALERJ, 1992, p. 17-29.

¹³² *O Fluminense*, Niterói (RJ), 19 a 20 de março de 1995, p. 3.

Câmara dos Deputados

Para a Câmara dos Deputados, foi eleito apenas Renato Cozzolino Sobrinho, ex-prefeito de Magé (1989-1992) e ex-deputado estadual (1995-1998), assumindo em duas ocasiões, a primeira entre 2003 e 2007, pelo PSC,¹³³ e a segunda, na condição de suplente, em 2011, na vaga aberta pela saída do Deputado Federal Brizola Neto (PDT), nomeado Secretário de Estado do Trabalho.¹³⁴

Poder

Mário Stoppino define o poder como uma relação entre pessoas, no sentido de que, de um lado temos indivíduos ou grupos que exercem o poder e do outro, indivíduos ou grupos que são induzidos a comportar-se tal como aquele deseja. Para a compreensão do fenômeno social, não basta especificar os indivíduos ou grupos, sendo necessário determinar a esfera de atividade, ou seja, a esfera de poder, que pode ser definida de modo taxativo ou tender a ser ilimitada. Nesse sentido, o poder não deriva simplesmente da posse ou do uso de certos recursos, mas também da existência de determinadas atitudes dos sujeitos implicados na relação. Os modos de exercício de poder são múltiplos, indo da persuasão à manipulação e da ameaça de uma punição à promessa de uma recompensa.¹³⁵

Historicamente, os grupos políticos familiares lutam entre si e se sucedem no exercício do poder. Diante das transformações sociais e do aprimoramento do processo democrático, as famílias políticas tradicionais adaptaram suas estratégias, assegurando, assim, a sua continuidade no poder, através das eleições, no contexto do pluripartidarismo. Como bem observou Ricardo Costa de Oliveira,

*estruturas de parentesco formam parte da realidade social e política brasileira no século XXI. Redes familiares controlam partidos políticos, controlam o centro de poder executivo e formam redes atravessando o poder legislativo com parlamentares hereditários, sempre se renovando pelas gerações.*¹³⁶

¹³³ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 8 de outubro de 2002, p. 8; *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro (RJ), 9 de outubro de 2002, p. A-11; *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro (RJ), 20 de dezembro de 2002, p. A-15.

¹³⁴ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 8 de janeiro de 2011, p. 6.

¹³⁵ STOPPINO, Mário. Poder. In: BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998, p. 933-942.

¹³⁶ OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *Na teia do Nepotismo: sociologia política das relações de parentesco e poder político no Paraná e no Brasil*. Curitiba: Insight, 2012, p. 13.

A trajetória política da família Cozzolino começou com Renato Cozzolino (Fig. 2), filho de Raphael Cozzolino e neto do imigrante italiano Antônio Cozzolino, eleito, sucessivamente, Vice-Prefeito (1973-1976) e Prefeito de Magé (1983-1986).

Fig. 2. Renato Cozzolino



Fonte: *Cidades e Municípios*, Rio de Janeiro (RJ), Edição Especial: Magé, 1983, p. 1.

O Ato Institucional n.º 2, 27 de outubro de 1965, extinguiu o pluripartidarismo no Brasil. Para manter uma aparente democracia, foram permitidos apenas dois partidos, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), de sustentação do governo militar, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que reuniria parte da oposição ao regime. Para acomodar as correntes internas da ARENA (que reunia os antigos rivais UDN e PSD), foi criado o sistema de sublegendas, que permitia o lançamento de até três candidatos por partido (artigo 1.º da Lei n.º 5453, de 14 de junho de 1968). Vencia aquele que tivesse mais votos na soma das sublegendas, o que também favorecia a ARENA.

O Município de Magé contava, então, com mais de 80 mil habitantes (estimativa para 1965), sendo 18.295 eleitores. A base econômica continuava centrada na indústria de transformação, com cinco fábricas de tecidos, uma fábrica de pólvora e duas fábricas de papel, totalizando de 5.732 operários. O Censo Agrícola de 1960 indicava a existência de 370 estabelecimentos agrícolas, destacando-se a produção de cereais e de legumes e a criação de gado.¹³⁷

¹³⁷ Cf. GOUVÊA, Rubens. *Magé*. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1967.

Atendendo ao convite do Governador Geremias de Matos Fontes, o Prefeito Juberto de Miranda Telles e o Vice-Prefeito Walcir José do Amaral transferiram-se do MDB para a ARENA, em 1969, levando consigo os vereadores Fernando Guimarães Batista, Nazir José Antunes, Laerte Malinosky Leocornil, Luis Nolin e Aníbal Magalhães. Entre os militantes emedebistas que acompanharam o grupo, estava o comerciante Renato Cozzolino, considerado influente no distrito de Inhomirim.¹³⁸

A primeira vez que Renato Cozzolino disputou a vaga de Prefeito de Magé foi em 1970, sendo o mais votado pela ARENA-Magé (os outros candidatos do partido foram Aníbal Antônio da Silva e Cosme Rebecchi), mas perdeu para Magid Repani, presidente do MDB-Magé (o outro candidato emedebista foi o ex-prefeito Olívio de Mattos).¹³⁹

Já nas eleições de 1972, a ARENA fez a maioria dos vereadores no Brasil e elegeu 3.332 prefeitos contra 468 do MDB. Em Magé não foi diferente: venceu a chapa Juberto de Miranda Telles (Prefeito), ex-prefeito de Magé (1966-1970), e Renato Cozzolino (Vice-Prefeito).¹⁴⁰ Além de controlar o Executivo municipal, a ARENA-Magé tinha maioria na Câmara, elegendo a mesa diretora, composta por Nazir José Antunes (Presidente), Eusébio Pinto de Almeida (Vice-Presidente), Evanir da Silva Gago (1.º Secretário) e Mário Fernandes Maia (2.º Secretário).¹⁴¹

Em 1974, Renato Cozzolino lançou-se candidato a uma vaga de Deputado Estadual, pela ARENA, fazendo dobradinha com o advogado Hydekel de Freitas Lima, genro de Tenório Cavalcanti e candidato a Deputado Federal, mas não foi eleito, recebendo apenas 3.924 votos.¹⁴²

As brigas políticas não se resumiram aos embates com a oposição.¹⁴³ Prefeito e Vice-Prefeito romperam, durante o mandato. Em 1975, o Vereador Felipe Figueira, então Presidente da Câmara Municipal, chegou a tentar reconciliá-los, visando o fortalecimento da ARENA para as eleições.¹⁴⁴ Renato Cozzolino não era unanimidade nem dentro do próprio partido, tendo os vereadores José Bastos (ex-líder de Juberto de Miranda Telles) e Nazir José Antunes (ex-presidente da

¹³⁸ *Folha de Magé*, Magé (RJ), 28 de junho de 1969, p. 1.

¹³⁹ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 20 de novembro de 1970, 2.º Caderno, p. 4; *Luta Democrática*, Rio de Janeiro (RJ), 6 de setembro de 1972, p. 6.

¹⁴⁰ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 1.º de novembro de 1972, p. 11.

¹⁴¹ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro (RJ), 30 de janeiro de 1973, p. 7.

¹⁴² *Luta Democrática*, Rio de Janeiro (RJ), 17 de setembro de 1974, p. 8; *Luta Democrática*, Rio de Janeiro (RJ), 20 de setembro de 1974, p. 3; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 27 de novembro de 1974, p. 12.

¹⁴³ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 20 de abril de 1973, p. 6; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 27 de abril de 1973, p. 11.

¹⁴⁴ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 5 de março de 1975, p. 6.

Câmara e vice-líder do governo) defendido a candidatura ao governo municipal do Vereador Laerte Malinosky Leocornil, também do distrito de Inhomirim.¹⁴⁵

O resultado foi que, nas eleições de 1976, a primeira após a fusão do Estado do Rio de Janeiro com o Estado da Guanabara, Renato Cozzolino, rompido com Juberto de Miranda Telles, alegou problemas de saúde para não concorrer à prefeitura pela ARENA, mas apoiou abertamente a chapa vitoriosa da oposição, formada por Olívio de Mattos (Prefeito), ex-prefeito de Magé (1955-1959), e Hiram Menezes Monteiro (Vice-Prefeito), presidente do MDB-Magé.¹⁴⁶ Por trás dessa aliança estaria uma amizade desde os tempos de infância, afinal, Olívio era filho de Orozimbo de Mattos, comerciante em Raiz da Serra, na mesma época que os irmãos Genarino e Raphael Cozzolino.¹⁴⁷

O secretariado do segundo governo Olívio de Mattos (1976-1982) foi formado por Arthur Ronaldo Pinheiro de Siqueira (Secretário Municipal de Administração), Germano Pildevasser (Secretário Municipal de Fazenda), Antônio Cozzolino (Secretário Municipal de Educação e Cultura), Maria Wanda Perbells (Secretária Municipal de Turismo), Fernando Repani (Secretário Municipal de Transportes e irmão do ex-prefeito Magid Repani) e Oliver de Mattos (Secretário Municipal de Obras e filho do prefeito).¹⁴⁸

Fica claro que, em troca do apoio político recebido da família Cozzolino, Olívio de Mattos nomeou Antônio Cozzolino para o cargo de Secretário Municipal de Educação e Cultura, o que lhes deu acesso às famílias que dependiam da rede municipal de ensino e às mais de 380 professoras municipais.¹⁴⁹

Entre as reformas promovidas pela ditadura militar, em 1979, extinguiu-se o bipartidarismo, em clara intenção de dividir a oposição ao regime. A disputa eleitoral acabou, porém, centralizada entre o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), liderado por Ulisses Guimarães, e o Partido Democrático Social (PDS), para onde migraram os antigos membros da ARENA, sendo o principal sustentáculo político do ditador João Batista Figueiredo (1979-1985), que a ele se filiou. Parte da oposição criou novos partidos, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e o Partido dos Trabalhadores (PT).

¹⁴⁵ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 26 de junho de 1976, p. 24.

¹⁴⁶ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 10 de agosto de 1976, Caderno Estado do Rio, p. 1; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 5 de novembro de 1976, Caderno Estado do Rio, p. 1; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 26 de novembro de 1976, Caderno Estado do Rio, p. 1.

¹⁴⁷ *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1936, p. 1120; *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1937, p. 1517.

¹⁴⁸ *Luta Democrática*, Rio de Janeiro (RJ), 5 de outubro de 1977, p. 8.

¹⁴⁹ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 20 de janeiro de 1978, Caderno Estado do Rio, p. 2; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 31 de março de 1978, Caderno Estado do Rio, p. 3.

Em 1980, organizou-se a comissão provisória do PDS-Magé, em reunião no gabinete do Prefeito Olívio de Mattos, com a presença do ex-prefeito Moacyr Pimentel, do Vice-Prefeito Hiran Menezes, do Vereador Paulo Barenco e do ex-vice-prefeito Renato Cozzolino.¹⁵⁰ Sob a liderança de Olívio, o PDS passou a contar com 11 dos 17 vereadores de Magé.¹⁵¹

Ocorre que, no início do ano 1982, Olívio faleceu, aos 64 anos, sendo Hiram empossado no cargo de prefeito.¹⁵² À sucessão do governo municipal, concorreriam Renato Cozzolino e os ex-prefeitos Magid Repani, Juberto de Miranda Telles, José Barbosa Porto e Israel Jacob Averbach. O município totalizava 77.763 eleitores, sendo Magé (com 31.797 eleitores) e Inhomirim (com 17.985 votantes) os maiores colégios eleitorais.¹⁵³

Em sua primeira eleição, o PDS elegeu 12 governadores, 15 senadores, 235 deputados federais, 476 deputados estaduais e 2.533 prefeitos, sendo o partido mais votado em 1982. Em Magé não foi diferente: sem contar com o apoio do Prefeito Hiran Menezes, Renato Cozzolino foi eleito Prefeito de Magé, pelo PDS, com 11.917 votos.¹⁵⁴ Barbosa Porto (PTB) foi o segundo mais votado, com 8.260 votos, seguido de Israel Jacob Averbach (PDT), com 5.652 votos e Juberto de Miranda Telles (PMDB), com 5.573 votos.¹⁵⁵

No dia da posse, em 1.º de fevereiro de 1983, o registro fotográfico dos irmãos José, Raphael, Renato, Antônio e Benito, filhos de Raphael Cozzolino, com sua mãe Clotilde Além Cozzolino, representando a unidade do núcleo central familiar (Fig. 3). Cabe observar que todos estiveram diretamente envolvidos na administração local, sendo nomeados para cargos de secretário municipal e de assessor no gabinete do prefeito.¹⁵⁶

¹⁵⁰ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 20 de maio de 1980, Caderno Estado do Rio, p. 5.

¹⁵¹ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 21 de outubro de 1982, Caderno Estado do Rio, p. 11.

¹⁵² *Hora Democrática*, Magé (RJ), 20 a 22 de fevereiro de 1982, p. 5.

¹⁵³ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 4 de novembro de 1982, p. 11; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 10 de novembro de 1982, p. 11; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 16 de novembro de 1982, p. 11.

¹⁵⁴ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro (RJ), 19 de novembro de 1982, Caderno Eleições, p. 9; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 20 de novembro de 1982, p. 12; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 24 de novembro de 1982, p. 12.

¹⁵⁵ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 27 de dezembro de 1982, p. 11.

¹⁵⁶ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 8 de outubro de 1985, p. 9

Fig. 3. Clotilde Além Cozzolino e seus filhos José, Raphael, Renato, Antônio e Benito



Fonte: *Magé: 3 anos de Governo Cozzolino*. Petrópolis: Serrana, 1986, p. 14.

Para a vitória de Renato Cozzolino contribuiu o advogado Ademir Ullmann (1946-2016), eleito Vice-Prefeito de Magé. A chapa unia a força política emergente da família Cozzolino com a tradição política dos Ullmann, que já haviam comandado a prefeitura em três oportunidades: o Capitão José Ullmann, Prefeito de Magé de 1930-1933, e seu filho José Ullmann Júnior, Prefeito de Magé de 1936-1938 e de 1947-1950, respectivamente, avô e tio de Ademir.¹⁵⁷

Assim como Renato Cozzolino não se elegeu Prefeito de Magé na primeira eleição que disputou, nem conseguiu ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, outros parentes também não obtiveram sucesso no pleito municipal.

Depois de uma sequência de três vitórias eleitorais, Renato Cozzolino (1982), Renato Cozzolino Sobrinho (1988) e Charles Cozzolino (1992), a família lançou, em 1996, Benito Cozzolino para o cargo de prefeito, mas perdeu para Nelson da Costa Melo, o Nelson do Posto, ex-vereador em Magé e ex-prefeito de Guapimirim.¹⁵⁸

Nelson do Posto foi o primeiro prefeito de Guapimirim, eleito em 1992, e renunciou ao governo municipal, em abril de 1996, para concorrer em Magé.¹⁵⁹

¹⁵⁷ SANTOS, Renato Peixoto dos. *Magé, a terra do Dedo de Deus*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957, p. 93-95.

¹⁵⁸ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro (RJ), 13 de fevereiro de 2000, p. 5.

¹⁵⁹ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 22 de fevereiro de 1996, p. 3; *O Fluminense*, Niterói (RJ),

A chapa vitoriosa foi composta pelos irmãos Nelson do Posto (Prefeito) e Renato do Posto (Vice-Prefeito), que, à época, ocupava uma cadeira na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.¹⁶⁰

A candidata da família Cozzolino seria a Deputada Estadual Núbia Cozzolino (PSD), que foi impedida de concorrer por ser irmã do Prefeito Charles Cozzolino. A solução foi lançar a chapa composta pelos irmãos Benito Cozzolino (Prefeito) e Clotilde Cozzolino Abrahão (Vice-Prefeita), tios de Núbia e de Charles.¹⁶¹ Computados os votos, a família ficou em terceiro lugar: Nelson do Posto (PL), com 35.253 votos; Deladier Garcia Mello (PRONA), filho do ex-vice-prefeito Waldemar Mello, com 31.773 votos; e Benito Cozzolino (PPB), com 13.067 votos.¹⁶²

Núbia Cozzolino, eleita deputada estadual, pelo PSD, em 1994, com o apoio de seu irmão, o Prefeito Charles Cozzolino,¹⁶³ conseguiu sua reeleição para a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, pelo PTB, em 1998.¹⁶⁴ No ano seguinte anunciou que seria a candidata da família que disputaria com o Prefeito Nelson do Posto, candidato à reeleição.¹⁶⁵

Ocorre que, em 2000, Núbia Cozzolino perdeu para Narriman Felicidade Zito, eleita primeira prefeita de Magé, com o apoio do marido, José Camilo Zito dos Santos, Prefeito de Duque de Caxias, que, naquele ano, ainda se reelegeu e elegeu seu irmão Waldir Zito para a Prefeitura de Belford Roxo.¹⁶⁶

José Camilo Zito era conhecido por adotar o binômio clientelismo e violência.¹⁶⁷ O governo Narriman Zito (2001-2004) ficou marcado justamente pela violência no cenário político de Magé, com o assassinado do jornalista Mário de Almeida Coelho Filho (2001), do assessor parlamentar Marilton Raimundo dos Santos, do gabinete da Deputada Estadual Núbia Cozzolino (2001),¹⁶⁸ do Vereador

9 de abril de 1996, p. 4..

¹⁶⁰ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 11 de maio de 1996, p. 4; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 3 de agosto de 1996, p. 3.

¹⁶¹ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro (RJ), 16 de agosto de 1996, p. 7.

¹⁶² *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro (RJ), 6 de outubro de 1996, p. 4; *JR Notícias*, Guapimirim (RJ), 4 a 10 de outubro de 1996, p. 1.

¹⁶³ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 14 de julho de 1994, p. 3; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 18 de outubro de 1994, p. 3; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 22 de novembro de 1994, p. 3.

¹⁶⁴ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 6 de outubro de 1998, p. 5; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 7 de outubro de 1998, p. 3.

¹⁶⁵ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 5 de janeiro de 1999, p. 2.

¹⁶⁶ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 3 de outubro de 2000, p. 2; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 4 de outubro de 2000, p. 3.

¹⁶⁷ ALVES, José Cláudio Souza. *Dos Barões ao Exterminio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2003, p. 114-117.

¹⁶⁸ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro (RJ), 23 de agosto de 2001, p. 7; *O Fluminense*, Niterói

Alexandre Augusto Pereira de Alcântara (PSC), juntamente como sua mãe e um assessor (2002),¹⁶⁹ e da Vice-Prefeita Lídia Menezes, encontrada carbonizada dentro de um carro (2002).¹⁷⁰

Para vencer a força política dos Zito e impedir a reeleição da Prefeita Narriman Zito, a família Cozzolino se uniu a família do Posto, nas eleições de 2004, lançando a chapa Núbia Cozzolino (Prefeita) e Renata do Posto (Vice-Prefeita), sobrinha de Nelson do Posto, que, por sua vez, se elegeu novamente para a Prefeitura de Guapimirim.¹⁷¹

Com o controle das prefeituras de Magé e de Guapimirim, as duas famílias elegeram suas representantes para o Legislativo estadual: as deputadas Renata do Posto (PTB) e Jane Cozzolino (PTC), empossadas em 2007, mas cassadas pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em 2008, sob a acusação de malversação de recursos públicos.¹⁷²

A cassação da chapa Núbia Cozzolino (Prefeita) e Rozan Gomes (Vice-Prefeito), em 2011, levou a realização de eleições suplementares em Magé. Talvez pela falta de um nome, a família Cozzolino apoiou a candidatura dos ex-vereadores Werner Benites Saraiva (Prefeito) e Valdeck Ferreira de Matos (Vice-Prefeito),¹⁷³ mas a transferência de votos para candidatos de fora do núcleo central familiar não se concretizou, sendo vitoriosa a chapa dos empresários Nestor de Moraes Vidal Neto (Prefeito), filho do ex-vereador Alcy de Moraes Vidal, e Cláudio Ferreira Rodrigues (Vice-Prefeito), eleita com 81.189 votos. A chapa apoiada pela família Cozzolino ficou em segundo lugar, com 28.179 votos.¹⁷⁴

O curioso é que o Vice-Prefeito Cláudio Ferreira Rodrigues, proprietário da fábrica de refrigerantes Pakera, no bairro de Pau Grande, vivia em união estável, desde 1986, com Rita de Cássia Cozzolino (sobrinha do ex-prefeito

(RJ), 24 de agosto de 2001, p. 7.

¹⁶⁹ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 18 de janeiro de 2002, p. 6; *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro (RJ), 18 de janeiro de 2002, p. 15.

¹⁷⁰ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 4 de agosto de 2002, p. 3.

¹⁷¹ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 21 de novembro de 2003, p. 6; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 27 de dezembro de 2003, p. 6; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 12 de abril de 2004, p. 9; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 4 de outubro de 2004, p. 8; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 25 de outubro de 2004, p. 4.

¹⁷² *O Fluminense*, Niterói (RJ), 1.º de fevereiro de 2007, p. 6; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 2 de abril de 2008, p. 6; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 7 de agosto de 2008, p. 7.

¹⁷³ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 7 de julho de 2011, p. 4; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 14 de julho de 2011, p. 6; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 22 de julho de 2011, p. 6; *O Globo*, Rio de Janeiro (RJ), 14 de agosto de 2011, p. 17.

¹⁷⁴ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 4 de agosto de 2011, p. 6; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 11 de agosto de 2011, p. 6.

Renato Cozzolino),¹⁷⁵ o que pode ser interpretado como uma ruptura na coesão do núcleo central familiar.

Nas eleições de 2012, a disputa ficou entre Nestor Vidal e o empresário Ricardo Corrêa Barros, o Ricardo da Karol, ex-vereador em Duque de Caxias, que recebeu o apoio da família Cozzolino, mas não conseguiu impedir a reeleição do prefeito.¹⁷⁶

Finalmente, em 2016, a chapa Renato Cozzolino Harb (Prefeito) e Ricardo do Karol (Vice-Prefeito), perdeu a eleição municipal para Rafael Santos de Souza (PPS), o Rafael Tubarão, ex-presidente da Câmara Municipal de Magé, que, naquele ano, havia assumido a Prefeitura de Magé, após a cassação de Nestor Vidal.¹⁷⁷

Gilberto Freyre, Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro, Roberto DaMatta e tantos outros historiadores, sociólogos e antropólogos demonstraram o papel desempenhado pela família e suas redes de parentesco na formação da elite política brasileira.

A chave para a compreensão da transmissão de poder entre as gerações da família Cozzolino, em Magé, está no conceito de familismo, que é quando se privilegiam os interesses particulares da família a partir da estrutura do Estado, desconsiderando o interesse público. Considerando o caráter patrimonialista do Estado, o clientelismo familista constitui a principal fonte de empreguismo e do favorecimento próprio e dos parentes.¹⁷⁸

Silvio Romero descreve a forma mais rudimentar do familismo como uma oligarquia na qual os parentes ocupam os postos de governança e os negócios mais rendosos e se espalham pela administração do Estado por meio da distribuição de cargos.¹⁷⁹ Podemos dizer que o nepotismo é uma das facetas do familismo e ocorre quando a família escolhe entre os membros da rede de parentesco os que devem ocupar os cargos burocráticos, que poderiam ser ocupados por outros indivíduos de fora do núcleo familiar, em troca de apoio e lealdade. Os indicados defendem os interesses político-partidários da família e se mobilizam, na época das eleições,

¹⁷⁵ ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Cartório da 6.ª Vara de Órfãos e Sucessões da Comarca da Capital. Processo n.º 0128325-87.2020.8.19.0001. Rita de Cássia Cozzolino (Inventariado) e Cláudio Ferreira Rodrigues (Inventariante), fl. 11.

¹⁷⁶ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 15 de outubro de 2012, p. 7; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 1.º de janeiro de 2013, p. 6.

¹⁷⁷ *Voz de Magé*, Magé (RJ), abril de 2016, p. 1.

¹⁷⁸ RIOS, José Arthur. A fraude social da corrupção. In: LEITE, Celso Barroso (org.). *Sociologia da Corrupção*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, p. 111.

¹⁷⁹ ROMERO, Silvio. *Provocações e Debates*: contribuições para o estudo do Brasil social. Porto: Livraria Chardron, 1910, p. 413.

a fim de ampliar o capital político familiar.

Encontramos na Prefeitura Municipal de Magé, entre 1983 e 1986, Renato Cozzolino (Prefeito), Antônio Cozzolino (Secretário Municipal de Administração, depois Secretário Municipal de Obras), José Cozzolino (Secretário Municipal de Obras, depois assessor no Gabinete do Prefeito e, finalmente, eleito Deputado Estadual), Carmem Além Gomes Martins (Secretária Municipal de Educação e Cultura), Ubirajara Gomes do Nascimento (Secretário Municipal de Fazenda), Benito Cozzolino (assessor no Gabinete do Prefeito) e Osmar Durão Abrahão (Secretário Municipal de Transportes, acumulando a direção administrativa do Hospital Municipal de Magé).¹⁸⁰

Controlavam a Prefeitura Municipal de Magé, entre 1989 e 1992, Renato Cozzolino Sobrinho (Prefeito), Antônio Cozzolino (Vice-Prefeito), Raphael Cozzolino Júnior (Secretário Municipal de Governo e diretor administrativo da CONERJ), Charles Cozzolino (eleito Vereador e depois nomeado Secretário Municipal de Obras), Clotilde Cozzolino Abrahão (Secretária Municipal de Ação Comunitária), Carmem Além Gomes Martins (Secretária Municipal de Educação e Cultura), Maria Helena Cozzolino de Oliveira (assessora da Secretária Municipal de Educação e Cultura), Ubirajara Gomes do Nascimento (Secretário Municipal de Fazenda) e Núbia Cozzolino (Diretora do Departamento de Águas e Esgotos).¹⁸¹

Entre 1993 e 1995 e depois em 1996, estiveram no comando da Prefeitura Municipal de Magé: Charles Cozzolino (Prefeito), Emanuel Amorim Harb (Secretário Municipal de Administração, depois, cumulativamente, Secretário Municipal de Ação Comunitária, Secretário Municipal de Turismo e Secretário Municipal de Transportes), Raphael Cozzolino Júnior (Secretário Municipal de Governo, depois Secretário Municipal de Administração e Diretor administrativo do Hospital Municipal de Magé), Antônio Cozzolino (Secretário Municipal de Obras), Clotilde Cozzolino Abrahão (Secretária Municipal de Educação e Cultura), Isolina Cozzolino Rodrigues de Souza (Secretária Municipal de Saúde) e Núbia Cozzolino (Secretária Municipal de Ação Social e depois eleita Deputada Estadual).¹⁸²

Já no século XXI, a mesma estratégia foi adotada, entre 2005 e 2011: Núbia Cozzolino (Prefeita), Anderson Cozzolino (Presidente da Câmara

¹⁸⁰ *O Fluminense*, Niterói (RJ), 19 de abril de 1984, p. 9; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 8 de outubro de 1985, p. 9.

¹⁸¹ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro (RJ), 26 de fevereiro de 1989, p. 6; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 24 de outubro de 1989, p. 6; *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro (RJ), 31 de julho de 1991, Caderno Cidade, p. 1; *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro (RJ), 18 de fevereiro de 1992, Caderno B, p. 3.

¹⁸² *A Verdade*, Magé (RJ), 26 de janeiro a 8 de fevereiro de 1993, p. 2; *A Verdade*, Magé (RJ), 10 a 20 de março de 1995, p. 1; *O Gazetão*, Magé (RJ), 13 a 20 de março de 1995, p. 2.

Municipal e Prefeito interino), Jane Cozzolino (Secretária Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, depois eleita Deputada Estadual), Núcia Cozzolino Bergara (Secretária Municipal de Fazenda), João Luiz Cozzolino Abrahão (Secretário Municipal de Obras e, interinamente, Secretário Municipal de Serviços Públicos), Márcia Cozzolino Abrahão (Secretária Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer), Nilson de Mello Abrahão (Secretário Municipal de Governo), José Cozzolino Filho (Secretário de Educação, Cultura, Esporte e Lazer e depois Secretário Municipal de Fazenda), Renata Cozzolino (assessora de assuntos especiais na Secretaria Municipal de Governo), Renato Além Cozzolino (Secretário Municipal de Governo e Presidente da Companhia Águas de Magé), Fernanda Cozzolino Abrahão (Secretária Municipal de Saúde), Marcella Cozzolino Bergara (assistente de apoio da Secretaria Municipal de Governo), Fernanda Cozzolino Bergara (Diretora de Receita Municipal), Gerusa Cozzolino Abrahão (Coordenadora Geral da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer), Paulo Vinícius Cozzolino Abrahão (Sub-Procurador Geral do Município), Marcelle Cozzolino de Oliveira (Procuradora Geral do Município e depois Secretária Municipal de Trabalho, Emprego e Geração de Renda), Thiago Cozzolino Rodrigues (assessor especial), Rosana Maria da Penha Cozzolino de Oliveira (assessora no Gabinete da Prefeita) e Carlos Alberto Cozzolino Rodrigues (assessor especial).¹⁸³

E, na atual gestão municipal (2021-2024), a fórmula se repete com Renato Cozzolino Harb (Prefeito), Jamille Cozzolino Harb Menezes (Vice-Prefeita), Lara Adario Torres (Secretária Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos e noiva do prefeito), Vinicius Cozzolino Abrahão (Secretário Municipal de Governo, Secretário Municipal de Fazenda e depois eleito Deputado Estadual), Mauro Raphael Cozzolino Nascimento (Secretário Municipal de Fazenda, depois Chefe de Gabinete do Prefeito), Felipe Menezes de Souza (Secretário Municipal de Esporte, Turismo, Lazer e Terceira Idade e marido da Vice-Prefeita), Samyr

¹⁸³ *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 207, Magé (RJ), 20 de janeiro de 2005, p. 1; *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 214, Magé (RJ), 1.º a 15 de março de 2005, p. 4; *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 216, Magé (RJ), 1.º a 15 de abril de 2005, p. 13 e 39; *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 225, Magé (RJ), 1.º a 15 de agosto de 2005, p. 1; *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 240, Magé (RJ), 16 a 31 de março de 2006, p. 1; *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 241, Magé (RJ), 1.º a 15 de abril de 2006, p. 1; *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 230, Magé (RJ), 15 a 31 de outubro de 2005, p. 6; *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 276, Magé (RJ), 16 a 30 de setembro de 2007, p. 1; *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 277, Magé (RJ), 1.º a 15 de outubro de 2007, p. 1; *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 395, Magé (RJ), 1.º a 15 de maio de 2011, p. 1..

Amorim Harb (tio do Prefeito e da Vice-Prefeita, nomeado Secretário Municipal de Infraestrutura), Fernando José Assumpção Cozzolino (Secretário Municipal de Trabalho, Emprego, Indústria, Comércio e Geração de Renda), Arthur Antônio Silveira Cozzolino (eleito Vereador e depois nomeado Secretário Municipal de Agricultura Sustentável e Defesa dos Animais), Lorena Silveira Cozzolino (Coordenadora Técnica na Secretaria Municipal de Saúde) e Gustavo da Costa Cozzolino (Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico).¹⁸⁴

A presença da parentela em cargos de confiança na administração pública municipal parece ter sido introduzida na cultura política da família Cozzolino nos anos 1980 e segue sendo reproduzida no século XXI. Pode-se creditar aos membros do núcleo central familiar, formado pelos descendentes de Raphael Cozzolino, a base para que o patrimônio político tenha se estabelecido no Município de Magé e venha se reafirmando, eleição após eleição, pelo voto.

Considerações finais

É importante pontuar que a prática do familismo persiste entre a elite política brasileira, mesmo afrontando a ordem constitucional vigente, tendo o Supremo Tribunal Federal, através da Súmula Vinculante n.º 13 (2008), reconhecido que

*a nomeação de cônjuge, companheiro ou parente em linha reta, colateral ou por afinidade, até o terceiro grau, inclusive, da autoridade nomeante ou de servidor da mesma pessoa jurídica investido em cargo de direção, chefia ou assessoramento, para o exercício de cargo em comissão ou de confiança ou, ainda, de função gratificada na administração pública direta e indireta em qualquer dos poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, compreendido o ajuste mediante designações recíprocas, viola a Constituição Federal.*¹⁸⁵

¹⁸⁴ *Extra*, Rio de Janeiro (RJ), 7 de janeiro de 2021, p. 5; *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 628, Magé (RJ), 1.º a 15 de janeiro de 2021, p. 2; *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 629, Magé (RJ), 16 a 31 de janeiro de 2021, p. 34; *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 653, Magé (RJ), 16 a 31 de janeiro de 2022, p. 2; *Boletim Informativo Oficial do Município de Magé*, n. 679, Magé (RJ), 16 a 28 de fevereiro de 2023, p. 2.

¹⁸⁵ BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Súmula Vinculante n.º 13, de 21 de agosto de 2008, DJe de 12.11.2008.

Ao recorrer à genealogia, procuramos demonstrar como a hereditariedade política no seio da família Cozzolino se estabeleceu verticalmente a partir de Renato Cozzolino, Prefeito de Magé (1983-1986), chegando até o seu neto Renato Cozzolino Harb, Prefeito de Magé (2021-2024), o que nos autoriza a considerar o valor do sobrenome para a continuidade e legitimidade do núcleo central familiar nos espaços de poder político.

Ocorre que a transmissão de poder, pela via familiar, no caso da família Cozzolino, não se deve apenas a credibilidade que o nome do ex-prefeito Renato Cozzolino evoca, sendo significativo o papel da aliança familiar pela manutenção do patrimônio político e eleitoral. A parentela funciona como uma rede política a ampliar a elegibilidade de seus candidatos aos cargos públicos.

Como restou demonstrado, a família Cozzolino, que iniciou sua trajetória política durante a Ditadura Militar (1964-1985), desde o retorno das eleições pluripartidárias, adaptou-se ao processo democrático, mantendo traços da política tradicional, alicerçada em práticas clientelísticas e na forte presença da parentela em cargos eletivos e burocráticos, estratégicos para aumentar o capital político familiar, assegurando, assim, a sua continuidade no poder, através do voto popular.

Referências bibliográfias

ALVES, José Cláudio Souza. *Dos Barões ao Extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2003.

CARDIANO, Fernando Pinto. *Eleições no Estado do Rio de Janeiro (1945-1986)*. Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo e Clientelismo: uma discussão conceitual. *Dados*, vol. 40, n. 2, p. 229-250, Rio de Janeiro, 1997.

CUSATIS, José de. *Os italianos em Petrópolis*. Petrópolis: Câmara Municipal de Petrópolis, 1993.

GINZBURG, Carlo et al. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.

GOODE, Willian J. *A Família*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1970.

GOUVÊA, Rubens. *Magé*. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1967.

GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1997.

KROKER, Frei Aniceto. *Inhomirim, 250 anos de Paróquia*. Petrópolis: Vozes, 1946.

LEAL, Victor Nunes. O Coronelismo e o coronelismo de cada um. *Dados*, vol. 23, n. 1, p. 11-14, Rio de Janeiro, 1980.

LIMA, Antônio Pedroso de. Intencionalidade, afecto e distinção: as escolhas de nomes em famílias de elite de Lisboa. In: CABRAL, João de Pina; VIEGAS, Suzana de Matos (org.). *Nomes: gênero, etnicidade e família*. Coimbra: Almedina, 2007.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *Na teia do Nepotismo: sociologia política das relações de parentesco e poder político no Paraná e no Brasil*. Curitiba: Insight, 2012.

PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. *O Porto da Estrela: separata da R. IHGB*, v. 293, out.-dez. 1971. Rio de Janeiro: IHGB, 1972.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. *O Mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

REZENDE, Luiz Eduardo. *O Pensamento político dos Constituintes Estaduais de 1975*. Rio de Janeiro: ALERJ, 1992.

RIOS, José Arthur. A fraude social da corrupção. In: LEITE, Celso Barroso (org.). *Sociologia da Corrupção*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

ROMERO, Silvio. *Provocações e Debates: contribuições para o estudo do Brasil social*. Porto: Livraria Chardron, 1910.

- SANTOS, Renato Peixoto dos. *A Saga dos Ullmann: História da Cidade de Magé, 1870-1950*. Petrópolis: Jornal da Cidade, 1988.
- SANTOS, Renato Peixoto dos. *Magé, a terra do Dedo de Deus*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.
- SARTI, Cynthia Andersen. Contribuições da antropologia para o estudo da família. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 3, n. 1-2, p. 69-76, 1992.
- SCARPIM, Fábio Augusto. Família, religiosidade e identidade étnica nas práticas de transmissão de nomes de batismo em um grupo de imigrantes italianos. *R. bras. Est. Pop.*, Rio de Janeiro, v. 31, n.1, p. 135-150, jan./jun. 2014.
- SEIXAS, Antônio. Algumas famílias da Freguesia de São Nicolau de Suruí, no Município de Magé, nos séculos XVIII a XX. *Revista da ASBRAP*, n. 28, p. 73-122, São Paulo, 2021.
- SILVA, Antônio José Caetano da. Corografia Fluminense: o Estado do Rio de Janeiro em 1896. *R.IHGB*, t. 67, v. 110, p. 263-396, Rio de Janeiro, 1904.
- STOPPINO, Mário. Poder. In: BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- TELAROLLI, Rodolpho. *Poder local na República velha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- VALLE, J. H. *Magé na história: pequeno resumo*. Rio de Janeiro: Papelaria Cruzeiro, 1938.
- WEID, Elisabeth Von der; BASTOS, Ana Marta Rodrigues. *O Fio da Meada: estratégia de expansão de uma Indústria Têxtil, Companhia América Fabril, 1878-1930*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

MUDANÇAS DE SOBRENOME EM FAMÍLIAS TCHECAS. A ALTERAÇÃO DO SOBRENOME DE UM GRUPO DA FAMÍLIA BARTOSKA PARA CERVENY

Cristiano Ricardo Hrala Araújo

Resumo: *O artigo demonstra a mudança do sobrenome de um grupo familiar por meio de fatores antes existentes na cultura tcheca. O uso do termo “jinak” destaca-se com exemplo familiar demonstrado através de três gerações. É possível notar por meio do artigo que o uso do termo “jinak” permitia que pessoas pudessem ter mais de um sobrenome sem a necessidade de que um deles fosse pertencente a família.*

Abstract: *This article demonstrates the surname change of a family group through factors previously existing in the Czech culture. The use of the term “jinak” is highlighted with a familiar example demonstrated through three generations. It is possible to note that the use of the term “jinak” allowed people to have more than one surname without the need for one of them to belong to the family.*

1. INTRODUÇÃO

A origem dos sobrenomes remonta à antiguidade e é difícil distinguir quando e onde começaram a ser utilizados.

Sabe-se que com o crescimento das aldeias e cidades passou a ser necessário distinguir as pessoas de mesmo nome¹. Dessa forma começaram a agregar palavras que identificassem individualmente cada pessoa ou familiarmente cada grupo.

Cada nação possuía uma forma específica de distinguir seus cidadãos, fato esse que permite, em muitos casos, identificar a origem étnica de uma pessoa pelo seu sobrenome.

2. SOBRENOMES TCHECOS

¹ *De Onde vem o seu Sobrenome?* Family Search: 2020. Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/blog/de-onde-vem-o-seu-sobrenome>. Acesso em 17-FEV-2023.

A atual República Tcheca é fruto de séculos de constantes mudanças territoriais e políticas, com a primeira ocupação do território sendo registrada no século IV a.C.². A grande maioria da população tcheca é de origem eslava.

Os sobrenomes tchecos derivam de uma série de características das quais as principais se destacam no quadro 1.

Quadro 1: Características de definição dos sobrenomes tchecos³.

ORIGEM	EXEMPLO E TRADUÇÃO
Derivado de nomes próprios	BARTOS (<i>derivado de Bartolomeu</i>), MAREK (<i>derivado de Marcos</i>)
Derivado da origem do indivíduo	PALACKY (<i>de Palacov</i>), MORAVEC (<i>da Morávia</i>)
Derivado de características físicas	KUCERA (<i>de cabelo encaracolado</i>), CERNIK (<i>de cabelo ou pele escura</i>)
Derivado de ocupação ou profissão	DVORAK (<i>proprietário de uma pequena porção de terras</i>), KOVAR (<i>ferreiro</i>)
Derivado da natureza (animais e plantas)	JELINEK (<i>cervo ou veado</i>)
Um recém-chegado na aldeia	NOVAK (<i>um recém-chegado</i>), PROCHASKA (<i>aquele que caminhou longa distância</i>)

Ressalta-se que há outras variadas derivações que criaram uma enorme rede de sobrenomes tchecos, incluindo vários sobrenomes estrangeiros que adentraram no território do país no decorrer dos séculos.

3. GENEALOGIA DE TOMAS BARTOSKA

Dentro das pesquisas genealógicas da parte tcheca da minha família encontrei o caso de um dos meus pentavós que me chamou a atenção. Um indivíduo que possuía em um registro dois sobrenomes sendo que entre ambos havia a palavra tcheca “jinak”.

² GUITARRARA, Paloma. *República Tcheca (Chéquia)*. UOL: Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/republica-tcheca.htm>. Acesso em 18-FEV-2023.

³ KYSILKA, Karel. *Czech Surnames*. Kysilka's Homepage. Disponível em: <https://zlimpkk.tripod.com/Genealogy/czechsurnames.html>. Acesso em 17-FEV-2023.

Faz-se necessário destacar a história por trás do pai desse indivíduo, no caso meu hexavô.

TOMAS BARTOSKA

TOMAS BARTOSKA foi batizado na Igreja Católica em 18-DEZ-1747.⁴ Era filho de JIRIK BARTOSKA e MARIANNA que residiam na cidade de Kletečná, região de Pelhřimov, pertencente ao território da Boêmia Tcheca.

Casou-se em 24-JAN-1774⁵, na cidade de Kletečná, residindo na propriedade número 22, com ANNA ROHOVCOVÁ (ROHOVCOVÁ é o feminino de ROHOVEC). ANNA ROHOVCOVÁ faleceu em 19-MAIO-1795.⁶

Destaca-se que os sobrenomes femininos tchecos, em sua grande maioria, possuem o término com o sufixo OVÁ que indica o gênero gramatical.⁷

TOMAS se casou uma segunda vez em 15-JUN-1795⁸, na cidade de Kletečná, residindo na propriedade número 22, com ANNA VAVROVÁ.

TOMAS BARTOSKA ficou também viúvo de ANNA VAVROVÁ em 28-JUL-1801⁹, e se casou uma terceira vez com KATERINA KUDEROVÁ em

⁴ Batismo de Tomas Bartoska, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 2 (1735-1777), Imagem 36, pág.30 verso, State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5658/36>. Acesso em 17-FEV-2023.

⁵ Casamento de Tomas Bartoska e Anna Rohovcová, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 2 (1735-1777), Imagem 173, State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5658/173>. Acesso em 17-FEV-2023.

⁶ Óbito de Anna Rohovcová, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 9 (1778-1850), Imagem 128, State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5665/128>. Acesso em 17-FEV-2023.

⁷ FRAŇKOVÁ, Ruth. *New debate erupts over use ová suffix czech female surnames*. Radio Prague International: 2019. Disponível em <https://english.radio.cz/new-debate-erupts-over-use-ova-suffix-czech-female-surnames-8120934>. Acesso em 22-FEV-2023.

⁸ Casamento de Tomas Bartoska e Anna Vavrová, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 7 (1778-1850), Imagem 84, State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5663/84>. Acesso em 17-FEV-2023.

⁹ Óbito de Anna Vavrová, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 9 (1778-1850), Imagem 132. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5665/132>. Acesso em 17-FEV-2023.

22-FEV-1802¹⁰ na cidade de Kojčice.

DESCENDÊNCIA

Ressalta-se que na descendência serão destacados apenas os indivíduos com registros localizados e que nasceram no território pertencente a atual República Tcheca, que é o foco deste trabalho.

I - TOMAS BARTOSKA e KATERINA KUDEROVÁ tiveram pelo menos um filho:

II – JOZEF BARTOSKA “jinak” CERVENY batizado em 07-FEV-1805¹¹ em Kletečná. Casou-se em Záhoří com ROSALIA VRZAKOVÁ em 11-NOV-1834¹². O casal teve pelo menos um filho:

III – VACLAV CERVENY batizado em 28-SET-1835¹³ em Kletečná onde casou-se com KATERINA DVORAKOVÁ em 13-DEZ-1854¹⁴. O casal teve pelo menos uma filha:

IV – MARIA CERVENÁ foi batizada em 08-MAR-1858¹⁵ em Kletečná onde casou-se com FRANJO HRALA em 18-MAIO-1880¹⁶. Falecida em 18-

¹⁰ Casamento de Tomas Bartoska e Katerina Kuderová, paróquia Chvojnov, distrito de Pelhřimov, Livro 11 (1784-1811), Imagem 8, pág 5. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/4208/8>. Acesso em 17-FEV-2023.

¹¹ Batismo de Jozef Bartoska, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 3 (1778-1813), Imagem 147. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5659/147>. Acesso em 17-FEV-2023.

¹² Casamento de Jozef Bartoska “jinak” Cervený com Rosalia Vrzaková, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 7 (1778-1850), Imagem 74. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5663/74>. Acesso em 17-FEV-2023.

¹³ Batismo de Vaclav Cervený, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 4 (1814-1850), Imagem 121. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5660/121>. Acesso em 17-FEV-2023.

¹⁴ Casamento de Vaclav Cervený e Katerina Dvoraková, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 8 (1851-1923), Imagem 183. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5664/184>. Acesso em 17-FEV-2023.

¹⁵ Batismo de Maria Cervená, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 6 (1851-1905), Imagem 119. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5662/119>. Acesso em 17-FEV-2023.

¹⁶ Casamento de Franjo Hrala e Maria Cervená, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 8 (1851-1923), Imagem 212. State Regional Archives Trebon

AGO-1926 na cidade de Orahovica (território pertencente atualmente a Croácia).

ASCENDÊNCIA

1. TOMAS BARTOSKA

Pais

2. JIRIK BARTOSKA batizado em Kletečná em MAR-1722¹⁷. Faleceu em Kletečná, na residência número 22 em SET-1771.¹⁸
3. MARIANNA

Avós

4. MATEJ BARTOSKA
5. KATERINA

4. APLICAÇÃO DO TERMO “JINAK” COM O EXEMPLO DE TOMAS E JOZEF BARTOSKA

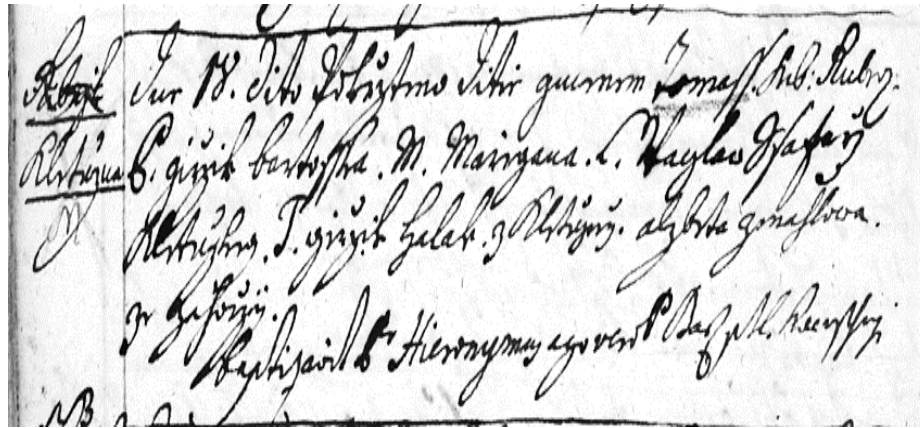
Analisando os registros durante a vida de TOMAS percebe-se que ele sempre fez uso do sobrenome BARTOSKA em todos os seus registros.

Na figura 1 destaca-se o batismo TOMAS BARTOSKA.

(Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5664/213>. Acesso em 17-FEV-2023.

¹⁷ Batismo de Jirik Bartoska, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 1 (1707-1734), Imagem 62, pág 62. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5657/64>. Acesso em 17-FEV-2023.

¹⁸ Óbito de Jirik Bartoska, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 2 (1735-1777), Imagem 234. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5658/234>. Acesso em 17-FEV-2023.

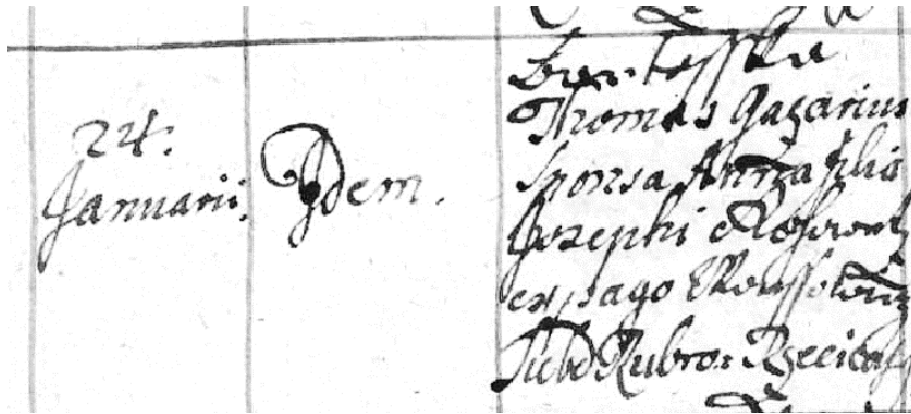
Figura 1: Batismo de Tomas Bartoska¹⁹.

Tradução da Figura 1: Batizado da criança Tomas no dia 18 de dezembro de 1747. Pai Jirik Bartoska e mãe Marianna. Foram padrinhos Jirik Halak da cidade de Kletečná e Alzbieta Jonasová da cidade de Záhoří. A família era residente em Kletečná.

Percebe-se que no registro de batismo de TOMAS é citado apenas o sobrenome BARTOSKA.

Na figura 2 destaca-se o primeiro casamento de TOMAS, com ANNA ROHOVCOVÁ.

¹⁹ Batismo de Tomas Bartoska, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 2 (1735-1777), Imagem 36, pág.30 verso, State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5658/36>. Acesso em 17-FEV-2023.

Figura 2: Casamento de Tomas Bartoska e Anna Rohovcová²⁰.

Tradução da Figura 2: Casamento entre Tomas Bartoska, camponês e Anna filha de Jozef Rohovec da cidade de Onšovice. Casamento realizado em 24 de janeiro de 1774 na cidade de Kletečná.

Percebe-se que em seu primeiro casamento TOMAS foi registrado com seu sobrenome familiar BARTOSKA.

Na figura 3 destaca-se o segundo casamento de TOMAS, com ANNA VAVROVÁ.

²⁰ Casamento de Tomas Bartoska e Anna Rohovcová, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 2 (1735-1777), Imagem 173, State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5658/173>. Acesso em 17-FEV-2023.

Figura 3: Casamento de Tomas Bartoska e Anna Vavrová²¹.

Ino Bartoski oddany Lij P. Vlt fany 22 mista			
Tomas Bartoska falecido	1	42	—
Anna rozitkala zma z d. Tomasovij Vavrovij.		21	—

Tradução da Figura 3: Casamento entre o viúvo Tomas Bartoska de profissão camponês, com 42 anos e Anna com 21 anos, solteira, filha do falecido Tomas Vavra. O casamento ocorreu no ano de 1795 na cidade de Kletečná. O noivo residia na propriedade de número 22.

Nota-se que em seu segundo casamento TOMAS possuía em seu registro apenas o sobrenome BARTOSKA. Destaca-se também, que no registro de casamento consta o número da residência do noivo que era a propriedade de número 22 na cidade de Kletečná.

ANNA VAVROVÁ faleceu, e TOMAS BARTOSKA se casou novamente conforme é destacado na figura 4.

²¹ Casamento de Tomas Bartoska e Anna Vavrová, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 7 (1778-1850), Imagem 84, State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5663/84>. Acesso em 17-FEV-2023.

Figura 4: Casamento de Tomas Bartoska e Katerina Kuderová²².

1802	Kojčice			
Miřje febreiro	Pro Domia	Katerina	Ujry Katerina	Katerina
22.	1.	Tomáš Bartoška Epeluyuit z Kletečny coj. Francis. Machet. Kletec. N. 22.	1	25. 1.
Hroviesta		Katerina	Ujry Katerina	Katerina
Katerina		Ujry Katerina	25. 1.	1.

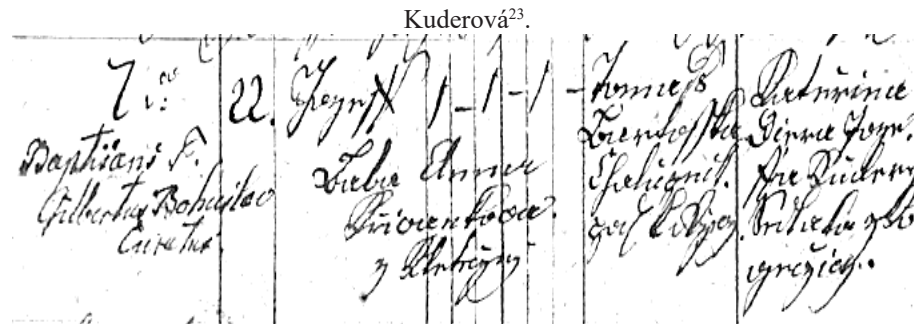
Tradução da Figura 4: Casamento entre o viúvo Tomas Bartoska de profissão camponês, com 45 anos, residente em Kletečná número 22 e Katerina filha de Jozef Kuderá da cidade de Kojčice com 25 anos. O casamento ocorreu no dia 22 de fevereiro de 1802 na cidade de Kojčice.

Em seu terceiro casamento registrado na cidade de Kojčice nota-se que o sobrenome de TOMAS era BARTOSKA, assim como nos anteriores. Destaca-se que novamente é citado o número da residência do noivo que era a propriedade de número 22 na cidade de Kletečná.

²² Casamento de Tomas Bartoska e Katerina Kuderová, paróquia Chvojnov, distrito de Pelhřimov, Livro 11 (1784-1811), Imagem 8, pág 5. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.cesearchivy.cz/4208/8>. Acesso em 17-FEV-2023.

No ano de 1805 nasceu em Kletečná um filho do casal que foi batizado com o nome JOZEF conforme destaca a figura 5.

Figura 5: Batismo de Jozef Bartoska, filho de Tomas Bartoska e Katerina



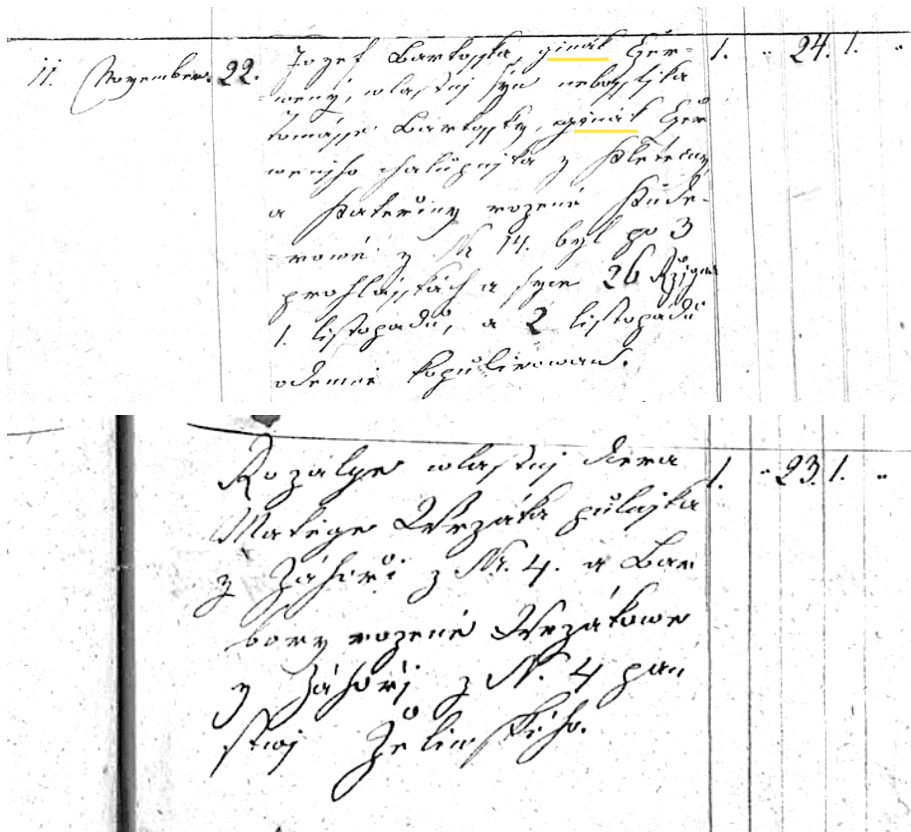
Tradução da Figura 5: Batismo de Jozef. Pai: Tomas Bartoska de profissão camponês, residente em Kletečná. Mãe: Katerina filha de Jozef Kuderá da cidade de Kojčice. O batizado ocorreu no dia 07 de fevereiro de 1805 na cidade de Kletečná e a família residia na propriedade de número 22.

Percebemos que TOMAS ao batizar seu filho JOZEF foi registrado com o sobrenome BARTOSKA e que a família residia na propriedade de número 22 em Kletečná.

JOZEF BARTOSKA cresceu e se casou conforme destaca a figura 6.

²³ Batismo de Jozef Bartoska, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 3 (1778-1813), Imagem 147. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5659/147>. Acesso em 17-FEV-2023.

Figura 6: Casamento de Josef Bartoska “jinak” Cervený com Rosalia Vrzaková com destaque para o termo “jinak”²⁴.



Tradução da Figura 6: Casamento realizado em Záhoví, no dia 11 de novembro de 1834. Residência do noivo era a de número 22 em Kletečná. Noivo: Jozef Bartoska “conhecido como” Cervený com 24 anos, filho legítimo do falecido Tomas Bartoska “conhecido como” Cervený, camponês que residia em Kletečná e de Katerina nascida Kuderová da cidade de Kojčice.

Os proclamas do casamento foram anunciados nos dias 26 de outubro e 1 e 2 de novembro.

Noiva: Rosalia com 23 anos filha de Matej Vrzak, camponês da cidade de Záhoví,

²⁴ Casamento de Jozef Bartoska “jinak” Cervený com Rosalia Vrzaková, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 7 (1778-1850), Imagem 74. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5663/74>. Acesso em 17-FEV-2023.

residência número 4 e de Barbora nascida Vrzaková da cidade de Záhoří, residência número 4.

Vemos que JOZEF teve seu sobrenome registrado em seu casamento como BARTOSKA “JINAK” CERVENY, e seu pai foi declarado como TOMAS BARTOSKA “JINAK” CERVENY. A residência da família continua sendo a propriedade de número 22 em Kletečná.

Tanto pai quanto filho possuem agora dois sobrenomes com o termo “jinak” entre ambos.

O sobrenome Cervený originalmente destacava um grupo de pessoas pela característica física. Eram indivíduos que possuíam cabelos vermelhos ou pele avermelhada, pois essa palavra pode ser traduzida como vermelho.²⁵

O termo “jinak” pode ser traduzido para o idioma inglês como “else / or”, para o português como “senão / ou” e que pode também ser definido pelo termo “conhecido como”. O termo “jinak” era utilizado em ocasiões especiais. Destacase que esse termo podia ser aplicado em casos de casamento entre um homem e uma mulher viúva, onde o novo marido passava a ser conhecido pelo sobrenome do falecido marido. Esse termo também era comumente utilizado quando ocorria a aquisição de propriedades por um novo dono, onde este passava a ser conhecido pelo sobrenome do dono anterior.²⁶

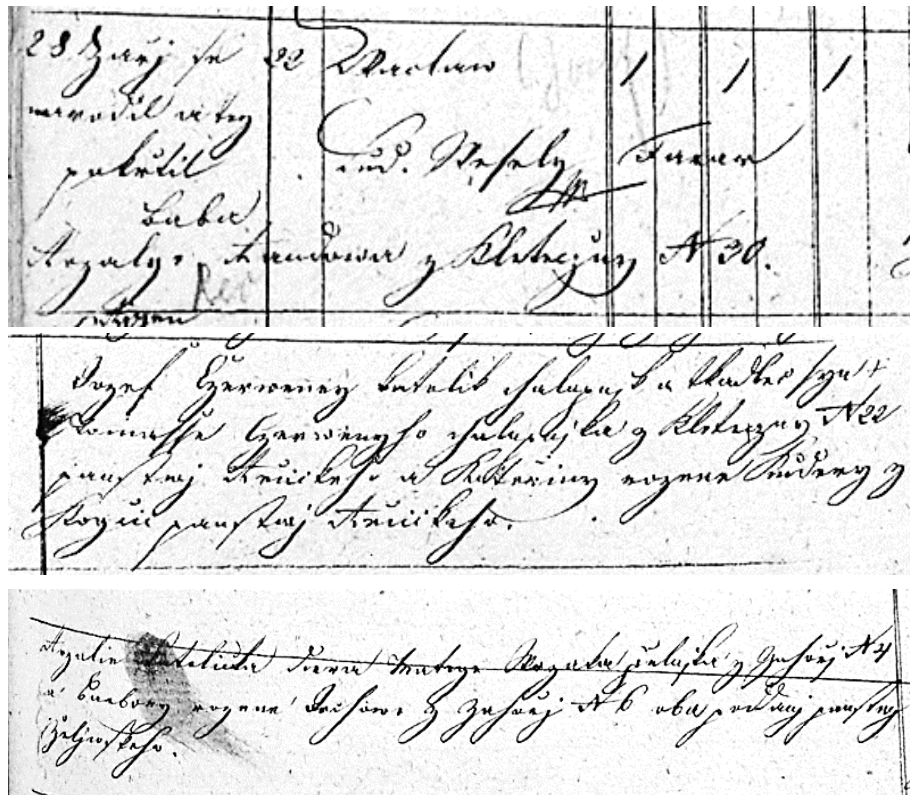
Sendo assim JOZEF e seu pai TOMAS eram BARTOSKA de nascimento, porém também eram conhecidos como CERVENY.

No 1835 o casal JOZEF BARTOSKA “jinak” CERVENY e ROSALIE VRZAKOVÁ teve seu primeiro que recebeu o nome de VACLAV, que é meu tetravô. O batismo de VACLAV é demonstrado na figura 7.

²⁵ *Surname Cervený*. Forebears. Disponível em: <https://forebears.io/surnames/cervený>. Acesso em 25-MAIO-2023.

²⁶ LEDNICKÁ, Blanka. *Surnames “After the Roof”*. Czech Genealogy for Beginners. Disponível em: http://czechgenealogy.nase-koreny.cz/2012/11/surnames-after-roof.html?fbclid=IwAR19xUeJHeDrjthjhGrBC6s-_4tp71Rkk0pQN7-ZYCIK3jBrdZ8BefE4gGs#more. Acesso em 17-FEV-2023.

Figura 7: Batismo de Vaclav Cerveny, filho de Jozef Cerveny e Rosalia Vrzaková²⁷.



Tradução da Figura 7: Batismo de Vaclav, realizado em Kletečná no dia 28 de setembro de 1835. A residência da família era a de número 22. Pai: Jozef Cerveny, católico, de profissão camponês, filho do falecido Tomas Cerveny, camponês que residia em Kletečná número 22 e de Katerina nascida Kudera da cidade de Kojčice.

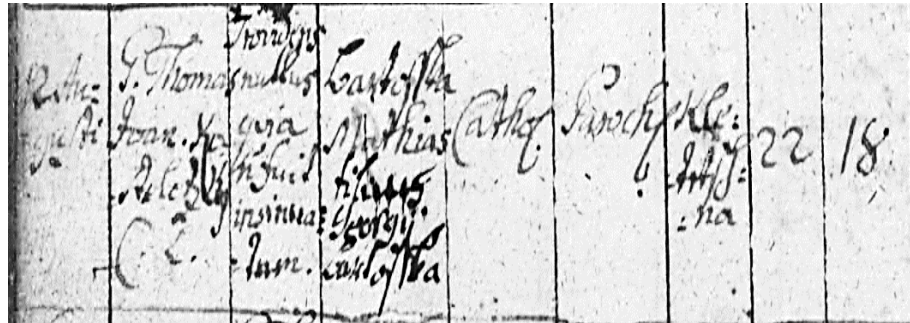
Mãe: Rosalia, católica, filha de Matej Vrzak, camponês da cidade de Záhoří, residência número 4 e de Barbora nascida Jech da cidade de Záhoří, residência número 6.

²⁷ Batismo de Vaclav Cerveny, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 4 (1814-1850), Imagem 121. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5660/121>. Acesso em 17-FEV-2023.

Por meio da figura 7 foi possível verificar que o termo “jinak” não está mais presente e que se optou pelo uso do sobrenome CERVENY.

Fato importante de se destacar é sobre os registros da propriedade de número 22 em Kletečná. O primeiro registro localizado onde é citado a propriedade de número 22 trata-se do óbito de MATEJ BARTOSKA, irmão de TOMAS BARTOSKA ocorrido em 12-AGO-1771 e retratado na figura 8.

Figura 8: Óbito de Matej Bartoska, irmão de Tomas Bartoska²⁸.



Tradução da Figura 8: Óbito de Matej Bartoska, filho de Jirik Bartoska. O falecido tinha 18 anos e residia na propriedade de número 22. O registro de óbito foi realizado dia 12 de agosto de 1771 na cidade de Kletečná.

Outro fato importante que deve ser destacado é que no ano de 1792 já havia pessoas registradas com o sobrenome CERVENY residindo em Kletečná número 22. O fato é retratado na figura 9.

²⁸ Óbito de Matej Bartoska, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 2 (1735-1777), Imagem 227. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5658/227>. Acesso em 17-FEV-2023.

Figura 9: Registro de indivíduos com sobrenome Cerveny residindo na propriedade número 22 em Kletečná²⁹.

28. Jan. 1792.		
Měsíc Leden.	Pro	Gimena
Pro 12 dní Leden	22	Matej křtěna Anna Kameniková.
Václav Cerveny		
Magdalena Kameniková		

Tradução da Figura 9: Batismo de Matej realizado em Kletečná no dia 12 de janeiro de 1792. Pai: Vaclav Cerveny. Mãe: Magdalena Kameniková.

Com base nesse registro é possível constatar que havia pelo menos um grupo da família BARTOSKA e pelo menos um grupo da família CERVENY habitando no mesmo período a propriedade de número 22 em Kletečná.

²⁹ Batismo de Matej Cerveny, paróquia Mladé Bříště, distrito de Pelhřimov, Livro 3 (1778-1813), Imagem 131. State Regional Archives Trebon (Digiarchiv). Disponível em <https://digi.ceskearchivy.cz/5659/131>. Acesso em 17-FEV-2023.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado no texto percebe-se que sobrenome BARTOSKA é uma variação de BARTOS que deriva do nome próprio Bartoloměj enquanto o sobrenome CERVENY originalmente destacava um grupo de pessoas pela característica física de possuírem pele ou cabelo avermelhado.

Todos os nascidos após VACLAV passaram a ser chamados pelo sobrenome CERVENY, deixando de usar o sobrenome originalmente pertencente a sua família.

Foi possível constatar pelos registros de nascimento, casamento e óbito que havia uma coabitação de pessoas de sobrenome Bartoska e Cervený na propriedade de número 22 em Kletečná, fato este que pode ter feito com que as pessoas ali residentes fossem chamadas corriqueiramente por um mesmo sobrenome.

Mediante a pesquisa genealógica realizada foi possível constatar que houve uma alteração no sobrenome familiar de um grupo de indivíduos que passaram a ser conhecidos por um sobrenome diferente daquele que os definia há gerações.

6. REFERÊNCIAS

DIGIARCHIV - Státní oblastní archiv v Treboni. Disponível em: <https://digi.ceskearchivy.cz/Uvod>. Acesso em 17 fev. 2023.

FAMILY SEARCH. De onde vem seu sobrenome. Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/blog/de-onde-vem-o-seu-sobrenome>. Acesso em 17 fev. 2023.

GUITARRARA, Paloma. República Tcheca (Chéquia). UOL: Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/república-tcheca.htm>. Acesso em 18-FEV-2023.

FOREBEARS. Cervený. Disponível em: <https://forebears.io/surnames/cervený>. Acesso em 25 mai. 2023.

FRAŇKOVÁ, Ruth. New debate erupts over use of a suffix czech female surnames. Radio Prague International: 2019. Disponível em <https://>

english.radio.cz/new-debate-erupts-over-use-ova-suffix-czech-female-surnames-8120934. Acesso em 22-FEV-2023.

KYSILKA, Karel. **Czech Surnames**. Kysilka's Homepage. Disponível em: <https://zlimpkk.tripod.com/Genealogy/czechsurnames.html>. Acesso em 17-FEV-2023.

LEDNICKÁ, Blanka. **Surnames “After the Roof”**. Czech Genealogy for Beginners. Disponível em: http://czechgenealogy.nase-koreny.cz/2012/11/surnames-after-roof.html?fbclid=IwAR19xUeJHeDrjthjhGrBC6s-_4tp7lRkk0pQN7-ZYCIK3jBrdZ8BefE4gGs#more. Acesso em 17-FEV-2023.

A ESTRADA DO PICÚ E O NASCIMENTO DO ARRAIAL DO RIO VERDE

Paulo Paranhos

Resumo: *A importância da estrada do Picú para o desenvolvimento da região sul de Minas Gerais, com o surgimento de povoados, dentre os quais o Arraial do Rio Verde, formador do futuro município de Itanhandu.*

Abstract: *The importance of the Picú road for the development of Minas Gerais southern region with the village emergences, including Arraial do Rio Verde, which formed the future city of Itanhandu.*

Desde o descobrimento das águas minerais, por volta de 1814, até o final da década de 1880, o viajante que pretendia chegar ao sul das Minas Gerais tinha apenas uma opção: a estrada de terra, que trazia um grande desconforto, considerando não só a estreiteza do seu traçado bem como a dificuldade de se transportar em épocas de chuvas. Para tanto, deveria ir de trem até o atual distrito de Engenheiro Passos (antiga estação de Boa Vista - foto), ainda na província do Rio de Janeiro, e ali alugar cavalos ou uma carroça para subir a serra da Mantiqueira que, diga-se de passagem, no seu ponto mais elevado, alcança a altitude de 1.660m, na divisa do Rio de Janeiro com Minas Gerais.

O coronel Fulgêncio de Castro, pioneiro nos escritos sobre as águas minerais de Caxambu, em 1873 deu-nos um panorama do que se descortinava àquele que pretendia encetar a viagem a partir da estação central da Estrada de Ferro D. Pedro II no trem das 6 horas da manhã, chegando à da Boa Vista. Dali subiria a Serra da Mantiqueira, alcançaria o arraial de São José do Picú, atravessava Capivari, Pouso Alto, chegando a Caxambu, às 4 ou às 5 horas da tarde do dia seguinte.



A antiga estação de Boa Vista – atual Engenheiro Passos

(Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_ramalsp/engpassos.htm. Acesso em: 20 dez. 2022)

Fulgêncio de Castro, após fazer o traçado da viagem pela estrada de terra então existente, também mostra os seus conhecimentos geográficos, anotando para o viajante o que se lhe apresentaria em termos de topografia e faz um interessante comentário sobre a administração daquele caminho para as águas minerais do sul de Minas, senão vejamos:

A estrada desde a Boa Vista até o alto do Picú, não obstante a extensa e íngreme subida da Serra, presta fácil trânsito, mas do Registro do Picú em diante não estará muito longe da verdade quem afirmar que a cada passo nessa descida abrupta e de cerca de 2 léguas (13 quilômetros e 200 metros) encontra o viajante verdadeiros precipícios na estação das chuvas. Desde a povoação denominada João Pinto na raiz da Serra do Picú (território mineiro) a estrada geral, quase plana, atravessando apenas alguns morros de pequena elevação, oferece fácil, cômodo e até agradável trânsito na estação seca, mas na época das chuvas a falta quase total de pontes e pontilhões sobre numerosos ribeirões e córregos que atravessam, torna o trânsito muito difícil senão perigoso¹.

O mencionado Registro do Picú foi deslocado mais tarde para a divisa entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, no local denominado Garganta do Registro, onde por alguns anos existiu um posto fiscal.

¹ CASTRO, Fulgêncio de. *Guia para uma viagem às águas medicinais de Caxambu, província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Tip. Hipólito José Pinto, 1873, p. 11.



O Picú

(Fonte: Foto do autor)

A estrada do Picú foi sem dúvida o motivo do desenvolvimento do povoado de São José do Picú e durante cerca de sessenta anos foi o principal caminho por onde as riquezas do Sul de Minas, principalmente o fumo, eram escoadas para o Vale do Paraíba e para a cidade do Rio de Janeiro. No final do século XIX, porém, a estrada entrou em declínio, e seria de grande valia se por ali tivessem assentados os trilhos da estrada de ferro que, infelizmente, não chegou. Nos trinta anos seguintes, foi praticamente abandonada, voltando a ser, segundo relatos da época, pouco mais de um caminho de tropas que cortava a Garganta do Registro em direção ao Vale do Paraíba.

O trem que não chegou

Desta forma, a partir da década de 1880, a estrada de ferro seria uma alternativa mais viável, econômica e, por incrível que pareça – dada a precariedade das composições –, mais confortável para os viajantes que demandavam às estâncias hidrominerais do sul das Minas Gerais. Assim, ao invés de descer na estação de Boa Vista, o viajante seguiria até a estação de Cruzeiro, já dentro da província de São Paulo. Nesta última estação, fazia baldeação com a Estrada de Ferro Minas & Rio, que alcançaria o povoado de Soledade de Minas em 14 de junho de 1884.

Voltemos um pouco atrás, quando tudo começou, no ano de 1881, mais precisamente no dia 25 de outubro, ocasião em que a Lei provincial n.º 2.844

autorizava o governo de Minas Gerais a contratar com a Companhia Estrada de Ferro do Rio Verde² a abertura de um ramal para as águas de Caxambu, *com privilégio de cinquenta anos e subvenção quilométrica de nove contos de réis ou a garantia de juros de 7%, sobre o capital que fosse efetivamente empregado, não excedendo a mil contos o máximo, passando, ao final do prazo, ao domínio da província a estrada e seus acessórios*³. Alguns estudos foram realizados, e logo depois, em 1883, uma lei do governo de Minas Gerais determinou que o entroncamento da estrada de ferro de Caxambu fosse nas imediações da ponte de Soledade, e que *a garantia de juros a ela concedida não se tornaria efetiva caso não fosse dado cumprimento a essa lei*⁴. Mas tudo isso só estava no papel, não sendo realizadas as obras, mesmo porque o trem também não havia chegado ao povoado de Soledade, o que só aconteceu no ano seguinte, quando foi inaugurado o ramal da E.F. Minas & Rio, chegando até ali.

De princípio, foi pensada uma ligação de Boa Vista à região das águas minerais, passando pela Estrada do Picú, aproveitando-se o trajeto já existente em estrada de terra, conforme relato anteriormente anotado do Coronel Fulgêncio de Castro. Posteriormente, chegou-se a cogitar, como marco inicial, um caminho existente em Queluz, já no território paulista, que poderia ser mais vantajoso. No entanto, a escolha de Cruzeiro (foto a seguir) como ponto de partida foi controvertida, pois, como o próprio nome da linha indicava – Minas & Rio, a estrada de ferro deveria ligar a Província do Rio à de Minas Gerais, partindo da estação de Boa Vista, pertencentes à Estrada de Ferro D. Pedro II.

² Fazendo uma pequena digressão, para melhor compreensão da história ferroviária da região, verificamos que foi dada concessão do governo imperial, em 1875, a José Vieira Couto de Magalhães e ao Visconde de Mauá e em maio de 1876 foi aceito o projeto de entroncamento com a Estrada de Ferro D. Pedro II na altura de Cruzeiro, tendo a linha como término a estação de Três Corações, tendo esse ramal recebido a denominação de Estrada de Ferro Rio Verde. Contudo, logo passou a denominar-se E. F. Minas & Rio, inaugurada em 14 de junho de 1884, pela comitiva imperial. Sem dúvida, o trem seria um grande acontecimento, pois, antes desse evento, mesmo estando a estação de Soledade relativamente próxima ao povoado das Águas Virtuosas, as pessoas tinham que percorrer um longo caminho, em cavalos ou carroças que faziam a partir daquela estação, seguindo por uma estrada ruim que, quando chovia, praticamente impossibilitava o trânsito ou atrasava em muitas horas a sua chegada.

³ PARANHOS, Paulo. *Pelos caminhos de Caxambu*. São Lourenço: Novo Mundo, 2014, p. 228.

⁴ Idem.



Antiga estação da E.F. Minas & Rio, em Cruzeiro – SP

(Fonte: PARANHOS, Paulo. *Revista da ASBRAP*, n. 21, p. 931, 2014)

E essa controvérsia foi dirimida quando vieram à luz os estudos do professor Vasco de Castro Lima, que, em sua obra⁵, mostra que essa alteração do traçado para Cruzeiro foi obtida pela influência do Major Manoel de Freitas Novais, importante líder político da região e proprietário de vastas terras por onde, inclusive, passaria a ferrovia e que seria a gênese da cidade de Cruzeiro.

Em seu trabalho de 1934, comemorativo dos cinquenta anos da Estrada de Ferro Sul de Minas, Vasco Lima afirma que *a Minas & Rio seria uma das vias férreas de mais intenso tráfego do país se a política não lhe houvesse perturbado a diretriz*⁶. Essa linha tinha o objetivo de ligar a Corte ao vasto sertão do Triângulo Mineiro, porém, em seu avanço desagradou aos interesses regionais das principais influências políticas do Sul de Minas, que impediram seu desenvolvimento.

A mudança no traçado da Minas & Rio tinha uma dupla justificativa: como dito anteriormente, a influência do major Manoel de Freitas Novais, residente em uma fazenda na região do atual município de Cruzeiro, cuja amizade com D. Pedro II era de compadrio, conforme assinalado pelo mesmo Vasco de Lima. Assim como ocorria para a concessão da linha e das garantias de juros, o traçado também foi, ao menos em parte, determinado pelos antigos esquemas de relações

⁵ LIMA, Vasco de Castro. *A Estrada de Ferro Sul de Minas*. 1884-1932. São Paulo: Copas, 1934, p. 29,

⁶ Idem.

peçoais e interesses políticos.

A outra justificativa é de que a linha passaria por localidades como Passa Quatro, Capivari, Pouso Alto, Soledade, com ponto terminal em Três Corações. A grande maioria era de localidades que estavam voltadas basicamente para a produção de gêneros de abastecimento interno para o Rio de Janeiro, pois, de acordo com os dados da época, o sul de Minas era, na ocasião, o celeiro do Rio de Janeiro. Ainda que partisse da província de São Paulo, a função de se ligar à Corte para manter e reforçar o sentido dos fluxos comerciais foi, ao menos em grande parte, satisfeito.

E, avaliando-se essas duas linhas de ação – política e econômica – os trilhos da Estrada de Ferro Minas & Rio, posteriormente Rede Sul Mineira, não passaram pelo povoado de São José do Picú, o que seria mais lógico, haja vista a existência ali de um traçado de terra desde meados do século XVIII. Em 1884 a ferrovia foi inaugurada com a presença do imperador D. Pedro II e outros membros da família Real do Brasil.

Novos tempos se iniciaram, com a mudança do eixo de desenvolvimento da antiga estrada do Picú, pela qual os viajantes alcançavam as estâncias hidrominerais, para o entorno da linha férrea recém-implantada. Por essa principal motivação, conferimos que uma boa parte dos comerciantes e dos diversos profissionais que desenvolviam suas atividades em São José do Picú mudaram-se para as margens da ferrovia, fazendo florescer locais como a estação do Capivari, na Barra do Rio Verde, que veio a se tornar, alguns anos mais tarde, a cidade de Itanhandu.

Nasce o Arraial do Rio Verde

Para falarmos do nascimento do Arraial do Rio Verde, anotamos que nos estertores do século XIX o mesmo foi fortemente influenciado pela passagem da ferrovia “Minas & Rio Railway”, com a colocação de uma estação chamada de “Estação do Capivari” junto à barra, onde o rio Passa Quatro desagua no rio Verde, no local onde se desenvolveu a atual cidade de Itanhandu. O magistrado e historiador Heitor Antunes de Souza, através de sua magnífica obra, *Esboço Histórico dos Municípios de Itanhandu e Itamonte*, permitiu-nos descrever o surgimento do arraial do Rio Verde. Mostra com detalhes o rápido crescimento do Arraial do Rio Verde, e de como a ferrovia mudou o eixo do desenvolvimento, levando a um verdadeiro abandono a estrada do Picú, com reflexos imediatos na freguesia, principalmente no arraial de São José do Picú, que foi gradativamente perdendo a sua importância comercial a partir do ano de 1884, quando se iniciou a operação da ferrovia.

As raízes históricas da região da Barra do Rio Verde se confundem com as de Santana do Capivari, cuja freguesia abrangia esse território e onde passava o Caminho Velho de Minas, cuja primeira picada, passando pela garganta do Embaú, foi demarcada por volta do ano de 1701.

Nesses primeiros anos do Caminho Velho, após a estalagem do rio Verde, somente em três ou quatro dias de viagem se encontraria um outro local de apoio para os viajantes. Tratava-se da Boa Vista, situada próxima às bases do Morro do Caxambu, que domina toda a paisagem, considerado um importante marco para os primeiros bandeirantes.

Importante ponto de troca de animais de tração e posto de fiscalização, o Registro do Capivari embora tenha sido criado logo no início do século, mesmo estando situado às margens do Caminho Velho e a pouca distância da estalagem do rio Verde. O mais provável é que nessa época o Caminho Velho ainda era praticamente uma picada e não tinha assumido a importância econômica que viria a ter nos anos seguintes, até entrar em declínio, com a abertura do Caminho Novo, que encurtava bastante o percurso do Rio de Janeiro até a região das minas.

No ano de 1770 o Registro do Capivari é transferido para as imediações da Garganta do Embaú, passando a ser conhecido como Registro da Mantiqueira. Nesse trecho do Caminho Velho, já no ano de 1825, segundo o naturalista Auguste de Saint-Hilaire, não havia povoado digno de menção⁷. A estalagem do rio Verde, muito provavelmente estava localizada onde, em meados do século XVIII, teve início a Fazenda Rio Verde, com a chegada do português Antônio Mendes e sua mulher. A fazenda tinha sua sede onde hoje se localiza a praça principal da cidade de Itanhandu, nas proximidades do rio e às margens do Caminho Velho.

Com o passar do tempo a Fazenda Rio Verde foi dividida e parte dela chegou às mãos da família Caetano, que fundou a Fazenda da Barra, cuja sede estaria localizada também às margens do Caminho Velho, em uma elevação situada a poucos metros do atual hospital da cidade, de onde se podia avistar o encontro dos rios Verde e Passa Quatro.

No limiar do século XIX, a cerca de dois quilômetros do rio Verde, seguindo a estrada no sentido do Capivari, existia uma outra fazenda de propriedade e residência de Custódio Ribeiro Pereira Guimarães, que mais tarde veio a ser conhecido como o “Velho da Chapada”.

A filha caçula do primeiro dono da Fazenda do Rio Verde, de nome Isabel Mendes, da herança paterna que recebeu reservou uma área de 11,5 hectares, denominada de “Quintal”, que deveria incluir a própria sede da fazenda. Com sua morte, deixou essa área para um escravo alforriado, chamado de João Forro,

⁷ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*. São Paulo: Editora Nacional, 1932, p. 122. (Brasiliana, v.5).

que, posteriormente, vendeu-a aos Caetanos, os quais já eram proprietários da Fazenda da Barra.

Essa área de terras, que Isabel Mendes havia partilhado e dividido em glebas muitos anos antes, acabou sendo o exato local onde se construiu a estação da estrada de ferro e se edificou o que é hoje a parte central da cidade de Itanhandu.

Os descendentes dos Caetanos venderam as terras do “Quintal”, parte delas para que a ferrovia “Minas & Rio Railway” construísse a estação da Barra do Capivari, e o restante dos lotes de variados tamanhos em que foi dividida.

A construção da ferrovia chega à região com a colocação dos primeiros trilhos, no ano de 1882, e é inaugurada com a presença do Imperador D. Pedro II, em 14 de junho de 1884, conforme já anotado.

Ao redor da Estação do Capivari começa a nascer o Arraial do Rio Verde. O ano de 1889 marca efetivamente o início do arraial, com a construção de uma pequena capela e uma escola. Em 1897 o Arraial do Rio Verde contava com cerca de 20 casas, uma população de 140 pessoas e uma escola rural estadual, sendo o beneficiamento e comércio do fumo em corda a principal fonte de riqueza, que era beneficiada e exportada para a capital e região.

O arraial se desenvolve e passa a ter importância na política regional. Mesmo ainda pertencendo ao distrito de Capivari, no ano de 1893, elege como vereador, para a Câmara de Pouso Alto, Dario Augusto Guedes, que, com o apoio dos distritos de Virgínia e São José do Picú, tornou-se seu presidente no ano de 1897, respondendo pela administração de todo o município. Já no ano de 1903 o Arraial do Rio Verde contava com 40 casas e uma segunda capela, maior, que substituiu a primitiva.

No dia 15 de julho de 1904, a Câmara de Pouso Alto aprovou a alteração do nome da estação da ferrovia Minas & Rio Railway de Capivari para Itanhandu, nome esse inspirado na tradição indígena que denominava um ribeirão que cortava a cidade. Também o povoado do Rio Verde passou a ser chamado de Itanhandu, embora outros nomes tenham sido lembrados, como: Imbiri, Novo Horizonte, Nova Aurora, Estrela do Sul.

O vocábulo Itanhandu, de origem na raiz tupi, segundo conclusão do próprio Dr. Heitor Antunes de Souza⁸, após profunda pesquisa sobre o tema, pode ser traduzido como “Pedra da Ema”. Ita era como os indígenas se referiam à pedra e Nhandu era o nome que se dava para a ema, compreendendo os antigos habitantes que nhambu e ema eram palavras sinônimas.

Nos anos de 1903, 1907 e 1908, a Câmara Municipal de Pouso Alto toma

⁸ SOUZA, Heitor Antunes de. *Esboço Histórico dos Municípios de Itanhandu e Itamonte*. Snt, 1950, p. 79.

iniciativas no sentido da criação do distrito de Itanhandu, fato que vem a ocorrer no ano de 1911, quando a Lei estadual nº 556, de 30 de agosto daquele ano, criou o distrito de Itanhandu, desmembrando-o de Capivari. Assim, na divisão administrativa referente ao ano de 1911, temos que o município de Pouso Alto era constituído dos distritos de Itanhandu, Capivari e São José do Picú⁹.

Durante o período em que esteve como distrito de Pouso Alto, Itanhandu elegeu vereadores para a Câmara Municipal, e nesse mesmo período, com o apoio dos distritos de Capivari e São José do Picú, Itanhandu comandou a política e administração do município, demonstrando não apenas sua crescente importância econômica, como também o fato de que a própria sede do município, no caso o distrito de Pouso Alto, por total falta de unidade política, não conseguia se impor, colocando o governo municipal sob responsabilidade de um de seus vereadores.

O município de Itanhandu foi criado pela Lei Estadual nº 843, de 7 de setembro de 1923, e seu território foi constituído dos distritos de Itanhandu (sede) e São José do Picú, desmembrados do território de Pouso Alto, além do distrito de Alagoa, desmembrado do território de Aiuruoca. Até a sua emancipação, sempre mantendo a liderança política e administrativa do município, na pessoa de Delfim Pereira Pinho, que, com alianças com os demais distritos de Capivari e São José do Picú, controlava a política no território.

Na obra *Do Itapecú a Itamonte, histórias e memória*, de autoria de Paulo Paranhos e Alexandre Augusto Moreira Santos, podemos verificar que a emancipação trouxe novo ânimo para que um número cada vez maior de pessoas, principalmente comerciantes, procurasse se estabelecer no novo município¹⁰. Ocorreram em seguida as eleições para a primeira Câmara Municipal, sendo eleitos pelo distrito sede o Dr. Olavo Gomes Pinto, que a presidiu, e os vereadores Delfim Pereira Pinho e Dario Augusto Guedes. Para representantes do distrito de São José do Picú foram eleitos Manuel Augusto Pinto, José Bernardes de Oliveira Costa e Lucas da Silva. Para representantes do distrito de Alagoa foram eleitos Aarão Mendes Pinto e Antônio Afonso Chaves.

Durante os sete primeiros anos Itanhandu foi administrada pela Câmara de Vereadores, através de seu presidente. Somente após a vitória da Revolução de 1930 é que foi adotado um novo modelo administrativo, com a eleição de um chefe do executivo, independente da Câmara de Vereadores.

Assim, o primeiro prefeito eleito foi Fernando da Silva Costa, que faleceu durante seu mandato, sendo substituído por Pedro Cunha que completou o

⁹ PARANHOS, Paulo. *Terras Altas da Mantiqueira: caminho do ouro das Minas Gerais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Letras & Versos, 2015, p. 113.

¹⁰ PARANHOS, Paulo; SANTOS, Alexandre Augusto Moreira. *Do Itapecú a Itamonte: histórias e memória*. Itanhandu, 2023, p. 251.

período de governo.

No ano de 1938, o distrito de São José do Itamonte, juntamente com o distrito de Alagoa, emancipou-se, formando um novo município, com o distrito sede de Itamonte e o distrito de Alagoa.

No ano de 1939 Itanhandu se tornou sede de comarca, que também incluía o agora município de Itamonte, recentemente emancipado, com o distrito de Alagoa.

Segundo anotado por Pedro Cunha Neto, mesmo perdendo parte do seu território, *Itanhandu continuou com o seu forte processo de desenvolvimento, tendo por base o grande movimento comercial, contando com a contribuição dos municípios vizinhos, que permaneceram dependentes do transporte ferroviário por ainda alguns anos*¹¹.

Esse processo começou a mudar quando uma nova rodovia passou a ser construída, ligando a estrada Rio-São Paulo, desde a cidade de Areias até à estância hidromineral de Caxambu, passando por Itamonte, Santana do Capivari e Pouso Alto.

Uma nova fase de desenvolvimento então se estabeleceu para essas localidades, porém Itanhandu, mesmo fora do eixo da rodovia, não deixou de ter a grande importância que tem no cenário econômico e turístico do sul das Minas Gerais.

Referências

CASTRO, Fulgêncio de. *Guia para uma viagem às águas medicinais de Caxambu, Província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Tip. Hipólito José Pinto, 1873.

CUNHANETO, Pedro. *Itanhandu era assim*. Itanhandu: Ed. do Autor, 2020.

LIMA, Vasco de Castro. *A Estrada de Ferro Sul de Minas*. 1884-1932. São Paulo: Copas, 1934.

PARANHOS, Paulo. *Pelos caminhos de Caxambu*. São Lourenço: Novo Mundo, 2014.

PARANHOS, Paulo. Ruim, mas vai. *Revista da ASBRAP*, São Paulo, v. 21, p. 923-938, 2014.

¹¹ CUNHANETO, Pedro. *Itanhandu era assim*. Itanhandu: Ed. do Autor, 2020, p. 76.

PARANHOS, Paulo. *Terras Altas da Mantiqueira, caminho do ouro das Minas Gerais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Letras & Versos, 2015.

PARANHOS, Paulo; SANTOS, Alexandre Augusto Moreira. *Do Itapejú a Itamonte: histórias e memória*. Itanhandu, 2023.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*. São Paulo: Editora Nacional, 1932. (Brasiliana, v. 5).

SOUZA, Heitor Antunes de. *Esboço histórico dos municípios de Itanhandu e Itamonte*. Itanhandu: Ed. do Autor, 1950.

A CIDADE DE CUNHA NO MAPA DA REVOLTA DE 1924
A CONFIRMAÇÃO DE UM CONTO POPULAR

Décio Ferraz da Silva Júnior

Resumo: *A Revolta de 1924. Militares em luta pelo poder. O bombardeio da cidade de São Paulo. O uso de aviões no palco de guerra. O plano de assassinato do Presidente da República. A queda da aeronave na cidade de Cunha.*

Abstract: *The Revolt of 1924. Soldiers struggling for power. The São Paulo bombing. The use of airplanes in the war scene. The plan for assassinating the President. The aircraft crash in the city of Cunha.*

Em 5 de Julho de 1924 explodia em São Paulo o movimento armado contra o governo do Presidente Artur Bernardes, que decretara naquele mesmo ano intervenção federal nos estados e municípios, concentrando ainda mais poderes nas mãos do governo central, o que vinha ocorrendo desde sua posse em 1922, nas sucessivas prorrogações do estado sítio.

Pensada anos antes, a revolta teve como ponto de partida as ações perpetradas pelos oficiais do exército instalados na capital da república que culminaram no levante do Forte de Copacabana, evento que resultou na morte de dezesseis revoltosos e dois oficiais sobreviventes feridos, que anos mais tarde se tornariam importantes personagens no palco das ações militares na cidade de São Paulo.

No raiar do fatídico ano, o General Isidoro Dias Lopes, apoiado por Nilo Peçanha, candidato derrotado na campanha de 1921, retoma as articulações com os demais oficiais descontentes, opondo-se às ações do General Setembrino de Carvalho, então nomeado, em novembro de 1922, Ministro da Guerra pelo presidente empossado Artur Bernardes, com a dupla missão de apaziguar os ânimos entre os militares, depois dos eventos de julho, e pôr fim às hostilidades entre os correligionários de Borges de Medeiros e de Assis Brasil, ainda latentes após as eleições no Rio Grande do Sul.

Mas essas vitórias políticas de Artur Bernardes e a suspensão do estado de sítio em dezembro de 1923 não foram suficientes para mudar os rumos dos

acontecimentos. A revolta estava a caminho e seus artífices conspirando em diversos pontos do território. O Tenente Joaquim Távora, por exemplo, então vivendo na clandestinidade, se junta ao General Isidoro Dias Lopes a fim de conjugar esforços para as próximas ações. Já instalado na capital paulista¹, forma grupo de oficiais revoltosos do Exército, entre eles o irmão Juarez Távora, o Capitão Newton Estillac Leal e João Francisco Pereira de Souza², para o planejamento da tomada dos principais pontos estratégicos, angariando para isso a participação do Comandante do Regimento de Cavalaria da Força Pública Paulista, o Major Miguel Costa, que depois formaria a Coluna Miguel Costa-Prestes. Além deles, participa o futuro aviador, então oficial de artilharia, Tenente Eduardo Gomes, o segundo sobrevivente do evento de 1922, aquele que executará, antes do fim da revolta, a missão fracassada de pôr fim ao governo de Artur Bernardes.

Plano elaborado e data prorrogada por diversas vezes, antes mesmo do galo cantar na madrugada do dia escolhido, a revolta é deflagrada com a tomada do primeiro baluarte governista na zona norte de São Paulo, seguido do Regimento de Cavalaria da Força Pública, em uma ação comandada por Miguel Costa. Minuto a minuto as ações se sucedem, mas a falta de comunicação eficiente dos revoltosos permite a contraofensiva legalista na mesma velocidade e vários postos são retomados, alguns sem um tiro sequer. A cidade torna-se, então, praça de guerra e os confrontos se desenrolam, alternando-se vitórias e derrotas até o dia 10 de julho, quando novas tropas legalistas chegam à São Paulo.

A partir de então a cidade passa a viver seu momento mais trágico em toda a sua história. Artur Bernardes não pretendia negociar. Muito pelo contrário, sua convicção era de que os revoltosos tinham a inteligência dos oficiais do exército, a disciplina e armamento da Força Pública Paulista, verdadeira milícia paramilitar que em certa medida rivalizava com o poder do próprio exército nacional. A luta corpo a corpo pelas ruas da cidade seria demorada e desgastante demais para as pretensões do governo. Assim, apoiado por seu Ministro da Guerra, o algoz toma a decisão de bombardear fortemente a cidade, com apoio da aviação militar. São Paulo experimenta aquilo que se convencionou chamar na época, usando o jargão militar, de “bombardeio terrificante”, que tinha como estratégia massacrar a população civil a ponto de impedir qualquer apoio aos revoltosos e, ao mesmo tempo, fustigar a consciência dos líderes sobre os danos colaterais sofridos pelo povo em decorrência das suas próprias decisões no palco de guerra. E assim foi feito.

Contando com a posição estratégica da estação final da Estrada de Ferro Central do Brasil no bairro da Mooca, o exército legalista, abastecido pelos

¹ Joaquim Távora falecerá antes do fim de junho na contraofensiva para retomar o 5º Batalhão no bairro da Vila Mariana, entre as ruas do Paraíso e Maestro Cardim.

² Miguel Costa, In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Costa.

armamentos trazidos do Rio de Janeiro e comandado pelo General Eduardo Sócrates, posicionou seus canhões no alto da Penha e Vila Matilde em direção aos bairros mais pobres da cidade: Cambuci, Aclimação, Brás e Mooca, bombardeando indiscriminadamente fábricas, pontos comerciais e residências. A cada imóvel destruído mortos e feridos se multiplicavam por toda parte e não demorou muito para o sistema de abastecimento colapsar. Fome e frio passaram a fazer parte do dia a dia da classe operária, enquanto os moradores mais abastados abandonavam a cidade para o interior do estado.

Em igual passo, na frente sul, as tropas desembarcadas no Porto de Santos avançam conquistando posições importantes no Paraíso e Vila Mariana, que também entram na mira da artilharia dos canhões de longa distância. No dia 14 os legalistas tomam o 5.º Batalhão da Força Pública no bairro do Paraíso obrigando os revoltosos a executarem uma nova ação para retomar a posição no dia seguinte, o que surtiu o efeito desejado, mas a um preço alto demais para o estado de espírito dos líderes revoltosos: a perda do Tenente Joaquim Távora, provavelmente o mais destemido e aguerrido combatente entre eles, alvejado na esquina das ruas Paraíso e Maestro Cardim, que para Moacir Assunção “*teria sido consequência de uma traição dos militares legalistas, que simularam uma rendição para abatê-lo*”³.

Tudo seguia de mal a pior. A linha defensiva da Mooca e do Ipiranga tinha sido rompida pela infantaria legalista com o apoio dos bombardeios terrestres e aéreos, e a Igreja do Cambuci retomada pelos legalistas. As barricadas no centro da cidade se viam na péssima situação de enfrentar o inimigo mais reforçado por novos contingentes. Naquele momento as lideranças dos revoltosos já preparavam a retirada, pois as sucessivas tentativas de acordo e armistício não evoluíam. Só restava então ações extremadas e duas delas foram postas efetivamente em ação. Uma, por via terrestre, visava as posições do alto comando das forças governistas na zona leste da cidade ao utilizar a linha férrea Sorocabana, que ainda estava sob o controle dos revoltosos, para explodir na Penha um trem carregado com dinamite; a outra, de tão arrojada, poria fim à revolta ao pretender explodir uma bomba no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, matando o Presidente Artur Bernardes, forçando as lideranças militares legalistas ao armistício até então rechaçado, diante das enormes vantagens numéricas de suas posições na cidade de São Paulo.

Mas nada deu certo. A primeira ação fracassara pela intervenção do operador de linha, Aquilino Vidal, fazendo tombar e explodir a composição nas imediações da Quarta Parada, longe das zonas residenciais. A segunda é aquela que contou com a participação do militar revoltoso já bastante conhecido pelo governo e que pôs a cidade de Cunha no mapa da revolta e fez surgir na localidade

³ Assunção, Moacir. São Paulo deve ser destruída – 1ª ed. – Rio de Janeiro. Record, 2015.

o mito do avião que caiu do céu⁴.

Não por acaso, talvez por sentir o impacto da morte de Joaquim Távora e as dificuldades crescentes, o Tenente Eduardo Gomes forma a partir do dia 14 de julho grupo de sete revoltosos preparados para realizar operações aéreas no palco de guerra, concentradas nas atividades de reconhecimento das posições das tropas legalistas em São Paulo, Santos e Sorocaba, e nas ações de distribuição de panfletos e boletins revolucionários.

Formado com a participação de membros da sociedade paulista: militares, civis, e estrangeiros que lutaram na primeira guerra mundial, destacava-se entre eles o tenente da força pública, Antônio Reynaldo Gonçalves⁵, que atuou fortemente para angariar aeronaves e equipamentos que possibilitaram a realização das operações planejadas, quase sempre acompanhado da aviadora civil, Anésia Pinheiro Machado⁶, importante personagem na tomada da aeronave de Thereza de Marzo⁷, aquela mesma equipada com peças sobressalentes, mas que caiu em Cunha antes de completar a missão. Fritz Roesler, aviador alemão, que a exemplo de Carlos Herdler⁸, atuava mediante pagamento. Os pilotos italianos Lúcio Gordines, vulgo Giordano, o primeiro a se retirar das operações por ter capotado uma aeronave no Campo de Marte, e Alberto Comelli.

Nada mais a perder, Eduardo Gomes convoca o piloto alemão Carlos Herdler para a missão derradeira de voar com a aeronave Curtis Oriole até a capital federal, repetindo a façanha de Anésia Pinheiro Machado de 5 de setembro de 1922. Partem na manhã de inverno de 24 de julho, quando nos altiplanos da serra de Cunha o frio e a geada grassavam e a vida cotidiana seguia sem grandes novidades. Assim estava aquela manhã no bairro da Catioca. A vida sendo a vida.

⁴ Os detalhes dessa ação são detalhados no processo criminal 1009/1927, da 1ª Vara da Justiça Federal de São Paulo, encabeçada pelo General Isidoro Dias Lopes. Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP. In: http://atom.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/r/sao-paulo-estado-arquivo-publico-do-estado-de-sao-paulo-apesp/1/0/b/10b60a2b0c21c944de51577f39f4921ae587dadd481c37a18d372ad909ba3fda/BR_SPAPESP_TRIBJUSP_PREV1924_V021.pdf

⁵ Antônio Reynaldo Gonçalves, solteiro, 32 anos, filho de Manoel Gonçalves e Maria Gonçalves.

⁶ Anésia Pinheiro Machado, solteira, 20 anos, filha de Gustavo Gomes Pinheiro Machado e Aurélia Cândida Vasconcelos Pinheiro Machado. Segunda piloto brasileira, aluna de Fritz Roesler - vide https://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A9sia_Pinheiro_Machado

⁷ Thereza de Marzo, solteira, 21 anos, filha de Alfonso Di Marzo e Maria Liparulo. Primeira piloto brasileira, casada com seu instrutor Fritz Roesler – vide https://pt.wikipedia.org/wiki/Teresa_Di_Marzo

⁸ Karl Herdler, casado, 40 anos, natural de Prossnitz, Morávia, atual República Checa, filho de Felipe Herdler, residente em São Bernardo do Campo.

Um dia como outro qualquer, exceto por um detalhe: o barulho estranho que ecoava de longe, que a cada minuto se ouvia mais. Era evidente que algo estava por acontecer. Foi assim que Benedito Martins de Souza⁹, vulgo Benedito Felix, presenciou de perto o fato, pois encontrava-se trabalhando, a mando do patrão, em sua lavoura na várzea da Catioca, local onde tudo se deu, conforme seu relato às autoridades locais: “*ouviu o ronco do motor e viu o aeroplano fazer uma espécie de redemoinho vindo abaixo*”.

Enquanto isso, Júlio Pacetti¹⁰, o patrão, encontrando-se em sua fazenda, sentado à porta de casa, na primeira pausa do dia, viu chegar seu funcionário afirmando que lá na várzea da Catioca havia caído um aeroplano. Mesmo adoentado, como alegou mais tarde, tomou seu cavalo e, na companhia do funcionário, foi investigar o ocorrido. Porém, mesmo antes de chegar ao local indicado, topou com os aviadores na estrada vindos em sua direção. Interpelados sobre os acontecimentos, alegaram ter sofrido uma pane no aeroplano quando voavam a serviço do governo, o que lhes garantiu pelas credenciais declaradas visitar a casa do fazendeiro e desfrutar de sua receptividade. Bem alimentados, após trocarem informações sobre a retirada do local, partiram na calada da noite do mesmo dia. Mais tarde, Júlio Pacetti descreveria muito bem a dupla às autoridades policiais:

“que os aviadores um era brasileiro e outro de nacionalidade alemã; o brasileiro era moreno, alto, boa dentadura, olhos preto e aparentava ter 25 a 30 anos de idade, o seu companheiro, o alemão, gordo, de boa altura, com pouco bigode, cabeça saliente, cabelos loiros, e não falava, parecia não conhecer a nossa língua; que ambos tinham roupas, digo, tinha barba e bigodes raspados, ambos vestiam: o brasileiro vestia camisa escura e usava chapéu de feltro molle e de cor, collarinho molle e gravata escura; o alemão calça de fazenda ou casemira de lã felpuda, “tipo européia”, perneiras, e paletot de brim Kaki, collarinho em pé duro e gravata azul, usando bonet de casemira, Que encontrando o depoente os aviadores estes lhe disseram que tinham descido por falta dagua no motor, que eram do governo, vinham do Rio e iam para S. Paulo a serviço, mais (sic) que infelizmente tinha acontecido aquelle desastre, que em visto disto pediam

⁹ Benedito Martins de Souza, natural de cunha, casado, lavrador, com quarenta e três anos de idade.

¹⁰ Júlio Pacetti comerciante e inspetor de quarteirão, natural da Itália, falecido na cidade do Rio de Janeiro, na data de 5-DEZ-1946, foi casado com Constância Margarida Pacetti (ou Constância Marino Pacetti), falecida em Cunha, SP, em 1-MAIO-1947, natural de Maratea, Itália, filha de Salvador Marino (nat. de Maratea) e Helena Margarida Marino (nat. de Maratea). Inventário CX 117/1947 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

lhe 2 animais para condução que foi satisfeito pelo depoente, independente de remuneração; que trazendo os aviadores para sua casa lhe servir (sic) um jantar; que o aviador escreveu em um papel seu nome e a residência no Rio, dizendo chamar-se Eugenio de Oliveira, engenheiro e socio do Aero Club Brasileiro, morador na Rua Haddock Lobo cento e noventa e um, Rio de Janeiro; [...]; que logo apoz a refeição os aviadores se despediram e tomaram rumo da estrada do bairro Vermelho que vai sair em Guaratinguetá”¹¹.

O discurso dos forasteiros não passava de blefe e a mentira o instrumento de dissimulação. Mal sabia o italiano, Júlio Pacetti, que aquele que se identificara como agente do governo, rumando para São Paulo, era, na verdade, o revoltoso que partia em direção ao Rio de Janeiro com a missão de mudar os rumos da revolta, que àquela altura não oferecia alternativas senão ações desesperadas de solução final. O aviador Eugênio de Oliveira, que se apresentava como engenheiro e sócio do Aeroclube Brasileiro, escondia sua posição de tenente de artilharia, de nome Eduardo Gomes¹², e o estrangeiro, o mecânico aviador Carlos Herdler, ambos integrantes daquele pequeno grupo de sete participantes, formado para coordenar e executar as operações da pequena frota de aviões que caiu nas mãos dos revoltosos.

Retornando ao evento de Cunha, um dia após a queda ocorrida nas paragens da Catioca, a notícia chegou ao conhecimento do delegado da cidade, Dr. Walfrido Carneiro Albuquerque Maranhão, que acompanhado do escrivão Manuel Prudente de Toledo Sobrinho¹³, partiu para o local onde encontrou a aeronave parcialmente destruída, atolada no brejo da Catioca, cercada por diversos curiosos, mas sem a presença dos aviadores. Colhendo informações aqui e ali, houve por bem arrolar outras testemunhas para o inquérito, além das já citadas, todos moradores da região: José Vaz da Silva (vulgo José Venuto); Januário Giandola; Virgílio Alves da Rocha; Benedito Galvão de França¹⁴; Luiz Mesalino de Campos¹⁵; e João

¹¹ Processo criminal 1009/1927, da 1ª Vara da Justiça Federal de São Paulo. Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP.

¹² Eduardo Gomes, integrante do grupo “Os Dezoito do Forte”, era nascido em Petrópolis no dia 20-SET-1896, filho de Luís Gomes Pereira Junior e de Jenny LeCocq de Oliveira. In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Gomes.

¹³ Manuel Prudente de Toledo Sobrinho, funcionário público, natural e fal. em Cunha, SP, aos sessenta e cinco anos de idade, em 12-NOV-1941, filho de José Carmino de Toledo e sua mulher Maria da Glória dos Reis ou Toledo, casado com Aurea Macedo de Toledo.

¹⁴ Benedito Galvão de França, natural e falecido na Cidade de Cunha, em 16-DEZ-1940, filho de João Benedito de França e Zarina Maria de Jesus, casado com Maria José Ferraz. Inventário CX 111/1941 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁵ Luiz Mesalino de Campos, filho de João José Mesalino de Campos e sua mulher Maria

Firmino dos Santos.

José Vaz da Silva¹⁶, ao prestar esclarecimentos da delegacia, revelou ter encontrado panfletos, que mais tarde foram avaliados na ordem de trinta mil boletins com as reivindicações¹⁷ dos revoltosos, e exemplares do jornal o Estado de S. Paulo, do dia 23 de julho de 1924, tudo entregue às autoridades policiais. As demais testemunhas pouco ou quase nada adicionaram aos fatos já conhecidos até então. Concluído o inquérito, o documento foi remetido para apreciação do delegado regional, que ciente da gravidade do evento deu ciência ao alto comando das forças legalistas. Não tardou, o Tenente aviador Bento Ribeiro Carneiro Monteiro, partindo de Mogi das Cruzes, foi enviado para a cidade de Cunha de forma a avaliar os fatos. Chegando ao local, encontrou o aeroplano danificado pela aterrissagem malsucedida, em terreno alagado de difícil acesso. Nesse momento encontra dentro da aeronave uma bomba de aproximadamente três quilos de dinamite, planejada para ser arremessada sobre o Palácio do Catete¹⁸.

Pouco depois, contando com o ajuda da força policial disponível, comandada pelo delegado, o avião foi parcialmente desmontado e transportado por uma junta de bois até a cidade, operação que demandou dias por conta do péssimo estado das vias no bairro da Catioca, e posteriormente levado de caminhão para Guaratinguetá, quando foi entregue aos cuidados do delegado encarregado, Dr. Afonso Celso de Paula Lima¹⁹, que o manteve abrigado em depósito, local onde se deu o histórico registro fotográfico:

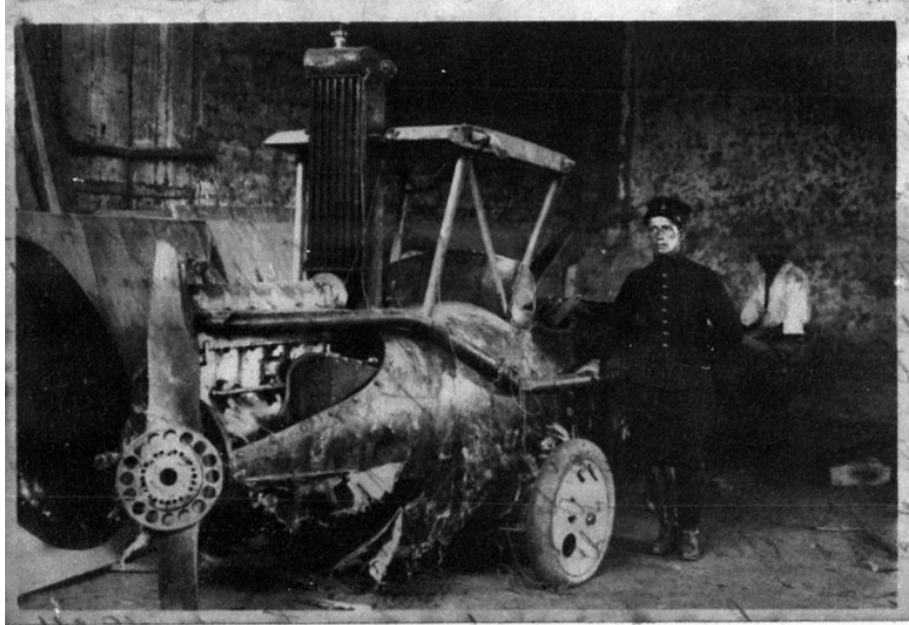
Luísa de Campos, casado com Emília Teixeira da Conceição, ela filha de José Antônio Teixeira e sua mulher Maria Luísa da Conceição. Inventário CX 101/1931 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

¹⁶ José Vaz da Silva, proprietário rural, natural e falecido na Cidade de Cunha, em 28-ABR-1932, filho de Benevenuto Vaz da Silva e Felisbina Maria de Jesus, casado com Rita Maria de Cassia, esta filha de José Tomás Monteiro e Cesarina Eufrásia de Campos. Inventário CX 102/1932 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

¹⁷ O panfleto revolucionário continha nove reivindicações, mas de fato apenas duas representavam mudanças profundas na sociedade da época: 8ª Decretar o voto secreto; 9ª obrigatoriedade do ensino primário e profissional.

¹⁸ O Tenente Eduardo Gomes confessa o plano em seu depoimento à polícia - Processo criminal 1009/1927. Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP.

¹⁹ Afonso Celso de Paula Lima, filho de Francisco de Paula Miranda Lima e Francisca de Paula Teixeira Leite, neto do Visconde de Ouro Preto e bisneto do Visconde de Uberaba.



Photographia do avião apprehendido
em Cunha no dia 24 de Julho
p. findo

(Foto extraída dos autos do Processo Criminal 1009/1927, da 1ª Vara da Justiça Federal de São Paulo. Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP)

Já a dupla de revoltosos, evadidos na calada da noite, guiados pelo capataz Benedito Felix pelas trilhas escuras da região até a Serra da Quebra Cangalha, ambos conseguiram embarcar furtivamente a partir da cidade de Guaratinguetá, cada um seguindo seu caminho. Enquanto isso, em São Paulo, a batalha estava encerrada e o destino do conflito decidido a favor das tropas legalistas. O plano audaz, pensado não se sabe por quem, nascido no grupo de pilotos e mecânicos, não surtiu o resultado almejado, e para os derrotados restara apenas a fuga de trem pela linha sorocabana sentido a cidade de Bauru. Por sua vez, no Palácio do Catete, Artur Bernardes, mais forte do que nunca, brindava a vitória com seu Ministro da Guerra, que em breve colocaria toda a estrutura do estado a serviço da repressão e do controle político.

Mais que depressa, as peças do tabuleiro vão caindo uma a uma e a rede

de colaboracionistas identificada pelas autoridades civis e militares. Eduardo Gomes, por exemplo, que resolveu não se unir às tropas de Isidoro Dias Lopes, que partiram em retirada rumo ao interior do país, foi preso em Florianópolis quando tentava embarcar para o Rio Grande do Sul. Carlos Herdler, outro fugitivo, não conseguiu ao menos chegar em sua residência em São Bernardo do Campo, preso pelas autoridades em São Paulo. Anésia Pinheiro Machado, jovem piloto aderente à causa, proibida de voar por mais de dez anos. Outros, como Juarez Távora e João Cabanas, se juntaram aos demais revoltosos chegados do sul para formar a coluna Miguel Costa-Prestes. Isidoro Dias Lopes, general escolhido líder do movimento, partiu para o exílio na Argentina, só retornado ao Brasil com a ascensão de Getúlio Vargas, que buscando apoio dos militares fez anistiar²⁰ todos os revoltosos de 1924.

Mas os principais militares envolvidos nessa revolta não permaneceram por muito tempo distantes dos holofotes da vida política. Antes mesmo do fim da década de vinte estariam novamente conspirando no palco de outra revolta civil-militar, dessa vez para depor o presidente em exercício Washinton Luís e impedir a posse do candidato eleito Júlio Prestes, inaugurando um novo período controverso da história republicana. Enquanto isso, na longínqua e pacata cidade de Cunha, as lembranças da queda do avião a serviço dos revoltosos pouco a pouco caíam no esquecimento; porém, muito em breve, a cidade se tornaria um dos palcos de uma nova revolta, agora contra o governo ditatorial do Presidente Getúlio Vargas, pondo a localidade definitivamente no mapa da história de São Paulo.

²⁰ Essa prática política se repetiu por diversas vezes ao longo da Segunda República, mesmo após a Constituição de 1988.

FONTES DE PESQUISA

Arquivos Eclesiásticos:

Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Arquivos Públicos e Privados:

Arquivo Público do Estado de São Paulo – DAESP
Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”

Sítios na internet:

<http://arquivoestado.sp.gov.br>
<http://familysearch.org>
<https://www.wikipedia.org>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Moacir. São Paulo deve ser destruída – 1ª ed. – Rio de Janeiro. Record, 2015.

PRIMÓRDIOS DA RUA TEIXEIRA DA SILVA NA AVENIDA PAULISTA

Renato de Lucca¹

Resumo: Surgimento e nomeação da Rua Teixeira da Silva na Avenida Paulista em São Paulo devido à importância da sua localização e do personagem que lá se estabeleceu no século XIX.

Abstract: The emergence and naming of Rua Teixeira da Silva in Avenida Paulista, in São Paulo, due to the importance of its location and to the individual who settled in there in the 19th century.

I - Introdução

Nem sempre as penas da história se ocupavam em registrar com esmero os acontecimentos e méritos de seus personagens quando a sua tinta ainda estava fresca, ou seja, no momento em que a história da cidade de São Paulo estava em formação. Tudo leva a crer que foi exatamente o que aconteceu com o surgimento e a nomeação da Rua Teixeira da Silva, localizada na região do Paraíso e que cruza com a Avenida Paulista, uma das avenidas mais importantes da América Latina.

Por muitos anos observei a inexistência de qualquer literatura que contemplasse a história desta rua ou de seu personagem, seja em livrarias, bibliotecas e arquivos, públicos ou privados, presenciais ou online. Tal fato me serviu de grande surpresa e inquietude: “Como pode uma rua, em uma avenida conhecida nacionalmente, não ter histórico?”. Apenas para exemplificar, relato que alguns anos atrás fui contatado por um órgão público municipal que me solicitou qualquer informação sobre esta mesma rua. À época seriam expostos no Conjunto Nacional, por um famoso cartunista, alguns trabalhos sobre os ilustres personagens da avenida. Até mesmo uma revista de grande circulação fez um chamamento ao público em uma de suas edições, estimulando a população a compartilhar possíveis informações sobre algumas ruas da cidade, para a qual

¹ Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, pesquisador convidado do Liceu de Artes e Ofícios de S. Paulo, membro da ASBRAP e da Sociedade Genealógica Croata. <https://orcid.org/0009-0003-5549-8133>.

respondi prontamente. No local, nem mesmo os moradores têm conhecimento, pois uns dizem que o Dr. Teixeira da Silva foi fazendeiro e outros que conhecem os descendentes dele, estando todos equivocados. Eis aqui a importância do resgate histórico e da genealogia. Se fatos históricos não forem bem documentados, tendem a se perder no tempo, serem substituídos ou distorcidos, dando espaço a falsas apropriações. De certa forma, cabe a nós, cidadãos, historiadores ou genealogistas, zelarmos pela nossa história, mitigando apagamentos e efetuando correções necessárias.

Este artigo apresenta de forma resumida o surgimento da rua, sua nomeação, seus primeiros moradores, com breves notas biográficas do seu personagem. Não é relatada toda a história desta rua centenária, tão pouco da própria Avenida Paulista ou do Dr. Teixeira da Silva, o que resultaria em um trabalho extenso. Baseia-se majormente nos livros municipais de emplacements de ruas e avenidas, e de obras públicas e particulares existentes no acervo permanente do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, assim como em registros de cartórios de imóveis. A documentação consultada ratificou a história oral descrita pelos descendentes do personagem em questão².

II – O surgimento da rua

Julgo desnecessário apresentar a história da Avenida Paulista e sua importância para a cidade de São Paulo. Apenas para contextualização, vale lembrar que a avenida foi inaugurada no dia 8-DEZ-1891, na tentativa de expandir na cidade novas áreas residenciais, graças principalmente a iniciativa do engenheiro Joaquim Eugênio de Lima, permanecendo este nome em homenagem a todos os paulistas³.

Desde a sua inauguração até o ano de 1896, a Rua Teixeira da Silva não tinha nome⁴, conforme podemos ver nos mapas da cidade elaborados na época e disponíveis no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo. A rua recebeu o nome⁵ do Dr. Teixeira da Silva apenas no mapa da cidade em 1897. Isso ocorreu imediatamente após a construção da casa dele na avenida, justamente na esquina

² DE LUCCA, Elcia Teixeira. Entrevista concedida ao autor. São Paulo, 20-OUT-2007.

³ *Dicionário de Ruas: Avenida Paulista*. São Paulo: Arquivo Histórico Municipal. Acesso em: 30-JUN-2023. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br>

⁴ BONVINCINI, Hugo. *Nova planta da cidade de São Paulo*. Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, Intendências municipais, anos de 1891 e 1895.

⁵ CARDIM, Dr. Gomes. *Planta geral da capital de São Paulo*. Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, 1897. Escala: 1:20.000.

com a rua “sem nome”.

Foi localizado um ofício⁶ com data de 2-MAR-1896, enviado pelo Dr. Antônio Teixeira da Silva ao presidente da Câmara Municipal de São Paulo pedindo aprovação da planta da sua casa na Avenida Paulista. O pedido foi encaminhado ao intendente de obras para as devidas avaliações do engenheiro do 1º distrito da cidade. Infelizmente, não foi possível encontrar no Acervo Histórico Municipal a planta do seu sobrado de dois andares nos diversos livros de obras particulares realizadas entre 1891 e 1902. Tão pouco há outro cidadão com nome parecido que tenha solicitado qualquer tipo de construção ou manutenção naquela região, conforme tais livros.

É possível observar diversos indícios que levam a crer que o nome da rua realmente está atrelado a um único personagem histórico. Conforme o ofício já mencionado e transcrito abaixo, nota-se que ele foi carimbado, escrito e assinado pelo próprio Dr. Antônio Teixeira da Silva, onde consta ser advogado.

M 9-8-96 [Carimbo] Dr. Teixeira da Silva, Advogado, S. Paulo

2/3/896 54

Ilmº Exmº. Snr. Dr. Intendente de Obras,

digo, Presidente da Camara Municipal.

Ao Sr. Intendente de Obras

2-3-96 P.A.Donak

Antonio Teixeira da Silva, proprietario tendo de edificar um predio na Avenida Paulista vem apresentar a planta a V. Ex^{cia} e requerer se digne approval-a, visto achar-se conforme as exigencias das leis municipais, expedindo-se a guia do empreiteiro Leopoldo A. Passos. P.Deferimento

S. Paulo, 2 de março de 1896

[selo de 200 Réis]

O proprietario Antonio Teixeira da Silva

⁶ Livro de Obras Particulares de 1896, Vol. 28, Caixa OPA 126, Letra P, Referência E-5-110, Folha 54, Acervo Permanente, Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.

Acompanhão uma planta e sua copia.

[assinatura] Teixeira da Silva

Expeça-se guia para construcção no criterio Em termo e dê-se conhecimento ao engenheiro do 1º districto.

3-3-96 Eng. Guilherme

A avenida é muito extensa e no officio não consta o número da casa. Porém, outras fontes históricas permitiram localizar com exatidão o número antigo e o local atual onde se construiu a casa. Em alguns antigos almanaques administrativos, que eram uma espécie de lista pública de profissionais e estabelecimentos, encontra-se a residência do Dr. Teixeira da Silva no número 232 da Avenida Paulista, nas edições de 1897 até 1901, bem como o local do seu escritório em um endereço diferente⁷. Até o ano de 1896, o almanaque⁸ mostra a sua residência na Rua Ypiranga nº 143 e o escritório de advocacia na Rua Santa Theresa nº 22. Com isso, entende-se que sua casa ainda estava em construção.

Outra ligação do doutor com o endereço vem com uma nota de jornal⁹ reportando o falecimento do seu pai em 1899, mencionando também outros parentes, todos distintos cidadãos na sociedade, conforme segue:

ANNUNCIOS

Mathias Teixeira da Silva

O dr. Teixeira Da Silva e sua mulher, J. R. de Carvalho Braga e sua mulher, José Augusto Teixeira e sua mulher, Archibald Kinnear e sua mulher, Erasmo de Carvalho Braga e o Conselheiro Leoncio de Carvalho, convidam seus parentes e amigos para acompanharem os restos mortaes de seu prezado pae, sogro, avô, amigo Mathias Teixeira da Silva, cujo feretro sairá ás 2 horas da Avenida Paulista, 232.

Apesar de ser um sobrenome muito comum em nosso país, há poucos homônimos conhecidos. Existiu um cidadão, mas morador no Rio

⁷ Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e indicador para 1898, seção “advogados”, Companhia Typographica do Brazil, 1898, pág. 421.

⁸ Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro para 1897, Companhia Typographica do Brazil, 1897, pág. 618. Foi consultado o ano de 1895 e 1896.

⁹ O Estado de S. Paulo, 11-JUL-1899, Ano XXV, Nº 7.537, Pág. 5, São Paulo.

de Janeiro, médico e comissário de higiene¹⁰. Foram identificamos outros homônimos, mas que não eram doutores, como por exemplo, um pintor no Rio de Janeiro morador na Rua Theophilo Ottoni 64 e outro no ramo de calçados morador na Rua Prainha Nº 44. Centenas de jornais foram consultados na Hemeroteca Digital.

O Dr. Teixeira da Silva é natural¹¹ da cidade de Tietê/SP, nascido em 14-OUT-1863, filho de Mathias Teixeira da Silva Pinto e Francisca Maria de Almeida¹², de ascendência nobiliária paulista conforme os trabalhos de Silva Leme (Tit. Pedroso Barros¹³, Arruda Botelho¹⁴ e Furquim¹⁵), Fausto Teixeira¹⁶ e Francisco A. de Veiga Castro¹⁷.

Dentre muitas realizações¹⁸ antes mesmo de residir na Av. Paulista, cito que foi advogado da Colônia Italiana em São Paulo, Diretor da Hospedaria dos Imigrantes do Brás, membro honorário do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros do Rio de Janeiro, presidente do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e 1º secretário no Instituto dos Advogados de São Paulo¹⁹, sendo presidente o Dr. João Mendes de Almeida, e presidente honorário, Barão Ramalho.

-
- ¹⁰ Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro e indicador para 1898, seção “advogados”, Companhia Typographica do Brazil, 1898, pag. 283.
- ¹¹ LUCCA, Renato de. Genealogia e história da família do Conselheiro Leôncio de Carvalho, *Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia*, São Paulo, Revista da ASBRAP nº 26, págs.473, 2019. Disponível em: https://www.asbrap.org.br/artigos/rev26_art_l-leoncio_de_carvalho.pdf
- ¹² Cf. batismo de Antonio, nº 176, Livro 6 de Batizados de 1857 a 1867, Paróquia da Santíssima Trindade, Tietê (Vila de Pirapora), São Paulo, Pág. 149-150. Consultado em 24-SET-2023 no website Family Search.
- ¹³ LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, Volume III (Pedrosos Barros), Pág. 442-478, São Paulo: Duprat & Cia., 1904.
- ¹⁴ LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, Volume IV (Arruda Botelho), Pág. 3-44, São Paulo: Duprat & Cia., 1904.
- ¹⁵ LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, Volume VI (Furquim), pag. 237-296, São Paulo: Duprat & Cia., 1904.
- ¹⁶ TEIXEIRA, Fausto; *A Família Teixeira*. Revista Genealógica Brasileira, Nº 11 e 12, Ano VI, pag. 151-160, São Paulo: Instituto de Genealogia Brasileiro, 1945
- ¹⁷ CASTRO, Francisco A. Veiga de. *Os Reis, de Tietê*. Revista Genealógica Brasileira, São Paulo: Instituto Genealógico Brasileiro, vol.5 e 6, pag. 101-110, 1944.
- ¹⁸ LUCCA, Renato de. A imigração Croata no Brasil através da família Fušek Marko, *Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia*, São Paulo, Revista da ASBRAP nº 27, págs. 190, 2020. Disponível em: https://www.asbrap.org.br/artigos/rev27_art_08-a-imigracao-croata-atraves-da-familia-fusek-marko.pdf
- ¹⁹ AMBROSINI, Diego Rafael. *Memórias do IASP e da Advocacia de 1874 aos nossos dias*. Campinas: Millennium, 2006, pag. 76-80.

Por isso, não é difícil aceitar que o ilustre morador foi realmente uma referência no local. Isso porque outros moradores que também enviaram ofícios a partir de 1897 deram como ponto de referência a casa do Dr. Teixeira da Silva. Um exemplo disto foi Izidoro Manoel Martins²⁰, que pode ser considerado o primeiro morador da Rua Teixeira da Silva, mesmo antes da rua ter seu nome escrito nos mapas.

“...peço autorização para edificar numa rua que não tem nome e perpendicular com Avenida Paulista e a edificação fica nos fundos do prédio do senhor Antonio Teixeira da Silva”

Outro fato interessante é constar na certidão de nascimento²¹ da filha do advogado, de nome Ângela, que residiam na Av. Paulista em 7-MAIO-1897.

Já o primeiro pedido de construção na Rua Teixeira da Silva, já com sua nomenclatura atual, ocorreu em 1908 pelo cidadão Ângelo (não consta sobrenome), e em 1914, por José Joaquim Maciel, mediante consulta nos livros de obras particulares do arquivo já mencionado.

Outro passo importante para localizar o antigo número 232 na avenida foi consultar os livros de registro de emplacements da cidade. Assim, com segurança, foi possível identificar que a casa dele ficava exatamente no número 266 da Avenida Paulista, como conhecemos hoje. No local existe o prédio residencial de nome Ribeirão Preto, que ocupa tanto a avenida quanto a Rua Teixeira da Silva, assim como estava disposta a casa do Dr. Teixeira da Silva.

Conforme o mapa da cidade de 1897, a atual Rua Cincinato Braga tinha o nome de Rua São Carlos do Pinhal e a Rua Teixeira da Silva iniciava na Avenida Paulista e descia até a Rua Otávio Nébias, não existindo sua ligação com a atual Rua Cincinato Braga até o ano de 1916. Outra diferença é que a Alameda Santos era mais curta, somente absorvendo a Rua Cubatão muitos anos mais tarde.

Até 1937, a numeração da Avenida Paulista pouco mudou²² e era crescente no sentido da Consolação ao Paraíso, como por exemplo, o número 1 na Rua da Consolação, 14 na Rua Bela Cintra, 19 na Haddock Lobo, 25 na Rua Augusta, 69 na Rua Frei Caneca, 133 com a casa do Luiz Matarazzo²³ e

²⁰ Livro de Obras Particulares de 1897, Vol. 35, Caixa OPA 174, Letra P, Referência E-6-158 Folha 16 e 17, Acervo Permanente, Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.

²¹ Certidão de Nascimento de Ângela Teixeira da Silva, Livro A1 Folha 7 Nº 204, 10-MAIO-1897, 9º Cartório civil da Vila Mariana, São Paulo.

²² Livros de Emplacamento vol. 7, 22, 23, 19C da Av. Paulista em 1912 e 1937, Acervo Permanente do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.

²³ Livros de Obras Particulares, Letra P para Avenida Paulista, diversos anos, Acervo Permanente do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.

232 a do Dr. Teixeira da Silva. A partir daquela data essas ruas obtiveram as respectivas numerações: 2678, 2446, 2324, 2166, 1842, 854 e 266.

O edifício Ribeirão Preto com numeração 266 foi construído por volta de 1955 pelo médico, Dr. Pedro Cerqueira Falcão, que adquiriu o terreno por CR\$ 1.000.000,00 em 1951, medindo 16m de frente e 40m adentrando na Rua Teixeira da Silva²⁴, confinando com a propriedade de Arthur Navajas e pelos fundos com Aureliano Pires de Campos.

O antigo proprietário foi Joaquim Collazos Farina que o outorgou aos seus herdeiros espanhóis, Teresa Castillo de Salido, e seu marido, Joaquim Salido Suazo, bem como os brasileiros, Joana Garcia Hidalgo Oliveira, e seu marido Vicente Melito Oliveira.

Em 1954, pouco antes do início das construções, o prefeito²⁵ foi notificado a tomar providências, pois tal terreno, além de servir de mictório público e ponto apropriado para toda sorte de escândalos, estava infectado de ratos, uma vez que a antiga casa já havia sido demolida, podendo ter sido este o fato que forçou o novo proprietário a realizar seu empreendimento.

Joaquim recebeu o imóvel em 1938 através do espólio de seus pais²⁶, Joaquim Collazos e Dolores Montenegro y Gallardo, que em 1916 haviam adquirido por permuta de Aureliano Pires de Campos e sua mulher Esther Seabra de Campos pelo valor de 45:000\$000 Réis um terreno ainda maior, medindo 30m na Avenida Paulista e 40m na Rua Dr. Teixeira da Silva, dividindo de um lado com esta rua, por outro com a propriedade de Achilles Refinetti e pelos fundos com os transmitentes, sendo dito terreno parte do que eles adquiriram por compra feita de José Manoel de Azevedo Marques e sua mulher, no ano de 1905. Provavelmente José foi o comprador da casa do Dr. Teixeira da Silva em 1902.

III – A oficialização do nome da rua

Não foi possível localizar nenhum documento ou publicação em diário oficial que atestasse o motivo da escolha do nome da Rua Teixeira da Silva. Nem mesmo o setor de logradouros do arquivo histórico municipal possui

²⁴ Matrícula de imóvel nº 37.382, Avenida Paulista nº 266, 4ª Circunscrição Registro de Imóveis da capital, São Paulo.

²⁵ Diário Oficial do Estado de São Paulo, 16-MAI-1954, Nº 107, Ano 64, pág. 37.

²⁶ Matrícula de imóvel nº 7474, 19-OUT-1916, Avenida Paulista nº 266, 1ª Cartório de Imóveis da capital, São Paulo.

qualquer aprofundamento a respeito, exceto pela informação de que a Rua Teixeira da Silva foi oficializada²⁷ pelo Ato nº 972 de 24-AGO-1916, na gestão do prefeito Washington Luiz, conjuntamente com muitas das ruas no entorno.

De forma colaborativa, entreguei-lhes muitas fontes documentais e um texto narrativo, permitindo que a população tenha acesso parcial à informação aqui descrita, através do *site* Dicionário de Ruas²⁸, mantido pela prefeitura.

Após exaustivas pesquisas, foram encontradas raras fotos da Rua Teixeira da Silva ou da casa do seu personagem. No acervo²⁹ do Hospital Santa Catarina foi localizada uma foto aérea de 1929, onde por sorte podemos ver a casa, mas não é possível assegurar que tenha as mesmas características originais.

Veja a seguir a foto aérea do local.

²⁷ MELO, Luís Correia de. *Dicionário de Autores Paulistas*, Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, São Paulo, 1954, pág. 577.

²⁸ *Dicionário de Ruas*: Rua Teixeira da Silva. São Paulo: Arquivo Histórico Municipal. Acesso em: 30-JUN-2023. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/historia-da-rua/rua-teixeira-da-silva>

²⁹ Hospital Santa Catarina: 1906-2006, São Paulo:Grafa, 2006, págs.14, 18 e 19.



Foto de 1929. Acervo do Hospital Santa Catarina. Avenida Paulista n° 266, esquina com Rua Teixeira da Silva, local de residência do Dr. Antônio Teixeira da Silva.

Conclusão

Com todas essas informações em mãos, é possível arazoar que o nome da rua não foi outorgado ao Dr. Teixeira da Silva como homenagem

póstuma, pois ele só faleceu em 1917. Este logradouro foi nomeado no ano de 1897 em deferência ao advogado, Dr. Antônio Teixeira da Silva, após construir sua residência na Avenida Paulista nº 232, atual nº 266, exatamente onde hoje se encontra o edifício Ribeirão Preto.

A hipótese que me leva a crer que não há literatura sobre o tema deste artigo é que, mesmo sendo um famoso advogado no fórum da capital, influente e alcançando posições de destaque na sociedade, ele não teve avultada projeção política como outros personagens cujos nomes também estão escritos em outras ruas da Avenida Paulista.

Há diversas outras fontes históricas e genealógicas que poderiam ser apresentadas, como jornais, atas, assentos notariais, etc. Porém, a intenção foi apresentar um artigo sucinto, que vinculasse a rua com um único personagem possível e que servisse de referencial base para historiadores interessados em um maior aprofundamento.

FONTES DE PESQUISA

Arquivo Histórico Municipal de São Paulo – acervo permanente, biblioteca e setor de Logradouros

Acervo do Hospital Santa Catarina – São Paulo

Biblioteca Eletrônica ASBRAP – Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia

DIC.ruas: Dicionários de Ruas, Arquivo Histórico Municipal de São Paulo

Family Search – *website*

Hemeroteca Digital - Fundação Biblioteca Nacional

1º Cartório de imóveis de São Paulo e 4º Circunscrição de registro de imóveis

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro para 1897, Companhia Typographica do Brazil, 1897.

AMBROSINI, Diego Rafael. Memórias do IASP e da Advocacia de 1874 aos nossos dias. Campinas: Millennium, 2006.

BONVINCINI, Hugo. *Nova planta da cidade de São Paulo*. Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, Intendências municipais, anos de 1891 e 1895.

CARDIM, Dr. Gomes. Planta geral da capital de São Paulo. Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, 1897. Escala: 1:20.000

CASTRO, Francisco A. Veiga de. *Os Reis, de Tietê*. Revista Genealógica Brasileira, São Paulo: Instituto Genealógico Brasileiro, vols. 5 e 6, 1944.

Hospital Santa Catarina: 1906-2006, São Paulo: Grafa, 2006.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, Volumes III (Pedrosos Barros), IV (Arruda Botelho), VI (Furquim), São Paulo: Duprat & Cia., 1904.

Livros de Emplacamento vol. 7, 22, 23, 19C da Av. Paulista em 1912 e 1937, Acervo Permanente do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.

Livro de Obras Particulares de 1891 a 1902, Acervo Permanente, Arquivo Histórico Municipal de São Paulo.

LUCCA, Renato de. A imigração Croata no Brasil através da família Fušek Marko, *Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia*, São Paulo, Revista da ASBRAP n° 27, 2020.

LUCCA, Renato de. Genealogia e história da família do Conselheiro Leôncio de Carvalho, *Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia*,

São Paulo, Revista da ASBRAP n.º 26, 2019.

MELO, Luís Correia de. *Dicionário de Autores Paulistas*, Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, São Paulo, 1954, pág. 577.

O Estado de S. Paulo, 11-JUL-1899, Ano XXV, Nº 7.537, São Paulo.

TEIXEIRA, Fausto. A Família Teixeira. *Revista Genealógica Brasileira*, Nº 11 e 12, Ano VI, São Paulo: Instituto de Genealogia Brasileiro, 1945.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES DA ASBRAP – 2022/2023

Com o fim das restrições decorrentes da pandemia de COVID 19, a ASBRAP pôde retomar suas atividades presenciais, sendo realizada uma tertúlia de final de ano, no dia 3-DEZ-2022, no Restaurante Bovinu's, na Alameda Santos, na capital paulista, congregando associados e amigos.

No ano seguinte, tivemos o *Simpósio em Comemoração aos 30 Anos da ASBRAP*, evento presencial realizado em 5-AGO-2023, no Museu da Imigração, em São Paulo - SP. Na ocasião, houve uma breve explanação sobre a história da ASBRAP feita pelo seu presidente, Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho, além de expressivas homenagens aos fundadores vivos, aos ex-presidentes Sergio Weber e Aguinaldo Cristofani Ribeiro da Cunha e ao diretor mais longevo, Rodnei Brunete da Cruz. As palestras foram as seguintes, todas disponibilizadas no canal do *YouTube* da ASBRAP:

- *Novos recursos e desafios da pesquisa Genealógica*, com Mário Luiz de Souza da Silva, representante do *FamilySearch*.

- *Genealogia - mineração de dados: o que e onde procurar*, com Marco Polo Teixeira Dutra Pheneé Silva, associado da ASBRAP.

- *Honras e mercês na colonização do Brasil*, com o historiador e genealogista português Guilherme Maia de Loureiro, associado correspondente da ASBRAP e doutor em História dos Fatos Sociais, pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

Além desses eventos presenciais, no biênio 2022-2023, a ASBRAP continuou realizando diversas *lives*, todas gravadas e disponibilizadas no canal do *YouTube*, que atualmente conta com mais de 4300 inscritos:

1) dia 25-FEV-2022 - *As habilitações matrimoniais e os impedimentos*, com Silvia Rita do Prado Mendes Buttros, 2ª vice-presidente da ASBRAP.

2) dia 18-MAR-2022 - *Preservação dos acervos pessoais: cuidados práticos*, com Ina Hergert e Flávia Urzua, ambas conservadoras e restauradoras de papeis

do Museu Paulista (Museu do Ipiranga).

3) dia 27-MAIO-2022 - *O desafio de decifrar manuscritos: algumas noções de paleografia*, com Maria Lucia Machens, então presidente do Colégio Brasileiro de Genealogia.

4) dia 24-JUN-2022 - *Regras, práticas e fontes no uso de nomes no Brasil*, com Rafael de Castro Baker Botelho, 2º Secretário da ASBRAP e presidente do Colégio Brasileiro de Genealogia.

5) dia 26-AGO-2022 - *Algumas considerações sobre o estudo do período colonial feitas a partir de fontes coevas*, com Marcos Levy Pina Gouvêa Crespo, associado da ASBRAP e do Colégio Brasileiro de Genealogia.

6) dia 28-OUT-2022- *O tropeirismo e o avanço ao sul*, com Diego de Leão Pufal, associado correspondente do IHGRGS, associado do INGESC e associado do Colégio Brasileiro de Genealogia.

7) dia 26-NOV-2022 - *Heráldica de Família: suporte incompreendido da genealogia*, com Carlos Eduardo de Almeida Barata, associado titular e ex-presidente do Colégio Brasileiro de Genealogia.

8) dia 3-MAR-2023 - *Correntes migratórias francesas dos Pirineus a Montevideú*, com Vivian Bertrand e Lea Rache Gaspar, esta última, associada da ASBRAP.

9) dia 28-ABR-2023 - *Imigração judaica e pesquisa genealógica*, com Charles Goldenzon, diretor do Colégio Brasileiro de Genealogia.

10) dia 29-SET-2023 - *Os aspectos editorial e exegetico da produção genealógica*, com Daniel Taddone Neves, associado da ASBRAP e membro do CGIE – Conselho Geral dos Italianos no Exterior.

11) dia 27-OUT-2023 *DNA mitocondrial das matronas da Genealogia Paulistana*, com Luiz Gustavo de Sillos, membro do conselho fiscal e da comissão de

publicações da ASBRAP.

12) dia 24-NOV-2023 – *Pesquisa genealógica na Galicia polonesa e ucraniana*, com Gustavo Henrique de Almeida Pedroso.

Em 22-AGO-2023, foi realizada uma reunião de diretores da ASBRAP (Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho, Gustavo Almeida Magalhães de Lemos, Rafael de Castro Baker Botelho, Rodnei Brunete da Cruz, Sílvia Rita do Prado Mendes Buttrós e Stanley Savoretti de Souza) com Renato de Lucca, associado da ASBRAP, que explanou sobre o projeto de criação de curso de pós-graduação em genealogia em alguma universidade, com a participação da ASBRAP e outras associações de genealogistas.

A página do *Facebook* da ASBRAP continuou sendo o principal canal de comunicação com seus associados e o público em geral. Em 2023 contamos com 8.600 seguidores.

Em relação às Revistas da ASBRAP, em 2022, publicamos a revista 29, em comemoração ao Bicentenário da Independência do Brasil, com 385 páginas e oito artigos, sendo cinco referentes à efeméride. Em 2023, veio à lume o volume 30 da revista, em comemoração aos 30 anos da ASBRAP, contendo um resumo da história de nossa instituição, mais dez artigos relacionados à genealogia e três de caráter histórico.

Ao longo do biênio 2022-2023, os seguintes associados participaram da Comissão de Publicações: Luiz Gustavo de Sillos, Priscilla Scott Bueno, Rafael de Castro Baker Botelho, Renato de Lucca, Sílvia Rita do Prado Mendes Buttrós (titulares) e Gustavo Almeida Magalhães de Lemos (suplente).

No dia 18-NOV-2023, a ASBRAP recebeu a *Medalha do Mérito Genealógico Cónego Raymundo Octávio da Trindade*, outorgada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

Agradecemos a todos que colaboraram com as atividades da ASBRAP no biênio 2022-2023, permitindo, assim, o bom funcionamento de nossa entidade, mesmo no período de pandemia.

A Diretoria